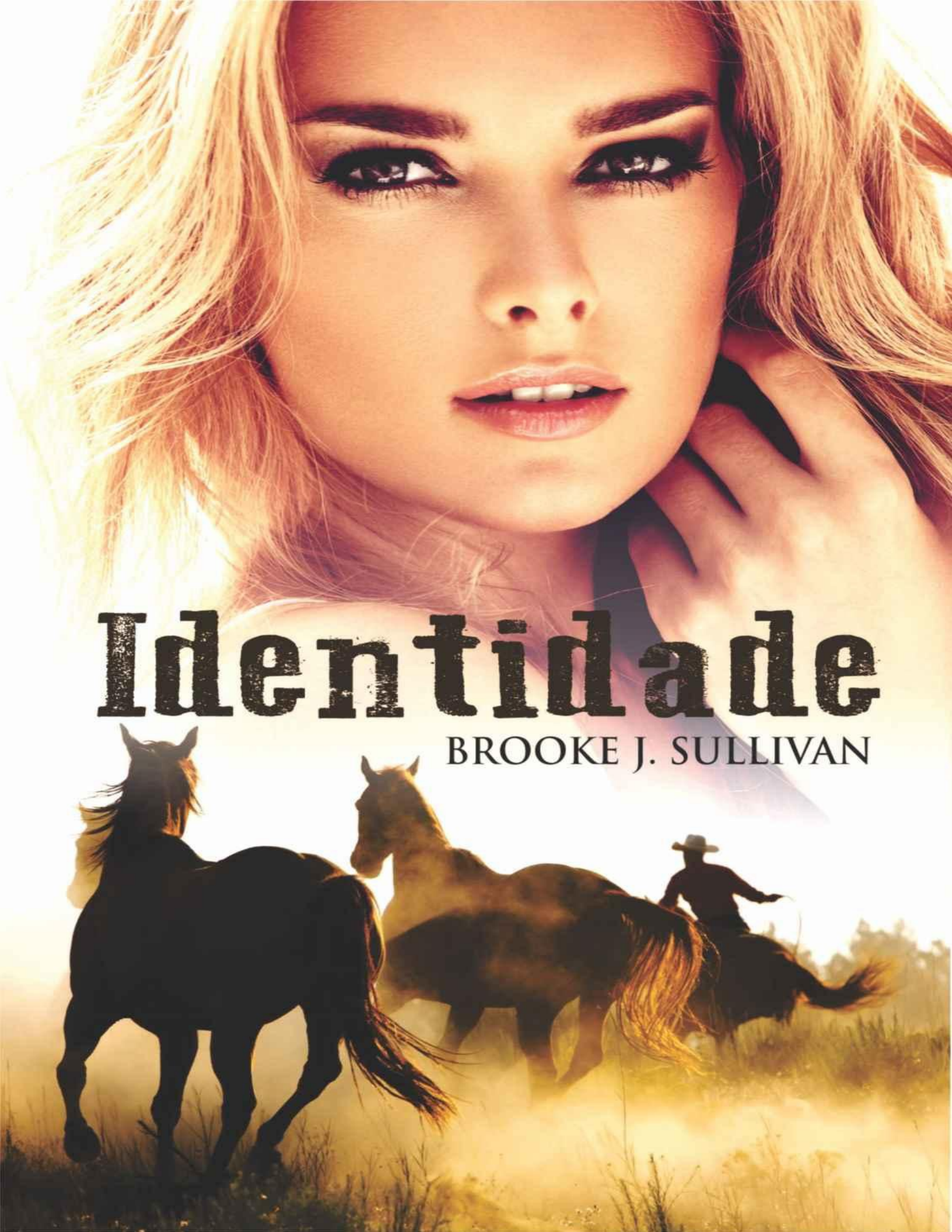
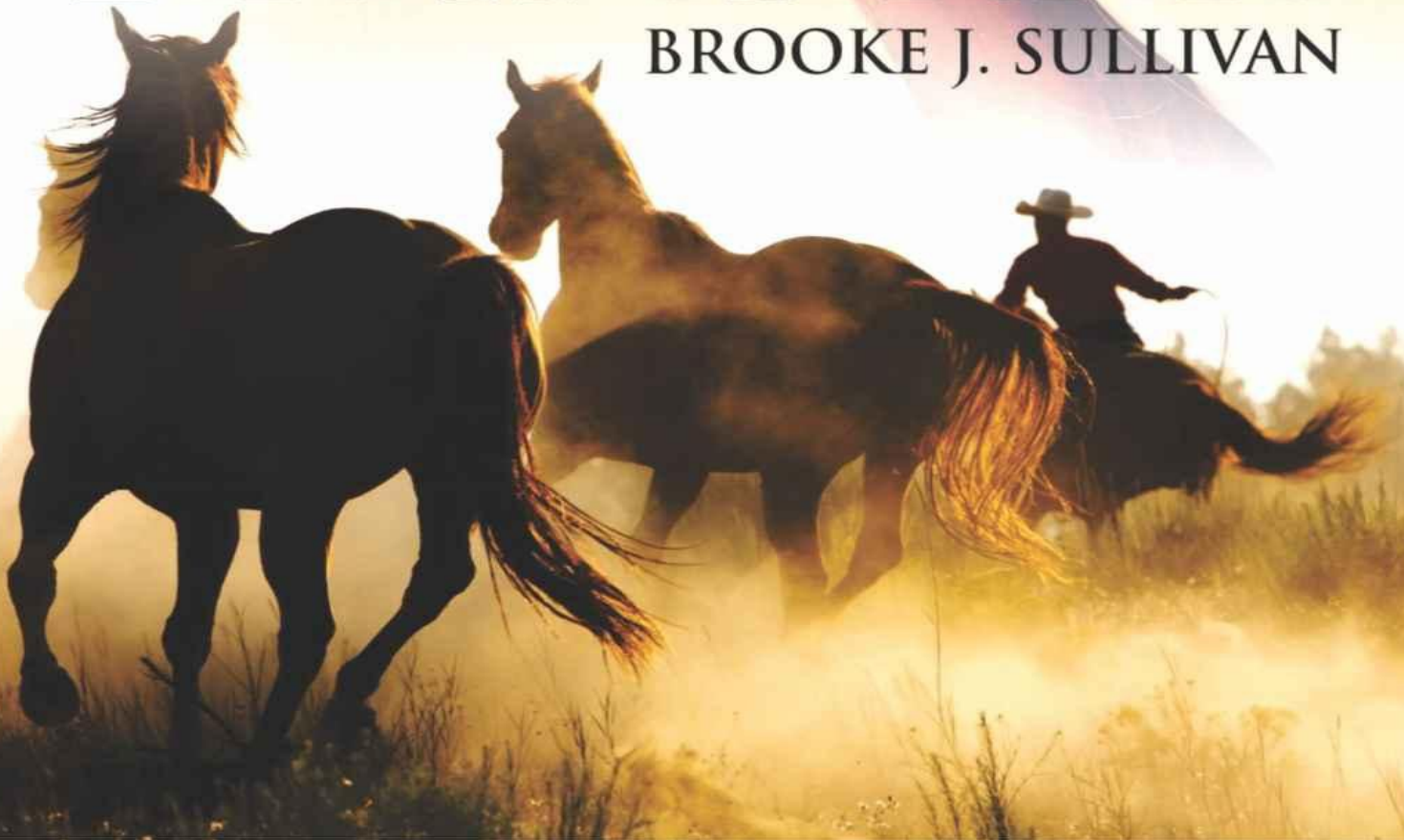




Identidade

BROOKE J. SULLIVAN





IDENTIDADE

BROOKE J. SULLIVAN

Capa: Elaine Cardoso

Revisão: Carla Santos

Diagramação Digital: Carla Santos

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

“A todos aqueles que esperaram pacientemente, dia após dia, a postagem dos capítulos no Wattpad. Minha imensa gratidão.”

Sumário

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Epílogo

Contato

Capítulo 1

UM BELO PRESENTE

Dario Craig passava horas enfurnado no celeiro, tentando estabelecer uma conexão com a sua mais nova amiga: Sherry, uma *Quarter Horse*^[1] de pelagem palomina^[2], robusta, veloz e dócil. Ela foi arrematada há uma semana, em um leilão, de seu desafeto Morris Johnson, um fazendeiro galanteador que se casou com a única mulher que ele amou na vida: Georgina Davis Johnson.

De todas as tarefas diárias da fazenda, Dario adorava tratar dos cavalos, e fazia isso com muito amor. E, mesmo com seu jeito bruto e dominador, os animais o adoravam.

Porém, nem sempre foi assim. Ele percorreu um longo caminho desde que herdara a fazenda de seu pai.

Há dez anos, Dario sequer sabia montar em um cavalo ou ordenhar uma vaca. Após a morte de seu pai, John Craig, Dario e seus irmãos — Johnny, Ryan e Melanie — saíram do estado de Minnesota, no norte dos Estados Unidos, onde viviam com a mãe já falecida, Lissy Houston, para tomar posse dos bens herdados, entre eles: uma enorme fazenda em Austin, no Texas.

No auge dos seus trinta e cinco anos, Dario se sentia solitário e confuso sobre construir uma família. Após o término do seu noivado com Georgina, ele não conseguia se relacionar com nenhuma mulher de uma maneira saudável. Há seis anos separados, ele ainda se mantinha fechado em seus sentimentos. Sua vida era só trabalho, sexo casual e aterrorizar a vida de seus três irmãos mais novos. Com instinto protetor de irmão mais velho, ele fazia de tudo para que eles seguissem sempre o caminho certo.

Johnny era o que mais lhe dava trabalho. Ele se sentia deslocado no cenário de “fazendeiro”, porque era vocalista de uma banda local de rock e tocava guitarra em Minnesota. O único jeito que achou para se divertir foi tocar todos os finais de semana no bar do Dickson. Não era o mesmo tipo de rock da antiga banda, mas, mesmo assim, estava satisfeito por estar fazendo o que mais amava na vida. A irresponsabilidade de Johnny cantando no bar da cidade, ganhando apenas uma merreca para inflar seu próprio ego, deixava Dario furioso. Sem contar as várias noites em que Johnny saía com os integrantes da banda, enchia a cara e voltava para casa no dia seguinte com uma mulher diferente. Ao contrário do irmão, Dario tinha duas grandes responsabilidades: cuidar de sua família e de suas heranças.

Já com Melanie, as brigas eram constantes. Sua irmã caçula parecia não ter um pinga de amor-próprio. Dario perdia as contas de quantas vezes a pegava chorando pelos cantos da fazenda por causa dos homens. Todos eles queriam apenas uma coisa quando se aproximavam dela: desfrutar de seu belo corpo, mas isso ela não via ou preferia não ver, era tão volúvel que se derretia com

qualquer cantada. Melanie era a típica mulher que vivia a vida sem se preocupar com o amanhã. A cada rasteira que levava dos homens, ela se levantava ainda mais determinada em arrumar outro babaca para suprir o vazio que sentia em seu coração. O que lhe importava era estar com alguém. Mesmo que esse alguém ferisse seu coração horas depois. Sempre sobrava para Dario juntar os cacos da irmã e dar uma surra em quem quer que fosse que a tinha destruído. Mesmo com todos os defeitos e sabendo desse seu jeito autodepreciativo, ele tentava ser o melhor para ela, ou seja, de um jeito bruto, mas sempre agindo de forma protetora.

Com Ryan, a relação era totalmente diferente. Dario sentia uma pitada de inveja do irmão. Com apenas dois anos de diferença de idade, Ryan era simples e encantava as pessoas ao seu redor por sua bondade e seu autocontrole. Odiava brigas e sempre tentava colocar juízo na cabeça quente de Dario, que só resolvia as coisas na porrada.

Apesar de possuírem personalidades diferentes, nenhum deles era feliz quando se tratava de relacionamentos. Mesmo Ryan sendo um cara que toda mulher gostaria de se casar era bem seletivo. Ele sonhava com o dia em que encontraria uma mulher de família, virgem e que ele pudesse ser o primeiro em sua vida.

Ao sair do celeiro, Dario carregava nas costas a sela de Sherry. Sem camisa, seu corpo robusto e sua pele bronzeada, brilhava com o suor. Enquanto caminhava em direção à mansão, Ryan vinha em sua direção trazendo consigo Thor, o cavalo negro selvagem, que somente Dario conseguia montar e adestrar.

— Thor fugiu do *haras* outra vez. Estou vendo o dia em que ele machucará alguém, Dario. Tem que dar um jeito em seu cavalo — Ryan o alertou.

— Ele é como o dono. — Dario riu.

— Estou começando a acreditar nisso. Duas mulas empacadas. — Ryan gargalhou e Dario assentiu com a cabeça.

— Segure. — Dario colocou a sela nas mãos do irmão e montou em seu cavalo sem nenhuma dificuldade.

— Vai levá-lo para o *haras*?

— Sim. Preciso ver como estão os outros cavalos. Sherry ainda não pode ficar em contato com os outros. Está tomando os medicamentos e precisa de cuidados vinte e quatro horas — disse e tomou as rédeas do cavalo.

— Certo. Estou indo para casa. Parece que Melanie se envolveu em uma briga e Johnny disse que está machucada. — Ryan franziu o cenho, preocupado.

— Nossa irmã precisa de um tratamento de choque. Estou cansado de sempre falar a mesma coisa — disse chateado.

— Nos encontramos mais tarde, então. — Ryan sorriu e se afastou lentamente, caminhando em direção à casa.

Montado em seu cavalo negro, Dario se sentia livre. Ele cavalgou para o enorme *haras* que mantinham na fazenda. Às terças e quintas, ele era aberto para o público e os dois irmãos davam aulas de equitação. Para Ryan era quase uma tortura quando as alunas eram mulheres vulgares e se jogavam em cima dele como uma fruta podre que cai da árvore. Já para Dario, era uma distração. A maior parte das mulheres que se relacionava eram suas alunas. Mas, o seu jeito bruto, possessivo e exigente as afastavam quase que imediatamente. As que caíam em sua lábia, ficavam em sua cama não mais que quatro horas. Após o sexo sujo e suado, ele sempre dava um jeito de dispensá-las como lixo. Nenhuma conseguia preencher a dor que sentia. Após ser trocado por outro por sua ex-noiva, ele questionava se alguma mulher realmente o merecia. E a resposta era sempre não. Ele não fazia sequer um esforço para ser simpático ou agradável com as mulheres. Ele queria sexo e o tinha. Apenas isso.

Em sua cavalgada por suas terras, Dario ficava atento a tudo à sua volta. Como um dos maiores cultivadores e distribuidores de Aloe Vera para uma indústria de cosméticos, que era uma planta que possuía inúmeras propriedades regeneradoras, curativas, lubrificantes e nutritivas, ele usava ovelhas e cabras como meio de controle natural para combater as ervas daninhas. Com fertilizantes cem por cento natural, sempre tinham colheitas excelentes que não comprometiam a saúde do Aloe e nem do meio ambiente. Dario sempre foi muito atento às questões ecológicas. Ele passou ligeiramente próximo à plantação, conversou com alguns funcionários e seguiu para o *haras*.

Quando chegou, desceu do cavalo e o levou até o estábulo. Todos os doze cavalos, eram mantidos ali, no imenso estábulo organizado. Em cada baia, havia os nomes dos cavalos impressos numa plaquinha de bronze. Dario era totalmente contra marcar os animais na pele. Ele reconhecia um por um apenas com um olhar.

— Fica quietinho, garotão! — Ele sorriu ao ouvir o relinchar de seu cavalo selvagem. Acariciou a pelagem negra de Thor e conversou com seu amigo como se ele pudesse compreendê-lo.

— Acho que deveria dar um fim nesse cavalo. — Dario olhou por cima do ombro e viu uma linda morena de cabelos pretos e encaracolados encarando-o.

— E quem é você? — perguntou já com a atenção totalmente voltada para os enormes seios da morena.

A moça caminhou até ele lentamente. O barulho do salto de suas botas tocando o assoalho de madeira desviou sua atenção fazendo-o olhar diretamente para suas pernas desnudas, protegidas apenas por uma minissaia jeans desbotada e desfiada na barra.

O movimento da língua de Dario passando pelos lábios, não passou despercebido pela moça.

— Sou a aluna que quase morreu atropelada por seu cavalo rude. — Ela sorriu. — Chamo-me Débora. Me matriculei hoje para as aulas de equitação. Soube que vocês são os melhores professores. — Ela se insinuou.

Dario fechou a porta da baia de Thor e se aproximou um pouco mais da moça.

— Eu sou o Dario. Deve ter conhecido meu irmão, Ryan.

— Ah, sim. Na verdade foi ele quem me salvou do ataque do seu cavalo. — Ela sorriu fracamente tentando mostrar uma timidez que não tinha.

No mesmo momento, ele soube o que ela queria. Todas eram exatamente iguais a ela. Não era difícil identificar quando uma mulher queria enlaçar suas pernas em volta de seus quadris.

— Sinto muito por isso — ele disse, mas não era verdade. Ele realmente não sentia nada. Ele até acharia graça se realmente Thor houvesse passado por cima dela. E o pensamento meio cruel, o deixou assustado.

— Ouvi muitas coisas a seu respeito. Porém, algumas bem chocantes. — Ela passou as mãos nos cabelos ajeitando-os para trás.

Ele lançou a ela um olhar furtivo.

— Sêrio? — Riu.

— Hum-hum... — Ela se aproximou e sem nenhuma vergonha, colocou suas mãos sobre o peito suado de Dario.

Ele a pegou pelos pulsos e a afastou.

— Acredite, tudo o que dizem sobre mim é verdade — disse tentando amedrontá-la, mas não surtiu muito efeito.

— Eu gostaria de ter certeza — Débora insistiu em suas insinuações.

Como um bom homem safado que ele era, não deixou a oportunidade escapar.

Num único puxão, Dario tinha a mulher sendo arrastada pelos braços para os fundos do estábulo. Em segundos, ele abriu a porta da última baia e jogou a moça em cima do feno. Sem perder tempo, ele retirou o cinto e desabotoou as calças sem retirá-la.

O sorriso safado já estava estampado em seu lindo rosto rústico preenchido por uma pequena barba por fazer.

— Quer ter certeza, não é? — disse com a voz rouca já carregada de desejo.

Débora apenas assentiu olhando milimetricamente para cada músculo que saltava em seu abdômen.

— Então, venha conferir — ele ordenou.

Quando Débora tentou se levantar, ele disse:

— Sem roupa, querida. Quero você de joelhos e nua. Fique somente com suas botas.

Ela assentiu rapidamente sentindo calafrios percorrer por todo seu corpo. Sem hesitar, retirou a blusa, o sutiã, a saia e a calcinha minúscula que usava. Depositou tudo em cima de um fardo de feno ao lado e foi até ele como ordenado.

Débora se prostrou de joelhos em frente a ele e, sem saber o que fazer pela figura intimidadora de Dario, perguntou num sussurro:

— O que quer que eu faça?

Dario sorriu.

— Não acredito que não saiba o que fazer. Vamos! Quero ver suas habilidades com essa sua boca gostosa.

Em segundos, as mãos delicadas de Débora estavam no zíper do jeans de Dario abaixando-o rapidamente. Seu olhar de surpresa e luxúria ao ver o enorme pau dele, o fez sorrir. Ele sempre causava esse efeito nas mulheres quando viam o quanto era bem-dotado.

Assim que a boca quente e molhada sugou seu membro rijo, ele grunhiu.

— *Putá merda!* — Levantou sua mão e a levou até os cabelos da morena segurando-os com força bruta.

Ela sugava seu pau com vontade dando leves chupadas em sua glândula.

— Isso, você sabe bem como fazer, não é? Quase uma profissional! — gemeu.

Dario tirou do bolso de seu jeans um envelope pequeno preto. Rasgou o pacote e retirou o preservativo. Débora olhou para ele e perguntou curiosa:

— Sempre anda com preservativos no bolso?

— Sim — respondeu envolvendo o preservativo em seu membro. — Nunca se sabe quando irá aparecer uma mulher como você. — Mas ela não pareceu ter entendido que, na verdade, ele queria ofendê-la. Então, apenas sorriu.

— Isso é um pouco incomum — disse confusa.

— Vire-se e fique de quatro pra mim, sua safada! — ele ordenou virando-a e deu um tapa em sua nádega.

Ela sobressaltou-se assustada e excitada.

— Quero comer esse seu traseiro e não quero ouvir nenhum som saindo de sua boca, entendeu? — Ele deu outro tapa em sua bunda.

— Sim — respondeu ansiosa para ser preenchida por ele.

Dario abaixou seu jeans até o joelho e se ajoelhou no amontoado de feno. Pegou em seu pênis ereto e esfregou na entrada do ânus de Débora enquanto enfiava um dedo em sua vagina.

Ela gemeu alto.

Com o intuito de puní-la por não ter feito o que ele havia mandado, ele levou sua mão até sua vagina e beliscou seu clitóris a ponto de machucar.

— Aiii! — ela gritou.

— Ordenei que ficasse calada — disse entredentes. — Se ouvir sua voz outra vez, lhe darei uma boa surra de chicote.

Ela ficou quieta.

Ele introduziu o membro lentamente no ânus de Débora e levou sua mão novamente em seu clitóris, mas agora massageava fazendo-a sentir contrações involuntárias por todo o corpo.

Ela teve que fazer um grande esforço para não gemer e gritar, enquanto ele a estocava num ritmo acelerado e atacava seu clitóris com urgência.

Apenas os grunhidos roucos dele podiam ser ouvidos pelo estábulo.

— Vamos, goza, sua safada! — ele ordenou distribuindo tapas em sua bunda até deixá-la num tom cor-de-rosa.

O corpo dela suave e espasmava.

Quando Débora não conseguiu mais resistir, ela gozou abafando seus gemidos. Em seguida, Dario a virou e meteu em sua vagina até que se cansou e gozou. Em nenhum momento, ele a beijou ou fez sexo oral nela, e isso a deixou frustrada.

Dario retirou o preservativo, amarrou a ponta e colocou de volta no envelope que havia deixado no chão e colocou-o no bolso. Sempre levava consigo os preservativos. Era o jeito de se precaver de possíveis caçadoras de fortunas. Quando tivesse um filho, o que ele queria mais do que tudo na vida, seria de uma mulher decente. Não de uma vagabunda oferecida que abrisse as pernas para ele sem nem mesmo perguntar o nome.

— O que está fazendo? — ela perguntou ainda deitada no feno, nua e suada.

— Indo embora — ele disse.

— Como assim, indo embora? Mal começamos. — Ela sorriu, confusa.

— Se você mal começou, sinto muito. Eu já encerrei por aqui. Gozei e estou satisfeito — disse rudemente enquanto levantava suas calças.

Débora olhou para ele abismada.

— Vai me deixar aqui? Assim? Eu ainda estou excitada — disse frustrada.

— Quer que eu chame algum outro peão para acabar com seu fogo? Porque, como eu disse, estou satisfeito. — Ele deu um sorriso perverso.

— Seu babaca, idiota! Arrogante, cretino... — ela gritou jogando suas roupas em cima dele.

— Não era você quem queria ter a certeza de que o que falavam de mim era verdade? Então! Esse sou eu. Não se sinta ofendida, mas você foi fácil demais — disse e deu as costas a ela. — Ah! Quando sair, não se esqueça de fechar a porta do estábulo — concluiu e saiu sem nem mesmo olhar para trás deixando-a arrasada e com os olhos cheios de lágrimas.

Capítulo 2

BRIGA DE BAR

Dario entrou na mansão à procura de sua irmã Melanie. Passou por alguns funcionários que limpavam a casa, conversou brevemente sobre os próximos afazeres e caminhou até o quarto de Melanie que ficava no segundo andar, no final do corredor.

A casa era muito luxuosa.

Há dez anos, quando a herdaram, Dario e Ryan fizeram questão de investir na mansão rústica, transformando-a em uma mansão contemporânea. Talvez fosse um jeito de lembrarem um pouco de onde moravam em Minnesota. Os assoalhos em madeira deram lugar a pisos de porcelanato e os móveis velhos e gastos, a outros atuais. Os eletrônicos eram de última geração e as pinturas eram alegres e quentes. Qualquer um que entrasse naquela casa, jamais se sentiria numa casa de fazenda. Até as cabeças de animais empalhadas, que se destacavam penduradas na parede, deram lugar a quadros incríveis. Um deles, de Dario montado em Thor, cavalgando pelo *haras*. A mansão era composta por oito quartos, três salas, sendo uma de estar, de jantar e uma de tevê, onde Ryan passava a maior parte da noite assistindo a filmes. Uma cozinha, dois salões de festas, dois escritórios e um estúdio montado por Johnny, sem contar que na área livre havia uma ostentosa piscina, uma academia, quadra de tênis, basquete e um lindo jardim que exibia flores raras e lindas. Quando queria pensar, Dario sempre ia até as árvores, ficava debaixo do pé de acerola onde comia e ficava pensando na vida.

Ao entrar no quarto, ficou enfurecido ao ver que Melanie tinha um curativo acima do supercílio esquerdo.

— O que foi agora? Caramba, Melanie! Será que por um dia você não consegue sossegar e parar de me dar trabalho?

Melanie o olhou e sorriu ironicamente.

— Oi pra você também, maninho. E, pelo que eu saiba, nosso pai já morreu. Não preciso de você tomando conta da minha vida — emburrou.

— Não irá sair dessa casa esse final de semana. Está proibida de sair — ele gritou como se ela fosse uma criança.

— *Hello!* Eu sou uma mulher, Dario. Caso tenha se esquecido, já sou maior de idade — ela rebateu.

— Ótimo. Então aja como se fosse uma mulher crescida, responsável... Não fique por aí se esfregando no primeiro cara que aparece e saindo com caras comprometidos. Está parecendo uma

vadia — gritou.

— Olha como fala comigo — disse entredentes e avançou nele.

— Vamos parar de briga? Hã? Já chega vocês dois! — Ryan irrompeu o quarto aos gritos. Se posicionou no meio dos dois irmãos tentando acalmar os ânimos exaltados.

— É por isso que ela é assim. Por sua causa que não está nem aí para as merdas que anda fazendo — Dario bufou, furioso.

Melanie se jogou na cama e colocou os fones de ouvido para não escutar os desaforos do irmão.

— Está vendo? Olha pra ela!

— Eu sei, Dario. Mas não é assim que fará com que ela mude. Vai por mim. Deixe-me conversar a sós com a Melanie — Ryan pediu apontando a porta para que ele os deixasse sozinhos.

Furioso, Dario saiu do quarto como um touro enraivecido e bateu a porta violentamente.

— Estou cansada desses ataques de fúria dele — ela disse retirando os fones de ouvido.

Ryan se aconchegou na cama ao lado dela, tocou em seu cabelo loiro e longo.

— Mas dessa vez, irmãzinha, preciso concordar com ele. Não quero ver você desse jeito. Todos na cidade comentam sobre seu comportamento e Dario é constantemente alvo de gozação.

— Eu faço o que eu quiser da minha vida, Ryan. Eu quero ser livre para fazer o que eu quiser, não o que vocês querem.

— Você é livre, Melanie. Apenas se dê ao respeito. Se você não aprender a se respeitar, acha que algum homem irá?

— Os homens são uns babacas — ela bufou. — Veja o Dario, cada dia sai com uma mulher diferente. É um galinha, um bruto idiota.

— E que te ama. Não se esqueça disso. Ele, assim como eu e Johnny, só está tentando cuidar de você. Nós só queremos te ver feliz — disse depositando um beijo em seu rosto.

A porta se abriu lentamente.

— E aí? Pronta? — Johnny disse entrando no quarto carregando sua guitarra preta, vestido com um jeans escuro surrado, regata branca, uma camisa xadrez por cima com botões abertos, botas pretas de couro e um chapéu de *cowboy*.

Ryan olhou para ele, sorridente.

— O que é isso? — Apontou para o chapéu.

— Meu novo visual *country rock*. — Ele revirou os olhos.

— Que de rock não tem nada, né, maninho? — Melanie gargalhou.

— A caminhonete já está lá fora. Hoje é dia de tocar no Dickson, se esqueceram? — perguntou empolgado.

— Não. Não esquecemos. Aliás, Dario está muito puto hoje. Não deixe que ele te pegue dirigindo a caminhonete dele — Ryan disse se levantando da cama.

— Pode deixar. Você não vem conosco? — Johnny quis saber.

— Não. Tenho a contabilidade desse mês para fazer. Sabe que sou o administrador da fazenda, então, se eu não fizer o meu trabalho estamos ferrados. — Ele abriu um lindo sorriso e deu um abraço em Melanie. — Juízo. Pense no que te falei.

— Ok. — Ela riu.

— Cuide dela, Johnny. Se ela ficar encrocada, você tá lascado na minha mão.

— Sim, Sr. Ryan Craig. — Eles riram.

— Agora vão e arrasa, garoto. Prometo que na próxima sexta irei vê-lo cantar.

Johnny sorriu e assentiu levemente com a cabeça.

— E Melanie, nada de saias curtas — disse ao passar pela porta sumindo do campo de visão dos dois.

— Vou colocar a menor saia que tenho — disse abrindo a porta do *closet* vasculhando as roupas à procura de algo que a fizesse se sentir a estrela da noite.

— Ouviu o que ele disse, maninha? Não vá me ferrar, por favor. Dario comerá meu fígado se você aprontar dessa vez.

— Own, querido, não se preocupe. A Melanie aqui vai se comportar como uma freira — ironizou juntando as mãos fazendo sinal da cruz.

Johnny gargalhou.

— Tô fodido! — disse e virou-se em direção à porta. — Estou te esperando na caminhonete, não demore.

Ela jogou um beijo para ele e sorriu.

Na caminhonete, Johnny tentou sintonizar numa estação de rádio e a música *Footloose*, de Blake Shelton, começou a tocar. Em seguida, ele acendeu seu cigarro de canela e começou a cantar seguindo as batidas da música com as mãos no volante.

— Que porra é essa? — Dario o surpreendeu na janela da caminhonete, retirou o cigarro de sua boca e jogou-o no chão pisando em cima logo em seguida com sua bota suja de terra.

— O que foi? Vai ficar me vigiando agora? Dá um tempo, vai. Não sou a Melanie — disse um pouco rude deixando Dario ainda mais furioso.

— Se quer tocar essa merda, tudo bem, até posso tentar compreender, mas não vou tolerar o uso de drogas na minha casa.

— Nossa casa. E isso era apenas um cigarro, seu mal informado.

— Que seja. Não quero vê-lo usando essas porcarias. E saia da minha caminhonete — disse abrindo a porta.

— Eu vou com a Melanie. Hoje, eu me apresento no Dickson.

— Vá com sua moto. Não foi pra isso que me deixou louco pra comprar aquela merda? Então.

Johnny olhou para ele, chateado.

— Às vezes, eu acho que você tem uns oitenta anos. Coitada da infeliz que um dia se casar com você. Se é que um dia se casará com alguém.

— Cale a boca e saia da minha caminhonete — disse parado de frente para ele enquanto esperava que acatasse suas ordens. — Da última vez que a usou, conseguiu, não sei como, furar um pneu e amassar a frente dela.

— Foi um acidente. Já lhe disse. Atropelei um cervo na estrada — ele rebateu saindo da caminhonete. Abriu a porta do carona e retirou sua guitarra.

— Eu acredito — respondeu batendo a porta para fechá-la.

Johnny foi se afastando furioso. Deu alguns passos até o estacionamento onde sua *Harley Davidson* ficava e parou bruscamente. Olhou para Dario e voltou a passos largos parando de frente para o irmão, que ainda o observava.

— Sabe, Dario? Não sei qual é a tua comigo, ou melhor, com todo mundo, só sei que você é um sujeito mal-amado. Não foi à toa que levou um pé na bunda da Georgina. Você consegue afastar as pessoas que se importam com você.

— Não preciso que ninguém se importe comigo — rosnou cruzando os braços em seu peito.

Johnny riu.

— Vou dar um show no dia em que eu ver o velho e ranzinza Dario Craig cair de joelhos por alguém. Não é uma praga não, irmão. Mas estou louco para que um dia você encontre uma mulher tão chata quanto você e que irá te colocar no cabresto, babaca — ele destilou seu veneno e saiu para pegar sua moto.

Dario riu do comentário do irmão.

“*Está para nascer a mulher que me colocará de joelhos*”, pensou.

— Ué, onde está o Johnny? — Melanie perguntou ao ver a caminhonete vazia. — Ele disse que estaria me esperando aqui — disse confusa.

— Qual foi a parte de “não irá sair de casa hoje”, você ainda não entendeu? — Dario disse enfurecido.

— E qual foi a parte de “você não é meu pai!” que você também não entendeu? — Ela sorriu. — Não faça essa cara. Já está cheia de rugas e marcas de expressão. Sabia que sorrir deixa a pessoa mais jovem? — Ela o irritou.

— Então, você irá morrer com cinco anos. Parece uma hiena irritante.

Ela riu.

— Pode ser — disse.

— Essa roupa está inapropriada e você sabe disso — ele disse apontando para os quinze centímetros de pano que cobriam suas partes íntimas e o top minúsculo que deixaram os seios dela saltando para fora.

O ronco do motor da moto de Johnny chamou a atenção dos dois. Ele parou a moto ao lado de Melanie e pediu para que ela subisse.

— Não subirá nessa moto com essa saia, Melanie! — Dario gritou ao ver sua irmãzinha pular na garupa abraçando Johnny.

— Da próxima vez, libere a caminhonete. — Johnny deu um sorriso irônico e acelerou sumindo pela estrada de terra.

Dario levou um susto ao se virar e se deparar com Ryan rindo.

— Está rindo do quê? — ele perguntou rudemente.

— Nada — disse levantando as mãos em sinal de paz.

Dario passou por ele feito um furacão e entrou na casa. Foi para seu quarto e trancou a porta.

Pouco tempo depois, Johnny e Melanie chegaram ao bar do Dickson. Ele estacionou a moto na vaga do estacionamento e entraram juntos, abraçados.

O lugar era frequentado por quase toda a cidade. Era o melhor e o mais popular bar *country* da região. A decoração rústica era impecável e aconchegante. As mesas e as cadeiras eram de madeira maciça e forradas por toalhas xadrez com a logo do bar. Havia também uma pista de dança em frente ao palco e no ambiente ao lado, mesas de sinuca e uma *jukebox*^[3]. Além disso, havia vários bancos e uma variação enorme de bebidas e coquetéis. A iluminação era fraca e o ambiente cheirava a tabaco.

Melanie deu um beijo no irmão e caminhou até alguns amigos que estavam sentados próximos ao palco.

— Boa noite, gente — ela cumprimentou a todos dando atenção especial para Ted, seu colega *nerd* da faculdade de medicina veterinária.

— Aí está ela — disse Lisa num tom sarcástico.

— Acharam que eu não viria? — Ela riu se sentando na cadeira ao lado de sua melhor amiga, Jennifer.

— Com aquele seu irmão, pensei que fosse ficar, no mínimo, enclausurada por uns três anos. O que acontece com ele? — Lisa quis saber.

— Dario é um chato, mas é meu irmão. Portanto, não fale mal dele. Só eu que posso. — Ela riu.

— O corte até que não foi feio — Jennifer falou observando seu machucado.

— Ah não, eu estou linda perto daquela vaca. Deixei-a com os dois olhos roxos.

Todos riram.

— Mel, você fez o trabalho para entregar na segunda? — Ted perguntou.

— Fica tranquilo, Ted. Ryan está me ajudando. Mas não viemos aqui para falar da faculdade, não é? Hoje quero dançar e encher a cara — disse alto levantando a garrafa de *Brimstone*^[4].

Os amigos riram e entraram na onda de Melanie. Encheram seus copos com uísque e curtiram a música *Just Like Me*, do Paul Revere & The Raiders, dos anos sessenta que tocava na *jukebox*.

Em pouco tempo, o bar foi tomado pelo ritmo contagiante da música. Alguns se levantaram para dançar na pista e outros juntaram-se para uma partida de sinuca.

Os homens se divertiam com as garçonetes seminuas servindo as mesas. Todas elas vestiam *shorts* jeans curtíssimos e um top preto com o nome *Dickson* estampado em branco e calçavam botas de montaria. Uma em especial chamou a atenção de Johnny. Ela era uma linda ruiva, cuja pele era de um tom branco parecido com porcelana e tinha lindos olhos castanho-claros que deixavam-no hipnotizado. Seu jeito doce de menina e ao mesmo tempo instigador com seus lábios vermelhos sangue, despertavam nele algo que não conseguia decifrar.

Ele subiu no palco com sua banda olhando diretamente para ela. Seus olhos a seguiam para onde quer que ela fosse. Como de costume, ele se apresentou e depois a todos os integrantes da banda de *country rock*. Porém, logo em seguida começou a cantar e tocar sua guitarra.

Depois de algumas horas, Melanie já estava embriagada com os amigos, cantando e dançando ao som de seu irmão que brilhava no palco com seu talento.

Foi então que cinco homens tatuados com cabelos desgrehados, de jeans rasgados e jaquetas de couro com o símbolo de uma caveira costurados nas costas entraram no bar. Com suas barbas por fazer, dois deles usavam uma bandana preta na cabeça também com o mesmo símbolo. Pelos trajes, mais pareciam terem saído de um show de *metal rock*.

— Merda! Os Caveiras! — Jennifer sussurrou olhando para as figuras horripilantes.

— Ah não! Justo hoje? A última vez que estiveram aqui foi uma confusão dos diabos — Ted resmungou.

— Ui! Adorooooo confusão! — Melanie riu excitada com as imagens que passaram em sua mente como um *flash*. — Aposto que Dario ficaria furioso se eu me envolvesse com algum deles — ela disse maquinando coisas terríveis.

— Não inventa, Melanie. Esses caras são da pesada. Ninguém ousaria brigar com nenhum deles, porque seu irmão te mataria — Jennifer a alertou.

— Hummm, só estou brincando. — Ela fez beicinho. — Mas seria hilário ver a cara do Dario. — Ela gargalhou.

— Cara, parece que você gosta de provocar seu irmão — Lisa emendou.

— Fica na sua — Melanie rebateu um pouco rude.

— Eu vou cair fora. Preciso acordar cedo amanhã para estudar para a prova. — Ted se levantou.

— Puta merda! Larga de ser careta, Ted. Sente-se, por favor! — Melanie agarrou seus braços e o puxou de volta para a cadeira.

No palco, Johnny agradeceu e foi aplaudido por todos. Sua apresentação havia acabado e logo deu lugar para outra banda de *country*.

Ele caminhou até a mesa onde sua irmã estava sentada com os amigos da faculdade e se juntou a eles deixando sua guitarra ao lado.

Os cinco homens sentaram-se à mesa ao lado. Pediram suas bebidas e acenderam seus cigarros. Cada garçoneiro que passava por eles, as mesmas eram assediadas com palavras chulas e obscenas, que não passaram despercebidas por Johnny ou por quaisquer outros que estavam a poucos metros dos rapazes encenqueiros.

Johnny já se sentia incomodado com a falta de respeito daqueles homens.

— Fica na sua, maninho. Todos sabem que você é o rei do rock e Dario não está aqui para te proteger — Melanie zombou sabendo muito bem que se Johnny resolvesse brigar, sairia direto para um caixão de madeira.

Johnny bufou com o comentário e bebericou seu uísque, até que um dos homens chamou uma garçoneiro. Para o seu desespero, a linda ruiva com ar inocente foi atendê-los. Ele fechou a cara e fez um movimento brusco ao se levantar.

— Nem pense nisso! — Melanie rosnou.

Johnny pareceu recobrar o juízo e se sentou atento ao que eles conversavam na mesa ao lado.

— Quero que me traga uma garrafa de uísque, docinho — um dos homens falou.

— Tem alguma preferência de marca, senhor? — a garçoneiro perguntou.

Os homens riram.

— Minha única preferência nesse momento, docinho, era ver esses seus lábios vermelhos envoltos no meu pau. Putinha gostosa! — disse, enquanto apertava a bunda da linda ruiva, que mal conseguiu reagir ao ataque repentino do homem.

Os homens riram e o outro amigo ao lado começou a dizer coisas obscenas que gostaria de fazer com ela na cama.

O ódio cegou Johnny e ele não pensou nas consequências. Se levantou bruscamente e puxou o homem de seu assento. O soco que deu logo em seguida, pegou o sujeito desprevenido.

— Vou te ensinar a como respeitar uma mulher, seu filho da puta! — Johnny esbravejou e deu

socos na cara do homem repetidas vezes. Mas durou pouco tempo para os outros amigos retirarem Johnny de cima dele e começar o pandemônio.

Foi uma confusão dos infernos. Garrafas, cadeiras, mesas e copos foram atirados pelos ares... Alguns ajudaram Johnny e outros ficaram apenas observando a tudo aquilo, amedrontados. Nem a guitarra se salvou na briga ensandecida. Ela só foi contida, quando o dono do bar apareceu com uma espingarda dando tiros para o alto para dispersar a todos.

— Todos para fora do meu bar agora! — ele gritava como um louco. — Fora, ou chamarei o xerife.

— Você está morto, garoto! — um dos homens disse para Johnny, enquanto limpava o sangue que escorria da boca.

— Estou morrendo de medo. Você não sabe quem eu sou, babaca! — Johnny ainda os enfrentava sem medo.

Os homens saíram do bar e os outros clientes também.

— Quem irá pagar por isso? Ficou louco? — James Dickson, o dono do bar, que estava enraivecido, perguntou a ele.

— Manda a conta pra fazenda. Já sabe o endereço — ele retrucou.

— E você, garota, está demitida! — o dono do bar gritou com a ruiva.

— Mas, senhor James...

— DEMITIDA! Mas antes, vai limpar toda essa sujeira que você causou.

— Ela não fez nada! — Johnny ficou uma fera com a injustiça. Se alguém tinha alguma culpa, eram aqueles caras que não sabiam o que era educação e bons modos.

A ruiva baixou a cabeça e começou a limpar o ambiente.

— Fora daqui, Johnny. Ou serei obrigado a cancelar os seus *shows* aqui em meu bar — James disse e saiu do recinto deixando apenas a ruiva, após pedir para as outras garçonetes irem para casa.

— Vamos, irmãozinho. Já está na hora. — Melanie puxou-o pelos braços. Ele olhou para a ruiva que estava de costas e se sentiu culpado. Deu um longo suspiro e saiu.

Quando chegou ao estacionamento amparado por sua irmã e os amigos que estavam com ela, xingou ao ver sua moto com os pneus furados.

— Desgraçados! — urrou.

— E agora? Como iremos para casa? — Melanie perguntou apreensiva. — Dessa vez estamos mortos. Dario vai surtar.

— Eu posso levá-los. Estou de carro — Ted ofereceu.

— Vá com eles, Melanie. Não irá caber todos nós. Eu dou um jeito.

— Não. Não vou deixá-lo aqui.

— Vá. Faça o que estou mandando — ele disse autoritário.

— Vou pedir para o Ryan vir nos buscar — ela disse e retirou seu celular do bolso.

— Não. Eu me viro. Vá para casa, por favor.

Melanie olhou para ele tristemente e assentiu.

— Você está sangrando — ela disse tocando em seu rosto.

— Eu vou sobreviver. Agora vá! — Ele sorriu.

— Vamos, Melanie. Se cuida, cara — Ted disse ao se despedir.

— Valeu. Cuide da minha irmã, senão já sabe — ele disse arrancando risos de todos.

Johnny ficou ali, parado em sua moto vendo sua irmã entrar na caminhonete de Ted com as outras amigas e irem embora.

— Ótimo! — bufou chutando o pneu traseiro da moto. Só então, se lembrou que havia esquecido sua guitarra, ou os restos dela, dentro do bar. Ele voltou rapidamente para recuperá-la.

Ao passar pela porta, seu coração quase parou ao ver a linda ruiva de joelhos no chão com a bunda empinada em sua direção, esfregando uma poça de uísque que havia ali, cantando como um rouxinol. A melodia reverberou em sua mente e o som suave daquela voz cantando *Unwritten*, de Natasha Bedingfield, o deixou encantado, excitado, apaixonado e hipnotizado.

...Feel the rain on your skin

No one else can feel it for you

Only you can let it in

No one else, no one else

Can speak the words on your lips

Drench yourself in words unspoken

Live your life with arms wide open

Today is where your book begins

The rest is still unwritten...

— *Caralho! Essa mulher vai ser minha* — sussurrou para si mesmo com um lindo sorriso no rosto.

Ele tossiu para chamar a atenção da ruiva e ela se virou para ele. Seus olhos brilharam ao cruzarem com os dele, em uma batalha de olhares que deixou o dois completamente sem fala. Então,

por falta do que dizer, ela apenas sorriu timidamente, de forma doce, mas provocante.

Capítulo 3

ACERTO DE CONTAS

Johnny continuava a olhar a ruiva. Ela se levantou do chão, jogou o pano dentro do balde com água e ajeitou os cabelos prendendo-os num rabo de cavalo.

— Por favor, desculpe-me. Não queria lhe causar problemas — ele disse.

— Tudo bem — ela respondeu caminhando até o bar e lavou as mãos. Se aproximou dele e disse: — Obrigada por me defender.

— Não tem por que agradecer.

— Eu nem gostava desse emprego mesmo. — Sorriu.

— Você tem uma voz belíssima. Nunca pensou em cantar profissionalmente? — Ele a encarou nos olhos.

— Não. Só canto debaixo do chuveiro ou quando estou chateada — desabafou. — Prazer, meu nome é Kristen — disse estendendo a mão para ele.

— Kristen — ele sussurrou encantado. — Já deve saber o meu nome.

— Claro. Bom, eu tenho muito trabalho para fazer — comentou olhando à sua volta mostrando o estado lastimável que se encontrava o bar.

— Eu realmente sinto muito. — Ele se sentiu envergonhado. — Posso ficar e te ajudar. Se quiser, é claro.

— Hum, eu aceito. — Ela sorriu. — Me ajude apenas varrendo os cacos e retirando as cadeiras quebradas. Eu limpo o chão.

— Certo — ele disse empolgado procurando pela vassoura.

— Encontrei sua guitarra. Não sobrou muito dela — ela comentou, chateada.

— Tudo bem. Terei que comprar outra. — Ele deu de ombros. Ainda tenho um violão. — Johnny riu. — Esse é o segundo fim de semana que te vejo aqui. Venho cantar no bar há anos e nunca a vi.

— Nem poderia. — Ela sorriu. — Cheguei na cidade há um mês. Sou do Kansas.

— Uau! Kansas? E o que faz por aqui? — perguntou curioso. Olhando para ela mais atentamente, viu que Kristen realmente era diferente de todas as mulheres do Texas.

— Morava com minha mãe. Ela faleceu há dois meses de câncer no pulmão. Então, apenas quis mudar de ares — disse triste.

— Sinto muito pela sua perda. — Ele foi sincero. — Veio com alguém da família?

— Apenas eu e meu irmão caçula. Somos só nós dois agora. — Ela deu um sorriso fraco. — Ele tem apenas cinco anos e é um garotinho incrível.

Johnny olhou para ela e a viu enxugando uma lágrima que rolou de seus olhos.

— E o que irá fazer sem trabalho? Tem como se manter? — perguntou preocupado.

— Ainda temos um pouco de dinheiro da venda da casa. O aluguel é um pouco caro e a babá também, mas acho que dá para nos manter até que eu encontre outro emprego.

Ele levantou algumas cadeiras quebradas e ficou pensando sobre como poderia ajudá-la, já que era o responsável por ela ter perdido o emprego.

Os dois voltaram à limpeza e o silêncio se instalou no ambiente. Kristen lavou os pratos, os copos e os secou guardando-os em seus devidos lugares.

— Acho que eu posso te ajudar — ele rompeu o silêncio.

Ela levantou a cabeça e lhe deu um olhar inquisitivo.

— Como?

— Estamos precisando de uma funcionária na fazenda. Se estiver interessada, poderá trabalhar e morar lá. Nós mantemos alguns chalés para funcionários. Seria uma boa para o seu irmão estar mais perto de você. — Ele sorriu.

Os olhos de Kristen brilharam e ela sorriu com a possibilidade. Por alguns segundos, ela encarou os olhos azuis de Johnny observando-o se havia algo mais naquela proposta. *Por que ele está tão empenhado em me ajudar?*, pensou.

— Vou pensar com carinho — ela respondeu arrancando um sorriso dele.

Depois de algum tempo, o bar estava limpo.

— Preciso ir para casa. Obrigada por me ajudar.

— Como vai para casa? — ele quis saber. Já estava tarde e era muito perigoso para uma mulher como ela sair sozinha por aí.

— Eu moro perto. A cinco quadras daqui. E você? Não vai para casa?

— Acho que não. A fazenda é longe e... os pneus da minha moto estão furados. — Ele deu de ombros.

— Não tem ninguém que possa vir buscá-lo? — Ela arqueou uma sobrancelha.

— Prefiro não ter que depender de ninguém — ele bufou.

— Bom, minha casa é pequena, na verdade é bem minúscula. — Ela riu. — Mas, se quiser,

pode passar a noite lá. Quando amanhecer, você conserta sua moto.

Ele ficou surpreso pelo convite.

— Ah, meu Deus! Desculpe. Não pense que saio oferecendo isso a qualquer homem e que... — ela disse nervosa.

— Ei! Fique tranquila. — Ele tocou nas mãos dela e, no mesmo instante, os dois sentiram uma forte conexão. Se entreolharam e, em segundos, suas bocas estavam coladas uma na outra; e o beijo lento e suave foi se intensificando. Johnny a abraçou e acariciou seus lindos cabelos ruivos. O cheiro agradável e doce de Kristen o embriagou. Ela viu fogos de artifícios e ouviu uma linda sinfonia ao beijá-lo.

— Gostaria muito que aceitasse o emprego na minha fazenda — disse ao se afastar.

Sem hesitar, ela disse:

— Quando começo?

Os dois riram e se abraçaram.

— Vou levá-la para casa e amanhã, após o almoço, venho buscá-la para falar com o Ryan. Ele gosta de entrevistar as pessoas. — Ele riu.

— Está certo. Obrigada por ser tão gentil comigo.

— Não tem o que agradecer, já disse. Agora vamos.

— E você? Não tem mesmo alguém que possa vir buscá-lo?

— É... O jeito é enfrentar a fúria do meu querido irmão Dario.

Eles riram e saíram do bar. Caminharam pelas ruas lado a lado conversando um pouco mais sobre eles. Johnny falou sobre seus irmãos, sua rotina na fazenda; e ela sobre como sentia falta de sua mãe.

Ao chegarem na pequena casa, Johnny se despediu da ruiva com um beijo terno e voltou para a estrada sorrindo como um bobo apaixonado. Retirou o celular do bolso, discou para o irmão e rezou para que Dario estivesse de bom humor. Depois de quase oito toques, a chamada foi atendida.

— Alô!

— Johnny? Sabe que horas são, moleque? Quase quatro da manhã — Dario gritou do outro lado da linha. Johnny teve que afastar o telefone do ouvido para que não ficasse surdo.

— Eu sei, Dario. Tive problemas com a moto. O pneu furou e não tenho como voltar.

— Como assim, não tem como voltar? Você e a Melanie estão bem? Não beberam, não é?

— Me-Melanie? Ela não está em casa? Mas eu...

— Porra, Johnny! O que fez com ela? Onde está a Melanie? Me diz que ela está com você — os gritos intensificaram-se e Johnny soube naquele momento que estava fodido.

— Ela saiu faz algumas horas daqui. Estava com o Ted e algumas amigas. Pedi para que ela fosse para casa.

— Puta merda! Caralho, Johnny! — vociferou. — Estou indo buscá-lo. Aproveita e começa a rezar, por que se aconteceu alguma coisa com ela, pode ter certeza de que vou matá-lo — Dario esbravejou e desligou.

— Droga! — Colocou o telefone no bolso, apreensivo. — Melanie, Melanie... Você só me fode! — Ele riu.

Meia hora depois, a caminhonete de Dario encostou no estacionamento do bar. Johnny caminhou até ela e ficou surpreso ao ver que era Ryan quem dirigia. Ele debruçou na porta do carro e disse:

— Se Dario não veio, é porque ele teve um ataque do coração e caiu duro, acertei? — ele zombou.

Ryan riu.

— Dario está uma fera. Você e Melanie gostam de deixar o coitado no limite.

— Onde está a Melanie? — Johnny perguntou.

— Está em casa. Porém, ainda mais encrencada do que você — ele gargalhou.

— Por quê?

— Dario já estava saindo de casa quando ouviu um barulho no jardim. Ele achou que era algum animal e quando foi ver, Melanie estava se pegando com o Ted na grama.

Johnny gargalhou.

— Puta que pariu! Sério? Com o Ted? Jesus! Oh, merda! Dario não matou o cara, não é?

— Quase. Vi o momento em que o Ted saiu correndo com as calças arriadas até o carro e foi embora. Dessa vez eu não fiquei para defender a Melanie. Ela pisou na bola feio e agora terá que arcar com as consequências.

— Lembre-me de agradecê-la por isso. Pelo menos por hoje, ainda terei minha cabeça em meu corpo — gargalhou. — Ajude-me com a moto? Está com os pneus furados.

— Claro — Ryan disse saindo da caminhonete. — O que foi isso em seu rosto? — perguntou olhando para os machucados do irmão.

— Uma longa história — Johnny desconversou.

Com dificuldade, os dois colocaram a moto na traseira da caminhonete e partiram.

No dia seguinte, pela manhã, Dario se enfureceu ao receber uma carta de cobrança no valor de quatro mil dólares. No papel timbrado do *Bar do Dickson*, havia uma observação: *Cobrança pelos danos causados no estabelecimento por Johnny Craig.*

Dario amassou o papel e fez o cheque. Pediu para que um de seus funcionários fosse até o Dickson pagar pelos estragos e caminhou até em casa, subiu até o quarto de Johnny, que ainda dormia, e chutou a porta abrindo-a violentamente.

— Acorda, porra! — gritou puxando o cobertor do irmão.

Johnny o olhou assustado.

— O que foi?

— O que foi? O que foi, seu irresponsável?! — Dario gritava.

— Cara, eu cheguei tarde e estou morrendo de sono. Não enche.

Dario jogou sobre ele a bota que estava perto da cama.

— Ai!

— Se não quiser levar uma surra, levanta dessa porra e vá trabalhar para compensar os quatro mil dólares que me fez gastar com você.

— Ah, já ficou sabendo? Olha, maninho, eu ia te contar. É que...

— Cala a boca. Estou te esperando no pasto. Quero você lá em dez minutos. Hoje, quem irá ordenhar a vaca, será você — disse furioso. — É bom começar a criar responsabilidade — rosnou.

— Eu não sei fazer isso. Sabe que detesto vaca.

— Foda-se! Eu detesto um monte de coisa e tenho que conviver com isso. Já disse, te dou dez minutos — disse enraivecido e saiu do quarto bufando como um touro.

— Ai, essa não — Johnny lamentou, se jogando na cama, apenas de cueca.

— Como assim, estamos devendo impostos? — Ryan perguntou para seu contador ao ver alguns impostos da fazenda em aberto. — Lembro-me de ter pago cada centavo — rosnou jogando as cobranças em cima da mesa do escritório.

— Talvez tenha se esquecido de pagar dos últimos meses. Isso acontece — o contador disse ao telefone.

— Não. Não acontece. Ainda mais comigo que sou sempre atento a isso. — Ele se jogou na cadeira pensativo.

— Olha, Ryan, é muita coisa para você administrar sozinho, precisa de ajuda.

— Aaargh! Realmente, preciso de umas férias — disse cansado.

— Por que não contrata alguém para te ajudar? Ou o Dario, fale com ele.

— Dario não leva o menor jeito com números. — Ele riu.

— Então, contrate um administrador.

— Não conheço ninguém em quem possa confiar. — Foi sincero.

— Bom, um amigo meu tem uma filha que é administradora. Chegou na cidade há pouco tempo e está atrás de emprego. Se quiser, posso ver com ele.

— Faça isso, Sergei. Acho que realmente preciso de uma mão.

— Certo. Amanhã mesmo peço para que ela se apresente na fazenda para a entrevista.

— Obrigado, amigo. — Ryan desligou.

— Bom dia! — Melanie sorriu ao vê-lo. Caminhou até ele e lhe deu um beijo no rosto.

— Ah! Está viva? — Ele riu. — Achei que não passaria de ontem, Dario soltava fogo pelo nariz.

— Ele é tão mandão. Já o peguei várias vezes com aquelas vagabundas no estábulo. Não tem moral para falar comigo sobre isso — disse chateada.

— Não falo mais nada. — Ele se levantou.

— Vai sair?

— Vou malhar um pouco. Preciso espairecer — disse e saiu do escritório deixando Melanie para trás.

No pasto, Dario apenas observava seu irmão ordenhar as vacas. Ele havia dado a ele um balde de alumínio e um banquinho de madeira para se sentar. Havia momentos em que Dario gargalhava da falta de habilidade do irmão.

Quando terminou, Johnny foi até ele e disse:

— E aí? Eu disse a você que sou péssimo nisso.

— Sim. Estou até com pena das tetas das vacas — gargalhou.

— Idiota!

— Vamos. Precisamos selar os cavalos. As aulas começam daqui a quarenta minutos.

Eles caminharam lado a lado até a mansão.

— Dario, ainda estamos precisando de arrumadeira?

— Sim. A Joana sairá de férias daqui dois dias e já disse que não irá voltar. Por que o interesse?

— Eu tenho uma amiga que precisa de um trabalho.

— Amiga sua? Não! Está fora de cogitação — disse com firmeza.

— Dario, eu devo isso a ela.

— Pague-a de outro jeito. Dê um trato nela.

— Não fala merda! Ela trabalhava no bar. Foi demitida após a briga de ontem por minha causa.

— E eu não tenho nada a ver com isso.

— Caramba! Cara, por favor. Ela mora sozinha com um irmãozinho pequeno. A mãe morreu de câncer e não tem ninguém nesse mundo — Johnny apelou para o lado emocional do irmão.

— Você gosta dela? — a pergunta pegou Johnny de surpresa.

— É. Acho que sim.

— Certo. Peça para que venha falar com Ryan.

— Sério? Obrigado, maninho. Sabia que poderia contar com você. — Sorriu.

— Mas... tenho uma condição.

— Ihhh! Lá vem.

— Terá que trabalhar como todos nós. Até a Melanie está ajudando, Johnny. Pouco, mas está.

— Eu ajudo. Desde que não seja tirando leite de vaca, eu posso conviver com todo o resto.

— Ok. Irá cuidar dos porcos.

— O quê? Não, não, não...

— É isso ou nada feito. Você quem sabe.

Johnny pensou em reconsiderar o pedido, mas os cabelos vermelhos da ruiva e sua boca macia inundaram seus pensamentos.

“Ah, merda! Espero que ela valha o sacrifício”, pensou.

— Eu aceito — disse a contragosto.

Dario deu um sorriso malicioso imaginando como seria vê-lo limpar o chiqueiro e dar comida aos porcos.

— Isso vai ser no mínimo divertido — Dario gargalhou deixando Johnny enfurecido. — Vamos pegar a caminhonete e ir até o *haras*. Você irá selar os cavalos enquanto dou aula. Seu trabalho será apenas vigiar os cavalos. Entendeu?

— Claro.

Quando chegaram no *haras*, havia alguns alunos à espera. Duas mulheres e três rapazes. As moças suspiravam e se abanavam toda vez que Dario passava por elas. Johnny teve que fazer um esforço para não rir da cara derretida das duas ao secaram seu irmão apenas com olhares safados. Estava estampado na face das lindas morenas que estavam ali apenas por ele.

— Bom dia! — Dario cumprimentou os alunos.

— Bom dia! — responderam em uníssono.

— Ryan já deve estar a caminho — disse para os rapazes. — Ele irá ser o instrutor de vocês. Podem aguardar aqui. Vocês duas podem vir comigo.

As moças se entreolharam e sorriram.

Ao se afastar, ele perguntou:

— Alguma das duas sabe montar?

— Não — disse a morena de olhos pretos e cabelos longos.

Dario, então, olhou para a outra esperando por resposta.

— Eu também não. Nunca cheguei nem a dois metros de um cavalo — ela respondeu.

Dario as observou de cima a baixo. Ambas vestiam uma saia jeans curta, um top que mostrava praticamente os seios e botas longas de montaria.

— Hum. Entendi. E o que levaram duas mulheres que não sabem montar e que nem sequer viram um cavalo a fazerem aulas de equitação?

— Queremos comprar um cavalo. — Uma delas sorriu.

Dario ficou abismado.

— Qual o nome das duas?

— Eu sou Richelle e ela é a Micah. Somos primas.

— Certo, Richelle e Micah. Qual a idade de vocês?

— Eu tenho 18 e a Micah tem 21.

Dario pensou por um longo tempo. Estava na cara o que elas queriam. Mas, hoje, ele não se sentia confortável em arrastá-las para o estábulo e meter sem sentido.

— Certo. Vou pedir para as duas irem até a secretaria do *haras* e preencherem a ficha de inscrição. Na ficha tem algumas normas e também o vestuário para as aulas, o que não inclui saias curtas. É impossível cavalgar com isso aí — ele soou um pouco rude apontando para as saias das duas. Estava cansado de mulheres como aquelas.

— Sim, senhor — a voz de Micah soando tão submissa a ele, quase fez com que mudasse de ideia.

Porém, ele suspirou tentando aquietar seu pau.

— Estão dispensadas — disse quase se arrependendo ao sentir seu pau enrijecido.

As duas se afastaram ainda lançando-lhe olhares provocantes.

— Droga! — praguejou.

Dario deixou o *haras* e caminhou até o estábulo.

— Os cavalos já estão selados — Johnny disse.

— Obrigado. Se quiser, pode ir. Aqui está a chave do carro. Vá buscar a moça que me falou. Deixe a caminhonete, pois irei usá-la mais tarde.

— Está certo. Vou agora mesmo buscá-la. — Sorriu e saiu do estábulo.

— Bom dia, garoto! — Dario entrou na baia de Thor e alisou sua pelagem.

Thor se animou ao vê-lo e retribuiu o carinho com um relinchar suave. Assim que colocou as rédeas no cavalo, Dario o acariciou.

— Que tal uma volta? Preciso dar uma olhada em Sherry no celeiro e você virá comigo, garotão — disse sorrindo.

Dario retirou Thor do estábulo e com maestria, montou em seu cavalo.

Ele cavalgou rápido se sentindo livre com o vento batendo em seu rosto. Durante todo o percurso, ele conversou com seu cavalo como se ele pudesse compreendê-lo. No caminho, Dario passou pelo lago onde era acostumado a namorar com Georgina. As lembranças o deixaram cabisbaixo e pensativo por alguns instantes, pois ainda era difícil conviver sem o amor dela.

Quando chegou, viu algo estranho que o deixou preocupado. A porta do celeiro estava entreaberta e o carro de sua ex-noiva, parado na frente.

Dario saltou rapidamente de Thor, sem se preocupar em amarrá-lo.

Ao adentrar o celeiro, ele suspirou fundo ao vê-la ali, com um vestido curto florido, botas e o cabelo preso num rabo de cavalo.

— Georgina?! — disse surpreso.

— Dario! Me desculpe. Apenas quis ver como a Sherry estava.

— Ela está bem. Por que está aqui? Ela não é mais sua, Gina.

Ela sorriu.

— Eu sei — disse e se afastou da égua. — Sinto falta dela. — Seu olhar era triste.

— Sabe que cuidarei bem dela. Pelos velhos tempos. — Dario se aproximou.

— Lembro-me de quando cavalgávamos juntos, eu, Sherry, você e Thor.

— Não gosto muito de lembrar dessas coisas. É passado e eu já o enterrei há muito tempo.

Georgina se calou.

— Não era para ser assim. Sabe que lutei para que ficássemos juntos e...

— Não quero falar sobre isso. Não quando você diz que fui o culpado por tudo o que nos aconteceu — disse sincero.

— Não falaremos sobre isso — ela sussurrou.

— Agora você tem o Morris. — Riu nervoso. Admitir isso era como ter uma faca fincada em seu coração. Ainda doía.

— É, eu tenho o Morris. — Ela o olhou fixamente. Seus olhos tristes indicavam que estava infeliz. — Mas isso não me impede de sentir sua falta. — Suas palavras, deixaram-no confuso.

— Acho melhor você ir embora.

Georgina se aproximou dele. Seus corpos quase colaram-se com a proximidade. Dario conseguia ouvir as batidas ritmadas do coração de sua amada e desejou naquele momento tê-la em seus braços.

O silêncio foi ficando angustiante para ambos. E, sem pensar, Georgina o beijou.

Dario não resistiu.

Ele nunca resistia quando o assunto era ela.

Em seis anos, essa foi a segunda vez que caíram, mais uma vez, em tentação.

Georgina pulou no colo de Dario enlaçando suas pernas em sua cintura. Ele segurou firme em sua bunda esfregando sua ereção contra ela.

O beijo se intensificou e ambos gemiam a ponto de serem ouvidos.

Nenhum outro som ou palavra saiu de suas bocas enquanto se beijavam ardentemente.

Dario a colocou no chão e desabotoou seu vestido jogando-o ao chão. Para sua surpresa, Georgina estava linda, apenas exibindo uma minúscula calcinha de renda branca. Ele a segurou pelos cabelos castanhos e ficou por alguns segundos contemplando seus seios pequenos e durinhos.

— Perfeita! — sussurrou arrancando um sorriso dela.

Ela retirou a camiseta de Dario e alisou seu peito musculoso. Beijou lentamente seu peitoral como se estivesse o adorando. Ele se livrou de suas calças e botas, a agarrou levando-a até um fardo de feno no canto do celeiro. Para não machucá-la, estendeu sua camiseta e a deitou.

— Isso parece tão errado — ela sussurrou.

— Talvez porque seja — disse e a beijou.

Sua mão vagueava por toda a extensão do corpo frágil dela enquanto ela o mantinha ali, preso em seus lábios ardentes.

— Dario, eu...

— *Shhh!* Agora não, meu amor. Agora não. — Ele a calou com um beijo.

Georgina arqueou no exato momento em que ele tocou seu clitóris. Os dedos massageavam com urgência seu ponto sensível e ela gemia.

— Como eu senti falta disso. De ouvi-la gemendo para mim.

Ela sorriu.

Dario já não aguentava. Precisava tê-la por completo. Suas mãos foram para os seios dela em segundos. Ele os apertou e os chupou lentamente.

Traçou trilhas de beijos por todo o corpo esguio dela até chegar em sua púbis. Dario cogitou parar ali, mas a vontade de sentir o gosto de sua amada depois de tantos anos, o fez vacilar. Ele passou levemente a língua no clitóris encharcado e ficou satisfeito em descobrir que ela ainda tinha o mesmo gosto de quando era *dele*! O sentimento de posse surgiu ainda mais forte. Ele a queria e a teria de volta.

Dario se afastou pensativo.

A olhou ali, de olhos fechados, se contorcendo por seus toques e gemendo como uma gata no cio.

Sem demorar, introduziu seu membro rijo dentro dela e estocou forte dando tapas em sua boceta, reivindicando-a de volta para ele.

Ela entendeu cada palavra não dita por ele em seus atos possessivos.

Georgina ainda o amava, nunca deixou de amá-lo. Mas não gostava do jeito que era tratada por ele. Se sentia diminuída. Humilhada. E não apenas no sexo. Por longos anos, ela sofreu com a personalidade forte dele e sua possessividade desenfreada devido ao ciúme doentio que foi o estopim para o fim da relação.

Ele a virou de costas, enrolou os cabelos compridos em seu punho e bateu forte em sua bunda enquanto a penetrava.

— Dario, não! — ela reclamou. — Pare. Por favor, pare! — Ela se debateu, afastando-se dele.

Amuada, se encolheu sobre o feno.

— O que foi? — Ele parecia perdido.

— Isso é um erro. Me desculpe, eu não sei como fui deixar isso acontecer — disse constrangida.

— O que é um erro? Nós nos amamos? Georgina, eu amo você. Sempre soube disso. Estou disposto a perdoá-la se voltar para mim.

Ela pareceu indignada pelas palavras.

— Perdoar-me? — rosnou. — Não acredito que disse isso.

— Você me traiu com aquele babaca — disse enraivecido.

— Não te traí. Nunca te traí e você sabe disso.

— Peguei vocês dois transando. Isso não parece traição pra você? — se alterou.

— Estávamos separados, Dario.

— Você estava. Nunca disse que queria me separar de você. Não tinha lhe dado permissão pra me deixar — gritou.

— Viu? É disso que estou falando. Foi um erro estar aqui — disse com a voz embargada e se levantou atrás de suas roupas. — Você sempre se achou o dono do mundo, das pessoas... Nunca procurou saber como eu me sentia em relação a isso.

— Não é verdade — rebateu.

— Sim. É sim. Nossa relação foi dominada por você o tempo todo. Tudo girava ao seu redor. Tudo tinha que ser pra você, por você. Não sou sua cachorrinha, Dario. Não pode mandar e desmandar em mim quando quiser — disse aos prantos.

— Georgina...

— Desculpe-me. Eu amo você, Dario, mas não posso conviver com esse seu jeito. Não consigo — disse triste.

— Podemos dar um jeito. Se separe dele e volte pra mim. Eu sei que sou turrão, mas podemos dar um jeito. — Ele se desesperou.

— Não. Não podemos. Não sei o que me deu. Eu sinto muito por isso.

— Você não terá outra chance, Georgina. Hoje, eu ainda estou aqui pra você. Amanhã, eu não estarei mais.

— Então, não espere por mim — disse terminando de se vestir e saiu, deixando-o nu e sozinho no celeiro.

Atordoadado, ele se recompôs e se vestiu. Olhou para Sherry, que parecia observá-lo e saiu.

Furioso, Dario cavalgou em Thor como um selvagem. Acontecimentos passados vieram como um *flash* em sua mente, mas, ele manteve-se firme, inalterado e com seu ar imponente de sempre. Ele foi até o lago, onde ficava com ela, e lá, prometeu que a esqueceria de vez. Queria poder apagar de sua mente tudo que vivera com ela. Ele se sentia um miserável sem amor, sem carinho, sem nada. Ficou ali por horas, com o sol batendo em seu rosto, mal percebeu como as horas passaram. Dario só se deu conta de como era tarde, quando o sol começou a se pôr e o céu ganhou um tom arroxeadado.

Ele se levantou da beira do lago e caminhou até Thor.

— Vamos para casa, garoto — disse com ar triste. Subiu em seu cavalo selvagem e cavalgou de volta para a fazenda.

Na estrada, no limite de suas terras, a caminho da mansão, Dario levou um susto ao ver um corpo jogado no mato.

Ele cavalgou ainda mais rápido se aproximando com cautela. A surpresa ao ver o corpo de uma mulher, o fez saltar do cavalo às pressas. Ele correu até ela, olhou para o rosto encoberto pelo sangue e constatou ao sentir sua pulsação que ela estava viva.

Dario retirou o celular do bolso e discou para Ryan, que o atendeu logo no primeiro toque.

— Dario? Algum problema?

— Preciso da sua ajuda. Estou na entrada da fazenda e preciso que venha com a caminhonete me

buscar.

— Estou indo.

— Ryan...

— Diga.

— Traga o Dr. Peterson.

— Alguma coisa com o Thor?

— Não. Mas por ora, o Dr. Peterson irá ser de grande ajuda. Não demore, por favor. — Dario desligou.

Preocupado com o estado lastimável da moça e curioso para saber sua identidade, ele procurou nos bolsos da calça dela algo que pudesse dizer quem era a bela loira machucada à sua frente. Porém, não encontrou nada. Nenhum RG, carteira de motorista ou algo que pudesse identificá-la. Era apenas uma mulher, vestida num jeans, miniblusa branca de seda, ensanguentada, e, ao seu lado, havia um *Louboutin* preto.

Dario franziu o cenho para os sapatos.

“Que mulher usaria salto alto, numa estrada de terra, no Texas”, indagou para si mesmo. De uma coisa ele sabia, definitivamente, ela não era das redondezas.

Ele olhou, mais uma vez, para ela analisando as marcas de seus machucados. Ela parecia ter levado uma bela surra. Nos braços havia marcas de dedos e no rosto, uma marca levemente esverdeada abaixo dos olhos. Quem quer que tenha dado uma surra nela, já fazia alguns dias, porque a coloração dos hematomas não deixava dúvidas. Já o pequeno corte na cabeça, de onde escorria sangue, era fresco. Então, Dario constatou que ela havia acabado de ser atacada por alguém.

“Quem será que teve a coragem de machucar você desse jeito?”, pensou. Lentamente, a mulher abriu os olhos. Dario se assustou ao vê-la olhando-o com medo. Ela começou a ficar agitada e a gemer com a dor.

— Fique quieta! Estou aqui para ajudá-la — disse tirando a camiseta e colocando-a debaixo da cabeça da moça, ajeitando-a com cuidado.

Os olhos azuis intensos da estranha o prenderam completamente. A intensidade do olhar o deixou inquieto a ponto de desviar os olhos dos dela.

Dario já conseguia ver a caminhonete se aproximando.

— Quem é você? — ela perguntou com dificuldade.

Dario olhou para ela.

— Quem eu sou não é importante, mas sim, quem é você!

A mulher tossiu e gemeu.

Quando foi perguntar outra vez quem ela era, a moça fechou os olhos e Dario sentiu o corpo

relaxado.

— Não, não, não... — disse desesperado sentindo a pulsação fraca da mulher. — Abra os olhos, abra os olhos!

A caminhonete parou e Ryan correu até eles.

— O que aconteceu?

— Não sei. Abra a porta da caminhonete. Vamos levá-la para a fazenda — Dario disse levantando a moça em seus braços.

O veterinário olhou assustado e disse:

— É uma mulher?

— Dã! Claro que é. Achou que era o quê? Um ET? — Dario disse grosseiro.

— Deveria ter chamado um médico. Sou veterinário.

— Vai examiná-la, e no caminho ligarei para um médico.

— Ela não me parece nada bem — Ryan disse olhando para ela e Dario, que já estava com o peito e os braços cheios de sangue.

— Eu também não, se estivesse com esse corte enorme na cabeça — Dario rosnou e a colocou no banco traseiro entrando logo em seguida.

— Vamos para o hospital? — Ryan perguntou.

— Não. Dirija para a fazenda — Dario ordenou.

— Mas, Dario, ela precisa de cuidados médicos.

— Já disse. Vou levá-la para a fazenda. Agora vamos.

Ryan assentiu mesmo sabendo que aquilo era uma péssima ideia.

Capítulo 4

AMNÉSIA RETRÓGRADA

Apreensivo, Dario caminhou nervoso de um lado para o outro na sala, enquanto o veterinário da fazenda examinava a moça. Só depois de algum tempo, ele se deu conta de que havia deixado Thor para trás. Ele retirou o celular do bolso e ligou para Josh, um dos treinadores da escola de equitação, pedindo para que fosse buscar o seu cavalo.

Momentos depois, o Dr. Peterson entrou na sala com uma expressão não muito agradável.

— E então, como ela está? — Dario perguntou, aflito. Ele se sentiu um pouco desconfortável por estar de mãos atadas.

— O ferimento na cabeça não foi muito grave. O corte já foi suturado. A mulher tem vários hematomas pelo corpo, mas nenhum deles é recente. Está fraca, desidratada e tenho absoluta certeza de que, pelo estado de fraqueza em que se encontra, acabou desmaiando e, provavelmente, batendo com a cabeça em uma pedra. Não há sinais de violência. Então, pode-se descartar a hipótese de que tenha sido atacada por alguém.

— Anda fazendo suposições agora?

— Não são suposições. São fatos. Ela está bem machucada e, pela coloração dos hematomas, isso deve ter acontecido, no mínimo, há uma semana.

Dario ficou pensativo, pois também supôs que os machucados não eram recentes.

— E ela está bem agora?

— Está desacordada. Coloquei-a no soro e apliquei um analgésico para a dor, mas ela precisa ser assistida por um médico. Aconselho que a leve para um hospital. Também irá precisar de antibióticos e antitérmicos, porque está um pouco febril.

— Vou pedir para que o Ryan vá até o centro e traga os remédios necessários.

— Você não entendeu, Dario. Ela precisa de exames médicos.

— Isso eu resolvo — disse com arrogância. — Posso vê-la?

— Fique à vontade.

Dario passou por ele e subiu as escadas. Andou a passos largos pelo corredor até chegar em seu quarto. Abriu a porta e lá estava ela, parecendo frágil. Assim que chegou com ela em seus braços, não hesitou e fez questão de colocá-la em seu quarto e em sua cama, para que tivesse todo o conforto que precisasse. Ele poderia ter escolhido qualquer um dos quatro quartos de hóspedes, mas o dele

parecia mais apropriado.

Ao se aproximar, ele tocou de leve a mão da desconhecida; e ficou ali, olhando para ela, curioso, como se sua presença fosse despertá-la a qualquer momento. Ele podia até mesmo sentir as perguntas pairando no ar.

— Tem certeza de que ela está bem? — perguntou preocupado. O rosto da mulher já não estava mais parcialmente encoberto pelo sangue e, enfim, pôde ter o vislumbre de sua beleza delicada. Ele analisou calmamente os traços finos e delineados do seu rosto, que só fez com que confirmasse o que já suspeitava: ela tinha uma beleza jamais vista por ele; e seu estado só ativou seu modo protetor. Naquele momento, ele começou a se sentir responsável por tudo o que viesse a acontecer com ela. Porém, isso o deixou completamente assustado.

Dario observou sua respiração lenta. O modo como seu peito subia e descia enquanto respirava, sua boca entreaberta...

— Como ela está? — Ryan perguntou, enquanto entrou no quarto.

— Ainda não sabemos, mas me parece bem. — Ele tentou sorrir.

— O Dr. Emmett está aqui para examiná-la — Ryan disse, apontando para o médico a quem ele havia telefonado no caminho.

— Boa noite, doutor — Dario o cumprimentou.

— Essa é a moça? — ele perguntou, intrigado. — Quem a colocou no soro? — Ele olhou para todos no quarto.

— Eu pedi para que o Dr. Peterson, o nosso veterinário, a examinasse. Era uma emergência. Então, prestamos os primeiros socorros.

O médico se aproximou da mulher. Pegou em seus pulsos e conferiu o ferimento na cabeça.

— Precisei fazer uma sutura — o Dr. Peterson disse.

O médico seguiu olhando atentamente para os hematomas da moça, franziu o cenho e disse:

— Aparentemente, fizeram um ótimo trabalho. — Ele retirou do bolso uma pequena lanterna, levantou as pálpebras dela, examinando cuidadosamente. Suas mãos foram para sua blusa e, lentamente, a ergueu até a altura os seios. Com a ajuda do estetoscópio, ouviu seus batimentos cardíacos.

— E então? — Dario estava inquieto.

— Fisicamente me parece bem, mas precisamos fazer alguns exames.

Nesse momento, a moça gemeu e abriu os olhos lentamente. Dario se aproximou.

Ela piscava os olhos como se ajustasse a visão para a claridade do lugar.

— Onde estou? — Sua voz fina e suave ecoou pelo quarto.

O médico sorriu e disse:

— Você teve um corte na cabeça, mas já está sendo medicada.

Ela olhou para ele assustada e fitou sua veia que recebia o soro.

— Isso é apenas soro com analgésico — o Dr. Peterson disse.

Dario permaneceu calado, apenas concentrado na mulher.

— E-eu, e-eu não... — ela gaguejou, confusa.

— Precisamos de alguns dados seus. Tem alguém que possamos avisar sobre seu estado? — Ryan perguntou.

Ela olhou para Dario.

— Alguém? — sussurrou, ainda confusa. — Eu... eu não me lembro.

— Pode me passar o telefone da sua casa ou o endereço de algum familiar? — Foi a vez do médico perguntar.

Ela parecia distante, mas ainda encarava Dario.

— Família? Eu acho que não tenho uma — sussurrou.

Dario foi até ela e se sentou na beirada da cama.

— Pode me dizer seu nome?

Ela se encolheu, aterrorizada. Sua expressão de medo acendeu o alerta de Dario.

— O que fizeram comigo? Onde estou? Quem é você? — ela o bombardeou de perguntas.

— Eu sou Dario. Encontrei-a em minha fazenda caída no chão. Te trouxe para minha casa e pedi para um médico te examinar. Está segura agora. — Ele esticou a mão para tocá-la.

— Não me toque — disse ríspida enquanto se encolhia.

— Só estamos tentando ajudá-la. Podemos chamar alguém da sua família — Ryan falou.

— Eu, eu não consigo. Não consigo me lembrar — sussurrou, contorcendo o rosto numa careta estranha. — O que fizeram comigo? O que fizeram comigo? — ela elevou a voz assustando a todos.

Dario se afastou e perguntou ao médico, que a olhava intrigado:

— O que acontece com ela?

— Pode me dizer seu nome? — O Dr. Emmett se aproximou.

— Meu nome? Eu não sei o meu nome! Eu não... não consigo me lembrar. — Ela começou a chorar. — Meu Deus! Vocês entraram na minha mente? Apagaram minhas memórias? Como fizeram isso? — Ela se desesperou, tentando se levantar e foi contida por Dario.

— Acalme-se! — disse com uma autoridade, que a fez estremecer por dentro.

— Consegue se lembrar de como chegou até aqui? Seu nome, onde mora? — o médico

perguntou.

Ela apenas balançou a cabeça negativamente.

— O que é isso? Você disse que ela estava bem — Dario questionou o médico.

— Aparentemente, ela está tendo um episódio de amnésia. É comum em pacientes que sofrem esse tipo de trauma.

— Que trauma? Foi apenas um corte na cabeça — ele se irritou.

— Acalme-se, Dario — Ryan falou

— Ela nem se lembra do próprio nome — disse espantado.

— Dario, isso é extremamente comum. Após um trauma, o cérebro pode bloquear algumas memórias e isso é temporário.

— Bloquear algumas memórias? — Ele riu. — Dr. Emmett, pelo jeito o cérebro dela bloqueou todas. Desculpe-me, mas isso não é normal.

— Bom, ela precisa fazer alguns exames de tomografia, um raio-X...

— Não irei a lugar algum — ela disse com rispidez fazendo com que todos a olhassem. — Ficarei aqui até que a polícia venha me buscar. Pensa que eu não sei o que estão fazendo, mantendo-me presa aqui? E essas marcas em meu corpo? Terão que explicar isso à polícia — ela disse entredentes.

Dario ficou furioso com a sua ousadia.

— Vocês podem me dar licença? — pediu a todos, indicando a porta do quarto.

Ryan lançou um olhar redundante que dizia: "Não faça nenhuma merda!", e Dario entendeu completamente a sua preocupação.

Quando todos saíram, ele voltou a olhá-la.

— Bom, acho que começamos com o pé esquerdo. Ninguém aqui está te mantendo cativa — resmungou.

— Então, posso ir embora? — ela sussurrou um pouco mais calma.

— Claro que sim, mas ficará sob os meus cuidados até que recupere a memória. Depois, você poderá seguir com sua vida.

— Não pode me obrigar a ficar! — Ela pareceu abismada.

— Claro que posso. Está na minha casa e salvei sua vida. Portanto, fará o que eu quiser — disse rudemente, e saiu do quarto logo em seguida.

— E, então, ela está mais calma? — Ryan perguntou, mas Dario só tinha olhos para a ruiva parada à sua frente.

— Quem é ela?

— Essa é a Kristen, amiga do Johnny, que a partir de amanhã irá trabalhar conosco — Ryan falou.

— Venha cá, garota! — ele a chamou de um modo grosseiro e autoritário. — Preciso que suba até meu quarto e ajude aquela mulher a tomar um banho. Peça para a Melanie algumas roupas emprestadas.

Kristen ficou sem ação.

— Falei grego? — Dario a encarou.

— Claro que não, é que eu pensei...

— Então, vamos! Faça o que mandei. Não quero funcionários criando raízes na minha frente — disse entredentes. A moça ficou desconcertada. Subiu as escadas indo direto para o quarto.

— Você precisa parar de tratar os funcionários como se fossem seus escravos — Ryan bufou.

— Onde está o médico? — ele desconversou.

— Já se foi. Prescreveu alguns remédios e disse para levá-la ao hospital para que ele possa fazer alguns exames assim que possível.

— Josh encontrou o Thor?

— Sim, está no estábulo.

— Vou tomar um banho para tirar esse fedor. Nos vemos no jantar — disse, e saiu.

No quarto, Kristen tentava fazer com que a mulher tomasse um banho.

— Essas roupas devem servir em você — disse entregando a ela uma saia jeans curta e uma miniblusa. — Melanie disse que as roupas íntimas são novas. Não se preocupe.

A moça olhou para Kristen desconfiada.

— Você mora aqui? — perguntou curiosa.

— Ainda não. Vou me mudar amanhã. Hoje é meu primeiro dia de trabalho. — Ela deu-lhe um sorriso acolhedor. — Quer que a ajude a se levantar?

— Estou bem, obrigada — respondeu saindo da cama e arrastando o suporte do soro pelo quarto até entrar no banheiro. Prestativa, Kristen acendeu as luzes e ligou o chuveiro, medindo a temperatura até que a água estivesse morna.

— Estarei no quarto, se precisar — sussurrou.

— Obrigada.

A moça retirou a roupa e ficou analisando cautelosamente seus hematomas. Sua mão passou pelas marcas esverdeadas suavemente. Confusa, ela fechou os olhos tentando lembrar-se de algo. Sua mente estava em branco e não ter nenhuma memória anterior, a deixou em desespero.

Após o banho, ela saiu e olhou para Kristen, que a esperava ansiosa.

— Está bem melhor agora. — Sorriu. — O Sr. Craig pediu para que a levasse até a sala de estar. Logo o jantar será servido.

— Não estou com fome. — Ela fez uma careta.

— Posso ajudá-la em mais alguma coisa?

— Não — disse, e se deitou. — Adorei a cor do seu cabelo. — Ela conseguiu sorrir. Kristen corou.

— Vou deixá-la descansar. Com licença. — Saiu do quarto e fechou a porta atrás de si.

Ao descer as escadas, foi compelida por Dario a trazê-la para o jantar.

— Não me interessa se ela não está com fome. Ela vai comer e pronto! Diga que a espero e que ninguém comerá até que apareça — disse com certa dose exagerada de arrogância.

Kristen voltou ao quarto e tentou fazê-la mudar de ideia, inutilmente.

— Mas que petulante! — exclamou. — Se ele quiser, então que venha até aqui me buscar. Que homem bruto! — disse inconformada.

— Perdoe-me. Só estou fazendo o meu trabalho. E como pude ver, ele não vai sossegar até que você desça.

— Eu sei. Não estou em condições no momento.

Kristen assentiu e saiu do quarto um pouco sem graça.

— Desculpe-me, mas ela disse que está um pouco indisposta — mentiu para Dario. Os olhos dele faiscavam, porque detestava quando era contrariado. Porém, suspirou fundo e calou-se.

— Kristen! — Johnny entrou na sala carregando um violão.

Ela abriu um enorme sorriso ao vê-lo.

— Está pronta? Vou ajudá-la com sua mudança e amanhã mesmo traremos tudo para cá.

— Não tenho nem como agradecer. — Sorriu encantada pela preocupação que ele tinha com ela.

Dario olhou para os dois e pensou em dizer algo, mas preferiu manter-se calado. Em outra oportunidade, ele conversaria com os dois sobre como se manterem focados no trabalho, nos horários de serviço.

Após o jantar, Ryan se retirou para seu quarto deixando Melanie e Dario a sós.

— O que você achou da mulher? — Melanie perguntou curiosa, enquanto remexia sua comida.

Ele ficou por alguns segundos pensativo, mastigando um pequeno pedaço de carne.

— O que tenho pra achar?

— Não sei. Não acha estranho ela ter perdido completamente a memória? Nunca fiquei sabendo

que uma pessoa perdesse cem por cento a memória após um tombo ou uma pancadinha na cabeça — debochou.

— Hummm... — resmungou.

— E se ela for uma criminosa procurada pelo FBI? Ou pior, uma psicopata como daquelas séries de tevê? — Arregalou os olhos, realmente preocupada.

— Não viaja, Melanie. Ela irá se lembrar. E quando acontecer, ligaremos para sua família e ela irá para casa.

— Irá mantê-la aqui? Está louco?

— E por que não deveria? Ela está frágil e machucada. E, além disso, pode estar encrencada. Só quero ajudá-la.

Melanie o encarou.

— Se sente atraído por ela, não é? — ela zombou.

Ele soltou um suspiro pesado.

— Já está tarde. Melhor ir dormir. — Ele se retirou da mesa.

Melanie sorriu, mas, no fundo, uma ruga de preocupação pairou em seu rosto. Como poderia ficar tranquila com alguém que não se lembrava do próprio nome? Ela se sentiu tensa, embora preferisse aceitar o julgamento do irmão. Se Dario acreditava que ela era apenas uma doce mulher indefesa, então ela era isso.

Já era de madrugada quando Dario saiu do quarto de hóspedes em que estava dormindo e desceu as escadas. A penumbra era vista enquanto descia vagarosamente. Com insônia, se jogou no sofá macio e lá ficou pensando no que faria para ajudar a pobre mulher. Os olhos azuis da moça invadiram seus pensamentos. Ele tentou afastar a imagem dela de sua mente, mas falhou miseravelmente.

A casa estava em completo silêncio. O único som que se ouvia era dos ponteiros do relógio da sala.

Momentos depois, o barulho de uma porta rangendo o deixou em alerta. Alguns passos lentos podiam ser ouvidos por ele, até que, então, um vulto surgiu na escada.

Era ela.

Ainda deitado no sofá, ele acompanhou o movimento da mulher descendo silenciosamente. Ouviu quando ela esbarrou no aparador e vociferou baixinho. Ele riu. "O que ela está fazendo?", pensou. De onde estava, na escuridão total, era impossível dela percebê-lo. Porém, ele ficou apenas observando o que ela faria.

Quando ela tocou a maçaneta da porta e tentou girar a chave, Dario acendeu as luzes e disse com sua voz forte e imponente:

— Que diabos pensa que está fazendo?

A moça se retesou no lugar, mas não antes de quase enfartar de susto.

— Jesus! Quer me matar? — ela ofegou.

Ele a observou por completo, conforme se aproximou.

Ela tinha os olhos arregalados, a cor pálida em seu rosto a denunciava: ela não queria ter sido descoberta. Ele a mediu da cabeça aos pés. A moça estava imprensada na porta, com as mãos ainda na maçaneta, esperando ouvir o que ele tinha a dizer. Mas, para a sua surpresa, ele não disse nada. O olhar magnético de Dario a deixou sem reação. Era como se ele tivesse penetrado em sua alma e visse através dela.

— E-eu só ia tomar um ar — ela sussurrou nervosa.

— Mentira! — ele disse com firmeza e caminhou até ela ficando bem próximo de seu corpo. De alguma forma, Dario conseguiu sentir o cheiro do medo que emanava de suas entranhas.

— Por que me toma como um idiota? — disse entredentes. — Está na cara que iria fugir.

— Nã-não. Claro que não. — Ela segurou a respiração.

Ele se aproximou ainda mais até que seus corpos estivessem quase colados, deixando a moça intimidada pelo seu porte físico e seu olhar ameaçador.

— Não iria muito longe vestida desse jeito. — Analisou as roupas curtas. — Está descalça com os sapatos na mão — sussurrou olhando para os pés delicados e pequenos com as unhas pintadas de vermelho, embora o esmalte estivesse gasto. Ele sorriu.

— Desculpe-me, mas só queria tomar um ar. Disse que não sou uma prisioneira, então achei que não teria problema. — Ela tentou se recompor.

— O único problema aqui, moça, é você achar que pode me enganar com essa carinha de anjo. — Ele sorriu torto. Esticou os braços sobre ela e trancou a porta retirando as chaves logo em seguida, colocou-as no bolso da calça e enfatizou: — Já disse que só irá sair dessa fazenda, após recuperar a memória. Se tentar fugir, tenha em mente que irei atrás de você. Boa noite! — sussurrou em seu ouvido, sorrindo de modo cínico. Em seguida, apagou as luzes, deixando a pobre mulher desorientada e sozinha com seus pensamentos.

Capítulo 5

QUEM É ESSA MULHER?

Passava das dez da manhã quando a desconhecida acordou. Assustada, ela vagava pelo quarto. A noite inteira teve pesadelos e alguns *flashbacks* invadiram sua mente. A imagem dela sentada e amarrada numa cadeira de madeira no meio de um porão escuro e sujo, deixaram dúvidas: seria real ou era apenas um sonho do qual não deveria se preocupar? Mesmo assim, ainda seguia sem se lembrar de quem era, ou o que fizera aparecer desacordada e machucada naquela fazenda. Essa família seria tão boa que realmente só queria ajudá-la? Essas e outras perguntas pairavam em sua mente vazia. Na dúvida, resolvera arriscar. Dario a deixava desconcertada, mas, em hipótese nenhuma, amedrontada. Seu temperamento era tão explosivo quanto o dele, apenas com uma diferença: ela sabia como lidar e tratar as pessoas, e Dario parecia um homem chucro, rude, mas que acendeu um pequeno alerta em seu interior. Era o tipo do homem que deveria manter-se afastada. Silenciosamente, ela procurou por uma toalha e foi tomar um banho. Colocou a mesma roupa da noite anterior e desceu para o café da manhã. Já que não podia ir embora, como Dario deixou bem claro, ela achou que seria bom ser cordial e agradecer pela hospitalidade e pelos cuidados.

— Bom dia. — Ela sorriu para a senhora de meia-idade que lavava a louça. — Todos ainda estão dormindo? — Olhou em volta e achou estranho a casa estar tão silenciosa.

A senhora de cabelos parcialmente grisalhos virou-se para ela e respondeu:

— Aqui o povo acorda com as galinhas, moça. Porém, hoje, apenas o senhor Dario está trabalhando.

Ela sorriu e puxou a cadeira de madeira para se sentar.

— Em que dia da semana estamos?

— Domingo — a empregada disse e a moça franziu o cenho.

— Eles trabalham aos domingos?

— Aqui não tem disso não. O senhor Dario, principalmente, não consegue ficar parado. — A senhora abriu um sorriso amarelo.

Ela pegou a jarra de café e despejou o líquido em sua xícara. Cortou os pães e uma fatia do bolo de fubá cremoso.

— Bom dia! — Johnny entrou na cozinha se espreguiçando, vestido apenas com um *short* largo de dormir. Sua tatuagem de dragão exposta nas costas chamou a atenção da moça.

— Bonita tatuagem — disse abrindo um sorriso.

— Obrigado — disse, e sentou-se ao seu lado. — Como está hoje? Pela sua aparência, vejo que está bem melhor. — Ele se serviu de um pouco de café preto e panquecas com mel.

— Fisicamente estou. Apenas sinto um pouco de dor de cabeça. Quanto à memória... — Sorriu, e levou as mãos à cabeça. — ainda está um completo vazio.

— Não imagino como seja não se lembrar de nada, inclusive de si próprio.

— É...

— Como devemos chamá-la?

— Me chame apenas de você. — Ela riu.

— Bom dia, Vera, Johnny... — Ryan entrou na cozinha. — Bom dia, moça. — Ele abriu um sorriso encantador. — Vejo que está com uma aparência bem melhor.

— Sim. Graças a vocês, que me encontraram e me ajudaram trazendo-me para cá. Eu não consegui agradecer antes, então... obrigada.

— Não tem o que agradecer. Era o mínimo que podíamos fazer. Foi Dario quem a encontrou desacordada no meio da mata. Precisava ver o desespero dele, nunca o vi tão atordoado.

— Não vai tomar café, meu filho? — a empregada perguntou.

— Não, Vera. Tenho uma entrevista daqui a pouco. Se Dario perguntar por mim, diga que estarei no escritório.

— Vocês, jovens, sempre deixando a alimentação em segundo plano. — Ela balançou a cabeça negativamente.

— E você, já sabe quando vai para casa? — Johnny perguntou para a mulher, porém Ryan chamou sua atenção.

— Ainda não pensei sobre isso. De qualquer forma, seu irmão foi bem categórico: não vai me deixar ir até que me lembre de algo ou pelo menos meu nome. — Ela deu de ombros.

— Ele disse isso? — Ryan franziu o cenho juntando as sobrancelhas.

— Mas ele não pode fazer isso — Johnny resmungou comendo um pedaço de bolo.

— O que é que eu não posso fazer? — A voz irritada de Dario fez todos se calarem. — E então? O que é que eu não posso fazer? — insistiu. Caminhou lentamente como uma raposa silenciosa e parou na cadeira atrás da moça. Apoiou suas mãos no encosto e curvou-se até que seu rosto estivesse próximo ao ouvido da bela mulher. — Pelo visto, a senhorita acordou bem disposta.

Ela se contraiu em sua cadeira deixando transparecer seu nervosismo.

— Não pode simplesmente prendê-la aqui, Dario. Está maluco? — Ryan disse perplexo. — Querida, você está livre para ir quando quiser. Isso aqui não é uma prisão. Desculpe o jeito bronco do meu irmão. Às vezes, acho que ele tem problemas.

Dario o fuzilou com o olhar.

A moça olhou atentamente para Dario, enquanto ele se movia pela cozinha. Quando ele a olhou, ela desviou o olhar. O olhar dele era frio, porém, havia algo nele que a deixou inquieta.

— Já disse a você que não é uma prisioneira aqui. Talvez não tenha perdido só a memória e sim o entendimento também. Acha que o que eu digo é difícil de compreender? — Sua voz saiu tão calma que até os seus irmãos ficaram em alerta.

— Não disse que era uma prisioneira. Apenas que você não iria me deixar ir enquanto eu não recuperasse a memória. Então, eu pensei e você está certo, é perigoso mesmo eu sair nesse momento em que mal sei quem sou — ela disse sem lhe dirigir o olhar.

— Ótimo. Estamos conversados e é assim que eu gosto. Manda quem pode e obedece quem tem juízo. — O seu tom de sarcasmo não passou despercebido por Ryan.

Dario olhou para todos e se retirou levando consigo sua arrogância e prepotência.

— Quer saber? Acho que nosso irmão anda passando tempo demais com os animais. Ele tá pior que um cavalo — Johnny comentou fazendo todos rirem, menos Ryan, que realmente se preocupava com as atitudes controladoras e autoritárias do irmão.

— Ele é sempre assim? Estúpido? — ela perguntou.

— Bem-vinda à selva, minha linda. — Johnny riu, jogando nela um pedaço de bolo fazendo-a rir. — Se eu for descrevê-lo para você, enumerando todos os defeitos do meu irmão mais velho, me faltarão dedos.

— Só tente não irritá-lo. Ficaré mais segura se ficar longe dele. — Ryan riu.

— Seu irmão me dá medo, cruze!

— Bom, o papo está bom, mas eu tenho uma linda donzela de cabelos de fogo me esperando para fazer sua mudança. — Johnny se levantou e deu um último gole em seu café. — Nos vemos no almoço.

— Eu também preciso ir. Se quiser, pode ficar na sala de tevê. Tenho ótimos filmes. Qualquer coisa, só pedir ajuda para um de nossos empregados — Ryan disse retirando a chave da caminhonete do porta-chaves.

— Obrigada. Acho que prefiro tomar um ar fresco. Vou andar pela fazenda, conhecer um pouco.

— Que seja. Se precisar de alguma coisa, não hesite em me falar. — Ele sorriu.

Depois que todos se foram, ela se levantou para explorar a propriedade. Ficou algum tempo no jardim contemplando a beleza do lugar. Sentou-se na beira da piscina e ficou por ali com os pés emergidos na água tentando se lembrar de algo. O sonho ainda a atormentava. O sol começou a esquentar sua pele sensível e o calor se tornou quase insuportável. Ela se levantou e caminhou mais um pouco. Seus cabelos grudaram em seu pescoço com o suor. Fez, então, um coque no alto da cabeça e prendeu com os próprios fios de seu cabelo loiro. Ela avistou um pequeno celeiro e ficou curiosa para saber o que mantinham ali. Se aproximou e adentrou no lugar. Não se surpreendeu em encontrar tudo organizado, mas estranhou ao ver uma égua.

— Olá! O que faz aqui? — Se aproximou de Sherry tocando em sua pelagem.

A égua pareceu gostar dela. Se aninhou carinhosamente e seus olhos brilharam.

Ela olhou ao redor e percebeu que alguém acabara de sair do recinto. A água estava fresca e a ração ainda intacta. Sorriu para Sherry e continuou analisando o lugar. Ela encontrou a sela da égua em cima de uma mesa de madeira e um pensamento totalmente insano, invadiu sua mente.

— Será que o senhor arrogante me mataria se montasse em você? — perguntou para Sherry, divertida. — Ah, seria bom vê-lo surtar de raiva. — Riu internamente. — Mas hoje não, querida. Talvez amanhã, quem sabe. Prometo que voltarei aqui e daremos um belo passeio. — Ela a acariciou mais uma vez e deixou o celeiro.

— Se familiarizando com o lugar? — Melanie perguntou ao vê-la.

— Oi. Pensei em conhecer toda a fazenda hoje. — Sorriu.

— As roupas ficaram boas. Precisa de uma bota, não pode andar pela fazenda assim, descalça. — Melanie olhou para os seus pés.

— Só tenho um sapato de salto alto. — Ela deu de ombros e as duas riram.

— Vamos. Vou te emprestar uma bota e levá-la para conhecer o *haras*.

— Vocês têm um *haras*? — Ficou surpresa.

— Sim. Aposto que vai adorar.

As duas seguiram para a mansão de braços dados conversando como se fossem velhas amigas. Após se arrumarem, seguiram até o *haras* com o carro de Ryan.

Ao chegarem lá, a moça ficou encantada ao ver tamanha beleza. A leve brisa balançava seus cabelos lentamente e o cheiro que vinha das árvores invadiram suas narinas. Elas percorreram boa parte do lugar conversando animadas e rindo descontraídas.

— O que achou?

— Incrível! — exclamou maravilhada. — Melanie, isso aqui é lindo — suspirou olhando para os cavalos montados por seus treinadores.

— Só não passe da cerca. Alguns cavalos são selvagens e Dario preza muito pela segurança de todos.

— Adorei saber sobre a escola de equitação. Quem sabe eu possa fazer algumas aulinhas. — Ela riu.

— Não acho que irá querer. O professor é meu irmão, Dario — disse Melanie olhando para a expressão horrorizada da moça.

— Dario? Ensinando pessoas a cavalgar? E ele tem paciência para isso? Ele me pareceu tão...

— Não. Ele não tem paciência. Só quando são alunas safadas que querem se jogar para cima dele. Aí ele arranja paciência.

— Mulherengo?! — Ela se surpreendeu.

— Não viu nada. Preciso voltar, tenho que ir até a cidade na casa de um amigo.

— Hum, vou ficar por aqui. Depois dou um jeito de voltar.

— Tem certeza?

— Vou ficar bem, pode ir.

— Até mais — disse Melanie, e saiu em direção ao carro.

Ela acenou para Melanie e continuou a explorar. O enorme estábulo lhe chamou atenção. Curiosa, quis saber o que havia lá dentro.

Ao abrir a pesada porta de madeira, se deparou com um corredor enorme e várias baias uma ao lado da outra. O lugar era um pouco escuro, mas deu para ver perfeitamente que ali era o local que a família mantinha os cavalos. Ela andou lentamente olhando para todas as baias e riu curiosa ao ver o nome de todos os cavalos estampados numa plaquinha de bronze. Quando ela passou pela baia de Thor, o nome lhe causou curiosidade. Segurou a fechadura de ferro e virou o pino que a sustentava fechada. Assim que entrou e viu o cavalo negro selvagem, sorriu.

— Uau! — sussurrou ainda petrificada olhando para os olhos intensos e negros do cavalo. Fechou a porta e se aproximou de Thor.

— Você é muito lindo, sabia?

Thor pareceu não notar a presença da moça. Estava confortável ali, em seu lugar.

Ela olhou em volta, viu vários fardos de feno, ração... Caminhou até a janela que dava para fora do estábulo e viu o enorme bebedouro fixado à parede que ia de ponta a ponta do lugar.

Assim que ouviu passos e o barulho da porta do estábulo se fechar, ela se assustou. Quem quer que fosse, talvez não iria gostar de pegá-la ali, no meio dos animais. Rapidamente, se escondeu atrás de um fardo de feno que ainda não havia sido desfeito e rezou para que não a vissem ali.

Assim que abriram a porta da baia de Thor, ela tentou segurar a respiração para fazer o mínimo de barulho possível.

— Thor, amigão, como você está hoje? Vamos dar um passeio? — A voz de Dario a deixou nervosa. — Está quieto hoje. O que foi? Saudades da Sherry? Logo, logo, ela estará aqui com você — disse todo carinhoso.

— Professor? — Uma voz feminina chamou sua atenção. Encostada na porta, estava Micah.

— O que faz aqui? — perguntou ríspido.

— Vim dizer que já fiz minha matrícula e que amanhã iniciarei as aulas. — Ela sorriu, se insinuando para ele.

— Ótimo. Até amanhã! — Desviou o olhar dela e encarou Thor.

— Sabe, professor, eu entendi naquele dia o senhor se fazendo de bobo para mim e minha

prima. Acho que preferia apenas uma de nós, não era?

A morena se aproxima dele com passos sensuais desabotoando os botões de sua camisa xadrez.

— O que pensa que está fazendo, garota? — Dario soou irritado.

— Vai me dizer que o senhor não gosta? — Retirou a blusa expondo seus seios.

Dario deu um suspiro profundo.

Enquanto isso, a moça permanecia escondida atrás do feno, abismada com a cena que via.

— Eu sei do que o senhor gosta e eu posso te dar.

— Não, não pode.

— Gosta de estar no controle, de mandar, gosta que as mulheres se submetam a você. Eu gosto disso também — o provocou.

“Que vadia!”, a moça pensou.

— Escuta, Micah, você é apenas uma criança.

— Ai, não venha com essa de ter idade para ser meu pai. Sou maior de idade e quero tê-lo entre minhas pernas, será que deu para entender?

Ela seguiu retirando o resto da roupa e jogou sua calcinha em cima dele. Se aproximou como uma predadora e levou a mão direto até seu pênis apertando-o com vontade. Instantaneamente, seu pau enrijeceu e ele já não tinha mais controle sobre ele.

— Merda! — praguejou.

— Estou aqui pra você, Sr. Craig.

Dario a pegou pelo cabelo e puxou fortemente.

— Antes de tudo, quero que saiba que não costumo ser delicado e nem tampouco romântico — disse entredentes ao ouvido de Micah.

— E quem disse que espero por delicadeza? Eu quero sexo quente, sujo e suado — ela respondeu com os olhos flamejando de desejo.

Dario levou sua outra mão até o sexo descoberto de Micah enfiando seus dedos dentro dela.

Ela gemeu.

— O jeito que você me terá, sou eu quem decido — disse rude, enquanto a penetrava com seus dedos de forma bruta. — Espere um minuto — disse, e retirou Thor da baia colocando-o na baia da frente e o trancou.

Dario adentrou novamente na baia de Thor trancando a porta sem quebrar a conexão com o olhar de Micah que estava deitada sobre o feno espalhado se tocando para ele.

— Levante-se! — ordenou.

Micah fez exatamente o que ele mandou.

A moça escondida rezava para que nenhum dos dois a pegassem ali, naquela situação ridícula e desconfortável. Não acreditava que havia se metido nessa roubada. Porém, a única coisa que poderia fazer, era ficar quieta apenas ouvindo aquela pouca vergonha dos dois.

Dario retirou o cinto de couro de sua calça e arrastou a moça até a porta da baia.

— Erga suas mãos e fique de costas — mandou. Ele amarrou as mãos de Micah entre as frestas que havia na porta da baia e assim que ela estava bem amarrada, caminhou próximo do lugar onde a moça estava escondida e pegou a chibata sobre o feno.

A moça se encolheu como um caracol para passar despercebida.

— Então, você gosta de sexo sujo? — Dario perguntou. — Não me parece com medo de estar amarrada.

— É porque não estou, senhor. Eu confio em ti.

A satisfação veio para ele com essa simples palavra: confiança.

— Então, não se importa se eu bater em você?

“Ai, Jesus! Ele é um louco?”, a moça começou a se preocupar.

— Não, senhor. Estou aqui para servi-lo.

Dario deu um meio sorriso e o primeiro golpe atingiu a pele nua de Micah.

O grito que ela deu mais parecia com um gemido.

A satisfação do controle, da confiança e da entrega que ela estava oferecendo a ele o excitou. Ele desferiu cinco golpes leves em sua bunda, mas que deixou um rastro de marca vermelha.

— Como sabia do que gosto? — perguntou se aproximando dela e jogando a chibata no chão.

Micah não respondeu.

Dario deu uma forte palmada em sua bunda e fez novamente a pergunta.

— Ouvimos muita coisa sobre você de algumas mulheres com quem esteve. Mas parece que nenhuma delas te entende, não é? — Micah sussurrou. — Somos iguais, Sr. Craig. Apesar de estar me submetendo agora, também gosto de estar no controle e que se submetam a mim. É uma troca que gosto de fazer no sexo.

— Está errada. E sabe qual é a diferença? Que não me submeto a ninguém. Vou foder você agora, mas não farei novamente. E sabe por que, Micah? Porque você não é o tipo de mulher que quero pra mim — disse com arrogância, não se importando nem um pouco com o que ela pensaria a seu respeito.

Micah sorriu e disse:

— O que deseja, Sr. Craig, uma escrava? Uma escrava sexual? — Ela riu. — Vai se

decepcionar. Não acho que alguém em sã consciência faria esse tipo de coisa. Ninguém é cem por cento submisso — disse enquanto ele retirava suas calças e colocava o preservativo.

Ele a pegou pelos quadris e sem aviso, a penetrou forte e duro.

— Você fala demais — resmungou.

A moça ouviu cada grunhido dele e cada gemido dela, totalmente horrorizada. Ela achava Dario um grosso, mas agora passou a considerá-lo como um maluco pervertido também. Sentiu repulsa das coisas nojentas ditas por Micah enquanto ele a penetrava e da grosseria com que ele tratava a jovem, apesar de os dois se merecerem.

Ela não soube quanto tempo ficou ali, escondida, ouvindo os sons que eles faziam e o barulho dos corpos chocando-se um contra o outro. Apesar de estar horrorizada, a visão de Dario nu a deixou desconcertada. Ele era um homem forte e incansável, além de possuir uma beleza rústica e perturbadora.

De repente, o silêncio se fez e ela sabia que haviam terminado.

— Coloque suas roupas e dê o fora daqui. — A voz de Dario soou irritada.

Micah olhou para ele e assentiu sem dizer nada.

Quando ela ouviu a porta da baia ranger, esticou a cabeça para fora de seu esconderijo e analisou: eles tinham ido embora. Por via das dúvidas, ela preferiu usar a janela para escapar daquela vergonha toda. Retirou as botas para não molhá-la e segurou nos dois lados da janela enfiando os pés no bebedouro.

— Droga! — praguejou ao escorregar e molhar seu *short*. Deu um salto para fora do bebedouro pisando sobre o chão de terra.

Olhou em volta e suspirou aliviada por não ter ninguém ali em volta que pudesse vê-la naquela situação. Passou a mão nos cabelos num gesto nervoso e correu para o mais longe dali.

Ofegante, enquanto corria para fora das terras, uma memória antiga invadiu sua mente.

Ela corria dentro de uma casa enorme e subia as escadas, desesperada. Um homem a perseguia. Ela se escondeu dentro do quarto fechado, embaixo da cama aos prantos. O homem arrombou a porta com violência e gritou:

— Não adianta se esconder, Esther. Sabemos que está aqui.

Ela se encolheu debaixo da cama enquanto pegava o celular no bolso. Discou para a emergência, mas, antes que pudesse pedir por socorro, uma mão forte a puxou arrancando-a de lá e logo após foi atacada por ele. Depois tudo ficou preto, como um imenso borrão.

Atordoada pela lembrança de uma parte de sua memória, ela se desesperou, começou a chorar e mal percebeu quando tropeçou e caiu no chão ralando seus joelhos.

Dario vinha cavalgando logo atrás e assistiu a sua queda.

Ele saltou de Thor e correu para ajudá-la.

— Está se sentindo bem? Se machucou? — perguntou aflito, analisando-a.

Ela apenas chorava. Porém, quando ele a tocou, ela gritou para que se afastasse.

— Não me toque!

— Ei! — ele tentou acalmá-la.

— NÃO ME TOQUE! ME LARGUE! — gritou ainda mais alto e descontrolada quando ele tentou levantá-la. Claramente, Dario viu que ela estava perturbada com algo.

— Está machucada! — ele rosnou.

— Eu posso me virar sozinha — disse de modo grosseiro e se levantou enxugando as lágrimas. Não conseguiu olhá-lo depois de tê-lo visto com a garota num ato íntimo. Seu rosto corou e ficou ainda mais nervosa.

— O que faz aqui? Por que não está em casa? Ainda não está totalmente recuperada e...

— Aaargh! Que se dane! — ela bufou e começou a correr para longe dele.

Dario piscou várias vezes não acreditando no que via. Meteu um sorriso no rosto e correu atrás dela.

Ao alcançá-la, ele puxou-a pela cintura para perto dele enquanto ela xingava e tentava em vão se desvencilhar de seu aperto forte.

— Vamos pra casa! — ordenou.

— Se não me soltar, vou gritar e dar queixa de você na polícia — disse, decidida.

— Então, tá... Foi você quem pediu por isso. — Ele a ergueu, jogando-a sobre seus ombros como um saco de batatas. Ela se debatia e dava socos em suas costas nuas.

Dario andou com ela até Thor e a jogou em cima do cavalo sem muita delicadeza.

— Você é um grosso!

— E você, uma maluca! — rebateu. — O que pensa que está fazendo, sua desmemoriada, saindo correndo por aí como uma louca? — se irritou.

Em seguida, montou em Thor e segurou as rédeas. Seu corpo colou no dela e sentiu quando ela se afastou dele.

— O que foi?

— Só não encoste em mim, tá legal?

Ele revirou os olhos.

— O que estava fazendo por aqui?

— *Camping* é que não era.

— Muito engraçadinha — disse. — Por que estava chorando? Lembrou-se de algo que a deixou

assustada?

— Não — mentiu.

— Estava tentando fugir?

— Estava perdida. Ficou contente agora? — A irritação na voz dela acendeu a curiosidade nele.

— Está doendo?

— O quê?

— Os joelhos. — Apontou para os joelhos ralados.

— Não.

— Tem certeza de que não se lembrou de nada?

— Quer dizer, acho que me lembrei de alguma coisa, mas não foi nada específico. — Ela franziu o cenho.

— E o que era?

— Estava correndo, me escondendo de alguém.

— Só isso?

— E também lembrei-me do meu primeiro nome. Não é muita coisa, mas...

— Como assim, não é muita coisa? — Ele sorriu. — Isso é ótimo. — E então? Fala!

— Falar o quê? — A voz de Dario tão perto dela, o cheiro, a forma como ele conduzia o cavalo, simplesmente a hipnotizou.

— Seu nome.

— Helena. Meu nome é Helena.

— Helena... — O nome pronunciado por ele, deu ainda mais veracidade.

— Posso ir embora agora? Já lembrei meu nome e quero partir hoje mesmo — disse, decidida.

Dario pensou por um longo tempo. Porém, em sua conclusão, chegou bem perto de concordar com que fosse embora e seguisse com sua vida. Contudo, algo nela despertava seu interesse, talvez quisesse desvendá-la, protegê-la ou até mesmo descobrir mais sobre a doce mulher de cabelos claros. Ele não sabia exatamente o que o puxava para ela.

— Não.

— Mas você disse que...

— Eu sei exatamente o que eu disse, Helena. Mas não vou deixar você sair daqui enquanto não se lembrar de como veio parar aqui. Você tem vários hematomas pelo corpo, a encontrei machucada e sinto-me responsável por você. Então, quando se lembrar e eu tiver certeza de que não corre nenhum perigo, poderá ir embora. Além do mais, não tem nenhum documento. Não pode sair por aí

como uma indigente.

Ela não disse nada. Seu pensamento estava em suas memórias, naquela casa sombria, e no nome que martelava em sua mente: Esther. Ele a chamou de Esther. Em que estaria metida? Seria realmente o nome dela?

“Esther, chamo-me Esther. Preciso descobrir quem sou, mas não confio nesse maluco pervertido, e se ele estiver envolvido?”, pensou, guardando para si esse segredo. Ela passaria a usar o nome falso que inventou apenas para se proteger.

Eles cavalgaram para casa, em completo silêncio.

Capítulo 6

AS NOVAS MORADORAS

Ryan estava completamente atrasado. Entrou em seu escritório na administração do *haras* e ficou envergonhado assim que viu a candidata à sua espera. Pigarreou e disse para a moça, que estava sentada na cadeira, de costas para ele:

— Desculpe-me pelo atraso.

Ela virou-se ao mesmo tempo que começou a se levantar.

— Bom dia, Sr. Craig. — Ela o analisou da cabeça aos pés. Vestido apenas com uma calça jeans clara e camisa azul-escuro, Ryan quase arrancou um suspiro da moça.

— Ryan. Pode me chamar apenas de Ryan — disse olhando atento para a bela mulher à sua frente. Loira, estatura mediana e magra, ela trajava um vestido claro e sensual, que deixava boa parte de suas pernas à mostra. A falta de maquiagem deixou seu rosto mais delicado.

— Prazer, sou Paige Butler. — Ela lhe estendeu a mão.

— Bom, Paige, já deve saber que preciso urgentemente de uma administradora. Você foi uma indicação e gostaria de saber se está disposta a trabalhar conosco — ele foi direto ao assunto.

Encantada pelo par de olhos azuis, Paige sorriu.

— Sim. Trouxe meu currículo. Me formei há pouco tempo na universidade de Harvard. Trabalhei em uma empresa de administração, mas, por motivos pessoais, tive que me mudar de Cambridge.

— Está bem longe de casa. — Ryan franziu o cenho olhando para o curto currículo de Paige.

— Sim. — Sorriu nervosa.

— 25 anos de idade? — ele perguntou.

— Sim.

— Filhos?

— Não.

— Estado civil?

Paige se sentiu desconfortável.

— Divorciada — respondeu mordendo os lábios. Sua expressão ficou tensa e Ryan percebeu

que sua pergunta fora inconveniente.

Vinte e cinco anos, linda e divorciada? Quem é o maluco?, pensou.

— Paige, atualmente trabalho sozinho e já não estou dando conta de administrar toda a fazenda. Temos um *haras* e o cultivo de Aloe Vera que exportamos para duas empresas de cosméticos. Não é muito trabalho, mas preciso de alguém competente e que tenha responsabilidade.

— Entendo.

Eles trocaram mais algumas informações e, então, Ryan se deu por satisfeito.

— Qual seria sua disponibilidade de trabalho?

— Tenho horários bem flexíveis.

— Ótimo. Preciso que comece ainda essa semana. Se aceitar o emprego, ele é seu. — Ryan a encarou. Ficou por alguns segundos contemplando a beleza delicada de Paige. Educada, comunicativa e simpática, além de extremamente sensual. Ryan quase não conseguiu esconder os olhares direcionados ao seu belo corpo, que parecia ter sido esculpido a mão. Seria a mulher perfeita para ele, exceto, por ser divorciada. Porém, ele ainda sonhava encontrar uma moça com quem pudesse ser o seu primeiro homem.

— Pode listar-me os benefícios?

— Claro. Aqui está. — Ryan deu-lhe uma folha listando tudo o que ela iria ganhar com o cargo de administradora.

Paige pegou o papel e começou a ler em silêncio.

“Salário: US\$ 12 mil dólares.

Vale alimentação.

Assistência médica.

Veículo.

Moradia.

Duas férias anuais.

Horário de trabalho: 7h às 16h.”

Paige suspirou e respondeu:

— Quando começo?

— Por mim, amanhã mesmo. Se estiver com tempo, gostaria de te mostrar toda a fazenda e explicar o funcionamento de tudo.

— Por mim, tudo bem. — Ela pareceu mais confortável.

— Ótimo. Vou pegar as chaves da caminhonete. Quero que conheça toda a propriedade e no caminho vamos conversando sobre meu método de trabalho.

— Senhor Ryan, quanto à moradia gostaria de permanecer em minha casa, se não houver problemas. Aluguei uma recentemente e...

— A moradia não está em discussão. Além disso, poderá poupar o dinheiro do aluguel, já que irá morar aqui, na fazenda.

— Mas não me sinto conf...

— Paige, preciso que fique na fazenda. Nos horários de folga, poderá sair e fazer o que quiser. Aqui é o Texas. Sabe que as tempestades são cruéis. E morando aqui, estará segura. O centro da cidade é longe e o trajeto perigoso.

Paige olhou para ele e sorriu com sua preocupação exagerada. Porém, concordou.

— Está certo.

Depois, eles saíram do escritório e entraram no carro.

Johnny estacionou a moto em frente à casa de Kristen. Pegou uma margarida no jardim do vizinho, caminhou apressadamente até a porta e apertou a campainha. Momentos depois, ela apareceu com um lindo sorriso estampado em seu rosto.

— Bom dia, linda! — Johnny sorriu dando a ela a pequena flor.

— Bom dia, meu *superastro*. — Piscou pegando a flor de suas mãos, levou-a até o nariz e inalou seu cheiro.

Ele a pegou pela cintura e a abraçou. Deu um leve beijo em sua têmpora afastando os fios de cabelos vermelhos que caíam sobre sua testa.

— Oi! — um garotinho ruivo gritou para ele, no meio da sala.

Johnny parou para olhá-lo.

— É seu irmão?

— Sim. Denny.

— E aí, garotão? Tudo em cima? Como vai a mudança? — perguntou olhando as caixas empilhadas. Não eram muitas, mas Johnny pôde ver que duas delas continham brinquedos.

Ele andou até a caixa maior que estava perto da janela e retirou um taco de beisebol.

— Fã dos Yankees? — perguntou intrigado, analisando o taco.

— Tá louco? Sou Red Sox. — O garotinho sorriu.

— Hum... Boa sorte lá na fazenda, então. — Johnny sorriu. — Somos todos Yankees.

— Ah! Vocês são umas bichinhas! — Denny riu.

Johnny não se conteve e caiu na gargalhada.

— Denny! — Kristen o repreendeu. — Peça desculpas agora. Não gosto desse tipo de comportamento. A mamãe não iria aprovar.

— Desculpe-me! — o garotinho disse, sem graça.

Quando Johnny se recompôs, disse:

— Tudo bem. Mas prometa-me que nunca irá falar isso perto do meu irmão Dario. Ele te colocaria de castigo no grão de milho, atrás da porta.

Kristen ficou horrorizada.

— É brincadeira! — Johnny gargalhou.

— Aquele seu irmão me dá medo — Kristen comentou.

— Dario tem aquele jeitão dele, mas é gente boa. Não irá maltratá-los. Eu garanto — disse, tranquilizando-a. — Já contratei um caminhão de mudança e deve chegar nas próximas horas.

— Então, é melhor nos apressarmos. Ainda temos muitas coisas para embalar.

— Minha irmã disse que você é um astro do rock. É verdade?

— Ela exagerou um pouquinho — Johnny sussurrou.

— Não exagerei não — Kristen gritou da cozinha.

— Sabe cantar Metallica? Eu gosto.

— Claro que sei. É minha banda favorita.

— Vou pegar minha guitarra. Você canta e eu toco, tá?

— Denny! Não perturbe! — Kristen gritou.

— Vai lá, garotão. Pega sua guitarra e vamos tocar o terror. — Johnny sorriu.

O garotinho saiu correndo pelo corredor da casa e, minutos depois, voltou com sua guitarra e entregou para Johnny.

— *Guitar Hero*? Sério?

O menino deu de ombros.

— A Kristen tem uma de verdade.

Johnny ficou interessado.

— Sua irmã sabe tocar guitarra?

— Fala sério! Ela toca e canta também. Mas depois que a mamãe morreu, ela não quis mais cantar. Só fica triste e, às vezes, a vejo chorar também.

Johnny sentiu compaixão.

— Eu vou fazê-la voltar a cantar, tudo bem?

— Agora?

— Hum, talvez. Agora, nós dois vamos tocar. Liga o game. Você tem algum microfone?

— Tenho.

— O que vocês estão aprontando? — Kristen gritou da cozinha.

— Nada! — Denny sorriu, e se escondeu atrás de Johnny como se estivesse fazendo algo proibido.

— Qual vai ser a música, campeão?

— *System of a Dawn*, de Chop Suey!

Johnny arregalou os olhos.

— Não era Metallica?

— O que foi? Não gosta de desafios?

Johnny ficou perplexo.

— Tem certeza de que você só tem cinco anos? — Riu.

— Ah! Para de choramingar. Você é o astro do rock, vai ser fichinha.

— Não. Essa música não dá. Ninguém consegue cantá-la. Isso não é de Deus não, moleque. — Johnny soltou uma gargalhada.

— É verdade. Eu nunca consegui também. Então, vamos de *I Desappear*, de Metallica.

— Vamos de Metallica! — Ryan concordou.

Assim que a música começou a tocar, os dois, vidrados na televisão, começaram.

Hey hey hey

Here I go now

Here I go into new days

Hey hey hey

Here I go now

*Here I go into new days
I'm pain, I'm hope, I'm suffer
Yeah hey hey hey yeah yeah
Here I go into new days*

Kristen apareceu na sala e sorriu ao ver seu irmãozinho se divertindo com Johnny. O garoto o olhava cantar como se fosse realmente um astro do rock, um ídolo. Os olhinhos brilhavam e ficou ainda mais empolgado, tocando sua *guitar hero*, acertando todas as notas e deixando Johnny orgulhoso.

Kristen ficou ali, parada, olhando para os dois, e imaginou como seria suas vidas daquele dia em diante. Algo estava acontecendo dentro do seu coração. Estar perto de Johnny, fazia com que tivesse forças para lutar, viver e seguir em frente.

Kristen foi até o quarto e pegou sua guitarra. Voltou para a sala e ficou ali, vendo-os tocar e cantar.

Quando acabaram, ela os aplaudiu e sorriu dizendo:

— Agora é a minha vez, meninos!

Johnny se afastou e a olhou curioso. Tão delicada, porém, tão firme e decidida. Seus cabelos vermelhos estavam presos num coque mal feito e estava vestida apenas de calça jeans e miniblusa preta com um *All Star* vermelho nos pés.

Quando a música *Dreams*, de The Cranberries, começou, e a voz de Kristen soou delicadamente, Johnny sorriu. As notas eram acompanhadas por Denny em sua *Guitar Hero*, enquanto Kristen dava um show em sua *Fender Stratocaster* vermelha e preta, cantando como uma diva.

*“Oh, my life is changing everyday
In every possible way
And my dreams it's never quiet as it seems”...*

Ela olhou para a cara abobalhada de Johnny e piscou enquanto cantava.

“Se eu tinha alguma dúvida de que essa mulher foi feita para mim, agora, já não tenho mais. Ela é minha, e é meu número”, pensou sorrindo.

Na fazenda, Helena se jogou na cama ao entrar no quarto. Após o almoço, ela se isolou e não quis falar com ninguém. Todos ficaram felizes em saberem que ela lembrou do seu primeiro nome.

Suas memórias ainda a atormentavam. Tentou dormir, mas era quase impossível. Ela queria descobrir quem era e por que o homem que a perseguiu naquela casa a chamou pelo nome. Devia ser

alguém que ela conhecia, ou que a conhecia. Ficou repassando diversas vezes as imagens que insistiam em atormentá-la, mas não conseguiu se lembrar de mais nada.

No fim da noite, ela desceu e se reuniu com os outros na sala de tevê. Johnny estava arrumado e logo se despediu dizendo que iria dar uma volta com Kristen, após terminar de ajudá-la em sua nova casa.

Ryan também se levantou logo do sofá e, irritado, disse:

— Melanie disse que não demoraria a voltar. Já passa da meia-noite e nada dela.

— Eu ainda ficarei por aqui. Se quiser ir dormir, eu espero por ela — Dario respondeu.

— Tudo bem. Vou dormir, pois tenho muito trabalho amanhã. Boa noite, Helena, Dario.

— Boa noite — os dois disseram em uníssono.

Assim que Ryan saiu, Helena se sentiu desconfortável em ficar sozinha com ele, porque as imagens de Dario nu, invadiram sua mente e ela corou.

— Eu também vou dormir.

Quando ela se levantou, Dario a segurou pelo braço.

— Você ficou trancada naquele quarto a tarde toda. Você está bem? Quero saber, caso você sentir alguma coisa.

— Eu estou ótima — sussurrou.

— Vou ver um filme. Não quer ficar?

Ela ficou indecisa. A proximidade com Dario a deixava inquieta.

— Romance? — Ela arqueou uma sobrancelha.

— Tem medo de terror? Eu protejo você! — brincou.

— Não tenho medo de nada. — Sorriu.

— Quero matar meu chefe — Dario disse.

— O quê?

— O nome do filme. “Quero matar meu chefe”.

Ela riu.

— Sugestivo. — Helena mordeu os lábios.

— Ainda bem que não trabalha para mim. — Ele riu.

— Até que você não é tão mau quando está sorrindo.

— Eu nunca sou. Venha. Sente-se aqui. — Ele indicou o lugar ao seu lado.

Ela ficou parada como se estivesse cogitando a ideia de sair correndo. Por fim, ela se sentou ao lado dele.

— Será que posso ir até o centro amanhã? Gostaria de comprar algumas roupas... — Ela deu de ombros. — com o seu dinheiro. — Riu. — Prometo que pago assim que eu me lembrar do número e da senha da minha conta bancária — brincou.

— Está certo. — Sorriu, mais uma vez. — Precisa mesmo de outras roupas. Melanie é um tanto quanto exagerada — rosnou ao vê-la com um vestido curto de sua irmã.

— Tem pipoca nessa casa?

— Tem, por quê?

— Filme e pipoca: a melhor combinação que eu já vi na vida. — Ela riu.

— Achei que tivesse perdido a memória. Sabe o que é pipoca?

— Engraçadinho. Me fale onde fica, que volto com a pipoca prontinha.

— No primeiro armário do lado esquerdo da cozinha.

— Ótimo. Vai colocando o filme que já volto.

Helena saiu e voltou após alguns minutos. O cheiro de pipoca empestou a sala.

Dario deu início ao filme e, ao experimentar a pipoca, disse:

— Essa é a melhor pipoca que já comi em toda minha vida. O que colocou nela?

Ela sorriu e disse:

— Amor.

Dario gargalhou e se ajeitou no sofá para assistir ao filme.

— Apague as luzes — ela disse.

Em pouco tempo, os dois estavam rindo e conversando sobre o filme, além de estarem se divertindo. Falaram sobre eles e as coisas que gostavam de fazer. Ela ficou surpreendida ao saber que ele não tinha costume de assistir a filmes. Aquela era uma ocasião, excepcionalmente, especial.

O tempo passou e mal perceberam quando Melanie entrou e acenou para eles, seguida por Johnny. Quando estava perto do final do filme, Helena começou a se sentir sonolenta. Seu corpo aqueceu e começou a entrar num estado febril. Ela se aconchegou em Dario que, de início, não percebeu seu estado. Porém, quando o filme terminou, ele tentou acordá-la.

— Helena? Helena? — ele sussurrava.

Vendo que ela estava imóvel e com a respiração pesada, tocou nela e sentiu que sua temperatura estava alta.

— Helena?

Dario a deixou ali e foi até a cozinha pegar os analgésicos e antitérmicos. Voltou com os remédios e um copo com água.

— Helena?

— Hummm... — ela resmungou.

— Está com febre. Precisa tomar os remédios — disse preocupado.

Ela abriu os olhos e tentou se levantar.

Helena se sentou e tomou os remédios.

— Obrigada.

— Vamos. Vou acompanhá-la até o seu quarto.

— Eu posso dormir aqui? Minha cabeça dói.

— Nada disso. Vamos, levante-se.

— Hummm... — resmungou, sonolenta.

Dario passou as mãos por baixo do corpo dela e a levantou em seus braços.

— O que está fazendo? — perguntou confusa.

— Vou levá-la para seu quarto. Precisa tirar essa roupa e tomar um banho fresco para abaixar a temperatura do seu corpo, porque está muito quente.

— Já é tarde, faço isso amanhã — disse, enquanto era levada para o quarto. Os braços fortes de Dario estavam firmes ali. Ela ficou impressionada por sua força. Subiram as escadas e, quando ele adentrou no quarto, a colocou delicadamente na cama e seguiu para o banheiro. Ligou a banheira com água fria e voltou dizendo:

— Tire a roupa. Vou dar um banho em você.

Helena olhou assustada para ele e disse:

— Mas nem morta. E se tentar chegar perto de mim, eu grito.

Dario se aproximou da cama, cruzou os braços e disse exasperado:

— Que seja. Vamos, estou esperando.

Capítulo 7

UMA NOVA AMIGA

Dario encarou a mulher. Irritado com sua reação que julgava ser infantil, disse entredentes:

— Vamos, Helena, estou esperando. Você está com febre e precisa baixar a temperatura do seu corpo.

— Não vou tirar minha roupa pra você. Isso é... isso é um absurdo! — reclamou, e se encolheu na cama.

Dario bufou e deu dois passos largos até ela.

— Você quem pediu por isso — rosnou. Dario pegou Helena no colo e a levou até o banheiro. Ela protestou por todo o caminho e soltou um grito esganiçado ao ser colocada na banheira ainda vestida.

— Seu maluco! — gritou dando socos nos braços fortes dele.

Dario tentou bloquear suas mãos, mas algo desviou completamente sua atenção. O vestido de Helena, que estava grudado no corpo por estar molhado, ressaltou suas belas curvas. Ele levantou olhar e arfou quando percebeu a transparência do vestido. Dario conseguiu ter uma bela noção dos seios da mulher.

Ela se debatia na água e o xingava pelo forte aperto com que ele a segurava. Então, para contê-la e acalmá-la, Dario fez uma pequena burrice. A beijou.

Desde Georgina, ele não havia beijado nenhuma outra mulher. Para ele, o beijo era íntimo demais para ser compartilhado com quem não amava. E ele não amava Helena.

Quando se afastou, se sentiu perdido ao ver que tanto ele quanto ela não queriam aquele beijo. O silêncio se instalou por alguns segundos antes de ser quebrado por ela num sussurro:

— Nunca mais chegue perto de mim.

Suas palavras saíram como flechas no coração de Dario. Ele se sentiu mal por ter violado uma de suas próprias regras e por tê-la desrespeitado, embora ele não tivesse nenhum problema quanto a isso. Porém, Helena não parecia como as outras mulheres que se jogavam aos seus pés apenas para ter alguns minutos de prazer. Ela era diferente e Dario notou isso desde que olhou para seus lindos olhos azuis pela primeira vez.

— Termine seu banho e vá dormir — ele disse de forma fria sem encará-la nos olhos, e saiu sem dizer mais nenhuma palavra.

Ela se encolheu na banheira e ficou ali por um longo tempo. Embora não desse o braço a torcer, ela ficou completamente balançada após o beijo.

“Era só o que me faltava”, pensou com as mãos nos lábios ainda sentindo o beijo possessivo de Dario, o qual deixou seus lábios avermelhados.

— Estúpido! — enfim, gritou. “Quem ele pensa que é?”, pensou inconformada.

Ela terminou o banho e fez exatamente o que ele havia mandado: foi direto para a cama, dormir.

O sol ainda estava nascendo quando Dario se levantou. Ele entrou no quarto onde Helena dormia para pegar suas roupas vestido apenas com uma *boxer* preta. Abriu o *closet* e pegou tudo que precisava. Sem se importar com ela ali, dormindo feito pedra, jogou as roupas na cama e começou a se trocar. Colocou seu jeans claro e uma regata branca que deixava seus músculos à mostra. Pegou sua bota, o cinto e saiu fechando a porta.

Assim que chegou à cozinha, viu que Ryan e Melanie tomavam o café da manhã.

— Caíram da cama? — ele perguntou.

— Eu tenho muito trabalho a fazer hoje. Além disso, preciso ajudar a nova administradora a se instalar — Ryan respondeu.

— Eu tenho prova na faculdade. Ted ficou de me pegar aqui daqui a pouco. — Melanie sorriu dando um gole generoso em seu suco.

— Hummm... — Dario resmungou sentando-se ao lado dela.

— Vi que você e a Helena estão se dando bem. Estavam tão entretidos ontem que mal me viram.

— Estávamos assistindo um filme, só isso.

— Hum. Eu vi quando a levou para o quarto no colo. Dormiram juntos também? — ela perguntou sendo evasiva.

Dario lançou a ela um olhar mortal e respondeu rudemente:

— É melhor manter essa boca fechada.

— Não vai dizer que irá enrolar essa moça também — Ryan disse chateado. — Ela é nossa hóspede, Dario. Não a trate como uma de suas vagabundas. Não vou permitir! — ele se impôs.

Dario deu um sorriso irônico e sussurrou:

— Eu faço o que quero e vocês dois não têm nada a ver com isso.

— Bom dia! — A voz de Helena deixou Dario desconcertado. Rapidamente, ele se levantou e saiu pela porta sem se despedir.

— Bom dia! — Ryan respondeu.

— O que deu nele? — ela perguntou curiosa.

— Não sabemos, mas talvez você possa nos dizer. — Melanie a olhou inquisitiva.

Helena pigarreou e se sentou à mesa para tomar o café.

— Bom, o papo está ótimo, mas tenho que ir. Hoje tenho uma prova difícilíssima. Tchau, gente! — Melanie se despediu.

Sozinhos, Ryan fitou a moça. Observou seu jeito nervoso e disse olhando para ela:

— Espero que saiba o que está fazendo.

Ela estreitou os olhos e perguntou:

— O que disse?

— O Dario, espero que saiba o que está fazendo. Se eu fosse você, ficaria longe dele. É meu irmão, mas tenho que lhe dizer: ele não serve para você. — O jeito direto de Ryan a deixou envergonhada.

— Eu não tenho nada com seu irmão. E nem pretendo. Pode ficar tranquilo.

— Melhor assim. Bom, preciso ir. Até logo.

— Até.

Após ele sair, ela ficou pensativa. Não conhecia Dario o suficiente para afirmar o que Ryan havia dito, mas, se o próprio irmão lhe deu o aviso, é porque certamente ele não era para ela. Mas, por que ela se sentia tão atraída por ele? Claro que Dario não era nenhum modelo de homem perfeito e romântico, mas ela também não estava procurando por contos de fadas.

Dario passou a tarde toda disperso. A única coisa em que conseguia se concentrar era na loira deitada na banheira se debatendo em seus braços e nos lábios suaves que tinha beijado há algumas horas.

— Merda! Estou ficando frouxo! — praguejou tentando afastar as lembranças que o perturbavam. Debruçado na cerca de madeira, ele observava os alunos cavalgarem.

— E aí, patrão? — O Dr. Peterson surgiu ao seu lado.

— Algum problema?

— Nenhum. E a moça? Como ela está? Já se lembrou de alguma coisa?

— Ainda não. Apenas o nome.

— Já é alguma coisa.

— Sim.

— Vim avisá-lo que só ficarei mais essa semana aqui no *haras*. Precisa contratar logo outro veterinário.

— Vai nos deixar mesmo?

— Eu preciso. Infelizmente, não posso mais ficar aqui no Texas.

— Eu sei. Vou providenciar a contratação de outra pessoa, mas gostaria que você estivesse junto. Você é o melhor profissional que já tive, será impossível te substituir, mas quero alguém que esteja à sua altura.

— Pode contar comigo. — O Dr. Peterson sorriu. — Ah! A Sherry já pode se juntar ao Thor no estábulo. Ela já está totalmente recuperada.

— É bom saber disso. — Dario sorriu. — Thor ficará contente.

— Aqueles dois... — O Dr. Peterson riu. — Bom, preciso ir.

— Vai lá. Vou buscar a Sherry. Quero ver a reação do Thor ao vê-la. — Ele sorriu.

Dario e o Dr. Peterson se despediram com um abraço. Ele entrou na caminhonete e dirigiu direto para casa. Estacionou o carro e saiu em direção ao celeiro que ficava logo após o imenso jardim.

Ao se aproximar, percebeu que a porta do celeiro estava entreaberta. Desconfiado de que Georgina estivesse lá, suspirou fundo e alargou os passos. Ao entrar, não viu Sherry.

Alguém havia roubado sua égua.

Desesperado, saiu à procura de Sherry. Dario interrogou alguns funcionários no caminho, mas nenhum deles haviam visto Sherry. Ele continuou em sua busca. Depois de algumas horas, começou a ficar irritado por não conseguir encontrá-la. O sol já havia sumido e o céu estava nublado. Os ventos ganharam força e ele sabia exatamente o que isso significava: estava vindo uma bela de uma tempestade.

Dario voltou para casa bufando de raiva. Ao entrar, perguntou para Vera, a cozinheira:

— Onde está Ryan?

— O senhor Ryan saiu no começo da tarde com a dona Paige. Parece que foram resolver algum problema no contador.

— Melanie já voltou da faculdade?

— Sim senhor. Está no quarto com uma amiga e Johnny acabou de chegar.

— E a Helena? Onde está?

— Achamos que estivesse com o senhor — ela disse assustada.

— Comigo? Mas, por que comigo?

— Não vejo a dona Helena desde o café da manhã.

Dario ficou furioso.

— Como assim? Ela não almoçou? Não ficou em casa?

— Não senhor.

— Diabos! Está vindo uma tempestade. Vou atrás dela. Assim que o Ryan chegar, avise-o para que não fique preocupado — disse saindo de casa feito um furacão.

Dario dirigiu até o *haras* e entrou no estábulo para pegar seu amigo Thor.

— Vamos, garoto. Acho que certa moça fujona está com sua mulher. Não vamos deixá-las fugir, não é? — perguntou divertido.

No limite da fazenda, Helena cavalgava em Sherry. Ela e sua mais nova amiga passaram uma tarde extremamente agradável. Ela havia preparado um piquenique com frutas e suco para a tarde. O tempo passou tão rápido que mal percebeu. Quando deu por si, o céu já estava encoberto por nuvens escuras e os ventos fortes a deixaram preocupada. As primeiras gotas de chuva vieram assim que montou em Sherry.

— Vamos embora, garota. Céus! Está tarde. Estou perdida! — disse desesperada.

A chuva começou a intensificar-se e os primeiros trovões assustaram Sherry.

— Calminha! — gritou.

Ela puxou as rédeas, mas Sherry não quis prosseguir na chuva.

— Ah, não! Vamos, garota! Vamos pra casa! — ela gritou deixando Sherry tensa.

A égua relinchou e começou a trotar descontrolada. A chuva forte impedia Helena de ver à sua frente. A sela molhada se tornou escorregadia, mas ela segurava as rédeas com mãos firmes.

— Isso, garota! Vamos! Mais rápido!

Sherry corria assustada. Foi quando um raio caiu a poucos quilômetros dali, fazendo um estrondo, e a égua parou bruscamente fazendo com que Helena caísse. A queda amortecida pela grama e o barro, fez com que ela não se machucasse seriamente. Ela gemeu ao tentar se levantar. Porém, Sherry ficou ali, ao seu lado, como se estivesse se sentindo culpada pela sua queda. Ela levou a mão até a costela esquerda e gemeu. Seu ombro esquerdo doía e ela temeu que estivesse deslocado.

— Droga!

A chuva ficou ainda mais forte trazendo rajadas de vento.

— Vá embora! Vá! — ela gritou para a égua. — Vamos. Vá para casa! Não vou conseguir me levantar. Vamos, sua teimosa! Vá! — gritou ainda mais alto, jogada ao chão.

Sherry, então, galopou para longe dela.

No meio do caminho, Dario encontrou Sherry. Ele saltou de Thor e correu para pegá-la.

— Fica calma, Sherry! Calminha! — ele disse para ela, que ainda estava assustada com os raios

e trovões. Sherry permaneceu inquieta e não obedecia às ordens de Dario.

— O que foi, Sherry? O que está tentando me dizer? — Dario ficou preocupado. A égua relinchava e estava arisca. Ele caminhou até Thor, montou nele e, no mesmo momento, Sherry foi para longe, ou seja, no sentido em que a moça estava.

Confuso, Dario a seguiu, galopando em Thor.

Em pouco tempo, Dario conseguiu ver de longe a mulher caída ao chão, imóvel.

Ele saltou tão rápido de Thor, que quase foi ao chão. Correu até ela e assim que a viu disse ríspido:

— Está tentando se matar?

Ela olhou para Dario e respondeu gemendo:

— Acho que meu ombro esquerdo está deslocado.

Dario olhou para ela e não pôde dizer se estava ou não chorando ou sentindo alguma dor. A chuva era tão forte que seu rosto estava molhado e a roupa encharcada e suja de barro. Pelo menos, não havia sangue desta vez.

Ele tentou erguê-la, mas ela soltou um forte grito.

— Seu ombro. Preciso colocá-lo no lugar e isso irá doer — disse olhando nos olhos dela.

— Não sei se aguento.

— Vai ter que ser forte. Será rápido.

— Eu não acho que...

Enquanto ela falava, distraída, Dario havia retirado a bota e colocado o pé na lateral do seu torso para servir de alavanca para quando puxasse o braço. Suavemente, puxou o braço dela fazendo o ombro voltar ao lugar.

Ela deu um forte grito e a dor diminuiu.

Dario colocou a bota e a pegou no colo. Delicadamente, a ajudou montar em Thor e seguiram adiante. No caminho, a tempestade piorou fazendo com que Dario desviasse do caminho.

— Aonde vamos?

— Temos alguns chalés próximos daqui. Não podemos prosseguir nesse temporal. Os cavalos estão assustados e é perigoso.

Assim que chegaram, Dario a retirou do cavalo e levou Thor e Sherry para a área coberta amarrando-os numa pilastra.

— Venha — disse segurando-a pelos braços.

Ao entrarem no chalé, Dario surtou.

— Onde estava com a cabeça? Você é maluca? — gritou deixando-a assustada.

— Eu só fui dar um passeio — respondeu com os olhos marejados.

— Um passeio? Chama isso de passeio? Você sumiu o dia inteiro com a Sherry sem pedir permissão. Meu Deus! Aonde aprendeu a montar? Se é que sabe. Você poderia ter morrido, sabia? Sem contar que a Sherry estava doente. Ela não podia ter saído e muito menos pegado esse temporal. Isso foi uma irresponsabilidade! E você? Até ontem estava queimando de febre — gritou inconformado.

— Eu não sabia! Desculpe-me! Eu só queria...

— Você só queria me deixar furioso, isso sim. Porque foi isso que você conseguiu. Acho que você não bate bem da cabeça ou se esqueceu de que levou, no mínimo, uns quatro pontos aí? Está temporariamente sem memória e agora está aí, ferrada, cheia de dores e um ombro inchado — falou irritado.

Enquanto Dario gritava descontrolado, outro raio forte caiu próximo à fazenda ocasionando uma queda de energia.

— Ótimo! Só me faltava isso! — ele bufou.

— Olha, eu estou ótima. Não precisa se preocupar.

— E quem disse que era com você que estava preocupado? Era com a Sherry que estava — disse rude.

Ele acendeu a lareira e não disse mais nada.

Ela se sentou no pequeno sofá que havia ali, e abafou um gemido de dor quando uma físgada atingiu sua costela. Ela não precisava que ele gritasse ainda mais, se soubesse que sua condição era pior do que havia dito.

— Vou tomar um banho. É melhor que se livre dessas roupas molhadas — ele disse, e saiu para o quarto.

Algun tempo depois, ele surgiu com uma toalha enrolada no quadril e a viu do mesmo jeito.

— Temos mais de dois banheiros nesse chalé. Por que não foi tomar um banho?

— Sem energia? A água deve estar gelada.

— Você está molhada e suja.

— Me deixa — disse ríspida.

Irritado, ele foi até ela e a puxou para que se levantasse. O movimento brusco, fez com Helena gritasse de dor. Instantaneamente, ele a soltou.

— Está machucada!

— Eu estou bem.

— Deixe-me ver.

— Já disse. Estou bem.

— Para de ser orgulhosa e deixe-me ajudá-la.

— Disse que não estava preocupado comigo. O que foi que mudou? Eu me viro sozinha — retrucou.

Ao tentar se levantar, Dario a amparou em seus braços.

— Fique aqui. Vou encher a banheira.

— Não vai me pedir para tirar a roupa outra vez, não é? Porque dessa vez eu bato em você.

Ele riu e saiu sem responder.

Minutos depois, ele voltou e a ajudou a caminhar até o banheiro. Dario havia colocado velas acesas no banheiro para que ela pudesse enxergar e tomar tranquilamente seu banho.

— Não tranque a porta. Se precisar de mim e só me chamar.

— Não vou precisar — disse sendo grosseira.

Ela tirou a calça e a bota. Porém, teve dificuldade em retirar a blusa. Ela insistiu, insistiu, mas as dores eram fortes. Cansada, ela se rendeu.

Ela se sentou num banquinho que havia ali e ficou pensando se o chamava ou não. Enfim, decidiu que seu orgulho não era maior que a dor que sentia. Então, gritou:

— Dario! — gritou mais uma vez. — Dario!

Ele veio em seu socorro.

Dario se encostou no batente da porta e a olhou, confuso. Seus olhos foram diretamente para as belas pernas da moça e a pequena calcinha branca que exibia.

— Diga.

— Preciso da sua ajuda — ela sussurrou tão baixo que ele quase não ouviu.

— Não ouvi. O que disse?

Ela pareceu frustrada.

— Preciso da sua ajuda. Ouviu agora? — se irritou.

— Ah, sim. O que quer?

— Ainda não consigo mexer o lado esquerdo. Dói tudo. Pode me ajudar a retirar minha blusa?

Ele colocou um sorriso cínico no rosto e disse:

— Agora quer que eu tire sua roupa?

Ela o encarou diretamente nos olhos.

— Sei que deve estar se divertindo com a minha situação, mas preciso que me ajude a retirar *apenas* minha blusa — ela enfatizou.

Ele caminhou devagar e parou bem próximo de forma que seu rosto quase tocou o dela. Ela teve uma certa dificuldade para respirar diante daquela figura tão imponente e máscula que exibia belos músculos.

Dario levantou as mãos e alisou os braços dela subindo delicadamente as mãos até sua clavícula. Suas mãos pararam ali e ela teve que fazer um grande esforço para não soltar um gemido. Uma corrente de calor tomou seu corpo no momento que Dario, sem nenhuma delicadeza, rasgou sua blusa como um animal selvagem revelando seus seios médios e rosados. Os pedaços da blusa caíram ao chão e ele se afastou para contemplar a visão.

Ela se sentiu envergonhada e rapidamente cobriu os seios com as mãos.

— Precisa de ajuda com a calcinha?

Ela ficou sem fala e seu pensamento correu para o dia em que o viu nu, transando com aquela mulher no estábulo.

— Isso é um sim? — ele perguntou de um jeito safado.

— É só isso, obrigada — ela conseguiu dizer.

Dario ainda deu mais uma olhada no seu belo corpo curvilíneo antes de sair sorrindo.

Após o banho, ela se secou com dificuldade e se enrolou na toalha seca que Dario havia deixado em cima da pia.

Quando entrou na sala, ele estava sentado em frente à lareira, ainda com a toalha no quadril cobrindo sua nudez.

— Acho que teremos que dormir aqui essa noite. A tempestade piorou e os telefones não estão funcionando. Não tenho como pedir para que o Ryan venha nos buscar.

— Está certo.

— Coloquei esses cobertores próximo à lareira. Deite-se aqui. Irá te manter aquecida.

— Obrigada — disse olhando-o, desconfiada.

Ela deitou sobre os cobertores.

— Não temos nada para comer e nem beber aqui. Apenas água, se tiver sede.

— Eu estou bem — disse entre gemidos.

Dario se levantou e foi até a cozinha. Quando voltou, tinha nas mãos uma vasilha com gelo e uma toalha de rosto.

— Preciso ver seus machucados.

— Já disse que estou bem.

— Não vamos começar isso outra vez, não é? Vamos, tire a toalha. Quero colocar gelo no seu ombro e ver como está sua costela.

Ela revirou os olhos, mas fez o que ele lhe pediu tomando todo o cuidado para não expor nenhuma parte íntima de seu corpo.

Ele fez apenas o que havia dito. Colocou o gelo sobre o pano e logo após, colocou sobre o ombro inchado.

— Precisamos imobilizar seu braço. Não tenho nada aqui que possa servir. Não posso ajudar quanto a isso — disse impotente. — Também não tem analgésicos. Há um hematoma na lateral do seu corpo. Não acho que tenha quebrado nada, mas irá sentir dor. A noite será longa.

— Eu vou sobreviver. — Ela deu um sorriso fraco.

Dario sorriu e ficou parado olhando-a. Desconcertada, ela perguntou:

— O que foi?

Ele se aconchegou ao lado dela e tocou delicadamente seu rosto. Ela estranhou o gesto e corou.

— Você é tão irritante... Mas é tão linda, e deve ser quente como o inferno.

Ela desviou o olhar envergonhada, mas foi pega de surpresa quando ele colou os lábios no dela.

A cada segundo, o beijo lento ficava ainda mais intenso. Ela se deixou levar e soltou um gemido baixo quando sua língua encontrou a dele. Suas mãos enlaçaram o pescoço de Dario, que a tinha em seus braços completamente entregue. Ela podia sentir o calor que vinha do corpo dele invadir o seu corpo, deixando-a excitada. Os sons dos seus gemidos foram abafados pelos beijos dele.

Num súbito, Dario se afastou ofegante e a encarou nos olhos. Ele travava uma luta interior em se afastar ou tomá-la ali mesmo.

— É melhor eu ir para o quarto. Pode dormir aqui, estará confortável e aquecida.

Ela o olhou sem entender, mas assentiu.

— Se precisar, é só me chamar. — E, então, saiu deixando-a sozinha e excitada.

Após algum tempo, ela se rendeu ao sono.

Esther corria pela estrada, à noite, assustada. Parou no primeiro posto de gasolina que encontrou na beira da estrada e correu até a cabine telefônica. Digitou um número de telefone com as mãos trêmulas e, assim que uma voz masculina atendeu, ela falou:

— Carl, sou eu. Esther.

— Querida? Meu amor, onde você está? Você está bem? Eles te machucaram?

Ela começou a chorar.

— *Eles querem me matar, Carl. Tem que sair de casa e se esconder por um tempo.*

— *Você está com o arquivo? Me diz, Esther? Entregue isso para eles e acabe logo com isso.*

— *Sabe que não posso. Eles me matariam do mesmo jeito.*

— *Onde você está? A polícia está à sua procura. Por que fugiu de lá? Estava segura.*

— *Carl, eu não estou segura em nenhum lugar. Eles me querem morta. Não sei por quanto tempo vou conseguir fugir.*

— *Me diga onde está.*

— *Estou em Louisiana, mas não tenho muito dinheiro. Preciso da sua ajuda. Carl? Carl? Carl? — Ela se desesperou quando a ligação caiu. Tentou ligar mais uma vez, mas a chamada não completava. Perdida e sem saber o que fazer, decidiu seguir em frente.*

Assustada com o sonho, Helena acordou no meio da madrugada um pouco ofegante. O sonho era tão real que ela se questionava se era sonho ou se algumas de suas memórias que estavam voltando aos poucos. Ficou ali deitada, tentando decifrar e digerir tudo. *Mas quem era Carl?*, ela se perguntava. A única coisa que sabia era que aquele homem a chamou de meu amor e que ela certamente confiava nele, senão não teria lhe pedido ajuda. Os números do telefone que ela discou, ainda estavam nítidos em sua memória. Amanhã, assim que acordasse, ela ligaria e descobriria se o sonho era real e quem era o homem que falava com ela ao telefone.

Capítulo 8

IMPLICÂNCIA GRATUITA

A semana passou como um martírio para Helena. Dario a proibiu de fazer várias coisas, inclusive, sair da mansão enquanto não estivesse totalmente recuperada. A ordem para que não chegasse perto dos cavalos, a deixou chateada. Seu ombro doía um pouco e algumas memórias do dia em que estava em casa sendo perseguida por um homem, voltaram a assombrá-la. Ela havia escrito em um pedaço de papel o número do telefone que discou em seu sonho para que não esquecesse de investigar.

— Como está? — Dario entrou no quarto para pegar sua roupa.

— Bem melhor. Já não sinto mais dores no ombro e só me restou um pequeno hematoma no corpo. — Helena sorriu. — Mais um para a coleção.

— Espero que não cause mais problemas.

Ela o olhou com curiosidade, enquanto ele abria e retirava as roupas do *closet*.

— Não seria mais fácil se eu ficasse no quarto de hóspedes? Não tem cabimento continuar no seu quarto. Me sinto como se estivesse invadindo seu espaço. — Ela corou.

— Ficaré aqui e isso já foi decidido desde o dia em que chegou.

Ela assentiu.

— Johnny me chamou para vê-lo tocar no Dickson.

— E? — Ele a fitou.

— Gostaria de saber se já estou liberada para me juntar à civilização, Sr. Craig. — Ela riu.

— Hoje ainda é quinta. Ele só irá tocar amanhã. Se conseguir se comportar até lá, quem sabe.

Ela abriu um amplo sorriso.

— Mas... — Ela revirou os olhos. — irei junto.

— Por mim, tudo bem.

— Preciso ir trabalhar. Até à noite — disse saindo do quarto com as roupas na mão.

Ela se jogou na cama, contente por, enfim, poder sair daquela casa. Só, então, lembrou-se de que não tinha roupas para a ocasião. E, usar mais uma peça do guarda-roupa de Melanie, certamente deixaria Dario furioso.

Ao cair da noite, Ryan voltou para a casa juntamente com Dario e Johnny. Paige e Kristen foram deixadas por eles em suas respectivas casas na promessa de que no dia seguinte, todos iriam prestigiar o astro do *country rock*, tocar no famoso bar do Dickson.

— Eu preciso filmar isso. — Johnny sorriu incrédulo. — Meu querido irmão ranzinza, irá ver-me tocar. Quem diria, não? Milagres acontecem.

— Cale a boca, senão mudo de ideia — Dario bufou.

— Não está mais aqui quem falou. — Johnny riu, enquanto entravam na mansão.

— Boa noite, meninos. — Melanie sorriu ao vê-los.

Helena suspirou ao ver Dario entrando pela porta, exibindo seu abdômen perfeito, sujo e suado com a camiseta na mão e um sorriso travesso no rosto.

— Qual o motivo de tanta felicidade? — ela perguntou.

Johnny olhou para ela e fez questão de responder:

— Pela primeira vez, Dario irá me prestigiar amanhã. Sabe quanto tempo venho tentando que ele me veja tocar? E ainda me disse que a rodada de cerveja é por sua conta.

— Não disse não — Dario respondeu se jogando no sofá.

— Estou faminto. O jantar já está servido? — Ryan perguntou levando a mão na barriga.

— Já sim. Foi Helena quem preparou o jantar — Melanie disse.

— Hummm... Será que vamos sobreviver para irmos vê-lo tocar amanhã, Johnny?

— Palhaço! — ela disse, e jogou a almofada em direção a ele. — Saiba que sou uma ótima cozinheira.

— E qual é o cardápio? — Ryan perguntou e salivou só de pensar na comida.

— Surpresa!

Ela se divertia com a cara dos rapazes.

— Bom, vou tomar meu banho porque também estou faminto. — Dario se levantou e rumou para as escadas, enquanto Ryan e Johnny fizeram o mesmo.

Após algum tempo, todos se sentaram à mesa, e distribuíram elogios para a comida deliciosa que Helena preparou. Ela havia feito arroz de forno, um delicioso porco assado e saladas variadas.

— Já pode se casar — Melanie comentou.

— Mas antes precisa se lembrar pelo menos do sobrenome. — Johnny riu.

Ela ficou sem graça.

— Está ótima a comida. Nem me lembro de quando comi um porco assado maravilhoso desses. — Ryan sorriu para ela.

— Obrigada.

— Gente, o papo está ótimo, mas amanhã tenho aula. Beijos para vocês. Vou me recolher — Melanie disse, e se retirou da mesa dando um beijo em cada um dos irmãos.

Helena se levantou, porém, quando começou a recolher os pratos, Dario disse:

— Eu faço isso.

Ela lhe ofereceu um sorriso.

— Pode deixar. Deve estar cansado e eu posso fazer isso sozinha.

— Evidente que sim, mas irei ajudá-la.

Ryan saiu de fininho e Johnny se despediu dos dois deixando-os a sós. Ele deu um sorriso de canto de boca e seguiu para fora da cozinha.

— Eu gostaria de ir até a cidade e comprar algumas roupas — ela disse, sem jeito.

— Havia me esquecido. Pedirei para que Melanie vá com você assim que chegar da faculdade. Ela disse que só terá uma prova, então, acredito que voltará bem cedo.

— Obrigada.

Ela seguiu retirando as louças, enquanto Dario as lavava. Divertida, ela brincou:

— Isso não parece combinar muito com você.

Ele sorriu.

— É porque não combina. Detesto lavar louça.

— Eu disse que faria. — Deu de ombros. O olhar que ele lançou a ela, a deixou ruborizada.

— Você cozinhou, nada mais justo que alguém lave os pratos. — Piscou. O gesto a fez rir.

— Isso também não combina com você.

— Por quê?

— Porque geralmente não é muito gentil comigo.

— Geralmente não sou, porque está sempre sendo um porre tentando deixar meus cabelos brancos.

Ela gargalhou.

— Acha isso engraçado? — ele bufou.

— Acho você engraçado. Típico homem *oito ou oitenta*.

— Que diabos é isso? — Ficou confuso.

— Às vezes, me trata com cordialidade demais; e em outras, como um homem das cavernas.

Ele gargalhou.

— É isso que acha de mim?

Ela sorriu.

— E qual das minhas versões mais lhe agradam? — A pergunta a pegou desprevenida.

Como dizer a ele que se sentia atraída pelas suas duas versões? Sem contar do seu abdômen definido, do seu corpo bem talhado... da sua bunda magnífica e de seu membro... Ah! Melhor deixar quieto.

Por isso, ela pensou por alguns instantes antes de responder:

— Ainda estou pensando se gosto de alguma.

— Assim você parte meu coração. — Dario franziu o cenho e fingiu estar magoado.

— E você tem um? Me deixou presa nessa casa por quase uma semana — despejou sua frustração.

— E por que será?

— Porque me detesta.

— Não. Porque você é uma maluca suicida.

— Não sou não.

— É sim.

— Não sou.

— É.

Ela estreitou os olhos.

Os dois se calaram.

Após terminarem de limpar toda a cozinha, Dario retirou o pano de prato das mãos dela e a encarou.

— O que foi? — perguntou encarando os seus olhos azuis inquisidores.

A forma com que ele a olhava, a deixou desconcertada. O olhar parecia que perfurava sua alma desencadeando uma onda de calor que a tomou por todo o corpo. Parecia impossível, mas ela sentiu seu sexo pulsar e uma umidade invadir sua calcinha.

Sem dizer uma palavra, ele a puxou pela cintura com a mão esquerda unindo seus corpos. Sua mão direita entranhou em seus cabelos soltos e o puxou com força. Ela tentou se desvencilhar de seus braços, mas ele intensificou o aperto e o puxão de cabelo até que ela o encarasse nos olhos.

Ela soltou um pequeno gemido que fora abafado pelo beijo ardente dele. Sentiu suas forças se esvaindo e suas pernas bambearem por alguns segundos. O gosto e o cheiro dele eram incríveis. O

beijo foi intenso o suficiente para que ela esquecesse de tudo à sua volta. A única coisa que conseguia pensar era como seria se tivesse uma noite de sexo quente com ele. Quando seu cérebro gritou “sexo quente”, as imagens dele nu, lançando a chibata sobre a carne exposta daquela mulher, despertou sua curiosidade. Seria isso realmente tão bom? Ah! Ela só poderia estar louca ao pensar em se submeter a ele daquela forma tão vexatória. Ela tentou puxar pela memória, se algum dia havia feito sexo como aquele, e não conseguiu se lembrar de nenhum dia, ou nenhuma transa, em que tivesse dado tanto poder a um homem. Ou era apenas sua memória falha, perturbada e em branco, que a impossibilitou de lembrar se algum dia havia feito algo parecido. Mas, por mais estranho que seja, aquelas imagens não lhe saíam da cabeça. E todas as vezes em que se lembrava da figura selvagem de Dario, ela ficava excitada.

Quando ele a soltou, sussurrou no ouvido dela, provocativo:

— Acho que já descobriu qual versão minha a deixa mais excitada. Já é um bom começo.

Atônita, ela o acompanhou com o olhar se afastando com um sorriso safado no rosto. Ficou ali por alguns minutos até se recompor.

— Mas é muito convencido. Quem lhe disse que fiquei excitada? — sussurrou perplexa para si mesma. A resposta veio no mesmo instante em que, automaticamente, percebeu que se contraía toda. A forte umidade em sua calcinha a denunciou. Se um beijo daquele homem selvagem quase a fez gozar em segundos, o que ele seria capaz de fazer com seu corpo se a tocasse de verdade? Ela preferiu não ficar pensando nisso ou certamente bateria na porta do quarto, desesperada, implorando para que ele a tomasse.

Ela se retirou dali e andou com dificuldade até o quarto. Fechou a porta e começou a tirar a roupa. Precisava urgente de um banho para baixar a temperatura que ele havia acendido dentro dela. Quando terminou, vestiu sua calcinha e uma miniblusa branca de seda. Fechou os olhos e tentou não pensar mais no homem que estava afetando sua sanidade. Quando pegou no sono, as memórias lhe vieram novamente como um *flash*...

— Sei que está aí, Esther Rothenberger! — A voz grossa a deixou em pânico. — Acha mesmo que poderia roubar aquele arquivo sem arcar com as consequências? Sabe, você deixou várias pessoas irritadas. Não sei se sabe a dimensão do problema que está causando. Mas... posso lhe adiantar que não sairá viva para descobrir.

Ela se encolheu debaixo da cama como uma gata assustada, encurralada por sua presa.

Sem perder tempo, o homem se abaixou e a puxou pelos cabelos. Os gritos agudos de Esther soaram por todo o quarto. Ela se debateu por algum tempo e até conseguiu acertar uma joelhada no sujeito, mas ele tinha uma força indescritível. A imobilizou rapidamente, algemou suas mãos para trás das costas e colocou uma fita prateada para selar sua boca. Desesperada, ela começou a chorar. Suas lágrimas eram intensas... e deixavam um rastro de rímel em seu rosto... Ela estava perdida.

O homem a colocou sobre os ombros e a carregou para fora da casa. Na rua, o silêncio era assustador. Àquela hora da madrugada, não havia ninguém que pudesse ajudá-la. Ela estava sozinha e fodidamente num beco sem saída, rumando para sua possível morte lenta e dolorosa. Ao

ser colocada no porta-malas do carro, o homem de olhos negros e assustadores a apagou com uma coronhada na cabeça.

Quando acordou, estava num porão sujo, vazio e escuro. Olhou assustada ao redor e gemeu assim que tentou levantar-se do pequeno colchonete em que estava deitada. Seu corpo estava dolorido e sua boca seca. A sede estava matando-a. Caminhou até a porta e ouviu algumas vozes. O que ouviu a deixou ainda mais assustada:

— Aquela vagabunda tem material o suficiente para me colocar no corredor da morte. Eu tenho cara de quem quer morrer com uma injeção letal, idiota?

— Não, senhor.

— Então, volte lá e arranque dela todas as informações de que preciso. Se ela se recusar a falar, quebre todos os ossos dela.

— E se ela resistir?

— Mate-a! Jogue essa jornalista infeliz numa cova bem funda e certifique-se de que esteja bem enterrada. — Dito isso, o homem saiu da sala e rumou para o porão em que ela estava. Esther pôde ouvir os seus passos largos e a madeira ranger com o movimento. Ela se afastou da porta e olhou ao redor. Não havia nenhum objeto que pudesse usar a seu favor. O jeito era encarar seu pesadelo de frente. Ela engoliu em seco e arregalou os olhos assim que ele entrou junto com mais dois sujeitos.

— Tragam-na. Quero ver se essa puta maldita não abre o bico. — Ela se encolheu sob a ameaça dele, mas não tentou lutar dessa vez porque sabia que seria inútil.

Eles a arrastaram para fora do porão até uma imensa cozinha e a deitaram sobre a mesa de madeira.

A casa era velha e abandonada. Ninguém a encontraria ali e isso a deixou ainda mais em pânico.

— Última chance, loirinha. Tem certeza de que quer realmente jogar esse jogo?

— Vá para o inferno! — ela rosnou.

— Sabe, adoro mulheres como você. — Um dos homens espalmou a mão em seu seio acendendo o seu alerta. Ela iria resistir, mesmo que isso custasse sua vida.

— Aqui está — um deles falou com um balde cheio de água nas mãos.

Esther já havia visto aquilo. Se encolheu e rezou para que o que viesse a seguir, não fosse tão doloroso.

— Onde está o arquivo? — o homem gritou.

— Vá se foder! — a resposta de Esther foi quase que imediatamente. Ele deu um sorriso sádico e ordenou:

— Afoga essa piranha!

Um deles jogou toda a água contida no balde sobre a face dela, sufocando-a e causando contrações involuntárias dos músculos da faringe.

Era um afogamento simulado. Tortura.

Uma tática das quais usavam para extrair confissões ou obter informações. A prática havia sido usada há alguns anos pela CIA em prisioneiros extrajudiciais e suspeitos da Al-Qaeda.

— O pano, imbecil. Coloque o pano sobre a boca e o nariz dela! — disse para seus comparsas. — Vai falar, princesinha?

Esther tentou se recuperar. O medo já havia transpassado sua alma. Porém, tinha se mantido firme.

— Continuem... — ordenou.

O homem colocou o pano sobre a boca e o nariz dela e, em seguida, despejou a água. Ela se debateu, emitiu sons dolorosos, se desesperou, se apavorou. Quando retiraram o pano de sua boca, ela tossiu e quase ficou grata por poder respirar outra vez. Eles seguiram a tortura, pelo menos mais umas quatro vezes, até que ela não resistiu, e sussurrou com dificuldade:

— Eu falo.

O homem a pegou pelos cabelos e a retirou da mesa, arrastando-a.

Ela gritou em meio ao desespero e a dor.

No quarto ao lado, Dario se assustou com os gritos de Helena. Ele saltou da cama como estava, apenas vestido com uma *boxer* branca, e correu até o quarto. Ao entrar, se assustou ao vê-la se debatendo na cama, gemendo como se sentisse dor.

Correu até ela e tentou acordá-la.

— Helena! Helena! — Ele a chacoalhou com força. — Helena!

O rosto dela estava molhado de lágrimas e seu corpo convulsionava na cama com violência.

— Helena! — ele rosnou dando leves tapas em seu rosto. Quando ela despertou, projetou o corpo para longe dele, assustada e implorando para que não a machucasse.

— Ei! Sou eu — disse tentando acalmá-la. Ela olhou para ele, e deu um forte soluço. Deixou o choro vir e se jogou nos braços dele.

— Ei, fique calma. Foi apenas um pesadelo. — Ele afagou seus cabelos carinhosamente.

Ela apenas chorava.

— Vou buscar um pouco de água para você se acalmar.

— Não! — ela gritou. — Não, por favor. Não me deixe aqui sozinha — implorou agarrada a ele.

— Tudo bem. Agora, você precisa se acalmar.

— Tá — ela respondeu e secou as lágrimas que escorriam pelo seu rosto.

Ele a deitou na cama e a cobriu com o lençol.

— Está mais calma? Foi apenas um pesadelo, não se preocupe — Ele a acalmou com sua voz e sua presença.

— É. Foi só um pesadelo — ela concordou.

Quando ele estava prestes a levantar-se da cama, ela implorou num sussurro doloroso:

— Fique! Por favor. Eu me sinto mais segura com você aqui.

As palavras dela tocaram direto no seu coração. Era visível que estava abalada com alguma coisa. Ele queria perguntar, mas ficou desarmado ao ver seus olhos azuis inexpressivos. Ela estava assustada e ele ficou feliz em saber que se sentia segura ao seu lado.

— Não vou a lugar algum, tudo bem? Ficarei aqui com você — ele sussurrou, e se deitou ao lado dela, trazendo-a mais para perto de si. Ela aninhou-se a ele e o abraçou tão forte, que ele quase não conseguiu respirar.

— Fique calma! Eu estou aqui. Estou aqui pra você — disse. Depois depositou um beijo no alto de sua cabeça e a abraçou de volta, trazendo-a para mais perto dele.

Ela estava tão abalada que não conseguiu agradecer o gesto dele. Aos poucos, foi se acalmando e normalizando sua respiração entrecortada. O subir e descer do peito de Dario, e o calor que emanava do seu corpo, trouxe conforto a ela. Em poucos minutos, Helena adormeceu.

O dia amanheceu.

Ryan entrou na mansão, preocupado.

— Vera, por acaso você viu o Dario? Os funcionários estão loucos atrás dele. Precisam descarregar os fardos de feno e ele sumiu.

Vera olhou para ele, confusa.

— O senhor Dario deve estar no *haras*. Ele sempre acorda com as galinhas. — Ela riu.

— Não está. São dez da manhã e ninguém o viu pela fazenda.

— Ele deve ter ido até a cidade.

— A caminhonete dele está no estacionamento. — Ele franziu o cenho.

— Será que ele ainda não acordou?

— Acordado ele está. Passei pelo quarto e ele não estava. Bom, se ele aparecer diga que

precisamos dele no *haras*.

— Pode deixar.

— Antes de ir, pode me servir um café? Estou faminto.

— Claro. — Ela sorriu.

— Bom dia, bom dia, bom dia! — Melanie passou por eles com um imenso sorriso.

— Bom dia! — Ryan respondeu olhando-a de um jeito estranho. Todas as vezes que ela estava irradiando felicidade era porque havia aprontado.

— Onde está a Helena? Dario me pediu que a levasse até a cidade.

— Dona Helena ainda está dormindo — Vera respondeu.

— Uau! Dez da manhã? Vou lá acordar aquela preguiçosa.

— Melanie, você viu Dario hoje de manhã quando acordou? — Ryan perguntou.

— Hummm... não. Saí antes das sete hoje — respondeu e saiu em direção ao quarto de Helena.

Ao posicionar-se de frente à porta, pegou na maçaneta e girou pronta para dar um grito e acordá-la. Mas, ao se deparar com a cena à sua frente, sua voz falhou e seus olhos arregalaram-se a ponto de quase saltarem para fora.

Dario e Helena estavam dormindo juntos, tão juntos, que Melanie teve dificuldade de entender quem estava sobre quem.

O lençol estava caído ao chão, e Helena aninhada a Dario, que estava apenas de cueca. As pernas estavam entrelaçadas nas dele; e ele, com uma de suas mãos repousadas no bumbum dela. A miniblusa de seda havia levantado e seus seios ficaram parcialmente expostos, pressionados pelo peitoral forte do seu irmão. Seus rostos estavam quase colados e os dois dormiam como anjos.

Melanie levou a mão à boca para conter seu espanto. Sem fazer nenhum barulho, girou nas pontas dos pés e saiu do quarto silenciosamente. Ao fechar a porta, disse:

— Obrigada, meu senhor! Até que enfim, meu querido irmão achou uma louca para amar. Quem sabe assim, ele larga do meu pé e me deixe viver a vida radicalmente. — Sorriu. — Aiiii! Tô *shippando* demais Tarzan e a Jane, amém!

— Aleluia, irmã — Johnny disse ao passar por ela. — Tá rezando? Não combina muito com você, maninha — ele tirou onda.

— Cale a boca e fale baixo. Estou aqui rezando aos deuses para que... Ah, esqueça!

— Diga. — Johnny ficou curioso.

— Se eu disser, você não irá acreditar.

— Tente. — Ele cruzou os braços.

— Farei melhor, veja! — Ela o puxou pelos braços e abriu a porta devagar.

Ao ver aquela cena, Johnny quase gritou:

— Mas que porra é essa?!

Melanie fechou a porta aos risos e olhou para a cara de espanto dele.

— Quando foi que você viu nosso irmão dormir com alguém? Na própria cama? Ele ainda está dormindo! Ele nunca dorme até tarde.

— Somente com a Georgina.

— É.

— E?

— Babaca. Isso quer dizer que eles estão apaixonados.

— Isso quer dizer que não vai acabar bem, isso sim. Ryan foi bem claro para que ele não se aproximasse dela.

— O que não vai acabar bem? — A voz de Ryan os empalideceu.

— Nada. — Melanie se colocou de frente para a porta.

Ele olhou para as caras espantadas de seus irmãos e disse:

— O que estão escondendo?

— Nada.

— O que tem no quarto?

— Hã? Na-nada — ela gaguejou.

— Me dê licença, Melanie. O que vocês dois estão aprontando? Vá, saia daí — Ryan exigiu.

— Ok. — Ela riu.

Ao girar a maçaneta, Johnny disse:

— Se eu fosse você, não faria isso. É muito perturbador.

Ryan franziu o cenho e abriu a porta.

Ao vê-los ali, deitados e abraçados seminus, virou o rosto e saiu.

Os irmãos olharam para ele, que tinha uma expressão de puro desapontamento.

— E então? — Johnny perguntou.

— Estava demorando. Ele simplesmente fodeu com tudo! — rosnou.

— Por que diz isso?

— Porque nosso irmão é um maluco controlador, perseguidor, grosso... Estou começando a ficar com dó dela. Adeus vida normal!

— Você é muito dramático, Ryan. Está vendo que é exatamente isso que ele precisava? Alguém que o ame e que mude esse jeito bruto dele — Melanie rebateu.

— Aí é que está, Melanie. Não sabemos nada sobre essa mulher. Como pode ter certeza de que isso dará certo? Se ele estiver realmente interessado nela, ele fará de tudo para que ela nunca mais saia dessa fazenda. E, se isso acontecer, temo que ela não aceite muito bem os termos dele. Ela tem uma vida fora daqui. Se ela o deixar como a Georgina fez, todos nós estaremos no inferno junto com ele.

— Adoro esse seu lado pessimista, irmão — Johnny resmungou. — Será que não podemos simplesmente ficar feliz por ele?

— Claro! Depois não digam que não avisei. Dario sempre será o mesmo. Não irá mudar por um rabo de saia. Está no sangue dele.

— Vamos pagar para ver, então! — Melanie disse, esperançosa.

— É, vamos! — Johnny concordou.

Capítulo 9

O TELEFONEMA

Poucas horas após os irmãos flagrarem os dois na cama, Helena acordou. Ainda sonolenta, ela olhou para Dario e a noite anterior lhe veio à cabeça. Ela se emocionou ao ver que ele se manteve ali para protegê-la. Ao ver a situação em que se encontrava, ruborizou. O que iria dizer naquela situação tão constrangedora? Como iria encará-lo nos olhos? Ela não esperava que ele ficasse ao seu lado até amanhecer. Devagar, tentou retirar sua perna debaixo da dele. Ele se movimentou e ela ficou imóvel no mesmo instante. Não queria acordá-lo. Não queria ter que encará-lo antes de pensar em algo.

Olhando para ele, que dormia pesadamente, ela sorriu.

“Tão lindo!”, pensou.

Ela deu um suspiro forte e tentou novamente se afastar dele. Isso só fez com ele a abraçasse ainda mais forte. Dario resmungou algo inaudível e voltou a dormir.

“Droga. É melhor esperar que ele acorde. Vou fingir que estou dormindo. Assim, quando acordar, não terei que encará-lo de frente e dizer algo idiota como: ‘adorei dormir ao seu lado’, ou ‘quero dormir mais vezes com você’, ou ainda, ‘prometa-me que jamais irá sair dessa cama?’”. — Ela riu com os pensamentos malucos. Óbvio que qualquer mulher pensaria exatamente a mesma coisa. Só que ela não daria o braço a torcer e muito menos falaria isso para ele. Suas mãos alisaram o seu peito másculo e ela sentiu uma vontade enorme de tocar o monte protuberante por debaixo daquela *boxer*. Seria loucura, claro. Preferiu, então, se fazer de morta e fingir que dormia.

Pouco tempo depois, para o seu alívio, Dario despertou. Ao abrir os olhos, se deu conta de que dormiu demais.

— Merda! — grunhiu e saiu bruscamente da cama, sem se importar se iria acordá-la ou não. Desesperado, olhou para o relógio de cabeceira que marcava meio-dia. — Não acredito! — sussurrou abismado ao perceber o quanto dormiu. Correu até o *closet* e procurou por suas roupas. Ela queria rir, mas isso a denunciaria. Manteve os olhos fechados para que ele não percebesse que estava acordada. Ela o viu seguir até o banheiro e ouviu o barulho da água cair. Ele estava no banho. Minutos depois, ele entrou no quarto como veio ao mundo. Se secou rapidamente e jogou a toalha sobre a cama. Colocou sua *boxer* azul-marinho, jeans e botas numa velocidade impressionante e descoordenada. Recolheu a toalha e correu até o banheiro para deixá-la no suporte. Voltou para o quarto e pegou a camisa preta que havia colocado ao lado dela e saiu rapidamente fechando a porta atrás de si.

— Uau! Agora já posso respirar! Puta que pariu, o que foi aquilo? — ela sussurrou com a mão espalmada no peito. Porém, antes que pudesse se levantar, a porta do quarto se abriu violentamente. Ela fechou os olhos e escutou o baque da porta se fechando.

Dario estava com as costas contra a porta olhando-a de forma carinhosa. Lentamente, caminhou até ela e sussurrou:

— Eu me esqueci de uma coisa. — Ele se curvou e depositou um beijo em seus lábios. Chocada, ela continuou mantendo-se imóvel enquanto fingia que dormia. Ao se afastar, ele disse: — Eu devo estar ficando... louco. — E saiu.

Dario desceu as escadas rapidamente colocando sua camisa. Ao entrar na cozinha, todos os olhos curiosos de seus irmãos, que estavam à mesa almoçando, voltaram-se para ele.

— O que foi? Tô cagado? — ele se irritou. Caminhou até o balcão e se serviu de um pouco de café preto.

— Onde esteve até agora? — Ryan perguntou.

— Estava no *haras*, trabalhando. Deveriam experimentar — respondeu dando um gole em seu café.

Ryan juntou as sobrancelhas e o interrogou:

— Desde que horas? Pois fui até lá e os funcionários disseram que não te viram. Rodei essa fazenda inteira atrás de você e ninguém sabia onde estava.

Dario se enfureceu.

— O que foi? Virei sua mulherzinha agora? Vá se catar, Ryan. Não devo satisfações da minha vida pra ninguém. Eu, hein! — E saiu batendo os pés.

Johnny ficou em silêncio e Melanie bestificada com a cara de pau do irmão.

— Como ele mente bem. — Ela sorriu.

— E vocês ainda acreditam que ele irá amansar mesmo depois daquela pouca vergonha? — Ryan disse entredentes.

— Ryan, para com isso. Transar é normal. Às vezes, acho que você é meio gay. Está precisando arranjar uma mulher, irmãozinho — Melanie disse deixando-o furioso.

— Quando eu encontrar uma mulher que valha a pena, me casarei com ela antes de levá-la para a cama.

— Oh, pobre irmão. As mulheres não gostam de caras certinhos. Veja o Dario, aprenda a ser selvagem como ele e solte esses hormônios acumulados — ela aconselhou.

Johnny não aguentou ver a cara de espanto do irmão e gargalhou.

— Ainda bem que eu gosto de transar, e muito — disse, se juntando a Melanie.

— Vocês são três pervertidos, isso sim — Ryan disse jogando os talheres que segurava em seu prato, limpou a boca com o guardanapo e saiu enraivecido.

— Vou até o quarto ver se a Bela Adormecida já acordou. — Ela sorriu.

— Maninha... — Johnny a chamou.

— Hum?

— Tenta não ser indiscreta. Pode assustá-la. — Ele riu.

— Não sei se vou conseguir, mas obrigada pela dica.

Ao subir as escadas, Melanie tinha um sorriso no rosto. Estava realmente esperançosa de que a mulher mudasse o jeito bronco do seu irmão. *Afinal, o amor pode tudo, não?*, pensou.

Ela abriu a porta e, ao entrar, viu que a cama estava vazia e perfeitamente arrumada. A porta do banheiro se abriu e Helena saiu com a toalha enrolada em seu corpo molhado.

— Jesus! Que susto! — disse ao vê-la ali, parada na porta.

— Desculpe-me. Não queria assustá-la. Então, ainda quer ir até a cidade?

— Oh, sim. Preciso comprar umas roupas para hoje. Não que as suas não me sirvam, mas...

— Mas meu irmão anda implicando com o tamanho delas. Acertei? — perguntou sentando-se na cama.

— Ele é um pouco chato quando o assunto é esse — Helena riu.

— Você não pode deixar meu irmão mandar em você. Tem que ter pulso. Colocá-lo no lugar dele.

Ela não entendeu nada.

— Ainda mais agora que...

— Que? — ela soou confusa.

— Vocês transaram.

Como sempre, Melanie foi direta fazendo-a ficar rubra de vergonha. Helena engasgou com as próprias palavras que não conseguiram sair de sua boca.

— Ah, relaxa! Todo mundo viu quando Dario saiu do seu quarto agora há pouco. Ele nunca acorda tarde. O sexo deve ter sido fantástico, hein? Dormiram até meio-dia. — Riu. Isso porque Johnny havia pedido para que ela fosse discreta. Mas, discrição e Melanie na mesma frase, era quase impossível.

— Nós não fizemos nada — ela disse sem graça.

— Ah, que isso, cunhadinha? Pra cima de *moi*?

— Acredite se quiser — respondeu. Terminou de se secar e colocou suas roupas.

— Eu vi com esses próprios olhos, Helena. Você e Dario, como se fossem um, pelados nessa cama.

Ela ficou horrorizada.

— Você... Você entrou aqui? — Ela não sabia se ficava envergonhada ou horrorizada pela cara de pau de Melanie.

— Eu, Johnny e Ryan — disse normalmente.

Ela olhou para Melanie, chateada. O rubor tomou conta de seu rosto e falou indignada:

— Vocês não respeitam a privacidade dos outros? É inaceitável esse tipo de conduta.

— A porta estava aberta. — Ela deu de ombros.

— Meu Deus! O que devem estar pensando de mim? — bufou.

— Que você e Dario tiveram uma noite de amor. — Melanie bateu os cílios, contente.

— Já disse que não fizemos nada. Ele só... só ficou aqui para me proteger. Eu tive um sonho ruim e ele apenas ficou para que me mantivesse calma — disse envergonhada.

— De cueca? — indagou.

— Vamos mudar de assunto? Céus! Como vou olhar para a cara dos seus irmãos?

— Relaxa! Todos estamos torcendo por vocês — Ela pulou da cama para dar um abraço nela. —, menos Ryan. Ele acha que você irá despertar o lado sombrio do Dario — gargalhou.

— Que lado sombrio?

— Relaxa. Dario não é tão mau. É só fazer como eu disse: não deixe que ele controle você. Então, viverão felizes para sempre e com vários *Dariozinhos* e *Heleninhas* de olhinhos azuis perambulando por essa fazenda. — Ela gargalhou.

— Isso é loucura. Eu e o Dario? Não mesmo! — falou. — Vamos, precisamos ir logo até a cidade. Preciso ver gente! Acho que vou enlouquecer se ficar presa aqui — disse saindo do quarto levando Melanie consigo.

Melanie pegou a chave da caminhonete do irmão e as duas entraram.

— Espere! Esqueci algo — Helena disse, saiu do carro rapidamente e correu até o quarto. No criado-mudo, pegou o pedaço de papel que havia escrito o número de telefone que havia sonhado.

— Vamos descobrir quem é você, Carl — sussurrou. — Mas antes, preciso saber quem eu sou. Droga! Eles me chamaram de Esther Rothenberger, seria esse meu nome? Preciso de um computador. Mas, como vou pedir para Ryan depois que... Ah! Droga! Maldito, Dario! Por que teve que dormir aqui? Como sou idiota, fui eu quem pedi! Aff! Deixa pra lá. O que não entendi é... Eu sou uma jornalista? Merda! Merda! O que será que aconteceu? Por que não consigo me lembrar? Preciso descobrir no que estou envolvida — sussurrou desesperada.

— Falando sozinha? — Dario perguntou com um sorriso irônico. Encostado no batente da porta, ele a observou. — Daqui a pouco vou achar que, além de desmemoriada, você também é louca.

Helena sorriu nervosa e perguntou:

— Será que eu poderia usar um de seus computadores?

— Vai procurar a cura para a amnésia? — Dario riu.

Ela se irritou.

— Não, mas talvez eu procure algo para te curar dessa ignorância toda — disse, e saiu do quarto deixando Dario perplexo. Ninguém jamais ousou tratá-lo dessa maneira tão rude.

— O que foi que deu nela? Só estava brincando — sussurrou, sem entender.

Ao entrar no carro, Melanie bufou.

— Nossa! Já estava a ponto de ir atrás de você.

— Desculpe-me. Podemos ir.

O trajeto até a cidade não foi muito longo. Em pouco tempo, estavam no centro da cidade. Melanie entrou em algumas lojas de conveniência, enquanto Helena comprou as roupas que precisava. Antes de sair da loja de roupas, na fila do caixa, ela notou que vendiam celulares pré-pagos. Quando pagou a conta, pediu e pagou por um. Pegou as sacolas e se dirigiu até o banheiro. Fechou a porta e pegou do bolso da calça o papel que continha o número. Ela ficou olhando para o celular como se estivesse criando coragem para fazer aquilo. Porém, ela precisava saber. Precisava entender e ver se tudo aquilo era sonho ou se realmente fazia parte de suas memórias.

Então, ela discou. Quando a outra pessoa do outro lado da linha atendeu, ela sussurrou:

— Carl?

Houve um breve silêncio. Ela até cogitou a ideia de desligar. Só poderia estar maluca, mas o silêncio foi quebrado por uma voz desesperada:

— Esther? Esther, é você?

Ela ficou surpresa e emocionada. Enfim, alguém que a conhecia e poderia desvendar tudo o que estava passando.

— Carl!

— Jesus, Esther! Onde está? Preciso saber onde está! Esther? Querida, você está aí? Fale comigo, por favor! — a voz do homem se alterou aos poucos.

Confusa, ela inspirou forte e desligou.

— O que eu estou fazendo? — sussurrou. — Como vou saber se posso confiar nele? — Seus olhos encheram-se de lágrimas.

O telefone tocava desesperadamente em suas mãos. Assustada, ela desligou o aparelho e o jogou no cesto de lixo. Saiu do banheiro completamente abalada.

— Carl! Carl! — sussurrava petrificada. — Será que sou casada com ele? Será que é meu irmão, meu pai ou um amigo? Droga! Merda de memórias que não voltam de uma vez! — Chorou.

Ela saiu da loja, preocupada. Carregou as sacolas até o carro e ficou ali, esperando por Melanie. Após alguns minutos, ela apareceu.

— Comprou tudo, donzela?

— Sim. Vamos embora?

Melanie notou pelo tom de voz que Helena estava diferente.

— O que houve?

— Nada. Apenas vamos — disse olhando para fora da janela.

Quando chegaram na fazenda, ela entrou no quarto de Ryan para usar o computador.

Fechou a porta para que ninguém a visse ali e deu graças a Deus ao ver que o *notebook* estava sobre a mesa, ligado.

Ela correu até ele e entrou num site de busca. No campo pesquisar, digitou Esther Rothenberger. Olhou alguns resultados, mas nenhum deles eram ligados a ela. Rolando a página, ela parou em uma matéria que lhe chamou atenção:

“Carl Trainor, chefe do departamento de segurança dos Estados Unidos, anuncia a data de seu casamento com a jornalista Esther Rothenberger.”

Ela clicou na matéria e, em seguida, a foto de um homem ao seu lado, a fez suspirar.

Esther olhou a data e viu que a matéria era antiga. Porém, leu na íntegra.

“Carl Trainor, chefe do departamento de segurança dos Estados Unidos, anuncia a data de seu casamento com a jornalista Esther Rothenberger. Segundo Carl, o enlace acontecerá daqui a um mês. Eles já estão juntos há um ano e decidiram, enfim, oficializar a união. A noiva faz questão de ter uma pequena cerimônia privada, sem requintes e longe dos holofotes.”

Esther ficou por um bom tempo olhando o homem que a abraçava na foto. Ele era alto, de olhos azuis e com uma pequena barba por fazer. Aliás, era uma figura imponente que possuía um sorriso encantador. Além disso, elegante e sem dúvida... milionário. Pela data, certamente ela era a Sra. Trainor. Procurou por fotos do casamento, mas não encontrou nada. Vasculhou, então, por mais fotos dele. Havia uma em que Carl estava ao lado do presidente, sorrindo como se fossem amigos. Viu algumas fotos em que os dois foram flagrados juntos em restaurantes, na rua, e outras em sua intimidade, como um passeio que fizeram para Los Angeles em que os dois estavam se divertindo na praia de Santa Mônica.

— Eu sou casada com esse cara? Não brinca! — Ela ficou pasma. — Ele não parecia um marido desesperado, nem perguntou se estava bem e viva! Estranho! — suspeitou. — Não saiu nenhuma foto do meu casamento? Fala sério! Impossível! — Ela ainda olhava para a foto de Carl, surpresa.

Isso mudava tudo.

Ela colocou na busca o seu nome. Porém, não havia muitas fotos dela ou muitas matérias que havia feito. Só depois de mais algumas páginas roladas, ela encontrou uma foto em que estava na frente de uma casa em Washington, saindo com Carl de mãos dadas. Na legenda, estava escrito:

“Carl Trainor e Esther Rothenberger adiam a data do casamento. Segundo Carl, a jornalista investigativa passou mal pela manhã e foi levada às pressas para o hospital. Há rumores de que Esther tenha perdido o tão sonhado herdeiro de Trainor.”

— Mas que... — ficou confusa. A data lhe chamou atenção. A matéria saiu exatamente três dias antes de ser encontrada por Dario na fazenda.

— Que filho? Não tenho filho nenhum! Céus! Será que eu estava grávida? — Ela se levantou bruscamente, horrorizada. Ao ouvir passos, fechou as páginas e apagou o histórico.

— O que faz aqui? — Ryan perguntou olhando para ela, confuso.

— Desculpe-me. Estava olhando uma nova receita de doces — fingiu. — Já estou de saída.

— Tudo bem, fique. Só vou tomar um banho. Daqui a pouco sairemos para ver o Johnny cantar. Ele está todo contente. — Ele riu.

— É — foi a única coisa que conseguiu dizer, porque ainda estava chocada com o que havia descoberto. Nada parecia se encaixar. Ela não estava grávida. Sentia isso.

Ryan entrou no banho deixando-a a sós no quarto.

Mas por que Carl disse que fui levada ao hospital um dia antes do nosso casamento? Se ele é chefe do departamento de segurança dos Estados Unidos, ele é influente. Então, por que não me protegeu e deixou aqueles caras me levarem? Oh, merda! No que estou envolvida?, pensou apavorada. Lembrou do telefonema e se arrependeu de ter ligado. Ela não podia confiar em ninguém. E naquele momento, passou a desconfiar de todos à sua volta, inclusive da família Craig.

Todos estavam arrumados, menos Helena, que ainda lutava para entender o quebra-cabeça que era sua vida. Com peças desconexas e memórias confusas, ela precisava mais do que isso para descobrir quem realmente era.

— Vamos, Helena! Iremos chegar atrasados — Melanie gritou da escada.

— É melhor irem. Johnny já saiu com a Kristen. Ryan, leve a Melanie e a Paige com você. Eu fico aqui esperando pela Helena — disse Dario.

— Tudo bem — Ryan assentiu.

Dario subiu as escadas e se posicionou de frente para a porta do quarto. Girou lentamente a maçaneta e entrou.

Ela estava ali. De costas para ele, tentando erguer o zíper do lindo vestido creme curto, rendado, ajustado perfeitamente em seu corpo. Calçava uma bota preta de montaria.

Ele se aproximou dela e afastou seus cabelos lentamente, os colocando de lado. Ela sentiu a presença dele mesmo antes de tocá-la. Com cuidado, ele subiu o zíper lentamente até fechá-lo e sussurrou no ouvido dela:

— Você está linda!

Ela sorriu e corou, mas ele não teve a oportunidade de ver o quão linda ficara com aquele rubor. O cheiro do perfume dele impregnou no corpo dela. Ele a abraçou por trás e a beijou no pescoço. O gesto a desarmou completamente. Ela pendeu a cabeça de lado, dando espaço para que ele continuasse com seus beijos. Descansou a cabeça no peito dele e gemeu quando Dario passou a língua vagarosamente em sua orelha.

— Precisamos ir — ela falou.

— Vire-se! — ele ordenou e foi atendido prontamente.

Seus olhos azuis se conectaram com os dele. Dario levou a mão direita até o rosto dela e a acarinhou. Ela fechou os olhos para sentir toda aquela sensação que ele lhe causava. O polegar dele tocou os lábios rosados e ficou ali, alisando seus lábios macios até que ele a beijou. Aos poucos, ela abriu passagem para ele e gemeu com o contato. Dario passou a língua lentamente pelos lábios dela, mordiscando-a devagar, em um beijo totalmente provocativo, quente e erótico. Ela sentiu o corpo amolecer nos braços dele, que a segurava com firmeza. Quando o beijo intensificou-se, e ela estava quase implorando por mais, se lembrou da única coisa que não deveria: Carl.

— Espere! — ela disse, e se afastou ofegante. — Temos que ir — falou sem encará-lo nos olhos, pegou sua jaqueta de couro preta e saiu pela porta.

Dario a seguiu confuso. Para o inferno esse show! Se ela quisesse, ele ficaria ali com ela a noite toda, amando-a e explorando cada milímetro de seu corpo, que já estava quase o enlouquecendo.

Ao descer as escadas, ele gritou:

— Helena, espere!

Ela saiu rapidamente pela porta, quase correndo até o carro. Abriu a porta e o esperou.

Dario entrou em silêncio. Quando deu a partida, perguntou:

— O que há com você?

— Nada.

— É o sonho?

— É um pouco confuso. — Ela sorriu, triste.

No caminho, ele voltou a insistir:

— Quer me contar o que aconteceu na noite passada?

Ela suspirou. Claro que ela teria que falar sobre aquilo em algum momento. Dario era o único que ela não conseguia enrolar por muito tempo. Ele era bem insistente.

— Eu me lembrei de algumas coisas ruins e outras boas.

Ele ficou mudo.

— Lembrou-se de como veio parar aqui? De quem a machucou?

Ela assentiu.

— Na madrugada você disse que havia lembrado seu nome — disse confuso.

— Eu disse isso? — Ela ficou perturbada. Não lembrava de ter dito nada.

— Sim. Estou curioso para saber o que se lembrou.

Aquela conversa estava rumando para algo perigoso. Ela não podia mais ficar ali. Não podia confiar em ninguém e não sabia mais se estava segura na fazenda. Ela precisava ir embora.

— Meu nome é Helena Dawson. Tenho 27 anos, moro no Arizona, tenho pais falecidos e leciono numa escola infantil. Sou solteira, não tenho filhos e moro com um gatinho que deve estar sentindo a minha falta. — Ela sorriu tentando ser o mais convincente possível.

— Legal — ele disse. — E o que estava fazendo aqui no Texas?

— Vim a passeio. Fui assaltada por uns caras de preto e um deles me bateu. Então, você me encontrou caída no chão.

Dario olhou para ela confuso e um pouco desconfiado.

— É, faz sentido. Você se lembrou disso tudo ontem à noite?

— Nem tudo — respondeu.

— Hum... — Dario pareceu chateado com algo. — Então, desvendamos o seu caso. — Ele sorriu fracamente.

— Parece que sim. — Estava nervosa. Dario notou algo diferente no seu jeito. Talvez estivesse triste em ter que ir embora e voltar para sua vida de antes. Ele também estava. Muito. — Amanhã direi para os outros que gostaria de voltar para casa amanhã mesmo.

Por que tanta pressa?, ele pensou, desconfiado.

— Sabe que não precisa sair assim, correndo — ele disse.

— Eu sei. É que preciso voltar.

Eles ficaram em silêncio.

— Qual o nome da escola em que dá aulas? As crianças devem adorá-la.

Ela pigarreou.

— Montebello — respondeu. Por sorte, havia montado sua mentirinha a tempo e agradeceu o

curto intervalo em que esteve no *notebook* para pesquisar.

— Phoenix — sussurrou.

— Hum-hum... — Ela sentiu-se mal por estar mentindo, mas era para sua própria segurança.

— Bom, resolveremos isso amanhã. Chegamos ao famoso bar do Dickson — ele disse sem muito entusiasmo.

— Está animado. — Sorriu ao ver a multidão aglomerada em frente ao lugar.

Dario estacionou o carro, saiu e deu a volta para abrir a porta para ela.

— Obrigada.

Os dois entraram no bar. Dario a guiava pela multidão até que viu Ryan acenando para ele sentado próximo ao palco.

— Nossa, vocês demoraram — Melanie disse.

— Johnny vai entrar agora. — Ryan apontou para a banda que já se formava no palco.

— Cerveja? — Ryan perguntou.

— Não. Quero algo mais forte — Dario respondeu chamando o garçom. Quando se aproximou, pediu uma garrafa de uísque.

Ryan franziu o cenho, pois a combinação de Dario com bebida nunca dava certo.

— E então, Paige, o que está achando do Texas? — Melanie tentou descontraír.

— Estou adorando.

— Helena também chegou há pouco tempo. Quase não viu nada, mas podemos marcar um dia e sairmos juntas, o que acham?

— Tô dentro! — Paige respondeu prontamente, enquanto Helena apenas assentiu sem qualquer entusiasmo.

Eles seguiram conversando e Ryan se preocupou com o semblante sério do irmão. Ele observou o jeito dele e o de Helena. Os dois quase não trocaram palavras.

Para quem teve uma noite de amor, como diz a Melanie, aí tem, pensou e ficou observando o irmão beber.

Segundos depois, Johnny entrou no palco com a guitarra de Kristen e olhou diretamente para ela, que estava sentada à mesa, e fez um sinal de coração com a mão lançando-lhe um beijo. Em seguida, ele começou a cantar:

Baby, let's go; let's get out of here.

Let's go somewhere nobody knows our names and just disappear.

It's a long way down but I'm ready to fall

Cause there's no one I can see myself with, girl, but you...

— Nada mal. — Dario franziu o cenho observando seu irmão cantar com tanta paixão.

— Vamos dançar? — Paige perguntou a Melanie.

— Não, eu estou de olho naquele carinha ali no bar. Vou à caça, querida. Fui. — E saiu da mesa deixando Paige sorrindo feito boba.

— Vamos? Eu danço com você — Helena disse.

— Eu também vou — Kristen disse.

As três se levantaram e seguiram para frente do palco onde várias pessoas dançavam.

— Aconteceu alguma coisa entre você e a Helena? — Ryan foi direto com Dario.

— Não. E pare de me olhar como se eu estivesse prestes a bater em qualquer um! — rosnou.

— Certo.

Dario a observava dançar. Ela era tão linda, descontraída... E agora, estava escapando-lhe por entre os dedos. Ele suspirou fundo, frustrado e continuou a beber. Não desgrudou os olhos por nem um segundo dela. Chegou até a grunhir quando dois homens se aproximaram delas, mas foram logo dispensados.

Após algum tempo, elas voltaram e se sentaram rindo de alguma coisa que haviam visto.

— Nossa, cansei! — Kristen disse com os cabelos vermelhos grudados no rosto. — Vou até o banheiro, já volto.

— Uau! Meu Deus! Preciso falar com você. — Melanie surgiu do nada, assustando Helena com sua empolgação.

Ela a arrastou até o bar e disse:

— Sabe aquele carinha? — Apontou para um homem de jeans e camisa verde encostado na mesa de bilhar.

— Aquele bonitão ali? Cabelos pretos, forte...

— Ele mesmo. — Ela sorriu. — Uau! Nunca tive um orgasmo tão intenso como acabei de ter com ele.

Helena olhou para Melanie horrorizada.

— Você... Vocês... Hã? Você transou com um desconhecido?

— Ai, não... Não me venha com a ladainha do Dario. — Revirou os olhos.

— Melanie! Você é louca?

— Querida, arrastei aquele deus grego para o banheiro e, sério, você deveria tentar isso com alguém. Uma foda no banheiro feminino, às escondidas... Ahhhhh.

— Você é maluca! — Helena riu.

O rapaz do outro lado, olhou em direção a elas e sorriu para Melanie.

— Ele não é lindo?

— Depois dessa, preciso retocar minha maquiagem — Helena disse.

— Espere, vou junto.

As duas correram para o banheiro, esbarrando na multidão pelo caminho. Retocaram as maquiagens e saíram pelos fundos.

— O que vai fazer? — Helena perguntou intrigada.

— Vou fumar.

Assim que Melanie retirou da bolsa um pequeno cigarro de maconha, Helena reagiu tirando o cigarro das mãos dela e disse:

— Não vou deixar que faça isso. Está louca? Dario te mata!

— É só um cigarrinho. Pare de ser careta.

— Isso é droga, Melanie! Não vou deixar que faça isso — disse irritada e pisou no cigarro até que estivesse todo desfeito no chão de terra.

— Que chatice.

Nesse instante, elas ouviram um grito desesperado:

— *Me larga!*

— É a voz da Kristen — Melanie disse.

As duas correram na direção da voz e viram o momento em que um homem a agarrava contra a parede, nos fundos do estacionamento escuro.

— Solte-a! — Helena gritou chamando a atenção do homem.

Ele se virou para encará-la, enquanto segurava Kristen.

Na jaqueta, um emblema chamou a atenção de Melanie.

— Ele é um Caveira — sussurrou assustada.

— E o que isso quer dizer? — Helena quis saber.

— Que precisamos de ajuda! — Os olhos arregalados de Melanie e o medo, não a intimidaram.

— Eu disse para soltá-la, imbecil! — Ela se aproximou do homem, que tinha suas mãos entre as pernas de Kristen.

— Marrentinha você, hein, loirinha?

Kristen estava assustada.

— Tire essas mãos nojentas dela, seu porco imundo.

Ele se irritou e jogou Kristen com tudo ao chão. Em seguida, avançou rapidamente em Helena dando-lhe uma forte bofetada. Ela se desequilibrou. Melanie tentou ajudá-la, mas o homem a pegou pelos cabelos, arrastando-a e a jogou contra a parede.

— Eu prefiro mesmo foder uma loirinha — ele disse lambendo o rosto dela.

Ela lhe acertou uma joelhada, mas foi contida por ele, que agarrou sua garganta com as duas mãos.

— Puta maldita!

Melanie e Kristen tentaram correr para avisar Dario e Ryan, mas outro sujeito as pegou pelos braços.

— Calminha, meninas! — Ele tapou suas bocas com as mãos para que não gritassem.

Quando ele virou para olhar o amigo, ela lhe deu outra joelhada e, em seguida, lhe chutou o estômago. O homem foi ao chão e ela deu um forte chute em seu rosto fazendo-o urrar de dor. O amigo veio ao seu socorro e, ao tentar bater nela, Helena se esquivou rapidamente e lhe acertou um soco no rosto seguido por um chute nas costelas. Os golpes e a agilidade dela surpreenderam Melanie e Kristen, que a olhavam como se ela fosse um ET. Em pouco tempo, os dois sujeitos estavam estendidos no chão, gemendo de dor.

Helena correu até elas e as puxou para fora dali. Entraram no bar e Melanie gritou sobrepujando a música alta:

— O que aconteceu ali? Está machucada? — Melanie observou-a. Não havia nenhum arranhão a não ser as marcas vermelhas no pescoço e uma do lado direito do rosto.

— Nada. Só não conte para os meninos, isso iria começar uma enorme briga. Vamos fingir que nada daquilo aconteceu.

Kristen não disse nada, porque ainda estava abalada.

— Pode deixar — Melanie sussurrou. — Não direi ao meu irmão que você é mais macho do que ele. Não iria mesmo entender. — E se afastou ainda mais assustada.

As três sentaram-se à mesa e chamaram a atenção de Dario, Ryan e Johnny, que havia acabado de se sentar.

— Onde estavam? Que caras são essas? — Johnny perguntou.

Quando Helena abriu a boca para responder, ela viu um homem no bar, que lhe chamou a atenção. Alto, moreno, olhos negros e calvo. Ele se destacava entre as pessoas pelo seu belo terno preto devidamente alinhado, feito sob medida.

Ela perdeu a fala e começou a ter uma crise de pânico. O homem sentado no bar era o mesmo que havia invadido sua casa, a sequestrado e a torturado.

“Eles me encontraram”, pensou, apavorada.

Capítulo 10

VOCÊ É MINHA

Havia uma pequena aglomeração no bar. Para sorte de Helena, o homem de preto terminou de beber seu uísque e saiu do bar do Dickson sem olhar para trás. Ela acompanhou os movimentos dele, totalmente em pânico.

— Helena! Está se sentindo bem? — Dario perguntou, aflito.

— Sim — ela respondeu com um sorriso trêmulo. — Eu só... preciso de um pouco de ar — concluiu. Levou a mão à testa e secou o suor que escorria sobre a pele fria. Levantou-se, andou apressadamente pelas pessoas, e esbarrou em algumas pelo caminho até o outro ambiente, onde alguns caras fumavam feito chaminés e jogavam sinuca.

— Espere! O que há com você? Está estranha — Dario quis saber.

Ela o olhou e teve uma vontade enorme de dizer tudo o que se passava em sua mente perturbada.

— Nada. Estou bem. Acho que foi uma indisposição. Está muito quente aqui dentro — mentiu. Ela não conseguiu confiar nele.

— Vamos voltar para a mesa. Os outros ficaram preocupados. — Ele pegou nas mãos dela.

Ela apenas assentiu.

No caminho de volta, ela tentou entender como o homem a havia encontrado.

“Claro”, pensou. “A merda do telefonema”, chutou mentalmente.

Foi, então, que teve a certeza de que não poderia confiar em Carl. Pelo menos não, por enquanto.

“E se o telefone dele estiver grampeado? Como vou saber se foi ele quem...”, pensou e, automaticamente, deixou de lado quaisquer dúvidas. “Eu preciso investigar e tomar certos cuidados. Pode ser que ele já estivesse aqui”.

— Sabe quantas horas leva de Washington até aqui? — perguntou para Dario. Ele franziu o cenho.

— Por que quer saber?

— Curiosidade.

— Um dia, mais ou menos.

— Tudo isso? — ela se decepcionou.

— A não ser que vá de avião. Então, serão apenas umas cinco horas.

— Cinco horas — sussurrou para si.

Ela fez os cálculos.

Deu tempo o suficiente para que Carl ou quem quer que fosse, caso o telefone dele estivesse grampeado, chegasse até ela.

Ela precisava sair do Texas o mais rápido possível. Ou seria descoberta, ou até pior, colocaria a família Craig em perigo.

— O que tem em Washington? — ele insistiu.

— Não sei. Algumas vagas lembranças — respondeu para que ele não ficasse desconfiado.

Eles voltaram para a mesa e ficaram ali por mais algumas horas. Ela não conseguiu se concentrar em mais nada. Ficou dispersa e amedrontada. A cada vez que a porta do bar se abria, ela ficava tensa.

Enquanto os irmãos pareciam se divertir ao lado das mulheres, Helena apenas maquinava um jeito de fugir da fazenda, na madrugada. O melhor seria assim. Ela fugiria e todos à sua volta estariam mais seguros, inclusive ela. Só que Dario a fitou por toda a noite. Sentiu que havia algo estranho com ela. Ele não sabia o quê, mas presumiu que tivesse algo ligado ao sonho. Sem contar que não acreditou em uma única palavra que havia dito a ele no carro. Ela parecia querer fugir, e ele começou a temer que poderia ser o motivo.

— Eu estou cansada. Será que poderíamos ir embora? — ela disse olhando para os rapazes.

— Onde está a Melanie? — Ryan perguntou olhando na direção das pessoas que dançavam.

— Não sei. Ela estava com um rapaz na pista de dança — Kristen respondeu.

— Eu também estou cansado. Vou para casa. Vamos? — ele estendeu a mão para Helena.

— Vamos ficar mais um pouco. Quando Melanie voltar iremos todos juntos — Johnny disse para Dario.

— Certo.

Dario e ela se despediram de todos e saíram do bar. Entraram no carro e seguiram para a fazenda. O trajeto todo foi feito em silêncio. Ele a observou. Estava calada e pensativa. Em nenhum momento, ela havia direcionado o olhar a ele.

Ao chegarem, ela desceu do carro e entrou na casa. Dario a olhava de longe e notou em seu rosto que não se sentia feliz. Estava perturbada com alguma coisa. Quando entrou e subiu as escadas, ela estava parada na porta do quarto.

— Boa noite. Vou descansar um pouco. Estou com uma dor de cabeça daquelas. — Riu fracamente. Em seus olhos, já não existia mais aquele brilho intenso que Dario tanto admirava. Eles

pareciam tristes e perdidos.

— Boa noite, Helena — respondeu. Ele passou por ela e entrou no quarto de hóspedes.

Dario deu um longo suspiro. Seguiu para o banheiro, tomou um banho e se jogou na cama. As imagens de Helena estavam corroendo-o por dentro. Ele sabia exatamente o que se passava na cabeça dela. Sabia que, ao acordar pela manhã, ela já teria ido e ele estaria no inferno sem aquele par de olhos azuis e aquela beleza doce e delicada. Na verdade, ela não era dele, mas isso não pareceu importar. Em seu íntimo, ele sentia que ela era muito mais. Ela era a sua chance de voltar a ser feliz, de amar e de ter uma família. Seu peito começou a doer e lhe faltou o ar. Era uma dor indescritível. Não podia ser aliviada com alguns comprimidos. A dor só passaria, quando ela estivesse em seus braços, sussurrando para ele o quanto o amava. Ele riu com o pensamento ridículo, mas somente isso aliviaria a dor que o estava consumindo por dentro. E, naquele momento, ele não parou para pensar no que ela sentia, e sim, que se a deixasse ir, de certa forma, ela estaria deixando um pedaço dela em seu coração, e isso, ele não podia permitir. Ele a queria por inteiro.

“Ela não fará isso”, pensou saindo da cama. Caminhou rapidamente e saiu do quarto. No corredor, rezou para que estivesse errado. Ao abrir a porta do quarto dela, Helena estava em pé, de frente para a cômoda, segurando um porta-retrato de Dario. Ela olhou para ele assustada e tinha os olhos vermelhos.

— Dario? — sussurrou, constrangida. Depositou o porta-retrato sobre a cômoda e cruzou os braços num gesto protetor. As roupas dela estavam sobre a cadeira, dobradas e empilhadas.

Ele foi até ela, a pegou pelos braços e a segurou com força.

— Não acredito que, em algum momento, passou pela sua cabeça ir embora daqui, assim tão fácil. — Ele a jogou na cama com força bruta.

— O que quer dizer com isso? — ela sussurrou.

— Que você é MINHA, Helena. Não vou deixar que vá embora. Não vou permitir que me deixe. Não há outra pessoa nesse mundo que possa protegê-la tão bem quanto eu.

— Não sei do que está falando. Não ia a lugar algum — mentiu.

Ele pousou seu corpo sobre o dela e, sem lhe dar chances para dizer qualquer outra coisa, a beijou. Aquele beijo urgente, insano e devastador acendeu neles um forte desejo. Ela gemia com o contato. Suas mãos foram parar nas costas de Dario, e à medida que o beijo se intensificava, ela o apertava e passava as unhas sobre as costas expostas, traçando uma linha vermelha em sua pele clara.

— Não fuja de mim, Helena — ele disse sobre seus lábios e os mordiscou. Sua língua vagava por toda a extensão dos lábios de sua amada, pois queria sentir cada vez mais o gosto doce em sua boca.

Dario pressionou sua ereção contra ela e soltou um grunhido. Suas mãos alisavam seu corpo e aflagavam seus cabelos. Ele se afastou e retirou lentamente a bota de seus pés delicados. Abriu o cinto e baixou o zíper juntamente com a calça que usava, sem quebrar a conexão com os olhos azuis de Helena. Ela corou e ele sorriu ao ver o quão linda ficava envergonhada.

Ele separou as pernas dela com delicadeza e posicionou-se entre elas. Beijou-lhe sobre o fino tecido da sua calcinha de renda preta, incendiando-a por dentro. Ela gemeu envolvida por ele, abrindo-se cada vez mais para sentir aquelas sensações. Ele foi subindo, distribuindo beijos por todo seu corpo, erguendo a blusa que ainda a vestia, sem nenhuma pressa. Sua língua passou por cada centímetro do corpo curvilíneo até que chegou nos belos seios rosados. Ele se afastou apenas por um momento e retirou a blusa dela, com delicadeza. Jogou-a ao lado e voltou sua atenção a ela. Ele queria ter dito algo que expressasse a linda e excitante visão à sua frente. Mas faltou-lhe palavras para dizer o quanto ele a achava linda, *sexy* e sensual. Aliás, ele a achava perfeita. Ficou olhando para aqueles seios médios e rosados, imaginando o gosto que eles teriam. Ela mordeu os lábios esperando pelo contato da língua hábil dele em sua pele. Sentiu os seios pesarem e ficarem enrijecidos. Sua pele inteira eriçou com a espera.

Ele se curvou e levou a ponta da língua até os bicos enrijecidos, passou sobre eles lentamente. Ele pôde senti-la tremer em seus braços. Com as mãos, os apalpou e os levou até sua boca novamente. Deu leves beijos e traçou a língua sobre eles, saboreando-os carinhosamente. Beijou-a no pescoço e foi subindo até que chegou outra vez em sua boca. Ele sugou seus lábios com volúpia. Foi delicado e exigente ao mesmo tempo. Os sons emitidos por eles, numa troca mista de prazer, preencheram o quarto. Ela já não tinha mais o controle sobre o próprio corpo. E a forma como Dario a tocava foi contra tudo o que imaginava.

Ele estava pronto para reivindicá-la e ela cederia a ele. Estava pronta para se submeter a ele como ele a quisesse. Quando ele colocou as mãos em sua calcinha para retirá-la, ela gemeu facilitando o acesso. Antes de retirá-la, ele se curvou e beijou sua virilha, aumentando a ansiedade e o prazer em ser possuída por ele. Porém, após isso, Helena teve o vislumbre... de uma imagem que a fez mudar de ideia: Carl. Enfim, era mais uma memória perdida que voltou para assombrá-la. Ao olhar para Dario, era Carl quem estava ali, tocando-a e levando-a ao clímax. Ela fechou os olhos e chacoalhou a cabeça como se quisesse que aquelas memórias se esvaíssem rapidamente.

Dario tentou puxar sua calcinha, mas ela fechou as pernas e bloqueou o seu acesso.

— Eu não posso fazer isso — sussurrou com a voz quase dolorosa.

Ele a olhou e tentou entender o porquê, já que ela queria tanto quanto ele. Ele sabia muito bem quando uma mulher estava excitada. E ela estava além disso...

Ele a puxou para ele, erguendo-a da cama. A beijou nos lábios e lhe acariciou o rosto.

Uma lágrima isolada rolou sobre rosto dela e ele a secou com um beijo, se afastou e disse encarando-a nos olhos:

— Eu estarei aqui pra você. Quando estiver pronta, quando quiser se entregar para mim, eu estarei te esperando aqui, em minha cama... Você só precisa me chamar, que eu venho até você. — E a beijou com sofreguidão. — Prometa-me que não irá embora.

— Não vou — foi sincera.

Helena ficou olhando-o se afastar, e quando Dario fechou a porta, ela desmoronou. Sentiu-se péssima por não conseguir entender o que se passava diante dela. As imagens íntimas dela com Carl, assombrando-a numa hora inoportuna, nos braços de outro homem, a deixaram confusa. “*E se ele me*

ama? E se eu estiver errada e ele não for responsável por nada do que me aconteceu? Como posso traí-lo? Eu não me casaria com alguém se não o amasse. E... como posso pensar em alguém que não me lembro e não sinto nada? ”. Ficou ainda mais confusa, porque sua mente era um turbilhão de emoções. Ela havia criado uma vida paralela onde Dario e Carl estavam exatamente no mesmo lugar, somente com algumas grandes diferenças. Por mais que ela não quisesse admitir, ela confiava cegamente em Dario. Já Carl, ela não sabia, não devia ou não podia. Os fortes sentimentos que estavam aflorando dentro dela em relação a Dario, também a deixaram confusa. Não sabia o que ia fazer, se caso descobrisse que era Carl o homem a quem ela amava.

Poucas horas depois, os outros chegaram.

Ryan havia deixado Paige no chalé e Johnny acompanhou Kristen.

— Você foi muito bem essa noite. — Kristen sorriu.

— Porque você foi minha inspiração. — Ele a abraçou. — Não tem medo de dormir sozinha? — quis saber.

Ela sorriu.

— Não vou te convidar para entrar, Johnny Craig. — Ela depositou um beijo nos lábios dele.

Ele gargalhou.

— Valeu a tentativa — disse com um sorriso safado, e beijou lentamente seu pescoço lhe causando arrepios.

Johnny levou a mão por debaixo de sua saia e a acariciou por cima de sua calcinha. Ela arfou e gemeu nos braços dele.

— É melhor pararmos por aqui, Johnny — sussurrou, mas estava indecisa.

— Quanto tempo irá me fazer esperar? Eu quero você, Kristen. Já estou ficando louco — disse tocando-a. Colocou a mão em sua calcinha e a afastou de lado para ter acesso ao seu sexo. Introduziu seus dedos ali, e massageou lentamente seu ponto sensível.

— Johnny... — gemeu.

— Deixe-me fazer amor com você — sussurrou em seu ouvido desarmando-a completamente. — Eu estou louco, Kristen. Completamente louco por você.

Ela se agarrou a ele, e retirou do bolso da jaqueta as chaves do chalé. Johnny sorriu vitorioso.

— Você será gentil comigo? — ela perguntou.

— Sempre.

Ao entrarem, ela se jogou no colo dele, e ele a agarrou pelas coxas.

— Espere! — ela disse, ofegante. — Eu preciso de um banho.

Ele a olhou e sorriu.

— Não mesmo. Eu quero você assim. Quero sentir seu cheiro, seu gosto, sentir o seu perfume doce que me enlouquece sempre quando me aproximo... — Ele a beijou ardentemente.

— Mas Johnny...

— Está decidido. Teremos tempo para um bom banho quando eu acabar com você — disse, e depositou um beijo em seus cabelos.

Ele caminhou com ela no colo até o quarto e a colocou sobre a cama. Retirou seus sapatos e beijou-lhe os pés. Suas mãos subiram por suas pernas e pararam em sua saia. Se levantou e se sentou atrás dela. Johnny afastou os cabelos vermelhos de Kristen e os colocou de lado, deu um leve sopro em seu ouvido e mordiscou sensualmente a sua orelha. Separou lentamente os lábios e começou a cantar *Between The Raindrops*, de Lifehouse, num sussurro:

*“Look around
There’s no one but you and me”*

Ele parou e passou a língua vagarosamente em seu pescoço e o chupou. E, então, continuou:

*“Right here and now
The way it was meant to be”*

Johnny sorriu quando ela se virou e o encarou diretamente nos olhos, enquanto sua voz ainda ressoava:

*“There’s a smile on my face
Knowing that together everything that’s in our way
Were better than alright”*

Os dois se entreolharam e sorriram. Kristen o beijou e levou suas mãos até seu rosto e o acariciou com amor.

Ela afastou uma alça de sua blusa e depois a outra, de forma sensual e erótica, revelando sua nudez. Johnny ficou observando os movimentos suaves até que a voz doce de Kristen lhe desviou a atenção.

*“Take me now
The world’s such a crazy place
When the walls come down*

You'll know I'm here to stay
There's nothing I would change
Knowing that together everything that's in our way
Were better than alright"...

— Eu vou morrer se você continuar cantando desse jeito pra mim — ele disse.

— Posso dizer o mesmo, meu *superastro*. — Ela riu. — Estou a cada dia mais apaixonada por você, Johnny.

— Eu também, minha linda. Você é minha princesa com cabelos de fogo. — Sorriu.

— Eu amo você.

— Não mais do que eu — ele disse, e a deitou na cama.

Ele a acariciou e não houve um só lugar no corpo de Kristen, que os lábios de Johnny não houvessem tocado. Ele teve todo o carinho e tempo para beijá-la e amá-la como merecia.

Sorriu todas as vezes em que ela convulsionou em seus braços. Linda, meiga e carinhosa, os gemidos de Kristen soaram como notas musicais para Johnny. Nenhuma mulher jamais lhe proporcionou tanto prazer. Ela fora atenciosa, delicada e amorosa com ele. Deixou-se levar e se entregou completamente ao amor.

Aquela, foi a primeira noite de amor deles. Mas não foi apenas isso. Foi a primeira vez que Kristen se entregou a um homem, e Johnny ficou feliz por ter sido o seu primeiro. Porém, só esperava ser também o único e o último. Para Kristen, foi a descoberta de sua feminilidade; e para Johnny, o caminho de sua perdição.

No dia seguinte, Dario foi o primeiro a acordar, como sempre.

A história que ela havia dito para ele no carro estava martelando em sua cabeça. Desconfiado de que havia mentido, decidiu investigar. Se trancou na sala da administração e ligou o computador. Procurou pelo nome da escola que ela havia lhe dito e anotou o telefone.

Chamou, chamou, mas ninguém atendeu. Só, então, lembrou-se de que era final de semana. Ele fez uma careta e guardou o número no bolso. No site da escola, procurou pelo corpo docente, não havia nenhuma professora com nome de Helena Dawson. Ele franziu o cenho e desligou o computador.

“Deve ter havido algum engano”, pensou.

Ao entrar no *haras*, viu que havia um rapaz alto, forte, de olhos azuis e cabelos castanho-claros à sua espera. Dario olhou para ele e teve a impressão de que o conhecia ou lembrava alguém. Trajava jeans surrado, uma bota gasta, camiseta verde e uma camisa xadrez por cima, com os botões abertos.

— Bom dia — Dario o cumprimentou.

O rapaz lhe estendeu a mão e replicou:

— Bom dia.

— Me disseram que queria falar comigo? Em que posso ajudá-lo? — Dario quis saber.

— Desculpe-me. Eu sou o Taylor. Cheguei essa semana na cidade e me disseram que estavam procurando ajudantes na fazenda. Sou do Kansas. — Ele abriu um sorriso.

— Sou Dario, o dono da fazenda. Quem foi que lhe disse que precisávamos de um funcionário?

— O dono do bar no centro da cidade. Um tal de...

— Dickson — Dario concluiu.

— Isso, ele mesmo.

— Bom, essa parte administrativa e a contratação é feita por Ryan, um dos meus irmãos. Ele é o administrador da fazenda. Na verdade, estamos precisando bem mais do que um ajudante.

— Como assim?

— Sabe montar? — Dario perguntou.

— Cavalos? — Sorriu. — Sou neto de fazendeiro. Cresci no meio dos cavalos.

— Hoje de manhã um dos nossos tratadores pediu demissão. A mulher está doente, enfim... Se quiser, a vaga é sua.

— Opa!

— Vou pedir para um de nossos funcionários levá-lo até Ryan.

— Obrigado, Sr. Craig.

— Dario. Sem formalidades. — Ele riu. — E Taylor, sou um patrão exigente.

— Sim, senhor. — O rapaz riu. — Obrigado pela oportunidade.

Dario pediu para um funcionário levá-lo até o irmão e, em seguida, partiu. Entrou no estábulo e selou seu cavalo negro. Ele precisava espairar e pensar num jeito de ajudar Helena. Ela parecia perdida e isso estava deixando-o preocupado. Ele montou em Thor e saiu galopando por suas terras.

Capítulo 11

DESCONTROLE

No fim da tarde, começou a chover. Uma chuva fina que trazia uma leve brisa e o cheiro de terra molhada. Dario havia trancado Thor no estábulo e estava voltando para a mansão. Pela primeira vez em anos, ele voltou cedo para casa.

Ao chegar, notou um grande silêncio. *Onde estavam todos?*, pensou. Caminhou até a sala de tevê onde encontrou Ryan ao lado de Helena, rindo e se divertindo com o filme. Sua primeira reação foi ir até eles e tirá-la do lado de seu irmão. Eles estavam tão perto que os braços de Ryan estavam quase encostados nas pernas dela, porque Helena as tinha no sofá com os joelhos flexionados encostados no peito. Aquele *short* minúsculo e a imagem de suas pernas desnudas, o deixou enfurecido.

Quando perceberam a presença de Dario, Ryan murchou o sorriso e ela se alinhou no sofá, baixou as pernas e tentou não demonstrar o quanto estava feliz por vê-lo. Tentou sorrir, mas os olhos de Dario lançavam faíscas em direção a eles.

— Onde estão Johnny e Melanie? — quis saber.

— Johnny não voltou para casa. Deve ter passado o dia inteiro com Kristen. Melanie foi ao *shopping* com algumas amigas — Ryan respondeu.

— E vocês dois? — Dario disse entredentes.

— Estamos assistindo a um filme. — Ryan fingiu não entender.

— Sozinhos?

— Está vendo mais alguém aqui? — Ryan franziu o cenho. Sabia exatamente o que o irmão estava insinuando.

— Eu vou ajudar a Vera preparar o jantar — ela falou, e saiu da sala sem graça.

Quando ela se foi, Ryan quase gritou:

— Não espere que ela goste de você sendo esse maníaco controlador e ciumento.

— Vá à merda! — disse. Passou as mãos pelos cabelos, nervoso.

— Você precisa se tratar, sabia? — disse, e saiu da sala deixando-o sozinho.

Dario bufou, impotente. Ele não queria que ela fosse de mais ninguém, se não dele. Era ele quem queria tirar o sorriso dela, a gargalhada gostosa, os gemidos... Ele ficou olhando para a

televisão por um tempo e decidiu assistir ao jornal. Não era bem o estilo de Dario, pois nunca se interessava por programas de tevê, filmes e nada parecido. Mas ali, no automático, só queria espairar.

Foi quando ele começou a prestar atenção em uma notícia, onde havia vários repórteres em volta de um homem elegante, de terno escuro. Ele estava saindo de sua casa quando foi abordado.

“Senhor Trainor, pode nos dizer em qual hospital Esther Rothenberger foi internada? Ela passa bem? Vocês não foram mais vistos juntos. Ainda haverá casamento? E o bebê? Ela perdeu o bebê?”

As perguntas pareciam que o atordoavam. Antes de entrar no carro com alguns seguranças, o homem respondeu a um dos repórteres que o cercavam:

“Minha noiva está ótima. Ela teve uma queda de pressão, mas passa bem”, foi tudo o que ele disse.

— As pessoas sequer têm privacidade hoje em dia — Dario disse, e se levantou. Ao virar as costas, a imagem de Esther Rothenberger estampou a tela, sorridente, ao lado de Carl Trainor.

Helena caminhou sobre a grama que cobria o jardim. Sentou na beira da piscina e ficou ali, lembrando da noite anterior, dos beijos de Dario e de suas mãos vagando por todo seu corpo. Aquela noite foi longa para ela, mas o suficiente para entender que não poderia fugir dele. Em algum momento, ela iria ceder.

Ela levantou a cabeça e viu uma claridade vinda do salão de frente para o celeiro. Era a academia que os irmãos haviam montado. Curiosa, foi até lá. Abriu a porta e olhou em volta. O salão era bem espaçoso e tinha muitos equipamentos. Um enorme vidro ia de ponta a ponta na parede esquerda refletindo todo o lugar. No canto, havia um colchonete azul no chão e algumas luvas de boxe perfeitamente alinhadas na parede. Viu uma cor-de-rosa e presumiu que fosse de Melanie. Se aproximou e as pegou do suporte. Colocou as luvas nas mãos e como num clique, as imagens saltaram de sua mente. Viu-a com mais alguns homens, num lugar escuro, lutando. Era como uma espécie de treinamento, concluiu.

Ela tentou afastar as memórias e abraçou o saco preto pendente à sua frente. Em poucos segundos, ela se viu batendo, socando com fúria aquele saco de pancadas. Ela deu um, dois, três socos furiosos e começou a ofegar. Uma sensação estranha tomou conta do seu corpo e a raiva predominava ali, dentro dela. Começou, então, uma sessão de golpes e pontapés alucinados. No ambiente, só se ouvia os sons das pancadas no saco e seus grunhidos contidos.

— Nada mal. — Melanie bateu palmas ao vê-la.

Ela se assustou.

— Oi, Melanie. Não sabia que estava aí. — Retirou as luvas rapidamente e secou o suor que escorria em sua testa.

— Cheguei há pouco. Vi a luz acesa e pensei que seria o Ryan. — Ela olhou de uma forma diferente para Helena.

— Estou apenas testando. — Apontou para o saco, sem graça.

— Hum-hum... Percebi — disse desconfiada. — Sabe, Helena, até agora não consegui entender como consegui derrubar aqueles dois caras.

— Acho que foi sorte. — Deu de ombros.

— Sério? Pois, pra mim, parecia que você sabia o que estava fazendo.

— Eu só... não queria que acontecesse nada com a Kristen. Então...

— É, eu sei.

— Fico grata por não ter comentado nada com os rapazes.

— Será o nosso segredo. — Ela piscou.

— Bom, eu vou pra casa. Acho que o jantar já deve estar pronto. — Sorriu fracamente e passou por uma Melanie bem confusa.

— Helena?!

— Sim. — Ela parou para escutá-la.

— Você e o Dario...

— O que tem nós? — Franziu o cenho.

— Só não o faça sofrer.

Ela riu.

— Não entendi.

— Sério que não? Ele está apaixonado por você.

— Que exagero! — Corou.

— Se você não tem a intenção de ficar com ele, não lhe dê esperanças. Eu sei que ele é controlador, chato, insuportável e outras coisas mais. Só que quando ele ama, ele ama de verdade. Não quero vê-lo, mais uma vez, de coração partido. E se você decidir ficar com ele, eu sei que ele fará de tudo para te fazer feliz.

Helena sorriu, encabulada.

— Não está acontecendo nada entre nós.

— Então, está certo. — Melanie sorriu, deu a mão para ela e saíram juntas da academia.

Na mesa do jantar, todos conversavam animados. Helena estava um pouco pensativa sobre o que Melanie havia dito. Ele estaria realmente apaixonado por ela? Ela recordou das palavras dele naquela noite e da promessa que fez a ele; de não fugir, não ir embora. Seus olhares se cruzaram e ela ficou ali, naquele mar de olhos azuis, pensando no que faria. Ele sorriu para ela, que sorriu de volta.

Parecia que para os dois, não havia ninguém ali ao redor deles.

— O funcionário novo começa amanhã — Ryan pigarreou antes de falar. Queria chamar a atenção de Dario e conseguiu.

— Ótimo.

— Vocês contrataram um cara? — Melanie quis saber.

— Sim e você está proibida de se aproximar dele — Ryan foi enfático.

— Isso mesmo — Dario concordou.

Ela riu.

— Do jeito que falam até parece que o cara tem uma doença contagiosa.

— Ele não, mas você tem. A doença chamada safadeza, conhece? — Dario se irritou.

— Ihhh! Estava demorando... Por que não vai cuidar da sua vida, irmãozinho? Pelo menos, eu vivo. Tenho certeza de que não ficarei encalhada como você. Se acha tão diferente de mim, não é? Pois você não é, Dario. Tem que se contentar em transar com aquelas vagabundas porque nenhuma mulher aguenta ficar ao seu lado — disse, e saiu da mesa.

A tensão se instalou e Dario jogou os talheres que segurava em seu prato.

— Perdi a fome — bufou. Ele se retirou no mesmo instante.

— Esses dois... — Ryan balançou a cabeça em negativa.

— Com licença. — Helena se retirou. Subiu as escadas e bateu na porta do quarto de Dario.

— Quem é? — a voz dura de Dario soou.

— Sou eu, Helena — disse baixinho.

— O que quer, Helena? Estou cansado.

— É... Não é nada, eu só... Só queria... Ah! Esquece. — Ela saiu sentindo-se uma idiota. Tinha ido até ali para dizer sobre como se sentia em relação a ele, mas foi covarde.

Ele não quis abrir a porta. Na verdade, ele se sentiu envergonhado porque tudo o que sua irmã dissera era verdade. Ele não era diferente dela. Mas ele seria diferente daquele momento em diante. Ele mostraria para Helena que era um homem apaixonado, fiel e confiável.

O dia amanheceu ensolarado. Era um belo domingo de sol. Dario já se encontrava no *haras* ensinando o novo funcionário a lidar com os cavalos e sobre o tratamento especial que Sherry e Thor deveriam receber. Taylor pareceu aprender rapidamente, o que deixou Dario orgulhoso.

Horas depois, Ryan apareceu ao lado de Helena. Os dois conversavam debruçados na cerca olhando os alunos cavalgarem.

— Achei que vocês não davam aulas aos domingos — ela sussurrou.

— E não damos. Mas terça será feriado, então... Bom, preciso ir. Minha aluna já está à espera; e, pelo visto, a de Dario também. — Ryan apontou para uma moça próxima ao cavalo, que calça bege e blusa polo branca e estava com os cabelos pretos presos num rabo de cavalo. Ela reconheceu a jovem no mesmo instante, porque era a que tinha visto com Dario no estábulo, naquela situação constrangedora.

Em seu íntimo, a vontade era de ir até ele e impedi-lo de chegar perto daquela mulher. Mas com que direito? Quando se pegou pensando em tais coisas, se envergonhou.

Ela ficou observando Dario caminhar até ela. Também estava vestido apropriadamente, assim como Ryan, com camisa polo, calça jeans e botas. Ele vinha trazendo um cavalo e adentrou a cerca com a moça. Tentava explicar algumas coisas, mas ela estava mais interessada em manter suas mãos no corpo dele, o que deixou Helena extremamente irritada.

Ela ficou ali, vendo tudo de longe, enquanto o ciúme a corroía por dentro. Quando as aulas terminaram, Dario recolheu o cavalo e seguiu em direção ao estábulo. Atrás dele, a moça vinha com um sorriso vitorioso, safado. Ela observou-a abrir os botões da camiseta e seguiu-o. Quando ela estava de frente para a enorme porta de madeira do estábulo, olhou à sua volta e deu um sorriso safado. Helena ficou morrendo de ciúmes. Por isso, a raiva a cegou e ela saiu em direção ao estábulo.

— Não vou facilitar para essa vadia. Não mesmo! — sussurrou. Ao passar pela porta do estábulo, ouviu as vozes.

— Safado! — Ela caminhou até eles.

— Olha, escute aqui Micah, foi apenas uma vez e só. Não costumo comer no mesmo prato por duas vezes. — Dario tentava em vão se desvencilhar da moça, que estava agarrada ao seu pescoço.

— Eu sei que você quer. Então relaxe, Sr. Craig.

Foi nesse momento que ela entrou na baia onde os dois estavam. Olhou para Dario e sorriu.

— Ah, aí está você! — falou sem deixar transparecer toda sua fúria.

— Helena? — Dario ficou pálido. Ela teria achado graça da cara dele, mas estava querendo matá-lo por ser tão mentiroso e safado.

Dario praticamente saltou pra longe de Micah, que não parecia constrangida com nada.

— Eu só estava aqui conver... — Ela não deixou que ele terminasse de falar. Puxou Dario pela camisa e o beijou. Surpreso, ele não esboçou nenhuma reação.

— Amor, eu só queria saber se você irá para casa comigo — disse ao se afastar. Dario não entendeu nada, mas ficou aliviado por sair de perto daquela mulher, que mais parecia uma ninfomaníaca.

— Sim, eu vou com você — foi tudo o que ele conseguiu dizer.

Os dois saíram de mãos dadas deixando Micah para trás.

Ao saírem do estábulo, ela o repeliu.

— E toda aquela conversinha de ontem? Era apenas para me levar pra cama? — ela quase gritou.

Dario olhou para ela e riu. Era a primeira vez que ele a via daquele jeito. Os lábios comprimidos numa linha fina, trêmula e com o cenho franzido.

— O que é isso? Ciúmes?

— Ora. Não seja ridículo! — ela bufou caminhando para longe dele.

— Me diz, o que foi aquilo? — cutucou.

— Então, o senhor não come no mesmo prato por duas vezes? Sabe quando me terá em sua cama, seu safado? Nunca! — disse entredentes e se afastou. Ele correu até ela e a pegou pelo braço puxando-a com força.

— Não sou nenhum safado. E não estava tentando nada com aquela mulher. A única que me interessa está aqui, bem nos meus braços — disse e a beijou possessivamente. Ela mordeu os lábios de Dario, que soltou um grunhido de dor.

— Merda! — ele praguejou levando a mão aos lábios.

— Se me beijar de novo, acertarei suas partes baixas — disse furiosa.

— Aonde vai?

— Para casa.

— Me espere.

— Nem morta.

— Mas você não veio me buscar, meu amor? — Ele riu. — Agora vou com você — disse. Pegou-a pela cintura e a colocou sobre seus ombros.

— Solte-me, Dario — gritou furiosa.

— Você vai comigo, querida — respondeu. Deu um forte tapa em sua bunda para que se aquietasse.

Dario caminhou com ela sobre os ombros até que chegou na caminhonete. Abriu a porta e a jogou sobre o banco sem nenhuma delicadeza. Fechou a porta e deu a volta. Nesse meio tempo, ela abriu a porta e correu em direção a um dos chalés.

— Diabo de mulher teimosa! — disse entredentes. Bateu a porta com violência e foi atrás dela.

Helena parecia se divertir. Ofegante, tentou abrir um dos chalés para se esconder dele.

Ao dar a volta no chalé para entrar pelos fundos, ela foi puxada por um homem: Taylor.

Ela se assustou ao vê-lo.

— Oi — ele disse. — Você está bem?

Olhando para ele, percebeu algo familiar.

— Sim — respondeu sem quebrar a conexão. As mãos de Taylor ainda estavam nos braços dela, segurando-a.

— Eu precis... — Taylor começou a dizer, mas Dario o interrompeu.

— O que faz aqui? — Dario olhou para os dois.

— Desculpe, senhor. Eu só achei que a moça precisava de ajuda — disse firme. Dario o encarou mais alguns segundos antes de dizer:

— Já viu que ela não precisa. Agora volte ao trabalho — ficou irritado.

— Claro. Desculpe-me. — Saiu, ainda encarando-a fixamente.

— Quem é ele? — ela perguntou.

— Ninguém. E o que estava pensando? Ele está hospedado nesse chalé. Estava querendo entrar?

— Eu não sabia. Pensei que estivesse vazio.

Ele a imprensou contra a parede de tijolos e sussurrou:

— Você merece uma boa surra por correr de mim, sabia? — Ele a fitou. Seus olhos estavam direcionados para os lábios dela e as mãos a segurando com firmeza.

Dario a puxou pelos braços, quase arrastando-a. A levou para o chalé ao lado e abriu a porta jogando-a para dentro.

— Meu Deus! Você me machucou — sussurrou alisando o braço ainda sentindo o forte aperto. Ele havia deixado uma pequena marca vermelha sobre sua pele.

Ela ficou observando-o retirar camisa, o cinto e enrolá-lo no punho. Acuada na parede, sussurrou:

— Você não seria louco! — Seus olhos arregalados não o intimidaram.

— Ah, eu sou. E vou mostrar pra você o que acontece quando me desafiam. — Ele caminhou a passos lentos e sorriu de canto de boca ao vê-la acuada. A pegou pelos braços e a virou de bruços tão rápido, que ela não teve como reagir. Juntou suas mãos delicadas atrás das costas e as prendeu com seu cinto.

— Dario... solte-me! — ela avisou. Seu coração disparou, ela conseguia sentir as batidas ritmadas quase sufocá-la.

— Eu vou... Mas antes... — Ele a virou para ele. — Vou mostrar a você quem está no comando, meu amor — disse e a beijou quase de forma violenta.

Ele a deixou cativa contra a parede de tijolos e seus músculos. Ela não protestou, rendendo-se a ele. Dario levou uma de suas mãos até o pescoço de Helena e o apertou suavemente privando-a apenas de um pouco de ar. Sua outra mão, desceu para explorar seu sexo com urgência. Ele a alisava por cima do tecido da calça e se frustrou por não ter contato com sua pele. Ela deu livre passagem a

ele, separando as pernas uma da outra para senti-lo e absorver aquela sensação dolorosamente excitante. O beijo se intensificou e suas mãos pairaram em seus seios. Ele se curvou e se livrou da camiseta que o impedia de saborear aqueles seios rosados. Fitou o sutiã branco, meia taça, e os arrancou de um jeito desesperado. Ela gemeu assim que sentiu a língua quente e voraz de Dario tocar seus mamilos. Ele os chupou com vontade e deu mordidas dolorosas em seus seios. Ela soltou um grito contido, não de dor, mas de puro prazer. Algo que ela jamais havia sentido ou experimentado. Por um instante, ele se afastou. Seus olhos percorreram sua face corada e o subir e descer de seu peito. Ele queria parar ali, antes que perdesse todo seu autocontrole, mas ela despertou o lado mais sombrio dele, ao dizer:

— Eu estou pronta pra você, Sr. Craig.

Ele avançou sobre ela como um animal enjaulado. Sem poder tocá-lo, ela apenas ficou ali, imóvel, contra aquela parede até que ele a puxou pelo cinto, que a prendia pelas mãos e a jogou sobre o sofá empoeirado. A despiu completamente e se curvou indo de encontro ao seu sexo. Quando sua boca se chocou com a pele lisa e úmida de Helena, ele grunhiu suspirando fundo. Senti-la em sua boca, sentir o gosto e o cheiro dela, o fez perder o controle. Ele se afastou apenas para olhar em seu rosto, linda e corada, entregue a ele... Totalmente entregue. Ele a beijou novamente e levou a mão até o clitóris dela, massageando-o com urgência. Em alguns momentos, ele a penetrava com seus dedos e dava tapas para deixá-la ainda mais excitada. Os gemidos abafados por seus beijos eram uma tortura para ele. Ela tremia em seus braços, receptiva a tudo o que ele fazia em seu corpo. Então, ele se afastou e continuou em seu sexo, para prová-la por mais tempo. Ele queria mais, queria reivindicá-la, tomá-la para si, fazê-la gozar... Mas lembrou-se do porquê estavam ali, daquele jeito, ele queria puni-la e não era daquela forma que ele a queria pela primeira vez. Ele franziu o cenho, pois as coisas que passaram em sua mente, eram diferentes dessa vez. Ele não queria machucá-la, bater ou qualquer coisa que fizera sempre para ter prazer. Nunca havia se preocupado em dar prazer para alguém e sim, somente a si. Ele queria ser gentil, queria cobri-la de rosas, de beijos, de carinhos... Queria que fosse memorável para ela, mas também prazeroso. Por mais que ela parecesse gostar de toda aquela selvageria, ele queria lembrar da primeira vez como algo diferente. Queria ser diferente com ela. Pensando assim, resolveu colocar um fim naquilo antes que não pudesse mais aguentar.

Ele se afastou e ela protestou:

— O que foi? — perguntou ao vê-lo perdido, observando-a.

— Não é dessa forma que eu quero que seja minha — ele disse as palavras num sussurro.

— Mas... — ficou confusa. — eu quero você.

— E eu mais ainda, Helena. Só que você merece mais do que isso aqui. — Ele apontou ao redor e a fez ver a forma primitiva em que se encontravam. — Você despertou um lado meu que não quero que conheça. Quero ser alguém melhor pra você. — Ele se aproximou e a beijou com carinho. — Vista-se. Estarei te esperando no carro — disse desafiando o cinto de seus punhos e saiu deixando-a confusa e perdida.

Kristen, Johnny e Denny brincaram no karaokê quase o dia todo no chalé. Ele não desgrudou dela por nem um minuto sequer. Quando acordou de manhã, a surpreendeu com um maravilhoso café

da manhã na cama, e algumas palavras apaixonantes. Ela sorriu por ele ter sido tão amável.

— Minha princesa, preciso ir.

— Mas já? — Ela fez beicinho.

— Volto em um minuto. Preciso ir até a farmácia, se esqueceu?

— Ah sim. — Ela corou.

— Daqui a pouco lhe trago o remédio. Não queremos uma menininha com cabelinhos de fogo tão cedo, não é? — Ele riu.

— Oh, Deus! Não.

— Na segunda, teremos que marcar um médico pra você. E eu faço questão de ir junto. — Deu um beijo em seus lábios.

— Está certo. Vai dormir aqui, outra vez?

— Só se você me quiser. — Ele deu outro beijo, mas um pouco mais demorado. — Tenho que ir. — Se afastou olhando para o garotinho ruivo. — Tchau, Denny.

— Tchau, Johnny — o garotinho gritou no microfone.

Ao chegar em casa, Johnny encontrou um Dario bem furioso.

— Onde esteve o dia todo?

— Oi pra você também. — Johnny jogou as chaves no aparador.

— Você não vai criar responsabilidade? Hoje era a folga da Kristen e não a sua. Os porcos não teriam sido alimentados se não fosse por mim — ele se irritou.

— Viu? Eles estão vivos. Por que esse drama, maninho? — Ele se jogou no sofá entre Helena e Ryan.

— Johnny, por acaso você é milionário? Tá fazendo sucesso ou é uma porra de estrela do rock que ganha milhões?

— Ainda não. — Ele sorriu.

— Então, porra, você tem que trabalhar. Se não fizer, vou cancelar seus cartões e, a partir de hoje, não receberá mais nenhum dinheiro vindo da fazenda.

— Não pode fazer isso. Sou dono de 25% disso tudo — disse enfurecido.

— Seria, se trabalhasse para manter nosso patrimônio, moleque! — Dario gritou assustando a todos.

— Ryan? Vai concordar com isso? — Olhou suplicante para o irmão.

— Eu trabalho, Dario trabalha e até a desmiolada da Melanie. Então... sim, Johnny. Estou com o Dario dessa vez.

— Não vou ficar cuidando de porcos! — disse enraivecido.

— Ótimo! Sem trabalho, sem grana. Você quem escolhe.

— Ihhh, tá nervosinho por quê? Tá em falta ou as vagabundas não conseguiram te satisfazer hoje?

— Moleque! — Dario avançou nele, mas foi contido por Ryan e Helena.

— Saia daqui, Johnny! — Ryan gritou.

— Eu vou matar esse garoto! — Dario esbravejou.

— Fique calmo. Amanhã converso com ele. Você também não facilita em nada, droga! — Ryan resmungou.

Helena se afastou, calada. Subiu as escadas e abriu a porta do quarto. Dario a seguiu.

— Helena! — A voz de Dario soou preocupada.

— Eu entendi agora o porquê você não quis.

— O quê? Não quis o quê?

— Acho que sou um pouco sem graça comparada às mulheres que você costuma pegar — disse chateada.

Dario a olhou confuso, não entendendo absolutamente nada.

— Eu não sou uma vadia, Dario. Então, vamos pular a parte em que eu disse que te queria e finge que não aconteceu nada entre nós.

— Helena, espere! — disse desesperado quando ela tentou fechar a porta.

— Eu quero ficar sozinha — disse com os olhos lacrimejantes.

— Merda, Helena! Não faça isso! — Ele a abraçou. — Por Deus, eu te quero tanto. — Dario a beijou carinhosamente.

— Então, por quê?

— Porque percebi que sou eu quem não está preparado. Você merece mais, e farei de tudo para ser o que você precisa. Eu prometo. Dê-me um tempo. Não quero ser um bruto com você.

— Eu quero você assim, desse jeito, Sr. Craig. Não quero a sua versão feminina — ela brincou arrancando um sorriso dele. Ele a soltou e deu um forte tapa em sua bunda.

— Está me zoando? Você entendeu perfeitamente o que eu quis dizer. Eu quero você, porra! Mas sei que vou perdê-la, se eu perder o controle.

— Não vai — ela sussurrou e depositou um beijo nos seus lábios. — Eu estarei aqui para trazê-lo de volta quando estiver mergulhando em sua escuridão. Eu serei o seu caminho de luz.

Ouvindo aquilo, Dario ficou ainda mais apaixonado por ela. Ele a acariciou no rosto e beijou

sua tēmpora.

— Você será a minha morte, Helena.

— Então, que seja. Morreremos juntos. — Ela sorriu.

Ela o puxou para dentro do quarto e trancou a porta.

— Sou toda sua agora — disse observando sua reação.

— Minha. Só minha! — Ele caminhou até ela e a despiu lentamente.

Capítulo 12

DESCOBRINDO O AMOR

Sem nenhuma pressa, Dario a levou para a cama. Nua, ele a olhava como se fosse uma deusa. Contemplou seu corpo esguio e a beijou por toda a sua extensão.

— Você tem certeza disso? — perguntou com um semblante sério.

— Sim.

— Eu preciso que saiba que após ser minha, não irei deixá-la ir; não importa o que aconteça, eu não vou deixá-la partir sem mim.

— Espero que isso seja uma promessa — ela disse encarando-o fixamente nos olhos. Ele sorriu de canto de boca e a beijou.

— Eu penso em você todos os dias, todo maldito dia... Você ainda vai me enlouquecer — ele sussurrou contra sua boca.

— Eu espero que sim. — Ela sorriu.

Ele se afastou e começou a tirar a roupa. Retirou o cinto de sua calça e jogou longe.

— Achei que iria me amarrar — ela disse divertida com um sorriso irônico.

Ele terminou de retirar toda a roupa ficando apenas com sua *boxer*.

— Hoje não. Eu quero que fique livre para fazer o que quiser comigo. — Ele sorriu. — Haverá outros momentos em que estará completamente amarrada em minha cama, não se preocupe.

— Eu gostei disso — ela sussurrou quando ele a beijou.

— Gostou, é? — Ele a surpreendeu com um tapa nas suas coxas.

— Sim. — Ela riu.

Dario a puxou e a colocou sentada em seu colo. Ele a beijou possessivamente, acariciou seu rosto e distribuiu beijos em seu pescoço. Ele levou uma mão até sua nuca e fechou a mão em seus cabelos puxando-os com força. Sua outra mão, desceu lentamente até seu sexo pulsante de desejo e massageou-a com seus dedos num movimento hábil; e, em poucos segundos, ele a tinha gemendo em seus braços. Se curvou até que sua boca estivesse em seus seios e os provou da forma mais erótica que pôde. O fio de suor já escorria pela pele dela, que implorava pelo seu toque ardente. Ela o apertou contra si e passou a língua pelo pescoço dele traçando uma trilha até seu peito forte. Ele grunhiu e intensificou o aperto em seus cabelos curvando-a para trás. Excitado, ele se jogou contra o

colchão e a colocou em cima dele. Suas mãos subiram até seus seios rosados e os apertou forte. Porém, em seguida, ele segurou seus mamilos rijos e os torceu até que ela gemeu alto.

Sentada sobre ele, Helena esfregava seu clitóris sobre o membro dele coberto por sua *boxer*. Ela gemia rebolando em cima dele.

— Puta merda, Helena! Se continuar a fazer isso, a brincadeira vai acabar antes de começar — disse tentando conter sua excitação.

— Ainda é cedo e podemos brincar a noite inteira — respondeu acelerando seus movimentos. Ele a bloqueou pegando em sua cintura e implorou:

— Pare, por favor. Eu não vou aguentar desse jeito. — Dario levantou e rolou com ela na cama de forma que ele estivesse por cima, bloqueando-a com suas mãos fortes e se curvou para beijá-la. — É melhor eu tomar as rédeas. — Ele sorriu.

Ela enlaçou suas pernas no quadril dele e o trouxe até ela. Novamente, ele levou a mão até o seu sexo e constatou o quão molhada ela estava. Ele desceu até lá, distribuindo beijos por todo o seu corpo e a provou mais uma vez. Com seus dedos, ele a penetrou várias vezes e arrancou gemidos incontroláveis dela. Ele soube que estava no limite, então, retirou sua *boxer* e alisou seu membro que latejava e implorava para penetrá-la. Ele o pegou na mão direita e o levou até seu sexo molhado, deu algumas pinceladas em seu clitóris, mas se deteve.

“Merda! Não tenho preservativo”, pensou.

Ela pareceu ler sua mente e deixou Dario surpreso quando disse num sussurro:

— Eu confio em você!

Ele deu um meio sorriso e seu peito aquiesceu no mesmo instante. Nunca havia transado sem preservativo com nenhuma mulher desde Georgina.

— Você sabe o que está fazendo, não é? — ele perguntou a ela.

— Sim. Quero sentir você por completo. Quero ter você dentro de mim sem nenhuma barreira. É só você que eu quero. Confio em você.

Ele ainda relutou por alguns segundos antes de se perder completamente dentro dela. Ao empurrar sua ereção contra seu sexo, ele gemeu como nunca havia feito antes. Senti-la assim, sem nada que o impedisse de ter todas aquelas sensações, o deixou no limite. Ele deitou o corpo sobre o dela e se apoiou com os braços ao lado do rosto de Helena. Com seus movimentos lentos, indicou que estava perdendo o controle e que precisava de tempo para se estabilizar novamente.

— Você é tão gostosa! Tão quente. — Ele a beijou afastando alguns fios de cabelo sobre o rosto. Seu corpo começou a esquentar com aquela proximidade. O calor que emanava de seus corpos parecia sufocá-los. Quando conseguiu retomar o controle, ele aumentou o ritmo de suas estocadas. A cada movimento, era um gemido contido que saía da boca dela, e que era abafado por ele, que não desgrudou de seus lábios nem por um instante.

— Ahhh! Mais forte... — ela implorou.

Ele fez o que ela queria. Se afastou por um instante para erguer as pernas dela. As juntou e as segurou em seu tornozelo apenas com a mão esquerda. A penetrou forte e duro enquanto sua outra mão massageava de forma sôfrega seu clitóris. Ela abriu os olhos e pôde vê-lo ali, diante dela como um animal, grunhindo, gemendo ferozmente enquanto a penetrava. O suor escorria em seu pescoço traçando trilhas até o abdômen sarado e perfeito. Sua pele brilhava com o suor. Ele retirou a mão de seu clitóris e a espalmou em sua bunda. Deu alguns tapas até sua pele branca ficar rosada. Ele a sentiu convulsionar e a ouviu dizer coisas inaudíveis. Ele sabia que ela estava perto, então voltou a massagear seu clitóris com urgência. Ela estremeceu antes de gritar:

— Ohhhhh, merda! Eu vou gozar, Dario!

— Isso amor, goza. Vem pra mim, vem... — Ele intensificou a massagem em seu clitóris e ela não conseguiu resistir explodindo em um prazer incontável diante dele, que ainda a tinha em seus braços penetrando-a com força. Ao vê-la gritar por ele, seu controle se perdeu e ele gozou intensamente, jorrando todo seu sêmen para dentro dela. Suas respirações entrecortadas e os gemidos de prazer ainda podiam ser ouvidos. Aos poucos, Dario saiu de dentro dela e se jogou no colchão ao seu lado. A puxou para um beijo e disse acariciando seu rosto: — Eu estou completamente apaixonado por você.

Ela sorriu.

— Eu também, *cowboy*.

Ele a beijou apaixonadamente.

— Espere aqui, já volto — ele disse ao sair da cama.

Ela ficou ali, esperando por ele ainda mergulhada pelo prazer que ele lhe concedeu e a forma doce com que a tratou.

Quando ele voltou para o quarto, tinha nas mãos uma toalha branca úmida.

Ela estreitou os olhos quando ele disse:

— Abra as pernas, preciso limpá-la.

O gesto preocupado e amoroso de Dario, a fez questionar se ele era realmente o bruto que ela havia visto em vários momentos.

— Eu posso fazer isso, vou até o banheiro me limpar — ela disse e tentou levantar-se.

— Onde pensa que vai? Eu irei limpá-la, amor. Não deixarei que saia dessa cama até que eu tenha terminado com você. — Ele deu a ela um sorriso safado.

Ela riu ao vê-lo tão descontraído e brincalhão.

— Tudo bem — disse abrindo as pernas para que ele a limpasse. Quando terminou, ele se levantou e foi levar a toalha até o banheiro. Aproveitando que ele estava longe, ela gritou, divertida: — Essa é a parte em que eu te amarro, vendo seus olhos e te dou várias cintadas, Sr. Craig?

Ele voltou, gargalhando.

— Viajou? — Caminhou lentamente até ela, pegou o cinto que estava caído no chão, subiu na cama ao seu lado e sussurrou em seu ouvido fazendo todo o pelo de seu corpo eriçar: — Essa é a parte em que jamais irá se esquecer de que agora, você tem um homem de verdade. — E amarrou-a na cabeceira da cama com o cinto em suas mãos.

Ela sorriu para ele e disse:

— Isso vai ser divertido, *cowboy*!

— Não tenha dúvida — ele respondeu, e mordeu seus lábios fazendo-a gemer.

Na manhã seguinte, Dario acordou e ficou na cama olhando-a dormir por um longo tempo. Ele apreciou a beleza delicada e angelical dela. Acariciou-a e beijou o topo de sua cabeça. Ela dormia feito um anjo, pois parecia exausta da noite anterior. Nua em seus braços, ele pôde conferir cada marca que a noite de sexo quente rendeu. Ele estava com os braços marcados com pequenos arranhões. Sorriu ao lembrar-se de como ganhou aquelas marcas. Sua gatinha não era nem um pouco dócil, era uma felina pronta para contra-atacar. Ele levantou a cabeça e conseguiu ver as marcas vermelhas de suas mãos na bunda de Helena. Não que ele quisesse ter feito aquilo, mas ela mereceu aquela punição após ter se empolgado e dado um tapa na bunda dele. Ele ainda estava incrédulo de que ela tenha feito aquilo. Nenhuma mulher sequer ousou levantar a mão para ele, mesmo que de brincadeira. Mas ele achou divertido que fosse tão espontânea. Ela não tinha medo dele e isso o confortou, deixando-o ainda mais apaixonado.

Relutante, ele se levantou. Tomou um belo banho e ficou ali, na banheira, lembrando-se do momento em que fizeram amor no banho, da forma erótica em que ela o ensaboou... Da forma carinhosa de como ela o tratou depois de tudo. Ele sorriu e se sentiu feliz pela primeira vez, não só porque tinha alguém para amar e cuidar, mas, porque, pela primeira vez, ele também se sentiu amado e cuidado.

Colocou sua roupa para o trabalho; jeans e camiseta branca que se ajustava perfeitamente em seu corpo, evidenciando cada músculo. Calçou a bota e pegou o cinto ao lado da cama. Ele se abaixou, pegou a calcinha dela e enfiou-a no bolso. Se ele não podia estar com ela 24 horas, de alguma forma, ele queria poder senti-la próxima a ele. Olhou para a cabeceira e viu que já passava das seis da manhã. O sol ainda não havia nascido e estava escuro lá fora.

Próximo à cama, ele ainda pensou se deveria deixá-la ali, sozinha. Sua vontade era de voltar para aquela cama quente e estar ao lado dela quando acordasse, mas ele tinha uma responsabilidade e não podia deixar de cumpri-la. Foi até ela e a beijou nos lábios. Ela despertou quando ele se afastou. Abriu os olhos ainda sonolenta e disse:

— Bom dia! O que faz aí?

— Bom dia! Estou saindo para trabalhar.

Ela olhou no relógio e depois para ele.

— Ainda é cedo. — Se espreguiçou.

Ele sentou-se ao lado dela e afagou seus cabelos.

— Preciso ir — disse e beijou-a outra vez.

— Não pode ficar mais um pouco?

— Não posso, meu amor. Sabe que não posso e que sou o único que acorda com as galinhas.

Ela riu.

— Está me chamando de galinha, senhor Dario?

Ele riu do trocadilho.

— Obviamente que não. Você me entendeu.

— E o meu café da manhã na cama? — Ela pareceu chateada.

— Achei que você preferisse minha versão rústica. E café na cama é muito romântico para um cara como eu. — Ele riu da expressão furiosa dela.

— Você acabou com os meus sonhos.

— Prometo que chegará esse dia. Agora preciso abrir o *haras* e alimentar os cavalos.

— Tudo bem. E por falar em cavalos... será que posso ir mais tarde até lá e você me dar umas aulas?

— Não darei aulas hoje. Só o Ryan. Vou até a cidade resolver alguns problemas. Mas podemos marcar um outro dia, o que acha?

— Hummm... — resmungou.

— Eu volto para o almoço. Qualquer coisa, estou com o celular. É só me ligar.

— Tá.

Dario saiu direto para o *haras*. Depois de algumas horas, Ryan apareceu ao lado de Johnny.

— Johnny vai ajudar aqui no *haras*. Com o novo tratador, precisamos de mais alguém para ajudar.

— Está certo — Dario disse contrariado.

Johnny seguiu até o estábulo para ajudar Taylor.

Após alimentar Thor e Sherry, Dario se despediu dos irmãos, dizendo que precisava ir até a cidade e que voltaria mais tarde.

Porém, digitou uma mensagem no celular para Helena:

“Amor, vou demorar mais do que o previsto. Não espere por mim para o almoço. Um beijo.”

Entediada, ela almoçou, subiu para o quarto e trocou de roupa. Colocou um vestido soltinho florido, botas e prendeu os cabelos num rabo de cavalo.

— Vera, viu a Melanie por aí?

— Ela está ajudando o Ryan na administração hoje.

— Hum. Vou pegar as chaves da outra caminhonete. Se o Dario perguntar, diz que estou no *haras*.

— Eu direi.

Helena dirigiu até o *haras* e estacionou o carro perto dos chalés.

— Helena? — Kristen se surpreendeu ao vê-la ali. — Está me procurando?

— Oh, não. Só vou deixar o carro aqui e seguir a pé até o *haras*. Precisa de ajuda? — perguntou ao vê-la carregando algumas roupas de cama.

— Não, obrigada! Já terminei meus afazeres aqui, agora vou para a mansão. — Sorriu.

— Então, tá.

Ela seguiu em frente.

Ao passar pelo estábulo, cumprimentou Taylor e Johnny, que conversavam animadamente. Taylor olhou para ela, quase encarando-a. Seus olhos fixaram-se nela e Johnny o alertou:

— Se estiver pensando qualquer coisa sobre ela, melhor mudar de ideia... Meu irmão te mata se pegá-lo olhando desse jeito para ela.

Ele olhou para Johnny, inconformado com o comentário.

— Não olhei dessa forma para ela.

— Então, não olhe de nenhuma forma, é sério.

Helena se debruçou na cerca e acenou para Ryan montado no cavalo. Ela ficou ali por um bom tempo, vendo-o cavalgar e ensinar um grupo de crianças a andar a cavalo.

Poucas horas depois, Taylor se aproximou dela com uma garrafa de água mineral.

— Com sede? — Ele a encarou.

— Oh, Deus! — Ela riu. — Você pareceu ler minha mente.

Ela pegou a garrafinha das mãos de Taylor.

Olhando mais atenta para ele, ela teve a nítida impressão de que o conhecia. Bebeu a água e perguntou:

— Você é o novo funcionário?

— Sim. — Ele debruçou no cercado. De longe, Ryan os observava.

— E você é a...

— Helena. — Sorriu para ele.

— Nome bonito.

— Você me parece tão familiar... — Helena fitou seus intensos olhos verdes. — Não sei... Sabe quando parece que você conhece uma pessoa? — Ela riu.

— Sei perfeitamente.

— E o que te traz aqui, Taylor?

— Nada especial. Estou me aventurando.

— Isso é bom. É de onde?

— Washington, mas passei uma parte da minha vida no Kansas.

— Legal.

— E você? Por que está aqui? Ouvi rumores de que chegou há pouco na fazenda também.

Ela se retraiu.

— É. Bom, eu preciso voltar para casa.

— Eu também, preciso dar uma olhada na Sherry.

— Ela já está aqui no estábulo? Nossa, queria vê-la! — disse não contendo a ansiedade. — Da última vez que nos vimos, ela me derrubou e desloquei o ombro.

— Isso deve ter doído. — Ele riu.

— E como!

— Vamos, eu te levo até lá.

Eles caminharam lado a lado acendendo o alerta em Ryan. Mas, como estava no meio do treinamento, ele não pôde fazer nada para impedi-la. Se Dario visse, iria ser uma cena das grandes.

— Por aqui. — Ele abriu a baia onde estava Sherry.

— Oh, amiga! Que saudades de você. — Ela passou a mão pela pelagem de Sherry carinhosamente. A égua relinchou e se aproximou dela.

— Ela gosta de você. — Taylor riu de braços cruzados.

— Onde está Thor? Quero vê-lo também.

— Ah, desculpe-me, mas o Sr. Craig deu ordens para que ninguém chegasse perto dele, inclusive eu.

— Dario é ciumento até com o cavalo — sussurrou. — Só irei vê-lo, mais nada.

Ela olhou para ele com um sorriso sapeca.

— Não chegue muito perto — ele avisou.

Ao abrir a baia de Thor, ela se encaminhou para perto dele. O cavalo começou a ficar irritado e relinchar todas as vezes que ela se aproximava. Olhando para ele, mal parecia um cavalo e sim um touro acuado.

— Calminha, Thor! Garotão! — ela disse tentando acalmá-lo.

— Vamos, Helena. Ele está um pouco irritado hoje.

— Deve estar sentindo a falta do Dario. — Ela riu.

Thor começou a ficar agitado e Taylor pediu para que ela se afastasse.

— Ele só está com medo. — Ela tocou no cavalo.

— Ele é selvagem — disse entredentes. — Vamos, agora!

Helena ignorou-o e continuou a conversar com Thor. Quando tentou montá-lo sem nem mesmo selá-lo, Taylor se alarmou:

— Não monte nele.

Ela o ignorou, montando em Thor. No mesmo instante, Taylor fez um movimento brusco indo até ela, que deixou Thor irritado. Ele ficou agressivo e relinchou levantando as patas para jogá-la para trás. Ao cair em cima do feno, Thor virou-se para ela e avançou.

— Segure ele! — ela gritou, mas Taylor não conseguiu conter o animal. Ele saltava e relinchava ferozmente. Ela tentou se levantar, mas Thor a derrubou novamente de forma mais agressiva. Taylor olhou para a chibata perto da mesa de madeira e bateu no cavalo para tentar afastá-lo dela. Thor levantou novamente as patas dianteiras e ela fechou os olhos com medo de ser pisoteada pelo animal.

Então, ela ouviu uma voz grossa totalmente irritada:

— Thor, pare!

Thor parou no mesmo instante.

— Que diabos fazem aqui? — Dario gritou descontrolado, porque estava furioso.

Ele olhou para ela caída ao chão e seu vestido levantado mostrando mais do que deveria mostrar.

Ele correu para levantá-la. Puxou-a pelo braço sem nenhuma delicadeza e a encarou com olhos acusatórios.

— Eu só vim ver como a Sherry estava.

— Essa baia não é da Sherry, porra! O que estavam fazendo aqui? Eu disse para que ninguém chegasse perto do Thor. Você não ouviu, caralho?! — Dario estava ensandecido. Olhou para Taylor querendo matá-lo.

— A culpa não é dele, fui eu quem...

— Cale a boca! — ele gritou, deixando-a chateada.

— Desculpe-me, Sr. Craig, a culpa foi minha. Não irá acontecer outra vez. — Taylor pareceu arrependido e preocupado com o bem-estar de Helena. Foi até ela e analisou-a para ver se não havia arranhões. Pegou-a pelos braços e os virou procurando por machucados, o que deixou Dario ainda mais puto.

— Está machucada?

Ela não conseguiu falar, pois a expressão de Dario a deixou assustada. Porém, se retesou ao ouvir a sua voz fria e cruel:

— Se tocar na minha mulher outra vez e colocá-la em risco, eu mato você.

Taylor assentiu e se afastou.

Dario a pegou pelo braço e a tirou dali, quase arrastando-a.

— Está me machucando — ela sussurrou. Seus olhos já lacrimejavam.

Dario pareceu não se importar. Continuou arrastando-a sem dizer nenhuma palavra. Caminharam em direção aos chalés e assim que chegaram até o carro, ele abriu a porta e a jogou no banco do motorista. Bateu a porta com tanta força, que ela pensou que poderia passar por ela.

— Eu não fiz por mal.

— Vá para casa! — ele ordenou quase aos berros. Se afastou do carro, mas parou ao ouvir a porta abrir.

— Por favor, não fique assim — ela implorou.

Ele voltou e a pegou pelos braços de forma violenta. Em seus olhos, ela pôde ver aquela escuridão que tanto lhe falou. Ele a arrastou de volta para o carro e jogou-a contra o veículo fazendo com que as costas dela se chocassem violentamente contra ele.

Ela gemeu.

— Eu disse: “Vá. Para. Casa” — falou de forma pausada com uma fúria incontrolável.

— Eu não fiz por mal, tá legal? Só queria vê-los e, então, ele se descontrolou — ela tentou se justificar.

— E o que ele fazia lá com você?

— Eu só pedi para ele. Ele não queria, mas o persuadi. Não o culpe.

— Eu vi a forma que ele olhou pra você, a forma que se preocupou com você ao tocá-la — gritou.

— Está vendo coisas, Dario. Por favor, acalme-se.

— Merda! Você não entendeu porra nenhuma, não? Eu não quero que chegue perto do Thor e de

nenhum outro homem. Nunca mais. Não vou aguentar se ele machucar você, e sei que ele vai insistir. O único que controla aquele cavalo sou eu. Sabe o risco que correu? E se eu não tivesse chegado na hora? — ele ainda gritava. — Helena, se eu te pegar com ele outra vez, não serei tão pacífico. Vá para casa! Não quero conversar agora.

— Mas precisamos. Não vou embora enquanto não nos acertarmos.

— Eu disse pra ir para casa! Agora! — gritou enfurecido.

— Não! — ela gritou ainda mais alto.

— Deus! Não me teste, Helena. Vá para casa. Não quero machucar você.

— Não vai me machucar.

Ele avançou nela, mais uma vez, fazendo com que se chocasse contra o carro. Sua cabeça bateu na caminhonete e ela gemeu. Ela fez um enorme esforço para se manter calma.

— Quem disse que não? Sabe o que quero fazer agora? Quero arrancar essa sua roupa e te deixar toda marcada com minhas mãos. Quero amarrar você e puni-la por ser tão desobediente. Então, porra! Antes que eu perca meu controle e machuque você, quero que saia da minha frente — disse entredentes.

— Não! — Ela começou a chorar silenciosamente.

— Eu disse que iria perdê-la se isso acontecesse. — Ele estava aflito.

— E eu disse que estaria aqui para te trazer de volta, Dario. Que espécie de mulher eu seria se o deixasse assim? Você precisa de mim, não longe de você, mas perto. Eu disse que eu seria seu caminho de luz. Sei exatamente como você é e o aceitei, mesmo sabendo que poderia me perder junto. Acontece que não dá mais para voltar atrás. Eu não quero voltar atrás. Eu te amo.

— Talvez seja melhor eu te deixar partir — disse mais calmo.

— Você me fez uma promessa há menos de 24 horas. — Ela se aproximou devagar dele. — Não a quebre. Será que sou tão descartável assim?

Ele encarou-a com seus olhos intensos, que já não estavam mais nublados. Só sentia dor.

— Não. Só não quero fazê-la sofrer. É só isso que consigo fazer e sei que vou decepcioná-la.

— Não vai.

— Como pode ter certeza?

— Porque nós nos amamos de verdade! E não adianta tentar me afastar, não vou a lugar nenhum sem você. Por favor, desculpe-me por deixá-lo assim. Prometo que não farei mais isso. — Ela o abraçou.

— Eu te amo, Helena. E saber que Thor poderia ter te machucado, iria me quebrar; eu o mataria se ele machucasse você. Então, por Deus, não chegue perto dele outra vez.

— Eu prometo que não chegarei — disse e o beijou.

Capítulo 13

A MISSÃO DE TAYLOR

Após saírem do estábulo, Taylor sacou seu telefone do bolso e discou. Dois toques e a chamada foi atendida.

— Oi, sou eu, Max! — Taylor disse assim que a voz masculina soou do outro lado da linha.

— Até que enfim! E então, encontrou com ela?

— Sim.

— Ela o reconheceu?

— Não. Acredito que não. Precisamos tirá-la daqui.

— O plano não é esse, agente.

— Ela não está segura aqui.

— Aqui fora muito menos. Há, pelo menos, seis deles na cidade à procura dela.

— Escuta, ela desviou do foco. Está envolvida com um dos irmãos. Sabe o quanto isso é perigoso — disse enfurecido. — Sem contar que o cara é um maluco, ciumento e possessivo, que disse que me mataria se chegasse perto dela.

O homem gargalhou do outro lado da linha.

— Daria tudo para ver a cara do Carl.

— Não vou permitir que a usem dessa maneira.

— Escute aqui, agente, não fui eu quem a colocou na cama dele. Está aí para fazer o seu trabalho. Se esqueceu disso, hein, porra?!

— Não, senhor.

— Então, proteja-a e faça com que ela se lembre o mais rápido possível. Precisamos daquele arquivo. É a segurança do país que está em jogo. Não a deixamos na fazenda para que ela brincasse de casinha e sim porque sabíamos que os irmãos iriam protegê-la. Se ela não se lembrar por bem, então faremos a intervenção e partimos para o plano B.

— Não vou deixar que a entreguem desse jeito para o Carl. Ainda não temos certeza se ele está envolvido.

— Então, seja rápido. Você pediu para ajudá-la, faça a sua parte. — O homem desligou

deixando Taylor preocupado.

“Merda, como farei para não ser morto por aquele sujeitinho intragável?”, pensou.

Voltou sua atenção aos cavalos e terminou sua tarefa diária. No fim do dia, Taylor estava entrando em seu chalé quando foi abordado por Melanie.

— Taylor, não é? — disse atrás dele.

— Sim — ele respondeu. Ele sabia exatamente quem ela era. Pessoalmente, era ainda mais bonita do que nas fotos.

— Eu sou Melanie, dona da fazenda.

— Minha patroa! — Ele sorriu. — Precisando de alguma coisa? — Taylor a fitou.

— Na verdade, sim. É o meu carro, furou o pneu logo na entrada da fazenda e não encontrei meus irmãos por aqui, a mansão fica longe para eu ir a pé, então, pensei que pudesse me ajudar. — Ela o observou. Olhou-o de cima a baixo e percebeu que era mais bonito do que imaginava. Melanie encarou os olhos verdes de Taylor e deu uma boa secada em seu corpo. Ele exibia, através de uma camisa preta, braços musculosos. Ela quase se aproximou para tocar seu peitoral e saber se ali havia mais músculos.

— Claro. Vamos! — ele respondeu. — Deixe-me apenas pegar algumas ferramentas e...

— Ah, não se preocupe. Meus irmãos me fazem andar com as ferramentas no carro.

— Então, está certo. — Ele abriu um sorriso encabulado que fez com que ela ficasse ainda mais atraída. Quando Taylor passou por ela, Melanie fez questão de conferir seus outros atributos. O andar dele era firme e imponente.

“Será que eu mereço tudo isso?”, ela pensou com um sorriso nos lábios. Ajeitou o cabelo, conferiu a roupa e subiu um pouco mais a saia para que suas pernas ficassem à mostra.

Eles caminhavam lado a lado quando Taylor perguntou:

— Seu irmão, o Dario, ele é um pouco difícil, não?

Ela estranhou a pergunta.

— E como! Ele já brigou com você? — Sorriu.

— Acho que, após ter deixado a esposa dele quase ser pisoteada pelo Thor, ele quer minha morte.

— Não brinca? Olha, não chegue perto da Helena. Dario é cruel quando quer. Ela não é esposa dele, apenas... estão namorando, pelo menos é o que eu acho.

— Hum.

— Ela me disse que chegou há pouco tempo aqui.

— Sim. Acho que umas três semanas. Meu irmão a encontrou desmaiada e sem memória.

— S3rio?

— Sim. At3 agora ela n3o se lembrou de muita coisa. Apenas do nome, se lembrou que tem 27 anos, mora no Arizona e que trabalha como professora infantil.

— Professora? S3rio? — ele se espantou. “De onde ela tirou essas mem3rias? Ficou louca ou... Caralho! Ela sabe quem ela 3... Mas n3o faz sentido. Por que n3o me reconheceu?”, pensou.

— E meu irm3o est3 completamente apaixonado por ela.

— N3o deveria — Taylor disse para ele mesmo, mas Melanie ouviu perfeitamente.

— Por que diz isso? — desconfiou.

— Digo, imagina se ela recupera a mem3ria e sei l3, descobre que tem algu3m, ou que 3 casada... Isso seria uma bagun3a — tentou soar normalmente.

— Ah! — Ela riu. — Ela j3 se lembrou disso. 3 solteira.

Taylor parou de andar por um instante e continuou. Sua confus3o estava estampada em sua face.

“Ela mentiu”, pensou. “Preciso falar com ela o mais r3pido poss3vel, antes que fa3a alguma besteira”.

Ap3s vinte minutos de caminhada, eles chegaram ao seu destino.

— Ali est3. — Melanie apontou para a caminhonete vermelha a poucos metros.

— Isso 3 chuva? — Taylor sentiu os pingos ficarem mais fortes.

— 3... Acho que vai chover! — disse divertida.

Ele pegou o estepe e as ferramentas. Suspendeu o carro com o macaco hidr3ulico e come3ou a trocar o pneu.

A chuva se intensificou, atrapalhando-o completamente.

— Voc3 tem alguma lanterna? Est3 escuro e n3o vejo nada — ele gritou para ela, que estava sentada no cap3 da caminhonete.

— Acho que sim. — Ela entrou no carro e procurou por uma lanterna no porta-luvas. — Aqui est3. — Ela iluminou para ele.

— 3timo!

Melanie estava totalmente encharcada, com a miniblusa colada ao corpo dando uma amostra perfeita de seus seios na aus3ncia do suti3.

Atrapalhado, Taylor tirou a camisa e secou o rosto molhado pela chuva. Ao terminar, se levantou e jogou as ferramentas na ca3amba.

— Pronto! Pneu trocado.

— Obrigada — respondeu tr3mula pelo frio da chuva.

— Melhor a senhorita voltar para casa. Daqui a pouco, a estrada ficará perigosa.

— Entre, eu te deixo no chalé.

— Irei andando. Não se preocupe. Vá com cuidado — disse e começou a caminhar de volta para o chalé.

Melanie deu a volta para entrar no carro quando tropeçou em uma pedra.

— Ai, merda! — ela praguejou.

Taylor se virou e a viu caída no chão. Rapidamente, correu para ajudá-la.

— Está bem? — ele disse ao puxá-la pela mão.

— Ai, merda! — Ela não conseguiu se equilibrar em seus pés. — Acho que torci o pé.

— Venha, vou colocá-la no carro — disse pegando-a no colo. Melanie enlaçou os braços em seu pescoço e pôde conferir toda sua força. Ele a carregava como se fosse um pedaço de papel.

Taylor abriu a porta e a colocou sobre o banco.

— Não pode dirigir assim. Levarei você para casa.

— Não! — ela gritou assustando-o. — Quer dizer, não quero que meu irmão meta uma bala na sua testa. Você sabe, ele não iria gostar.

— Merda! Tem mais essa. — Ele sorriu. — Algum problema se eu a levar para o chalé? Lá, eu tenho algo pra dor, acho que irá precisar. E precisa trocar essa roupa antes que pegue um resfriado.

— Tudo bem. Vou ficar bem.

Taylor fechou a porta e deu a volta. Entrou na caminhonete e dirigiu até o chalé.

Quando chegaram, retirou Melanie do carro e a carregou em seus braços até seu chalé.

— Pronto! Sã e salva. — Ele riu colocando-a sobre o sofá. Ao se afastar, arfou ao ver que sua blusa transparecia tudo, não deixando margens para a imaginação.

“Agora não, Max! Isso não é uma boa ideia”, pensou ao começar ter visões eróticas dos dois juntos.

— Estou sujando todo o seu sofá.

— Não se preocupe. Ahn, vou pegar uma roupa e uma toalha. Se importa de tomar um banho e colocar uma de minhas camisetas?

— Não, claro que não. — Ela tremeu de frio.

Pouco tempo depois, ele apareceu com uma camiseta cinza e uma toalha azul.

— Aqui. Precisa de ajuda? Digo, para levá-la até lá. — Ele corou e ela achou engraçado. Nunca havia visto um homem ficar envergonhado.

— Sim — sussurrou. Ele rezou para que ela dissesse não.

— Espere! Deixe-me te ajudar com isso. — Ele apontou para suas botas de cano longo.

Taylor abriu o zíper da bota e retirou cada uma com cuidado. Melanie apenas o observava. Ele analisou seu tornozelo um pouco inchado e disse:

— Foi uma pequena luxação. Tenho uma pomada que irá aliviar. Após seu banho, colocaremos gelo e, então, passaremos a pomada.

Ela olhou para ele, encantada. Jamais um homem lhe ofereceu tanto cuidado. Ao contrário, eles só queriam saber de levá-la para cama. Após algumas decepções, ela jurou que iria viver a sua vida e que não iria se prender a homem nenhum. Mas ela achou Taylor diferente, e ele era exatamente o tipo de cara por quem ela se apaixonaria.

— Venha... — Ele a pegou no colo e a levou até o banheiro. Abriu o chuveiro e ficou ali até que sentiu a água morna deslizar em suas mãos. — A temperatura está ótima.

— Obrigada.

— Se precisar de mais alguma coisa, só me chamar.

Ele saiu fechando a porta atrás de si. Com cuidado, Melanie retirou a roupa e entrou debaixo do chuveiro.

Enquanto isso, Taylor preparou uma bacia com gelo e procurou pela pomada. Levou para a sala e voltou ao seu quarto para pegar uma roupa e tomar um banho.

Após Melanie sair, Taylor teve que fazer um esforço enorme para não agarrá-la. Ela estava linda com sua camiseta cinza que lhe cobria até acima dos joelhos. Os bicos de seus seios despontavam pela camisa deixando Taylor excitado.

“Porra, Max! Controle-se!”, pensou não aguentando ter aquela visão e levou a mão diretamente até seu membro, que já estava duro.

Ele a sentou no sofá e a fez colocar o pé na bacia com gelo.

— Vou tomar um banho, mas quando eu voltar passaremos a pomada.

Ela assentiu.

Ao entrar no banheiro, Taylor se deparou com a roupa de Melanie devidamente dobrada em cima do seu cesto de roupas. Em cima de tudo, havia uma minúscula calcinha preta.

— Ah, puta que pariu! Isso só pode ser um teste! — disse entredentes. — Ela está sem calcinha? Sério? Merda! Merda! — praguejou baixinho.

“Você não está aqui pra isso, Max. Foco na missão, foco na missão...”, pensou.

Ele retirou a roupa e começou a tomar o banho. Achou que a água fria o ajudaria a acalmar os ânimos, mas a verdade é que ainda estava excitado.

“Não acredito que vou fazer isso!”, pensou incrédulo. Ele agarrou seu membro e começou a movimentá-lo, pois precisava se libertar ou não aguentaria ficar ao lado dela sem tocá-la. Quando

estava no limite, Taylor gozou soltando um grunhido contido, jorrando seu sêmen que foi esvaído pela água corrente. Depois se ensaboou e terminou o banho.

Taylor colocou uma calça de moletom preta. Descalço, saiu do quarto e se encaminhou até a sala.

— E então? — Ele olhou para ela.

— Já não está mais doendo.

Ele se abaixou e retirou o pé dela da bacia.

— Aqui, deixe-me secá-lo — disse segurando seus pés delicados. — Está com fome?

— Um pouco.

Ele se afastou e pegou a pomada. Delicadamente, ele massageou seu tornozelo até que a pomada desaparecesse por completo.

— Agora está ótimo. Você vai ver, amanhã estará novinha em folha.

— Obrigada. — Ela sorriu.

Houve um silêncio um pouco constrangedor, até que Melanie decidiu dizer:

— Que tal se pedirmos uma pizza?

Ele pareceu surpreso.

— Pizza? Que tal se eu cozinhar? É mais saudável. — Ele riu.

— Uau! Você cozinha?

— Sim. Morava sozinho, então... cozinhar é uma coisa que todos deveriam saber.

— Hum... Eu não sei muito. Temos cozinheira, então...

— Gosta de arroz de forno e filé grelhado? Acho que devo ter um vinho também.

Melanie riu.

— Parece ótimo, mas não quero dar trabalho.

— Não é trabalho nenhum. Vou ligar a tevê, tenho alguns filmes interessantes, pode escolher. Vou preparar tudo e já volto.

— Tudo bem.

Taylor foi até a cozinha, fez o arroz, preparou os ingredientes e grelhou os filés. Meia hora depois, ele se sentou ao lado dela no sofá trazendo duas taças de vinho.

— Obrigada.

— Então, o que fazem para se divertirem aqui em Austin?

Melanie deu um gole no vinho e respondeu:

— Não tem muitos lugares pra ir. O bar do Dickson é legal. Vou todos os finais de semana. Fora isso, vou ao cinema, *shopping*... Coisas normais.

Ele achou um pouco entediante.

— Gosta de viajar?

— Sim, mas meus irmãos não me deixam ir sozinha. São superprotetores. E você? Já viajou muito?

— Sim. Já fui pra Bali, Paris, Moscou, África, Ilha de Páscoa...

— Sério? Então é rico?

Ele gargalhou.

— Não. Fui a trabalho.

— Queria um trabalho desses. É um tédio ficar aqui presa no Texas — foi sincera.

— Vou buscar a comida.

Taylor se levantou e foi até a cozinha. Voltou com os pratos prontos e os depositou em cima da mesa de centro da sala.

— O cheiro está ótimo.

— Espero que goste.

Ela se aconchegou no chão, em cima do tapete macio. Ao provar a comida, gemeu de satisfação.

— Puta merda! Além de lindo, você é um excelente cozinheiro — ela sussurrou fazendo-o rir.

— Fico feliz que tenha gostado.

— Isso aqui está ótimo! — disse de boca cheia.

Eles comeram e beberam conversando sobre suas vidas. Melanie explicou sobre como foram parar na fazenda e respondeu algumas perguntas curiosas em relação a Helena. Ela ficou meio receosa pelo interesse de Taylor nela, mas no fim achou que fosse pura curiosidade pelo seu estado de amnésia.

Após beberem três garrafas de vinho, Melanie começou a dar sinais de embriaguez. Era um pouco fraca para bebida. Começou a rir e a se insinuar para Taylor. A conversa ficou quente e ele temeu que fosse para um caminho proibido.

— Acho melhor encerrarmos a noite por aqui — Taylor disse preocupado. — Já bebeu demais.

— Não estou bêbada. Apenas... alegre! — Sorriu.

Ele levou os pratos para a pia e Melanie o ajudou levando os copos.

— Então, Taylor, você tem mais alguma habilidade interessante para me mostrar?

Ele parou de frente para ela e a fitou por alguns segundos. Sem saber o que falar, caminhou de volta para a sala.

— Vou dormir aqui na sala, pode dormir em meu quarto.

— Não sei se conseguirei dormir sozinha... — Ela se aproximou dele, que se afastou rapidamente.

Ele pigarreou e disse:

— Vou pegar um cobertor pra você se manter aquecida.

Ela foi atrás de Taylor.

No quarto, ele pegou no *closet* um cobertor e jogou em cima da cama *king size*. O quarto estava à meia luz, iluminado apenas pelo abajur perto da janela.

— Aquilo não irá manter-me aquecida, Taylor. — Ela fez uma careta.

Ele ficou confuso.

— Quer outro cobertor?

Ela se aproximou lentamente dele e parou quando seus corpos estavam praticamente colados. Melanie buscou pela mão de Taylor e a trouxe até sua coxa. Lentamente, ela fez o caminho até entre suas pernas e deteve a mão dele em seu sexo pulsante de desejo.

— Isso sim irá manter-me aquecida — sussurrou e o beijou.

Taylor não protestou de imediato, mas logo após se deu conta de que não poderia seguir com aquela loucura.

— Melanie... Não podemos! — Ele tentou se afastar. Ela tirou a camiseta ficando totalmente nua. Os olhos de Taylor pararam sobre seu corpo e suas curvas. Ela deitou sobre a cama e chamou por ele.

“Maldição!”, praguejou mentalmente.

Ele arrancou a calça e ela deu um sorriso de satisfação ao notar que ele não usava cueca. Ela ficou olhando para a ereção dele e contemplando sua beleza máscula.

Taylor deitou sobre ela e a beijou. Um beijo ardente e cheio de desejo. Beijou seu corpo, seu pescoço...

— Toque-me! — ela ordenou.

Ele fez o que ela queria. Levou a mão até seu sexo e ficou ali, dando o prazer que ela havia pedido. Ela gemia e ele ficou cada vez mais enlouquecido.

— Droga, Melanie! Não estava preparado pra isso. Não podemos continuar.

— Não tem preservativos?

— Não.

— Como um homem como você não tem preservativos, Taylor?

— Não estava nos meus planos transar com nenhuma mulher.

Ela riu.

— Você é o primeiro cara que não inclui uma boa transa nos planos.

Ele a beijou.

— Sou um cara pra casar — ele brincou.

— No meu carro, no porta-malas, tem uma bolsinha cheia deles. Você pode ir até lá pegar ou, então, parar por aqui — ela disse divertida tocando em seu membro fazendo movimentos.

— Droga! Volto em um segundo — ele disse eufórico. Taylor colocou as calças e saiu para buscar o preservativo no carro. Ao voltar, olhou com espanto para ela.

— Você assaltou algum posto de saúde? — Jogou a bolsinha cheia de preservativos para ela.

— Sou uma mulher prevenida, Taylor. — Deu de ombros.

— Estou vendo!

Ele voltou nu para a cama e a beijou. O clima começou a esquentar novamente. Ele a colocou em cima dele e ela deslizou o preservativo em seu membro de forma rápida. Sem qualquer preliminar, Melanie o conduziu até seu sexo e começou a cavalgar lentamente até pegar o ritmo.

— Isso... Continue, gostosa... Mais rápido, vem! — Taylor exigiu.

O telefone de Taylor começou a tocar em cima do criado-mudo.

— Seu celular — ela disse.

— Ignore-o!

No visor, apareceu CIA. Após três chamadas não atendidas, houve um barulho de mensagem que foi ignorado por Taylor.

Concentrado em Melanie, ele levou as mãos até os seios dela e os apertou. Ela gemia cavalcando nele com suas mãos espalmadas em seu peito forte. Mais atenta, ela lembrou-se da pequena cicatriz circular na altura dos ombros de Taylor, que havia visto no jantar. Levou a mão até ela e alisou a pequena cicatriz. Ele a virou na cama e deitou sobre ela. A beijou e a penetrou duramente. Os gemidos altos de Melanie ecoaram no quarto.

— Adoro ouvir seus gemidos... Vai, grita pra mim... — ele exigiu quando a penetrou forte.

— Ohhh, Taylor!

Ele foi até seus seios para prová-los.

— Gostosa! — ele disse ao morder seus mamilos.

Em pouco tempo, os dois explodiram em suas sensações, se libertando do intenso prazer.

Saciados, eles seguiram para um banho. Lá, o desejo se acendeu novamente.

Exaustos, foram para a cama.

— Tem certeza de que não quer ir?

— Tenho — ela respondeu.

Taylor a beijou e a puxou para junto dele. Ela se aninhou em seus braços fortes e caiu num sono profundo.

Na manhã seguinte, Melanie despertou com o cheiro de café. Ela saiu da cama e se enrolou no lençol. Em seguida, caminhou até a cozinha e observou Taylor preparar o café da manhã.

— Bom dia! — ele disse com um sorriso no rosto.

— Nossa! Achei que era só o Dario que acordava com as galinhas — sua voz saiu um pouco rouca.

— Deixei uma toalha de banho e uma escova de dente para você no banheiro. Não se preocupe, é nova.

— Certo, mas acho que vou voltar para a cama, ainda são seis da manhã.

Ele se aproximou dela e deu um beijo em sua boca.

— Faça o que quiser, minha linda. Infelizmente, preciso estar no *haras*, às sete.

— Sem tempo para um sexo matinal, então? — Ela fez uma cara de sapeca.

Ele afastou o lençol de seu corpo e a acariciou.

— Espere-me na cama.

Ela sorriu com ar de triunfo. Iria tê-lo, mais uma vez. Apesar de ainda estar dolorida da noite de sexo, para Melanie isso não era um problema.

Ao sair, Taylor sacou o celular do bolso. Deslizou o dedo sobre a tela e procurou pelas chamadas perdidas.

“Merda!”, pensou ao ler CIA nas chamadas.

Procurou pela mensagem e clicou para ler.

PRÓXIMA MISSÃO URGENTE: ELIMINAR SOCHO GORBACHEV.

ELE ESTÁ HOSPEDADO NO THE DRISKILL. SEJA DISCRETO.

Logo abaixo da mensagem, ele viu uma foto do alvo.

— Merda! Fodeu! — Ele se desesperou. — Se Socho está na cidade, então significa que Anton

também está. Certamente, eles já desconfiam de que ela esteja por aqui.

— *Taylor! Estou esperando!* — Melanie gritou do quarto.

Ele foi para o quarto satisfazê-la mais uma vez.

Quando terminaram, ele tomou um banho e se trocou. Melanie o beijou e também entrou no banho. Taylor foi nas pontas dos pés para encostar a porta do banheiro temendo que ela o visse mexer em sua maleta prateada. Ele se agachou e a retirou debaixo da cama. Destravou a maleta e retirou de dentro dela sua K5SD — uma pistola preta com silenciador —, pegou a munição, colocou nos bolsos da calça e a arma atrás das costas enfiada no cós de seu jeans, que foi coberto pela sua camiseta preta.

Ele olhou à sua volta e para o relógio de pulso. Atrasado, correu até o banheiro e disse:

— Minha linda, preciso ir.

Com o corpo coberto de espuma, ela respondeu:

— Tudo bem.

Ele abriu o boxe e a beijou.

— Te vejo à noite?

— Sim. — Ela sorriu.

Taylor saiu e quase enfartou ao ver Dario olhando em direção ao seu chalé. Se escondeu na pilastra e deu graças a Deus que Melanie resolveu colocar o carro próximo ao chalé de Kristen.

Ao alcançar Dario, Taylor disse:

— Bom dia, chefe!

Dario olhou para ele, intrigado.

— Está quinze minutos atrasado.

— Desculpe-me. Eu só...

— Está certo! Não precisa se justificar. Preciso que cuide dos cavalos, não estarei aqui a tarde toda.

— Sim. Será que eu poderia me ausentar por algumas horas? Eu preciso ir até a farmácia buscar um remédio. Não acordei muito bem.

Dario juntou as sobrancelhas.

— Me passa o nome do remédio. Vou pedir para o Ryan trazer, ele acabou de ir para a cidade.

“Merda!”, Taylor pensou.

— Está certo.

Taylor passou o nome de um remédio qualquer e seguiu para o trabalho. Sua tentativa de escapar

saiu pelo ralo.

Armado, rezou para que conseguisse despistar Dario em algum momento e concluir a missão dada pela CIA.

Na hora do almoço, Dario se despediu de Taylor:

— Cuide de tudo pra mim. Vou almoçar e não volto mais.

— Pode ficar tranquilo.

Taylor aproveitou que Dario não voltaria para o *haras* e acelerou o serviço. Ele precisava ir atrás de Socho o mais rápido possível.

Minutos depois, Dario chegou à mansão. Assim que entrou, tirou a camisa e a jogou sobre o ombro. O cheiro da comida estava por toda parte da casa. Faminto, seguiu até a cozinha. Ao entrar, se deparou com Helena na beira do fogão, cozinhando. Ele a observou, encostado no batente da porta, descontraída. Olhou para seu corpo coberto por um vestido branco curto de tecido fininho, um pano de prato sobre os ombros e o cabelo preso num coque mal feito. Silenciosamente, caminhou até ela e a abraçou por trás.

— Jesus! Que susto! — ela quase gritou.

— Oi, amor. — Ele a virou para ele e a beijou.

Ela colocou as mãos sobre o peito dele e disse:

— Você está sujo e suado!

Ele riu.

— Mas não irei tomar banho sem você.

— O almoço está quase pronto. — Ela se afastou dele e desligou o fogo.

— Onde está a Vera? Já disse que não precisa fazer nada, Helena.

— Essa conversa de novo não, Dario. Eu me sinto uma inútil aqui sem poder ajudar — ela sussurrou.

— Está certo. Mas hoje combinamos de ficarmos juntos, só nós dois. Já avisei no *haras* que não volto hoje.

Ela olhou para ele com um sorriso.

— Sério? Você será só meu hoje?

— Todo seu, meu amor. Agora termine logo isso e me encontre no quarto. Quero você comigo debaixo do chuveiro. — Ele a puxou contra seu corpo e a beijou.

— Já estou indo!

No *haras*, após algumas horas, um sujeito de terno preto apareceu para fazer perguntas. Por sorte, Taylor estava próximo e impediu que o homem interrogasse um funcionário que passava por ali.

— Opa! Em que posso ajudar?

O homem fitou Taylor.

— Estou procurando por uma mulher loira, bonita, não muito alta e de olhos azuis.

Taylor riu.

— Amigo, se eu encontro uma mulher dessas, eu me caso.

O homem franziu o cenho.

— Ouvi rumores de que essa mulher estava por aqui, você a reconhece? A viu por essas terras?

— O homem sacou de dentro do terno uma foto de Helena.

Taylor fingiu surpresa. Ele sabia exatamente quem ele era, Socho. Que ironia, não iria nem precisar correr atrás do cara, o destino se encarregou de trazê-lo para a morte.

— Hum... Não. Quem é você? Da polícia?

— Sim. Sou o detetive Kurt, trabalho para a divisão de homicídios. Tem certeza de que não a viu? Ela é uma fugitiva da polícia e muito perigosa.

Taylor tentou manter a calma.

— Olhando bem... Hum... Acho que pode ser ela — sussurrou deixando transparecer uma dúvida.

— Pode me dizer onde a viu, senhor?

— Claro. Por que não vamos até minha casa para conversarmos? Aceita um café?

Eles caminharam lado a lado até o chalé de Taylor.

Ao entrarem, o homem perguntou:

— Você é dono da fazenda?

Taylor esticou a mão direita até as costas e sacou a arma rapidamente.

— Socho! Desgraçado! — O homem fez um movimento brusco, mas Taylor fez menção de atirar, caso se movesse outra vez.

— Agora podemos conversar — Taylor prosseguiu. — O que faz aqui?

— Sabe exatamente o que vim fazer, filho da puta.

— Quem mais sabe que ela está aqui?

O homem riu.

— Ela não vai se livrar de Anton, idiota. Ele vai matá-la. Avisa para os seus amigos da CIA que todos vocês estão mortos, babacas.

— O único idiota que irá morrer será você, filho da puta — Taylor disse, engatilhou a arma e atirou na testa do russo. O homem caiu no meio da sala, já sem vida.

Taylor correu até o quarto e pegou suas luvas. Com habilidade, arrastou o homem para o banheiro e o trancou ali.

— *Taylor! Taylor está aí?* — a voz de Melanie soou na sala.

“Caralho! Mas que porra! O que ela veio fazer aqui?”, Taylor se desesperou e escondeu a arma no criado-mudo. Mas, por outro lado, Melanie poderia ser sua salvação, pois iria precisar de uma caminhonete para dar fim ao corpo do homem que havia acabado de matar.

Capítulo 14

VERDADES E INVERDADES

Dario tirou a tarde para ficar ao lado de Helena. Desde a briga no dia anterior, ele se sentiu mal por ter agido de forma tão possessiva e quis amenizar a tensão entre eles. Eles almoçaram na mansão e, em seguida, ele a levou para o lago.

— É estranho vê-lo tão descontraído num dia cheio de trabalho. — Ela sorriu ao seu lado, deitada sobre a manta que haviam colocado sobre a grama. A brisa suave lhe tocava os rostos. Ela inspirou fundo, sentindo o cheiro das árvores e o ar limpo.

— Quis aproveitar esse tempo com você. Está tudo sob controle na fazenda, então... — Ele a olhou de lado, meio safado. — quero você só pra mim.

Dario a puxou ainda mais contra o seu corpo. Sem camisa, ostentava um belo abdômen malhado e braços fortes.

— Gostei desse lugar. É calmo e bonito — disse olhando a paisagem calma à sua frente. Havia um pequeno lago em volta da terra firme e da grama verde, longe de tudo e da vista de todos. Era um lugar quase secreto que Dario costumava vir quando era noivo de Georgina. Como era dentro da sua propriedade, ele deixava claro para os funcionários que aquele pequeno paraíso era proibido para qualquer um que não fosse ele.

— Está com calor? — Ele a fitou.

— Não está achando que vou...

— Claro que estou. — Ele riu.

— Não — ela gargalhou. — Definitivamente, não.

Ele se virou para ela, erguendo as costas da manta. Tocou em seu rosto e a beijou.

— Você é linda, sabia?

Ela corou com a intensidade do seu olhar.

— Você também não é nada mal.

Dario a beijou de forma urgente, possessiva. Quase violenta. Ele tinha sede dela. Queria tocá-la em cada centímetro de seu corpo. O calor os envolveu e o beijo ficou mais intenso e sensual. Ele ofegou ao se afastar e levou sua mão até seu rosto, acariciando-a de leve. Seu polegar roçou em seus lábios entreabertos e ela fechou os olhos para absorver aquele toque.

— Eu estou louco para foder você aqui e agora — sussurrou em seu ouvido despertando seus desejos.

Tímida, ela disse:

— Sabe que não sou uma exibicionista.

Ele fez uma carranca.

— Ainda bem. Eu jamais iria te expor e nem aceitaria se o fizesse. — Seu olhar lançou faíscas a ela.

— Alguém pode nos ver aqui.

— Ninguém vem aqui, meu amor. Eu posso fodê-la até o dia seguinte e ninguém se meteria a besta de vir aqui. Eu mataria qualquer um que ultrapassasse aquela cerca. — Apontei para a cerca na entrada da estradinha. — Esse lugar é meu refúgio e todos sabem que é meu.

— Você tem certeza?

— Não iria querer olhos curiosos em cima do que é meu. — Ele sorriu capturando seus lábios e os mordeu de leve.

Ele subiu sobre ela e a beijou mais uma vez. Sua mão agarrou a sua coxa macia e firme dando um aperto forte.

— Preciso te livrar dessas roupas — ele disse agarrando sua calcinha e deslizando-a por suas pernas. Em segundos, Dario a retirou e jogou ao lado. Sua mão percorreu sua perna, e lentamente subiu até seu sexo.

— Porra! Você já está toda molhada, pronta pra mim — disse com a voz rouca.

— É o efeito Dario sobre mim. — Ela sorriu.

— Efeito Dario, é? Esse cara deve ser bom. Então, se ele ainda não te tocou e você já está toda molhadinha... imagine se ele fizesse isso?! — Ele levou a mão de volta ao seu sexo e beliscou seu clitóris. Levou seu dedo até sua entrada apertada e apertou ali, contra seu ânus.

Ela gemeu alto.

— Gosta disso? Gosta quando a toco dessa forma?

— Sim...

— Gosta quando eu chupo sua bocetinha, quando eu passo minha língua quente e molhada sobre ela sugando todo o seu mel? — disse beijando seu pescoço e a tocando por baixo.

— Ahhh! — ela gemeu.

Ele deu um tapa ardido em sua boceta.

— Responda!

— Sim... Go-gosto — respondeu, já sentindo seu corpo queimar de desejo.

— Gosta quando minha boca toca seus seios? Quando eu chupo gostoso e mordo esses bicos? — disse e, assim que abaixou a alça de seu vestido, levou um seio à boca e mordeu seu bico enrijecido a ponto de doer.

— Oh, merda!

Ele deu um tapa em sua coxa. Ela sobressaltou.

— Não é essa a resposta!

— Sim — ela disse ofegante. O desejo crescia dentro dela. Seu sexo começou a pulsar e sentiu o líquido lubrificante escorrer por sua vagina.

Ela levou outro tapa, um pouco mais forte, em seu sexo.

— Sim o quê, meu amor? — Ele tinha os olhos grudados em sua expressão confusa. Suas bochechas coraram quando a compreensão bateu em sua mente.

— Não vou chamá-lo de Senhor. — Ela sorriu.

— Não? — disse fingindo estar enfurecido. — Vamos ver se não.

Ele a tomou em seus braços e a levantou num puxão. Com habilidade, tirou seu vestido deixando-a nua. Tirou o cinto, abriu o zíper do seu jeans; em seguida tirou a calça e a cueca *boxer*. Os olhos de Helena pararam famintos em seu membro a meio mastro. Lambeu os lábios tentando conter a excitação que crescia dentro dela. De pé, ele ordenou:

— De joelhos!

Ela olhou para ele excitada e sabendo o que queria que fizesse.

Ele a agarrou pela nuca e puxou fortemente seus cabelos. A beijou duro e disse entredentes:

— Quero você de joelhos, com essa boquinha gostosa em torno do meu pau. Quero que o coloque todo em sua boca e fique até que eu goze nela. Então, quando você acabar de engolir toda a minha porra, vou te foder de tal jeito que nunca irá se esquecer. Vou te preencher por completo porque você é minha, entendeu? Agora diga, ou eu posso ficar aqui a tarde toda só falando sacanagens no seu ouvido sem te tocar. Duvido que irá aguentar por muito tempo. — Sorriu.

Seus olhos estavam nublados de desejo.

Ela o encarou e sussurrou:

— Isso foi uma tática de persuasão? Não funciona comigo.

Ele intensificou o aperto em seus cabelos e desceu sua mão até seu clitóris e o beliscou fazendo-a gemer e bambejar em suas pernas.

— Sim. Sim, Sr. Craig — disse com a voz afetada.

Ele riu.

Ela caiu sobre ele, em seus joelhos e admirou a perfeição de seu membro rijo, grosso e grande.

Ele era bem maior, vendo-o assim, tão de perto. Ansiosa, tomou-o em sua boca e o chupou com habilidade e sensualidade. Seus movimentos graciosos e firmes fizeram com que ele soltasse um grunhido alto, além de um gemido rouco. Ela passou a língua vagorosamente em sua glândula e o chupou, fazendo sucções. Dario jogou a cabeça para trás e ainda a segurava pelos cabelos, fazendo um movimento de vai e vem com seu quadril, empurrando sua ereção contra a boca dela.

— Puta merda! — praguejou. — Deste jeito vou gozar, meu amor. Não pare! Por favor, não pare! — ele se viu implorando. Não era de sua natureza implorar nada a ninguém, mas, naquele momento, se desesperou. Ele não queria que ela o soltasse, por nada.

Quando as ondas de prazer invadiram seu corpo, gentilmente ele a avisou que estava próximo da sua libertação. Segundos depois, Dario estava explodindo num prazer incontável, jorrando seu sêmen na boca de sua amada. Ela o acolheu e o tomou sugando e engolindo cada gota, assim como ele havia ordenado. Ele deu um grunhido animalesco, enquanto jorrava na boca quente e hábil de Helena. Ele a ergueu e a beijou. Com seu gosto misturado ao dele, pôde sentir a textura diferente em sua língua.

Ele se afastou e se sentou na manta.

— Venha!

Ela olhou para ele e fez menção de sentar-se.

— Aqui, de frente para mim, em pé — ele a guiou até ele.

— O que vai fazer? — ela perguntou, confusa.

— Vou foder essa bocetinha com minha língua. — Sorriu ao vê-la corar.

Dario puxou Helena para ele. Enquanto ela ficou em pé, ele se esgueirou entre suas pernas, segurando-a firme pela bunda.

— Abra mais as pernas — ordenou.

Ela fez o que ele pediu, excitada e ansiosa por seu toque. Quando a boca quente e voraz dele a atacou, suas pernas bambearam. Ela gemeu com o contato de sua língua em seu clitóris, massageando-a. Ele a chupou, mordeu seus grandes lábios e a fez gritar de prazer. Ele separou ainda mais suas pernas e ela teve que se segurar em seu cabelo para não se desequilibrar em suas pernas que mais pareciam como gelatinas. Ele sentiu seu cheiro, seu gosto doce e levemente salgado, sentiu seu corpo corresponder tão depressa ao seu toque, sentiu sua excitação, seu corpo trêmulo, seus espasmos contidos e sua pele suar. Ela era tão linda quando estava assim, tão entregue a ele e totalmente excitada.

— Eu não aguento mais, Dario...

— Goza, amor. Goza na minha boca, agora — ordenou.

O simples comando dele a fez perder o controle, explodindo numa sensação dolorosamente prazerosa. Não conseguiu conter os gemidos que saíam de sua boca, descontrolados, enquanto se libertava. Suas pernas amoleceram e Dario teve que pegá-la para não cair. Ele a manteve em seu colo, até que suas respirações normalizassem. Beijou sua boca e sussurrou contra ela:

— Eu quero entrar em você, agora — disse num misto de luxúria e prazer.

Ela sorriu.

Ele a deitou e se posicionou entre suas pernas com seu membro duro. Esfregou-o em seu sexo e a penetrou numa estocada forte e bruta.

— Ah, porra! Você é tão gostosa! — Ele se perdeu dentro dela.

Levou a boca até seus seios e os chupou, dando atenção a cada um deles.

Eles gemiam e se contorciam de prazer ao ar livre. Seus corpos entrelaçados, suavam pelos movimentos ritmados. Ele começou numa estocada forte, acelerando o ritmo e a penetrando por trás, com seu dedo, forçando a entrada devagar, para não machucá-la, até que ela não resistiu e gemeu gritando seu nome para o vento. No mesmo instante, ele gozou intensamente, mais uma vez, jorrando dentro dela, marcando-a e reivindicando-a para si, como sempre fazia. Seu corpo relaxou sobre o dela, e eles ficaram ali até aquela onda de prazer acabar.

Dario levantou e rolou para o lado dela, puxando-a contra seu peito. Olhou-a fixamente, com um semblante sério e disse:

— Nós vamos nos casar assim que conseguir seus documentos.

Não foi um pedido de casamento e ela ficou irritada por isso ter sido uma afirmação.

— Isso pode demora — sua voz falhou.

— Não vai. Amanhã mesmo eu a levarei até o Arizona. Vamos até sua casa pegar seus pertences. Você aproveita e pede a demissão de seu emprego na escola.

Ela empalideceu.

— Por que falar disso agora? — foi rude.

— E por que não falar disso?

Ela se afastou. Caminhou até suas roupas e começou a se vestir. Ele a observou e desconfiou de seu jeito.

— Olha, podemos ir no final de semana se preferir.

— Eu não vou pra lugar nenhum — disse ríspida.

Ele se levantou e também começou a se vestir.

— O que foi? O que eu fiz de errado agora? — pareceu exasperado.

Ela olhou para ele, indignada.

— Ah, nada! Apenas não fui consultada sobre meu próprio casamento — riu ironicamente.

— Não quer se casar comigo? — Ele franziu o cenho, irritado.

Ela parou de frente para ele, vestida. Colocou as mãos na cintura e gritou enfurecida:

— Você nem sequer perguntou se eu queria.

— Precisava? Achei que estava claro quando disse que você era minha! — esbravejou. Colocou sua cueca, seu jeans e suas botas.

Ela pareceu ficar transtornada e descontrolada.

— Eu gostaria de ser consultada quando me incluísse em qualquer coisa, e isso serve para nosso relacionamento também.

— Achei que queria se casar comigo. — Ele juntou as sobrancelhas e lançou a ela um olhar de desgosto.

— E eu quero, mas é que... — ela ficou em pânico.

— Então, pronto. Está decidido. Vamos para o Arizona. Nós precisamos pegar seus documentos, Helena. Preciso levá-la a um médico e sabe que não posso fazer isso sem que tenha uma identidade. Agora que sabe quem é, onde mora, então achei...

— Achou que poderia resolver as coisas por mim? Não preciso da porra de um médico — ela gritou, deixando-o alarmado com seu tom.

— Qual é o seu problema? — ele gritou também. Não entendia a reação dela e várias coisas ruins lhe passaram pela cabeça, inclusive, o fato dela não estar tão envolvida como ele.

— Nós estamos transando sem nenhuma proteção. Você precisa sim da porra de um médico! — Seu sangue ferveu.

— Então, nós paramos de transar, simples assim. — Ela marchou duro para longe dele, em direção à caminhonete do outro lado da cerca.

Com raiva, Dario tentou se controlar para não assustá-la. Seu nível de irritação estava a mil e se brigasse com ela, certamente se arrependeria mais tarde. Assim que chegou até a caminhonete, ela já estava sentada, esperando-o com os olhos vermelhos. Ele se sentou ao lado dela e disse:

— O que foi? Por que ficou tão arisca?

— Podemos ir?

— Tem alguma coisa no Arizona que está te deixando assim? — perguntou desconfiado.

O coração de Helena se comprimiu. Quando inventou tudo aquilo para ele, ela tinha certeza de que iria embora, assim ele não descobriria sua pequena farsa. Mas, e agora? Como sustentaria essa mentira sem que ele a odiasse? Como dizer a ele que ainda não sabia muita coisa sobre ela? Que ela corre risco de vida e que ninguém pode saber quem ela é, inclusive ele? E o pior, que é casada com um milionário que era chefe de segurança dos Estados Unidos e que ela suspeita que ele a quer morta? Eram tantas coisas que não podia compartilhar. Isso o colocaria em risco e colocaria seus irmãos também.

Sabendo como Dario era superprotetor e possessivo, se contasse o que suspeitava e o que lhe aconteceu, certamente ele iria se enfiar numa briga feia para protegê-la e ela não ia permitir isso. Isso se ele ainda a quisesse após saber que tinha outro. Ao pensar na possibilidade de ser deixada

por ele, ela se desesperou ainda mais.

Ao chegar à mansão, ela correu para o quarto. Entrou no banho e ficou ali, remoendo sua miséria.

Irritado, Dario decidiu voltar a ligar para a escola. Desconfiado, começou a suspeitar de que ela não tivesse lhe dito toda a verdade.

Ele se trancou no quarto de Ryan com o *notebook* e procurou novamente pelo telefone. Ao ligar, uma moça educada o atendeu. Sua decepção foi visível ao saber que não havia nenhuma Helena Dawson lecionando naquela escola.

— Ela mentiu para mim, mas por quê?

Sua fúria controlada, o impediu de entrar em seu quarto e lhe cobrar explicações, mas como iria saber se poderia confiar nela para dar as explicações? Se ela mentiu, poderia muito bem mentir outra vez. Em vez disso, ele ligou para o xerife da cidade. Pediu para que ele entrasse em contato com a polícia do Arizona e descobrisse dentro do banco de dados se havia alguma Helena Dawson com as características físicas que ele havia passado de Helena para ele.

Irritado, ele foi para o quarto, tomou banho e saiu para espairecer. Ele teria dois longos dias no inferno até que a espera acabasse. Em dois dias, ele iria descobrir se havia algo sobre ela que ele deveria saber.

Dois dias depois...

Dario estava evitando Helena a todo custo. Saía bem cedinho da fazenda e voltava no final da noite, com a desculpa de que o trabalho havia aumentado. Ela também se manteve distante e calada, pensando numa maneira de dizer tudo a ele, sem ser enxotada da fazenda como uma mentirosa. Ela decidiu que aquela situação não poderia se arrastar. Quanto mais demorasse para contar, mais isso a prejudicaria.

Colocou as botas e saiu para o *haras*, atrás dele.

— Johnny, pode me dar uma carona até o *haras*?

— Claro, cunhadinha, sobe aí. Vou ver minha princesa também. — Sorriu apaixonado.

Ela montou na garupa da Harley.

Poucos minutos depois, ela saiu da moto e o agradeceu. À sua frente, Taylor a observava. Ela não sabia dizer, mas ficava incomodada com os olhares que ele lhe lançava. Sempre se esgueirando para onde quer que ela fosse, e notou que quando estava com Dario, ele não se aproximava e nem sequer a olhava.

— Boa tarde, Helena!

— Senhorita Helena pra você — bufou. Sujeitinho abusado. Por mais que não gostasse de como

a observava, ela sentia uma conexão estranha com ele. Algo familiar.

Ela deu as costas e saiu para procurar por Dario.

— Oi, Ryan. Você viu o Dario por aí? — perguntou assim que entrou na administração.

— Não. Não o vi não. Aliás, faz um tempinho que não o vejo. Estou indo para casa com uma dor de cabeça terrível. Pode terminar por mim, Paige?

— Claro! Vá descansar.

Ryan se levantou da cadeira e pegou o envelope pardo de cima da mesa.

— Acho que isso aqui é seu. O xerife acabou de deixar aqui para o Dario, mas está escrito seu nome. — Ele olhou para ela, confuso.

Helena empalideceu.

— Meu nome? Como assim, meu nome?

— Aqui, deve ser algo que o Dario pediu para você, talvez seus documentos, pois ouvi ele comentando algo por cima.

Ela pegou o envelope das mãos de Ryan, trêmula.

— Obrigada.

— Vou para casa. Tchau!

— Tchau! — ela e Paige disseram em uníssono.

— Acho que ele está fugindo de mim — Paige reclamou.

— Quem? Ryan?

— É. — Ela pareceu triste.

— Vocês estão...

— Não... Quer dizer. Ficamos uma vez, ou melhor, eu o beijei.

— Nossa! Ryan é legal.

— Eu sei.

— Então, qual o problema?

— Acho que ele não curtiu muito.

— Hum. Talvez seja impressão sua. Por que não o convida pra jantar em sua casa?

— Parece interessante. — Ela sorriu.

— Assim, sozinhos, você descobrirá se ele curtiu ou não — Ela sorriu. — Bom, preciso ir também. Nos falamos depois.

Ela saiu da administração furiosa.

“Era isso que ele tanto fazia às escondidas?”, ela pensou chateada. Abriu o envelope e viu um pequeno dossiê de duas mulheres com o mesmo nome, Helena Dawson.

Uma delas, tinha mais de 68 anos; a outra, apenas 19. Ambas eram morenas e nada parecidas com ela.

“Eu tô fodida!”, pensou.

Encostada na cerca de madeira, viu o momento em que uma mulher saiu, ajeitando suas roupas. Ela tocou o bolso da saia e pareceu notar que havia esquecido algo. Então, a moça abriu a enorme porta de madeira e Helena a reconheceu a metros de distância.

— Vagabunda! — sussurrou enfurecida.

Ela caminhou a passos largos e entrou no estábulo. Ouviu vozes exaltadas e quando entrou na baia de Thor, o que viu fez seu peito doer. Dario estava sem camisa, e tinha suas mãos nos braços da mulher, encurralando-a contra a parede de madeira. Seus corpos estavam tão próximos que ela não teve dúvida do que faziam.

Ao sentir a presença de alguém, Dario olhou sobre os ombros e sobressaltou para longe da mulher quando percebeu que era Helena. Ao se afastar, ela pôde ver a mulher que havia acabado de entrar, com os botões da blusa abertos revelando seus seios volumosos e empinados. A mulher fez um ar de surpresa, mas Helena sabia muito bem o tipo que ela era.

— Helena, amor... Eu posso explicar — disse caminhando até ela inerte, ainda tentando acreditar no que via.

— Eu já entendi o suficiente — disse ríspida. — Esse é seu ponto de encontro, não? Você fode todas as vagabundas aqui? Igual animais?

— Não, queridinha, só as potrancas! — A moça sorriu irônica.

— Manda ela calar a maldita boca antes que eu a mate. — Sua voz saiu tão fria e cortante, que Dario temeu que estivesse falando a verdade.

— Vamos conversar em casa. — Ele a tocou nos braços, mas foi repellido por ela.

— Nunca mais toque em mim — disse com cara de nojo. As lágrimas brotaram em seus olhos e escorriam por sua face. Ela correu para fora, seguida por Dario e Micah, que abotoava sua blusa.

Dario a alcançou e a puxou pelos braços. Ao sentir as mãos dele a tocando, não pensou duas vezes e virou para lhe dar uma bofetada. O tapa repentino deixou-o paralisado em seu lugar.

— Disse para não me tocar! — Seus olhos em fúria, não deixaram os dele.

De longe, Taylor, Johnny e Kristen, que estavam parados em frente ao chalé, puderam conferir o circo armado.

— Ui! Essa foi doída. — Taylor riu.

Johnny olhou para ele com uma carranca, e disse para a namorada:

— O tempo ali vai fechar. Nos vemos mais tarde, minha princesa. — E a beijou. Subiu na moto e foi em direção ao irmão, para que ele não perdesse o controle.

— Já disse que posso explicar. Não tive nada com essa criatura. Ela apareceu do meu lado, se insinuando toda e...

— Eu não quero ouvir.

— E transamos — Micah concluiu. — Foi quente, gostoso...

Dario olhou para ela, aturdido.

— Puta! Vou matar você, sua... — disse entredentes e avançou na mulher.

Johnny saltou da moto rapidamente para conter o irmão.

Dario grudou no pescoço de Micah e Johnny ficou apavorado com o que ele pudesse fazer.

— Solte-a, Dario! Solte-a, porra!

O rosto de Micah começou a ficar vermelho e logo foi sendo substituído por um arroxeadado.

— Você vai matá-la, porra! — Johnny gritou descontrolado, tentando fazer com que ele a soltasse.

Dario estava totalmente descontrolado. Felizmente, alguns funcionários perceberam a movimentação e correram para ajudar. Em pouco tempo, afastaram Dario da mulher, que caiu ao chão, tossindo e sugando todo o ar que conseguia para dentro de seus pulmões.

— Onde a Helena está? Helenaaa! — Dario gritou olhando ao redor.

— Ela deve ter ido para casa. Você precisa se acalmar, porra! — Johnny pegou o envelope caído ao chão.

Dario estava tão fora de si, que seu rosto fervilhava de ódio.

Perto do chalé, Taylor arrastou Helena para dentro de sua casa. Ela se debateu contra ele, as lágrimas rolando no rosto. As mãos fortes de Taylor sobre sua boca, impediram-na de gritar. Ao entrar com ela no chalé, a jogou sobre o sofá e correu para trancar a porta. Ela correu até ele e tentou acertá-lo.

— Me tire daqui, seu...

— Eu sou seu irmão! — Ele soltou a bomba antes que ela pudesse acertá-lo.

Ela ficou paralisada, com a expressão aterrorizada. Olhou para ele, calada, como se estivesse tentando puxar na memória, se o que ele falava era verdade.

— Mentira!

— Não é mentira. Eu sou seu irmão, Júlia. Sou eu, Max.

“Júlia? Mas que porcaria é essa?”, pensou.

— Meu nome não é Júlia, idiota. Agora deixe-me ir ou eu te mato — disse enfurecida. — Já tive merda o bastante por hoje.

— Sente-se. Não vou deixar você chegar perto daquele animal — disse de forma protetora. — Sei que deve estar confusa sem suas memórias, mas eu vim para ajudá-la. Vim para ver se estava bem. — Ele sorriu para ela.

— Você é louco. Abra a porra da porta, Taylor. Ou vou quebrar todos os seus ossos.

Ele riu.

— Não, não vai, Esther Rothenberger.

Ao ouvir a menção de seu nome verdadeiro, ela se alarmou. Entrou em pânico e começou a chorar.

— Merda! — Fechou os olhos. — Se vai me matar, seu desgraçado, mate-me logo.

Taylor se esgueirou para perto dela, devagar.

— Sente-se. Está nervosa e o que precisamos conversar é sério.

Quando ela sentou, ainda trêmula, ele começou:

— Eu adoraria matar você alguns anos atrás, quando éramos crianças, e você quebrou meu dente quando andávamos de bicicleta. — Ele sorriu para amenizar a tensão.

Ela o olhou, desconfiada.

— Meu nome é Maxwell Reynes, tenho 30 anos, e sou seu irmão gêmeo.

Ela gargalhou alto.

— Isso é ridículo. — Olhou para ele abismada.

— O que é ridículo? Você ter 30 anos ou eu ser o seu gêmeo? Eu sou um cara bonito. — Ele riu.

— Ah, foda-se! Todo mundo enlouqueceu hoje — ela se irritou saindo do sofá.

— Você é casada com Carl Trainor. Se lembra disso?

Ela congelou.

— Não sou casada, somos noivos — rebateu.

— Como pode ter certeza? Nem sequer se lembra de que sou seu irmão.

— Vi na internet.

— Hum. O que mais viu na internet?

— Olha, eu não estou com tempo para isso. Preciso pegar minhas coisas e cair fora dessa fazenda.

— Você não vai sair daqui.

— Como?

— Você não vai sair daqui. Estou aqui para garantir isso. Nós a colocamos aqui.

— Nós? Nós quem? — ela se interessou.

— CIA.

— Isso é alguma pegadinha?

— Júlia, nós dois trabalhamos para a CIA há seis anos.

Ela parou para escutar.

— Quer beber alguma coisa?

— Não.

— Do que se lembra?

— Não muita coisa. Tenho alguns *flashes* de memória, mas tudo está confuso até agora.

— Eu vou ajudá-la a estimulá-las para que elas voltem, ok?

— Isso não será possível. Eu estou indo embora daqui hoje mesmo.

— Deus! Como você é teimosa. Sabia que há dois dias, eu matei um dos russos que te sequestraram bem aqui, no meio da minha sala? Não pode sair dessa fazenda ou eles te acharão.

— Você o quê? — ela gritou embasbacada. — Como sabe que fui sequestrada? Meu Deus! Eles sabem que estou aqui?

— Porque nós a resgatamos. Você estava muito machucada, desacordada e com uma ferida na cabeça. Você corre perigo, Júlia. Não vou deixar que ninguém te machuque. Foi uma promessa que fiz para nossos pais antes deles morrerem. E sim, se um deles te achou, os outros podem achar também.

— Espere! Vocês me jogaram aqui? Como um cão sarnento entre a vida e a morte? — pareceu chocada.

— Fizemos isso porque foi preciso.

— Eu poderia ter morrido, porra!

Ela se levantou, atordoada.

— Preciso ir. Eu... eu preciso de ar! E se o que diz é verdade, eu estou colocando todos aqui em risco. Não posso fazer isso. — Seu olhar era de dor.

— Mas tem alguém que também não vai deixá-la sair daqui; e se fizer, ele te vai caçar nem que seja no inferno. Estou tentado a dizer que ele é bem pior do que esses malditos russos no faro.

— Ele é um traidor, isso sim.

— O que ele fez para que ficasse tão furiosa? A propósito, eu aplaudi de pé aquele tapa. O sujeitinho intragável.

— Peguei ele com outra no estábulo.

Taylor ficou confuso.

— Àquela hora?

— Sim.

Ele sorriu. Queria ver o circo pegar fogo. Ficou tentado a dizer a ela que isso era impossível, pois estava lá com o Dario lavando os cavalos segundos antes dela aparecer. Mas ele não contaria a ela, ainda. “Deixa esse mané aprender uma lição primeiro”, pensou.

— Gosta dele?

— Eu amo aquele maldito. — Sorriu.

— Agora, imagina se ele descobrir que você tem um noivo. Como acha que ele irá se sentir?

— Péssimo. Vai matá-lo e depois a mim.

— Você tem que continuar a manter sua farsa. Não diga nada a eles.

— Não posso. Dario já descobriu que eu menti. Não tenho mais como sustentar essa mentira toda. E também não sei se aguentaria ficar aqui depois do que houve hoje.

— Ele protege você. Isso é o que importa. Quanto a sua identidade, diga a ele a verdade então, diga que é a Esther. Então, ele vai cavar seu passado e descobrir sobre o Carl. Que, aliás, ainda não sabemos se é confiável.

— O que eles querem de mim?

— Vamos ter tempo para conversar sobre isso. Júlia, não diga a eles seu nome verdadeiro. Se Dario cavar seu passado, a CIA ficará sabendo e irá considerar traição. Fora que ele descobrirá que sou seu irmão e isso vai dar o que falar.

— Meu irmão... — A realidade começou a bater. Ela olhava para Taylor de forma curiosa. — Bem que eu sabia que existia algo familiar em você.

— Pra você ver que aquela história de que irmão gêmeo sente tudo, é babaquice. Você me esqueceu na primeira pancadinha na cabeça.

Ela riu.

— Que drama!

— Agora vá. Encontre-me aqui amanhã para que eu possa te contar a história toda.

— Tudo bem. — Ela sorriu, e caminhou até ele para abraçá-lo. Deu um beijo em sua bochecha e disse: — É bom saber que não estou sozinha nisso.

— Não está. Nunca vou deixá-la sozinha. — E a abraçou forte.

Na mansão, Dario já havia quebrado tudo o que viu em sua frente. A sala estava um pandemônio. Vaso quebrado, sofá jogado, quadros arremessados ao chão... Os irmãos lutavam para contê-lo. Johnny havia pegado o envelope que ela deixou cair e entregue para Dario. Ao ver que tudo o que ela lhe disse era mentira, sua raiva aumentou cegando-o completamente. Seu maior medo era de que ela o tivesse abandonado.

Ela fez o caminho todo a pé. Quando chegou na mansão, estava cansada e exausta. Porém, a dor ainda estava em seus olhos.

Quando pisou na mansão, todos estavam tentando conter os ânimos de Dario.

Ela olhou para aquela bagunça e suspirou fundo ao ver que Dario vinha em sua direção.

— Eu não quero conversar agora — ela disse antes que ele pudesse alcançá-la.

— Ah, você não quer conversar? Onde esteve, porra?!

— Baixe o tom comigo, Dario, ou juro que dou meia volta e sumo daqui — ela elevou a voz, enraivecida. Passou por ele, mas foi contida antes de subir as escadas.

— Dario! — Ryan o alertou. — Solte-a!

— Você me acusa de um monte de merda e é a única a mentir aqui.

— Você estava trepando com aquela puta!

Johnny ficou alerta, ao lado de Ryan e Melanie.

— Vocês dois precisam se acalmar, certo? — Ryan estava com medo de que o irmão fizesse alguma merda.

— Eu não fiz nada com aquela louca. Ela estava tentando me foder porque eu a dispensei, só isso!

A raiva ferveu seu sangue.

— Você me traiu e não vou perdoá-lo por isso. Nem morta! — Sua voz saiu embargada e se odiou por ele afetá-la tanto. Seu peito doía só de pensar que ela significava tão pouco para ele.

— Ao contrário de você, eu nunca menti. Em nada! Nem quando disse que amava você. Muito menos quando a pedi em casamento.

Ela riu.

— Você não me pediu em casamento. Você praticamente enfiou uma faca no meu pescoço e disse: “Ou casa ou morre!”.

Johnny tentou conter o riso.

— Vamos terminar nossa conversa no quarto — ele rosnou.

— Não vou a lugar nenhum com você. Não sou uma de suas vagabundas.

— Mas que porra! Você não confia em mim? Não vê o quanto eu te amo? Que eu seria incapaz de fazer qualquer coisa para magoá-la?

As lágrimas dela começaram a rolar mais intensamente.

— Eu te odeio! — ela gritou.

— E eu te amo! Mas parece que você está disposta a pensar o pior de mim. Será que eu poderia pensar a mesma coisa de você? Porque, pelo que consta, seu nome sequer é Helena Dawson. — Ele a encarou com olhos acusatórios.

— Não tente reverter a situação.

— Por que mentiu?

Ela se calou. Olhou para os irmãos dele e se sentiu péssima por isso.

— Diga! — ele elevou a voz num tom frio e duro.

— Eu queria me livrar de você! — ela gritou. — Está satisfeito? Você me prendia aqui contra a minha vontade. Então, só queria fugir. Fugir do que eu estava sentindo por você — disse aos prantos, sabendo que isso era apenas uma parte da verdade. — E não vou me desculpar por isso.

Ele deu um passo largo até ela e a puxou para seus braços. Ela tentou resistir e começou a estapeá-lo e dizer com fúria e a voz embargada pelo choro:

— Eu te odeio! Odeio, odeio e odeio! Odeio por ter me feito me apaixonar por você. Ter me feito te amar, te desejar a cada segundo que passei do seu lado, desde que abri os olhos na sua maldita cama. Odeio seu cheiro em mim, odeio saber que preciso disso pra viver, odeio por saber que, mesmo oferecendo todo o meu amor, sou tão insignificante pra você. Eu quero ir embora daqui.

Dario tentava contê-la, porque estava furiosa e descontrolada.

— Acabou? Hum? Tá se sentindo melhor por me bater? Porque eu posso ficar aqui a noite toda até você se acalmar. Você pode bater em mim o quanto quiser, mas nada irá mudar o que sinto por você. E você sabe que não é verdade, você significa muita mais do que imagina pra mim. Você é minha vida, meu amor. Se me deixar, eu vou atrás de você nem que seja no inferno; e quando te achar, vou bater tanto nessa sua bunda até que entenda que só existe você na minha vida.

— Uau! Dario domesticado — Melanie sussurrou para Johnny e Ryan. — Melhor irmos se não quisermos presenciar um sexo animal aqui no meio da sala.

— Sabe o que me assusta? Os dois são iguaizinhos. Ela também não é fácil. Não sei se aguento sobrinhos assim não. — Ryan sorriu.

— Você perdeu o tapa na cara que ele levou dela. Ela foi corajosa. Eu quis rir, mas sabia que ele me mataria — Johnny disse.

— Ainda posso te matar, Johnny. Estou ouvindo vocês. — Quanto ao sexo animal, faremos lá na minha cama — disse colocando-a em seus ombros e subiu pelas escadas, deixando os irmãos

perplexos.

— Acabou assim? — Melanie disse.

— Ainda bem que não sofro desse mal. — Ryan riu.

— Gente, entre mortos e feridos, salvaram-se todos. — Melanie riu.

— Mas, e esse lance de que ela inventou o nome? Isso é sério. Ela mentiu pra gente. — Johnny ficou chateado.

— Se você tivesse um Dario em seu pé, teria feito o mesmo. Foi totalmente compreensível o que ela fez. Ela se sentiu sufocada e mentiu para poder sair daqui — Melanie falou.

— Não sei. Dario está tão cego de amor, que não se importou com isso. Vou me certificar de que ela fale a verdade de agora em diante — Ryan disse desconfiado.

No quarto, Dario arrancava as roupas.

— Não vou transar com você. — Ela pareceu abismada.

— Não mesmo. Vamos fazer amor.

— Nem morta. Não é assim que vai resolver seu problema comigo — disse entredentes.

— Tudo bem. Vamos apenas tomar um banho, juntos. — Ele se aproximou dela e a tomou em seus braços. Tirou cada peça de roupa dela, lentamente até que estivesse nua.

— Olha pra mim — exigiu. — Olha nos meus olhos. Eu não traí você. Jamais tocaria outra mulher. Eu estava tentando jogá-la para fora quando começou a tirar a roupa e, então, você apareceu.

— Você já transou com ela? — ela perguntou. Sabia que sim, pois havia visto quando estava escondida atrás do feno. Mas queria testá-lo.

— Por que quer saber?

— Sim ou não?

— Apenas uma vez. Mas não significou nada. E foi antes de você, eu juro. Nunca menti pra você. Nunca e jamais irei mentir.

Ela baixou a cabeça, se sentindo totalmente miserável. A única que mentia ali era ela. Como poderia cobrar confiança dele, se ela mesma não confiava nele o bastante?

— Eu realmente não me lembro de tudo. Minha memória vem com alguns *flashes*.

— Sabe que pode confiar em mim com sua vida. Eu estou aqui pra te ajudar no que for preciso.

— Eu não posso — chorou.

— O que você não pode?

— Eu ainda não compreendo algumas coisas. Não sei o que é real e o que não é.

Ele a abraçou e afagou seus cabelos.

— Amor, eu amo você. Se você não confiar em mim, como poderei ajudá-la? — Ele a fitou.

— Você pode, por favor, apenas me dar um tempo? Apenas para eu entender?

— Quero saber agora! — exigiu.

“Foda-se a CIA!”, ela pensou.

— Prometa-me que vai confiar em mim e que não irá contar para ninguém o que vou te falar? — Ela o olhou não sabendo se estava fazendo a coisa certa.

— Cegamente. Pode confiar em mim cegamente.

— Eu trabalho para a CIA.

Dario fez uma careta, franziu o cenho e juntou as sobrancelhas.

— Uma agente?

— Sim.

Ele a soltou.

— Meu nome real é Júlia Reynes, e minha identidade na CIA é Esther — ela omitiu o sobrenome, caso ele quisesse pesquisar. Ele a olhava como se tivesse sete cabeças e dizer a ele agora que era noiva e que, provavelmente, ele a estaria procurando, não seria bom no momento. Outro dia, talvez com mais calma, ela dissesse.

— Alguém está querendo te matar? Você matou alguém? — A voz de Dario foi cortante.

— Acho que eles querem algo que eu tenho, mas não sei o que é e nem onde escondi.

Chocado, ele se sentou na cama, nu.

— Desculpe, eu só... não esperava que minha futura mulher fosse uma... — Ele olhou para ela horrorizado.

— Eu não matei ninguém. Pelo menos, não que me lembre.

— Se lembra de mais alguma coisa?

— O sonho. No dia que você dormiu comigo pela primeira vez, eu lembrei-me de que me torturavam para obter a informação do que eles queriam. Depois disso, nada mais. Apenas coisas desconexas.

Ele se levantou da cama e foi até ela. Afastou uma mecha de cabelo em seu rosto.

— Você é minha responsabilidade. Desde que entrou em minhas terras, você é minha. Não vou deixar ninguém machucá-la outra vez. Eu só peço uma coisa: nunca mais minta pra mim. Sempre fui honesto com você. Não suporto mentiras... E nem sei como devo chamá-la. — Pareceu confuso.

— Helena. Prefiro que ninguém saiba que já tenho um nome. Nem seus irmãos.

— Não posso mentir pra eles.

— É para nossa segurança, Dario.

Ele parou para pensar.

— Vou falar apenas para o Ryan. Nem sempre estou em casa e se... Ele precisa saber, caso tenha que intervir em alguma coisa.

— Está certo — ela concordou.

— Eu amo você... Júlia, Esther ou Helena, pra mim tanto faz. Eu quero você de qualquer jeito.
— Sorriu.

— Dario, eu sei que você vai surtar, mas... eu estava com o Taylor antes de vir para cá.

Dario bufou.

— Não quero você perto dele.

— Ele é meu irmão. E, por Deus, não diga a ele que te contei sobre isso. Ele me mataria.

O choque percorreu o corpo de Dario.

— Aquele filho da p... — rosnou.

— Ele só estava preocupado comigo. Por favor, deixe-o ficar. Ele também é da CIA e meu irmão gêmeo.

— Tá de sacanagem?

Ela riu.

— Gêmeo?

— Também fiquei espantada, acredite.

— Ele aparenta ter uns trinta e poucos anos.

— Temos 30. Desculpe ter dito que tinha 27. Se ainda quiser, e não se importar em ter uma esposa mais velha. — Ela riu.

— Agora entendo seu desespero quando falei dos documentos para o casamento.

Ela enrijeceu.

— Deixe-o ficar, ele irá ajudar.

— Vamos esperar tudo isso passar para nos casar. Vou comprar flores, fazer um jantar à luz de velas e comprar uma caixinha de veludo com alianças, e, então, eu faço o pedido de forma adequada. Prometo parar de ser um bruto.

Ela o abraçou.

— Eu gosto de você assim. E já que estamos no momento sinceridade, quero te pedir uma coisa.

— O que você quiser.

— Quero que expulse aquela aluna e que pare de dar aulas.

— Você fica ainda mais linda toda nervosinha. Quase morri quando cheguei aqui e você não estava. Achei que tinha me abandonado.

— Não desconverse...

Ele riu.

— Mas esse é meu trabalho. Precisa confiar em mim.

— Não quero que fique com aquelas oferecidas. Ou eu vou matar todas que chegarem perto de você — disse decidida.

— Você pode ir comigo.

— Eu não quero nenhuma delas, Dario.

Ele bufou.

— Tudo bem. Farei como você quer. Agora vamos tomar nosso banho.

— Vamos. — Ela sorriu mais leve. Apesar de ter omitido a única coisa que não deveria, ela ficou feliz por ter contado tudo o que sabia. Só esperava não sofrer as consequências e não colocar nenhum deles em risco.

Capítulo 15

PERIGO CONSTANTE

Sentado no sofá, Taylor bebeu sua cerveja e remoeu as lembranças do dia em que matou o homem. Ele manteve o corpo do russo no banheiro até que Melanie saísse de seu chalé. Encurralado, esperou até a madrugada invadir e assegurou-se de que ninguém o visse cavar uma cova nas terras no final dos chalés. Ele abriu uma cova e arrastou o homem. Ergueu-o nos ombros e o levou até o buraco fundo que havia aberto. Jogou-o e cobriu com a terra jogando a grama retirada em cima para que ninguém desconfiasse da parte removida. Logo em seguida, retirou o celular do bolso e enviou uma mensagem para seu superior.

ALVO ELIMINADO. MISSÃO CONCLUÍDA.

A campainha tocou e o tirou de seus pensamentos. Calmamente, Taylor caminhou até a porta, apenas de calça de moletom preta e sua garrafa de cerveja na mão.

— Oi. — Melanie abriu um sorriso.

— Oi — respondeu olhando-a fixamente. Seus olhos vaguearam por seu corpo um pouco descoberto. Ela ostentava nada mais do que uma minissaia preta de tecido e um top branco que deixavam seus seios ainda mais juntos e maiores. As botas de montaria também não passaram despercebidas por ele, uma vez que teve seus olhos presos em suas belas pernas torneadas.

— Vai me deixar entrar? — perguntou divertida, olhando para ele boquiaberto.

— Claro.

Ele abriu a porta rapidamente para que ela entrasse. Quando Melanie passou por ele, Taylor fechou a porta ainda com seus olhos cravados nela.

Ela parou no meio da sala e sorriu para ele.

Taylor se aproximou lentamente e a puxou pela cintura, trazendo-a para si. Ele enterrou o rosto no pescoço dela e inalou seu perfume. Seu cheiro era uma combinação de perigo e sensualidade.

— Veio para ficar? — sussurrou entre seus cabelos.

— Depende.

Taylor a abraçou ainda mais apertado.

— Bom, eu não fiz exatamente uma pergunta. Uma vez que a tenho aqui, não vou deixá-la ir. Não

antes de fazer com você tudo o que tenho em mente — disse, enquanto passou a língua vagorosamente pela extensão de seu pescoço e beijou entre ele e sua clavícula.

— Isso ficou divertido. — Ela riu. — O que tem nessa sua mente suja, garanhão?

Ele se afastou apenas para encarar seus olhos. A intensidade do olhar enviou calafrios por todo o corpo de Melanie.

— Não sou muito de falar. Se estiver realmente curiosa, podemos começar agora. — Sorriu de canto de boca.

— Isso soa como um desafio. Aceito.

— Você é perigosa, gatinha. Já te disse isso?

Ele desceu uma de suas mãos para a bunda dela e apertou firmemente enquanto a outra rodeava sua cintura, segurando a cerveja.

Melanie sentiu seu corpo todo esquentar. Desde que passou a primeira noite com ele, a necessidade de estar próxima, sendo tocada e explorada por ele, cresceu assustadoramente.

— Está com fome? — ele perguntou.

— Apenas de você.

Taylor deu um sorriso safado e a soltou. Caminhou até a cozinha e largou a garrafa na pia. Com passos largos, voltou para ela.

— Venha! — ordenou.

Melanie deu alguns passos até ele e parou no meio do caminho.

— Você me quer?

Seu olhar era pura luxúria e paixão.

Taylor abaixou a cabeça até sua calça e apontou para sua ereção.

— Isso responde sua pergunta?

Ela riu lambendo os lábios.

— Não sei. Ainda não estou convencida. Talvez se...

— Talvez? — Ele a olhou fixamente. Melanie colocou as mãos por debaixo da saia e agarrou as laterais de sua calcinha. Sensualmente, a deslizou por entre as pernas até que estivesse completamente fora.

Taylor assistiu compenetrado e sentiu seu membro ficar ainda mais duro, pulsando de desejo. Ela era *sexy*, quente e sensual.

Melanie deu um sorriso e lançou sua calcinha pra ele. Em segundos, Taylor a tinha em mãos, boquiaberto e surpreso com o gesto dela.

— Será que saber que não uso mais nada além dessa saia, te faz ficar mais duro? — Ela piscou.

— Maldição! — ele praguejou levando a calcinha até o rosto e inalou seu cheiro.

Totalmente fora de controle, Taylor deu um passo largo até ela e a pegou em seus braços.

— Vamos para a minha cama antes que eu aja irracionalmente e te foda aqui, no chão da sala.

Sua voz saiu rouca de desejo e Melanie não pôde esconder a satisfação de afetá-lo de tal forma.

— Não seria tão mal explorar cada cômodo da casa. — Ela riu e jogou os braços em volta do pescoço dele.

— Não me tente!

Assim que entraram no quarto, Taylor a jogou na cama e a pegou pelo tornozelo. Retirou a bota de seu pé e depois a outra carinhosamente.

Ele subiu na cama e engatinhou até que seu corpo estivesse sobre o dela e a beijou ardentemente. Ali, naquele momento, não existia mais nada o atormentando e nenhuma preocupação, apenas o desejo forte queimando por ela. Era irracional, ele sabia. Já teve casos o suficiente pra saber que jamais teria como manter um relacionamento com alguém. Ele apenas se permitia viver algumas noites de sexo quente e nada mais. Após sua última missão, onde sua namorada foi baleada pelo seu alvo, ele jurou que não manteria mais um relacionamento e muito menos o coração aberto para que pudesse ser ferido outra vez. Ele gostou de Melanie, porque ela era o tipo de mulher que não iria pedir por um compromisso. Tinha ouvido o bastante para saber que ela não era mulher de se prender em apenas um homem, e isso o deixou mais calmo para seguir com o jogo de sedução. Ali, seria sexo, prazer e mais nada.

— Quero entrar em você — sussurrou enquanto apertou seus seios com as mãos. Levantou o top e o retirou passando pela cabeça dela.

— Estou aqui. — Ela sorriu.

A visão de seus seios o deixou ainda mais duro. Ele desceu o rosto até eles e levou a boca até um deles, o sugou com sua língua habilidosa e o mordeu. Porém, depois deu a mesma atenção ao outro.

Ela arqueou os quadris à procura dele. Se esfregou em sua ereção deixando-o louco pela necessidade de entrar nela.

— Se você não parar, a diversão irá acabar em segundos — ele disse com a voz pesada e rouca.

— Sei que pode se segurar.

— Puta merda, gatinha. Pare!

Ela cravou as unhas em suas costas, mas não o machucou.

— Quero que me foda, garanhão. Agora! Por favor — implorou.

Taylor olhou para ela.

— FODA! Você está querendo me matar?

As mãos de Taylor foram para a sua saia e a retirou, deixando-a completamente nua. Ele se libertou de sua calça e ela não ficou surpresa que ele não estivesse usando cueca.

Ele subiu traçando leves beijos por suas pernas e depois as abriu. Taylor olhou para o seu sexo e lambeu os lábios com vontade de provar seu gosto.

— Não! — ela disse lendo sua mente. — Sem preliminares, garanhão. Quero você enterrado em mim e tem que ser agora. Depois começaremos tudo de novo, e, então, vai poder me fazer gozar em sua boca — as palavras saíram em tom de comando.

Aturdido, ele assentiu com seu corpo já em chamas.

Foi até o criado-mudo e pegou um preservativo, um dos vários que ela havia deixado lá, na primeira noite.

Ele entrou nela rapidamente, estocando bem fundo e à medida que seu membro se ajustou nela, ele aumentou o ritmo, penetrando-a fundo e duro.

Os gemidos de Melanie podiam ser ouvidos pelos chalés vizinhos.

Taylor levantou as pernas dela e as depositou em seus ombros. Se abaixou, procurando por sua boca e a beijou enquanto a penetrava. Todos os gemidos de Melanie foram abafados por sua boca enquanto a beijava.

— Goza pra mim, gatinha! Agora, estou mandando! — ordenou.

O comando só a fez ficar mais louca.

Em pouco tempo, ele a tinha em seus braços, dizendo coisas desconexas e tremendo violentamente num prazer imensurável. Calafrios percorreram seus corpos enquanto os dois se libertavam.

Eles se beijaram um pouco mais lentamente e ao mesmo tempo usufruindo das últimas sensações de prazer.

— Uau! Isso foi rápido — ele disse, e saiu dela.

— Isso foi ótimo. — Ela sorriu satisfeita.

Taylor foi até o banheiro e descartou o preservativo no lixo. Saiu e parou no batente da porta.

— Venha! Vou dar um banho em você — ele falou olhando para ela, que ainda estava deitada na cama.

— Isso é um pouco romântico. — Ela torceu o nariz. — Já disse a você que não curto essas coisas.

— Isso é necessário, não vejo nada romântico num banho — gargalhou.

— Vou depois.

— S3rio?

— Sim.

— Que pena. Eu planejava te foder contra o boxe do banheiro. Bater nessa sua bunda gostosa, te chupar todinha e fazer voc3 gozar mais umas duas vezes at3 te pegar nessa cama outra vez. — Ele cruzou os bra3os e observou sua rea33o.

Melanie olhou para ele surpresa. Seus olhos fixaram em seus m3sculos bem definidos e em sua quase ere33o. Ela queria apenas sexo, pois sabia que n3o iria deixar mais ningu3m quebrar seu cora33o. Ficou aliviada em saber que ele tamb3m estava quebrado para relacionamentos. Ent3o, evitava qualquer coisa que ela julgasse rom3ntico ou que um casal apaixonado fizesse junto. Ap3s a primeira noite, os dois concordaram em ter apenas sexo e manter um relacionamento aberto; ela poderia se relacionar com outros e ele com outras, caso acontecesse.

— Ok. Voc3 me convenceu. — Ela riu. — Deus! Espero que esteja disposto mesmo, pois j3 estou excitada s3 de imaginar tudo o que quer fazer comigo nesse banheiro.

Ele gargalhou.

— Voc3 3 maluca, sabia? E perigosa demais.

— Voc3 n3o viu nada. — Ela sorriu se jogando para ele. Jogou suas pernas ao redor da cintura dele e deixou que ele a levasse porta adentro.

Melanie acordou com o cheiro forte de caf3.

Olhou para a janela e viu que ainda estava escuro.

— C3us! Outro alien3gena vive aqui na fazenda. J3 n3o basta o Dario me acordando com os barulhos dele de manh3, ainda tem esse doido.

Ela lutou para continuar dormindo, mas o barulho das panelas a incomodou.

Lentamente, ela saiu da cama e se trancou no banheiro. Tomou um banho e fez suas hiegienes matinais. Saiu do banheiro enrolada em uma toalha e caminhou at3 a cozinha para v3-lo.

— Bom dia! — ele disse ao v3-la.

— Bom dia.

— Caf3?

— N3o, obrigada. Acho que eu ainda estou em outro plano.

Ele olhou confuso para ela.

— Desculpe, quis dizer que ainda estou dormindo — bufou e se sentou na cadeira ao lado dele.

— Preciso sair dentro de dois minutos. Seu irm3o j3 passou. J3 deve estar no *haras*. Acho seguro voc3 ir agora.

— Vou me trocar.

— Encoste a porta quando sair. Volto depois para trancar a casa.

— Hum-hum.

— Nos vemos à noite? — ele perguntou.

— Não sei. Acho que vou sair com alguns amigos. Se quiser, pode vir. Será legal.

— Não. Agradeço, mas prefiro ficar em casa. Vou nessa. Nos falamos mais tarde.

Taylor saiu para o trabalho e a deixou lá.

Vestiu sua camiseta no meio do caminho e ajeitou seu jeans. A arma estava alocada em sua bota, escondida apenas por sua calça.

— Bom dia — ele falou assim que se aproximou de Dario.

Dario o olhou fixamente procurando por traços que levassem a lembrá-lo de Helena. Olhando-o mais calmamente, percebeu que não havia muitas semelhanças, e isso o assustou, já que eram irmãos gêmeos.

— Temos muito trabalho a fazer — ele resmungou ignorando o bom-dia dele.

— Por onde começo?

— Vou atribuí-lo para mais uma função. Claro que será remunerado de acordo. — Ele franziu o cenho.

— Outra função?

— Sim.

— Qual seria?

— Quero que ajude Ryan a dar aulas de equitação. Não é nada complicado, mas terá que lidar com um bando de mulher querendo te comer vivo.

Taylor riu.

— Achei que só você e o Ryan dessem aulas.

— Agora será você e ele — Dario disse e ele não deixou de notar sua expressão de desagrado.

“Aposto que a Júlia disse que chutaria a bunda dele, se ele não parasse de dar aulas para aquelas malucas”, pensou.

A ideia de sua irmã dizendo essas palavras quase o fizeram rir.

“Sabia que ela jamais deixaria outra mulher chegar perto dele, era assim com o Carl quando ela descobriu que o amava. Ou talvez nem o amava, já que o esqueceu tão rápido”, pensou novamente.

— O que foi? Vamos, temos muita coisa pra fazer — Dario se enfureceu pelo jeito que ele o olhava.

— Certo.

— Passe na administração para pegar o uniforme de instrutor. Ryan já está sabendo. E não preciso nem dizer que não quero confusões, certo?

— Certo.

Dario deixou o *haras* e se preocupou em olhar o cultivo de Aloe. Vistoriou a produção e falou com alguns empregados.

Logo que chegou na administração pela manhã, conversou com Ryan sobre Helena e Taylor. A princípio, Ryan quis chamar a polícia e ficou desconfiado da história dela. Porém, Dario foi convincente o bastante que se ele fodesse com tudo, ele o mataria.

“Você está colocando a todos nós em perigo com essa mulher aqui.”

“Eu a amo, Ryan. E confio nela. Eu posso lidar com isso”. A conversa com o irmão pulsou em sua mente.

Ele realmente achava que era capaz de protegê-la e que nada aconteceria com sua família.

Seu celular tocou em seu bolso.

— Alô.

— Dario, sou eu, o Pete.

— Oi, Dr. Peterson.

— Consegui um veterinário para me substituir, posso enviá-lo para uma entrevista?

— Claro. Peça para ele me encontrar na mansão. Eu mesmo vou entrevistá-lo, já que Ryan não entende de cavalos. — Riu.

— Certo. O nome dele é Jackson Stewart.

— Obrigado, Dr. Peterson. E boa sorte em sua nova vida.

— Valeu, amigo! Vou pedir para ele ir imediatamente. Precisando, já sabe que é só me ligar.

Dario conversou com mais alguns empregados antes de partir.

Na mansão, esperou pacientemente pelo novo veterinário na companhia de Helena.

— Pedi para que o nosso médico viesse para vê-la. Ele é de confiança, então...

— Eu não preciso de um médico, já te falei isso.

— É apenas para que você comece a entrar em algum controle de natalidade, meu amor.

— Preservativos existem para isso.

— Não vou usá-los com você — disse entredentes.

— E eu não vou tomar nenhum remédio. Sou alérgica. Por isso não tomo nenhum.

— Merda!

— Sem contar que eu possa já estar grávida; e se eu estiver, não quero estar tomando nenhum remédio.

— Espero que não esteja, não quero filhos agora — soou irritado.

Ela olhou para ele irritada.

— Não estou. Eu também não quero filhos com você. — E saiu batendo o pé caminhando para longe dele.

— Helena! Helena, volte aqui — ele bufou. — Mulheres!

— Por que você tem sempre que ser um babaca? — Johnny perguntou.

— Vá à merda!

— Como vocês brigam! Fazem isso de propósito para acabarem na cama?

— Vou te socar se não parar de encher meu saco!

— Vou trabalhar.

— Isso, rala daqui — disse enfurecido.

Dario saiu atrás de Helena.

No quarto, ela ouviu as batidas na porta.

— Amor, abra a porta, por favor.

— Agora não, Dario.

— Abra agora! — sua voz saiu dura.

Ela inspirou profundamente e abriu a porta.

Antes que ela pudesse caminhar para longe, ele a pegou em seus braços e a beijou.

— Não foi aquilo que eu quis dizer. Eu ficaria feliz caso acontecesse, não tenha dúvidas, só acho que agora não é o momento certo. Precisamos lidar com toda essa bagunça primeiro, porque eu odiaria se acontecesse algo com você.

— Eu sei.

— Vamos resolver primeiro sobre isso e encontrar um jeito de trazer suas memórias de volta. Assim esse pesadelo acaba. Eu disse que farei de tudo para protegê-la, mas não posso fazer isso se estiver vulnerável.

— Eu não estou. Só estou cansada disso tudo.

— E se nós saíssemos daqui por um tempo? Poderíamos viajar.

— Sem documentos? É uma péssima ideia.

— Certo. Está brava comigo?

— Não.

— Jura?

— Não estou, sério.

— Eu tenho uma reunião daqui a pouco. Quando terminar, podemos passear. O que acha de montar? Podemos andar a cavalo e ficar essa noite no chalé, longe de todo mundo. Então, podemos fazer amor até amanhecer. Depois eu faço o nosso café e podemos comer juntinhos para recuperarmos nossas forças. E quando acabarmos, poderei tê-la gemendo em meus braços outra vez, outra vez e outra vez...

Ele sorriu distribuindo beijos em seu pescoço acendendo o seu desejo.

— Vou proibi-lo de dizer essas coisas.

— Por quê? — Ele desceu a mão para as pernas dela e a agarrou na coxa dando um aperto forte.

— Não consigo pensar quando está me tocando desse jeito — ela sussurrou sentindo as mãos dele subir entre suas pernas e atingir o tecido fino de sua calcinha.

— Não consegue pensar, é?

— Não. — Ela arfou quando ele massageou seu clitóris por cima do tecido.

— Isso é bom. Talvez eu faça isso quando começar a gritar e ficar brava comigo — ele sussurrou em sua boca e a beijou. Suas línguas se tocaram num ritmo lento e doce. Ele explorou cada centímetro de sua boca e mordiscou seus lábios com paixão.

— Não espere que eu faça a mesma coisa por você. Eu realmente chutaria sua bunda se começasse a brigar e a gritar comigo.

Ele riu.

— Sinta-se privilegiada, querida. A única coisa que eu não faria com a sua bunda, seria dar um chute. Mas eu tenho várias outras coisas em mente para fazer com ela. — Sua voz rouca e grossa enviou ondas de calor por todo o corpo dela.

Dario se afastou e a levou até a cama. Com as costas sobre o colchão, ela esperou por ele. Ela pôde vislumbrar nos olhos dele o desejo, a paixão e a fome que sentia por ela.

— Você tem uma reunião daqui a pouco — ela o alertou.

— Foda-se! Como você espera que eu desça para minha reunião de pau duro?

Ela gargalhou.

— Você está sempre assim.

— Sempre quando você está no meu campo de visão. — Ele caminhou sobre a cama e parou com o corpo em cima do dela. — Você tira a minha atenção.

— E você me deixa molhada.

Ele soltou um gemido quando alcançou seu clitóris com o polegar.

— Porra! Está tão molhada!

Ela gemeu com o contato.

— Estou tentado a brigar, no mínimo, umas cinco vezes ao dia. Você sempre pega fogo quando está nervosa.

— Cala a boca! Preciso de você dentro de mim, agora! — ela sussurrou, quase desesperada.

— Ah, eu vou, meu amor. Mas não antes de provar você e fazê-la gozar em minha boca.

Quando Dario estava bem perto de prová-la, alguém bateu na porta do quarto, deixando-o na borda, furioso.

— Dario! — Era a voz de Johnny. — Jackson está te esperando na sala.

— Maldição! — praguejou.

Ele se lançou para longe de Helena e lhe deu um olhar de desculpas.

— Preciso ir, amor, mas prometo que volto assim que terminar. — Ele foi até ela e lhe deu um beijo doce.

— Está certo. Acho que eu posso lidar com nossas roupas. Precisa que eu pegue algo em especial?

— Nada de roupas. — Ele riu. — Você só ficará nua no chalé e ficará presa naquela cama para que eu possa terminar o que comecei aqui.

— Presa na cama?

— Literalmente. — Ele sorriu. — Arrume nossas coisas, vamos sair assim que eu terminar com ele.

Ela assentiu.

Na sala, Dario estranhou ao ver Melanie tão próxima a Jackson. Os olhares que os dois lançaram entre si, acendeu seus sentidos.

— Boa tarde! — Dario estendeu a mão para ele. — Sou Dario, o dono da fazenda.

— Boa tarde! Sou Jackson. — O homem deu um largo sorriso.

— Melanie, pode nos dar licença? — Dario pediu olhando-a fixamente. Ela ainda mantinha os olhos no moreno de 1,84m e puro músculos. Exibia uma barba cerrada e seus cabelos castanhos estavam despenteados de um jeito *sexy*.

— Sim, claro — ela balbuciou. Sua expressão deixou Dario curioso.

— Vocês já se conheciam? — ele perguntou ao veterinário.

— Não! — a resposta em uníssono só levantou mais suspeitas.

— Com licença. Preciso ir. — Melanie correu para as escadas saindo do campo de visão do belo moreno *sexy*.

Passou pelo corredor ofegando e se trancou no quarto.

— Puta que pariu! Não acredito — ela sussurrou se jogando na cama.

As lembranças foram diretamente para o dia em que estava no bar do Dickson. Um moreno alto e *sexy* que exalava sexo, a despertou no outro ambiente enquanto jogava sinuca com mais alguns amigos.

Ela ficou por vários longos minutos, apenas observando-o como era bonito, de um jeito *sexy* e perigoso. Seu jeans abraçava suas pernas e vestia uma camisa verde com alguns botões abertos.

Após algumas trocas de olhares, ele acenou para ela e se afastou da mesa de sinuca sumindo pelo ambiente. Melanie não conseguiu conter sua curiosidade e foi atrás dele como se fosse sua presa.

Caminhou por entre as pessoas devagar, procurando-o por todos os lados. Ela o procurou pelo ambiente e ficou frustrada por ter perdido aquele deus grego de vista.

Então, quando se virou para voltar para o bar, uma mão a enlaçou pela cintura.

— É impressão minha ou está à minha procura? — O desconhecido perguntou com a voz mais *sexy* do mundo, enterrando o nariz em seus cabelos e a apertando contra ele, revelando sua ereção.

Melanie não teve outra escolha a não ser soltar um gemido baixo, talvez pela surpresa em saber que ele estava a meio mastro.

— Se eu disser que sim, o que vai fazer?

Ele afastou os cabelos loiros de Melanie para o lado, permitindo melhor acesso ao seu pescoço.

— Vou presumir que está interessada. — Ele sorriu, mas ela não pode ver.

— E estou.

— O quanto?

— Muito — ela sussurrou sentindo sua pele queimar. Ele a apertou ainda mais contra si e se esfregou de leve em sua bunda.

— Defina!

— Muito de muito... — Seu cérebro parou de funcionar.

— O bastante para que deixasse eu fodê-la aqui?

— Dentro desse bar?

— Mais ou menos isso — sussurrou de olhos fechados. — Talvez, acho que seja exatamente isso.

Ele a virou para si e a beijou. Ela não protestou. Então, os dois caminharam até o banheiro masculino e o desconhecido alto, forte e *sexy* trancou a porta.

— Isso é proibido! — ela disse com um sorriso largo.

— Não dizem que o proibido é mais gostoso?

— Sim — ela concordou.

— Pois eu duvido. Estamos aqui, e você não é proibida, no entanto, você é gostosa pra caralho e está fazendo meu pau doer só de te olhar.

Ela riu.

— Você é bem direto. Gosto disso.

— Como se chama, gatinha?

— Acho que nossos nomes não interessam, desde que você me dê o melhor sexo da minha vida.

— Pode garantir que sim, gostosa!

Os dois se beijaram e ele não perdeu tempo. Abaixou o zíper do jeans e deixou a calça cair sobre seu tornozelo. A imagem do membro duro, latejando e implorando para ser liberado de sua cueca, deixou Melanie ainda mais quente.

— Vou foder você, vou me enterrar nessa sua bocetinha gostosa e depois em sua bunda. Duvido que um dia se esquecerá de como foi tão bem fodida.

As lembranças dele penetrando-a tão forte e duro, excitou Melanie.

— Merda! Não pode ser. Mas que merda!

O desconhecido do bar com quem ela teve alguns minutos de prazer intenso, era o mesmo que estava sentado no sofá conversando com seu irmão e que seria o futuro veterinário da fazenda.

— Merda! Ele vai achar que sou uma vadia! — Seu rosto corou e ela realmente gostaria de se enterrar num buraco bem fundo naquele momento. — Dario me mata se descobrir! Oh, céus! Não vou resistir à tentação daquele homem outra vez.

Melanie fechou os olhos e rezou para que o sexo compartilhado entre ela e o veterinário não fosse descoberto. Pela política da fazenda, seus irmãos a proibiram de ter qualquer caso com funcionários desde que um despedaçou seu coração no passado. Já seria ruim demais se descobrissem o sexo maravilhoso entre ela e Taylor, mas seria ainda pior se descobrissem que ela teve os dois. Estar perto desses dois homens, seria um perigo constante para ela.

Capítulo 16

MINHA VIDA É VOCÊ

A brisa suave do fim da tarde atingiu o rosto de Dario e Helena enquanto cavalgavam pela fazenda. Ele a tinha perto, em sua frente, cavalgando em Thor. Ela insistiu para montar em Sherry, mas ele negou veemente. Estava chateada, porém sabia que argumentar sobre sua segurança com Dario era uma batalha perdida. Ele era pior que uma mula empacada quando o assunto era segurança.

— Já está quase escurecendo. Precisamos voltar — ele falou.

— Tudo bem.

Eles cavalgaram de volta para o estábulo.

Ao deixar Thor em sua baia, ele trancou tudo e saiu. Porém, do lado de fora, ele esbarrou em Taylor.

— Como foi as aulas?

— Tudo normal.

— Ótimo.

— Precisa de alguma coisa?

— Não. Está dispensado, boa noite.

Taylor ficou olhando-o até que sumisse de seu campo de visão.

— Sujeitinho metido a besta — bufou.

No chalé, Helena esperava por Dario.

Ele entrou fechando a porta e procurou por ela no quarto.

— Está linda — sussurrou ao vê-la nua em sua frente.

— Estou sem roupa. — Ela riu.

— Não me esperou para tomar um banho? Tsc, tsc, tsc... Isso é imperdoável, meu amor. — Ele sorriu, caminhou até ela e a puxou pela cintura até que estivesse unida em seu corpo.

— Você precisa de um banho, está suado.

— Quer dar um banho em mim? — ele sussurrou em seus cabelos e inalou o cheiro bom que

vinha deles.

— Vou colocar minha roupa e fazer algo para comermos. — Ela tentou se afastar, mas ele a teve ainda mais forte contra ele.

— A única coisa que quero comer é você.

Ela riu.

— Pois eu realmente preciso de comida. Vá tomar um banho enquanto eu faço algo para nós.

— Tudo bem — disse e deu um tapa forte em sua bunda, que a fez saltar surpresa.

Ela colocou o vestido que estava sobre a cama e sua calcinha.

— Vou até o carro buscar as sacolas. Onde está a chave?

— Aqui. — Retirou a chave do bolso do jeans e jogou para ela.

Ele entrou no banho enquanto ela saiu do chalé e andou até a caminhonete estacionada ao lado do chalé de Taylor.

Ela abriu a porta e, antes que pudesse pegar algumas sacolas, foi surpreendida pelo irmão, num abraço apertado.

— Oh! Puta merda, Max! Você me deu um susto! — Ela olhou para ele surpresa.

— Não acredito que está mesmo com esse idiota. — Ele cruzou os braços.

Ela ficou sem entender.

— Olha, não podemos ficar conversando...

— Algum problema? — Uma voz soou confusa ao lado deles.

Os dois giraram a cabeça e viram um Ryan muito irritado.

— Nada. Eu só vim buscar umas sacolas no carro e encontrei com o Taylor. — Ela sorriu fracamente.

Ryan observou os dois e ficou ainda mais puto em ver a facilidade com que ela mentia descaradamente.

— Eu só vim ajudá-la também.

— Onde está o Dario?

— No banho.

— Posso falar com você um minuto? — Ryan olhou para o Taylor.

— Claro.

— Boa noite, Helena — Ryan disse e saiu ao lado de Taylor.

Ela observou os dois saírem e voltou a atenção para as sacolas de compras, entrou no chalé e depositou-as na mesa, preparando o jantar em seguida.

Poucos minutos depois, Dario entrou na cozinha apenas de *boxer* branca.

— Quer ajuda? — Ele enlaçou os braços na cintura dela e depositou um beijo terno em seu pescoço.

— Não. Se quiser, pode se sentar lá na sala e assistir algo.

— Prefiro ficar aqui, olhando você.

As mãos dele subiram na lateral de suas coxas e parou em sua cintura.

— Dario, estou fazendo o jantar — ela alertou.

Ele baixou as alças do vestido e beijou o ombro e as costas dela.

— Merda, Dario! Assim não vou conseguir terminar.

— Certo. Vou te ajudar, então. Assim isso acaba logo e posso tê-la na cama. — Ele riu.

— Você é um safado.

— Vai dizer que não gosta?

— Eu amo tudo em você. Até mesmo esse seu jeito rude. — Ela sorriu e se virou para ele.

— Que bom. Porque vai ter que conviver comigo pelo resto da sua vida, você é minha... vida.

— Ele a beijou apaixonadamente.

— Chega. Agora me espere na sala ou vou acabar queimando nosso jantar.

— Pegou o vinho?

— Peguei.

Dario seguiu para a sala e ligou a tevê. Abriu o vinho e encheu as duas taças. Arrumou a mesa colocando os pratos e os talheres para o jantar.

Pouco tempo depois, ela havia terminado.

— O cheiro está ótimo — disse inalando o cheiro da comida.

— Receita de internet. — Ela riu. — Se estiver ruim, não me culpe.

Ele gargalhou.

— Se estiver ruim, eu como você. De qualquer jeito, não passarei fome — disse divertido.

— Pare! — Ela riu.

Ela levou a travessa de macarrão ao molho bolonhesa até a mesa e os serviu.

— A cara está ótima.

Os dois se sentaram para jantar. Ficaram conversando por um longo tempo e ela ficou grata por ele ter sido tão amável em dizer que estava tudo perfeito, mesmo sabendo que não estava tão bom.

Ao terminarem o jantar, os dois lavaram as louças e se sentaram no sofá para assistir um filme. Ao perceber que ela quase dormia, ele desligou a tevê e ligou o som num volume baixo. O som preencheu o ambiente e a música suave *Chasing Cars*, de Snow Patrol, tocou nos ouvidos dela.

If I lay here

If I just lay here

Would you lie with me and just forget the world?

I don't quite know

How to say

How I feel

Those three words

Are said too much

They're not enough

Ele caminhou em direção a ela e a puxou contra ele, no sofá.

— Eu estou tentando fazer isso dar certo — ele sussurrou beijando seu pescoço.

— Eu sei que está.

Ele pegou o rosto dela entre suas mãos e a beijou apaixonadamente. Sua língua percorreu seus lábios macios e os mordiscou de leve.

— Eu sei que, às vezes, sou bruto, grosso, mas estou disposto a mudar por você. — Ele a olhou fixamente. — Só me diga que nunca vai me deixar, isso me quebraria e eu sei que não conseguiria nunca mais juntar os cacos.

Ela olhou para ele com seus olhos lacrimejantes.

— Minha vida é você, Dario. Eu não irei a lugar algum. Eu não saberia o que fazer da minha vida sem você.

— Você é uma agente secreta da CIA. — Ele franziu o cenho. — Não estou confortável com isso. Eu sei que não posso pedir para que abandone tudo por mim, mas não sei se posso lidar com você saindo de casa todos os dias para uma missão arriscada. Não quero perdê-la — Suas palavras a comoveram. — Eu me preocupo com você, meu amor. Mataria qualquer um que quisesse machucá-la.

Ela deu um beijo rápido em sua boca e disse:

— Eu prometo a você que, assim que resolvermos esse problema, serei completamente sua. Terá que me aguentar aqui ao seu lado 24 horas. Não poderia continuar com minha vida lá fora se tudo que eu quero e preciso para ser feliz está exatamente aqui, em minha frente.

Ela levou a mão ao peito dele na altura do coração.

— Eu te amo.

— Eu também te amo.

— Essa é uma boa hora para te pedir em casamento? — ele soou divertido.

— É. Definitivamente. — Ela riu. — Essa é a hora perfeita.

— Espero que não seja ciumenta. — Ele riu.

— Por quê?

— Vou ter que pedir para qual das três se casar comigo? Júlia, Helena ou Esther?

Os dois gargalharam.

— É, isso é complicado. — Ela riu.

— Por ora, acho melhor nós irmos para cama e adiantar a nossa lua de mel. Sou um filho da puta sortudo que irei me casar com três mulheres em uma só. Uma agente da CIA disfarçada, uma mulher sem memória, doce e com temperamento difícil, e uma outra que ainda estou tentando descobrir quem é, mas por quem estou completamente apaixonado.

Ela sorriu.

Ele a pegou nos braços e a levou para a cama. A música ainda rolava quando eles deixaram o ambiente.

Ele a posicionou na cama lentamente e a despiu.

— Dario — sussurrou.

— Diga.

— Tudo bem eu passar pelo médico, você tinha toda razão.

Ele olhou confuso para ela.

— Não liga para o que eu digo, amor. Eu sou um idiota, às vezes.

— Você é — ela concordou e sorriu.

— Eu quero ter um filho com você. Um não, vários.

— Eu sei.

— Então, esta discussão está encerrada. — Ele a beijou.

— O que isso quer dizer?

Ele traçou beijos em seu pescoço e desceu lentamente até seus seios.

— Dario?

Ele olhou para ela.

— Isso quer dizer que vamos ter um filho em breve.

Ryan estava apreensivo sobre tudo que havia ouvido de seu irmão. Ele queria acreditar que Taylor e Helena não ofereciam riscos a ele ou qualquer membro de sua família.

— Bom dia! — Paige apareceu em sua sala. Ele deu uma boa olhada nela em seu vestido curto.

— Bom dia, Paige.

— Parece tenso. Aconteceu algo?

— Não. Trouxe o que te pedi?

— Sim. Aqui está a planilha de vendas do Aloe esse mês.

Ryan pegou a pasta de suas mãos e lançou um sorriso para ela. Há dias ela vinha tentando se aproximar dele de um modo diferente, e ele notou todas as vezes em que ela se insinuou de forma discreta.

— Vai fazer alguma coisa hoje? Digo, à noite? — ela perguntou surpreendendo-o.

— Não.

Ela corou.

— Que tal um jantar? Podemos ver um filme também e...

— Paige — Ele levantou-se de sua cadeira. —, não são nem nove da manhã. Não estou pensando em jantar porque nem mesmo tomei um café.

Ela ficou envergonhada.

— Sei o que está tentando fazer, mas não há chances de iniciarmos qualquer relacionamento casual.

Ela ficou inerte.

— Era só um jantar, não um pedido de casamento.

— Pode sair, por favor. Tenho muito trabalho a fazer.

Ela se retirou um pouco constrangida.

— Bom dia, maninho. — Melanie entrou observando sua cara de confusão.

— Não foi para a faculdade? — Ryan perguntou.

— Não. Hoje não tinha aula. Vou ajudar a dar as vacinas nos cavalos. Só queria que soubesse que estou aqui.

— Tudo bem.

Ele a olhou de cima a baixo.

— Onde estão as suas saias? — Ryan franziu o cenho.

— Saias?

— Sim, está em casa e mais vestida do que o normal.

— Ah! Achei mais apropriado para o trabalho — ela disse analisando a reação do irmão.

— Está doente? — Ele riu.

— Babaca!

Ela se retirou furiosa da sala e andou a passos largos até o estábulo. Pegou seus equipamentos médicos e foi até a baia de Sherry para vaciná-la.

— Olá, Sherry! Bonito dia hoje, não?

A égua estava um pouco agitada.

Ela alisou a pelagem da égua e sorriu ao amansá-la com sua voz suave.

— Você leva jeito. — Uma voz masculina soou atrás dela e ela sabia exatamente quem era: o moreno perigoso.

Ela olhou para ele e deu um sorriso fraco.

— Então, o nome da gata é Melanie? Lindo nome. — Ele a observou de cima a baixo com os braços cruzados.

— Sim.

Ele se aproximou um pouco mais dela e disse:

— Sabe quantas noites em minha cama fiquei pensando e tentando adivinhar qual era o seu nome?

— Agora não precisa mais perder suas noites de sono. — Ela sorriu.

Jackson caminhou para mais perto dela, e ela odiou como ele a olhava de um jeito predador.

“Merda!”, pensou.

Ele pareceu notar seu desconforto e sorriu.

— Com medo de mim, gatinha?

— Claro que não. — Sua voz saiu vacilante.

Ele a alcançou e a puxou contra seus braços fortes, enterrou o rosto em seus cabelos e inalou seu perfume.

— Fiquei vários dias me perguntando se a veria de novo. Não sei o que você tem, gatinha, mas me deixou louco todo esse tempo.

— Olha, Jackson, é melhor mantermos uma certa distância. Não quero que isso atrapalhe o andamento do serviço.

— Você não parece muito contente em me ver. Mas posso mudar isso, se me deixar tê-la de novo — sussurrou com a boca bem próxima a ela. — Ainda posso sentir seu gosto em minha boca.

Ela engoliu seco.

— Precisando de alguma coisa? — A voz de Taylor saiu cortante. E Melanie viu que sua expressão não era muito boa.

Jackson se afastou dela e Melanie tentou esconder sua feição preocupada.

Taylor ainda encarava os dois. Seus olhos acusadores estavam sobre ela e ele odiou a forma como se sentiu vendo-a nos braços de outro homem, quando praticamente havia acabado de sair de sua cama.

— Eu vou ver se o Dario precisa de algo — ela disse.

— Dario não vem trabalhar hoje. Tirou o dia para ficar com a Helena — Taylor disse ainda com o olhar sobre ela.

— Posso saber o que ele faz aqui?

— Sou Jackson, o novo veterinário da fazenda. — Ele estendeu a mão para Taylor, mas ele ignorou.

— Que bom que é médico de animal. Por um momento achei que fosse clínico geral, inspecionando sua patroa com as mãos. Não sei se leu as regras da fazenda, Dario odiaria saber que estava sozinho nessa baía com a irmã dele. — Suas palavras saíram duras.

Melanie o olhou desconcertada.

— Compreendo — Jackson disse. — Vou voltar ao meu trabalho.

Taylor saiu lançando um olhar enraivecido para ela, que o seguiu para fora do estábulo.

— Taylor! Taylor espere.

Ele a ignorou.

— Taylor, merda! Espere!

Ele parou e olhou para ela.

— A senhorita quer alguma coisa?

— Não foi o que você imaginou. Eu não estava...

— Olha, eu estou trabalhando agora. Tenho muito serviço para fazer. Quanto ao homem que estava te comendo com os olhos e, provavelmente, também faria com as mãos, não tenho nada a ver com isso, uma vez que você não significa nada, ou melhor, não significamos nada um para o outro. Agora, se a patroa me der licença... — ele disse e se afastou, deixando-a irritada.

Taylor caminhou para longe, odiando aquele sentimento no peito que ele havia jurado que estava sob controle.

— Maldita! — ele praguejou.

No chalé, Helena ainda dormia tranquilamente. A noite quente os deixou exaustos. Ela dormiu pesadamente, mas enquanto isso alguns acontecimentos do passado vieram à tona.

“Estamos te inserindo numa nova missão, Júlia”, falou uma mulher de pele morena escura e cabelos alisados, vestida num terno.

“Já disse que pedi minha dispensa da CIA.”

“Júlia, precisamos de você e esse é um trabalho importante”, a morena insistiu.

“Ela disse que não quer, Morgan. Deixe-nos em paz. Eu e minha irmã estamos pedindo dispensa da CIA”, Max disse.

“A CIA não irá liberá-los. Vocês sabem disso.”

“Assinaremos o que for preciso para termos nossas identidades de volta”, Max falou.

“Não é bem assim.”

“Então, como é?, Júlia perguntou.

“É complicado. Vocês sabem demais.”

“O que preciso fazer nessa missão? Ela é mesmo importante?”

“Sim.”

“Se eu e meu irmão concordarmos em executá-la, você dará nossa dispensa?”

“Sim. Posso conseguir isso.”

“Ok. O que tenho que fazer?”

“Júlia, não”, Max falou nervoso.

“É só mais essa, Max. Então podemos sair e recomeçar juntos.

“Esse é o alvo. O nome dele é Carl Trainor. Precisamos que se aproxime dele, faça-o se apaixonar por você e comece a viver com ele”, a mulher disse jogando na mesa um dossiê de Carl.

“Negativo. Minha irmã não é uma prostituta, Morgan”, Max rosnou.

“O que ele fez? Ele é o chefe de segurança dos Estados Unidos?”. Ela riu. “Ele não vai se apaixonar por mim, nem mesmo tenho uma conta bancária como a desse homem.”

“Ele vai e você vai fazer de tudo para que isso aconteça. Temos algumas suspeitas de que ele está vendendo o esquema de segurança da Casa Branca.”

“Ele seria um idiota. Por que faria isso? Ele seria preso e morto por traição à pátria.”

“Exatamente. Mas antes que isso aconteça, certamente a Rússia já terá tomado o controle do nosso país. Sendo assim, ele jamais será condenado pelos crimes.”

“Não, Júlia. Não vou deixar você mexer com a máfia russa”, Max advertiu.

“Essa é sua nova identidade, Júlia. Esther Rothenberger, 27 anos e jornalista investigativa contratada pela ONU. Adicionamos algumas reportagens em seu nome. Você não sabe manusear uma arma, é pacífica e submissa. Concorde com tudo, se por acaso ele cair em sua armadilha. Você precisa fazer ele se apaixonar por você.”

“Estou dentro”, ela falou.

“Temos apenas um obstáculo.”

“Qual?”

“Carl Trainor está noivo da filha do senador Stanley.”

“Certo. Acho que posso passar uma rasteira nela.”

Ela acordou atordoada pelas memórias que invadiram sua mente. Ao seu lado, Dario dormia tranquilamente. Ela percebeu que o som de sua respiração era lento e ele parecia feliz com um dos braços em torno da sua cintura e uma de suas pernas entrelaçadas nas dela.

Levou a mão até o seu cabelo loiro e afagou carinhosamente. Desceu a mão até o rosto dele e acariciou. Se aninhou ainda mais nele encurtando a pequena distância que ainda havia entre eles. Encostou a cabeça em seu peito musculoso e voltou a dormir.

Pouco tempo depois, Dario despertou de seu sono tranquilo. Olhou para ela dormindo como um anjo ao seu lado e sorriu.

— Linda! — sussurrou e beijou o topo de sua cabeça. Se levantou e andou nu pelo quarto, foi até a pequena mala que trouxeram e pegou sua *boxer* para tomar um banho. Fez suas higienes matinais e saiu. Seu corpo ainda estava molhado do banho quando se sentou na cama para acordá-la. Ficou ali por algum tempo vendo-a dormir. Seu coração se encheu de amor e ele se pegou com os olhos lacrimejando de felicidade por, enfim, ter encontrado alguém que o amava do jeito que era. Rude, possessivo, controlador... Alguém que se importava com ele a ponto de não ver somente seus defeitos, mas também suas qualidades. Mesmo sabendo que seria um inferno controlar o seu temperamento, ele faria isso por ela, para que o relacionamento desse certo.

— Acorda, dorminhoca! — ele sussurrou no ouvido dela.

Ele deitou sobre ela e começou a beijá-la no pescoço enquanto sussurrava para acordá-la.

Ela abriu os olhos lentamente e sorriu para ele.

— Não me diga que são seis da manhã!

Ele riu.

— Não, amor. São exatamente 11h30.

Ela abriu os olhos e olhou para ele surpresa.

— Não vai trabalhar?

— Não. Tirei o dia inteiro para ficar com você, aqui na cama... — Ele a beijou.

— Isso é bom. Você está cheiroso!

Ele riu.

— Por que não vai tomar um banho enquanto preparo o nosso café? — Ele deu outro beijo em sua boca. — Levante-se, vou preparar algo para comermos e, então, poderemos ficar nessa cama o resto do dia. — Ele sorriu e acariciou seu rosto. — Não demore — disse e saiu do quarto.

Dario seguiu para a cozinha e pegou na geladeira alguns ovos e uma porção de bacon. Fez um suco, panquecas com geleia e café preto. Pouco tempo depois, ela surgiu em seu campo de visão, vestida apenas com sua camisa branca de botão com as mangas enroladas até o antebraço. Seu cabelo estava molhado e não usava nenhuma maquiagem.

— O cheiro está ótimo — disse caminhando até a mesa e se sentou.

— O que vai querer?

Ela olhou para tudo e respondeu:

— Acho que tudo. Estou realmente faminta.

Ele lançou um olhar a ela e riu.

— É melhor comer bastante mesmo, porque não pretendo mais sair daquele quarto hoje.

Ela gargalhou.

— Sr. Incansável.

— Não viu nada ainda. Tenho muitas coisas em mente para fazer com você.

— Humm... Já estou curiosa.

— Pois não fique. Logo irei mostrar pra você. — Ele piscou.

Os dois comeram juntos e conversaram sobre eles. Em nenhum momento, ela comentou sobre o sonho e as suas lembranças.

Quando acabaram, Dario a ajudou a lavar as louças e ficaram um tempo rindo sobre as coisas

que ele já aprontou com os irmãos.

— Acho que agora que está tudo limpo, nós podemos voltar para o quarto — disse puxando-a pela cintura e colando seu corpo no dela.

— Então, estou pronta pra você, Sr. Incansável. — Ela riu.

Ele a beijou, rindo e a puxou pelos braços pelo corredor até entrarem no quarto. Delicadamente, a colocou sobre a cama e a despiu.

— Você confia em mim? — perguntou fitando seus olhos azuis.

— Sim.

Ele se afastou e pegou a calcinha dela.

— Junte as mãos acima da cabeça — ordenou.

— O que vai fazer? — Ela ficou confusa.

— Disse que confiava em mim, então fique quieta e faça o que mandei. — Seu tom de comando causou arrepios nela.

Ela juntou as mãos acima da cabeça e ele as amarrou com a calcinha preta.

Ela olhou para ele não acreditando no que viu.

— Está me amarrando?

— Quieta!

— Isso não tem graça, Dario. Solte-me!

Ele se curvou até ela e a beijou ardentemente. Um beijo desesperado, punitivo e cheio de desejo. Ela relaxou até que ele se afastou, pegou sua camisa e colocou sobre seus olhos vendando-a completamente.

— Dario é sério, isso não tem graça nenhuma. — Sua respiração descompassada devido a um pouco de medo a deixou vacilante.

— Relaxe, amor. Apenas sinta. Vou levar você a um outro nível de prazer. Confie em mim, não vou te machucar.

Ela ficou imóvel apenas esperando pelo toque dele.

Dario se afastou, colocou as calças e saiu do chalé. Foi até a caminhonete e pegou em suas coisas uma chibata preta de couro. Voltou para dentro do chalé e foi para o quarto. Retirou as calças e ficou apenas com sua *boxer*, que já revelava a sua aparente ereção.

Ele fechou a porta e olhou para ela, na cama, nua e totalmente à sua mercê.

— Abra suas pernas para mim — ordenou.

Ela abriu esperando que ele fosse prová-la, como sempre fazia. Ele a puxou até a borda da

cama de forma que suas pernas ficaram para fora do colchão.

Ele podia ouvir o som da sua respiração a metros de distância. Seu peito subia e descia rapidamente, esperando impacientemente.

— Dario!

— *Shhh!* — Ele a silenciou com um beijo doce. — Quieta!

Ele se afastou e passou a chibata vagarosamente do começo de seu pescoço até seu sexo pulsante, causando arrepios pelo corpo dela. A respiração de Helena ficou mais pesada enquanto tentava absorver aquele toque.

Ele traçou beijos pelo corpo dela e lambeu desde seu sexo até sua boca.

Ela gemeu.

Suas bochechas coraram e ele sorriu ao vê-la daquela forma tão intimamente.

— Tão linda! — ele sussurrou no ouvido dela.

Ele a beijou ali, e desceu para o seu corpo, mais uma vez. Chegou em seus seios e os tomou, um de cada vez. Sua boca sugava seu mamilo enquanto sua mão desceu para brincar com seu clitóris. Ela arqueou o quadril assim que seus dedos entraram em contato com ele, enviando ondas de calor por todo o corpo. Ele ficou ali, massageando seu clitóris de forma lenta enquanto sentia sua mão molhar pela excitação dela. Ele introduziu dois dedos dentro dela, e a fez gemer mais alto.

— Oh Deus! — ela sussurrou.

Ele sorriu e voltou para o seu ataque.

— Isso, meu amor, apenas sinta... Sinta como seu corpo responde ao meu toque. Veja como seu corpo me conhece.

Ele se afastou e ela quase implorou para tê-lo de volta. Silenciosamente, ele pegou a chibata e a virou de bruços. Ele levou as mãos até a cintura dela e a suspendeu até que ela ficasse de joelhos. Ele ordenou para que ela separasse as pernas e ficasse quieta. Colocou a mão esquerda, a qual segurava a chibata, em suas costas e a acariciou suavemente enquanto a outra, massageava seu clitóris. Ela podia sentir a chibata alisando sua pele juntamente com as mãos fortes de Dario.

Ele seguiu com a tortura em seu clitóris, alternando entre penetrá-la com seus dedos.

— Eu preciso de você, agora — ela sussurrou.

— Quieta! Se falar outra vez, terei que tapar sua boca; e amor, eu não gostaria disso, pois adoro ouvir seus gemidos.

Dario ficou de joelhos no chão para que seu rosto ficasse na altura dela, na cama. Ele aproximou o rosto dela e sua língua atingiu seu sexo com vontade. Ela estremeceu, mas ele a deteve parada, segurando firme em suas coxas. Sua língua vagueava por seu sexo e a fez gemer de um jeito insano quando escorregou para seu ânus. Ele passou a língua devagar experimentando seu gosto e sentindo cada sensação ao prová-la.

— Gostosa... e minha — disse entredentes, fora de controle.

Ele se levantou e massageou fortemente seu clitóris ouvindo os sons que ela fazia. Ela rebolava para ele e se empinava ainda mais para sentir seu toque.

O grito de surpresa veio assim que algo atingiu sua nádega.

— Uau! Merda, o que é isso? — ela disse sentindo sua bunda arder.

Antes de obter a resposta, ela sentiu aquela sensação outra vez, mas agora mais forte.

“*Oh Deus! Ele está me batendo?*”, pensou.

Mal seus pensamentos formularam, ela sentiu outro golpe em sua nádega. Ela teve vontade de esfregar o local, mas a sensação a impediu.

Ele parou e desceu mais uma vez para prová-la. Sua língua fazia círculos em seu sexo deixando-a ainda mais louca.

Os gemidos dela ficaram mais intensos.

Enquanto a provava de várias formas, ele a tocou lá, no local mais apertado, fazendo fricção. Ela gritou em resposta, ensandecida. Já havia perdido a capacidade de raciocinar e de formular qualquer palavra.

— Gosta disso, não gosta? — ele perguntou com a voz rouca.

Ela apenas gemeu.

Mais dois golpes atingiram suas nádegas até que ele a virou de frente separando as pernas dela com urgência.

Ele a golpeou em seu sexo e ela sabia que não iria resistir por muito tempo. A vontade de tocá-lo, de abraçá-lo foi ficando insuportável, mas ela estava cativa, à mercê dele. Dario golpeou os seus seios um por um, e ela sentiu seus mamilos ficarem mais rijos. Ele voltou descendo para o sexo dela, golpeando um pouco mais forte. Ela gritou de prazer e num reflexo, fechou as pernas para conter a vontade de gozar.

— Abra as pernas! — ele ordenou.

Ela não abriu, pois ainda estava inerte em suas sensações. Dario a golpeou nas coxas e elevou a voz.

— Abra agora!

Ela inspirou forte e abriu.

— Não posso mais, por favor, preciso de você — implorou.

Ele se curvou até ela e sussurrou em seu ouvido:

— Você quer meu pau dentro de você? É isso?

— Oh Deus, sim! — gemeu.

— Então diga, fale o que quer que eu faça com você.

Ele passou a língua pelo pescoço dela e parou em sua clavícula dando uma mordida de leve.

— Eu quero você dentro de mim. Por favor, não posso mais aguentar — choramingou.

Dario olhou para ela e sorriu.

Ela não podia vê-lo, mas se pudesse veria a satisfação e o prazer em seus olhos.

Ele tirou a sua *boxer* e revelou sua ereção. Jogou a chibata longe e a puxou pela cintura erguendo suas pernas até seu ombro largo. Assim que entrou nela, soltou um grunhido louco. Ele começou devagar até que seu pau se ajustou a ela.

— Tão gostosa, apertadinha!

Ela gemeu implorando para que fosse mais rápido.

Não foi preciso muito tempo para que ela perdesse o controle do próprio corpo. Ela sentiu a pele queimar, a respiração ficou pesada e ondas de calor passaram por suas veias como uma corrente elétrica, deixando-a acesa e consciente de que estava prestes a gozar, enlouquecidamente.

Ele a sentiu convulsionar em seus braços e, então, colocou sua mão direita em torno do pescoço dela apertando-o o suficiente para que ela ficasse privada de ar.

— Agora goze pra mim, bem gostoso — ordenou.

Num ímpeto, ela abriu a boca para sussurrar algo, mas as palavras falharam. Ele estocou forte nela, e com a outra mão, retirou sua venda para fitá-la nos olhos.

— Minha!

Ela deu um forte gemido e ele afrouxou o aperto em seu pescoço permitindo que ela respirasse. Seu sexo se contraiu ao gozar levando-o ao êxtase com ela e, então, ele gozou.

Ele caiu com o corpo em cima dela e a beijou. Suas mãos estavam em seu rosto fazendo carícias e retirando alguns fios de cabelos grudados pelo suor.

Quando as respirações se normalizaram e puderam falar sem dificuldade, ela falou olhando para ele:

— Você me bateu!

Ele riu.

— E você gostou e gozou.

Ela ainda estava aturdida.

— Isso foi... foi...

— Incrível? — ele completou.

Ela gargalhou.

— Nossa! É... incrível.

Ele alcançou as mãos dela e a desamarrou.

— Vamos tomar um banho. Ainda não acabei com você.

Ela se sentou de frente para ele e disse:

— Merda! Tá querendo me matar?

— Esse seria um bom jeito de morrer. — Ele riu pegando-a no colo e seguiu para o banheiro.

— Eu te amo — ela disse quando enlaçou os braços no pescoço dele.

— Eu também te amo, amor.

Capítulo 17

CORAÇÕES QUEBRADOS

Ryan passou o resto do dia irritado. Com tantos problemas na fazenda, Dario ainda havia arrumado mais um. Ele não estava confortável em saber que Helena e Taylor eram supostamente irmãos e que trabalhavam para a CIA. Sua raiva aumentou quando Dario não quis compartilhar tudo o que sabia, alegando que era melhor assim por questões de segurança. Ryan odiava ser mantido no escuro e estava com uma forte intuição de que isso não iria acabar bem.

— Paige, pode vir até minha sala, por favor? — ele disse ao telefone.

Passados alguns minutos, ela entrou na sala.

— Sim?

— Preciso que entre em contato com esse cliente e agende nossa reunião para amanhã — ele disse entregando a ela uma pasta.

— Mais alguma coisa? — ela perguntou friamente.

Ele estudou sua reação gélida.

— Mais nada, pode se retirar.

Ela girou em seus calcanhares e saiu sem olhá-lo.

Ainda estava sem graça pela forma como ele a tratou pela manhã e odiou que Ryan tenha sido tão indiferente a ela.

Após um tempo, ela retornou.

— A reunião está marcada para amanhã, às 18h, em Michigan.

— Michigan? Por quê? A reunião era para ser marcada aqui, em Austin — ele se irritou.

— Eu sei, senhor. Porém, o Sr. Collins pediu para que desta vez a reunião fosse em sua cidade, sua mulher está hospitalizada e ele não poderá se ausentar nem mesmo numa viagem curta.

Ryan bufou.

— Tudo bem. — Ele relaxou.

Ryan olhou para o relógio que marcava 17h34.

— Você está dispensada. Prepare sua roupa e documentos que sairemos amanhã cedo para a reunião.

Ela piscou olhando para ele.

— Como?

— Você vai comigo para Michigan, Paige. Não vou a essa reunião sozinho. Então, prepare suas coisas. Precisamos estar no aeroporto pela manhã. Ah! Reserve duas passagens.

Ela ainda olhava para ele.

— Entendeu?

— Sim, sim senhor.

Assim que ela saiu, Ryan pegou o celular e ligou para Dario.

— Alô... É, eu sei que está de folga. Estou ligando para dizer que irei para Michigan com a Paige amanhã. Não... Vou para a reunião com o Collins. Certo... Tudo bem. Preciso que fique de olho em tudo para mim, pois voltarei no dia seguinte.

Ryan desligou e sua conversa foi ouvida por ela.

— Ele me odeia. Por que quer me levar? — bufou.

Paige voltou para a sua sala e fez o que ele lhe havia pedido.

O resto da tarde foi um tédio. Ryan parecia tenso e ela o evitou a todo momento. No final do expediente, ela pegou a bolsa e foi embora sem se despedir dele.

Sentado em sua cadeira, Ryan repassou seu dia em sua mente. Estava preocupado.

— Enquanto estou aqui me matando de preocupação, eles estão lá se divertindo — bufou.

— Quem está se divertindo? — Johnny entrou em sua sala.

— Dario. — Suspirou.

— Pare de ser velho, Ryan. Há quantos anos estamos tentando fazer com que o Dario se divirta um pouco? Agora que ele está apaixonado e feliz, você está aí todo carrancudo!

Johnny se jogou na cadeira e colocou os pés na mesa. Ryan olhou para a bota suja dele e franziu o cenho.

— Sabe o que você precisa, maninho? De uma boa foda. — Johnny riu. — Você precisa relaxar um pouco.

— Você não sabe de nada — Ryan disse enfurecido.

— Não sei? Tem certeza? Claro que sei. Sei exatamente o que anda fazendo com a Paige. Pensa que sou idiota?

— Cale a boca!

— Ela está dando em cima de você e você está correndo dela como o diabo foge da cruz. Cuidado, daqui a pouco ela vai achar que é gay — gargalhou.

— Vá cuidar da sua vida — disse irritado.

— Você pegou a doença do Dario? — continuou rindo.

— Estou cansado Johnny, só isso — bufou.

— Então, cara, sai um pouco pra se distrair, convida a mina pra sair. Ela parece legal.

— Sabe o que penso sobre isso.

— Sei... e sei também que ela não é a Cassidy. Está certo que ela era uma vagabunda que partiu seu coração, mas a Paige não se parece em nada com ela.

— Ela é divorciada! — Ryan pareceu indignado.

— Preconceito agora, Ryan? Você nunca foi assim.

— Não é preconceito. Como posso me relacionar com alguém que já pulou fora de um casamento? Ela não é mulher pra mim! — Ele ficou tenso.

— Você gosta dela — Johnny afirmou olhando para ele.

— Não fala bobagem.

— Você gosta dela. — Ele riu. — Está na sua cara. E, maninho, ela vale a pena. Talvez o cara que ela escolheu não tenha sido sua alma gêmea, vai saber. Não pense o pior dela. Procure saber, talvez ela esteja tão danificada quanto você. — Johnny se levantou e pôs a mão no ombro de Ryan. — Você nunca irá saber se não tentar. Nós só vivemos uma vez, Ryan. Aproveite enquanto pode — disse e saiu da sala deixando o irmão pensativo.

Ryan se jogou no assento e fechou os olhos. Ele tinha sido um babaca idiota, mas estava tão quebrado após o relacionamento com Cassidy, que jurou a si mesmo que só se relacionaria intimamente com uma mulher, após se casar. Cassidy o havia enganado da forma mais cruel. Era uma vagabunda que o levava para a cama com o intuito de conseguir o que queria. Com o casamento marcado, uma semana antes, Ryan soube qual era a sua real intenção: dinheiro. Ela o traía com um antigo namorado e isso acabou com Ryan de todas as formas, pois ele realmente acreditava que ela o amava tanto quanto ele a amava. Após dois anos de separação, Ryan ainda se remoía pelo acontecimento, então, jurou que quando encontrasse a mulher certa, ele se casaria antes mesmo de levá-la para a cama e que de preferência, ela não tivesse sido de nenhum outro homem.

Ele se levantou e foi até a sala de Paige para se desculpar pela forma grosseira como a tratou. Ao não vê-la, ficou frustrado. Ela tinha todo o direito de estar chateada. Então, para amenizar as coisas entre eles, decidiu fazer o que Johnny disse: arriscar.

À noite, em casa, Paige saiu do banho e colocou um vestido curto florido. Sozinha, se sentou no sofá e se encolheu para assistir um filme, enquanto o jantar não estava pronto. Fechou os olhos e tentou não chorar analisando sua vida. Estava sozinha, livre daquele monstro por quem um dia esteve apaixonada, presa num casamento de conveniência. Seu ex-marido fazia questão de humilhá-la e traí-la com várias mulheres. Chegava bêbado em casa e batia nela todas as vezes em que se negava ir para a cama com ele. Sua vida era triste, sofrida e vazia, mas ela conseguiu se libertar do homem que

a machucou por tanto tempo. Porém, mesmo despedaçada, não deixou de acreditar que um dia encontraria o homem que iria fazê-la feliz. Um homem carinhoso, que a amasse e estivesse disposto a compartilhar uma vida inteira com ela. Ela passou tempo o suficiente ao lado de Ryan para saber que ele não seria esse homem. Ele parecia repugná-la de alguma forma e fazia questão de ignorar suas investidas. Ela se sentia atraída por ele, pelo seu jeito protetor com as pessoas, seu modo gentil, sua beleza, seu coração enorme... Mas de alguma forma, ele não era assim com ela, era o oposto e se sentia miserável por isso.

Paige deu um suspiro forte e prometeu que não iria mais tentar se aproximar dele. Ela deixaria o tempo se encarregar disso.

A campanha tocou fazendo-a voltar para a realidade.

Descalça, ela ajeitou o vestido e o cabelo. Ao abrir a porta, seu coração disparou ao ver Ryan ali, parado, vestindo um jeans escuro e uma camisa branca de botão com as mangas enroladas até o antebraço. Seu cabelo estava úmido, o que indicava que havia acabado de sair do banho. Ela fitou aqueles olhos azuis e quase suspirou na frente dele, porque Ryan era a perfeição.

— Oi — ele sussurrou. — Será que o convite para o jantar ainda está de pé? Trouxe um vinho. — Ele levantou a garrafa para mostrar a ela.

Ela queria sorrir e demonstrar que estava feliz em vê-lo, mas se absteve.

— Que pena, eu já jantei — mentiu.

Ele não escondeu a decepção.

— Hummm. Paige... eu queria me desculpar por hoje cedo. Sei que não é desculpa, mas estou com tantos problemas e você me pegou num dia ruim. — Ele franziu o cenho.

— Tudo bem. Eu já havia esquecido. — Ela tentou sorrir, indiferente.

Ele ficou parado no batente da porta esperando que ela o convidasse a entrar.

— É só isso, Ryan? Eu estou arrumando algumas roupas para a viagem amanhã.

Ele ficou sem graça de pedir para entrar. Estava claro que não era o que ela queria.

— Desculpe, eu... Pegue, o vinho é ótimo e... bom. Até amanhã, então.

— Até amanhã — ela disse friamente. Não era o que ela queria. Se pudesse, ela o teria agarrado ali na mesma hora e o levado para dentro, mas isso não iria fazer com que a respeitasse. Iria vê-la como uma mulher fácil e que pudesse fazer o que quisesse com ela, que estaria sempre ali e pronta para se submeter. E Paige não era assim, ela queria ser amada e respeitada, e se um homem não pudesse primeiramente respeitá-la, não serviria para ela.

Ele se despediu e saiu, frustrado. A imagem dela começou a poluir sua mente e ele desejou não ter sido um verdadeiro babaca mais cedo. Sabia que estava atraído por ela e isso o deixou assustado, com medo de se machucar de novo. Quanto mais ele se afastava do chalé, mais ele sorria. Por mais que estivesse irritado por ela ter sido indiferente naquele momento e que provavelmente ainda estava chateada, ele gostou da sua postura firme, decidida. Ela estava punindo-o, mas ele não achou de todo

modo ruim. Isso só o fez perceber que talvez Johnny tivesse razão. Talvez ela fosse diferente de Cassidy, e que talvez valesse a pena tentar descobrir se ela era ou não a mulher que o tiraria dessa solidão profunda. Paige havia ganhado um ponto com ele, ela tinha brio, dignidade, e ele realmente amou isso nela. Ele voltou para a casa e foi direto para a cama dormir.

“*Amanhã terei tempo o suficiente para saber o que ela quer realmente de mim*”, pensou e colocou a cabeça no travesseiro.

— Onde foi marcada a reunião? — Ryan perguntou entrando no táxi atrás dela.

— No *Grand Plaza Hotel Amway*.

— Me passa o endereço.

Ela procurou o celular na bolsa e passou o endereço pra ele, que instruiu o motorista. E, em pouco tempo, eles chegaram ao hotel.

Ele saiu do carro e estendeu a mão apara ajudá-la.

— Obrigada.

— Falta uma hora e meia para a reunião — ele disse ao caminhar para dentro do hotel luxuoso. — Acho que esse tempo é o suficiente para você se arrumar. Assim que terminar, me encontre no restaurante do hotel.

— Está certo — ela respondeu.

Os dois fizeram o *check-in* e foram para seus quartos. Paige estranhou a forma como Ryan a tratou por toda a viagem. Estava atencioso e pareceu se preocupar com ela a todo minuto, bem diferente do homem frio e distante que convivia na fazenda.

Ela entrou no quarto e colocou a pequena sacola com sua roupa para a reunião sobre a cama e foi tomar um banho. Quando saiu, enrolada na toalha, começou a se trocar. Colocou um vestido azul-marinho de corte reto, que deixava um de seus ombros à mostra. Ela teve dificuldade para erguer o zíper em suas costas, mas depois de algum tempo tentando, ela o fechou. Colocou um *scarpin* nude. Caminhou até o banheiro da suíte e encontrou um secador de cabelo. Ela fez o seu melhor para parecer o mais profissional possível. Ainda não havia entendido por que Ryan a queria nessa reunião. Ela optou por uma maquiagem leve e deixou os longos cabelos dourados soltos, caídos em seus ombros. Se perfumou e quando olhou no relógio, viu que faltavam apenas quinze minutos para a reunião.

Paige pegou sua bolsa de mão e saiu da suíte. No elevador, esbarrou com um moreno alto de olhos castanhos, vestido de terno escuro e gravata cinza. Seu olhar foi diretamente para as suas pernas parcialmente cobertas e, então, ele sussurrou:

— Linda!

Ela corou.

Ele segurou a porta do elevador até que ela entrou.

— Pode me dizer seu nome?

Ela vacilou, mas respondeu:

— Paige.

— Paige... Lindo nome. Prazer, sou Kyle Collins. — Ele estendeu sua mão forte para ela, e ela pôde conferir pela pele de sua mão, que o homem tinha um tom de pele bronzeado.

Ela sorriu.

— Collins? Coincidência.

Ele franziu o cenho.

— O que é coincidência? Vai me dizer que seu nome é Paige Collins?

Ela gargalhou e ele amou o som de sua risada.

— Não. Tenho uma reunião daqui alguns minutos com um senhor de mesmo sobrenome.

Ele sorriu.

— John Collins? — ele perguntou.

— Sim — ela respondeu surpresa.

— Então, estamos indo para a mesma reunião, Paige. — Ele abriu um lindo sorriso que a fez derreter. — Sou o filho de John Collins. Ele não pôde vir, então... eis me aqui. — Ele gesticulou apontando para si próprio.

Ela corou e agradeceu até a porta do elevador se abrir.

Ele fez um gesto para que ela saísse em sua frente e a seguiu.

— Pensei que a reunião seria com o Sr. Craig. Pelo visto... Se bem que não tenho do que reclamar, será bem mais agradável tê-la em minha companhia — ele disse todo sedutor.

— Oh, não. O Sr. Craig está à nossa espera no restaurante.

Ela notou sua expressão descontente.

— Então, vamos. Não o façamos esperar.

— Sim.

Kyle e Paige seguiram lado a lado até o restaurante do hotel. Assim que entraram, os olhos de Paige pararam em Ryan, que os olhava com o cenho franzido.

Ao se aproximarem, Ryan se levantou. Estava vestido de terno, camisa branca e uma gravata azul-marinho, combinando com o terno da mesma cor. Paige deu uma boa olhada nele e não conseguiu esconder um sorriso que estampou em seu rosto.

“Oh, meu Deus! Ele está ainda mais lindo vestido desse jeito”, ela pensou.

— Sr. Craig — Kyle estendeu a mão para ele. —, sou Kyle Collins, filho de John. Infelizmente, ele não pôde comparecer à reunião por motivos pessoais.

— Ryan, Ryan Craig. — Ele apertou a mão de Kyle.

Kyle afastou a cadeira para Paige se sentar antes que Ryan pudesse fazer. O gesto deixou Ryan irritado. Ele olhava para ela e para ele, tentando entender o porquê dos sorrisos bobos na cara dos dois.

“Ela está ainda mais linda”, Ryan pensou.

— Desculpe-me minha indiscrição, conheci sua esposa no elevador quando estava vindo para cá e... se eu tivesse uma mulher tão bela quanto ela, não a deixaria solta por aí.

Ryan quis rosnar para o homem.

— Ah, não. Não estamos juntos — Paige se apressou em desfazer o mal-entendido. Kyle juntou as sobrancelhas e franziu o cenho. — Sou a administradora dele.

Ele sorriu e Ryan fez uma carranca.

“Mas que porra! Esses dois vão ficar flertando aqui na minha frente?”, pensou irritado.

Ryan pigarreou tentando chamar atenção. Ele lançou um olhar mortal para Paige e disse:

— Será que podemos começar a reunião?

Os dois olharam para ele.

— Evidente que sim — Kyle disse. Sua voz era grossa e rouca. Paige ficou olhando para ele, e percebeu que o jeito como ele falava e gesticulava era *sexy*. Ryan pediu para o garçom trazer as bebidas. Eles conversaram sobre a venda do Aloe e uma possível parceria para a indústria de cosmético no Brasil, que Collins era dono. A reunião e as negociações duraram algumas horas. Paige já estava se sentindo tonta pela quantidade de uísque que havia bebido. Ela era fraca para bebida e esperava não causar uma cena na frente do cliente. Ryan ficou cada vez mais irritado, pois a atenção do Kyle estava totalmente em Paige.

— Bom, acho que está tudo certo. Assim que chegar no Texas, providenciarei os contratos para serem devidamente assinados — Ryan falou.

— Ótimo. Será ótima essa parceria em nossa indústria, no Brasil. A filial é nova, mas está crescendo rapidamente. E a nossa maior preocupação são as questões ecológicas também.

Ryan olhou para o relógio, que já marcava dez da noite. Era impossível voltar para o Texas tão tarde. Então, decidiu passar a noite no hotel e seguir para a casa pela manhã.

Ele se levantou e se despediu de Kyle, esperando que Paige fizesse o mesmo. Para sua surpresa, quando ela se levantou, ele pegou nas mãos dela e sussurrou algo no seu ouvido. Ryan nem precisava ser uma mosca para saber o que aquele metido a *Don Juan* falou.

Ela sorriu e assentiu.

— Boa noite, senhor Craig. Se nos der licença...

Ryan olhou para Paige com um olhar mortal. Ficou parado olhando para ela esperando que dissesse algo. Como ela não disse nada, ele perguntou:

— Vai a algum lugar? — Sua voz fria e seu tom enfurecido acendeu o alerta dela.

— Vamos apenas terminar nossa conversa no bar do hotel — Kyle disparou a falar. — Boa noite, senhor Ryan.

Ryan não teve outra alternativa a não ser se retirar. Ele subiu irritado para o quarto, afrouxou a gravata e ficou andando de um lado para o outro no quarto como um animal enjaulado. O tempo ali no quarto pareceu uma eternidade. Ele a queria ali, era ele quem deveria estar com ela, fazendo-a sorrir.

— Filho da puta! — Seu sangue ferveu de raiva. Ver aquele homem tão próximo e descaradamente interessado em Paige, despertou um lado que Ryan nunca teve, mas que conhecia muito bem pelos anos de convivência com seu irmão Dario. Seu peito começou a queimar e o ódio foi aumentando só de pensar no que estariam conversando ou se aquilo acabaria de uma forma mais quente. O ar começou a faltar e ele ficou inquieto.

— Ah! Que se foda os bons modos!

Ryan correu até a porta da suíte e a abriu com violência. Entrou no elevador bufando de raiva e foi até o bar do hotel. De longe, pôde ver Paige e Kyle rindo de algo. A mão dele estava sobre o ombro dela, e ela sorria para ele encantada.

Ao se aproximar, Ryan pegou o copo de uísque da mão dela e o bebeu num só gole. Kyle e Paige olharam para ele, intrigados. A expressão dele não parecia a das melhores.

— Boa noite, Sr. Collins — Ryan disse e pegou Paige pelos braços. Ele a arrastou de um jeito meio bruto até o elevador.

Assim que as portas se fecharam, ela conseguiu falar:

— O que foi isso? — Ela estava assustada.

Ryan lançou-lhe um olhar de desagrado e ficou calado.

Ela ficou olhando para ele até que as portas do elevador se abriram. Ele a pegou pelos braços novamente e a arrastou até a sua suíte. Abriu a porta e a jogou na cama. Paige ficou sem reação. Sua respiração acelerou e ela já não conseguia mais raciocinar direito.

— Ryan! — sussurrou vendo-o vir em sua direção tirando a gravata e a camisa, revelando seu peito forte e seu abdômen sarado.

“Oh merda!”, ela pensou.

Sem nenhuma palavra, Ryan se aproximou dela com urgência e desespero. Retirou seus saltos e a manteve cativa na cama com seu corpo sobre o dela.

Ela mal pôde respirar quando a boca dele tocou seus lábios com vontade. O beijo foi quente, insano e ardente. Ryan acariciou o corpo dela sob o vestido e procurou por sua coxa. O vestido subiu

até o meio de suas coxas dando maior acesso para as mãos dele.

— Ryan! — ela sussurrou quando ele se afastou apenas para fitá-la nos olhos, mas não conseguiu falar mais nada, pois ele a calou novamente com outro beijo.

Paige conseguiu sentir a ereção de Ryan entre suas pernas. Ele estava excitado e ela também.

Ryan beijou e chupou o pescoço de Paige com urgência e ela temeu que ele deixasse alguma marca. Ele estava descontrolado de uma forma quase possessiva.

— Ryan, por favor... — ela já não sabia mais o que implorava.

Ele não disse nada, apenas se afastou para erguer o vestido dela. A visão da minúscula calcinha branca o deixou insano.

— Merda! — disse entredentes. Seu pau latejava e estava duro feito pedra.

Paige não entendeu absolutamente nada. O homem que sempre a evitava, estava diante dela, parecendo louco e sedento por ela.

Ele voltou para beijá-la e sua mão foi direto para sua calcinha. Seus dedos massagearam o clitóris por cima do fino tecido arrancando gemidos dela.

— Você me fez perder o controle, Paige! Se estava querendo me irritar, você conseguiu! — ele a acusou, mas ainda continuou massageando-a em seu ponto sensível. Ela não conseguiu pensar em mais nada. Ela queria ser possuída, ser beijada e amada por ele. Então, sua ficha caiu. Ele estava ali querendo apenas sexo?

— Ryan, pare! — disse tentando afastá-lo.

Ele não deu a mínima.

— Ryan! — ela se enfureceu.

Ele continuou. Afastou a calcinha dela de lado e enterrou seus dedos nela.

Ela gemeu. Antes que pudesse se perder para ele, ela recobrou os sentidos e o empurrou.

— Pare! — gritou.

Sua respiração estava a mil. Seu coração parecia que ia saltar pela boca e que teria um ataque cardíaco.

“Oh Jesus! Que homem quente”, pensou se contorcendo toda. Ela podia sentir sua vagina molhada de tanto tesão.

Ela ajeitou o vestido para baixo enquanto Ryan a observava.

— Não me confunda com uma vadia. Não vou transar com você — ela disse irritada.

Ryan olhou para ela e a fitou nos olhos.

— Não é isso que queria?

Ela se sentiu insultada.

— Idiota! — xingou. Ela se levantou da cama e procurou por seus sapatos. Odiou a forma que ele havia falado como se ela só quisesse sexo.

— Você não vai sair desse quarto — ele falou pegando-a pelos braços.

— Eu vou e você não manda em mim — ela se irritou. — Acha o quê? Que pode me desprezar, me insultar e ainda esperar que eu abra as pernas pra você? — ela quase gritou frustrada. — Eu esperava mais de você, Ryan. Esperava que fosse diferente, mas é igual a qualquer outro homem babaca que só quer foder sem sentido. Não sou uma piranha, portanto, exijo que me respeite.

Ele fitou suas reações.

— Não te insultei.

— Sim. E agora está insultando a minha inteligência. — Ela ficou vermelha de raiva.

— Eu sei que fui um idiota com você, te mantive longe porque estava com medo.

Ela riu.

— Medo do quê?

— De me apaixonar por você.

— Ótimo. Fez um bom trabalho. Agora me dá licença.

Ele a puxou contra ele e a arrastou até a parede, imprensando-a.

— Acho que precisava ter praticado mais. Inferno! Fiz um péssimo trabalho e agora estou aqui, querendo quebrar a cara daquele filho da puta desgraçado que tocou em você. — Suas palavras a deixaram atônita. — É, Paige, é isso mesmo... Te manter longe não adiantou porra nenhuma, pois você roubou minha sanidade no dia em que te vi. Eu sabia que isso seria um inferno se não estivesse se sentindo da mesma forma que eu — Ryan sussurrou sem aliviar o aperto nos braços dela. Ele se aproximou de seu rosto e colou o dele no dela, testa com testa, os narizes se tocando um no outro. — Agora descobri que é tarde. Eu quero você, eu preciso de você, mas adianto que não sei se vou conseguir, porque eu estou quebrado. Já ameí uma vez e tudo que consegui foi um buraco no coração que doeu pra caralho.

Paige levou alguns segundos para compreender tudo o que ele havia dito. Ela tentou abrir a boca para falar algo, mas se perdeu em meio às palavras.

— Só me diga que é real, que você realmente me quer.

Ela inspirou forte e disse:

— Eu... Eu... Droga! Eu estou apaixonada por você, Ryan. Mas não vou transar com você, não assim, dessa forma.

Ele sorriu.

— Fico feliz em saber disso.

Ela ficou confusa.

— Fica?

— Sim. É um indício de que não quer apenas me usar; e Paige, se você tiver essa intenção, não comece, pois se você me quebrar, eu quebro você — ele disse e a beijou possessivamente. O beijo durou longos minutos antes dele se afastar e dizer: — Agora vá.

Ela tentou absorver aquilo. Deu alguns passos e parou na porta do quarto dele para ir embora.

— Não é só você que está quebrado, Ryan. Eu também estou, mas eu me permito amar de novo.
— Ela tinha lágrimas nos olhos.

— Você é minha agora, Paige. Não se esqueça disso quando passar por essa porta. — Ela olhou para ele, surpresa com o que disse. — Não vou mais tentar afastá-la de mim. Eu prometo.

Ela sorriu e saiu para o seu quarto.

“Acabou de ganhar mais um ponto comigo, Paige”, ele pensou.

— Relaxe, Ryan. Ela não se parece em nada com a Cassidy — ele sussurrou e se jogou na cama.

Capítulo 18

EM MINHA PELE

Dario estava cansado. Ele nunca imaginou como era cansativo a vida atrás de uma mesa de escritório. Ele havia prometido para Ryan que ficaria em seu lugar enquanto estivesse fora, mas já estava arrependido. Ele ficou horas olhando para a planilha de cálculos e demorou um bom tempo para entender os números que havia ali. Toda a administração dos bens da família era responsabilidade de Ryan.

— Olá! — Helena bateu na porta com um sorriso no rosto.

— Oi, amor — disse ao vê-la. Seus olhos percorreram todo o seu corpo. Vestindo apenas uma saia e uma miniblusa de seda branca, ela atçou o desejo dele.

— Vim buscá-lo para ir pra casa. Já é tarde e estava sentindo a sua falta. — Ela se aproximou dele e sentou em seu colo passando os braços em volta de seu pescoço.

— Estava? Não está mais? — perguntou dando um beijo em sua boca.

Ela riu.

— Eu sempre sinto a sua falta.

Dario a abraçou e baixou a cabeça para o peito dela. Agarrou em sua cintura e mordeu um de seus seios por cima da blusa.

— Estou louco pra cair na cama com você — disse apalpando um dos seios enquanto mordida o outro. — Você me deixa louco, sabia? Olha como estou aqui... — Ele pegou a mão dela e levou até seu membro rijo.

— Acho que posso ajudá-lo quanto a isso. — Ela sorriu maliciosamente. Agarrou o cós da calça dele e desabotoou o botão baixando o zíper lentamente.

— A porta — ele a alertou.

Sem se preocupar com nada, ela libertou sua ereção da *boxer* apertada e se ajoelhou diante dele.

— Helena...

— Fique quieto, amor. Apenas encoste aí que vou fazer você relaxar. — Sorriu para ele.

Dario fez o que ela pediu. Colocou as costas no encosto da cadeira, fechou os olhos e esperou por ela. Assim que sentiu a boca quente sugando seu membro, ele soltou um grunhido. Ela ficou ali,

sugando-o com sua boca voraz. Dario levou a mão até seu cabelo e a segurou forte. Empurrava sua ereção contra a boca dela num movimento de vai e vem fazendo com que ele estivesse completamente dentro de sua boca. Em pouco tempo, ele não resistiu e gozou na boca dela. Ela o chupou até que não restou nenhuma gota de seu sêmen.

— Você veio até aqui para me matar? — perguntou ofegante.

Ela sorriu.

Ele levantou a cueca cobrindo seu membro e se levantou da cadeira.

— Não vou aguentar chegar em casa para ter você — disse enquanto caminhou até a porta e a trancou.

Ele voltou para a mesa e abriu um pequeno espaço, fazendo uma pilha com os papéis do outro lado do móvel.

Puxou-a pelo braço e a levantou, sentando-a sobre a mesa.

Ela olhou-o em expectativa, pois sabia exatamente o que ele ia fazer.

Dario a puxou pela cintura e a colocou na ponta da mesa, ergueu sua saia, afastou sua calcinha de lado e levou sua boca para prová-la. Ela agarrou forte na lateral da mesa com uma mão e a outra levou até seu clitóris e o massageou enquanto a língua dele trabalhava nela com habilidade.

Ela gemeu.

Ele parou e rasgou a calcinha dela descartando-a no chão.

Colocou as pernas dela em seus ombros e voltou para prová-la. Ele ficou ali, chupando-a, mordiscando-a até que ele a sentiu convulsionar e gozar em sua boca gritando por ele.

A respiração dela normalizou e ele olhou para o seu lindo rosto corado.

— Vou proibi-la de vir aqui. Você me desconcentra. — Ele riu e a beijou.

— Droga, Dario! Precisa parar de rasgar as minhas calcinhas.

Ele gargalhou.

— Eu quero rasgar todas elas. É um empecilho todas as vezes que quero fodê-la. Ela está sempre entre meu pau e sua bocetinha deliciosa.

Ela deu um tapa em seu ombro, rindo.

— Tarado!

— Não fui eu que comecei, amor. Estava com o meu pau quietinho.

—Vamos pra casa?

— Tenho uma ideia melhor. Que tal irmos até a cidade? Podemos ir até o parque e nos divertir um pouco.

— Não sei. E se...

— Ninguém vai chegar perto de você, amor. Eu prometo.

Ela sorriu.

— Parque, é? Vai comprar algodão-doce e tentar atirar naquelas coisas para conseguir um urso de pelúcia pra mim?

Ele gargalhou.

— Eu faço o que você quiser. Apenas quero vê-la sorrir.

Ele a beijou e a puxou em seus braços.

— Vamos. Preciso de um banho. Então, podemos ir.

— Está certo.

Algumas horas depois, Dario e Helena já estavam no carro a caminho do centro da cidade. Ela havia colocado jeans e uma blusa xadrez amarrada na parte da frente deixando sua barriga à mostra. Ele havia colocado uma camiseta cinza e um jeans para se sentir à vontade.

Ao chegarem, ela ficou deslumbrada com a quantidade de pessoas no parque.

— Você tem medo de altura?

— Não! — Ela sorriu.

— Então, vamos nos divertir na montanha-russa. — Ele sorriu e a beijou. — Venha.

Dario saiu puxando-a pelo parque de diversões, que tocava *Mirrors*, de Justin Timberlake. Comprou dois *tickets* e foram para a fila.

Os dois se divertiam como dois adolescentes apaixonados. Ele a tinha em seus braços para protegê-la e riam sentindo a brisa do vento bater em seus rostos. Dario passou num carrinho de algodão-doce e comprou para ela um cor-de-rosa. Ela ria vendo-o comer, tão divertido, dividindo com ela.

Eles continuaram explorando o parque indo nos brinquedos e lembrando de suas infâncias.

— Não precisa fazer isso. — Ela riu quando Dario disparou a quarta bala da espingarda errando novamente o alvo.

— Agora é uma questão de honra. Quero aquele urso e, nem que eu fique aqui a noite toda, vou ganhá-lo pra você.

O coração dela se encheu de amor.

Mais dois tiros e, enfim, ele acertou o alvo e soltou um grito de comemoração.

— Oh, meu herói! — Ela riu e o abraçou lhe dando um beijo apaixonado. O homem entregou o enorme urso panda para ela.

— Suba em minhas costas, querida... Vou levá-la até o carro, assim...

Ela riu e se jogou nas costas dele passando as pernas para frente para que ele a segurasse.

— Eu sou pesada — ela disse.

— Eu sou macho, querida, aguento mais do que imagina.

Eles caminharam até que uma tenda chamou a atenção de Dario.

— Veja!

— O que foi?

— Quer fazer uma tatuagem? — ele perguntou divertido.

— Sério?

— Sério.

— O que você vai tatuar? — ela perguntou curiosa.

— Chupe sem moderação — ele gargalhou.

— Perverso! Não vai tatuar isso nele, eu o proíbo.

— Você poderia tatuar em sua bunda: “Propriedade de Dario Craig. Mantenha-se longe, risco de morte!”.

Ela gargalhou.

— Que ridículo.

Ele a colocou no chão e a abraçou.

— É sério. Quero tatuar algo que me faça lembrar desse dia e de como estou feliz com você.

Ela olhou-o e disse:

— Então, vamos.

Os dois entraram na tenda. Dario observou as condições de higiene e fez todas as perguntas relacionadas à esterilização das agulhas e tudo o que tinha direito. Ele queria certificar-se de que era seguro.

Dario deitou na maca e pediu para o homem escrever na lateral de seu corpo com letra cursiva: *O que falta em mim...*

E, quando terminou, pediu para que ele escrevesse nela no mesmo lugar, na lateral do corpo abaixo de seus seios, o complemento da frase: ... *Está em você.*

— Só não pegue muito na minha mulher. Mantenha seu foco — ele disse ao ver o tatuador levantar a blusa dela.

Ela sorriu pelo seu jeito possessivo.

Ao terminar, os dois saíram da tenda sorrindo e se beijando. Ao olhar para frente, Dario ficou surpreso de ver Georgina os encarando. Ao seu lado, estava seu antigo amigo, que agora era o marido dela.

Ele viu ela dizer algo para ele e caminhar em sua direção.

— Dario... — Ela sorriu. — Quanto tempo.

— Georgina. — A expressão dele ficou séria.

Helena olhou de um para o outro e disse:

— Amor, vou esperá-lo no carro. Não demore.

Ele intensificou o aperto nela e a manteve ao seu lado.

— Oi. Sou Georgina, a ex...

— Sei quem é você — Helena se adiantou. — Amor, eu prefiro esperar por você no carro — insistiu e depositou um beijo em seus lábios.

Ela se afastou para dar privacidade aos dois. Não sentia ciúmes de Georgina, pois sabia que Dario a amava mais do que tudo.

— Sua nova conquista?

Ele franziu o cenho. Olhou em direção a Morris e não o viu.

— Minha mulher.

Ela fez uma cara de surpresa.

— Como?

— Ela é minha mulher. Agora, se me der licença. — Ele deu dois passos à frente, mas foi bloqueado por ela.

— Vi quando chegaram aqui. Parece que se divertiram bastante.

— Não sabe o quanto.

— Você parece estar feliz com ela.

— Sim, estou.

— Você mudou, está diferente e isso é bom. — Ela sorriu.

— Georgina, eu preciso ir.

— Dario... Por que você não mudou por mim, por nós, como fez por ela? Você a trata de um modo diferente. Quando estávamos juntos, não era tão amável comigo. Por que não fez com que nós déssemos certo?

Ele deu um longo suspiro.

— Porque tem certas coisas que não eram para ser, eu e você era uma delas — ele disse e a deixou plantada ali, em seu lugar, olhando-o enquanto se afastava em direção ao carro.

Ao abrir a porta, ele olhou para Helena, que mantinha a cabeça baixa, pensativa.

— Desculpe-me. Não achei que ela iria aparecer e...

— Não tem problema. — Sorriu fracamente. — Todo mundo tem um passado, não é? — disse falando mais de si do que dele. Ela também estava presa num relacionamento esquisito com Carl, mas tinha certeza de que não o amava. O amor que sentia por Dario era tão grande a ponto de querê-lo por perto 24 horas.

— Vamos para casa. — Ele ligou o carro e deu um beijo nela.

Pouco tempo depois, Dario encostou a caminhonete perto do estacionamento da mansão.

— Desça, vou guardar o carro e já te encontro em casa.

Ela abriu a porta e foi para dentro da casa.

Ele fez o que havia dito, e então, entrou logo após.

A casa estava em completo silêncio. Ele procurou por Melanie e Johnny, mas não havia ninguém.

Subiu as escadas e entrou no quarto. Ele a viu no momento em que estava tirando suas roupas para tomar um banho.

— Ficou linda com essa tatuagem. — Sorriu.

— Sim. Eu gostei.

Ele se aproximou dela, puxou-a contra ele e sussurrou em seu ouvido, com sua voz rouca e *sexy*:

— Nunca duvide disso, amor. O que falta em mim está em você. Sendo assim, não vou deixá-la sair de perto de mim. Sem você, sou um homem incompleto.

Ela olhou para ele, seu coração se aqueceu com as palavras ditas.

— Eu amo tanto você que dói.

— Eu também te amo — ele disse e a beijou, apaixonado.

Ele começou a se despir e a retirar o resto das roupas dela. Depois a colocou na cama e se deitou sobre ela.

Suas mãos percorreram seu corpo. Ele a beijou no pescoço, nos seios, no ventre. Explorou cada centímetro do corpo dela, com delicadeza e calma. Ele a manteve excitada, implorando para que a penetrasse. Desceu até seu sexo e a provou. Sua língua passou pela extensão de seu sexo e ele a chupou sentindo o gosto doce de sua excitação.

Ele se afastou e a puxou pela cintura até que sua bunda saísse da cama e a ergueu pelos quadris. Ele estava de pé quando a encaixou em seu membro. Com as costas dela suspensa no ar, ele começou

a estocar, num ritmo lento, tão lento que ela choramingou para que ele a tomasse forte.

— Estou aqui pra você, amor. Apenas sinta — disse num sussurro, ainda segurando-a pelos quadris, encaixada em seu membro, suspensa no ar apoiada apenas por sua cabeça e mãos no colchão. Ela rodeou as pernas e as travou em sua bunda quando ele começou a acelerar o ritmo. Ela teve um pequeno vislumbre da bunda magnífica dele pelo espelho à sua frente e dos movimentos sensuais que ele fazia para penetrá-la. Ele sorriu, pois sabia que ela estava observando-o pelo espelho.

Ele retirou uma das mãos de seu quadril e levou até o sexo dela, e massageou seu clitóris. Ela se contorceu e implorava por mais, gemendo e gritando o nome dele.

O suor escorria pelo corpo dele. O corpo brilhava e o dela também, à medida que tudo esquentava entre eles.

— Ohhh, não posso mais aguentar — ela sussurrou.

— Então goza pra mim, amor. Vamos! Vem pra mim, vem pro seu homem...

Dario acelerou as estocadas porque sabia que estava perdido. Ele estava se segurando por ela, e queria gozar no momento em que ela explodisse para ele. Quando ele a sentiu se contorcer e soltar um gemido, ele gozou jorrando todo seu sêmen para dentro dela, soltando um grunhido alto.

Ele caiu sobre ela e ficou ali, beijando-a até que suas respirações se normalizassem.

— Acho que nunca vou me cansar de dizer o quanto te amo. — Ele mordeu os lábios dela.

— Somos dois. — Ela sorriu.

No chalé, Melanie bateu na porta de Taylor.

Demorou alguns minutos para que ele a atendesse. Ao abrir a porta, ele franziu o cenho.

— O que faz aqui?

— Oi. Posso entrar?

— Estava indo dormir. Amanhã acordo cedo. — Seu tom de voz não foi agradável.

— Olha, quanto ao que viu ontem, eu posso explicar... Apenas me deixe...

— Melanie, está tarde. Acho que podemos adiar esse assunto para outro momento. — Ele tentou fechar a porta, mas ela a bloqueou colocando o braço para dentro.

— Está chateado — ela disse entrando sem ser convidada.

— Estou cansado — ele bufou.

— Está com ciúmes? Você foi o primeiro em concordar com o relacionamento aberto, não me culpe.

Ele ficou furioso.

— Quer dizer que está num relacionamento com ele também?

— Não! Claro que não. Nós só...

Ele levantou a mão para ela e fez sinal para que se calasse.

— Não quero saber sobre os homens que dormem em sua cama, ou vice-versa. — Ele pareceu irritado. — Só acho que você deveria ter esperado um pouco mais. Tinha acabado de sair daqui e claramente se jogou nos braços daquele homem que nunca viu na vida. O que é? Não sou o suficiente para você? O sexo não foi bom e agora você quer ser compartilhada? Aposto que deve gostar de se submeter a dois homens. Só digo que estou fora. Sou totalmente careta quanto a isso.

— Está me ofendendo. Não é nada disso. — Ela odiou a forma que ele falou com ela e como isso a afetou. — Eu tive algo com ele sim, nos conhecemos em outro lugar e rolou, só isso. Não estava lá dando em cima dele. Ele apareceu e veio pra cima de mim — ela tentou explicar.

Ele riu.

— Agora quer me dizer que é uma santa? Poupe-me, por favor.

— Taylor, eu gosto de estar com você. Não estava com nenhuma intenção com ele, juro.

Ela olhou para ele e viu raiva em seus olhos.

— Sei bem como deve ter sido entre vocês dois, vi nos olhos dele. Foi como aconteceu comigo? Mal o conheceu e abriu as pernas?

— Não fale assim comigo — disse enraivecida. — Exijo que me respeite!

Ele gargalhou.

— Ah, essa é boa. — Ele foi em direção a ela, pegou-a pelos braços e a arrastou até a porta jogando-a para fora do chalé.

— Quer que alguém a respeite? Então, se dê ao respeito. Boa noite! — disse enfurecido e fechou a porta na cara dela.

— Taylor! Taylor! Abra essa porta! Abra! — ela gritou dando socos na porta e as lágrimas começaram a rolar em seu rosto. — Merda!

Ela caminhou para longe, chateada e com uma dor forte no peito. Em seu íntimo, sabia que Taylor havia roubado seu coração. E sem ele, ela se sentiu miserável.

Taylor caminhou até o quarto e se jogou na cama. Ele ainda conseguia sentir o cheiro dela nos lençóis, no travesseiro. Ele odiou os sentimentos que invadiram seu coração.

“Está claro que ela não gosta de mim. Eu sabia exatamente quem ela era quando deixei que acontecesse. Porra! Sabia que isso ia acontecer. Preciso me manter focado na missão e esquecer que ela existe”, pensou. “Porra! Porra! Por que eu tinha que ter inventado essa coisa de relacionamento aberto? Como sou idiota!”.

— Vou tirá-la da minha mente, Melanie. Ah, se vou!

Capítulo 19

BEM PRÓXIMOS

Dez dias depois...

— Eu disse a você que o tempo acabou! — A voz ao telefone gritava.

— Morgan, ela está segura aqui. Não podemos simplesmente tirá-la da fazenda. Ela está feliz com o Dario e duvido que ele a deixe partir. O sujeito é um pé no saco, mas ele a ama e vai fazer de tudo para protegê-la — Taylor tentou convencer sua superior.

— Eu preciso da memória dela. Qual a parte que estamos ferrados se não encontrarmos aquele arquivo, você não entendeu? A não ser que também não queira sair dessa fazenda. É isso, agente Taylor? Está envolvido com alguém?

— Não. Estou apenas protegendo minha irmã.

— Ela é a missão, Taylor. Faça com que ela se lembre, dê outra pancada na cabeça dela se precisar. Quero a porra do arquivo. Te darei mais uma semana. Porém, se não conseguir, mandarei outros agentes para resgatar vocês dois — Morgan estava furiosa.

— Tem notícias do Carl?

— Ele está procurando por ela. Tentou abafar o sumiço dela para a imprensa alegando que ela estava numa clínica para tratar da depressão após o aborto do filho.

— Ele é um idiota! Claro que ele tem algo com isso. Por que inventaria uma história tão ridícula dessas?

— Estamos de olho nele. Fique tranquilo. Ele está em Nova Iorque, bem longe daí.

— Tudo bem. Preciso que me mandem um carro. Não posso ficar a pé aqui. Se eu precisar fugir com ela, tenho que estar preparado.

— Vou providenciar o carro. Como está de armas e munição?

— Abastecido.

— Certo. Dentro de algumas horas seu carro estará no centro da cidade, em frente ao hotel onde Socho estava hospedado. E por falar nele, onde escondeu o corpo?

— Enterrei-o aqui, na fazenda.

— Depois o ajudaremos quanto a isso. Ele não pode ficar aí.

— Me dê um tempo, Morgan. Ela está progredindo, logo se lembrará de onde escondeu o arquivo.

— Uma semana. Nada mais.

— Entendido. — Taylor desligou o telefone e praguejou.

Esses dez dias foram como um inferno para ele. Ele se distanciou de Melanie, mas não passou um dia em que não pensava nela. Seu gosto, seu cheiro... ainda estavam marcados a ferro nele. Após a briga, Melanie pouco apareceu no *haras*. Estava evitando a todo custo as investidas de Jackson, que descaradamente não escondia suas vontades em relação a ela. Ela passava a maior parte do tempo trancada em seu quarto, se remoendo por vê-lo todos os dias e não poder tocá-lo. Ela tinha algumas crises de ciúmes ao vê-lo dando aulas para as mulheres e evitava ficar tão perto nessas horas.

Taylor também ficava de longe, apenas observando-a. Ele odiava cada vez que Jackson chegava perto dela e a tocava. Ele estava consciente de que os dois estavam juntos, então tentava evitá-la de todas as formas.

Cansado, ele caminhou até o estábulo para terminar de cuidar de Thor. Dario havia deixado ordens para que somente ele se aproximasse do seu cavalo. A entrada de qualquer outra pessoa em sua baia era extremamente proibida, inclusive de Helena.

Ele retirou a camisa ficando apenas de jeans. Seus passos eram firmes sobre a terra. Ao alcançar a porta do estábulo, abriu lentamente e entrou. Passou por algumas baias, inclusive a de Sherry. Estava tudo normal. Ao entrar na baia de Thor, ele gritou assustando Melanie que estava pronta para vaciná-lo.

— Não! — O grito dele não só assustou Melanie como deixou Thor agitado. Ele relinchou e foi em direção a ela derrubando-a no chão. — Thor, pare! — Taylor pegou as rédeas de Thor e o afastou de Melanie. — Vamos sair daqui — disse voltando-se para ela e a puxou pelos braços.

Taylor a tirou da baia e fechou a porta.

— Está maluca? Desde quando você vacina o Thor? Quer que o Dario arranque a sua cabeça?

— Ele precisa ser vacinado. Olhei no prontuário e está com a vacina vencida há dois dias.

— Não está não. Seu amante já vacinou ele ontem — disse rude.

— Ele não é meu amante! — disse surpresa. — Pare de ser um babaca. Sabe que não tenho nada com ele.

Ele a puxou pelos braços e a imprensou contra a parede.

— Dario proibiu qualquer um de entrar na baia do Thor. Se eu te pegar outra vez lá dentro...

— Vai fazer o quê, palhaço? Vai bater nela? — Jackson disse entredentes. Sua postura indicava que estava pronto para uma boa briga.

Há dias os dois vinham se estranhando por causa dela.

Taylor olhou para ele e sorriu irônico.

— Vou bater é em você, se não cair fora daqui.

— Tire as mãos dela. Não quero você tocando no que é meu! — Jackson disse furioso.

Melanie olhou para os dois, incrédula.

— Ela não é sua.

— Não? Então, pergunte a ela sobre a noite em que nós dois...

Taylor nem esperou que ele terminasse a frase. Era uma afronta para ele falar daquele jeito sobre Melanie. Ele avançou em Jackson e desferiu um soco em sua cara. Ele cambaleou, mas não caiu. Os dois se atracaram.

— Parem! Meu Deus, paremmmm! — Melanie gritou se colocando entre eles.

— Nunca mais toque nela, desgraçado. Ela é minha, entendeu? — Jackson gritou.

— Você é um babaca, riquinho metido a besta — Taylor disse. A raiva o estava consumindo.

— Vem comigo. — Jackson a pegou pelos braços.

— Ela não vai a lugar nenhum com você, seu idiota! — Taylor a puxou para ele e a colocou atrás de suas costas, protegendo-a. — Agora cai fora antes que eu chute sua bunda. E fique feliz por eu querer apenas chutá-la, porque minha vontade é de te dar um tiro agora.

— Está me ameaçando?

— Pague pra ver! — Os dois se encararam.

— O que está acontecendo aqui? — A voz de Dario deixou todos em alerta. Ele olhou para a postura dos dois homens e franziu o cenho ao ver o rosto de Jackson e Taylor machucados. Seu olhar foi em direção à Melanie, que estava escondida atrás do Taylor. — Melanie, vá para casa agora! — ele ordenou.

Ela se afastou de Taylor e saiu de cabeça baixa sem dizer nenhuma palavra.

Assim que ela saiu, Dario se aproximou dos dois e disse num tom frio e assustador:

— Espero de verdade que isso aqui não seja por causa dela. Eu mato vocês dois apenas com uma mão se tocarem na minha irmã.

— Esse babaca iria bater nela se eu não chegasse a tempo — Jackson disparou a falar.

Dario deu um olhar mortal a ele e desviou para Taylor, que permaneceu calado e com sua postura intacta encarando-o.

— Eu não dou a mínima para quem seja, Taylor. Se encostar um dedo nela, não vai tocar em mais nada nessa vida. Vou quebrar seus dois braços. Agora vá. Tem alunos esperando por você.

Taylor não baixou o olhar. Passou por Dario e por Jackson de cabeça erguida. Porém, ao passar pela porta do estábulo, disse:

— Você têm sorte por eu não estar armado. Você me paga, Jackson. Vou foder você de todo jeito que eu puder. — E saiu enfurecido.

Dario saiu à procura de Melanie. A encontrou próxima ao chalé de Kristen.

— Melanie! Melanie! — gritou. Ele correu para alcançá-la.

— Sermão não, maninho. Estou farta disso.

— Por que Taylor queria bater em você?

— O quê?

— Jackson disse que chegou a tempo de impedir que ele batesse em você.

Ela riu.

— Ele não me bateu e jamais me machucaria. Jackson só estava com...

Dario arqueou uma sobrancelha.

— Eu entrei na baia de Thor para vaciná-lo. Taylor entrou lá na hora e ficou uma fera comigo, só isso.

— Eu disse a ele para que ninguém entrasse lá.

— Mas Thor estava com a vacina vencida há dois dias.

— Como assim? Eu estava lá quando Jackson deu vacina nele. Idiota! Ele não marcou na planilha?

— Não.

— Isso é inadmissível. Vou dar uma advertência nele. Quanto a você, não a quero perto daqueles dois. Entendeu?

— Sim, papai — ela saiu bufando para longe dele.

O celular dele tocou. Era uma mensagem:

“Estou na cama, sem roupa, prontinha pra você.”

Ele sorriu e digitou em resposta:

“Que fogo é esse, meu amor? Estou trabalhando. Pare de me atentar.”

Segundos depois, Dario recebeu mais uma mensagem:

“Largue tudo. O que é mais importante do que eu?”

Ele digitou:

“Nada é mais importante do que você. Realmente preciso trabalhar. Prometo recompensá-la muito bem à noite. Vou fazê-la gozar no mínimo umas cinco vezes.”

“Isso é uma promessa?”

“Não, querida. Esse sou eu, cheio de fogo e tesão por você. Agora preciso ir, tenho que matar seu irmão. Te amo!”

Segundos depois, seu celular tocou e ele atendeu.

— Me diga que isso é uma brincadeira. O que ele fez? — A voz dela soou preocupada.

Ele riu.

— Nada. Fique tranquila.

— Dario...

— Nada, amor. Não vou matá-lo, não ainda.

— Olha, se for por causa da Melanie, ele gosta dela de verdade. Por favor, não cause problemas quanto a isso. Ele a ama. Eu falei para ele que devia ter dito a você que eles dormiram juntos, mas ele...

— Como é? Espere! Eu ouvi bem?

Ela se calou do outro lado da linha.

— Agora mesmo que vou matá-lo — Dario disse entredentes e desligou a chamada. O telefone tocou logo em seguida e ele apenas ignorou.

Dario procurou Taylor por todo o *haras*. Nenhum funcionário soube dizer onde ele estava. Irritado, ele voltou para o trabalho.

Taylor havia recebido uma chamada logo que saiu do estábulo. Seu carro já estava estacionado em frente ao hotel. Ele saiu sem ser visto da fazenda e no caminho da estrada, pegou carona com um caminhoneiro.

— Obrigado, cara! — ele agradeceu ao motorista e seguiu seu caminho.

Decidiu entrar no bar para beber uma cerveja. Estava farto de ter que se submeter às ordens de Dario na fazenda.

— Uma cerveja, por favor — ele pediu ao homem.

Ao seu lado, se sentou dois homens de terno preto. Pediram uma cerveja e agradeceram em russo.

Taylor olhou para eles no momento em que seu celular tocou com uma mensagem.

“PROBLEMAS. PRECISA SE LIVRAR DELES. HÁ UM AGENTE PRÓXIMO A VOCÊ PARA TE DAR SUPORTE. ESPERE POR ELE E OS SIGA. PRECISAM MATÁ-LOS.”

Taylor suspirou.

Tocou em sua arma localizada atrás de suas costas fincada em seus jeans.

“Isso será divertido”, pensou.

Os dois homens de terno saíram do bar levando suas cervejas nas mãos. Entraram num carro preto com vidros insulfilmados e seguiram. Taylor ficou na calçada até que um carro prata parou. O agente baixou o vidro e pediu para que ele entrasse.

— Sou Michael — o agente disse a ele. — Entre.

Taylor entrou no carro e, então, seguiram os homens.

Após alguns minutos, os homens pararam em frente a um galpão. Desceram do carro e se encaminharam para ele.

— Você acha que tem mais homens lá dentro? — Taylor perguntou.

— Não. Já dei uma checada no local antes.

— Como assim?

— Estou na cidade há três dias. A CIA me enviou para ficar de olho em qualquer movimentação. Assim que soube, há algumas horas, comuniquei-os. São apenas dois e eles não fizeram muitas perguntas.

— Hum... — Taylor encarou o homem ao seu lado.

— Tome! Coloque o colete. — O homem se esticou até o banco de trás e pegou um colete à prova de balas para Taylor.

Ele retirou a camisa, colocou o colete e vestiu a camisa de novo.

— Vamos. Te dou cobertura. Vamos matar esses babacas.

Taylor sorriu.

Na fazenda, Ryan estava furioso porque Kyle Collins teve a ousadia de enviar flores para Paige com um bilhete amoroso.

“A sua passagem foi breve, mas o suficiente para que eu sentisse a sua falta. Beijos, Kyle.”

Ryan leu o bilhete soltando fogo pelo nariz.

— Paige, venha até a minha sala, por favor — disse ao telefone.

Em poucos minutos, ela apareceu.

— Algum problema?

Ryan apontou para as flores e deu o bilhete a ela.

— Diga-me que você não falou com esse babaca desde a nossa viagem. — Sua expressão era de raiva.

Ela olhou para as flores, leu o bilhete e riu.

— O que tem de engraçado nisso?

— Oh, desculpe. É que... isso foi estranho. Não falei com ele desde Michigan.

Ryan se aproximou dela devagar e a puxou pela cintura.

— Eu vou até Michigan quebrar a cara dele se caso lhe enviar mais alguma coisa.

— Ciúmes agora? Não é ele que eu quero, Ryan, e você sabe disso. Precisa confiar em mim.

Ele a olhou, tocou em seu rosto e a puxou para um beijo.

— Quando iremos oficializar nosso namoro? — ela perguntou.

— No final de semana. Johnny vai tocar no Dickson e vou fazer com que todos vão ao show. Então, diremos a eles que estamos juntos.

— Mesmo? Não quero ter que ficar às escondidas como uma adolescente. — Ela riu. — Não temos mais idade para isso.

— Eu sei. Eu só... quero que todos estejam presentes.

A noite estava fria.

Cansado, Dario foi para casa. Estava furioso pelo sumiço de Taylor porque teve que fazer todo o trabalho sozinho.

Ao chegar à mansão, ele encontrou Helena na cozinha, lavando a louça.

— Oi, amor — ela disse ao vê-lo.

— Sabe onde está seu irmão? Aquele irresponsável saiu da fazenda e sumiu — disse furioso.

— Como assim, sumiu?

— Não sei, sumiu — disse exasperado. — Onde está Melanie?

— No quarto.

— Você viu ela lá?

— Claro.

Eles ouviram um barulho alto. Alguém havia acabado de estacionar o carro em frente à casa.

Dario e ela saíram para ver.

Taylor saiu do carro furioso. Em sua mão, ainda empunhava a arma. Sua camisa estava com dois furos de bala e seu braço esquerdo estava sangrando na altura do ombro. Dario correu até ele ao lado dela.

— Max? Deus, o que é isso? Está machucado? — Ela arregalou os olhos inspecionando-o por

completo.

— Preciso saber agora onde escondeu o arquivo, Júlia. Você não está segura aqui e a CIA quer levá-la embora à força caso não se lembrar. — Taylor agarrou-a pelos braços.

Dario chegou empurrando-o e disse furioso:

— Tire as mãos dela. Onde esteve, seu idiota?

— Qual é o seu problema, imbecil? Não ouviu o que eu disse? Ela corre perigo aqui — Taylor elevou a voz.

— Eu estou farto de você, Taylor. Só não te coloco pra fora daqui por causa dela. Você não gosta de mim e eu muito menos de você — Dario o enfrentou.

— Dario, por favor — ela pediu.

— Sabe o que eu estava fazendo, babaca, enquanto você estava aqui brincando de homem das cavernas? Eu estava protegendo o teu rabo. Está vendo a porra desse colete furado? Levei duas balas no peito. Eu morreria pela minha irmã. Se os caras descobrirem onde ela está, virão atrás dela, vão matá-la e de quebra toda a sua família. É isso que quer?

Dario ficou calado.

— Então, me dê um tempo. Pare de ficar bancando a família feliz, vocês dois estão me dando nos nervos. Quer ficar com ela o resto da sua vida? Então, ajude-a a se lembrar onde escondeu o maldito arquivo e parem de suspirar pelos quatro cantos dessa fazenda — Taylor estava descontrolado.

— Você matou os homens? Quantos? Como?

Taylor olhou para ela e viu seu desespero.

— Dois. Isso foi hoje. Mas, e amanhã? Eles continuarão a procurá-la.

— Onde conseguiu esse carro? — Dario perguntou.

— É da agência. Me deram no caso de eu ter que fugir com ela daqui.

Dario viu vermelho.

— Você não irá tirá-la daqui, está me ouvindo? Posso não ser um bom atirador, mas, acredite, posso matar qualquer um que se colocar em meu caminho apenas com minhas mãos.

Taylor não duvidou. Ele achava Dario bem capaz disso.

— Eu tive uma ideia. Temos apenas uma semana até que a CIA invada a fazenda e tire ela à força daqui.

— Não vou deixar que aconteça.

— Você não manda em nada. Quando a CIA quer, ela consegue, simples assim. Sugiro que a leve para Washington. Talvez se ela percorrer os caminhos que fez quando roubou o arquivo da Casa

Branca, ela se lembre de onde o escondeu.

— Nem morto. Ela não sai daqui! — Dario quase avançou nele.

— Então, Uga Uga, lide com a CIA quando eles entrarem aqui armados e levá-la para longe de você. Estou cansado. Vou pra casa — Taylor disse e entrou no carro partindo para o chalé.

Dario estava irritado com a ousadia de Taylor.

— Tem certeza de que ele é seu irmão gêmeo? Ele é um idiota! — Dario falou e voltou sua atenção nela. Helena estava pálida.

— Eu não estou me sentindo muito bem — sussurrou.

Dario foi até ela e a pegou pela cintura.

— Ei, você está pálida.

— Eu estou me sentindo um pouco tonta.

Dario a pegou no colo e a levou para a sala. Colocou-a no sofá e foi buscar água para ela.

— Beba. Está assustada. Trêmula.

Ela bebeu.

— Eu... não... quero ir embora. Não deixe eles me levarem daqui, por favor — ela implorou. As lágrimas rolavam em seu rosto e Dario sentiu ainda mais vontade de matar Taylor por tê-la deixado assustada.

— Acalme-se, meu amor.

— Ele tomou dois tiros, estava sangrando... Ele poderia ter morrido.

— Que sorte que ele não morreu. Eu mesmo quero matá-lo.

— Não quero os dois brigando. Por favor.

— Venha. Vou levá-la para o quarto. Precisa descansar. Amanhã vamos conversar sobre o que aconteceu. Agora, você precisa dormir.

No meio da noite, ela acordou. Dario estava dormindo ao seu lado. Estava se sentindo mal e a bÍlis lhe veio à garganta. A passos largos, ela chegou até o banheiro e praticamente abraçou a privada, de joelhos, e vomitou todo o seu jantar. Ela se sentiu nauseada e o vômito não cessou tão rápido como gostaria. Quando se sentiu melhor, lavou o rosto e escovou os dentes. Andou até o quarto e deitou na cama aninhando-se a ele.

Capítulo 20

SINTOMAS

Dois dias depois...

No chalé, Kristen se arrumava enquanto Johnny se preparava para tocar no bar do Dickson.

— Por que não posso ir com vocês? Eu quero ir — Denny fez uma carinha triste.

— Garotão, onde vamos só tem gente grande. Crianças não entram — Johnny tentou fazê-lo entender.

— Mas eu sou como você. Um astro do rock. Você pode conseguir entrada VIP pra mim, que eu sei.

Kristen riu.

— Denny, não é exatamente um show. É um bar e a entrada de menores é proibida. Você vai ficar com a Vera hoje.

— Ahhhhhhh!

— Garotão, se ficar bonzinho, prometo que te levo para passear na minha moto. O que acha?

— Tudo bem — disse cabisbaixo.

— Agora vá com a Vera. Assim que chegarmos, buscaremos você.

Johnny e Kristen ficaram tristes ao vê-lo desanimado. Kristen pegou sua jaqueta preta e seguiu para fora junto com Johnny. Ryan e Paige estavam no carro dele. Dario, Helena e Melanie estavam na caminhonete e Taylor em seu carro. Dario o havia proibido de chegar perto dela.

Os dois subiram na moto e ele virou para dar um beijo nela.

— Te amo, gatinha — ele disse.

Ele saiu a toda velocidade, deixando todos para trás.

Ao chegarem no Dickson, pediram para juntar três mesas. Dario fez questão de se sentar ao lado de Taylor para ficar de olho nele.

Eles pediram cervejas.

O lugar, como sempre, estava animado e cheio de gente. Porém, no segundo ambiente, havia um

grupo de caveiras jogando sinuca.

— Bom, já que estamos todos aqui, preciso contar uma coisa para vocês — Ryan falou sobrepujando a música alta que vinha da *jukebox*. Em segundos, ele tinha a atenção de todos. — Eu e a Paige estamos namorando.

Todos olhavam para eles, alegres.

— Jura? Achei que era imune às mulheres. — Taylor riu.

— Ahá... engraçadinho — Ryan falou.

— Eu também cheguei a pensar, maninho. Foi mal — Johnny disse levando uma cotovelada de Ryan.

— Parabéns, Ryan. Espero sinceramente que sejam felizes — Dario falou dando um sorriso para o irmão.

— Bom, acho que isso merece uma comemoração. Garçom, traga três garrafas de uísque, por favor — Taylor gritou.

— Acho que prefiro beber algo mais leve — Helena disse.

— O que foi, amor? Ainda está se sentindo doente?

— Sim.

— Quem está doente? Você? — Taylor olhou para ela.

— Não é nada de mais. Só prefiro beber algo mais leve. Pede um refrigerante pra mim, amor?

— Claro.

Eles comemoraram juntos, bebendo e se divertindo. Os olhares entre Melanie e Taylor não passaram despercebidos por Dario. Para não causar uma cena, ele preferiu ficar calado.

Johnny se afastou da mesa e seguiu para o palco, cantar.

Todos ficaram maravilhados de vê-lo fazendo sucesso, mesmo que fosse em um bar pequeno.

— O moleque leva jeito. — Taylor sorriu.

— Eu vou ao banheiro — Helena disse.

— Algum problema, amor? Parece estranha.

— Não.

— Melanie, acompanha ela, por favor.

— Claro.

— Não precisa, Dario. Já volto.

Ela deu um beijo nele e se afastou, andando em meio às pessoas até o banheiro feminino do lado

de fora do bar, no corredor. Outra vez, ela sentiu um forte enjoo e vomitou. Ela se sentiu tonta e se arrependeu de ter dispensado a ajuda de Melanie. Após alguns minutos, jogou água no rosto. Ao sair do banheiro, se chocou com um homem forte, vestido com uma jaqueta e calça de couro preta.

— Olha quem está aqui, George — o homem falou para o amigo ao lado.

— Essa não é aquela vadia que te bateu alguns dias atrás?

Ela ficou pálida.

— Sim, ela mesma.

— Não se aproximem ou eu grito.

— Ah, você vai gritar mesmo, sua vadia. E muito. — O homem avançou nela, a puxou pela cintura e tapou a boca dela com uma das mãos. Arrastou-a para fora, pelo corredor e assim que chegaram ao estacionamento na parte de trás do bar, ele disse: — Agora vamos acertar nossas contas.

Dentro do bar, Dario ficou apreensivo.

— Melanie, vá atrás dela. Ela está demorando e estou preocupado.

Taylor franziu o cenho.

Ryan e Paige se levantaram para dançar.

Kristen observava com admiração seu lindo amor cantar e sorrir para ela.

Melanie entrou no banheiro e não a viu. No corredor, do lado de fora, ela ouviu vozes exaltadas.

Ao entrar no estacionamento escuro, ela viu dois homens e uma mulher. Um deles estava atrás dela segurando-a pelos braços, prendendo-a enquanto o outro deu um tapa forte no rosto dela. Foi, então, que ela percebeu que era Helena.

Ela correu em direção a eles, que estavam escondidos entre os carros, e gritou:

— Solte ela, seus babacas!

O cara olhou para Melanie e mostrou alguns dentes podres. Eles eram fortes o suficiente para quebrar as duas ao meio.

Quando ele veio em sua direção, ela tentou correr, mas o homem a agarrou pelos cabelos.

— Outra vadia. Essa eu não conhecia — o homem rosnou. Ele a arrastou até onde o seu amigo estava e disse: — Coloque-as no carro. Isso vai ser divertido. — Eles riram.

Melanie gritou e se debateu. Helena não tinha forças para lutar. Ela viu tudo girar antes de desmaiar nos braços do homem, que a tinha presa.

— Helena! Helena! — Melanie gritou aterrorizada.

— Quietinha, vadia! Se gritar outra vez será pior.

— George, coloque-a no carro, anda.

O homem abriu a porta traseira do carro e colocou Helena deitada.

Melanie tentou acertar o homem que a mantinha cativa, mas seus reflexos eram melhores do que os dela. Ele a jogou contra o carro e bateu a cabeça dela duas vezes no vidro.

Taylor quase morreu vendo a cena ao adentrar o local. Sacou a arma e gritou:

— Parado aí, seu filho da puta!

George entrou no carro para fugir, mas foi pego por Dario que vinha do outro lado. Ele puxou o homem pela jaqueta e o jogou no chão, chutando-o no estômago e na cara.

O outro soltou Melanie assim que Taylor correu na sua direção. Pegou o telefone e ligou para a polícia.

Melanie olhava para ele, espantada.

Dario bateu tanto no cara que ele mal conseguiu se mexer. No banco de trás do carro, ele pegou Helena no colo e ficou em pânico ao ver que ela estava desmaiada.

— Chame uma ambulância agora! — gritou para Taylor, que inspecionava Melanie à procura de machucados. Ele a beijou e Dario quis matá-lo. — Porra Taylor, agora!

Taylor correu até sua irmã e verificou sua pulsação.

— Ela está bem, Dario. Não podemos levá-la para um hospital. Ela está respirando. Vamos levá-la para casa.

— Não saio daqui enquanto não ver esses filhos da puta na cadeia.

Ryan, Paige e Kristen apareceram no local.

— Que porra aconteceu aqui? — Ryan se assustou olhando para o homem estendido no chão, ensanguentado. O outro estava dentro do carro sob a mira de Taylor.

— Por que ele tem uma arma? — Paige perguntou olhando para Taylor.

— Meu Deus! São eles? — Kristen perguntou.

Dario olhou para ela.

— Conhece esses caras?

— Claro. Na última vez que estivemos aqui, eles me agarraram. Se não fosse pela Helena, não sei o que teria acontecido. Ela bateu nos dois homens.

Dario ficou possesso.

— Por que não disseram nada? São loucas?

Taylor abraçou Melanie, que chorava assustada.

— Ei, fica calma. Logo a polícia vai chegar e prender esses idiotas — disse guardando sua

arma e deu outro beijo nela.

— Fique longe da minha irmã, Taylor — Dario resmungou.

Aos poucos, Helena foi acordando. Ela levou a mão no rosto que estava vermelho pelo tapa que havia levado e gemeu baixinho.

— Amor, amor... está me ouvindo? Você está bem? Fala comigo. — Ele estava desesperado.

— O que aconteceu? Minha cabeça está doendo.

Ele a levantou em seu colo e disse:

— Vou levá-la para o carro. Não saiam daí até a polícia chegar.

Ryan olhou e perguntou a Taylor:

— Ainda estou sem entender nada.

— Em casa, eu explico. — Taylor tirou o homem de dentro do carro que havia colocado e o jogou no chão ao lado do outro.

— Mãos nas costas, anda.

O barulho das sirenes indicou que estavam próximos. Em pouco tempo, um pequeno grupo de pessoas ficaram ao redor.

Um dos policiais conversou isoladamente com Taylor antes de ordenar aos outros que levassem os homens para a delegacia.

Ryan e Paige entraram para conversar com Johnny e Taylor seguiu com Melanie. Kristen foi junto com Ryan.

— Eles já foram levados. Precisamos ir amanhã na delegacia para prestar a queixa.

— Certo — Dario falou. — Vou para casa, ela vomitou e não está se sentindo bem.

— Eu levo a Melanie. Ela está um pouco abalada.

Dario suspirou.

— Leve-a para a minha casa, entendeu?

— Ela tem um corte pequeno na cabeça. Vou cuidar dela. Se preocupe com a minha irmã — disse dando as costas para ele.

— Taylor... — Dario o chamou.

Ele parou para olhá-lo.

— Obrigado.

Ele sorriu e se afastou.

Em casa, Dario a carregou até o quarto. Colocou-a sobre a cama e foi até o banheiro encher a banheira.

— Vou te ajudar a tomar um banho.

— Tudo bem — ela respondeu abatida.

— Por que não me disse que havia dado uma de ninja e batido em dois homens? Você não vê como isso é perigoso? Não quero mulher minha batendo em homens na rua — disse furioso. — Eles poderiam ter matado você!

— Eu poderia ter dado outra surra neles se não tivesse desmaiado.

Ele foi até ela e colocou as mãos no seu rosto fazendo-a olhar para ele.

— Não faça mais isso, entendeu? Foda-se que você é da CIA, FBI ou o caralho que for. Não quero perder você. Não quero que se arrisque nunca mais. Meu coração quase parou ao ver aqueles homens com vocês duas.

— A Melanie está bem?

— Ela está com o Taylor. Foi a sorte porque se eu estivesse sozinho, teria que deixar uma de vocês. Não iria conseguir sozinho, você entende?

— Sim.

Ele a abraçou.

— Você quer que eu chame um médico? Estou te achando esquisita. — Ele fitou-a nos olhos.

— Eu estou bem — ela disse antes de sentir outro enjoo.

Dario olhou-a preocupado ao vê-la correr para o banheiro. Ele a viu vomitar outra vez e disse com firmeza:

— Estou ligando para o médico.

— Não! — ela gritou. — Não. Eu vou ficar bem.

Ele ajudou-a a se levantar.

Ela olhou para ele, esperando que fosse surtar.

— Dario... Eu...

— O que foi?

— Eu estou bem. Eu só acho que estou... grávida.

Dario ficou mais branco que um papel. A menção da palavra grávida quase o fez ter uma parada cardíaca. Seu coração começou a bater rapidamente e sua garganta secou no mesmo instante. Ele queria falar algo, mas estava completamente atônito.

— Eu não tenho certeza, mas... os sintomas estão bem parecidos com os de uma grávida — ela

concluiu.

— Vo-Você não tem certeza? Quer dizer... você está mesmo grávida? Grávida? Puta que pariu! Eu vou ser pai? Jura?

— Não surta, amor, por favor. Eu não tenho certeza.

— Eu vou ligar para o médico. Ele deve saber o que fazer nessas condições. Quero saber se o nosso filho está bem. Será que ele está bem? Você levou um susto e ele pode não estar bem.

— Dario... — Ela sorriu. — Eu só estou enjoada e preciso de um banho para dormir.

— Tá legal. E o que eu faço?

— Se acalme primeiro. Você está pálido.

— Eu estou surpreso.

— Eu sei.

— Quer dizer, sei que estávamos tentando um bebê, mas isso foi rápido. — Ele sorriu.

— É.

Ele a puxou contra si e foi despindo-a lentamente. A colocou na banheira e a ajudou tomar banho. Nenhum dos dois disse uma palavra. Ela fez suas higiênes e foi até ele. Dario ainda estava um pouco atordoado.

Ele a secou e a ajudou a caminhar até a cama. Depois foi até o *closet* e pegou a calcinha e a camisola dela.

— Deixe-me ajudá-la — ele disse colocando nela a calcinha cor-de-rosa. Ela estava deitada na cama com a cabeça apoiada sobre o travesseiro.

Ele terminou de vesti-la, se abaixou até o ventre dela e ficou ali distribuindo beijos.

Ela riu.

— O que está fazendo?

Ele levantou a cabeça.

— Beijando o nosso filho. Ele levou um susto hoje e deve estar com medo. Só estou fazendo com que ele se sinta seguro aí dentro e que saiba que estou aqui para cuidar dele e amá-lo.

— Dario... — ela sussurrou. — Nós não temos certeza ainda.

— Você está sim. Eu posso sentir — ele sussurrou no ventre dela.

Ela sentiu algo molhar sua barriga até que percebeu que ele estava chorando.

— Você está chorando...

Ele se ergueu até ela e a beijou.

— Não sou menos homem por isso. Eu só estou... emocionado — ele sussurrou.

Ela riu.

— Você nunca será menos homem para mim. É até fofo vê-lo emocionado. Você é sempre durão.

— Eu sou um homem feliz, amor. Você está me fazendo o homem mais feliz do mundo. Eu nem sei se mereço tanto.

Ela alisou seu cabelo e o acariciou no rosto.

— Merece muito mais do que isso. Eu te amo e estou feliz de ter um pedacinho de você dentro de mim.

Ele sorriu secando suas lágrimas.

— Prometa-me que nunca mais irá se colocar em risco? Eu vou surtar se acontecer algo com vocês dois.

— Eu prometo. — Ela o beijou.

Dario se jogou ao lado dela e a puxou para ele.

— Preciso comprar um pônei.

— Pônei?

— É, um pônei. Nosso filho vai precisar aprender a andar a cavalo. Um pônei parece bom para começar.

Ela gargalhou.

— E se for uma menina?

Dario pensou por um longo tempo.

— Teremos que encontrar um cor-de-rosa. — Ele riu.

Ela não aguentou e gargalhou até que ficou sem ar.

— Você será um ótimo pai.

— Já disse o quanto te amo hoje?

— Não.

— Eu te amo, meu amor. Muito...

Ele a beijou de um jeito terno e apaixonado, fazendo carinho em sua barriga.

No chalé, Melanie havia acabado de tomar banho e Taylor havia feito um curativo em sua cabeça.

— Foi superficial. Não precisa de ponto.

— Aqueles idiotas — ela resmungou.

— Tive vontade de matá-los.

Ela olhou para ele, sentado no sofá ao seu lado.

— O que fazia com uma arma?

— Eu tenho licença para usá-la. Sou precavido. — Deu de ombros. — Tem certeza de que está bem?

— Sim, obrigada. Agora preciso ir.

Taylor pegou em seu braço assim que ela se levantou.

— Espere!

Ela olhou para ele.

— Fique! Eu quero que fique aqui, comigo.

Ela ficou surpresa.

— Quer?

— Quero.

— E-eu não posso.

— Olha, eu sei que a tenho evitado. Eu...

— Bom, preciso ir. Dario deve estar furioso e não quero deixá-lo ainda mais irritado.

Taylor ficou decepcionado pela recusa dela.

— Eu levo você.

— Obrigada.

Os dois saíram do chalé para a mansão. Assim que chegaram, ele saiu do carro e abriu a porta para ela.

— Precisa de ajuda para entrar?

— Não. Eu estou bem. Boa noite, Taylor. Obrigada por me salvar hoje.

Ele olhou para ela, fitou seus lábios e salivou de vontade de beijá-la.

Ela virou as costas, mas ele não podia ir embora sem antes dizer a ela o que estava entalado em sua garganta.

— Melanie...

Ela se virou para ele.

— Você não está com o Jackson?

— Você sabe que não.

— Eu... Droga, eu...

— Boa noite, Taylor — disse e se virou.

Taylor correu até ela e a puxou para seus braços. Sem dar a ela a chance de se afastar, a beijou desesperadamente. Ela correspondeu ao beijo e enlaçou os braços em volta do pescoço dele. Taylor a suspendeu do chão pegando-a pela cintura e a agarrou pelas coxas fazendo com que suas pernas ficassem em volta dele. Ele a segurou pela bunda e interrompeu o beijo. Ofegante, disse:

— Eu quero você pra mim. Você me deixa louco e não consigo mais ficar longe de você.

Ela sorriu.

— Eita! — A voz de Johnny disparou tão alta que ele automaticamente a soltou no chão. — Vocês dão sorte que não foi o Dario quem viu essa cena. Cuidado, hein? Com certeza, ele mataria os dois sem nem pestanejar. — Ele riu e passou por eles dando um tchau.

Melanie riu.

— Você está certo de que quer ficar comigo?

— Sim... E sem relacionamento aberto. Sou extremamente ciumento e tenho porte de armas.

Ela gargalhou.

— Eu sou ciumenta também. Não tenho armas, mas tenho garras. — Ela mostrou suas unhas grandes.

— Vai me arranhar na cama? Hum... Gostei.

Ele a puxou para beijá-la.

— Nada disso. Não vou ficar com você enquanto não pedir oficialmente a minha mão em namoro para o meu irmão.

— O quê? Está falando sério? Ele me odeia.

— Então, faça-o gostar de você e o convença de que está apaixonado por mim.

— Ele não vai aceitar.

— Eu não quero ficar às escondidas com você. Quero que todos saibam que sou sua e que você é meu.

— Você é minha, é? — Ele sorriu.

— Desde o momento em que te beijei pela primeira vez, eu soube que estava perdida. E eu falei a verdade. Nenhum outro homem me tocou depois de você, Taylor. Se eu não puder tê-lo, não quero outro.

Ele a fitou nos olhos e viu sinceridade em suas palavras.

— Eu estou apaixonada por você, mas quero que nossa relação seja conhecida por todos. Não quero ter que me esconder.

— Está certa. Vou falar com seu irmão amanhã mesmo.

— Vou esperar. Boa noite.

— Boa noite.

Ela sorriu para ele e entrou.

Capítulo 21

CONFLITOS

O sol brilhava no céu quando Dario despertou. Olhou para o lado e sorriu ao vê-la dormir tão tranquilamente. Ele se aproximou dela, afastou uma mecha de cabelo que cobria seu rosto, deu um beijo em seu rosto e sussurrou:

— Eu te amo!

Ela permaneceu imóvel, dormindo tranquilamente. Ele ficou observando-a dormir e contemplando como era tão linda. Acariciou o rosto dela e sua barriga. Dario ainda estava em êxtase ao saber que seria pai. Nenhum medo passou por ele. Sempre havia sonhado com o dia em que isso aconteceria e sorriu ao saber que suas expectativas não eram nada em comparação com a realidade. Ele estava num nível máximo de felicidade e, pela primeira vez, se sentiu completo. Ela o fazia feliz e ele faria o que fosse para fazê-la tão feliz quanto ele.

Dario se levantou e foi tomar um banho. Ao entrar no quarto, sorriu para ela, que estava sentada na cama, acordada.

— Bom dia, amor. — Ele a beijou.

— Bom dia.

— Como está se sentindo?

— Melhor.

— Eu queria ter trazido seu café da manhã na cama, mas eu prefiro que façamos isso juntos com todos para que eu possa dar a boa notícia a eles.

— Dario... Eu disse que não tenho certeza.

— Pois eu tenho. Vou chamar um médico para fazer um exame em você. Só que não me aguento de felicidade aqui, preciso compartilhar isso o quanto antes.

Ela riu.

— Tudo bem. Me espere, vou tomar uma ducha rápida e descemos juntos.

Assim que ela terminou, os dois se trocaram e desceram para tomar o café.

Ryan, Johnny e Melanie estavam sentados à mesa. No batente da porta, encostado, estava Taylor, vestido com uma camiseta verde e jeans claro.

— O que ele faz aqui? — Dario perguntou franzindo o cenho.

— Bom dia pra vocês — Ryan disse.

Dario puxou a cadeira para Helena se sentar e, então, se sentou ao lado dela.

O cheiro de bacon a deixou enjoada.

— O que foi? Está se sentindo mal?

— Não, é só... o cheiro.

— Vera, tire o bacon de perto dela, por favor.

Taylor olhou para ela com o cenho franzido.

— Está tudo bem? — perguntou ganhando a atenção de todos.

— Ela está ótima. — Dario disparou. — Aliás, o que faz aqui mesmo?

— Preciso falar com você.

— Espere-me no *haras*.

— Tem que ser agora.

Melanie ficou apreensiva e Dario percebeu algo entre os dois.

— Isso vai ficar interessante. — Johnny riu.

Taylor foi até a mesa e se serviu de um pouco de café. Dario teve vontade de voar nele, mas se conteve para não deixar Helena nervosa.

— Bom, já que estão todos aqui, preciso dizer a vocês que um novo membro da família está a caminho. — Sorriu pegando na mão dela. — Ainda é cedo, mas ele deve chegar daqui a nove meses.

Taylor cuspiu o café longe, enquanto os outros olhavam para os dois boquiabertos.

— Você vai ser pai? — Ryan perguntou espantado.

— Sim.

— Nossa! — Johnny sussurrou.

— Ryan, preciso que cuide de tudo pra mim, pois irei tirar dois dias de folga, licença-paternidade.

Taylor olhou para ele, indignado.

— Licença-paternidade é só após o bebê nascer — bufou.

Dario olhou para ele.

— Vem cá, te perguntei alguma coisa? Aliás, não sei nem o que faz aqui.

— Dario, por favor — ela pediu a ele.

— Parabéns, irmão, fico feliz por vocês — Ryan o cumprimentou com um forte abraço e fez o

mesmo em Helena. Johnny fez o mesmo, mas Melanie ainda estava parada em seu lugar.

— Quem diria, hein? Fique o tempo que quiser. Eu cuido de tudo. Bom, vamos comemorar isso à noite, vou comprar cervejas e vamos encher a cara. — Eles riram.

Ryan se despediu e Johnny foi logo atrás.

— Mais um Dario na fazenda? Cara, preciso me mudar logo. — Johnny riu falando enquanto caminhou para fora.

— Melanie, pode nos dar licença, por favor? — Taylor foi até ela e puxou-a da cadeira. — Me espere lá no chalé. Daqui a pouco, vou ao seu encontro.

— Ela não vai a lugar nenhum.

— Vá, por favor — Taylor pediu e beijou-a deixando Dario nervoso.

Assim que ela saiu, ele falou:

— O que pensa que está fazendo? Já disse que te quero longe dela — disse entredentes.

— Eu a amo e vou ficar com ela, quer queira quer não! — Ele cruzou os braços. Dario foi para avançar nele, mas Helena impediu-o.

— Amor, não...

— Você viu a ousadia dele?

— Eles se amam, Dario. Deixe-os.

— Eu não vou deixar você se aproximar dela. Se insistir nisso, vou colocá-lo para fora — ele se alterou.

— Quer dizer que com a minha irmã você pode ficar?

Dario rosnou.

— Escuta aqui, não vou deixá-lo se aproximar dela. Ela já teve o suficiente de babacas para quebrar seu coração. O que vai fazer quando a sua missão acabar? Vai embora? Vai deixá-la? Acorde, Taylor! Você é um perigo pra ela. Não quero que ela sofra se envolvendo com você. Não quero que ela acabe como a sua namorada, já que não teve a capacidade de protegê-la.

Taylor olhou chateado para sua irmã.

— Contou isso a ele? Você falou dela pra ele?

— Me desculpe, eu só estava tentando dizer que você era bom pra Melanie.

— Bom? Como assim, bom? Você mesma viu ele chegando aqui todo machucado. Se enfiou num tiroteio e poderia ter morrido. Não vou fazer com que minha irmã passe por isso. Não quero vê-la chorar se você morrer. Também não quero vê-la sofrer quando você der um pé na bunda dela quando preferir sua profissão a ela.

— Ela é de maior, não precisa do seu consentimento.

— Pois eu digo que não vai ficar com ela. E se insistir, te coloco pra fora daqui.

— O que você quer? Uma garantia de que não irei deixá-la? Eu me caso com ela amanhã mesmo.

Dario ficou puto.

— Escute aqui, não brinque com a minha paciência. Fique longe dela, entendeu?

Taylor olhou para os dois e disse:

— Não vou desistir dela.

— Pois deveria, se quiser viver.

— Você desistiria da minha irmã? Já parou para perguntar a ela quando a missão acabar, o que ela vai fazer? Acho que não, e sabe por quê? Você não respeita as vontades de ninguém. Aposto que esse filho é mais um truque seu para prendê-la aqui.

— Taylor, por favor... Essa não é uma boa hora para discutir.

— Eu amo a sua irmã tanto quanto você ama a minha. Eu daria a minha vida por ela, se necessário.

Dario zombou:

— Duvido. Agora saia daqui, antes que eu perca a minha paciência.

Taylor olhou para os dois e saiu.

Helena olhou para Dario chateada. Em seus olhos, ele viu lágrimas e ficou apreensivo.

Ela se levantou da cadeira e saiu da cozinha.

— Helena, amor...

— Eu quero ficar sozinha, Dario.

— Eu não quero ele com minha irmã.

— Por que não? Eles se gostam. Será que não consegue entender?

— Eu não confio nele, droga!

— Ele já sofreu uma vez, Dario. Duvido que ele colocaria a Melanie em risco. Também duvido que ele escolha a CIA em vez dela. Antes dessa missão, eu e ele íamos pular fora. Fui eu quem fez a cabeça dele para uma última missão antes de sairmos — ela elevou a voz, chateada.

Dario tentou absorver a informação.

— Você não pode ficar nervosa. Não grite comigo.

— Não estou gritando.

— Está alterada.

— Às vezes, você é um cabeça-dura.

— Ei, amor... Só tente me entender.

— Pois eu não entendo essa sua superproteção em relação a ela. Vá trabalhar, Dario. Eu estou furiosa e não quero ficar perto de você nesse momento.

— Mas... — Ele a olhou chateado.

— Não quero. — Ela lançou um olhar duro para ele e se trancou no quarto.

— Merda!

Ele caminhou para fora, pegou as chaves da caminhonete e saiu.

Ao chegar no chalé, quase arrombou a porta de Taylor com os socos. Taylor abriu a porta e foi puxado pela camisa para fora.

— Você vai cair fora daqui agora.

— Não vou.

Melanie saiu assustada para ver a briga.

— Eu mandei você ficar longe dela — gritou.

— Vá pro inferno. Sabe que não vou sair daqui enquanto ela estiver aqui. Se eu sair, a levo comigo. — Ele estava referindo-se à irmã, mas Melanie achou que era dela que estavam falando.

Dario riu. Estava tão nervoso que seu rosto estava completamente vermelho.

— Não estava de licença-paternidade? Vê se me erra! — Taylor disse enfurecido.

— Você não serve pra ela — Dario disse entredentes.

— Sério? Engraçado, você também não serve para a Helena. Ela merecia alguém melhor do que você. Eu fico até impressionado de como consegue pensar às vezes.

— Seu filho da puta! — Dario avançou nele, porém, antes que pudesse acertá-lo, Melanie se colocou entre os dois.

— Pare! Mas que droga! Não sou mais uma garotinha, Dario. Será que não consegue ver?

— Saia da frente!

— Eu amo o Taylor e você não pode impedir isso — ela disse com firmeza.

Dario olhou para os dois e disparou:

— Ele vai deixá-la quando tudo isso acabar. E sabe de uma coisa, ficaria feliz em matá-lo por isso, só que não quero ver você sofrer.

— Acabar? Acabar o quê? — Melanie olhou para Taylor.

— Dario, não... — Taylor avisou.

— Por que não pergunta a ele? Vai descobrir que ele esteve mentindo para você esse tempo todo. Ele não está aqui por você. Nunca esteve.

— Dario — Taylor o alertou, mais uma vez.

— Você não a ama? Então, conte a verdade sobre tudo isso e deixe ela decidir se ainda vai querer você. — Dario olhou para os dois e se retirou.

— Do que ele estava falando? — Melanie perguntou.

— Seu irmão está louco de raiva.

— Não. Ele não implica com alguém sem ter um motivo, Taylor. O que é que está me escondendo?

— Melanie, a única coisa que importa é que eu amo você. Só isso. Nada mais importa. Eu não vou deixar você, confie em mim. Tem muitas coisas sobre mim que precisam ser ditas, mas esse não é o momento.

Ela olhou para ele, desconfiada.

— O que for, Taylor, pode me contar que eu vou entender.

— Eu não posso. É para a sua proteção.

— Minha proteção? O que você está escondendo? Ele sabe, não é? É por isso que ele não gosta de você?

— Droga, Melanie. Eu não posso, isso é perigoso e não vou arriscar perdê-la.

— Está certo. — Ela tinha lágrimas nos olhos. — Talvez meu irmão tenha razão. Não confia o bastante em mim? Então, talvez não devemos ficar juntos.

— Melanie... — Ele a puxou pela cintura. — Eu não posso, não agora.

— Então, quando estiver pronto, me procure.

Na mansão, Helena estava triste por Dario não se dar bem com seu irmão. Ela sabia que boa parte da implicância dele eram pelas mentiras, pois odiava mentira. Ela pegou se questionando se devia ou não falar sobre Carl. Quando tudo isso acabasse, ele acabaria sabendo e ela não sabia qual seria a sua reação ao saber que ela também mentiu para ele desde o começo.

Ela ficou horas trancada no quarto, pensando, até que alguém bateu na porta.

Ela correu em direção à porta e assim que a abriu, Melanie se jogou em sua direção e a abraçou aos prantos.

— O que foi, Melanie?

Ela se afastou.

— Por que o Dario faz isso comigo? Eu só quero ficar com Taylor e ele sempre estraga tudo.

— Não fique assim. Venha, sente-se aqui. — Ela caminhou com Melanie até a cama e a sentou.

— Dario te ama, ele só quer o melhor pra você. Eu sei que o Taylor te ama, mas tem algumas coisas que seu irmão não entende.

— Sabe? Como você sabe que ele me ama?

Ela sorriu.

— Eu vejo no olhar dele o mesmo brilho que vejo no olhar de seu irmão. Eu sei que o Dario faria qualquer coisa por mim e, acredite, Taylor faria qualquer coisa por você também.

— Eu não sei. Acabamos de ter uma discussão. Dario disse algumas coisas estranhas e Taylor não quis me dizer o que era. Ele não confia em mim.

— Seu irmão é muito protetor.

— Dario é um chato. Ele está feliz com você, e agora vocês terão um bebê. Por que ele não pode me deixar ser feliz também?

Ela suspirou.

— Não dê ouvidos ao Dario. Não deixe que isso afaste você do Taylor. Ele te ama.

— Acho que tem alguma coisa que meu irmão descobriu sobre ele. Mas nenhum dos dois me falou.

— Talvez seja para protegê-la. Tudo irá se resolver no tempo certo, Melanie.

— Eu estou precisando sair para espairecer. Não quer vir comigo?

— Melhor não. Vou ficar por aqui.

— Está chateada com ele também, não é?

— Vai passar.

— Vamos comigo. Podemos ir ao *shopping* e pegar um cinema, o que acha? Compras sempre resolve nessas ocasiões. — Ela riu secando as lágrimas. — Por favor, não quero ir sozinha.

— Está bem. Deixe-me apenas trocar de roupa.

— Está certo.

Helena abriu o *closet* e pegou um jeans e uma blusa azul. Colocou a bota e passou um pouco de maquiagem para melhorar sua aparência.

— Não vamos demorar, não é?

— Não — Melanie falou.

Ela pegou o celular e digitou uma mensagem para Dario.

“Estou indo ao shopping com a Melanie. Não precisa se preocupar, voltaremos logo.”

Melanie pegou o carro de Ryan e saíram. Ao chegarem à cidade, Helena fez questão de parar em uma farmácia e comprar um teste de gravidez somente para ter certeza.

— Fico feliz por vocês dois. Meu irmão vai ficar nas nuvens quando o bebê nascer. Ele sempre quis ter um filho.

— Bom, vamos logo às compras. Não podemos demorar muito — ela disse apreensiva olhando para os lados.

— O que foi? Está procurando alguém?

— Não. — Sorriu.

O dia passou voando. Elas se divertiam no *shopping* fazendo compras e Melanie fez questão de comprar a primeira roupinha do bebê.

— É branco. Então, vai servir se for menina ou menino. — Ela sorriu para Helena mostrando o casquinho minúsculo.

— É tão lindo! — Ela ficou emocionada.

— Nossa! Olha a hora! — Melanie disse olhando para o relógio de pulso. — Está com fome? Podemos comer antes de ir.

— Sim, estou.

— Então, vamos.

Sentadas à mesa, comendo, elas conversavam sobre Taylor e Dario. Porém, não perceberam que, na mesa ao lado, um homem as observava.

Ele sacou o celular e tirou algumas fotos. Deslizou o dedo sobre a tela e discou.

— Senhor, eu a encontrei — ele disse assim que a chamada foi atendida.

— Como ela está? Onde ela está? — A voz do outro lado pareceu desesperada e aliviada ao mesmo tempo.

— Texas, Austin.

— Ela está bem?

— Me parece ótima, senhor. Só estranhei uma coisa. A moça sentada ao lado dela a chama pelo nome de Helena.

— Tem certeza de que é ela?

— Tenho, senhor. Vou te mandar algumas fotos — ele disse enviando algumas fotos que havia tirado. Ao olhar para as duas, ficou intrigado ao ver dois homens se aproximando.

— Senhor, acho que elas estão acompanhadas.

— Como assim?

— Ela está com um homem e sua acompanhante também. Eles parecem bem irritados.

— Me envie fotos deles, agora.

Discretamente, ele bateu uma foto no momento em que Dario beijava Helena e parecia irritado com ela.

Ele enviou a foto e logo recebeu a resposta.

— Siga-os. Me passe a localização deles assim que souber — o homem disse irritado e desligou.

— Dario, nós só estávamos nos divertindo um pouco — ela disse tentando conter a irritação dele. Taylor permaneceu calado e atento ao redor.

— Vamos embora. Em casa teremos uma conversa. Você me prometeu que não se colocaria em risco.

— Eu sei me defender.

— Não. Não quero discutir sobre isso, mas você está grávida. Não quero que aconteça nada com vocês dois e você não está facilitando em nada.

— Vamos — Taylor disse.

Os quatro se encaminharam para fora e entraram na caminhonete.

— Eu rodei a fazenda inteira atrás de você — disse irritado.

— Eu deixei uma mensagem.

— Ah, você deixou uma mensagem, ótimo!

— Você disse que discutiríamos isso em casa — ela bufou.

Taylor dirigia ao lado de Melanie. Ela permaneceu calada apenas ouvindo as broncas do irmão.

No meio do caminho, Taylor percebeu que estavam sendo seguidos. Ele encostou o carro num posto de gasolina, desceu do veículo e chamou por Dario.

— O que foi?

— Estamos sendo seguidos.

— Como assim? — Dario entrou em pânico.

— Não são os mesmos caras que estamos procurando. Esse parece bem amador. Talvez um detetive particular, policial, algo assim.

— Acha que procuram por ela?

— Com certeza.

— O que vamos fazer?

— Despistá-lo. Ele não pode saber que ela está na fazenda.

— O que sugere?

— Entre no carro e leve-as para casa. Vou dar um jeito nesse sujeito. Ele está estacionado do outro lado da rua. Só me dê tempo para chegar até ele sem que ele me veja. Tenta chamar a atenção dele para vocês.

— Está certo.

— Não diga nada a ela. No estado em que ela está, não é bom que fique assustada e nervosa.

— Não precisa dizer como cuidar da minha mulher — ele se irritou.

— Ah, não? Ela saiu da porra da fazenda sem você saber. Deveria estar de olho nela — Taylor ficou transtornado de raiva.

— Vá fazer seu trabalho — Dario disse entredentes e saiu em direção ao carro.

— Onde está o Taylor? — Melanie perguntou.

— Ele foi comprar algumas coisas para a fazenda.

Helena ficou alerta.

— Algum problema?

— O problema começou no momento que você saiu da porra da fazenda! — ele estava furioso e não conseguiu conter a raiva.

— Será que você não pode ser um pouquinho mais gentil com ela? Fui eu quem insistiu para que ela viesse — Melanie retrucou.

— Ah, claro. Esqueci que ela tem doze anos e não tem vontade própria — ele ironizou.

— Você é um idiota, às vezes, sabia?

Helena sabia que Dario tinha toda a razão em estar furioso. Eles seguiram de volta para a fazenda e ela permaneceu calada por todo o trajeto.

Ao chegarem, Dario a puxou pelo braço e a fez sentar-se no sofá. Ficou falando por um longo tempo como ela era irresponsável e como precisava ter mais cuidado. Enquanto eles conversavam na sala, Taylor entrou.

— E então?

— Tudo certo — ele disse para Dario.

— O que está tudo certo? — Ela ficou confusa.

— Júlia, saia dessa fazenda outra vez e eu mesmo te entregarei para a CIA. Se quer morrer, faça isso sozinha. Não arraste a Melanie para isso. — Ele estava transtornado. — Onde ela está?

— No quarto — ela falou.

Taylor subiu as escadas ignorando os gritos de Dario.

— Onde ele pensa que vai? Ele é bem abusado.

— Deixe eles dois. Ele só está preocupado com a Melanie. O que foi que aconteceu que não me disse? Por que ele estava tão irritado?

— Droga!

— O que foi, Dario?

— Havia um homem nos seguindo. Ele ficou para tentar despistá-lo.

— Oh, não! Ele me viu? Sabe que estou aqui?

— Não. Quer dizer, deve ter visto, mas Taylor não deixou que chegasse até aqui.

— Desculpe-me, eu não queria que nada disso tivesse acontecido.

— Procure me obedecer da próxima vez — ele se irritou e saiu deixando-a sozinha.

Taylor irrompeu o quarto de Melanie e fechou a porta trancando-a. Ela olhou assustada para ele.

— O que faz aqui?

Ele deu passos largos até ela, a puxou para ele e a jogou na cama.

— Você vai ligar para a faculdade e dizer que está doente. Não vou deixar que saia daqui nos próximos sete dias.

— O quê? Está maluco?

— Vai fazer o que eu mandei, está me ouvindo?

Ele olhou para ela e se aproximou, colocando seu corpo sobre o dela e a beijou.

— Você não tem medo do meu irmão mesmo, não é?

Ele sorriu.

— Nem um pouco.

Ele a beijou de novo, de forma desesperada e possessiva.

— Não vou deixar que nada aconteça a você. Só me prometa que irá confiar em mim e fazer o que te pedi. Não saia da fazenda até que eu diga.

— Por quê?

— Porque eu vou morrer se acontecer alguma coisa com você. Não posso te dizer muita coisa, mas estou aqui e vou te proteger. Você confia em mim?

Ela fitou-o nos olhos.

— Sim.

Depois de algumas horas, Taylor e Dario conversavam no *haras*.

— Precisa estar preparado se algo acontecer. Posso te dar algumas aulas de tiro.

Dario bufou.

— Não.

— Como espera protegê-la? Vai pegar um facão e dar uma de Jason? Talvez uma serra elétrica? Vi uma dessas no seu celeiro — Taylor zombou.

— Posso quebrar a sua cara.

— Você é um babaca.

— Só está aqui por causa dela, Taylor. Não teste minha paciência.

— Dario, acho que não se deu conta da situação real. A qualquer momento, na melhor das hipóteses, um grupo de russos armados até os dentes, pode simplesmente invadir essa fazenda e matar todos aqui. Até que eu consiga derrubar alguns, ela já vai estar morta. Ela e seu filho. Então, caralho, tente cooperar. Vamos deixar nossas diferenças de lado por um tempo? Vamos fazer isso funcionar. Ajude-me a fazer com que ela se lembre de onde escondeu aquele arquivo para que a CIA possa prender esses terroristas ou todos morreremos. No fim, essa nossa briga não irá levar a nada. Não vou deixar sua irmã e não vou sair daqui até que tudo esteja resolvido. Pode morder sua bunda se estiver com raiva ou pode simplesmente pensar um pouco e me ajudar — Taylor disse empurrando contra o peito dele um fuzil 762.

Dario olhou para a arma e disse:

— Ela usa isso aqui?

Ele franziu o cenho.

— Hum, ela gosta de fazer os marmanjos sofrerem antes. Mas, sim, ela sabe usar uma dessas.

— Não quero que meu filho use essas coisas. Não vou deixar que ela volte a trabalhar nisso.

— Eu sei que não. — Sorriu para ele. — Conto com você para isso. Eu teria feito ela desistir antes, se soubesse que essa missão era tão arriscada. — Ele pareceu triste.

— Você gosta disso?

— Não. Eu queria cair fora, mas ela insistiu. Ela é bem difícil quando quer. Acho que é por isso que se apaixonou por você.

— Ela é teimosa.

— Assim como você.

— Tem certeza de que vocês são gêmeos?

— Posso te mostrar minha certidão de nascimento e a dela também. — Ele riu.

— Não fica todo sorridente. Agora eu tenho uma arma na mão — Dario disse apontando o fuzil para ele.

— Ohhhh. Cuidado com essa porra.

— Se machucar minha irmã, Taylor, vou me certificar de que uma bala dessas entre no teu rabo.

— Não vou. Pode deixar. Eu vou cuidar bem dela.

— Eu não estou consentindo a união de vocês, babaca. Era só para você saber. Ainda continuo achando que você não é bom o bastante para ela.

Taylor suspirou.

— Ainda vai mudar de ideia sobre mim.

— Eu duvido. Agora vamos logo. Se tenho que aprender a usar essa merda, sejamos breves. Quero voltar para os meus cavalos.

Taylor riu.

Capítulo 22

DIA DE TREINAMENTO

Taylor levantou alguns barris e os posicionou em lugares diferentes. Os blocos de feno serviam como defesa para que se escondesse.

Ele fez alguns alvos de papel com uma caneta piloto preta e olhou para ele.

— Está vendo aqueles alvos? São seus inimigos. Tem cinco deles contra você. Precisa derrubá-los antes que eles te derrubem. Preciso que corra até eles, mas em nenhuma hipótese, se mantenha na linha de tiro. Você precisa se esconder atrás do feno, levantar, atirar, correr até o outro bloco e derrubar o próximo alvo. Entendeu?

Dario olhou para ele confuso.

— Tome minha pistola, é leve e rápida. Você já pegou o jeito, então, quando a munição acabar, você insere um novo cartucho, entendeu?

— Não sou burro.

— Vai lá. Cinco alvos, vou cronometrar aqui. Já assistiu filmes de ação, não é? Esqueça aquelas baboseiras. Nos filmes, os mocinhos nunca levam tiros e derrubam uns trinta. Você não tem peito de aço, é bom sempre se lembrar disso. Mesmo usando um colete à prova de balas, você não vai sobreviver se levar um tiro na cabeça, entendeu?

Dario assentiu. Em seguida, moveu-se até o primeiro fardo de feno, escondeu-se e, ao ouvir o comando de Taylor, levantou e mirou na lata com o alvo.

— Isso aí. Mais rápido, vai! — Taylor gritou.

Dario correu até o outro fardo à sua frente e atirou no segundo alvo.

— Rola na grama, *cowboy*. Atira na porra do alvo! — Taylor gritou.

Dario praguejou baixinho. Porém, ele continuou a correr e a atirar nos alvos. No meio do caminho, a arma travou e não soube o que fazer. Ficou irritado e jogou a pistola longe.

Taylor desativou o cronômetro e bufou:

— Que porra é essa? Sabia que, se estivesse numa situação real, você estaria mais furado que uma peneira?

— Não estou numa situação real. Você me deu uma porra de uma arma com defeito — Dario disse entredentes.

— Olha pra isso. — Taylor apontou os alvos. — Disse para mirar no centro. O centro era a cabeça. Ninguém morre com tiro no pé. Minha vizinha de treze anos tem mais coordenação motora do que você.

Dario se irritou.

— Desse jeito não irá matar nem uma mosca.

— Se coloca lá no alvo para ver se não te acerto, babaca.

— Fique de olho em mim. Vou fazer para você ver como é. E a porra da arma não está com defeito. Você travou ela. Era só destravar, idiota!

— O que é? Não tenho como aprender isso em segundos.

— Ah, claro. Fala isso quando tiver um cara com um revólver na sua cara. Pede pra ele com jeitinho: “Espere um pouquinho aí, minha arma travou e não sei como destravá-la”. Seu mané, vai estar morto antes mesmo de conseguir abrir a boca.

Dario ficou enraivecido.

— Veja e aprenda.

Taylor pegou a arma, colocou o cartucho e o empurrou. Destravou a arma e saiu correndo silenciosamente. Dario o observou caminhar com precisão e atirar nos alvos. Seus passos eram firmes e seu foco se manteve nos alvos a todo momento. Ele rolou na grama, se escondeu nos fenos e Dario riu da interpretação dele. Realmente, parecia que estava vendo um filme de ação.

Quando terminou com o quinto alvo, ele disse:

— Viu? Usei apenas cinco balas. Cinco alvos, cinco balas, cinco balas, cinco defuntos. Atirei na cabeça. Em dez segundos — ele se gabou.

— Falou, James Bond.

— Agora é a sua vez. Sairemos daqui quando você acertar esses cinco alvos em dez segundos.

Dario pegou a pistola e começou outra vez.

No primeiro tiro, ele se descuidou e correu para o segundo alvo sem se proteger.

— Tá morto, *cowboy*. Comece de novo!

Dario voltou.

— Morto! O cara do seu lado acabou de atirar na sua cabeça! — Taylor gritou.

Dario bufou e começou de novo.

— Morto! Morto! Morto! Atira logo nessa porra, Dario. Tá com medo do quê? Vamos, mais agilidade!

Dario já estava de saco cheio. Porém, voltou e fez tudo de novo. Dessa vez, ele acertou três alvos e errou dois.

— Tá melhorando! — incentivou Taylor.

— Não é mais fácil você me dar um míssil? — Dario perguntou.

— Eu não ouvi isso.

— Assim eu mato os cinco de uma vez.

— Aonde você vai conseguir um míssil, idiota?

— A CIA não tem essas coisas? — perguntou confuso.

— Vai por mim, se tivéssemos um míssil, você não estaria aqui para contar história. Eu mereço, viu? Desisto!

— Por que não estamos usando aqueles óculos e protetores auriculares para teste?

Taylor riu.

— Sério, o que minha irmã viu em você?

— Posso fazer a mesma pergunta pra minha. — Dario o encarou.

— Você acha que num tiroteio terá tempo de colocar óculos e protetores de ouvido? Agradeça se conseguir colocar ao menos um colete.

— Estou cansado. Vou para casa. Já está ficando tarde e quero saber como a Helena está.

— Está certo. Te encontro aqui à meia-noite. O próximo teste será no escuro. Precisa ter seus reflexos ampliados.

— Tá falando sério?

— Vou te ensinar táticas de camuflagem.

Dario cruzou os braços.

— Eu sei atirar. Não vou virar um veadinho me camuflando em lugar nenhum.

Taylor o encarou.

— Aqui, à meia-noite. Vamos treinar defesa pessoal e táticas de desarmamento. Precisa saber como desarmar um homem.

— Você é maluco se acha que vai me transformar em um agente. — Ele riu.

Taylor riu.

— Não sou tão pretensioso. Você demoraria uns dez anos para chegar onde estou hoje.

Dario arqueou as sobrancelhas e franziu o cenho.

— Estarei aqui à meia-noite. Venha preparado. No braço, sou melhor do que você. No final, acho que posso te ensinar a lutar mano a mano, babaca.

Taylor deu um sorriso cínico a ele.

— Já estou ansioso.

Na mansão, Helena deu um gelo nele. Sentada no sofá, ela assistia a um filme enquanto ele tentava em vão obter a atenção dela.

— Está me escutando?

— Estou.

— Então, por que não fala comigo?

— Vou falar quando parar de implicar com meu irmão — ela sussurrou.

Ele bufou.

— É sério?

— É sério.

— Ele é chato, me incomoda e se acha.

— Jura? Por que tenho a impressão de que você se descreveu?

Ele franziu o cenho.

— Me acha chato?

— E, às vezes, um pouco infantil — ela concluiu.

Dario se aproximou dela e a puxou para seu colo.

— Não estou brincando, Dario.

— E eu também não. — Ele a beijou. — Amanhã nós iremos conversar sobre você. Acho que se estimularmos a sua memória, talvez se lembre de algo importante. O que acha?

Ela ficou tensa.

— Tudo bem.

— Venha, vou levá-la para a cama.

— Não estou cansada.

— Quero que fique lá, quietinha. Vou ter que sair agora, mas não ficarei muito tempo longe.

— Vai sair? Mas são quase meia-noite.

Ele sorriu.

— Vou ter algumas aulas de “simpatia” com seu irmão.

Ela piscou.

— O quê?

— Eu e ele estivemos a tarde toda no lago. Ele me ensinou a atirar e agora quer que eu tenha aulas de camuflagem e como desarmar alguém. — Ele riu.

— Não está falando sério!

— Estou sim. Agora me fala, quem é o chato?

— Dario, não precisa fazer isso. Não quero que se machuque. Meu irmão é louco! Ele não pode ficar brincando com isso. — Ela ficou agitada.

— Ele só acha que eu preciso aprender a me defender, caso tenha uma invasão alienígena aqui — gargalhou.

— Isso não é brincadeira, Dario. Esses russos são perigosos.

— Eu também sou. Acredite. E nem preciso de uma arma pra isso — ele disse sério. — Porém, se seu irmão faz questão, vou lá aprender.

— Tenha cuidado.

— Vou ter. Te amo! — disse e a beijou.

Ele pegou as chaves do carro e saiu para o chalé onde Taylor estava.

Ao chegar, bateu na porta e esperou.

Taylor abriu logo após, com cara de sono.

— Vai me dizer que estava dormindo?

— É, eu estava. — Olhou para o relógio de pulso. — Ainda faltam dez minutos.

Dario bufou.

— Eu tenho uma mulher grávida em minha cama me esperando. Será que podemos começar isso logo?

— Claro.

Taylor entrou, pegou duas pistolas e saiu.

— Aqui — disse jogando a pistola para Dario.

Taylor seguiu na frente caminhando para os fundos do chalé. Entraram no meio da mata até chegarem perto do lago.

— Só espero que não esteja planejando me matar e desovar meu corpo por aqui — Dario disse.

— Até que você me deu uma excelente ideia. — Taylor riu. — Aqui está ótimo. Peguei os silenciadores para não fazer barulho.

— Vamos começar isso logo. O que vai ser?

— Vou te dar umas dicas de autodefesa. Eu sei que você é forte, sabe dar uns bons socos. Só precisa ter reflexo e habilidade para se defender caso alguém o acerte desprevenido.

— Hum... — Dario revirou os olhos.

— Eu vou te dar um soco.

— Vai tomar dois — ele disse entredentes.

— Pare de ser besta. Eu vou te dar um soco. Quero ver o seu reflexo.

Dario se colocou na posição de autodefesa e esperou pelo ataque. Quando Taylor tentou acertá-lo, Dario se esquivou e o derrubou na grama dando uma rasteira.

— Porra! — Taylor gemeu. — Não é pra levar tão a sério — disse se levantando. — Tá legal. Você sabe o que fazer caso alguém te pegue por trás e tente te asfixiar com o braço?

Dario riu internamente. É claro que ele sabia, mas deu uma de mané.

— Não.

— Então, assim que você for surpreendido por alguém, e ele colocar o braço em volta de seu pescoço, você não pode se desesperar. Isso vai causar a sua asfixia e sua morte.

— Sei. — Dario tentou não rir.

— Você vai pegar nos braços dele e colocar seu queixo para baixo para que ele não toque sua garganta. Vai flexionar as pernas e as manter fixas no chão. Nunca deixe o inimigo desestabilizar você e nem te desequilibrar. Então, você se agacha e o puxa para sua frente fazendo-o cair. Aí você acerta ele, que estará estirado no chão.

— Certo.

— Agora se o cara te pegar de frente, e vir com as mãos em sua garganta, você usa um de seus braços. Leve o cotovelo dando uma porrada nos braços dele empurrando-os para baixo, e assim que conseguir, use o mesmo braço para acertá-lo na cara. Abaixar o cotovelo nos braços dele e ergue para dar uma cotovelada ao lado da face do seu agressor.

— Entendido.

— Vamos tentar, então. Não vou dizer para você quando vou te acertar. Seria legal se você desse uma volta na mata. Assim te pego desprevenido.

— Tudo bem — Dario disse dando um pequeno sorriso.

Dario se afastou. A noite estava fria e o lugar era somente escuridão. Apenas os barulhos das cigarras ecoavam pela noite. Ele espanou alguns vaga-lumes e ficou atento a tudo à sua volta. Não ouviu nenhum passo e nenhum sinal de Taylor. De longe, ele conseguiu ver o telhado dos chalés. Ele continuou a caminhar tentando não fazer muito barulho.

Minutos depois, foi surpreendido por Taylor que o agarrou por trás numa agilidade impressionante. Dario fez como sabia. Bloqueou sua investida e o lançou para o chão.

Taylor caiu de costas no chão e gemeu com o choque.

— Porra, *cowboy*, você é forte mesmo! — Taylor riu.

— Não estava brincando quando disse que posso matar um somente com as mãos.

Ele estendeu a mão para Taylor se levantar.

— Sabe lutar?

— Sim. Fazia Krav Maga. Parei há alguns anos. Agora treino na academia de casa mesmo.

— Krav Maga? — Taylor se surpreendeu. — Então, você consegue desarmar um cara?

— Sim.

Taylor franziu o cenho.

— Surpreso, James Bond?

— Claro. Não é sempre que me deparo com um Bruce Lee — ele zombou.

Dariu riu.

— Não sou um Bruce Lee. Krav Maga é apenas para defesa pessoal, não é uma arte marcial.

— Eu sei. Só estava te zoando.

— Me diz que acabamos por hoje. A Helena não está nada bem, não quero deixá-la sozinha.

— Vai lá. Amanhã treinaremos mais tiros, já que você está em forma.

Dario riu.

— Como agente, você é mais simpático do que quando está querendo minha irmã.

— Você até que não é de todo um imbecil. Serve para alguma coisa.

— Ainda sirvo para chutar a sua bunda.

Taylor riu.

— Até amanhã — disse Taylor.

No chalé ao lado, Ryan beijava Paige.

— Não ia ter a comemoração do bebê hoje?

— Não. As coisas estão feias para o meu irmão. — Ryan riu se afastando dela.

— Por quê?

— Sabe como é o Dario. A Helena é uma santa por aguentá-lo.

— Acho o amor deles tão lindo. Eles foram feitos um para o outro.

— Mas ele precisa aprender a deixar a ignorância de lado. Eu sei que também me esquento às vezes, mas ele é demais.

— Verdade.

— Bom. Vou para casa. Amanhã acordo cedo.

— Amanhã é domingo!

— Mas prometi que ajudaria o Taylor a lavar os cavalos. Dario agora está todo, todo, tirou licença-paternidade. — Ele riu.

— Seu irmão é uma figura. Ele será um pai zeloso.

— Tenho dó do bebê, isso sim. A criança não vai poder nem cagar direito que ele vai surtar.

Paige gargalhou.

— Por que não dorme aqui? — ela perguntou puxando-o contra ela e instigou-o dando beijos em seu pescoço.

— Não é certo.

— O que não é certo? Você dormir ao meu lado?

— Nós já conversamos sobre isso, Paige. Eu prefiro levar isso devagar. Quando eu me deitar na cama ao seu lado, será como seu marido. Não estou brincando quando digo que sou diferente dos outros caras.

Ela fitou-o nos olhos.

— Não sente vontade? Não sou atraente pra você?

Ele a beijou.

— Claro que é. Não imagina o esforço que faço para me manter sob controle. Só que eu quero mais do que só transar com você.

Ela sorriu.

— Eu sei. É isso que o torna especial pra mim. Acredite. Vou respeitar os seus limites.

Ele levou uma mão até o cabelo dela e a puxou pela nuca com firmeza.

— Você é minha e eu sou louco por você. Não quero que duvide disso.

— Não vou.

Eles se beijaram e Paige sentiu seu corpo queimar. Ryan a deixava excitada só de estar perto. Olhar para ele e não querê-lo, era quase impossível. Ela acreditava que ele precisava de um incentivo maior para vencer seu trauma do passado. Alguém o havia usado de uma maneira que o deixou completamente quebrado e, por consequência, não acreditava em mais ninguém. Ela jurou silenciosamente, de forma gradativa, fazer com que ele perdesse o medo de se entregar. Ela o queria de todas as formas em sua vida, inclusive, em sua cama.

Capítulo 23

MEIO-IRMÃO

— Você vai mesmo se casar com ele?

— Vou.

— Eu ainda não te parabeneizei pelo bebê. Só me prometa uma coisa? Seja feliz. Estou contente que vou ser tio.

Helena sorriu.

— Eu serei. Max, posso te fazer uma pergunta?

— Claro.

— Como era meu relacionamento com o Carl?

Taylor se sentou ao lado dela, no lago. A tarde estava agradável.

— No começo, foi bem estranho. Acho que Carl se apaixonou por você à primeira vista. Posso não gostar do sujeito, mas preciso confessar, ele sempre cuidou bem de você. — Ele sorriu.

— Acha que ele está por trás disso?

— A CIA tem certeza. Por isso te colocou na missão.

— E como eu era com ele?

— Cega. Assim como você é com o *cowboy*. Mas diferente do Dario, você gostava do Carl porque ele era gentil, sorridente, amável... Sempre fazia suas vontades. Depois de alguns meses, você me confidenciou que estava apaixonada por ele.

— Sério?

— Sério. Acredite, quando vi você com o Dario, percebi o quão atormentada estava. Ele nunca foi o seu tipo de homem. Ele é ignorante, grosso... É desconfiado e chato. Te trata como se você fosse propriedade dele e isso me irrita.

Ela riu.

— Você não vê o que eu vejo. Dario tem um coração enorme. É protetor e gentil quando quer. Ele é intenso. Parece que todos os sentimentos dele são ampliados. É assustador e incrível ao mesmo tempo. Todas as vezes que estou perto dele, não existe nada mais ao meu redor. Eu sei que ele é difícil. Ele é como um diamante bruto. Tem que ser lapidado. E confesso que eu gosto do jeito

marrento dele. Ele me faz sentir segura.

— Eu sei como é.

— Eu o amo. Muito.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos.

— Você se lembrou de mais alguma coisa? Não vejo a hora de poder me livrar da CIA.

— Não. Quer dizer... algumas coisas. É como se eu tivesse um enorme quebra-cabeça embaralhado em minha mente.

— Você viu o arquivo? Não consegue se lembrar do que havia nele?

— Eu não cheguei a abrir o arquivo. Lembro-me de ter saído da Casa Branca após a festa e de ter ido direto pra casa. Foi tudo muito rápido. Eu deixei o Carl na festa. Inventei que estava me sentindo mal e que precisava ir para casa. Ele insistiu em ir comigo, mas eu disse que iria ficar bem. Quando cheguei em casa, os alarmes estavam desligados. Notei que havia algo errado. As luzes não acendiam e eu, que estava desarmada àquela hora, averigui a casa toda e não havia ninguém. Subi para o meu quarto, troquei de roupa e tirei o arquivo da bolsa.

— Você se lembra do arquivo, então?

— Sim, mas não me lembro o que fiz depois. Só lembro-me de estar debaixo da minha cama, estava assustada e nervosa. Apareceu um homem, o russo, me tirou de lá e me levou. Quando acordei estava naquele porão horrível.

— Você se lembra de como saiu de lá?

— Não.

— Dois dias depois, você voltou para casa. Não havia machucados em você. Carl chamou a polícia e te colocou no programa de proteção à testemunha. A CIA não conseguiu contatá-la. Havia homens fortemente armados te protegendo. E por alguma razão você fugiu de lá.

— Por que eu fugiria?

— Não sei.

— Eu me lembro de ter ligado para o Carl de Louisiana. Essas foram as primeiras memórias que eu tive após chegar aqui na fazenda. Ele queria que eu entregasse o arquivo.

— Louisiana? — Taylor pareceu surpreso.

— Sim. Por quê?

— O que Carl disse para você no telefonema?

— Nada. Pediu para que eu entregasse o arquivo. Eu liguei para pedir dinheiro a ele porque precisava fugir

— Disse sua localização a ele?

— Sim, eu estava assustada! Max, eu não acredito que Carl esteja envolvido nisso. Ele me pareceu tão assustado quanto eu. E você mesmo acabou de dizer que ele me ama. Ele não faria isso.

— Depois disso, você se lembra de mais alguma coisa?

— Não.

— Louisiana foi o local onde você foi pega pelos russos pela segunda vez. A CIA estourou o cativeiro num depósito onde havia um pequeno porão. Eles te encontraram em péssimas condições. Eles conseguiram matar três russos que estavam no depósito naquele dia. Te tiraram de lá, te deram assistência médica, tudo o que precisava. Quando você acordou, não se lembrava de nada.

Ela pareceu confusa.

— Então, vocês já sabiam sobre minha amnésia?

— Sim

— Por que não me disse?

Taylor suspirou.

— A CIA acreditava que você precisava de um tempo para se lembrar de tudo. Vasculharam a sua antiga casa e a casa do Carl. Não encontraram absolutamente nada. A única esperança, era fazer você se lembrar. A ideia de deixá-la no Texas, distante deles, até que se recuperasse, foi da Morgan. Eu fui contra, só pra você saber.

— Mas... eu não entendo. Por que a fazenda? A CIA podia muito bem me proteger de outra forma.

— Os médicos disseram que você havia sofrido um estresse pós-traumático. Acharam que a pancada na cabeça e as torturas contribuíram para a perda temporária da sua memória. Ficamos dias tentando fazer você se lembrar. Te deixar na fazenda foi o plano B.

— Isso explica o porquê de meus hematomas não serem recentes. Mas eu estava com um corte na cabeça quando Dario me encontrou na fazenda.

— Eles precisavam te apagar. Half te deu uma coronhada.

Ela olhou para ele, abismada.

— Por que acharam que eu estaria segura aqui com o Dario e os irmãos? Me desculpe, mas isso é tudo tão estranho... E sem lógica.

— Morgan era amante do Sr. Craig. Pode parecer loucura o que vou dizer, mas o pai deles foi um de nós há alguns anos. Ele deixou a CIA quando Dario nasceu.

— Espere, está me dizendo que a Morgan e o Sr. Craig... — ela sussurrou perplexa. — Ele era um agente?

— Sim. Ele tinha fama de ser durão. — Ele riu. — Ela foi o motivo da sua separação quando a esposa dele ainda estava grávida da Melanie.

— Isso é uma piada, não é?

— Não. Infelizmente, não.

— Como soube de tudo isso?

— Eu questionei a sua segurança aqui. Então, a Morgan me contou toda a história dela. Ela acreditava que os irmãos iriam protegê-la.

— Por quê? Por que um defunto era amante dela? — Ela riu em descrença.

Taylor a encarou e disse num sussurro:

— Porque Dario é filho dela com o Sr. Craig.

Helena cairia se não estivesse sentada. Ela olhou perplexa para Taylor e sussurrou:

— Não é possível!

— Sim, é.

— Mas como?

— Quando Dario nasceu, Craig iria se separar da esposa para ficar com a Morgan. A mulher dele surtou, tentou suicídio e ele ficou com remorso. Depois de um tempo pediu dispensa da CIA. Ele queria cuidar do filho, já que Morgan não aceitou pedir dispensa também. Sabe como ela é, não gosta de crianças. A relação deles esfriou, eles brigaram e Craig quis tirar o filho dela. Alegou que ela o colocava em risco. Morgan é apaixonada pelo trabalho. Então, ela deixou o Dario com ele na condição de que ele nunca dissesse que ela era a sua mãe. Acho que a chegada do Dario fez com que o casamento dele ganhasse mais alguns anos de vida. A mulher dele criou o garoto como se fosse dela. Só que quando sua esposa engravidou da Melanie, Morgan voltou para atormentar a vida deles reivindicando seus direitos como mãe.

— Uau! Então, quer dizer que Dario é apenas meio-irmão dos outros?

— Sim. E você está proibida de contar isso a ele. Morgan te mata, se souber.

— Sei que isso não me interessa, mas... caramba, é a vida dele. Ele tem o direito de saber. Eu não gosto de mentir para ele.

— Não? — Taylor levantou a sobrancelha. — Por que não falou para ele sobre Carl?

— Não sei. Tenho medo de que ele não entenda.

— Sei. Mas sabendo como ele é, se ele descobrir de outro jeito que não seja por você, jamais irá perdoá-la.

— Eu também sei disso. Estou tentando criar coragem.

— Criar coragem para quê? — Dario se aproximou deles, montado em Thor.

Helena olhou para ele e sorriu.

— Nós estávamos estimulando as minhas memórias — ela disse mudando de assunto.

— Que ótimo! Alguém avanço? — ele perguntou saltando do cavalo e foi até ela.

— Pouco.

Dario a puxou para ele e a beijou.

— Acho que posso te ajudar a estimular a memória em nossa cama, o que acha?

— Uau! Eu estou aqui! — Taylor disse constrangido.

— Vamos para casa? Já estou livre e hoje seu irmão me dispensou do treinamento de choque. — Ele riu.

— Sim. Quero assistir esse treinamento amanhã.

— Vai se decepcionar. Ele é péssimo! — Taylor brincou.

Dario riu.

— Pode levar o Thor de volta? — perguntou para Taylor.

— Não vamos embora cavalgando? — ela perguntou para ele.

— Claro que não. Você está grávida. Pode colocar você e o bebê em risco.

Ela sorriu.

— Isso é verdade — Taylor concordou.

— Vamos a pé até o chalé. A caminhonete está lá.

— Ou... você pode me carregar no colo. — Ela riu se jogando nele. Ele a pegou no colo e ela colocou os braços em volta de seu pescoço.

— Aproveita enquanto ela não está gorda e pesada. — Taylor riu.

— Vou chutar a sua bunda, Max! — ela gritou.

Dario andou alguns passos com ela. Virou para trás e disse a Taylor:

— Sabe, mesmo achando que você ainda não está apto para namorar a minha irmã... ela me pediu para avisá-lo que está em seu chalé.

Taylor piscou e sorriu.

— Não se alegre, babaca, ainda estou de olho em vocês — Dario disse e saiu carregando sua mulher para longe.

Alguém tempo depois, na mansão, todos jantavam. Johnny estava feliz com algo e anunciou no meio do jantar.

— Eu tenho algo importante para dizer a todos — ele elevou a voz para que todos o escutassem.

Ryan olhou para ele e percebeu que estava inquieto com algo. Ao seu lado, estava Paige. Desde

que eles tinham assumido o namoro, não se desgrudavam.

— O que tem a nos dizer, maninho? — Melanie sorriu dando um gole em seu vinho.

— É, diz logo — Paige falou.

— Eu conheço essa cara. — Dario engasgou com sua bebida. — Não vai me dizer que você engravidou a sua namorada? — disse perplexo.

Kristen arregalou os olhos.

— Não! Não... Imagine — ela disse abismada.

Johnny gargalhou.

— Não, Dario. Ao contrário de você, eu sei o que é um preservativo. E lembro-me muito bem que você também sabia o que era — ele alfinetou.

Todos riram.

— Eu já estou velho — ele resmungou. — Já estava na hora de ter um filho.

Helena riu.

— Achei que quisesse ter um filho porque me amava e não porque você está velho.

— E eu te amo, meu amor. — Dario a beijou.

— Tudo bem, posso falar? — Johnny gritou em meio às gargalhadas.

— Desembucha, moleque — Dario falou.

— Bom, quando estávamos no Dickson, nesse final de semana, aconteceu algo. Claro que nenhum de vocês poderia saber, pois estavam brincando de *Power Rangers* no estacionamento do bar.

Dario o chutou por debaixo da mesa.

— Porra, Dario!

— Fala logo, Johnny! — Ryan gritou.

— Então... como eu estava dizendo... Enquanto vocês estavam lutando por suas mulheres como seres selvagens — Ele riu. —, eu recebi uma proposta.

Todos ficaram quietos e atentos a ele.

— Que proposta? — Ryan perguntou.

— Havia um caça-talentos no bar naquele dia. Ele me entregou um cartão e me propôs que fosse para Nova Iorque fazer um teste para uma gravadora. Ele quer produzir o meu primeiro CD. Vou ter que morar em Nova Iorque por um ano.

Dario ficou boquiaberto. Ryan ficou calado e também não soube o que dizer. Melanie abriu um sorriso imenso e pegou nas mãos de Kristen, que olhava chateada para Johnny. As lágrimas

escorreram por seu rosto e num rompante, ela se levantou correndo e saiu para fora da mansão, chorando.

Johnny ficou paralisado vendo-a fugir.

— Ela não sabia disso? — Ryan perguntou para ele.

— Não. Deixei para contar quando todos estivessem juntos. — Ele ficou confuso.

— Você vai deixá-la aqui? — Dario perguntou.

— Claro que não, o que te faz pensar que a deixaria para trás? — Ele franziu o cenho.

— Talvez o mesmo que a sua namorada. Ela não me pareceu muito feliz — Helena falou. — É melhor ir atrás dela.

Johnny se levantou e correu atrás de Kristen.

Ela corria em direção aos chalés, a pé, arrasada. Ela acreditava que Johnny a amava e que agora ele estava partindo seu coração, deixando-a para trás.

— Kristen! Kristen! — Johnny gritou vendo-a correr. Ele correu mais rápido para alcançá-la. — Kristen, espere! — Ele correu e assim que a alcançou, a puxou pelos braços.

— Me solte! — ela gritou. — Você é um idiota, Johnny. Disse que jamais me deixaria e eu acreditei em você. Eu acreditei em você! — ela gritou.

— Minha ruivinha, fique calma, deixe-me falar. — Ele bloqueou suas mãos para que ela parasse de acertá-lo com socos.

Seu coração ficou apertado de vê-la chorar.

— Por que não me disse? É por isso que estava estranho naquele dia e quis voltar para dormir na sua casa?

— É. Quer dizer... Não. Eu só precisava de um tempo para pensar. E hoje eu me decidi.

Ela chorou mais ainda.

— Você poderia ter me dito. Poderia ter dito para mim que iria me deixar e que não me queria mais. Que preferiu a música a mim — disse arrasada.

Ele riu.

— O que é isso agora, Kristen? Achei que me apoiasse. Você mesma sempre me incentivou a cantar. A procurar o meu caminho. — Ele a abraçou. Ela tentou sair de seu abraço, mas Johnny era muito mais forte do que ela. — E você está errada. Não preferi a música a você. Por que as mulheres têm que ser tão dramáticas?

Ela o empurrou.

— Eu entendi, Johnny Craig. Vou pegar minhas coisas e cair fora daqui.

Ele a puxou de novo.

— Se você, minha linda dos cabelos de fogo, tivesse esperado eu falar tudo o que tinha para dizer naquela mesa, saberia que eu jamais iria deixá-la. Você é uma parte de mim, Kristen. Não posso simplesmente arrancá-la do meu coração. Uma, porque eu não quero; e outra, seria impossível.

Ela encarou-o nos olhos, confusa.

— Você... quer dizer que...

— Isso quer dizer que se eu vou para Nova Iorque, você também vai. Não ficarei longe de você. Como pode achar que eu a deixaria?

— Eu... eu... — ela ficou sem fala. Johnny limpou as lágrimas do rosto dela e a beijou.

— Nós vamos para Nova Iorque, minha ruivinha. Mas antes, eu quero saber uma coisa... — Johnny se ajoelhou na grama, diante dela e pegou em uma de suas mãos.

— O que está fazendo?

— Minha querida Kristen, a mulher mais fascinante que já conheci em toda a minha vida. Linda, fantástica, meiga, carinhosa... e a mulher por quem sou completamente apaixonado.

— Johnny... — ela sussurrou, as lágrimas descendo por sua face.

— *Shhhhh*. Ainda não terminei. — Ele sorriu. — Eu quero saber se você aceita morar em Nova Iorque comigo.

Ela sorriu largamente.

— Mas é claro!

— Mas... não a quero como minha namorada, Kristen. Quero saber se quer ir comigo como minha esposa.

Ela olhou atônita para ele.

— Você quer se casar comigo? — ele perguntou.

Kristen ficou parada, olhando para ele fixamente.

— Isso é alguma brincadeira, Johnny? — Ela chorou, emocionada.

— Eu pareço estar brincando com você? E tem outra coisa... Vamos levar o Denny conosco. Eu quero cuidar de vocês dois. Vamos ser uma família de agora em diante. Eu quero ser um bom marido pra você, mas também quero ser o melhor amigo dele, um ótimo pai e um exemplo para que, quando ele crescer, me ajude em minha banda de rock. — Ele riu.

Kristen não soube o que dizer. Era um sonho para ela. Estava emocionada.

— Meus joelhos estão doendo, querida. E, então? Oh merda, espere aí que eu esqueci de uma coisa — ele disse colocando a mão no bolso de sua jaqueta de couro e retirou um pequeno anel. — E então? Quer ser minha esposa para o resto de nossas vidas? É bom pensar direitinho, porque quanto a isso eu sou igual ao Dario. Não vou deixá-la nunca m... — Antes que ele pudesse terminar, Kristen se lançou a ele e o beijou apaixonadamente.

Os dois se afastaram ofegantes e Kristen estendeu sua mão para que ele colocasse o anel em seu dedo.

— Eu aceito, meu astro do rock. — E o beijou mais uma vez.

Ela se afastou e começou a cantar, alegre, ainda enxugando suas lágrimas:

Start spreading the news

I'm leaving today

I want to be a part of it

New York, New York

Johnny riu e a pegou no colo. Sorriu para ela e cantou junto, num dueto animado. Atrás deles, todos assistiram emocionados o pedido de casamento mais inusitado que já viram em suas vidas.

These vagabond shoes

Are longing to stray

Right through the very heart of it

New York, New York

I wanna wake up in that city

That doesn't sleep

And find I'm king of the hill

Top of the heap

— Você viu isso, amor? — Helena sussurrou para Dario, emocionada. — Você vai precisar se esforçar bastante para superar o pedido de casamento do seu irmão. Espero não ter que esperar nove meses para você fazer um pedido decente. — Ela riu.

— Sabe o que vou fazer com você agora, meu amor? Acho que vou dar uns tapas nessa sua bunda. Está muito mandona — ele gargalhou e a puxou para um beijo.

Capítulo 24

LEMBRANÇAS

Na manhã seguinte, Dario chamou Helena para uma conversa. Levou-a até a varanda da mansão, estendeu a rede e a deitou ali, enquanto se ajeitou numa cadeira de balanço.

— Precisamos conversar sobre nós — ele disse sério.

— Sou toda ouvidos. — Ela sorriu.

— Preciso que você se concentre, meu amor. Quero que você termine logo sua pendência com a CIA para que possamos viver em paz. Eu quero que consiga sua identidade de volta. Vamos ter um filho. Você precisa de cuidados médicos, ainda nem fizemos um exame para confirmar realmente se está grávida.

— Eu estou grávida, Dario.

— Eu sei disso. Também sei que mulheres grávidas precisam de acompanhamento médico. Então, por favor, faça um esforço. Eu estou aqui para ajudá-la no que for preciso.

— Eu sei que está. — Ela sorriu para ele.

— Você teve algum progresso nas conversas com seu irmão?

— Sim. Ele me ajudou bastante. Lembro-me praticamente de tudo, menos onde coloquei o maldito arquivo. Parece que um pedaço daquele dia ainda está faltando. Um pedaço bem grande.

Dario sorriu.

— Venha aqui. — Ele estendeu a mão para ela.

Ela se levantou e caminhou a passos lentos até ele. Sentou-se em seu colo e o abraçou.

— Nós vamos encontrar um jeito de fazer você se lembrar.

— É tudo o que eu mais quero.

Eles se beijaram.

— Me diz uma coisa, seu irmão disse que foi a CIA quem a colocou aqui. Por quê? Achei que eles tivessem seus próprios meios de proteger uma vítima ou seus agentes — disse confuso.

— Eles acreditavam que aqui, sem muita pressão, eu recuperaria minhas memórias mais rápido. — Ela deu um sorriso fraco.

— E por que você não teve lembranças de estar com eles quando acordou? Taylor disse que

ficaram alguns dias com você para ver se lembrava de algo.

— Não sei. Talvez a pancada que levei na cabeça contribuiu, ou apenas estava tudo confuso. Quando acordei, minha cabeça estava uma bagunça, e não que estivesse completamente vazia. — Helena sorriu. — Eu só não conseguia ter lembranças coerentes. Estava tudo lá de alguma forma, só que misturados. Como um quebra-cabeça. Estava fraca. Taylor disse que eu não comia direito no hospital e que não me lembrava de nada. Acho que de alguma forma, eu só não queria lembrar. Não conseguia.

— Lembre-me de quando tudo isso acabar, eu ter uma conversinha com seu chefe.

— Minha chefe. — Ela riu.

— Sério? Uma mulher? Acho que, pela primeira vez, terei que quebrar minhas regras — ele gargalhou.

— Não entendi.

— Vou chutar a bunda dela, meu amor. Por mais que sua vinda para cá tenha sido a melhor coisa que aconteceu em minha vida, ainda assim não foi certo o que fizeram.

— A CIA tem um jeito estranho de trabalhar.

— Imagine se fôssemos um bando de loucos? Como puderam deixar uma agente numa fazenda cheia de homens desconhecidos?

— Talvez vocês não sejam tão desconhecidos. E a CIA nunca saiu daqui de perto. Estavam me vigiando o tempo todo.

Ele a encarou.

— Taylor também disse que estão nessa missão há um ano. Por que só agora conseguiu pegar esse arquivo? Ele me disse também que era para vocês estarem fora da CIA. Que você insistiu em fazer mais essa missão.

— Eu sou uma agente, Dario. Está no meu sangue. Era uma missão para proteger a segurança do país, eu queria fazer algo importante. Não tinha ideia de que seria tão arriscado, apesar de ter sobrevivido a várias missões de risco. Mas essa foi diferente, eu estava sozinha para cumpri-la. Não podíamos correr o risco dele descobrir que estava sendo investigado. — Ela se lembrou de Carl.

— Ele quem?

— Os russos — mentiu.

Dario ficou quieto por alguns minutos, olhando para um ponto fixo à sua frente.

— Você tinha alguém em Washington? — ele perguntou. Afinal, ele precisava saber, ainda mais agora que ela já havia recuperado uma boa parte de sua memória.

Helena ficou tensa. Suas mãos ficaram trêmulas e ela desviou o olhar.

— Eu tenho você. Para mim, é tudo o que importa. Você e o nosso bebezinho. — Ela sorriu

tentando dissipar sua tensão.

Ele a beijou.

— E eu estou feliz por isso.

— Agora vamos falar de você. — Ela tocou o nariz dele com a ponta de seu dedo indicador e sorriu.

— O que quer saber sobre mim? — Ele riu.

— Estamos juntos faz pouco tempo. Eu sei que você me ama, que estamos começando uma família... Só que eu não sei nada sobre você, exceto que é muito ciumento, um tanto rústico, rosna quando fica irritado e que é lindo de doer. — Ela soltou uma gargalhada.

— Eu não rosno. — Ele balançou a cabeça, indignado.

— Ah, rosna sim.

— Tá bom, talvez eu rosne, às vezes...

Eles riram.

— Não há nada para saber sobre mim. Sou um livro aberto. Te contei sobre meu relacionamento com a Georgina e sobre meus casos até que você chegou e consertou o meu mundo.

— Eu falo sobre o Dario criança. Queria saber como eram seus pais, como você se relacionava com eles.

Dario ficou tenso.

— Por que quer falar sobre isso? — Ele a soltou e se levantou da cadeira.

— Ei, não vai fugir, não é?

— Não gosto de falar da minha infância, apesar de não ter sido muito diferente da de qualquer outra criança.

— Como era seu pai?

— Vamos dizer que ele não foi tudo aquilo que eu gostaria que fosse. — Forçou um sorriso.

— Ele era parecido com você?

— Um pouco. Acho que na personalidade. — Ele baixou a cabeça por alguns segundos e depois a ergueu admirando a paisagem à sua frente. O dia estava ensolarado e fresco. Da varanda, eles conseguiam ter uma ampla visão do jardim e da piscina.

— Meus pais se separaram quando eu tinha mais ou menos uns 11 anos. Minha mãe estava grávida da Melanie de dois meses.

— Ele a deixou grávida?

— Acho que foi uma separação de comum acordo. Ambos não pareciam felizes. Mas o que eu

poderia saber? Eu era apenas uma criança.

Ela sentiu seu peito apertar.

— E sua mãe? Como ela era?

— Doce, gentil, amável... Fazia tudo o que o velho mandava. Ela o amava. Cresci ouvindo-a dizer que meu pai não prestava, que a trocou por outra mulher e a traiu várias vezes. Quando nos mudamos para Minnesota, ela logo arrumou um emprego numa escola em tempo integral. Eu tive que aprender a cuidar dos meus irmãos, sozinho. Quando ela ganhou a Melanie, achei que eu iria surtar. Eu já tinha o Johnny, que me dava um trabalho danado; porém, quando ela chegou, minha mãe teve que voltar a lecionar e deixou todo o trabalho pesado para mim. Eu me anulei por um bom tempo para cuidar dos meus irmãos. Quando ela faleceu, dois anos antes do meu pai, as coisas pioraram. Era difícil administrar tudo sozinho. Quando viemos para cá, eu tinha 25 anos. Melanie era só uma adolescente problemática. Eu os iniciei na faculdade, mas preferi cuidar do trabalho braçal na fazenda. Foi o que eu gostei de fazer. Tive que aprender na raça a cuidar de tudo e ainda encaminhá-los para ter uma vida boa. Concluindo, acho que tudo o que eu vivi, todo o esforço e trabalho que tive, compensou. — Ele sorriu. — Eu sempre impliquei com o Johnny por causa da música. Agora vejo que isso está no sangue dele, assim como cuidar dos cavalos e da fazenda está no meu.

— Não deve ter sido fácil para você. Um garoto de 11 anos ter tanta responsabilidade.

— Não foi. Minha mãe era orgulhosa, não aceitou muito a ajuda do meu pai, embora ele nunca negou em nos ajudar.

— Ele não se opôs quando sua mãe quis levar os filhos para longe dele? Você, por exemplo?

— Não me lembro. Conhecendo minha mãe como conhecia, ela jamais deixaria um filho para trás. — Ele a puxou para ele e a abraçou.

Helena suspirou.

— E a mulher por quem seu pai trocou sua mãe, você chegou a conhecê-la?

— Não. Acho que se eu a visse hoje, perguntaria apenas se valeu a pena para ela. Pois, quando minha mãe foi embora, meu pai nunca mais se casou com ninguém. Nem mesmo ficou com ela. Ele era um homem fechado, ranzinza. Não era fácil de conviver. Ele implicava mais com o Ryan. Lembro-me de uma briga dos meus pais que minha mãe o acusou de gostar mais de mim do que dele. Foi uma das poucas vezes que os vi brigar e, nesse dia, ele se descontrolou e bateu nela. Eu posso ser parecido com ele em muitas coisas, mas jamais levantaria a mão para minha mulher. Também não a deixaria ir embora grávida e com três filhos pequenos.

— Você tem uma história linda, Dario. Sei que deve ter sido difícil, mas veja onde estão agora. Seus irmãos te respeitam e têm em você um modelo em quem se espelhar. Eles sabem que você daria a vida por eles. Ao contrário de mim e Max, não tivemos instrução de ninguém. Nossos pais morreram cedo. Eu e ele sempre nos virávamos sozinhos. Juramos proteger um ao outro. Apesar de termos pais meio loucos, sabíamos que eles nos amavam da maneira deles. Antes de morrer, ele pediu para que meu irmão me protegesse com a vida. — Ela riu. — Ele é até um pouco exagerado quanto a isso.

— É. — Dario riu.

— Sabe... Eu acho que você deveria procurar saber mais sobre o seu pai — ela disse olhando para ele.

— Por que diz isso?

— As pessoas nem sempre são como imaginamos. Você pode se surpreender. Você ficou tão distante dele por tanto tempo... Mesmo com todos os defeitos, ele era seu pai. Acho que seria legal você procurar saber mais sobre ele. Já parou para pensar que talvez sua mãe não tenha dito toda a verdade para vocês? Toda a história tem dois lados, Dario. Sua mãe passou anos contando a versão dela.

— Como vou saber a versão dele, se ele está morto? — Sorriu.

— Os amigos, vizinhos ou até mesmo a mulher por quem ele trocou sua mãe estão mortos?

Ele franziu o cenho.

— Não sei. Como vou saber?

— Perguntando, Dario. Pergunte para um tio, tia... Sei lá. — Ela ficou apreensiva. Seu coração se apertou por não poder compartilhar o que sabia com ele.

— Não tenho nenhum interesse em saber sobre nada da vida do meu pai. Ele está morto, todo o seu passado foi junto com ele.

Ela sorriu, mas o sorriso não chegou até seus olhos. Ela estava triste. Como ela poderia destruir a memória de uma mulher que lutou tanto para cuidar dos filhos? Ela deixou passar. Não seria ela quem revelaria esse segredo. Ele teria que descobrir por si próprio.

— Preciso sair. Tenho que ajudar o Johnny com a preparação da festa.

— Tudo bem.

Horas depois, Johnny apareceu na mansão com o carro carregado de cerveja.

— Eu ainda preferia que fosse no Dickson — ele disse chateado.

— Não vou arriscar a vida da minha mulher outra vez naquele bar. A festa aqui será um sucesso também. Você chamou todos os seus amigos. Tinha que ficar feliz — Ryan resmungou.

— Minha mulher? — Johnny gargalhou. — Está falando como o Dario.

— Vamos, ande logo. Precisamos colocar essas cervejas para gelar.

— Onde estão o Dario e o Taylor? — Johnny perguntou.

— Estão montando o palco no jardim.

— Os dois juntos?

— Sim.

— Achei que eles tivessem brigado.

— Não liga para eles. Já virou caso de família — Ryan bufou.

— De família? Como assim?

— Fecha essa matraca, Johnny. Vamos terminar logo com isso — Ryan resmungou carregando as caixas até o *freezer*.

— Acho que está tudo certo. — Kristen apareceu e abraçou Johnny.

— Oi, minha princesa. Onde está o Denny? Prometi que ele iria tocar comigo no palco. — Ele riu abraçando-a.

— Está no banho. Ele está todo animado.

— Acho que a Helena estava precisando de ajuda com os salgados. O *buffet* entregou tudo em tempo recorde, mas ela está pirando para arrumar tudo. A Paige está com ela também.

— Vou até lá ajudá-las.

Assim que Kristen saiu, Johnny terminou de encaminhar as caixas de cerveja.

Dario fez questão de dar um presente para comemorar a despedida. Havia montado um palco pequeno para que ele se apresentasse aos amigos e colocado mesas e cadeiras em volta do jardim.

— Acho que está tudo certo — disse para Taylor, que ainda ajeitava a iluminação.

— Só mais um minuto e... prontinho! Agora temos luzes no palco. — Ele apontou para o palco improvisado e iluminado.

— Ficou ótimo — Dario teve que concordar.

— Bom, preciso de um banho. Ainda vai precisar de ajuda?

— Não, pode ir. Já terminei aqui também. Vou entrar e ver se está tudo certo lá dentro.

— Está certo. Até mais.

Dario ainda ficou um tempo ali, conferindo tudo, só para garantir que nada saísse errado. Deu as costas e saiu sorrindo do jardim.

À noite, os convidados estavam animados. A maioria deles era funcionários da fazenda e alguns amigos da cidade.

Ryan e Paige namoravam sentados à mesa, juntamente com Kristen e Denny.

Helena ainda se trocava em seu quarto. Ela remoía sua conversa com Dario. Ela queria ter dito sobre Carl, mas teve medo dele não entendê-la. Dario não parecia o tipo de homem que entenderia se descobrisse que ela havia passado um ano dormindo na cama de um homem apenas para obter provas para sua missão. Apesar dela ter se lembrado que tinha sentimentos por Carl, esses eram muito diferentes dos que tinha por Dario. E ela não queria perdê-lo.

— Você está linda! — Dario entrou no quarto.

Helena se virou para ele e abriu um sorriso. Secou as lágrimas rapidamente para que ele não percebesse que ela estava chorando.

— Você também, meu *cowboy*. — Ela sorriu apontando para ele, que vestia um jeans, uma camiseta branca e uma camisa xadrez escura. E tinha um chapéu na cabeça.

Ele se aproximou, tirou o chapéu e colocou na cabeça dela.

— Eu amo você! — disse e a beijou. — Estava demorando. Vim ver se precisava de ajuda.

— Não. Apenas ajude-me a erguer esse zíper. — Ela apontou para o zíper lateral de seu vestido creme.

Ele a ajudou e a pegou pelas mãos, conduzindo-a para fora do quarto.

Ao entrarem no jardim, Johnny cantava a plenos pulmões, *It's My Life*, da banda Bon Jovi.

Todos estavam animados bebendo e cantando. Dario acenou para Ryan, sentado próximo à piscina.

Assim que a música terminou, Johnny pediu silêncio e a atenção de todos. Ele ajustou o volume do som e, então, começou a falar:

— Boa noite a todos. Hoje é um dia especial. — Ele sorriu. — Eu agradeço a todos por estarem aqui, festejando um dos dias mais felizes da minha vida. Quero agradecer aos meus irmãos por tudo que fizeram por mim, pelo carinho, pelas broncas e, principalmente, quero dizer-lhes como estou aliviado por não ter mais que limpar o chiqueiro dos porcos.

Dario gargalhou e cruzou os braços.

— E há alguém entre vocês, que me incentivou a ir atrás de meus sonhos. Alguém que desde o primeiro dia em que a vi fez meu coração bater mais forte. Eu soube naquele momento, que se eu não a tivesse, não importaria quanto sucesso eu fizesse ou teria em minha vida, porque jamais seria completo. Jamais seria feliz. Ela prendeu meu coração, no mesmo instante em que vi seus lindos cabelos de fogo. Minha princesa Kristen, eu dedico essa música a você.

Johnny jogou um beijo em direção a ela e começou a tocar e cantar *Forever*, do Kiss.

I gotta tell you what I'm feeling inside

I could lie to myself, but it's true

There's no denying when I look in your eyes

Girl, I'm outta my head over you

I lived so long believing all love is blind

But everything about you

Is telling me this time it's

Forever, this time I know

And there's no doubt in my mind

Forever, until my life is through

Girl, I'll be loving you forever

Kristen subiu ao palco e ficou ali, ao lado dele, enquanto cantava para ela, fitando-a nos olhos.

Ryan puxou Paige para dançar ao mesmo tempo que Dario também arrastou Helena.

— Não querendo decepcioná-la, mas é impossível concorrer com isso. — Dario riu. — Eu sou um péssimo cantor e também não sou bom com palavras românticas.

Helena olhou para ele e sussurrou em seu ouvido:

— A maior prova de amor que você me deu, está aqui dentro de mim. — Ela se afastou e o encarou nos olhos. — Seus olhos me dizem muito mais do que qualquer música ou palavra.

Ele acariciou o rosto dela e a beijou. Um beijo lento e apaixonado. Seus corpos balançavam juntos no ritmo lento da música. Ele afagou seus cabelos e sussurrou em sua boca:

— Espero que esteja consciente de tudo que está fazendo, pois nunca deixarei você se afastar de mim. Nunca vou deixar de amá-la. Eu morreria se você partisse. E prometo uma coisa, eu estarei onde você estiver, não importa onde. Jamais vou deixá-la, haja o que houver, estaremos juntos, para sempre.

Os olhos dela ficaram molhados.

— Você promete que nunca vai me deixar?

— Prometo — ele concordou.

Horas depois, Dario e Helena se sentaram à mesa junto com Taylor e Melanie.

— Você não desiste mesmo, não é? — Dario olhou firmemente para ele.

— Eu já disse, sou seu pior pesadelo. — Taylor riu.

— Homens! — Melanie revirou os olhos.

— Amor, vamos dar um passeio pelo jardim? Deixe os dois namorarem em paz.

— Certo — ele resmungou.

Helena fez um sinal para Taylor e Melanie achou estranho a forma com que se olharam. Eles

ficaram um tempo ali, conversando, até que Taylor inventou uma desculpa para ela e saiu à procura da irmã.

Melanie achou Taylor inquieto e misterioso. Há dias, ele vinha se comportando de maneira esquisita em relação à Helena. Ele se aproximou de seu irmão Dario para ensinar-lhe como atirar e ela não via fundamento para isso.

“Não pode ser. Será que ele está... Não. Isso é loucura”, pensou.

Ela seguiu Taylor, sem que ele percebesse, fazendo o mínimo barulho possível. Foi, então, que ela viu Helena entrar no celeiro e, em seguida, Taylor entrou. Ele fechou a porta, mas, infelizmente, não totalmente. Havia uma pequena fresta, na qual Melanie se aproveitou para bisbilhotar.

— Eu não sei mais o que vou fazer. — Ela chorava. — Eu preciso contar a verdade para ele, mas, como farei, sem que ele me odeie?

— Você precisa ficar calma. — Taylor a abraçou e Melanie ficou tensa. As vozes eram baixas, mas ela conseguia ouvir perfeitamente.

Ela chorou em seus braços enquanto ele afagou seus cabelos.

— Ei, olhe para mim. Se quiser, eu posso falar com ele. Não deixe o tempo passar ainda mais, será pior. Você sabe o quanto eu amo você. Não gosto de te ver sofrer. Não é bom para o nosso bebezinho — Taylor disse colocando a mão na barriga dela.

Melanie levou a mão à boca e seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Eu também te amo, Max. Você é tudo o que eu tenho.

“Max? Max? Que porra de Max é essa?”, pensou.

Ela observou como eles se olhavam. Havia amor entre eles. Ela sabia reconhecer.

— Temos um ao outro. Vamos enfrentar todos esses problemas juntos — ele disse e a abraçou.

Melanie ficou atônita. A raiva cegou seus olhos e seu coração ficou despedaçado ao ouvir o homem que amava dizer a outra as palavras que eram para ser ditas a ela. Principalmente sendo ela a mulher de seu irmão.

— Ela está grávida dele? — sussurrou para si mesma, abismada. Num acesso de raiva, Melanie entrou como um furacão no celeiro. Taylor olhou para ela e ficou apreensivo. Pela sua expressão de ódio, isso não seria nada bom.

Helena tentou se recompor limpando as lágrimas e se afastou dele.

— Melanie?! Isso não é o que está pensando, eu juro. Podemos explicar — ele sussurrou, mas havia desespero em sua voz.

— Eu poderia esperar isso de qualquer homem, Taylor. — Ela virou seu olhar para Helena. — Mas nunca imaginei que você fosse uma vadia — disse ao se aproximar dela surpreendendo aos dois quando lhe deu uma bofetada.

— Melanie, não! — Taylor correu para ajudar a irmã. — Você é louca? Ela está grávida! — disse desesperado.

— Vocês são dois filhos da puta! — gritou chorando. — Sabe o que eu vou fazer? Vou acabar com os dois!

Helena tentou se aproximar dela.

— Melanie, eu posso explicar, me ouça.

— Melanie, por favor, se acalme. — Taylor tentou se aproximar dela.

— Não! — ela gritou. — Não vou deixar vocês dois enganarem meu irmão como fizeram comigo.

Melanie olhou ao seu lado e pegou um machado.

O pânico se instalou em Taylor. Ela poderia se machucar e ele não se perdoaria por isso.

— Melanie, eu e ela não estamos tendo um caso, porque eu te amo. Você disse que confiaria em mim.

— Vá pro inferno! — ela gritou e saiu correndo para fora. Próximo ao jardim, ela viu o carro de Taylor. Para descarregar sua fúria, começou a lançar o machado sobre ele e a quebrar todos os vidros do carro e a lataria.

Taylor e Esther tentaram se aproximar, mas ela os ameaçava. Sua fúria estava descontrolada.

— Mas que porra é essa? — Dario gritou com os olhos arregalados. Avançou em Melanie e a desarmou. Ao seu lado, Ryan ficou paralisado.

Os gritos de ódio de Melanie chamaram a atenção deles que passavam por perto.

Ofegante, acabada e com coração destroçado, ela chorou.

— Você tinha razão, esse desgraçado não vale nada. Você sempre tem razão em relação aos caras que namoro, não é? Está contente agora? — Melanie gritou com Dario.

Ele olhou para Taylor e rosnou.

— O que foi que você fez? Eu disse que se você a machucasse eu te mataria.

— Pois pode matar a vagabunda da sua mulher também. Se você não a matar, eu mesma irei! — Melanie disse descontrolada.

— Dario, nós só estávamos conversando quando ela entrou e...

— Sua mentirosa! — Melanie avançou em Helena.

Dario a puxou para longe e gritou:

— Que porra é essa, Melanie? Ela está grávida.

— Olha, a culpa é toda minha, fui eu quem...

— Nem termine, Taylor. No momento estou tentando entender que merda toda é essa? — Dario bufava.

— O nome desse infeliz nem é Taylor. É amante dessa daí. Estavam dizendo um ao outro que se amam e que tinham que contar a você — ela disse aos prantos. — E o filho que ela está esperando é dele. Eles enganaram a todos nós.

Dario e Ryan piscaram várias vezes, perplexos.

— Ela não entendeu nada, Dario. Eu e ele estávamos conversando, mas, como ela não sabe, entendeu tudo errado — Helena disse tentando fazer com que ele entendesse.

— Eu lhe disse para contar a verdade a ela. Você viu por que eu não queria vocês juntos? Não gosto de mentiras, Taylor. Na verdade, eu odeio mentiras. Não vejo como um relacionamento pode ser construído à base delas. Boa sorte para fazer com que ela te perdoe agora — disse entredentes.

Ele olhou para Taylor chateado e caminhou em direção à sua mulher.

— Você está bem? Está sentindo alguma coisa? — Analisou-a com cuidado. — Seu rosto está vermelho.

— Eu bati nela. — Melanie sorriu.

— Eu estou bem.

Dario deu um beijo nela e Melanie, boquiaberta, gritou:

— Tô chocada com você, Dario...

— Como pode bater na minha mulher grávida? — Dario olhou para ela chateado. — Mesmo que tudo isso fosse verdade, você agiu errado. — Ele lançou um olhar triste a ela e deu alguns passos para longe.

— Isso é verdade! — ela gritou, confusa.

Dario se virou para ela e disse:

— Não. Não é. Taylor e Helena são irmãos. Mas, claro, você não poderia saber, por que ele não te contou a verdade. Como eu disse, ele nunca esteve aqui por você.

Melanie olhou para Taylor, confusa.

Dario seguiu para a mansão com Helena e Ryan estava muito perturbado para dizer qualquer coisa.

Taylor se aproximou de Melanie, mas ela o olhou com desprezo.

— Acho que precisamos conversar. Eu vou te contar tudo e, então, você vai entender.

— Seu tempo de dizer a verdade já passou, Taylor. Eu confiei em você. Porém, isso é demais pra mim. — Ela virou as costas chateada e saiu chorando, caminhando de volta para casa.

Na cidade, um homem procurava por estadia. Parou seu carro conversível em frente ao hotel e o manobrista veio auxiliá-lo.

— Boa noite, senhor.

Ele apenas balançou a cabeça.

Vestido impecavelmente com seu terno caro, sob medida, ele caminhou pelo *lobby* do hotel.

— Boa noite, senhorita... — Ele firmou a visão para conseguir ler o crachá minúsculo da moça.
— Amberly.

— Boa noite, senhor. — A recepcionista quase suspirou ao vê-lo. Lindo, elegante e com expressivos olhos azuis. Sua barba feita, mostrava um rosto liso e perfeito. Em sua mão, uma aliança enorme de ouro, indicava que era casado.

— Preciso de um quarto. O melhor que tiver. — Ele sorriu amavelmente.

— Em nome de quem?

— Carl Trainor.

A moça sorriu para ele e preencheu uma ficha. Entregou-lhe o cartão da suíte e disse:

— Suíte 348, senhor. Seja bem-vindo ao Texas.

— Obrigado.

Capítulo 25

MAIS PERTO

Taylor encontrou com Melanie no *haras* pela manhã. Ela e Jackson conversavam sobre o bem-estar dos cavalos enquanto Taylor a observava de longe. Ela sorria para Jackson, mas não estava feliz. Ele via em sua expressão. Determinado a reconquistá-la, a fazer com que entendesse seus motivos e a perdoá-lo, ele se aproximou e a chamou:

— Melanie...

Ela olhou para ele. Não estava satisfeita com sua presença.

— Será que podemos conversar?

O olhar dele era quase de súplica. Doía só de pensar que ela pudesse não perdoá-lo.

— Eu estou ocupada — disse sem encará-lo.

— Será rápido, eu prometo.

— Não temos nada para conversar. — Ela passou por ele, ignorando-o completamente.

Taylor caminhou para mais perto dela, insistindo para que o ouvisse.

— Ei, seu idiota, ela disse que não quer falar com você. — Jackson bloqueou a ida dele até ela.

Taylor olhou para as mãos de Jackson em seu braço e sussurrou de forma fria:

— É melhor tirar suas mãos de cima de mim se quiser mantê-la intacta. — A expressão de Taylor era de raiva.

Jackson soltou sua mão do braço dele.

— Dê o fora daqui antes que eu quebre a sua cara. Essa é uma conversa entre mim e minha namorada. Você está sobrando. Agora vaza!

Jackson olhou para os dois e saiu de cabeça erguida.

— Eu estou trabalhando, Taylor. Não quero falar com você. — Ela foi dura.

Melanie mal olhou para ele. Virou as costas e se afastou. Em desespero, ele a seguiu para que pudesse ter uma chance de se explicar.

Ela caminhava em direção aos chalés, onde havia deixado a caminhonete no estacionamento.

Ele a alcançou e a puxou pelo braço.

— Acho que você me deve isso — ele disse entredentes.

Ela olhou para ele com o cenho franzido.

— Devo? E o que é que você acha que eu devo a você?

Ela estava visivelmente magoada.

— Preciso que você me ouça. Eu sei que parece que te enganei, mas não foi bem isso.

— Você nem é real. Mal conheço você e ontem descobro que seu nome nem é Taylor. — Ela deu um sorriso triste.

— O que eu sinto por você, Melanie, é real. O que importa um nome?

— A confiança importa.

— Sério? Vamos falar de confiança agora? Posso te lembrar que você também não foi totalmente sincera comigo — disse exasperado.

— Solte-me. Não vou ficar aqui ouvindo merda.

— Eu preciso que me escute. Por favor — ele implorou.

Ela olhou para ele, que implorava por sua atenção através do olhar.

— Você tem cinco minutos. Porém, já te adianto, nada irá mudar. — Ela cruzou os braços.

— Venha, precisamos conversar num local mais sossegado — ele disse e a puxou para seu chalé, a poucos metros dali.

Quando chegaram, ele fechou a porta e a encarou, sentada em seu sofá. Sua postura fria o incomodou.

— Eu sou um agente da CIA e estou aqui disfarçado. — Ele fitou sua reação.

Ela o encarou paralisada.

— Certo. — Ela quebrou o silêncio depois de alguns minutos. — Eu sou o coelho da Páscoa. — Ela se levantou irritada e caminhou até a porta.

Indignado com sua impaciência, Taylor gritou:

— Você disse que iria me escutar.

Ela se virou para ele.

— Você disse que me contaria a verdade. Como quer que eu fique aqui e acredite nessa baboseira?

— Eu sou um agente da CIA e posso provar. — Ele andou a passos largos até o quarto e voltou minutos depois com seus documentos.

Melanie ficou de pé, perto da porta. A vontade de sair correndo dali, foi enorme.

— Veja minha identidade.

Melanie estendeu a mão e pegou o documento.

— Maxwell Reynes? — ela sussurrou e levantou o olhar para ele.

— Tenho 30 anos e trabalho na CIA pouco mais de seis anos. Sou de Washington, passei um tempo da minha vida no Kansas, mas atualmente moro na Califórnia.

Ela o observou falar.

— Vim pra cá para proteger a Helena. O nome dela é Júlia Reynes, minha irmã gêmea.

Melanie abriu a boca para falar, mas estava atordoada.

— Ela também é uma agente e corre perigo. Nós dois estamos aqui em uma missão. Seu irmão sabe de tudo. Ela contou há pouco tempo para ele.

— Por que não me contou? Parece que o amor de sua irmã pelo meu irmão é maior, já que ela contou para ele — disse com raiva.

— Apenas o Dario e o Ryan sabem da verdade. Queria protegê-la. Não quero que aconteça nada com você, Melanie. Aliás, com você e com ninguém da sua família.

— É por isso que estava ensinando o Dario a mexer com armas? Acha que podemos estar em perigo?

— Não. Claro que não. Estou aqui pra isso. Para protegê-los.

— Você mentiu pra mim.

— Eu não podia arriscar, Melanie. Quando cheguei aqui, nem a Júlia me reconheceu, como poderia dizer a você quem eu era?

Ela ponderou suas palavras.

— Eu confiei em você uma vez, agora preciso que confie em mim — ele disse e pegou em suas mãos. — Por favor, não duvide do quanto eu te amo.

— Você irá embora quando a missão acabar. — Não foi uma pergunta. Ela sabia que ele iria embora uma hora ou outra. Por que ficaria? Ele tinha um trabalho, uma vida fora dali que não a incluía, e isso lhe doeu. — Acho que meu irmão tinha razão quando pediu para que ficássemos longe um do outro.

— Não, não tinha. — Ele pareceu chateado.

— Você tem a sua vida, Taylor, quer dizer... Max. E não tem espaço para mim nela. Eu não vou sair dessa fazenda, minha vida é aqui. Minha família está aqui, meu trabalho, minha faculdade... Quando você terminar, irá embora para a Califórnia viver sua vida. E eu, como ficarei? — Os olhos dela encheram-se de lágrimas. Ela soltou as mãos das dele e se afastou. A certeza de que ela ficaria arrasada quando ele a deixasse, dilacerou-o por dentro.

— Sabe como nós ficaremos, Melanie? Juntos. De preferência casados e com alguns filhos

daqui alguns anos. Eu sei que o Dario não vai muito com a minha cara, mas ele terá que aprender a conviver aqui comigo, se é onde você quer ficar.

Ela virou para ele.

— Eu vou estar onde você estiver. Não importa onde, se é aqui na fazenda ou em qualquer outro lugar. Desde que estejamos juntos, nada mais importará. Eu te quero e vou tê-la — Taylor concluiu. Em seguida, se aproximou dela e a puxou contra ele. Olhando fixamente em seus olhos, ele perguntou: — E então? Já posso me considerar perdoado? Eu prometo que irei contar tudo para você desde o começo e que nunca mais irá existir segredo ou mentiras entre nós.

Ela sorriu.

— Acho que o Dario não iria se importar se construíssemos outra mansão aqui na fazenda. Sabe como é, não quero ficar viúva cedo, porque morar com ele é muito arriscado. — Ela riu em meio às lágrimas.

Taylor abriu um sorriso e a dor que sentia em seu peito se desfez como num passe de mágica.

— Isso é um sim? — perguntou radiante.

— Isso é um enorme sim. Mas podemos ir com calma. Ainda estamos no estágio do namoro. — Ela riu. — Não acho que estou preparada para me casar.

Ele riu.

— Eu aceito ser seu namorado por ora. Mas não ache que irá fugir de se casar comigo. Você é minha, e será para sempre.

Ela o abraçou e o beijou. Quando se afastou dele, Taylor acariciou seu rosto.

— Você termina a faculdade este ano?

— Sim, por quê?

— Não gosto da ideia do Jackson perto de você. Detesto aquele cara. E ele não presta para nada.

Ela sorriu.

— Ele é o único veterinário na fazenda.

— Isso não é verdade. Você também é.

— Ainda não sou formada.

— Mas será.

— Eu sei, mas enquanto isso não acontecer, infelizmente, ele terá que ficar.

— Eu posso dar um jeito nisso, usar meus contatos para encontrar outro veterinário. Um bem velho, gordo e feio, o que acha?

Ela gargalhou.

— Com ciúmes?

— Eu cuido do que é meu. — Ele encostou seus lábios nos dela, beijando-a docemente.

— Você vai continuar na CIA? Digo, mesmo estando comigo?

Ele observou a expressão dela.

— Não.

— Você desistiria de ser um agente por mim?

— Na verdade, eu já havia desistido de ser. Mas minha irmã insistiu numa última missão. Então, quando tudo acabar, nós dois estamos fora.

— E o que você vai fazer?

— Pedir um emprego para o seu irmão aqui na fazenda parece meio arriscado?

Ela olhou para Taylor e não conseguiu se segurar, a gargalhada que deu surpreendeu até mesmo a ele.

— Puta que pariu, isso me parece mais como uma sentença de morte. Ele te detesta.

— Ele não me detesta, gatinha. Na verdade, acho que ele gosta de mim. Muito mais do que imagina.

— Eu não contaria com isso. — Ela fez uma cara engraçada.

— Ele vai ficar muito sobrecarregado cuidando do filho dele. — Ele riu. — E ter mais um homem administrando a fazenda, será de grande ajuda.

— Você não tem uma profissão que gostaria de seguir?

— Passei anos no FBI e depois entrei para CIA, há seis anos. E se tem uma coisa que Dario me fez ver, é que não quero esse exemplo para meus filhos. Quero que eles tenham uma vida pacata, segura e feliz. Sem disfarces, sem perigos e, principalmente, sem levarem tiros. Quando se está nessa profissão, sempre colocamos em risco quem amamos. Eles se tornam alvos fáceis. São as nossas fraquezas. E eu jamais iria colocar você ou quem quer que eu ame na linha de fogo. Prefiro uma sentença de morte com o Dario para o resto da minha vida. Eu sei como lidar com ele.

— Eu amo você e quando ouvi tudo aquilo no celeiro, minha vontade foi de tacar aquele machado na sua cabeça.

— Uau! Quanta violência! — Ele sorriu.

— Você não imagina a dor que senti — ela sussurrou.

— Eu imagino sim, a sua dor era a minha dor. Estava desesperado achando que você jamais iria me perdoar.

— Não minta mais para mim, ok? Droga! A Helena deve estar me odiando. Dario não está falando comigo porque eu bati nela.

— Ele só estava chateado. Vai passar. Sabe o quanto ele a ama.

— Eu não deveria ter feito aquilo. Ele estava certo. Deveria ter batido em você — ela disse triste.

— E por que não fez?

— Porque naquele momento, não estava suportando nem olhar na sua cara; e tocar em você, mesmo que fosse para te dar uma surra, iria me ferir ainda mais.

— Eu sinto muito que tudo aconteceu daquele jeito. — Ele a abraçou. — Agora vamos esquecer tudo isso e seguir em frente.

— Está certo.

Na mansão, Dario preparou um chá. Helena não havia se sentido bem a noite inteira e pela manhã havia passado mal. Deitada na cama, ela esperou por Dario. Estava indisposta. Ela ficou mal pela briga entre Melanie e Taylor, principalmente porque sabia o que havia ocasionado: mentiras. Por causa da briga entre os dois, a deixou ainda mais amedrontada em falar sobre o Carl. Ela não queria perdê-lo, mas também não queria continuar omitindo essa informação. Ela estava perdida e indecisa.

— E então? Está se sentindo melhor? — ele perguntou, se sentou ao seu lado na cama e estendeu para ela a xícara com chá.

— Um pouco.

— Beba, vai te fazer bem.

Ela assentiu.

— Tem certeza de que não prefere que eu chame um médico?

— Eu estou bem, de verdade.

— Diga-me se isso mudar.

Ela assentiu.

— Como está a Melanie e o Max? — perguntou bebericando seu chá quente.

— Não sei. Melanie saiu logo cedo. E seu irmão, Deus queira que ele não cruze meu caminho hoje — disse enfurecido.

— Ele não teve culpa.

— Como não?

Ele ficou indignado.

— Sabe que era perigoso demais, Dario. Isso era para ser um segredo. Não queremos colocar ninguém em perigo.

— Segredos, mentiras... Isso acaba com a confiança e o relacionamento de qualquer pessoa. Se eu estivesse no lugar dela, jamais o perdoaria; por mais que a ame, Helena, iria me sentir traído. Eu fiquei feliz quando você descobriu quem era e me contou, mesmo contra a vontade de seu irmão. Você foi sincera e honesta comigo sobre tudo. Fico contente que tenha confiado em mim para contar.

O peito dela se contraiu de dor, porque não tinha sido completamente sincera. Seus olhos se encheram de lágrimas. Ela suspirou fundo e moveu os lábios para contar a ele que havia mais um segredo que carregava. Mas, assim que fitou-o nos olhos, teve medo de que Dario não a compreendesse e que a mandasse embora, que a tirasse da sua vida. Seu medo de perdê-lo foi maior que a coragem para ser sincera.

— O que foi? — ele perguntou olhando para a sua expressão de medo.

— Nada. — Sorriu, tentando disfarçar.

— Você tem certeza mesmo de que está bem?

— Sim, eu tenho.

Dario pegou a xícara vazia da sua mão e colocou sobre o criado-mudo. Retirou a camisa, seu jeans e deitou ao lado dela puxando-a para se aninhar a ele.

— Você não vai trabalhar?

— Claro que não. Não enquanto minha mulher está se sentindo mal. — Ele deu um beijo na testa dela carinhosamente. — Ficarei aqui cuidando de você e do nosso filho.

Ela sorriu tristemente.

— Eu amo você.

— Eu também, meu amor.

Horas depois, Johnny, Kristen e Denny, arrumaram suas malas para a viagem. Johnny estava feliz e Kristen completamente radiante. O teste seria em três dias e a viagem já estava marcada.

— Então, princesa, guardou tudo?

— Sim, está tudo pronto.

— Ótimo. Assim que voltarmos do teste, daremos entrada nas papeladas do nosso casamento. — Ele sorriu para ela, alegre.

— Não vejo a hora.

— Nossa, será irado! — Denny falou com empolgação.

— Será, parceiro. E desta vez, se eu ficar famoso, você irá em todos os meus shows. — Johnny pegou ele no colo.

— Vou poder tocar minha guitarra? Quero poder ajudar.

— Humm... Deixe-me ver... Claro que pode, garotão.

— Viu, Kristen, ele vai me deixar tocar. Também serei famoso.

Ela sorriu para ele.

— A mamãe ficaria orgulhosa de você, Denny.

— De nós. Ela também ficaria feliz que você vai se casar com Johnny. Ele é irado. Agora só falta você voltar a cantar.

— Não... Deixe isso para o Johnny. — Ela riu.

— Seu irmão tem razão. Acho que você deveria sim. Tem uma voz linda e é talentosa.

— Eu quero apenas ser a esposa que irá acompanhá-lo pelo mundo, meu amor. Iniciar uma carreira agora, só nos distanciaria.

— Nada disso. Você poderia cantar comigo. Toda banda de rock é composta por vários integrantes, e você, querida, toca guitarra como ninguém. — Ele sorriu puxando-a para ele. Com seus rostos próximos... Johnny a olhou fixamente, afagando seus cabelos vermelhos e disse: — Quero você ao meu lado 24 horas por dia. Sei que isso parece demais, só que eu não consigo mais ficar longe de você.

Ela sorriu.

— Na verdade, isso não me parece demais.

Os dois se abraçaram e se beijaram apaixonadamente.

À noite, no bar do Dickson, Carl entrou olhando com curiosidade para todos os cantos. A música alta o irritou um pouco e o cheiro de tabaco o deixou enojado. O aspecto rústico do lugar em nada combinava com ele. Trajava um belo terno escuro *Armani*, uma gravata prateada e sapatos caros; definitivamente, ele parecia uma peça perdida naquele cenário. Caminhou elegantemente, com passos firmes por todo o lugar. Analisou as pessoas que ali estavam e se assustou com o comportamento rude de alguns homens que jogavam sinuca no ambiente ao lado.

Quando terminou de inspecionar o lugar, caminhou até o bar e se sentou no banco de madeira.

— Uma dose de uísque, por favor — pediu ao *barman*.

Minutos depois, o homem lhe deu sua bebida, o encarou e perguntou:

— Você não é daqui, não é?

Carl olhou para ele.

— Não. Como sabe?

— É que está bem óbvio.

Ele riu.

— Estou de passagem. Procuro por uma pessoa. — Ele deu um gole em sua bebida.

— Austin é enorme, desejo sorte em sua procura. — O homem lhe ofereceu um sorriso.

— Obrigado.

Alguns minutos se passaram até que outro homem de terno entrou e o avistou de longe. Carl deu um aceno a ele e o esperou. Estava ansioso.

O homem se aproximou e se sentou ao seu lado.

— Sr. Trainor. — Ele lhe estendeu a mão.

— Wilson. Trouxe o que lhe pedi?

— Sim, claro. — Ele tirou de sua maleta de couro marrom um envelope branco e entregou nas mãos de Carl.

— Está tudo aí. Também conversei com o dono deste bar. Ele conhece os irmãos Craig e me garantiu que a mulher se chama Helena.

Carl abriu o envelope e olhou para as fotos. Muitas delas eram dos irmãos no bar. Havia fotos de Johnny cantando no palco, de Helena sentada ao lado de Dario e outras em momentos mais íntimos. Havia também fotos dela no *shopping* com Melanie e outra dela discutindo com Dario.

— Obrigado, Wilson. Isso é tudo.

— O que vai fazer? Ela pode estar em perigo. Esse cara pode estar mantendo-a cativa.

— Quem? Esse daqui? — Ele apontou para Dario.

— Sim.

— Mas você não disse que ele era um fazendeiro?

— E é.

— Ele não me parece um inimigo, exceto pelo fato de estar com minha mulher — disse furioso. — É totalmente inofensivo para mim.

— Isso é um pouco estranho. Se a mídia souber disso, que ela não estava se recuperando numa clínica e sim o traindo...

Carl o fuzilou com o olhar.

— Diga isso novamente e vou me certificar de que não abra essa maldita boca nunca mais. Isso deve ter alguma explicação, claro. E eu a terei assim que levá-la para casa.

— Quando pretende ir até a fazenda? Coloquei o endereço atrás de uma das fotos.

— Amanhã. Preciso resolver alguns assuntos antes. Quero levá-la para casa e mostrar para a mídia que ainda estamos juntos. Eu sei que ela me ama. Ela virá comigo.

— E por que ela fugiu de você?

— Wilson, sabe que somos amigos, mas tem coisas que você não precisa saber. Uma delas é sobre minha vida conjugal.

— Está certo. Você sabe o que faz. Bom, meu trabalho aqui acabou. Me contratou para encontrá-la e foi o que fiz. Preciso voltar para Washington.

— O dinheiro já está na sua conta.

— Obrigado.

— E Wilson... — chamou-o assim que ele virou as costas para ir embora, porém ao ouvi-lo olhou para ele. — Obrigado pela descrição.

— Somos amigos, Carl. Estou feliz que terá sua esposa de volta.

— Eu também. — Ele sorriu. — Vou levá-la para casa, de onde ela nunca deveria ter saído.

Capítulo 26

CONSEQUÊNCIAS

O sol estava radiante. Helena havia acordado disposta depois de uma noite de sono atribulada. Dario ficou relutante em deixá-la para cuidar do *haras*, mas precisou resolver um problema junto com Ryan na administração.

Animada, ela passou a manhã na piscina. Ao sair, esbarrou em Melanie.

— Será que podemos conversar? — Melanie perguntou.

— Claro.

Helena pegou a toalha na espreguiçadeira e se secou.

— Sente-se. — Apontou para a outra espreguiçadeira ao seu lado.

Melanie se sentou. Estava envergonhada.

— Eu queria te pedir desculpas por ter agido daquela forma tão hostil.

— Não precisa se desculpar — disse triste.

— Sim, aliás, já deveria ter feito isso no mesmo dia. Eu sinto muito, de verdade.

Helena a abraçou.

— Eu te entendo perfeitamente. Não precisa se desculpar.

— Max conversou comigo e explicou tudo desde o começo. Foi uma conversa e tanto.

— Você o perdoou?

— Ainda estou magoada, mas o perdoei. Afinal, eu também já cometi vários erros. Ninguém é perfeito, não é?

Sorriu.

— Acha que Dario seria tão compreensivo quanto você?

— Nem um pouco. Você fez o certo em contar a verdade para ele.

— Você acha que se eu não tivesse contado a verdade, e ele descobrisse que menti para ele, ele me deixaria mesmo estando grávida?

— É impossível saber o que ele faria. Dario é explosivo, rude, mas também tem consciência, apesar de não ser muito tolerante a mentiras.

— Mas você acha que ele me perdoaria?

— Conhecendo meu irmão como conheço, não. Mas você não tem com que se preocupar, não é? Fez o certo em dizer a verdade a ele.

— Sim.

— Meu irmão ama você, Helena. Não tem com que se preocupar.

— Sim, eu sei.

— Vou voltar para o *haras*. Preciso trabalhar.

— Tudo bem.

Melanie saiu e Helena ficou ali, em sua miséria com seu coração apertado e a dúvida martelando em sua mente. Ela começou a chorar, pois sabia que a verdade seria inevitável. Em algum momento, ele saberia a verdade e a odiaria.

— Preciso contar a ele — sussurrou. — Mas como? Eu posso dizer que estava com medo, ele irá entender.

Ela se levantou e caminhou até a mansão. Subiu as escadas e entrou em seu quarto. Tomou um banho e ficou maquinando um jeito de dizer a ele sem que a odiasse. E, de todas as ideias que teve, todas pareciam ruins.

“Como dizer ao homem que amo que sou praticamente casada com outro?”, pensou. “Principalmente ele sendo o Dario, ciumento, possessivo... Isso não vai dar certo. Mas preciso que ele saiba por mim. Será mais fácil fazê-lo me perdoar”.

Ela saiu do banho e se trocou.

Quando caminhou para fora da mansão, não havia nenhum carro para que se deslocasse até o *haras*. Inquieta, ela sentia que algo ruim estava prestes a acontecer. Seu coração ficou minúsculo e a vontade de chorar era enorme. Ela entrou de volta na casa e foi direto até o telefone. Discou o número do Dario e esperou. Ele atendeu minutos depois.

— Oi amor, o que foi?

— Dario, eu preciso falar com você.

— Diga, estou ouvindo.

— Não, eu preciso que venha para casa. Não dá para falarmos pelo telefone.

— Querida, estou enrolado aqui. Assim que eu terminar, eu vou. Vai demorar um pouco, tudo bem?

— Tudo bem.

— Eu quero que descanse.

— Tá — ela disse com um nó se formando em sua garganta. — Dario...

— Oi, amor.

— Eu amo você.

— Eu também. Agora preciso ir.

Ele desligou.

Dario olhou para seu celular, intrigado. Ele percebeu que ela não parecia bem. Por isso, voltou para seu afazer para que pudesse terminar e ir até ela.

— Taylor, preciso que você vá até a cidade pra mim, tudo bem?

— Claro.

— Traga tudo que está nessa lista. Preciso disso com urgência. Estamos tendo alguns problemas na plantação do Aloe e vou dar uma fiscalizada por lá.

— Pode deixar. Posso ir com seu carro? Sua irmã quebrou os vidros do meu. — Ele deu de ombros.

— Tudo bem. A chave está no contato — disse seco e se afastou.

Depois de algumas horas, Dario olhou no relógio. Já passava das três da tarde. Ele caminhou com Thor para fora do estábulo com a sela do cavalo em suas mãos.

De longe, Dario observou um carro conversível prata se aproximar e estacionar. Enquanto ele selava Thor, seus olhos permaneciam fixos no cara de terno que havia saído do carro. Ele franziu o cenho e, curioso, caminhou até o homem que olhava tudo com curiosidade.

— Boa tarde amigo, está perdido? — Dario perguntou analisando-o de cima a baixo. Ele julgou ser um homem rico pela sua aparência sofisticada e imponente.

— Boa tarde.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa? Essa fazenda é uma propriedade privada.

— Na verdade, pode sim. Estou procurando uma mulher, o nome dela é Esther Rothenberger.

Dario se retesou no lugar. Ele sabia que Esther era um dos nomes de Helena.

— Não há ninguém com esse nome aqui — disse com a voz firme.

O homem abriu um sorriso.

— Desculpe-me, mas obtive informações de que minha esposa estaria vivendo aqui nessa fazenda.

“Esposa?”. Ele ficou chocado.

— Veja, tenho uma foto dela. — O homem sacou uma foto do bolso de seu paletó e entregou

para Dario.

Ele arregalou os olhos ao ver que era a sua Helena. Na foto, ela estava sorrindo e feliz ao lado do homem à sua frente.

“Esposa? Porra! Isso não é possível. Será que ela não se lembra disso? Não, não... Taylor falaria se ela fosse casada. A não ser que... ela me enganou esse tempo todo!”, pensou. Sua cabeça estava um grande nó.

Dario levou a mão ao peito como se sentisse dor. Olhou para a mão do homem e constatou uma enorme aliança. Sua expressão ficou séria e ele o encarou friamente.

— Como se chama?

— Oh, desculpe minha indelicadeza, Carl Trainor.

“Carl Trainor, Carl Trainor...”, o nome martelou em sua mente.

— Venha, vou levá-lo até ela. A casa fica a uns dez minutos daqui.

— Podemos ir no meu carro.

Dario franziu o cenho.

— Vou em meu cavalo. Siga-me. — Deu as costas para ele e montou em Thor. Sua mente estava confusa e seu coração apertado. Por todo o trajeto, ele rezou para que ela tivesse uma explicação bem convincente sobre isso, caso contrário, seria o fim para os dois.

Ao chegarem, Dario entrou na mansão ao lado de Carl. Pediu para que se sentasse no sofá, enquanto procuraria por ela. Ele vasculhou a casa, seu coração palpitava e um tremor esquisito passou por ele. Ela havia saído, não estava em nenhum lugar da casa.

Ele voltou para a sala e encarou Carl. Teve que fazer um imenso esforço para manter seu controle e descobrir o que estava havendo.

— Ela deve ter dado uma saída. Não deve demorar.

— Tudo bem. Eu espero. — Carl parecia calmo e isso o irritou.

— Quer beber alguma coisa?

Dario não ofereceu a bebida porque era educado, mas sim para parecer amigável e extrair alguma informação do homem à sua frente.

— Uma água, por favor.

Dario saiu para buscar. Porém, assim que voltou, Carl disse:

— Lindo lugar você tem aqui.

— Obrigado. — Dario estendeu-lhe o copo.

— Cuida disso tudo sozinho?

— Não. Somos em quatro irmãos.

Carl se levantou e caminhou até a estante que havia na sala. Olhou as fotos e perguntou:

— É casado?

Ele ficou tenso.

— Não.

— Como disse mesmo que era o seu nome?

— Eu não disse. — Dario foi rude.

Carl sorriu.

— Dario. Pode me chamar de Dario.

— Dario... — Carl se afastou da estante e voltou a sentar-se no sofá de costas para a porta. Dario ficou de pé, pois estava inquieto demais para permanecer sentado.

— Você disse que a mulher da foto é sua esposa?

— Sim.

— Há quanto tempo?

— Mais ou menos um ano.

Dario ficou estarelecido.

— Uma curiosidade, quando disse que o nome dela era Esther, por que falou que não havia ninguém aqui com esse nome?

— Por que não há. A mulher que vive aqui chama-se Helena. Mas talvez ela tenha mentido. — Ele deu de ombros.

— Mentido? Por que mentiria?

— Não sei, diga-me você. Trocou meia dúzia de palavras e em nenhuma delas perguntou se sua esposa estava bem. — Ele desconfiou.

— Não perguntei porque eu sei que ela está. Ela me ligou dias atrás. Eu estou aqui falando e nem lhe agradei por ter cuidado de minha esposa. Ela é tudo para mim. Passei dias tentando encontrá-la desde o telefonema e... obrigado. Você não sabe o quanto estou feliz por tê-la de volta.

A dor no peito de Dario aumentou.

— Ela te ligou?

— Sim.

— Como, se ela estava sem...

Carl franziu o cenho.

— Estava sem o quê?

— É uma longa história. Ela chegou aqui sem memória e parece que ainda continua sem — disse ríspido.

— Eu estava louco sem saber onde ela estava. Fico feliz que ela esteja bem agora.

— Bem até demais — Dario sussurrou, mas Carl não pôde ouvir.

Nesse momento, Helena passou pela porta. Ela queria falar logo sobre Carl.

— Nossa, você demorou. — Ela correu para os braços dele e ele a bloqueou antes que pudesse abraçá-lo.

Ela olhou para ele, confusa. Dario a olhava com um misto de raiva, confusão e decepção.

— O que foi?

— Você tem visita. — Ele a virou para Carl. No momento em que seus olhos cruzaram com os dele, ela ficou inerte em seu lugar. Sua voz pareceu sumir e todo o chão em que pisava, pareceu se afundar.

— Esther, meu amor, eu encontrei você. — Carl correu em direção a ela, a abraçou e a beijou. Aquela cena despedaçou o coração de Dario; e ela, não esboçou nenhuma reação.

Carl alisava seu rosto, a tocava como se não acreditasse que ela estava na sua frente.

— Deus, eu senti tanto a sua falta! Depois que você me ligou, não houve um dia em que eu não dormisse pensando em você. Achei que tivesse te perdido. — Ele ainda a abraçava, distribuindo beijos em seus lábios.

Dario não suportou ver aquilo e se retirou para o quarto.

Ele fechou a porta e caminhou como um louco de um lado para o outro. Seu coração gritava de dor. Era como se alguém o tivesse em mãos e o apertasse até que ele se “dissolvesse”. Sua respiração foi ficando difícil e o ar parecia que ia sufocá-lo. Ele tentou chorar, mas estava totalmente perdido devido aos seus sentimentos confusos e embaralhados. A dor foi ficando intensa demais para ser suportada. Ele precisava descarregá-la ou, então, iria morrer.

A porta do quarto se abriu.

Ele a encarou, incrédulo.

Ela tinha os olhos vermelhos do choro recente.

— Diga-me que isso não é real e que aquele homem está mentindo sobre vocês. Diga-me que não mentiu para mim, Helena — disse entredentes. Aproximou-se dela e a segurou pelos braços, chacoalhando-a.

— Me perdoe, por favor. — Ela desabou a chorar.

Ele olhou para ela. A dor estava estampada em suas faces.

— Quer me dizer que...

— Ele está falando a verdade — ela disse. — Eu posso explicar tudo a você, só me ouça.

— Eu estou ouvindo. — Ele soltou os braços dela. Estava visivelmente magoado.

— Eu e Carl vivemos juntos há um ano. Ele é a minha missão na CIA. Eles acham que Carl está envolvido, que está roubando e vendendo informações sobre a segurança do presidente e armamento para a Rússia. Fui contratada para me fazer passar por uma jornalista, seduzi-lo e roubar o arquivo do banco de dados que comprova o envolvimento de quem está por trás de tudo isso. Quando roubei o arquivo, aconteceu tudo o que você já sabe e vim parar aqui — ela disse sem nenhuma pausa, confundindo-o completamente.

— Espere, você aceitou uma missão na qual tinha que ir pra cama com um homem e ainda fingir ser esposa dele? — Ele ficou ainda mais indignado.

— Eu precisava fazer isso.

— Precisava? — gritou. — Precisava ter me enganado também? Meu Deus! Como pude estar tão errado sobre você? Não me parecia que estava fingindo na foto que ele me mostrou, os dois praticamente aos beijos e felizes.

— É porque não estávamos — ela sussurrou entre lágrimas. — No meio do caminho, eu realmente estava envolvida por ele. Eu comecei a duvidar que ele pudesse ter feito parte de tudo aquilo.

Dario ficou paralisado.

— Quer dizer que...

— Não quer dizer nada. Eu não o amo. Você mudou toda a minha vida depois que eu te conheci — disse desesperada.

Dario ficou calado.

— Há quanto tempo se lembra disso?

— Praticamente desde que cheguei aqui. Eu me lembrei do número de um telefone, achei o Carl e pesquisei sobre ele na internet. Então, vi uma foto em que estávamos juntos e dizia que eu era sua noiva.

— Esposa — ele a corrigiu.

— Não somos casados.

— Viver junto há um ano na mesma casa e compartilhando a mesma cama, parece um casamento para mim — ele disse furioso.

— Eu te liguei de manhã para contar tudo a você. Não queria mais esconder isso.

Ele riu.

— Sei. Bem conveniente agora, não acha?

— É verdade. Sei que errei escondendo isso de você, mas eu tive medo.

Ele se afastou dela.

— Olhando para você agora, eu consigo ver o quanto é parecida com seu irmão. São gêmeos. Devia ter visto a semelhança de caráter. Vocês dois têm uma facilidade enorme de mentir e enganar as pessoas.

— Dario, por favor, eu... tive medo.

— Não diga mais nada Helena, Esther ou Júlia, seja lá qual for o seu nome. — Ele sorriu triste. — Na verdade, acho que nunca te conheci realmente. Me apaixonei por uma mulher que nunca existiu.

— Eu só tive medo de você não entender — disse entre lágrimas.

Ele olhou para ela com uma expressão triste e ferida.

— Eu não entendo. Como pode me amar, se nunca confiou em mim? Eu quero que você suma daqui.

— Não! Você prometeu. Prometeu que nunca iria me deixar — Ela caminhou a passos largos até ele e tentou abraçá-lo. Ele se afastou, porque queria mantê-la longe de sua dor e de seu coração partido.

— Isso foi antes de saber que estava me enganando esse tempo todo. Antes de saber que é casada e que seu marido está bem ali, do outro lado dessa porta, feliz por ter encontrado a mulher dele. Como acha que me sinto? Você é a mulher dele, não minha!

— Não somos casados, já disse. Só vivemos juntos e eu não o amo. — Ela foi sincera. — Por favor, acredite em mim.

— Eu quero você fora daqui agora. Não importa se irá com ele ou não. Não estou nem aí para o que irá fazer de sua vida. Está tudo acabado entre nós — disse. As lágrimas finalmente escorriam por seu rosto. — Quanto ao meu filho, não se preocupe, não vou fugir das minhas obrigações como pai.

— Não pode fazer isso comigo — disse desesperada. — Perdoe-me, por favor! Por favor! — ela implorou. — Eu estava com medo.

— Medo do quê? — esbravejou.

— De você me deixar — chorou.

— Eu estou te deixando agora. Está contente por isso? Pois eu não estou. Por que você teve que foder com tudo?

— Porque você me assusta de vez em quando. Eu não tinha certeza de que entenderia. Dê-me mais uma chance, por favor.

— Quando a confiança é quebrada, o amor também é abalado, Helena.

— Podemos passar por cima disso. O nosso amor é maior do que qualquer coisa.

— Não. Eu não posso passar por cima disso — disse irritado.

— Não faça isso, por favor. Eu não sei como vou viver sem você, eu preciso de você para respirar e continuar vivendo. Será que não entende o quanto eu te amo? — Ela chorou.

— Deveria ter pensado nisso antes de mentir pra mim — disse com frieza.

— Não posso sair daqui. Eu não sei se confio nele o suficiente para ir. Se ele estiver envolvido, ele pode me matar — ela tentou apelar para o seu lado protetor.

— Isso não é problema meu. Confiou o suficiente para se deitar na cama com ele por um ano — disse de forma fria, mas o medo estava dentro dele. Ele sabia que ela correria riscos, assim como o bebê, mas estava quebrado demais para deixá-la ficar. Estava com o orgulho ferido.

— Não está falando sério, está?

— Você é uma agente da CIA. Sabe se proteger, inclusive com mentiras. Não será difícil para você. Agora vá! — Ele abriu a porta.

Ela se aproximou dele, e tentou beijá-lo. Ele virou o rosto e ela apenas sussurrou:

— Quando você se arrepender da escolha que está fazendo, só espero que não seja tarde demais. Espero ainda estar viva para perdoá-lo, porque eu sei que você irá atrás de mim quando perceber que não importa o que fizer, pois nunca vai me tirar do seu coração. Eu sei que me ama, assim como eu te amo. E se algo der errado e eu não estiver mais nesse mundo, só quero que saiba que eu te perdoo. Perdoo por estar desistindo de nós, por me mandar embora e por não acreditar em mim quando eu fui a única culpada por isso. Não quis amenizar o meu erro, eu estou consciente dele, apenas te pedi outra chance. Isso vai doer em mim, mas pode ter certeza de que irá doer em você também — ela disse e passou por ele, chorando.

No corredor, Dario chamou por ela:

— Helena...

Os olhos dela encheram-se de esperança. *Ele iria perdoá-la?* Ela parou e virou-se para ele.

— Só queria que você soubesse que... eu entenderia se tivesse me dito desde o começo.

A expressão dela murchou. Havia acabado. Toda sua esperança havia acabado.

— Adeus, Dario! — Ela se virou e saiu deixando-o sozinho.

Na sala, Carl ainda a esperava. Ele olhou para ela, feliz.

— Podemos ir para casa agora?

— Sim — disse sem sorrir. — Vamos para casa.

Carl segurou nas mãos dela; e da escada, Dario assistiu a tudo. A dor o consumiu por inteiro deixando-o completamente desesperado.

Finalmente, assim que ela se foi, ele conseguiu gritar, chorar e expelir toda a sua frustração, raiva e dor. Ele estava completamente acabado.

Momentos depois, Melanie entrou na sala. Quase tudo havia sido destruído por ele. Ela ficou atônita, olhando para aquela bagunça e destruição, até que o encontrou, sentado ao chão, perto da lareira.

— Meu Deus, Dario? O que foi isso?

Ele se levantou, estava sério e seu olhar distante.

Assustada, Melanie ligou para Ryan.

— Ryan, preciso de você urgente aqui em casa. Corra!

— Aconteceu alguma coisa?

— É o Dario, ele não está bem. Por favor, venha correndo.

— Estou indo.

Ela desligou o telefone e caminhou até ele, apreensiva. Ele tinha o olhar e a expressão que um dia ela havia visto quando Georgina o deixou.

— Dario, onde está a Helena?

Ele não respondeu de imediato. Ficou parado como se estivesse em transe. Seus olhos estavam vermelhos.

— Mandei-a embora — ele sussurrou deixando Melanie confusa.

— Quem foi embora?

Ele suspirou.

Melanie se assustou com o barulho de carro freando fora da casa. Como um furacão, Taylor entrou com a arma em punho e correu diretamente para Dario, deixando Melanie em pânico.

— Que porra que você fez, seu filho da puta? Me diz que não a colocou pra fora daqui com aquele maluco, desgraçado — ele gritou avançando em Dario.

— Max não, por favor! — Melanie estava assustada.

Taylor grudou na camisa de Dario, pois sua vontade era de meter uma bala na cara dele.

— Ela está com quem deveria estar, o marido dela — ele rosnou.

— Desgraçado! Ele vai matá-la e a culpa será toda sua — gritou e desferiu um soco em seu rosto. Dario cambaleou, mas não revidou.

Melanie estava chocada.

Taylor parecia desesperado. As lágrimas começaram a rolar por seu rosto e ele disse friamente:

— No final das contas, quem não foi bom o bastante foi você. Eu jamais teria feito isso com sua irmã, principalmente se ela estivesse carregando um filho meu. Você não é homem Dario, é um filho

da puta egoísta. Ele vai matá-la e, consequentemente, ao seu filho. Quando isso acontecer, você estará sozinho em sua maldita miséria, mergulhado em seu arrependimento. Eu perderei minha irmã, mas por causa desse seu orgulho, você perderá muito mais do que sua mulher e seu filho, você perderá a si mesmo.

Taylor deu as costas para ele e saiu passando sem olhar para Melanie, que estava ali, aflita e confusa, olhando para toda aquela confusão. Na porta, Ryan ficou perplexo. Havia ouvido o final da conversa.

— Você mandou sua mulher grávida embora daqui? Dario... sabe que ela corre perigo. Por que fez isso?

Dario olhou para eles, arrasado.

— Porque ela mentiu pra mim, mentiu e me enganou. Eu não consegui encará-la nos olhos. Não conseguia chegar perto dela sem sentir raiva. Eu estava dominado pelo ódio — disse em desespero.

— Você não só mandou-a embora, como acabou de mandar o Max também — Melanie disse magoada. — Ele vai me deixar para consertar a sua merda. Deve estar contente agora, não?

Enquanto Ryan o consolava, Melanie correu para fora, atrás de Taylor.

Ele já havia partido. Ela entrou na caminhonete e dirigiu o mais rápido que pôde. Ao chegar no chalé, a porta de Taylor estava aberta. Ela correu desesperada e assim que entrou, o viu no quarto jogando tudo em sua mochila, com rapidez.

— Max... — ela sussurrou. — Você não pode me deixar.

Ele não deu ouvidos a ela. Se abaixou e pegou sua maleta prateada debaixo da cama. Retirou a arma e a munição, carregou-a e depois travou-a.

— Max!

Ele colocou a arma no cócs da calça, atrás de suas costas.

Ela começou a chorar.

— Você disse que não iria me deixar, por favor...

Ele parou e olhou para ela.

— Eu não posso ficar. Mas isso não quer dizer que estou deixando você. Preciso proteger minha irmã, Melanie. Tente entender.

— Eu sei, por favor, só me leve com você.

— Não. Você fica. Não posso arriscar que aconteça alguma coisa com você. — Ele a abraçou.

— Você está me deixando. — Ela o abraçou forte e chorou.

— Eu estou indo apenas para encontrá-la e protegê-la. Quando ela estiver segura, eu voltarei por você. Eu te amo, gatinha. Não vou ficar sem você.

— Você promete que voltará por mim?

— Será tão rápido que você nem verá o tempo passar. — Ele a beijou. — Agora preciso ir. — Ele colocou a mochila nas costas e beijou-a novamente. — Eu amo você.

— Tenha cuidado, por favor.

— Eu terei.

Taylor saiu do chalé e entrou no carro com os vidros quebrados.

Ele se remoeu de remorso por não ter conseguido impedir que Carl a levasse. Assim que recebeu a chamada da CIA dizendo que Carl havia entrado na fazenda, Taylor surtou e se desesperou. Morgan ligou para Taylor no caminho e disse que havia outro agente próximo dali que havia conseguido segui-los até o aeroporto. Aparentemente, tudo estava bem, só não sabia até quando.

No aeroporto, Carl e Esther entraram no avião. Ele estava irritado, pois só conseguiu as passagens com conexão, o que iria demorar o dobro do tempo previsto para chegarem em casa.

Ele sentou-se ao lado dela e, contente, sussurrou:

— Você não disse nada no caminho. Eu estou tão feliz por ter encontrado você.

Ela olhou para ele. Porém, em seu rosto não havia nenhuma expressão.

— Você sabe que eu irei protegê-la, não sabe? Vamos para casa. Já contratei alguns homens para nossa segurança. Ninguém fará mal a você. Eu prometo — ele disse e a beijou.

Ela ficou calada. Estava triste com tudo aquilo que mal conseguia pensar em sua própria segurança. Seu coração estava arrasado, dilacerado. Ela encostou-se ao banco e tentou dormir.

Seis horas depois, eles chegaram em Washington, D.C.. Era noite e um carro esperava por eles do lado de fora do aeroporto. Esther estava sonolenta e cansada da viagem.

Assim que chegaram em casa, Carl ajudou-a a sair do carro e a guiou para dentro da enorme casa em que moravam. A rua estava escura. Um arrepio percorreu sua espinha. Ela estava totalmente desprotegida com ele ali, sem armas, sem nada.

— Venha, você precisa descansar, parece abatida — ele disse carinhosamente.

— Como você me achou? — perguntou num sussurro.

— Conversaremos sobre isso amanhã, meu amor. Agora prefiro que tome um banho e descanse.

Ela olhou para ele e assentiu, porque realmente não tinha forças para conversar. E, se ele estava fazendo algum joguinho mental, ela estava contente que, por enquanto, ele não estava tentando matá-la. Talvez, ele nem saiba quem ela realmente era.

Ela seguiu pelas escadas e subiu até o quarto. Ele subiu atrás, ajudando-a em tudo. Pegou uma camisola para ela enquanto se banhava e levou até o banheiro. Ao tentar abrir a porta, ela estava

trancada.

— Amor, por que fechou a porta? Você nunca fecha a porta. — Ele sorriu.

Lá dentro, ela chorou silenciosamente. Secou suas lágrimas e olhou para sua barriga.

“O que será de nós agora?”, ela pensou, alisando sua barriga.

— Querida, abra a porta, por favor.

— Já estou saindo, Carl — ela bufou.

Assim que terminou o banho, se enrolou na toalha e abriu a porta.

Ele estava parado, com sua roupa na mão.

— Aqui, vista-se.

— Obrigada. — Ela pegou a roupa de sua mão e voltou a fechar a porta.

Quando saiu, Carl estava ao celular, falando com alguém. Olhou para ela e abriu um sorriso.

Ela olhou para ele e balbuciou:

— Quem é?

— Minha mãe, ela quer saber como você está — ele sussurrou.

Esther deu um sorriso fraco e se deitou sobre a cama.

Carl desligou o telefone e disse:

— Vou tomar um banho, já venho.

Ela não respondeu. Só pensava em Dario. Pensava em tudo que havia feito, nas escolhas erradas. Pensando claramente agora, ela se desesperou por ter sido tão burra. Ela deveria tê-lo enfrentado e dito que não sairia de lá. Agora, ela estava à mercê dos russos, desamparada, frágil, confusa, magoada, arrasada e grávida. E isso a impedia de pensar direito. Ela ficou deitada, imaginando como Dario estaria agora sem ela. Seus olhos ficaram pesados, até que a dor foi diminuindo e ela pegou no sono.

Carl saiu do banho apenas com seu samba canção de seda. Deitou-se ao lado dela e a puxou contra ele, abraçando-a e inalando o perfume doce da sua pele. Em minutos, ele também pegou no sono.

No dia seguinte, Carl apareceu no quarto com uma bandeja. Era o café da manhã.

Esther olhou para ele e tentou sorrir em simpatia, mas falhou miseravelmente. Ele não se parecia em nada com Dario. E agradeceu por Dario não ter levado café da manhã para ela na cama todas as manhãs como Carl sempre fazia.

— Deve estar faminta — ele falou.

— Sim — ela mentiu. Não estava com apetite para nada.

— Fiz o suco do jeito que você gosta.

— Obrigada. A Mary ainda trabalha aqui?

— Claro. Ela está na cozinha. — Ele sorriu.

— Não vai trabalhar hoje?

— Não. Cancelei todos os meus compromissos hoje. Quero matar a saudade da minha mulher — disse, e acariciou o rosto dela com as costas da mão.

— Eu estou bem, Carl. Não precisa se preocupar comigo. — Ela deu alguns goles no suco e se levantou.

Andou até a janela e abriu as cortinas. Em frente à casa, ela notou que havia dois carros pretos parados.

— Aqueles carros são dos seguranças?

— Sim.

— Tem jornalistas em frente à nossa casa. Por quê?

Ele suspirou.

— Nós fomos fotografados no aeroporto juntos. Como você sumiu por dias, eu tive que mentir dizendo que estava em uma clínica de recuperação.

Ela olhou para ele, abismada.

— Disse que eu usava drogas?

— Não, não. Claro que não — ele pareceu indignado com a suposição dela. — Como você sumiu praticamente no dia do nosso casamento, houve boatos de que você tinha me deixado. Então, disse que você havia sido hospitalizada porque tinha perdido o bebê.

Ela ficou em choque.

— Que bebê, Carl? Nunca estive grávida de você!

— Eu sei, mas o que você queria que eu dissesse? Minha esposa roubou um arquivo contendo sabe-se lá Deus o quê, e agora está sendo procurada pela máfia russa!

— Não sei — ela exasperou-se.

— E, por falar no arquivo, precisamos entregá-lo, Esther. Você sabe o que tem nele?

Ela o observou.

— Não. E também não me lembro onde o coloquei — ela foi sincera sobre isso. — Há muitas coisas que você não sabe, Carl; e uma delas, é que depois de ser torturada, eu perdi a memória. Já recuperei uma boa parte dela, mas não me lembro do arquivo.

— Isso é bem irônico — ele sussurrou. — Que tal um passeio para se animar? Podemos caminhar um pouco, o que acha?

— No meio de todos? Eu ainda corro perigo, Carl.

— Meus homens vão conosco.

Ela pareceu pensar. Se ele estivesse envolvido com algo, já a teria matado e não iria querer sair por aí desfilando com ela. Aparecer com Carl por aí, seria bom para que alguém a visse e soubesse que ele estava com ela. Max saberia onde estava e teria a certeza de que estaria bem.

— Caminhar me parece bom. Eu topo. — Ela sorriu fracamente.

— Então, tome seu café. Preciso fazer algumas ligações e assim que terminar, nós iremos.

— Certo.

Carl deu um beijo em sua testa e saiu do quarto.

Ela olhou por todo o quarto. As lembranças dela ali, debaixo da cama, se escondendo do homem que entrou naquela noite na casa, a deixou temerosa. Ela sentia que faltava alguma coisa naquele dia.

Ela fechou os olhos e conseguiu sentir aquele momento. O barulho dos passos do homem rangendo sobre o piso de madeira estavam nítidos em sua mente.

Ela foi até o *closet* e revirou-o de cima a baixo à procura de uma arma. Queria se garantir, caso precisasse dela. Sua decepção foi certa. Se havia alguma arma ali, alguém havia pego.

Olhou para o criado-mudo e lembrou-se de que ali havia um telefone sem fio. Onde ele estaria? Ela o procurou por todo o quarto e não o achou.

— Procurando alguma coisa? — Carl a assustou.

— Oh, não. Pensei que havia um telefone em nosso quarto.

— Sim, havia. Ele quebrou e com tantas preocupações, não tive tempo de comprar outro.

— Ah! — Ela sorriu.

— Pode usar meu celular. — Ele o tirou do bolso e deu a ela.

— Ah não, não iria ligar para ninguém, apenas senti falta do telefone. — Ela sorriu.

— Já terminei. Que tal darmos nossa volta?

— Tá. Vou me trocar.

Carl colocou uma calça de moletom cinza e uma camiseta preta. Esther calçou seu tênis, uma calça preta e um top branco.

— Estou pronta — ela disse.

— Então, vamos.

Ao saírem, de mãos dadas, ela observou toda a rua. Os seguranças os seguiam, a pé, enquanto outros ficaram em frente à casa.

— Nós precisamos conversar, Carl. Tem algumas coisas que você precisa saber — ela disse enquanto caminhava.

— Conversaremos em um outro momento. Agora, só quero curtir você. — Ele sorriu. — Eu estava com saudades.

— Eu também.

Foi um enorme esforço para ela dizer que sentia a falta dele. Porém, precisava continuar com sua encenação, porque só queria acabar com aquilo logo para ter uma chance de voltar para o Dario.

Atrás deles, alguns *paparazzi* tiravam fotos de longe.

— Eu detesto esses *paparazzi* — ela disse.

— Antes você gostava. — Ele riu.

Eles corriam pela calçada. O sol estava fraco apesar do calor. Após algum tempo, cansada, ela pediu para parar.

— Estou com sede. Preciso parar um pouco. — Ela parou com as mãos em seus joelhos, flexionados.

— Não saia daqui, vou entrar ali e comprar uma água para você — ele disse amavelmente.

Era difícil para ela acreditar que Carl lhe faria algum mal. Sempre fora atencioso e amável com ela. Mesmo agora, depois de ter passado tempo longe, ele não havia mudado o seu jeito.

— Aqui. — Ele voltou com uma garrafinha de água.

Ela bebeu aos poucos.

— Será que podemos voltar para casa? Estou cansada.

— Claro, vamos.

Na fazenda, à noite, os irmãos estavam reunidos na sala. Johnny queria adiar sua viagem, mas nenhum deles deixou. Ele se sentia mal por Dario e Melanie, que estavam tristes pelos cantos. Dario não havia saído de casa, nem mesmo para trabalhar. Não conversou com ninguém e também não quis comer. Ninguém ousava falar com ele, pois permanecia distante e não deixava ninguém se aproximar. Num ímpeto, se levantou e voltou para o quarto.

— Ele está sofrendo — Johnny disse.

— É. E a culpa é somente dele.

— Eu entendo a dor dele, mas não entendo o porquê ele a deixou ir, mesmo sabendo que ficaria

assim. — Ryan suspirou.

— Como será que eles estão?

— Eu gostaria de saber também.

— Bom, não há nada a se fazer. Espero que ele caia em si e veja a burrada que fez — Ryan disse. — Vou ver a Paige.

— E eu vou dormir com a Kristen. Tchau, maninha.

— Tchau, meninos.

Melanie ficou ali, triste e pensativa. Em seu íntimo, rezava para que nada acontecesse com o Max.

Capítulo 27

SEM VOCÊ

— Eu estou cansada, Carl. Não quero sair de casa — ela bufou.

— Querida, é só um jantar. Meus pais estão loucos para te ver. Vamos, você precisa de um pouco de diversão. — Ele sorriu tentando animá-la.

Ela olhou-o irritada. Já não aguentava mais ser paparicada por ele.

— Tudo bem. Vou me arrumar.

— Ótimo. Você vai ver como será bom para você.

Carl se retirou do quarto enquanto ela procurava algo para vestir.

A noite estava fria. Colocou um vestido preto de corte reto, acima dos joelhos, meias-calças pretas e um casaco bege. Calçou seus sapatos altos e se maquiou. Ao se olhar no espelho, *flashes* de lembranças com Carl invadiram sua mente.

“Você está linda, querida. Será a mulher mais bonita da festa.”, Carl disse enquanto ela se maquiava de frente ao espelho.

“Você é muito galanteador. Está ótimo vestido em seu smoking”. Ela sorria.

Ele a abraçou e a virou para ele.

“Está borrado aqui, deixe-me ajudá-la”. Ele passou o polegar no canto dos lábios dela, tirando o excesso do batom vermelho. “Agora está perfeita”.

“Estou bem agora?”, ela perguntou com um lindo sorriso.

“Está magnífica. Como eu disse, será a mulher mais bonita da festa.”

“Carl, você me ama o suficiente para realmente se casar comigo?”

“Eu a amo muito mais do que você imagina. Eu faria qualquer coisa para não perder você. Qualquer coisa”, ele disse olhando em seus olhos azuis.

“Eu amo você, só quero que saiba que tudo isso que temos é real”, ela disse de cabeça baixa, brincando com seu colar de diamantes.

“Claro que é, querida”. Ele riu. “Por que não seria?”, perguntou confuso.

“Sim, sim... É só que... Esquece! Eu não estou dizendo nada com nada. Acho que estou nervosa com o casamento. Tem coisas que você precisa saber e... Esquece”.

“Estou te esperando na sala. Não demore. Não podemos deixar o presidente dos Estados Unidos esperando”. Ele sorriu e a beijou.

“Já vou descer.”

Ela pegou o celular na pequena bolsa de mão e ligou para o Taylor.

“Já está tudo pronto. Estamos saindo. Preciso que faça exatamente como combinamos. Carl não irá desgrudar de mim, preciso que você o distraia enquanto eu entro na sala dele e roubo o arquivo.”

“Tudo certo.”

“Taylor... Se algo der errado...”

“Não vai dar nada errado, agente. Você consegue. Confio em você.”

“Obrigada.”

“Eu amo você”, ele disse.

As lembranças desse dia a deixaram confusa. Ela sentiu o quanto gostava dele, sentiu que acreditava no amor dele por ela. Quando havia recebido a missão para investigar Carl, ela entrou no relacionamento com a certeza de que ele podia ter feito parte de tudo isso. Porém, com o tempo, ela foi percebendo que Carl em nada se parecia com o homem que ela imaginava. Foi fácil para ela amá-lo. Ele era gentil, educado, atencioso, amável... Sempre se preocupava com ela e a colocava acima de qualquer coisa na vida dele, por isso ela não tinha dúvidas de que ele a amava.

Olhando agora para seu próprio reflexo, ela se questionou o quanto do amor dela por Carl seria real. Os dias em que passou ao lado de Dario, a fizeram enxergar que seu coração nunca bateu mais forte ao vê-lo quando chegava do trabalho. Sua vida era previsível, calma, sem brigas e relativamente sem graça se comparada com a que viveu com Dario em poucos dias. Ela gostou daquela agitação na fazenda. De nunca saber como lidar com Dario, de não saber como seria o humor dele a cada dia em que o sol raiava, das brigas por ciúmes ou simplesmente das brigas sem sentido. Do jeito bruto dele e ao mesmo tempo carinhoso, de sua superproteção exagerada e de seu jeito controlador. Dos vários jeitos que a olhava. Ele sabia lê-la simplesmente com um olhar. O seu toque era diferente, além do jeito que a seduzia e que a amava na cama. As comparações eram ridículas, agora ela percebeu. Ainda tinha em sua mente, o olhar de felicidade quando ele soube que ela estava esperando um filho dele. Ela podia ter amado Carl à sua maneira, mas o que sentia por Dario era muito mais do que amor.

— Querida, vamos chegar atrasados! — Carl gritou tirando-a de seus pensamentos.

Ela secou uma lágrima que havia rolado em seu rosto e se ajeitou.

“Vamos Júlia, você consegue”, disse para si mesma. Depois pegou a bolsa de mão e saiu.

Ao descer as escadas, Carl estava a postos com sua mão estendida para ela. Ele a ajudou a descer e a beijou carinhosamente.

— Você está linda, como sempre!

Ela sorriu sem graça e olhou para a mão dele.

— Está com a aliança na mão errada.

Ele franziu o cenho.

— Não, não estou. E por falar nisso... — Ele retirou do bolso da calça o outro par da aliança. Delicadamente, pegou em sua mão esquerda e colocou o anel em seu dedo. — Agora ela está no lugar certo — disse e levantou a mão dela até seus lábios e beijou seu dedo com a aliança.

— Ainda não somos casados, Carl. — Havia irritação em sua voz.

— Querida, estamos juntos há um ano. Compartilhamos a mesma casa, a mesma cama... Quero me casar com você na igreja como pretendíamos, mas isso não muda o fato de estarmos praticamente casados.

— Eu não sei se devemos nos casar agora. Eu ainda não estou...

— Falaremos disso outra hora. Agora temos um jantar para comparecer.

— É claro — ela concordou.

Os dois saíram de mãos dadas. Em frente à casa, ainda estavam os dois carros pretos parados fazendo a segurança.

Carl abriu a porta do carro para ela e deu a volta apressadamente.

No caminho, ele falou como ficou após ela ter sumido. Ela não prestou muita atenção, pois sua cabeça estava bem longe dali, mais precisamente no Texas, pensando num lindo e rude *cowboy* e em suas palavras cortantes.

“Quando a confiança é quebrada, o amor também é abalado, Helena.”

As palavras de Dario a atormentaram. Ele estava certo. Ela não ousou argumentar, pois sabia que ele estava com razão.

— Esther! Esther!

Ela saiu de seus pensamentos e olhou para Carl.

— Você está bem?

— Sim. Eu só...

— Não precisa temer, querida. Vamos dar um jeito de você encontrar aquele arquivo. Vamos entregá-lo e, então, poderemos viver nossas vidas como vivíamos antes.

Ela se irritou.

— Você não entende, não é? Entregando ou não aquele maldito arquivo, estaremos mortos. Eles sabem quem eu sou e virão atrás de mim. É apenas uma questão de tempo. A minha melhor chance é se eu encontrá-lo e descobrir quem está por trás disso.

— Você não sabe o que tem nele? Me diz uma coisa, de quem você roubou isso? Eu achei que você fosse uma jornalista.

— E eu sou. Jornalista investigativa, esqueceu? Encontrei um furo de reportagem — mentiu.

— Você roubou algo que deixou muitas pessoas irritadas. Você foi imprudente, Esther. Não pensou em nenhum momento que isso a colocaria numa fria?

— Eu precisava fazer.

— E o que você achava que precisava fazer? Nem mesmo sabe o que havia no arquivo. Você está me escondendo alguma coisa. Já disse para entregar isso. Eu posso fazer sua segurança. Se eu posso chefiar a segurança do presidente, eu posso fazer isso por minha esposa.

Ela olhou para ele.

— Eu não posso entregar aquilo que não tenho.

— Não tem ou não confia em mim para dizer? Eu posso te ajudar, Esther, mas você precisa colaborar. Preciso saber que diabos você aprontou. Eu estive todo esse tempo te protegendo, enquanto você brincava no Texas com um bando de peão ignorante! — ele se exaltou. Ao lembrar que ela estava se divertindo com outro homem, o ciúme aflorou e o deixou irritado.

Ela não gostou do tom dele.

— Desculpe-me. Eu só estou preocupado com você.

— Eu não quero falar sobre isso, Carl. Estou cansada.

— Tudo bem. Acho que devíamos passar uns dias na casa de campo na Virgínia, o que acha? É calmo e acho que estará mais protegida lá. Vou pedir alguns dias de licença e posso levar os seguranças. Se você concordar, podemos ir amanhã mesmo.

— Não sei, eu preciso pensar.

Carl ficou calado.

Ela olhava o trânsito através do vidro do carro, pensativa.

Em poucos minutos, estavam em seu destino.

Ele abriu a porta para ela e ajudou-a a sair do carro.

— Vamos — ele disse.

Os dois caminharam até a entrada da enorme mansão e foram recebidos por Louise, a mãe de Carl, que era uma senhora simpática, de quase sessenta anos.

— Minha querida, como está radiante!

— Olá, Louise.

— Carl me contou tudo, querida. Fiquei tão triste. Saiba que eu quis visitá-la na clínica, mas meu filho não me deixou ir. — Ela olhou chateada para ele.

— Eu estou ótima agora. — Ela fingiu um sorriso enquanto era abraçada fortemente por sua sogra.

— Mãe, a Esther ainda está se recuperando.

— Desculpe-me, querida. Mas não se preocupe, você e Carl ainda terão muito tempo para terem seus filhos.

Ela se encolheu. Ela teria filhos, mas não de Carl, e lembrar que estava grávida de Dario e que ele a rejeitou, doía.

“Eu ainda o terei de volta, Dario”, pensou.

— Querida, minha mãe falou com você — Carl a observou.

— Oh, sim. Claro.

— Está aérea hoje. Está com algum problema? — Carl perguntou. Porém, ele sabia exatamente o que lhe tirava a atenção: Dario.

— Nenhum. Apenas uma pequena dor de cabeça. Vai passar.

Louise sorriu.

— Venha, Frederick e Kevin estão ansiosos em vê-la.

Eles caminharam para dentro da casa e assim que Kevin a viu, correu para cumprimentá-la.

— Esther! Está ainda mais bonita. — Ele a abraçou.

— Já chega, Kevin. — Carl quase o empurrou para longe dela.

Kevin era o irmão mais novo de Carl. Trabalhava junto com ele na Casa Branca, mas, diferente de Carl, ele era um dos agentes secretos que faziam a segurança do presidente. Era igualmente belo, alto, másculo, olhos azuis, mas exibia um ar mais rústico do que o irmão, que era bem refinado. Carl sempre teve a impressão de que ele era apaixonado por Esther e que tinha inveja dele por ser quem era. Seu *status*, sua vida bem resolvida... Eles não se davam muito bem.

— Querido, Carl e Esther estão aqui — Louise falou um pouco mais alto para o marido. Ele tinha problemas de audição.

Frederick olhou para o filho e caminhou até ele. O cumprimentou e também a Esther.

— Vamos, estávamos esperando por vocês. O jantar já está servido — Louise disse pegando na mão de sua nora.

Na sala de jantar, todos conversaram animados, com exceção de Esther, que estava preocupada

e triste demais para sorrir e compartilhar daquela alegria. Portanto, mal havia tocado em seu jantar. Com todos reunidos ali, ela se sentiu deslocada, não era seu cenário, ela só conseguia pensar em uma coisa: como Dario estaria sem ela.

De repente, tudo aquilo já não fazia mais sentido. Ela ficou incomodada com a atenção de todos voltada para ela. Uma farsante. Tantas pessoas ela iria decepcionar quando tudo viesse à tona, e isso a deixou mal.

— Querida, prove dessa sobremesa, está divina e sei que você gosta. Carl disse que pavê de abacaxi é sua sobremesa preferida. Quando soube que vinha, mandei preparar especialmente para você.

Esther olhou para Louise e se sentiu mal. Ela sempre havia sido um doce e ela lhe retribuía com mentiras.

Esther pegou a tigela com a sobremesa e o cheiro do abacaxi a deixou enjoada. A ânsia bateu forte e ela não teve como esconder.

— Com licença, já volto.

Todos os olhares foram para ela.

Esther saiu apressada até o banheiro e ali, colocou todo seu jantar para fora. O desespero e a realidade bateram forte em seu peito: ela estava sozinha agora. Não tinha mais o homem que amava ao seu lado enquanto passava mal, nem segurando seus cabelos enquanto vomitava, e muito menos a levando para a cama após seus enjoos. Ela começou a chorar, mas logo teve que se recompor ao ouvir a voz de Carl, do outro lado da porta.

— Querida, está tudo bem?

— Sim. Já estou saindo.

— Abra a porta, quero ver como está.

— Eu estou ótima, Carl. Por favor, deixe-me.

Ele fez o que ela pediu.

Pouco tempo depois, ela saiu e caminhou para a sala de jantar como se nada tivesse acontecido.

Na fazenda, Dario ainda estava em seu quarto. Não havia saído para nada. Ficou deitado na cama olhando para o teto. Todos os dias em que viveu com ela passaram em sua mente. A certeza de que ela jamais estaria com ele novamente doeu. Saber que viveria longe de seu filho, também doeu, e, saber que outro estaria lá, para criá-lo, amá-lo e educá-lo, o matou. Não havia nenhuma expressão em seu rosto, apenas lágrimas perdidas em seus olhos. Ele viu no olhar e no jeito de Carl, o quanto ele ficou feliz em encontrá-la. Dario reconheceu que ele realmente a amava. Com tantas mentiras, ele se questionou se ela contaria a verdade sobre a gravidez para Carl. Talvez, ela simplesmente esperaria um tempo certo e mentiria sobre a paternidade da criança, o que o deixou ainda mais desolado.

Ele se revirou na cama. Ainda dava para sentir o cheiro dela impregnado nos quatro cantos do quarto. Se aninhou ao travesseiro que continha o cheiro dela e rezou para que sua miséria passasse logo, que o imenso buraco que estava em seu coração fosse preenchido. Era a segunda vez que ele perdia alguém que amava e que se importava, mas, dessa vez, a dor estava forte demais para suportar. A vontade de viver foi perdida no momento em que ela se foi. Ele a expulsou de sua vida e, consequentemente, seu coração foi junto. Já não havia nem mesmo motivos para continuar sem ela.

“Você arruinou tudo o que tínhamos, Helena. Apenas você. Então, por que eu sinto como se o erro fosse meu?”, ele pensou.

Ele podia tê-la perdoado. No fundo, sabia que era exatamente o que queria. Porém, tudo o que pegou desprevenido. A raiva e a decepção por achar que ela confiava nele, quando só havia mentiras, o cegou. Ele teria que conviver com a escolha que fez: mantê-la longe. As preocupações em relação a ela e ao seu filho, martelou em sua mente. Após a raiva, ele conseguiu pensar com mais clareza. Ele havia prometido que jamais a deixaria, e quebrou sua promessa.

“Espero que esteja consciente de tudo que está fazendo, pois nunca deixarei você se afastar de mim. Nunca vou deixar de amá-la. Eu morreria se você partisse. E eu prometo uma coisa, eu estarei onde você estiver, não importa onde. Jamais vou deixá-la, haja o que houver, estaremos juntos, para sempre...”

“Você promete que nunca vai me deixar?”

“Prometo.”

Dario suspirou lembrando-se de suas palavras para ela. Ele poderia passar por cima de seu orgulho ferido para perdoá-la? No momento, achou que não. Não via como perdoá-la por isso, mas também não suportava sua ausência.

Ele se levantou da cama, colocou uma roupa e saiu do quarto. Passou pela sala onde todos estavam, e simplesmente saiu sem dizer nada. Ele precisava pensar. Tudo o que ele mais queria na vida era uma família. Ele teve e a deixou ir. Em parte, também não se perdoou por isso. Sabia que cada palavra que Taylor disse a ele fora merecido. A consciência de que realmente havia colocado ela e ao seu filho em perigo, gritou insistentemente em sua mente confusa. O seu lado protetor despertou e ele ficou apavorado com a ideia de perdê-los para sempre. Ele precisava saber se ela estava bem. De alguma forma, ele iria conseguir descobrir.

— Aonde ele foi a essa hora? Eu estou com medo de que ele faça alguma besteira — Johnny disse aflito.

Ryan olhou para o irmão e respondeu:

— Ele já fez. Agora com certeza deve estar arrumando um jeito de consertar toda essa merda.

— Isso vai ser um problema — Johnny disse temeroso.

— Sim. Porém, cabe a nós ajudá-lo a passar por isso. Ele precisa de nós nesse momento, mas

não para julgá-lo. Sabemos que ele errou, como também sabemos que ela pisou na bola. Conhecendo ele como Helena conhecia, não foi nenhuma surpresa para ela que ele a expulsasse daqui.

— Ele deve estar sofrendo. Não disse uma palavra desde que Helena se foi — Melanie falou.

— Deve estar sendo difícil para ele. Mas acho que deve estar sendo pior para ela — Ryan disse chateado.

— Ele vai atrás dela. Conhecemos o Dario. Quantas vezes ele se rebaixou para ter a Georgina de volta? Foi um golpe duro. Ele vai cair em si e irá atrás da Helena.

— Só que ela tem um marido — Johnny resmungou.

— Isso não vai ser um empecilho para ele. Aliás, eu teria era dó do sujeito quando ele aparecesse por lá. — Melanie riu.

— Temos que ficar de olho nele para que não faça nenhuma besteira.

— Eu vou ligar para o Max e descobrir algo sobre ela — Melanie falou.

— Vai perder seu tempo. Eu duvido que o Max fale alguma coisa. Viu como ele olhou para o Dario?

— Ele estava com raiva. Afinal, ela era a irmã dele.

— Ele não vai falar, acredite — Ryan resmungou.

— Então, vamos ter que descobrir. — Melanie sorriu.

Dario dirigia feito um louco pela estrada de terra que levava até os chalés. Quando chegou, saiu do carro com rapidez deixando a porta aberta. Ele correu até o antigo chalé em que Taylor estava e começou a vasculhar tudo. Ele abriu as gavetas do criado-mudo, levantou a cama jogando-a longe e vasculhou o *closet*. Ele começou a se desesperar. Tirou do bolso seu celular e discou para Taylor. Ele quase se ajoelhou quando sua chamada foi atendida.

— Taylor, preciso do endereço dela — disse com firmeza.

— Vá à merda!

— Me passe a porra do endereço, Taylor! — Dario gritou desesperado.

— Cara, você tem algum problema? Eu quero você longe dela, seu idiota. Quer o endereço? Se vira! — E desligou deixando Dario possesso.

Inconformado, ele voltou a vasculhar a casa à procura de algo que pudesse revelar o seu paradeiro. Foi quando olhou para a cama jogada no canto do quarto e viu uma pistola presa no estrado da cama.

Dario caminhou até lá e retirou a arma. Ficou alguns segundos olhando para ela. Estava carregada. Ele deu um breve sorriso e saiu do chalé. Foi até a administração do *haras* e entrou na sala de Ryan. Ligou o computador e jogou num site de busca o nome de Carl Trainor. Várias fotos

apareceram, inclusive, as de Esther ao lado dele. Ele franziu o cenho e não se deixou abalar pela visão de sua mulher ao lado de outro homem. Ele repassou várias fotos até que encontrou uma recente. Esther e Carl corriam lado a lado, ele estava sorridente, mas ela parecia triste. Ele olhou a data, a foto fora tirada no mesmo dia, pela manhã. O casal havia sido fotografado em frente à casa, o que facilitou e muito a informação. Ele pegou um papel e caneta, anotou o endereço e desligou o computador.

Dario fechou a sala da administração e correu para o carro. Dirigiu de volta para casa com a mesma velocidade na qual veio. Ao passar pela sala, correndo como um louco, chamou a atenção dos irmãos que ainda continuavam ali.

Ele entrou no quarto, pegou uma pequena mochila em seu *closet* e algumas roupas. No criado-mudo, pegou seus documentos e passaporte.

— O que está fazendo? — Ryan perguntou assustado.

Melanie e Johnny olhavam confusos. Dario parecia elétrico.

Os irmãos ficaram ali, observando-o jogar na pequena mochila as roupas que estavam sobre a cama e os documentos. Ele estava com pressa e alheio a todos.

— Dario!

Ele não respondeu.

Quando ele retirou a arma de sua cintura e jogou na mochila, Ryan empalideceu.

— Que porra é essa? — Ele avançou no irmão retirando a mochila das mãos dele.

— Devolva-me! — Dario praticamente rosnou enfurecido.

— Onde pensa que vai?

— Vou buscar a minha mulher.

Ryan ficou estarecido.

— Você é louco? Porra, Dario, você a enxotou daqui ontem e agora está me dizendo que vai atrás dela?!

— Ela é minha! — Dario gritou. — Não vou deixar que ele fique com ela e com meu filho.

— Deveria ter pensado nisso antes — Ryan disse com raiva. Retirou a arma da mochila e a devolveu para ele. — Isso fica!

— Eu quero a arma. — Dario olhou para ele de forma fria.

— E eu quero meu irmão consciente. Você está de cabeça quente e não está pensando direito.

— Não pode sair por aí armado, Dario — Johnny disse.

— Eu posso e vou! — ele retrucou. — Me devolva essa porra, agora! — Ele estava impaciente.

— Você nem sabe para onde ela foi.

— Sei sim, Washington. — Ele franziu o cenho.

Ryan olhou para ele, abismado.

— Vai daqui do Texas para Washington? Do quê? A pé? A cavalo? — Ryan tirou onda da sua cara.

— Irei de qualquer jeito, se for preciso — ele disse entredentes.

— Você será pego, seu idiota. A única forma de sair daqui e chegar até ela é de avião, sua anta. Não conseguirá nem entrar no aeroporto armado — Ryan tentou colocar juízo na sua cabeça.

Dario se desesperou.

— Eu só quero trazê-la de volta.

— Mas não será desse jeito que irá conseguir. O que tem em mente? Chegar na casa do marido dela, matar o infeliz e trazê-la sobre os ombros como um homem das cavernas? — Ryan quase gritou, frustrado.

Quando Dario encarou-o triste, confuso e emanando toda a sua fúria, ele teve certeza de que era exatamente isso que ele pretendia fazer.

— Você não vai sair daqui! — Ryan disse com firmeza.

— Sabe que eu posso pegar essa arma da sua mão no soco, não sabe? Não teste a minha paciência, Ryan!

— Johnny, pegue a chave da caminhonete. Pegue também os documentos dele e o passaporte.

Dario olhou para Ryan querendo matá-lo.

Johnny ficou indeciso se deveria obedecê-lo, mas o grito de Ryan deu-lhe coragem para prosseguir:

— Anda, porra!

Ryan se colocou entre Dario e a mochila, até que Johnny tirasse tudo que havia mandado.

— É para o seu bem, Dario. Ninguém mais do que nós, queremos vê-lo feliz com sua mulher e seu filho. Você fodeu isso mandando-a embora. Agora conserte isso da maneira certa. Enquanto você não se acalmar, não sairá daqui. Você está descontrolado, acha que não percebemos? É por causa dessa sua impulsividade que você sempre ferra com tudo.

Dario avançou em Ryan, mas antes que pudesse acertá-lo, o irmão empurrou-o para longe fazendo com que se desequilibrasse e caísse sobre a cama.

— Eu posso trancá-lo nesse quarto também. Ou você se acalma ou farei isso!

Dario estava num nível alto de irritação, que Johnny olhava para ele com um certo receio. Ele estava com a face corada e as narinas infladas de raiva.

— Já parou para pensar que ela deve estar te odiando agora? Você a mandou embora. Helena

saiu daqui com o marido dela e está com ele agora. Se sair daqui e ir buscá-la nesse estado, irá assustá-la, ou pior, pode fazer alguma besteira da qual irá se arrepender para o resto de sua vida. E acredite, matar o filho da puta não o deixaria feliz. Iria viver longe dela e do seu filho do mesmo jeito, na cadeia — Ryan bufou.

Dario deu alguns passos em direção ao irmão. Sua expressão não era muito boa. Porém, Ryan levantou a arma e mirou nele:

— Sinto muito, irmão, se eu tiver que atirar em suas pernas para que não saia daqui, eu atirarei.

Melanie ficou chocada e horrorizada.

Dario não disse nada, apenas recuou.

Sua armadura se desfez e, no mesmo instante, ele caiu sobre seus joelhos e chorou. Desarmado de toda aquela postura de durão e de toda a sua frieza, ele se deixou levar pelos seus sentimentos. A perda dela era difícil de ser suportada. Ele não via motivos para seguir sem ela. Quando a mandou embora, Dario sabia que seria difícil suportar essa dor, mas, no instante em que ela se foi, percebeu que não havia dor para ser suportada, pois ele havia morrido ali, naquele momento.

Ele chorou amparado por seus irmãos. Ryan se ajoelhou na sua frente e o abraçou.

— Eu a quero de volta. Eu a quero de volta, Ryan. — Chorou desesperado.

— Você a terá de volta, irmão. Porém, não hoje.

— Ela pode estar precisando de mim. Eu... eu... não estou lá para cuidar dela.

— Ela está bem, Dario. Ela sabe se cuidar — tentou consolá-lo.

— Se acontecer alguma coisa com ela, eu não vou me perdoar, Ryan. Eu fui um idiota expulsando-a daqui, agora eu sei... Na hora, eu só queria que ela sumisse, mas não era o que eu queria de verdade.

— É, você foi um idiota — Melanie falou e recebeu um olhar reprovador de Johnny.

— Cale a boca — Johnny sussurrou. — Não ajuda, então vê se não atrapalha!

Ela fez uma careta.

— Dario, você precisa ser forte. Você sempre é. Não pode se deixar abater agora. Quer sua mulher? Ninguém irá impedi-lo de ir, mas não assim, não desse jeito. Você está de cabeça quente. Quando estiver bem, então poderá ir e trazê-la para casa. — Ryan deu um sorriso acolhedor.

— E se ela não me quiser? Se ela não me perdoar?

— Alguma coisa me diz que ela já perdoou você. Ela te ama, e todos sabemos disso. Existe amor verdadeiro entre vocês. Os dois erraram. Vocês só precisam se acertar.

— Mas, e o outro? Ele a ama, é o marido dela e...

— Dario, em poucos dias você conheceu a Helena, pois não sabia quem ela era. Quando recobrou a memória, ela deixou que você a visse como Júlia, deixou que a conhecesse de verdade. A

Esther não é real. Aquele homem não é real para ela. Você é. Você a conhece de todas as maneiras. Conhece as qualidades, os defeitos, as mentiras e as verdades. Aquele homem está em desvantagem. Ele não a conhece do mesmo jeito que você. Use isso a seu favor.

Dario deu um abraço apertado em Ryan e o agradeceu.

— Esfrie a cabeça. Quando estiver bem, poderá ir buscá-la.

Em Washington, Carl e Esther saíram da casa dos pais dele. Ao passarem pelos portões, ela se espantou com a quantidade de jornalistas que havia ali. E, para sua total indignação, Carl abaixou o vidro do carro para falar com um deles que seguia o carro insistentemente.

— Senhor Trainor, gostaríamos de saber como sua noiva está. Ela já está recuperada?

Carl sorriu.

— Ela está ótima, como pode ver.

— E o casamento? Já remarcam a data?

— Ainda não falamos sobre isso.

— Como ela está se recuperando após o aborto?

— Ela está indo bem, foi uma grande perda para nós.

— Vocês poderão ter outros filhos?

— Uns dez se quisermos, mas acredito que seja muito. — Ele sorriu sendo simpático. — Agora, se nos der licença, minha esposa precisa descansar. — Carl acenou para os jornalistas e fechou o vidro. Ao olhar para Esther, ele estremeceu, pois ela o olhava friamente, furiosa.

— Por que disse isso?

— Queria que eu dissesse o quê? — Ele deu de ombros.

— Não consegue simplesmente manter sua boca fechada?

Sua rispidez o deixou chateado.

— Às vezes, acho que faz isso para se aparecer. — Ela se ajeitou no banco afastada dele.

Carl mandou o motorista seguir e por todo o caminho, Esther ficou calada, evitando olhar para ele. Sua simples presença a incomodava. Ela fechou os olhos e se esforçou para se lembrar da maldita noite em que roubou o arquivo. A única coisa que queria era descobrir onde ele estava para poder se livrar dele de uma vez por todas.

“Esther, pode me ouvir?” — um dos agentes perguntou.

Ela levou a mão ao ouvido para ajustar o ponto.

“Estou te ouvindo.”

“Agente Taylor está distraído o Trainor. Preciso que siga minhas instruções.”

“Sim, pode falar.”

“A sala do chefe de segurança fica próximo ao salão oval. Siga até a escada à sua direita. No segundo andar, siga pelo corredor à sua esquerda.”

“Estou indo.”

“Você precisa entrar na sala. Ela está trancada, terá que abri-la com a micha. Não demore lá dentro. Apenas ligue o computador, insira o pen drive e copie o arquivo. A senha para entrar no programa é 23DELTA567. Copiou?”

“Sim. Eu posso fazer isso. Mas, e quanto aos seguranças?”

“Tenha calma. Daremos um jeito neles. Boa sorte, agente. E lembre-se, se for pega, terá que arranjar uma boa desculpa.”

“Não serei”. Ela sorriu enquanto caminhava em meio aos convidados. Olhou para todos à sua volta e tentou disfarçar. Estava apreensiva. A adrenalina corria por suas veias deixando-a eufórica. “Vou provar para todos que Carl não está envolvido nisso”, ela pensou.

— Chegamos. — Carl disse despertando-a de suas memórias.

Ela abriu a porta do carro e se dirigiu para a casa. Não quis esperar por ele. Assim que abriu a porta, subiu para o quarto, pegou um travesseiro e um lençol; e da escada, chamou por Carl.

Quando seu noivo apareceu, ela jogou tudo sobre ele e disse:

— Boa noite. Você pode dormir no sofá hoje, ou sei lá, durma onde quiser, menos ao meu lado. — E virou-se, entrou em seu quarto e trancou a porta.

Carl pegou tudo sobre a escada e pareceu não acreditar. Porém, não quis questioná-la sobre seus atos. Ele sabia que se ele a questionasse, ela poderia falar sobre Dario, e isso era a única coisa que ele não queria falar. Era mais fácil passar por cima do seu orgulho, do que perdê-la para um peão da roça. Emburrado, ele subiu as escadas e foi dormir no quarto de hóspedes.

No quarto, Esther tirou a roupa, a maquiagem e se jogou na cama. Ela chorou pensando em Dario, porque sentia sua falta. Amaldiçoou por não ter um telefone para ao menos ligar para ele e ouvir a sua voz. Deitada, colocou a mão sobre seu ventre e ficou ali por um bom tempo conversando com seu filho.

— O papai virá nos buscar, eu posso sentir. Não precisa se preocupar, meu amor. Ele não irá nos manter longe por muito tempo — ela sussurrou tristemente. Seus olhos estavam cheios de lágrimas e a dor em seu peito era dilacerante. Ela sentia falta dele, e a dor só aumentou.

Ela tentou dormir, mas falhou. Foi impossível quando a única coisa em que pensava era nos momentos felizes que esteve com ele. Ela se encolheu na cama e rezou para que pudesse suportar sua

ausência.

Capítulo 28

INSEGURANÇAS

O dia amanheceu. O relógio de cabeceira marcava sete da manhã quando Esther acordou. No momento em que despertou, ela olhou ao seu lado e sentiu a falta dele. Era a segunda noite consecutiva que estava longe de seu amado. Ainda sonolenta, ela se levantou e caminhou até o banheiro. Fez suas higiênes matinais e tomou um banho rápido.

Quando terminou, caminhou até a porta e a destrancou. No corredor, imperava um completo silêncio. Não havia nem cheiro de café. Andou nas pontas dos pés até o quarto de hóspedes e, com cuidado para que não fizesse nenhum barulho, ela abriu a porta e viu que Carl dormia tranquilamente. Assim que fechou a porta, correu para o seu quarto.

No *closet*, pegou um jeans preto e uma blusa vermelha e os vestiu, juntamente com uma bota preta de cano longo. A seguir, pegou um casaco, pois fazia frio lá fora. A única coisa que queria era ouvir a voz dele. Ela precisava disso para continuar. Precisava saber como ele estava.

Decidida, Esther abriu a janela e pulou por ela. Seus pés tocaram o telhado e seus olhos varreram o local. Os homens da segurança estavam em seus carros alheios à sua volta. Ela caminhou pela lateral da casa, se abaixou virando de bruços e foi descendo o telhado devagar. Quando seus pés tocaram o alpendre, ela se esgueirou para baixo e sem dificuldades, pulou. A queda até o chão foi tranquila. Ofegante, deu um pequeno sorriso e correu pelos fundos da casa. Ela precisava saber como Dario estava. Então, correu para longe, à procura de um telefone público.

Na fazenda, Dario e os irmãos estavam reunidos na sala de tevê. Após o acesso de fúria que culminou na destruição de alguns móveis da casa, incluindo a mesa de jantar, eles preferiram tomar seus cafés sentados no sofá assistindo ao jornal da manhã.

Dario parecia distante, mas ainda assim, conseguiu comer, coisa que não fazia desde que ela havia partido. Ryan o olhou atentamente, ele sentia pena do estado em que seu irmão se encontrava. Parecia perdido, deslocado.

Atentos ao jornal, os irmãos viram o exato momento em que a repórter deu uma notícia comum, se não fosse o fato deles saberem de quem se tratava: Esther.

A imagem dela preencheu a tela e o coração de Dario acelerou num ritmo frenético. Enquanto a repórter falava, as imagens de Esther e Carl, juntos, dentro de um Mercedes escuro, o atormentaram. Dario olhou para Carl sorridente ao lado de sua mulher. Ele queria tirar aquele sorriso presunçoso da cara dele a socos, mas o que podia fazer? Ele mesmo havia a empurrado para isso. E lamentou por ter sido um completo imbecil.

“E o casamento? Já remarcarão a data?”

“Ainda não falamos sobre isso.”

“Como ela está se recuperando após o aborto?”

“Ela está indo bem, foi uma grande perda para nós.”

“Vocês poderão ter outros filhos?”

“Uns dez se quisermos, mas acredito que seja muito.”

Dario parecia transtornado ouvindo tudo aquilo. Ele abriu a boca diversas vezes, mas nenhum som saiu dela. Seu olhar indignado bastou para soar o alerta em seus irmãos, igualmente perplexos.

Ele levantou devagar e passou a mão em seus cabelos. Estava abalado com aquela declaração.

“Ela vai se casar? E que história de aborto é essa?”, seus pensamentos gritavam em sua mente atormentada.

Dario juntou toda a sua ira e frustração. Ele lançou o copo que estava em sua outra mão na direção da tevê, assustando a todos. Houve um barulho alto de estilhaços e vidros caindo ao chão.

— Desgraçado! Maldito, desgraçado! — gritou em fúria.

Ryan se levantou e pediu para que ele mantivesse a calma. Ele parecia um touro acuado, pronto para a briga.

— Sabe quando esse filho da puta irá se casar com a minha mulher? — Seus olhos eram como chamas flamejantes. — Nunca! — esbravejou.

— Precisa se controlar, Dario. Não pode continuar destruindo tudo o que vê pela frente. Controle-se.

Dario deu um meio sorriso irônico.

— Ouviu o que ele disse? Dez filhos? Mas nem morto! Vou cavar uma cova para esse desgraçado tão funda, mas tão funda, que ficará impossibilitado de reencarnar pelos próximos dez mil anos.

Melanie tentou conter uma gargalhada. Sabia que seria perigoso, pelo menos no estado em que ele se encontrava, então, se absteve do riso, mas soltou uma pérola:

— Alguém avisa o abominável homem das cavernas que para reencarnar a pessoa não precisa do corpo?

Johnny olhou para ela querendo matá-la.

— Você se acha tão engraçada... Pois fique sabendo que não é — disse entredentes. — Está se divertindo com o sofrimento dele?

— O sofrimento dele também é o meu, esqueceu? Ele é culpado por isso. — Ela ficou chateada.

Dario passou por eles bufando de raiva.

— Dario, aonde você vai?

Ele parou, virou-se para o irmão, abriu os braços e disse:

— Trabalhar. É a única coisa que posso fazer. — Em seguida, virou as costas e saiu.

Esther não desistiu nem por um segundo de encontrar o que procurava. A poucos metros de sua casa, encontrou uma cabine telefônica. Ela espalmou a mão contra a cabine para recuperar o fôlego. Quando estava bem para continuar, suspirou fundo e discou para o celular dele. Sua frustração veio no momento em que ouviu a voz de Dario:

“No momento não posso atender. Deixe seu recado que entrarei em contato.”

Ela discou para a fazenda na esperança de que alguém a atendesse.

Porém, houve mais frustração.

Ela discou novamente para o celular dele, rezando para que ele a atendesse em algum momento.

A voz dele fez o coração dela se acalmar, mas não o suficiente para deixar de sentir a sua falta.

Por isso, discou várias vezes, apenas para ouvi-lo.

Ela segurou o choro. Sabia que era inútil continuar tentando, porque já estava ali, no mínimo, uns quinze minutos.

Com delicadeza, colocou o telefone no gancho e seguiu para a casa, desolada.

Ao chegar, foi surpreendida por Carl em frente à casa. Ele parecia preocupado e nervoso. Ainda com a roupa que havia dormido, disse exasperado:

— Você quer me matar? — Ele correu para abraçá-la. — Onde esteve? Por onde saiu? Não pode fazer isso, Esther. Está querendo ser pega?

— Eu precisava de ar, Carl. Precisava de espaço. Aliás, ainda preciso — disse, e passou por ele.

Ele ficou atônito. Acenou para os seguranças que haviam tomado um esporro dele momentos antes dela chegar e entrou.

— Será assim agora? Eu sei que você está confusa e tudo mais, só que eu sou o seu marido!

— Noivo! — ela rebateu. — Não sou sua mulher, Carl. E isso já está me deixando irritada.

— O que exatamente está te irritando? Eu? — Ele pareceu chateado. Aproximou-se e levou suas mãos ao rosto dela, segurando-a. — Eu te amo, Esther. Me preocupo com você. É isso que está te deixando irritada? O fato de eu me preocupar contigo?

Ela fitou-o nos olhos e se sentiu péssima por ter que fingir e mentir, ainda mais ele sendo tão amável com ela.

— Eu tive uma noite péssima. Por favor, me desculpe. Eu só estou...

— Com medo? Eu também estou, querida. E o meu maior medo é perder você outra vez. Então, por favor, não saia dessa casa sem ser com um de nossos seguranças até que tudo tenha se resolvido — ele sussurrou e a abraçou forte.

— Tudo bem. — Ela retribuiu o abraço. — Vou comer alguma coisa, estou faminta. — Esther sorriu.

— Eu preparei o nosso café, venha. — Ele estendeu a mão para ela. De mãos dadas, os dois seguiram para a copa.

Carl puxou uma cadeira para ela e a serviu.

— Onde está a Mary? — perguntou enquanto se ajeitava na cadeira.

— Ligou, dizendo que não viria. Aproveitei e dei folga a ela de três dias. Disse que íamos viajar e que ela não precisaria vir. — Ele sorriu colocando o suco em seu copo.

— Viajar? Não vou a lugar nenhum, Carl.

— Vamos para a casa de campo. Você gosta de lá e é um lugar sossegado.

— Eu prefiro ficar em casa.

— Você gosta de lá. Sempre gostou, lembra? Vai fazer bem a você. — Ele esticou a mão e tocou na dela carinhosamente.

Esther não podia negar, Carl era gentil. Seria mais fácil afastá-lo se ele fosse um babaca, mas não era. E isso dificultava as coisas.

— Carl, nós precisamos conversar. Eu preciso te dizer algumas coisas e...

— Querida, qualquer coisa que irá dizer, pode esperar. — Ele levantou da cadeira e se sentou mais próximo a ela. — Eu te amo, Esther. Você não sabe como foi difícil para mim esses dias em que estive longe — ele sussurrou. — Eu nunca amei tanto alguém como amo você. Achei que tivesse te perdido. Só queria que soubesse que não passou um dia em que eu não estivesse empenhado em encontrá-la. Finalmente, eu te encontrei. Só que parece que você não está feliz com isso.

Ela viu tristeza no olhar dele.

— Você é um bom homem, Carl. Sempre foi carinhoso, gentil e amável comigo. Não é que eu não esteja feliz por ter me encontrado. É que você merece alguém melhor do que eu. Alguém que te...

— Não quero ouvir essas baboseiras. — Ele se afastou. Ficou de pé com as costas no balcão da copa, olhando para ela. — Arrume suas coisas assim que terminar o seu café. Vamos para Virgínia.

— Carl, eu não...

Ele foi até ela e se abaixou na altura de seu rosto. Envolveu sua mão em sua nuca e a trouxe para ele. Ele beijou suavemente seus lábios e sussurrou:

— Eu vou fazê-la lembrar do porquê você me amava.

Ela fitou os seus olhos azuis intensos.

— Eu não me esqueci disso, Carl.

— Então, farei você sentir de novo — ele disse com o semblante triste e saiu da copa.

Esther chorou silenciosamente, enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto, lentamente. Estava sofrendo por causa do Dario, mas também estava fazendo Carl sofrer por sua indiferença. E sabia que não era justo com ele. Esther ficou ali, lembrando de tudo que vivera com Carl.

Ela queria poder apagar suas escolhas erradas, não que Carl tivesse sido um erro em sua vida, mas sim a forma como ela foi atrás dele. Tudo em sua vida era uma mentira. Carl amava Esther, e não ela. O que ele faria se descobrisse que Esther nunca existiu? Ela se pegou pensando nisso. Ela já havia perdido Dario por causa das suas mentiras, provavelmente, Carl também a abandonaria. Como dizer a ele que eles nunca se casariam? Não enquanto ela fosse Esther e amasse outro homem. Como dizer que foi tudo um plano, uma armadilha e que ela não passava de uma fraude?

Esther se levantou da cadeira com um nó na garganta. Ela precisava ser sincera com Carl. Precisava dizer que tudo havia mudado e que ela não o amava, que seu coração estava perdido para outro homem.

Seus passos pela casa eram lentos. Ela não sabia o que fazer para consertar toda aquela bagunça sem magoá-lo. Ela entrou no quarto e o viu no celular. Estava sorrindo.

— Sim, Senhor Presidente. Obrigado. — E desligou. Em seguida, olhou para ela e sorriu. — Arrume as malas, querida. Ficaremos três dias na Virgínia.

— Eu não estou com cabeça para viajar. Estou tão cansada — falou encostada no *closet*.

— Chegaremos em pouco tempo. Já pedi para que preparassem o helicóptero. Assim você não ficará exausta da viagem. — Ele abriu um lindo sorriso e a puxou para ele. Carl levou suas mãos até o rosto dela e afagou seus cabelos.

— Vai ser bom para nós.

Ela duvidou disso. Não seria nada bom. Na verdade, seria péssimo.

— Tudo bem.

— Eu te amo — ele sussurrou no ouvido dela.

— Taylor, você está aí? Está vendo a Esther?

A alguns metros, Taylor os espionava. Estava deitado sobre o telhado de uma casa próxima, com seu fuzil M-40A3. Ele conseguia atingir um alvo a 1000 metros, se fosse preciso. Em sua luneta integrada, ele tinha uma visão perfeita do quarto de Esther e Carl.

— Estou vendo os dois — respondeu.

— E como ela está? Ela está bem? — A voz de Morgan soou preocupada.

— Aparentemente sim. — Ele observou a irmã. Viu Carl se aproximar e beijá-la. Ele acariciou o rosto dela e dizia algo em seu ouvido.

“Não posso acreditar que você vai cair na conversa dele outra vez, Júlia. Estou odiando o Dario nesse momento, mas se tivesse que escolher em quem meter uma bala, eu escolheria esse idiota engomadinho, filho da puta mentiroso. Pode até enganá-la, mas não a mim. Eu não compro essa história de bom moço”, pensou olhando em sua luneta.

— Já conseguiu a identidade dos homens que estão fazendo a segurança para eles? — Taylor perguntou para Morgan.

— Estamos providenciando. Malcon está nesse momento fazendo o reconhecimento facial.

— Avise-me quando souber de alguma coisa.

— Certo.

— Morgan...

— O que foi, agente?

— Deixou alguns homens fazendo a segurança na fazenda? — Taylor estava preocupado. Sua cabeça e seu coração estavam no Texas, com Melanie.

— Eles não correm mais riscos. Precisamos focar em Esther.

Taylor não ficou contente com essa revelação.

— Aonde ela vai?

Taylor olhou surpreso para a pequena mala que Esther estava arrumando. Após terminar, ela trocou de roupa, colocou um jeans claro, uma blusa de seda azul e um blazer preto. Seus cabelos estavam soltos e ela não parecia muito contente. Depois de algum tempo, ela pegou a mala e saiu do quarto.

Um tempo depois, Carl e Esther deixaram a casa de mãos dadas. Carl chamou um dos seguranças e pediu para que carregasse as duas pequenas malas que estavam com eles.

— Que porra, Júlia! — Taylor balbuciou. — Morgan, ela e Carl estão saindo da casa. Estão com malas.

— Para onde vão?

— Não sei, mas isso não está me cheirando bem.

— Siga-os e me mantenha informada de cada passo que eles derem.

— Entendido.

Carl e Esther chegaram ao destino: a casa de campo em *Charlottesville*, na Virgínia. Ele dispensou os seguranças permitindo apenas que um ficasse em sua propriedade.

Eles caminharam sobre a grama até que chegaram na casa imensa e rústica.

— Já havia me esquecido de como era frio aqui. — Esther sorriu abraçando a si própria. Estava tremendo de frio. O cheiro das árvores penetrou em suas narinas. O ar era puro e quase não se ouvia barulho, a não ser dos pássaros em volta.

— Ao contrário de você, lembro-me de cada dia em que passamos juntos aqui, principalmente, os que passamos na cama. — Ele sorriu deixando-a sem graça. — Vamos entrar. Realmente está frio aqui fora.

Carl a ajudou com a mala. Ela olhava tudo ao redor recordando os bons momentos em que passaram juntos.

— São onze da manhã. Que tal irmos preparar o almoço? — Carl perguntou divertido.

— Claro.

— Onde está a sacola com as compras?

— Ficou na varanda lá fora.

— Vou buscar.

Esther caminhou até cozinha. Estava tudo limpo e em perfeito estado. Ela deu meia volta e voltou para a sala. A madeira rangia debaixo de seus pés. Por um bom tempo, ficou contemplando a beleza do lugar. Ela gostava daquele sossego, do ar rústico, e isso a fez lembrar do Texas. Ela se aproximou do aparador e ficou olhando para as fotos dela com Carl. A felicidade daquele momento estava estampada em seus rostos. Ela estendeu a mão e pegou o porta-retrato dos dois juntos. Ela estava sentada no colo dele; e ele olhava para ela com amor.

— Lembrando da nossa viagem a Machu Picchu?

Ela sobressaltou-se.

— Ah, sim! — Ela colocou o retrato de volta.

— Precisamos fazer essa viagem mais vezes. Tivemos ótimos momentos lá. Além disso, foi o lugar mais bonito que já visitamos.

— É verdade. — Ela sorriu.

— Quer me ajudar com o almoço? — perguntou divertido.

— Vamos nos aventurar. — Ela riu.

Eles prepararam os ingredientes e se divertiram lembrando das coisas que fizeram juntos. Carl se lembrou do tombo que levou no dia em que foram esquiar na neve e de como Esther gargalhava por ele não ter conseguido ficar em pé mais do que dois minutos num *snowboard*.

Eles gargalharam.

— Acho que isso é a única coisa em que você é péssimo, Carl.

— Você também é péssima em uma coisa, querida — ele disse apontando a faca que cortava a cebola.

— Ah, sou? Em quê? — ela quis saber.

— No dia em que nos vimos pela primeira vez...

Ela ficou tensa.

— Aquele esbarrão na festa não foi de propósito. Eu soube no momento em que a fitei nos olhos. Você queria ter feito aquilo. — Ele riu.

— Nãoooo! Juro que não. — Ela riu.

— Você queria me levar para o banheiro e ver meu abdômen sarado, confesse! — disse divertido. Ele amava ouvir os sons de seu riso.

— Não seja convencido. Foi um acidente! — Ela desviou o olhar.

— Foi um acidente você me beijar naquele momento também? — Ele largou a faca em cima do balcão da cozinha e caminhou até ela, que preparava a salada.

Ela foi ficando tensa com a aproximação dele.

— Não foi um acidente. Eu beijei você. Vai me dizer que não queria?

Ele sorriu.

— Bom, o que você não sabe sobre aquele dia, eu vou te contar agora. — Ele enlaçou os braços na cintura dela, deu-lhe um leve beijo e disse: — Eu me apaixonei por você antes de você jogar aquela bebida em mim. Me apaixonei por você no momento em que apareceu naquela festa, linda e sofisticada, mas sem ser vulgar. Você tinha um brilho próprio. Um brilho que fez com que todas as outras mulheres a invejassem e quisessem ser você. Confesso que dentre as que estavam lá naquele dia, você era a mulher mais simples, porém, a única que consegui ver através do olhar. E o que eu vi naquele momento em que você entrou pela porta, era que você me queria, e eu fiquei feliz por isso.

— Você era noivo. — Ela sorriu.

— E você me beijou sabendo disso. Nós nos arriscamos, e olha para nós... Estamos juntos há pouco mais de um ano e eu ainda sinto tudo aquilo que senti naquele dia.

Ela não soube o que dizer.

— Eu quero me casar com você, apesar de me sentir completamente casado. Quero ter filhos, quero construir uma família. Lembro-me de que você também queria. E era isso que eu queria que se lembrasse, de como éramos e do que queríamos juntos.

Ela lutou contra as lágrimas.

— Carl... — Sua voz saiu embargada.

Ele a beijou.

Ela não podia corresponder àquele beijo. Não com a mesma intensidade dele. Não eram aqueles lábios suaves que ela queria sobre os seus, não eram aquelas mãos que ela queria a tocando com carinho e não era aquele cheiro amadeirado que ela queria sentir em sua pele. Ela queria Dario. O homem que a beijava de forma possessiva tirando tudo dela, até mesmo o ar. Ela queria sentir aquelas mãos fortes a pegando com força e queria sentir o cheiro do suor que emanava do corpo dele.

Ela se afastou abruptamente.

Ele a puxou de volta e a beijou novamente.

— Carl... — Ela se esquivou. — O almoço.

Ele olhou para ela com uma carranca.

— Está fugindo de mim.

— Não! Não, claro que não. — Ela se sentiu mal por isso.

— Você está diferente, Esther. Eu mal a reconheço. Está distante, fria... Eu só quero ter a minha mulher de volta. É demais pedir isso? — ele perguntou. Sua expressão transbordava tristeza.

— Eu só preciso de um tempo.

— Quanto tempo mais? Faz quase três dias que não me deixa chegar perto de você. Eu não posso tocá-la, que se afasta. Eu sinto sua falta, eu quero você.

— Eu sei. Por favor, me desculpe. Será que podemos seguir com o almoço?

Carl se afastou dela.

— Se quiser, pode terminar. Eu perdi a fome — disse e saiu deixando-a ainda pior, sentindo-se culpada.

Ela continuou ali, fazendo o almoço.

A paciência de Dario estava por um fio. Os problemas com a colheita do Aloe e a falta de instrutor para as aulas de equitação estavam deixando-o ainda mais irritado. Ele viu como Taylor fazia falta, assim como Helena. Ela o acalmava.

Ele seguiu até o *haras* e pediu ao Ryan para dar instruções aos tratadores. Ele queria fechar o *haras* até que conseguisse trazer Helena de volta. Não tinha cabeça para cuidar de nada, muito menos lidar com alunos no estado em que se encontrava.

— Está certo de que quer fazer isso? Isso aqui sempre foi a sua vida, Dario — Ryan resmungou.

— Isso foi antes. A minha vida não está mais aqui, você sabe disso. Não tenho cabeça pra isso, Ryan. Não terei, enquanto ela não voltar — disse cabisbaixo.

— Está certo. Amanhã irei levar o Johnny, a Kristen e o irmãozinho para o aeroporto. Preciso saber se vai ficar bem sem mim.

— Vou. Melanie vai estar aqui também, não tem com o que se preocupar.

— Certo. Eu vou para casa. Já está tarde e fiquei de sair com a Paige.

— Fico feliz que estão se dando bem. — Ele sorriu para o irmão.

— Sim. Ela respeitou os limites impostos por mim.

— Você é estranho, Ryan. — Dario conseguiu rir. — Leva a garota logo pra cama.

Ryan riu.

— Só depois que casarmos — Ryan disse e foi embora.

Dario ficou olhando o irmão se afastar. Limpou o suor de sua testa e tirou as luvas grossas que cobriam suas mãos. Andou até o estábulo e abriu a baia de Thor.

— Vamos dar uma volta, amigão.

Em seu cavalo, Dario saiu cavalgando por suas terras. Ele precisava ficar sozinho e pensar. A notícia do casamento de Helena com Carl o havia deixado arrasado.

Ele cavalgou até seu canto, à margem do lago, onde sempre se refugiava.

Desceu do seu cavalo, retirou suas botas, seu jeans e entrou para um mergulho no lago.

Ele pensou nela, no filho e nas palavras dolorosas que havia dito a ela. Ele praguejou baixinho, enquanto seu coração estava apertado.

Dario ainda estava na água quando o céu começou a ganhar um tom arroxeadado. O sol havia se posto e a noite se aproximou. Do lago, ele viu Georgina se aproximar num cavalo branco. Era o cavalo de Morris.

Ele bufou ao vê-la descer de seu cavalo e seguir em direção a ele.

Dario saiu da água apenas com sua *boxer* branca totalmente transparente. Os olhos de Georgina varreram por todo seu corpo. Ela deu um sorriso travesso.

— O que faz aqui? — Ele se irritou com sua presença. Recolheu sua calça, sua bota e as vestiu.

Georgina ficou olhando as gotas de água acumuladas em seu torso.

— Esse é o nosso canto, esqueceu? Vínhamos aqui para namorar ou pensar quando queríamos.

Ele olhou para ela. Continuava bonita, não podia negar. O tempo fizera bem para ela.

— Não me esqueci, inclusive, de que está em minha propriedade. E, pelo que eu saiba, sem ser convidada.

— Ah, deixa disso, Dario. Eu já estou sabendo de tudo. Só vim saber se precisava de alguma coisa.

— E o que você acha que sabe? — Ele caminhou até Thor.

— Que ela te deixou, te trocou por outro. Sinto muito. Eu sabia que isso não duraria por muito

tempo. Pelo visto, você ainda não mudou. — Ela foi inconveniente.

Ele virou para ela e sorriu, cínico.

— Ela não é você, Georgina. Não vou ficar aqui te dando trela. Eu tenho mais o que fazer. — Ele montou em seu cavalo.

— Eu só queria...

— O que você quer ou queria, não me diz respeito. Não gostaria de ser rude com você, Georgina. Tivemos uma história com começo, meio e fim. Portanto, vá caçar outro para encher o saco.

Ela olhou para ele, atordoada. Não esperava esse tipo de receptividade.

— Dario, você não vê? Não era para ser, você e ela. Sempre será nós dois. Eu sei que você ainda me ama.

Ele a olhou indignado com sua cara de pau.

— Quanto mais eu fico longe dela, Georgina, mais eu tenho certeza de que o que eu sentia por você, não foi amor de verdade. O mundo é feito de escolhas, você fez a sua. Aprenda a conviver com ela. Eu demorei para enxergar isso. Mas, já que está aqui, quero te agradecer por ter me deixado. Eu não saberia o que seria o amor verdadeiro se estivesse com você — ele disse e saiu para longe, montado em seu cavalo, deixando Georgina sem fala e arrasada.

Dario cavalgou em direção à mansão. Estava exausto. Só queria deitar em sua cama e pensar. Já estava cansado de chorar. Ele queria se manter bem mentalmente para que pudesse ir buscá-la.

Esther já estava preocupada com o sumiço de Carl. Após a briga, ele havia saído. Ela o procurou por toda a extensão da floresta e não o encontrou. Cansada, resolveu tomar um banho e dormir.

Ao entrar no quarto, notou que Carl havia esquecido o celular.

Ela o pegou de cima da cabeceira e deslizou os dedos pela tela até que desbloqueasse. A foto dela com Carl apareceu na tela, como papel de parede. Na agenda dos contatos, ela vasculhou por um momento, não procurava por nada em específico, foi apenas curiosidade.

Ela correu até a janela e olhou por ela. Não queria ser surpreendida por Carl. Então, discou para Dario.

A chamada caiu após vários toques. Ela persistiu.

Ela sorriu e se sentou na cama para equilibrar-se assim que ouviu a voz grossa dele.

— Alô! Alô.

Ela ficou momentaneamente sem palavras.

Do outro lado da linha, Dario olhou para o aparelho, confuso. A chamada vinha de um número

restrito.

Esther lutou para se recompor. As lágrimas já escorriam em seu rosto e suas mãos estavam trêmulas.

— Alô! — Dario continuou a falar.

— Dario... Sou eu. — Sua voz saiu com dificuldade.

Dario teve que se sentar na cama para não cair.

— Helena? Amor, é você?

— Por favor, não desligue. Eu só queria ouvir a sua voz, saber se você está bem.

Dario ficou calado. Não acreditava que ela estava ali, do outro lado da linha, falando com ele.

— Eu só queria lhe dizer que eu te amo, e que estou sentindo a sua falta, eu e nosso filho. — Ela levou a mão na barriga.

Emocionado, Dario não conseguiu conter as lágrimas.

— Eu sou um idiota, Helena. E não me importo que tenha mentido pra mim. Eu... eu... Droga, eu sinto sua falta também. Eu vou buscar você. Desculpe-me por ter quebrado minha promessa, eu não deveria. Porém, prometo que nunca mais vou te deixar de novo, se você puder me perdoar — ele disse secando as lágrimas. — Eu quero você aqui, onde é o seu lugar.

Ela chorou.

— Eu já te perdoei, você esqueceu? — Ela sorriu.

— Ele sabe do nosso filho?

— Não. Eu não posso contar.

— Ele não tocou em você, não é?

— Dario... — Ela fechou os olhos, triste.

— Está certo, eu não quero saber. Não me importa. Nada disso importa se eu tiver você. — A voz dele tinha um tom de desespero, que a deixou aflita.

— Eu te amo tanto — ela disse aos prantos.

Houve um breve silêncio entre eles.

— Eu também te amo — ele sussurrou.

— Preciso desligar. Eu vou voltar pra você, mas quero voltar inteira. Preciso me livrar dessa vida. Porém, só quero saber se ainda tenho um lugar para onde voltar.

— Faça o que tiver que fazer, Helena. Não demore. Não vou aguentar a sua falta por muito tempo. Se você não voltar, eu vou te buscar. Você é minha! O seu lugar é e sempre será ao meu lado — ele disse e desligou.

Ela levou o celular até o peito e o apertou contra ela. Uma mão desceu até seu ventre onde o acariciou de leve.

— Nós vamos voltar, *baby*. Vamos voltar pro papai. — Ela sorriu em meio às suas lágrimas. Apagou a chamada feita e colocou o celular no lugar.

Cansada, deitou-se na cama e dormiu com a esperança de que tudo iria se resolver. E, enfim, ela poderia viver sua vida do jeito que sempre quis: livre.

Algum tempo depois, Carl retornou para casa. Estava completamente alterado pelo álcool. Ele andou com dificuldade tropeçando nos móveis da casa. Subiu as escadas e quase caiu no último degrau. Com muito sufoco, ele conseguiu chegar até o quarto onde Esther dormia.

Ele retirou a roupa e ficou apenas de cueca. Se esgueirou para debaixo da coberta e a abraçou.

— Ei, amor, acorda! Eu estou aqui e louco para ter você — disse distribuindo beijos em suas costas por cima do tecido fino.

Ele puxou o cobertor e o jogou no chão. Se pôs de frente para ela, jogando o peso de seu corpo para encobri-la.

Carl acariciou o corpo curvilíneo de Esther enquanto ela dormia. Ele ergueu a pequena camisola lilás até sua cintura e beijou sua barriga indo até sua calcinha. Ele a beijou ali, por cima do tecido, despertando-a.

— Carl?

Ele estranhou a forma confusa em que o chamou.

— Quem mais seria? — perguntou tentando puxar a calcinha dela.

— O que está fazendo? — Ela se sentou abruptamente na cama. Recolheu as pernas e as abraçou protegendo-a.

— O que foi?

— Onde esteve? Está fedendo a álcool, Carl. Você bebeu? — ela perguntou espantada. Não era um comportamento típico dele.

Ele puxou as pernas dela tentando se aproximar.

— Eu quero fazer amor com você — ele disse tropeçando nas palavras.

— Você precisa é de um banho, está fedendo! — ela se irritou.

Carl a puxou com força e deitou sobre ela. Ele a beijou e suas mãos foram parar nos seios dela.

— Carl, pare!

Ele continuou. Ela pôde sentir o membro dele crescer violentamente no meio de suas pernas. Estava excitado.

— Carl, solte-me. Está bêbado! — Ela o empurrou. Porém, ele era mais forte.

— Eu quero fazer você gemer no meu ouvido, querida. Quero transar com você a noite inteira.

Ela sentiu repulsa.

Ele a tocou por debaixo da camisola e afastou a calcinha dela de lado para afundar seus dedos nela. Antes que pudesse conseguir, Esther o empurrou mais forte e o esbofeteou com força.

— Eu disse para parar! — ela quase gritou.

Carl a olhou com raiva com os olhos vermelhos e os reflexos lentos. Por isso, demorou alguns segundos para ele reagir.

— É por causa daquele maldito roceiro, não é? — gritou assustando-a.

Ela se encolheu.

— Diga! — gritou ainda mais alto. Ela sobressaltou.

— Está maluco? Do que está falando?

Ele soltou um riso esganiçado.

— Acha que eu sou um idiota, não é, Esther? Você trepou com aquele peão sujo e imundo. — Havia um tom de desprezo e nojo em sua voz.

— Eu estava esperando você ter a decência de me contar o que eu já sabia.

Ela ficou estupefata.

— Sabia? Você não sabe de nada, Carl. Está bêbado.

Ele saiu da cama. Furioso, passou a mão pelo aparador levando todos os retratos e objetos que estavam nele ao chão.

— É por isso que não me deixa chegar perto de você, não é? Responda! — ele gritou.

Esther ficou encolhida na cama, assustada com o acesso de raiva dele. Carl era sempre calmo. Ela nunca o viu tão transtornado.

— Você está fora de si, Carl. Você bebeu e está imaginando coisas.

— Não subestime minha inteligência, Esther. Eu vi. Eu mandei um detetive te procurar. E sabe o que ele me trouxe? Sabe? — gritava. — Um monte de fotos suas. E em uma delas, você estava beijando aquele filho da puta.

Ela ficou atônita.

— Você estava fingindo esse tempo todo?

— Ah, faça-me o favor, Esther. Não se faça de santa. A única fingida aqui é você. Pode tirar essa cara de indignação do rosto.

— Eu não vou falar com você enquanto estiver sob influência do álcool. — Ela se levantou da

cama e passou por ele. Ele a puxou pelos braços e a arrastou até a cama.

— Você não vai fugir. Não de mim. Eu quero saber agora a verdade. Toda a verdade — ele exigiu.

— Saia daqui, Carl, ou pegarei minhas coisas e irei embora.

Ele riu exasperado passando a mãos pelos cabelos.

— Aposto que vai atrás do roceiro. Deve ter gostado de trepar no meio do mato com um selvagem.

Ela ficou chateada.

— Não admito que fale assim comigo.

— Eu sou seu marido, porra! O seu marido! Eu passei por cima do meu orgulho, fechei os olhos pra sua traição, e sabe por quê? Porque eu amo você. Não serei trocado por um homem que não deve nem saber ler e escrever.

— Não vou discutir isso com você — ela se enfureceu.

— Admita! Admita que está se afastando de mim por causa dele — gritou enraivecido. — Você não era nada pra ele. Ele não te ama como eu amo. Ele te deixou ir. Eu nunca desistiria tão fácil de você.

Ela ficou abalada pelas palavras dele.

— Não sabe o que está dizendo.

— Não sei? Ele é um cretino. Só trepou com você. Te usou e jogou fora quando teve a oportunidade.

— Cale a boca! — ela gritou. Saiu da cama em direção ao banheiro.

Carl correu até ela e a puxou pelos braços.

— Eu ainda não acabei de falar.

Ela se desvencilhou dele.

— O que você quer, hein, Carl? Quer ouvir da minha boca o que você já sabe? Então, tá. Eu não transei ou trepei com um roceiro. Eu fiz amor com ele. Eu fiz amor com ele e gostei. Aliás, gostei muito. Na verdade, eu amei. Ele é muito mais homem do que você. — Ela despejou na cara dele. Antes que pudesse se proteger, Carl conseguiu acertar uma bofetada em seu rosto. Ela olhou para ele com os olhos cheios de lágrimas.

Ele a abraçou e se desculpou no mesmo instante.

— Droga! Me perdoe, por favor. Por favor.

Ela chorou.

— Eu sinto muito, Carl.

Ele a envolveu em seus braços e acariciou os cabelos dela. Deu vários beijos em seu rosto e, mais uma vez, implorou:

— Me perdoe, querida. Eu não deveria ter feito isso, me desculpe.

— Eu quero ficar sozinha, por favor.

Ele a soltou e olhou para ela. O arrependimento estava estampado em seus olhos.

Carl virou as costas e saiu.

Na fazenda, Dario ainda sofria, mas conseguiu sorrir. A felicidade não cabia dentro de si. Ela o amava, ele sabia disso. Percebeu nas palavras dela. Ele estava com medo dela estar odiando-o, mas na verdade, ela veio até ele.

Ele se revirava na cama, sem conseguir dormir. A sensação era de que a cama havia ficado duas vezes maior sem ela. Ele abraçou o travesseiro e esticou o braço para pegar o celular. No criado-mudo, pegou um fone de ouvido e encaixou no telefone. A única forma de acalmá-lo era dormir ouvindo música. Era a única forma que ele conseguia amenizar a dor de estar longe dela. Assim que ele sintonizou a rádio, a música *Angel*, do Aerosmith, invadiu seus ouvidos.

I'm alone yeah I don't know if I can face the night

I'm in tears and the cryin that i do is for you

I want your love let's break the wall between us

Don't make it tough, I'll put away my pride

Enough's enough, I've suffered and I've seen the light

Capítulo 29

INVASÃO

Dario estava esperançoso. Após falar com Helena, se sentia mais calmo e tranquilo. Como de costume, acordou cedo e foi para o *haras* tratar dos cavalos. Ryan o observou de longe e viu quando ele conversava com Thor, alegre. Parecia outro. Aquela tristeza que via nos olhos do irmão já não estava mais lá. Ele se aproximou para saber o que o fazia tão feliz.

— Está diferente hoje — Ryan falou firme. — O que aconteceu para te fazer sorrir tão cedo?

Dario olhou para o irmão e abriu um meio sorriso.

— Ela me ligou ontem.

— Quem? Helena?

— Sim. Sabe, Ryan, eu não consigo viver sem essa mulher. Pode parecer idiota o que vou falar, mas a minha vida se ligou com a dela de tal forma, que se eu a perder, estarei perdido também — disse selando seu cavalo. Ao contrário de Dário, Thor estava agitado e um pouco triste.

— E o que foi que ela disse?

— Que vai voltar assim que resolver a tal missão. Só que eu não vou esperar. Eu ia te procurar e dizer que quero meus documentos, porque irei atrás dela hoje mesmo.

Ryan suspirou.

— Escute, irmão. — Ele colocou uma das mãos em seu ombro. — Ela te disse que irá voltar. Tenha paciência.

Dario franziu o cenho.

— Coloque-se no meu lugar, Ryan. Eu sei que estraguei tudo e que se ela está longe é por minha culpa. Só que ela está com um homem. Um homem que certamente é apaixonado por ela, senão não teria vindo até aqui buscá-la. Ela carrega o meu filho dentro dela. Não quero que ele toque em nenhum fio de cabelo da minha mulher. E pensar que isso pode acontecer, está me matando.

— Ela te ama, Dario. E por mais que eu entenda a sua dor, ela está certa. Deixe que ela resolva seus problemas antes de voltar pra você.

— Os problemas dela são os meus problemas, Ryan. Eu fui egoísta expulsando-a daqui. Não serei mais. Ela precisa de mim.

— Você é teimoso.

— Sou um Craig. — Dario sorriu.

— Seus documentos estão na minha gaveta lá no escritório — Ryan disse e se afastou. Porém, no meio do caminho, ele se virou para Dario. — Não faça nenhuma besteira, por favor. Não poderá cuidar de sua mulher e de seu filho, se estiver preso.

— Não farei.

Longe dali, dentro da mansão, Melanie estava abatida. Ela sentia falta de Taylor. Desde que ele partiu, andava sem motivação e triste pelos cantos culpando o irmão por tê-lo afastado. Ela se chateou, pois ele não havia ligado para ela nenhuma vez desde que partiu. Não estava tão esperançosa de que ele voltaria. Porém, algo em seu coração gritava para que tivesse paciência. Estava preocupada com os riscos e rezou para que nada acontecesse com ele. Deitada na cama, olhou fixamente para o teto e deixou sua mente divagar. Fechou os olhos e lembrou-se da primeira vez em que o conheceu. Desde aquele primeiro momento, o primeiro toque e a primeira troca de olhares, ela soube que ele seria alguém especial em sua vida. Alguém que valesse a pena amar. Melanie lembrou-se de todas as vezes que foi infeliz e maltratada por alguns homens. E sorriu por saber que Taylor em nada se parecia com aqueles caras que despedaçaram seu coração. Ela pretendia não dar chances para o amor depois de tudo que sofrera. Vivia radicalmente. Festas, baladas, bebidas e sexo era tudo que a preenchia no momento. Se apaixonar por Taylor, a fez ver o quanto foi imprudente levando a vida de forma tão leviana.

Três batidas na porta a fizeram despertar de seus devaneios.

— Atrapalho alguma coisa? — Johnny perguntou. Entrou no quarto mais arrumado do que o normal. Sorriu para ela e se sentou na cama, ao seu lado.

— Está bonito. Vai sair? — perguntou olhando para ele vestido com um jeans preto e uma camisa clara com listras finas.

— Vou ao cartório. Quero marcar a data do casamento para quando eu voltar do teste em Nova Iorque.

Ela sorriu.

— Estou feliz por você. Vou sentir saudades quando se for.

— Um ano passa rápido. Também viremos visitá-los. E você? Está com uma carinha triste.

Johnny estendeu a mão até o rosto de sua irmã e lhe fez um carinho.

— Eu estou bem.

— Conheço você, Melanie. É o Taylor, não é?

Ela assentiu.

— Ele ligou?

— Não. Deve estar ocupado demais.

— Tentou ligar para ele?

— Apenas uma vez. Não quero atrapalhá-lo na missão. Eu quero que ele termine logo e volte pra cá.

— Ele vai. Vim te dizer que no final da tarde de hoje, o Ryan irá nos levar para o aeroporto. Você vai querer ir conosco?

— Não. Vou ficar de olho no Dario. Ryan acha que ele pode fazer alguma bobagem e me pediu para que ficasse atenta.

— Você cuidando do Dario? — Johnny soltou uma gargalhada. — Boa sorte!

— Para de ser bobo. Eu sou uma boa irmã. — Ela sorriu.

— Sim, é sim. — Ele a abraçou. — Deixe-me ir. Mais tarde nos vemos de novo.

— Vai lá. Manda um beijo pro Denny.

Casa de Campo, na Virgínia, Estados Unidos.

Esther acordou decidida a deixar a casa e voltar para Washington. No quarto, ela se trocou. Colocou uma calça preta justa, uma miniblusa branca e botas. A casa estava um completo silêncio. Embora se sentisse mal por ter traído Carl, pois achava que ele não merecia, ela não se sentia culpada. Afinal, mal sabia quem era quando se apaixonou por Dario. E, com o passar dos dias, o sentimento aumentou gradativamente, fazendo com que ela já não se importasse com sua vida, antes de perder a memória. Encostada na porta do quarto segurando seu casaco de moletom cinza, ela suspirou fundo. A conversa com Carl não seria fácil. Ela queria acabar com o relacionamento para que pudesse voltar para o seu amor. A distância estava deixando-a triste e completamente perdida.

Esther abriu a porta e desceu lentamente a escada de madeira. Já se passava das onze da manhã e estranhou o completo silêncio e a falta do aroma de café que Carl sempre fazia quando acordava.

Ao passar pela sala, estranhou um pequeno vaso de cerâmica jogado ao chão, estilhaçado em vários pedaços pequenos.

— Carl? — ela o chamou.

Seu olhar atento varreu todo o ambiente. Apenas se ouvia o barulho de seu andar sobre o piso de madeira.

— Carl?

No sofá, jogou seu casaco e caminhou até a cozinha. A porta dos fundos estava aberta. Uma forte brisa entrou e a atingiu no rosto. Ela fechou os olhos por um momento e sentiu o cheiro forte que vinha da floresta.

Ao entrar na cozinha, ela estranhou que estivesse limpa e sem nenhum sinal de que Carl tivesse feito o café da manhã. Ela olhou tudo ao redor e abriu as portas do armário à procura de algo para

comer. Estava faminta. Pegou uma caixa com cereais e pegou uma garrafa com leite da geladeira. Despejou tudo dentro de uma tigela e se sentou para deliciar-se com sua refeição matinal. Seus pensamentos voaram até Dario. O sorriso presunçoso do *cowboy* aqueceu seu coração. Ela ficou imaginando se o bebê teria o mesmo sorriso do pai quando nascesse. Isso a fez rir. Com os cotovelos sobre a mesa, ela decidiu que não podia mais seguir em frente no plano da CIA. Não podia continuar numa missão tão arriscada. No começo, era apenas ela, só que tudo havia mudado quando se apaixonou por Dario e quando soube que esperava um filho. Uma criança que ela estava disposta a proteger, nem que para isso tivesse que passar por cima de todos.

Assim que acabou de comer, ela se levantou e caminhou até a varanda. As nuvens densas já escondiam os raios solares deixando o tempo nebuloso. O vento fresco e forte, indicava um mau tempo. A casa de campo sempre fora seu lugar preferido. Era calmo e longe da agitação urbana. Ela lembrou-se da fazenda, apesar que nunca era calmo por lá. Caminhando pela varanda, ela franziu o cenho ao notar o celular de Carl sobre o *deck* da piscina. Estava no chão, junto com um calção de banho. Ela agachou e o pegou. A vontade de ligar para Dario era enorme. Mas isso só a deixaria mais ansiosa. Então, resolveu aproveitar a oportunidade para ligar para o Max. Seus dedos deslizaram na tela para destravá-lo e, então, discou.

— Max? Max, sou eu, Júlia.

— Júlia? Merda! Graças a Deus, onde está? — A voz dele pareceu preocupada.

— Estou em Virgínia, na casa de campo.

— O que faz aí? Está louca? Deveria estar em Washington, Júlia. Sabe o quanto é perigoso ficar nesse momento sozinha com esse maluco do Carl.

— Não fale assim dele. Carl nunca me machucaria. Aliás, tivemos uma briga ontem. Max, não posso mais continuar. Quero voltar para o Texas — ela disse quase num sussurro.

— Sem chance. Precisamos do arquivo e você sabe disso. Não acredito que tenha saído de lá. Era para estar em sua casa, droga! Como quer se lembrar fazendo passeios românticos com um suspeito?

— Carl já deixou de ser suspeito. Tenho reparado nas atitudes dele, Max. Estou convencida de que ele não sabe nada sobre os planos dos russos.

— Sério? Como você é ingênua.

— Carl é incapaz de ferir alguém. Ele é gentil, educado, é preocupado comigo e até teve uma crise de ciúmes do Dario.

Max gargalhou do outro lado da linha.

— Ele não tem o perfil, Max. Você sabe disso.

— É. Eu sei. Sei que você está perdendo o foco.

— Ele sabe sobre a minha relação com o Dario. Disse que não se importa, que nada do que eu vivi com Dario importa. Ele me ama e eu não tenho sido sincera com ele, Max. Não posso continuar aqui e viver como se estivesse apaixonada por ele. Não consigo mais. Ele não merece sofrer e ser

enganado desse jeito — disse triste.

— Você está de sacanagem comigo? Porra, Júlia! Não vê que ele está te manipulando? Ele sempre fez isso com você. Te faz submissa para que tenha controle de sua vida. Essa não é você. Onde está aquela mulher que enfrentava aquele *cowboy* rude, que não se deixava ser controlada por ele? É aquela mulher que quero ver. Tenha atitude e tome controle da situação. Dario pode ter um monte de defeitos, mas ele não te controlava. Eu tinha mais orgulho de você quando estava com ele.

— Não é essa a questão, Max.

— Não está sendo profissional, Júlia.

— Eu temo pelo meu bebê. Só quero voltar para o Texas. Por favor, me entenda.

— Não irá acontecer nada com seu filho, irmãzinha. Por isso, pegue suas coisas, arrume as malas e volte para Washington agora. Ou eu mesmo irei até aí buscá-la a tapas. Você quer seu *cowboy*? Ótimo, eu quero voltar para a Melanie. Só que faremos isso quando tudo acabar. Entendido, agente Esther Rothenberger?

Ela suspirou fundo.

— Encontre-me no aeroporto às dezenove horas.

— É assim que se fala!

Ela desligou o telefone e apagou a chamada.

Uma pequena lágrima isolada escorreu por sua face.

— Acordou tarde. — A voz de Carl a assustou. Ele olhou para o celular nas mãos dela e sorriu.
— Estava falando com alguém?

— Ah, não. Quer dizer, achei o telefone caído e você não estava em casa... Fiquei preocupada.

Ela se aproximou dele e estendeu o celular para que o pegasse.

Delicadamente, ele o pegou de sua mão.

— Sobre ontem, quero pedir desculpas. Estava fora de mim — disse envergonhado. Mal conseguiu encará-la.

— Tudo bem. Eu só queria que soubesse que... eu havia perdido a memória, Carl. Não tinha certeza sobre nós... Foi tudo tão confuso.

— Eu sei. Não vou questioná-la. Só quero que saiba que eu amo você e farei de tudo para que voltemos a nos entender como antes. Éramos felizes, não éramos?

Ela assentiu.

— Venha. — Ele estendeu as mãos para ela. Esther deu alguns passos vacilantes e ele a puxou para um abraço. Carl inalou o cheiro dela e sussurrou em seu ouvido: — Eu amo você.

Ela deu um sorriso fraco.

— Onde está o segurança? Não o vi hoje e nem ontem à noite.

— Ontem ele estava comigo. E hoje pedi para que fosse à cidade comprar algumas coisas. Por que a pergunta?

— Nada. Só achei estranho.

— Não precisa se preocupar, querida. Está segura comigo. Sabe que também ando armado.

— É, eu sei.

— Vamos entrar? Sei que prometi que ficaríamos juntos, mas preciso fazer algumas ligações e ler alguns *e-mails* antes.

— Sim, claro.

— Por que não vai correr um pouco? Sei que adora a trilha da floresta.

— Hummm... É uma ótima ideia.

— Só não demore. Quero levá-la até a cidade. O segurança daqui a pouco chega com o carro que pedi.

— Alugou um carro? — Ela franziu o cenho, surpresa.

— Sim. Não quer ir a pé até a cidade, não? — Ele riu.

— Nãooooo. — Ela sorriu de volta. — Vou trocar de roupa. Não dá para correr de botas e jeans.

— Faça isso. — Ele beijou sua têmpora.

— Carl, assim que terminar, precisamos conversar. Eu quero voltar para Washington.

— Amanhã voltaremos.

— Eu quero ir hoje.

— Esther, viemos para cá para termos um tempo para nós. Não tivemos esse tempo. Eu preciso resolver uns assuntos agora. Podemos falar sobre isso depois?

Ela ficou amuada.

— Tudo bem.

De *short* preto e blusa cinza, ela saiu da grande mansão rústica e correu pela trilha na floresta. Em todo o trajeto, ela pensou no maldito arquivo. Na noite em que voltou para casa e percebeu que havia alguém dentro dela, faltou alguma coisa em tudo que se lembrou. Era como se tivessem cortado uma parte importante de suas lembranças. E era essa a parte que faltava para que decifrasse onde estava o arquivo roubado naquela noite do gabinete do chefe de segurança, ou seja, Carl.

Enquanto ela corria pela trilha, e seus passos firmes esmagavam as folhas secas caídas na terra firme, ela também pensou em Dario. A única coisa que estava entre os dois era o maldito arquivo. Ofegante, ela sussurrou:

— Vamos, Júlia, concentre-se! — Fechou os olhos. — Se eu fui pega na casa aquela noite, significa que o arquivo ainda está lá. Mas, onde? A única coisa da qual me lembro é que corri para o quarto, me escondi embaixo da cama e, então, logo fui pega. Se eu não estava com o arquivo, onde eu o escondi nesse meio tempo? Argh! Alguma coisa não está fazendo sentido. Minha mente deve ter bloqueado alguma parte daquela noite... — ela sussurrou o que havia em sua mente enquanto corria.

Subitamente, ela parou de correr. Flexionou os joelhos e levou suas mãos até eles. Ofegante, tentou normalizar sua respiração. Estava a mais ou menos dois quilômetros de distância da casa de campo. Caminhando devagar, ela foi até o lago. Se sentou ali um pouco para que recuperasse suas energias.

— Querido, mamãe está ficando velha. — Sorriu alisando a barriga. — O que o papai diria?

Sentada na beira do lago, ela ficou conversando consigo mesma e o bebê.

— Eu juro que quando tudo isso acabar, meu amor, a mamãe nunca mais pegará em uma arma. Jamais colocaria você em perigo. Só que eu preciso terminar isso, você me entende?

Havia tristeza na voz dela.

Estendeu as mãos até a beira do lago recolhendo um pouco de água. Jogou-a em seu rosto para se refrescar.

Ela começou a se sentir enjoada.

— É melhor voltarmos. A mamãe não está se sentindo muito bem. Não foi uma boa ideia correr.

Esther se levantou e caminhou de volta para casa. Em todo o trajeto, ela pensou no que faria para se manter afastada de Carl e convencê-lo a voltar para Washington. Então, teve uma brilhante ideia: iria fingir que estava doente, assim, ele seria obrigado a voltar. Ela lembrou-se de que havia marcado no aeroporto com Max, e praguejou que nada do que combinaram daria certo.

“Perdoe-me, irmãozinho. Assim que estiver em casa, dou um jeito de te ligar”, pensou.

Ao se aproximar da casa, sentiu um aperto no peito. Uma sensação ruim. Ela entrou pela porta dos fundos que dava direto na cozinha. Sua reação ao ver a cozinha toda destruída lhe causou pânico. Ela queria gritar por Carl, mas se conteve. Não podia anunciar que estava ali, caso tivesse alguém na casa. Em silêncio, abriu uma das gavetas do balcão e pegou uma faca de corte. Ao caminhar pelo chão, pisou em vários pedaços das cadeiras quebradas. Algumas portas do armário suspenso, também estavam danificadas e algumas louças quebradas ao chão.

Com cautela, se esgueirou até a porta e colocou a cabeça para ter uma visão do corredor. Estava limpo e um completo silêncio. Sorrateiramente, ela seguiu até a sala. Sua mão firme empunhava a faca escondida atrás das costas. Na sala, seus olhos varreram todo o ambiente. Porém, ao ver o tamanho da destruição, seu medo intensificou-se. No tapete creme, havia marcas de sangue. Ela se abaixou e ficou olhando fixamente para a mancha vermelha. O sofá estava fora do lugar, o bar que havia no canto da sala estava destruído e os líquidos das bebidas misturados com os cacos de vidro. O cheiro forte de álcool atingiu suas narinas.

Um barulho vindo da parte de cima da casa, chamou sua atenção.

Quem quer que fosse, ainda estava lá.

Sem pensar, seu instinto protetor aflorou.

— Carl — sussurrou.

Ela subiu as escadas de dois em dois degraus até que estava dentro de seu quarto. Ela olhou para tudo rapidamente e não viu nada. Seu coração começou a disparar. A adrenalina havia tomado conta do seu corpo. No quarto de hóspedes, também não havia nada. Ela vasculhou os banheiros e a varanda. Ao descer as escadas, viu um vulto passar da sala para a cozinha.

— Merda! — praguejou baixinho.

Ela desceu as escadas com cuidado segurando firme no corrimão de madeira. Andou rente à parede da sala até que deu de cara com um sujeito mascarado vestido de preto, que vinha do corredor. Ela mal pensou antes de reagir. Com um chute no joelho, Esther teve o homem caído à sua frente. Antes que ele pudesse gritar pelos seus comparsas, ela o atacou com a faca rasgando sua garganta. Silenciosa como uma sombra, ela o puxou pelos pés e o arrastou até o *hall*. Abriu a porta do banheiro e o jogou lá dentro. Com rapidez, vasculhou o corpo do homem à procura de arma ou algo que o identificasse. Para sua surpresa, não encontrou nenhuma coisa e nem outra. Ela retirou o capuz do homem e logo o reconheceu. A imagem do sujeito asfixiando-a naquele porão escuro e sujo, invadiram sua mente. Ela olhou para a tatuagem na mão esquerda do homem: símbolos russos.

— Droga!

Ela saiu de lá e olhou para o rastro de sangue que havia deixado. Retirou a blusa cinza ficando somente com um top branco por baixo. Usou a blusa para limpar o sangue e não chamar atenção. Quando terminou, enfiou a blusa no banheiro, junto com o corpo sem vida.

Ela começou a entrar em pânico. Pensou em Carl e se estava em perigo.

— Preciso sair daqui! — sussurrou caminhando pelo corredor até o final da casa quando foi surpreendida por um tiro. O buraco na parede à sua a deixou assustada.

— Parada ou atiro! — Uma voz grossa preencheu o ambiente. Esther não pensou duas vezes antes de se abaixar e sair correndo. Entrou pela porta da despensa, se trancou ali e tentou sair pela janela basculante. O homem chutou a porta violentamente derrubando-a no chão. Agarrou as pernas de Esther e a puxou para baixo.

Ela não gritou. Não queria que mais deles soubessem sua localização.

Ao ser jogada contra o chão pelo homem forte e de aparência assustadora, ela tentou acertá-lo com um soco. Ele se esquivou e lhe deu um soco no rosto.

Esther gemeu de dor. Levou as mãos até o rosto e sentiu seu nariz sangrar.

— Filho da puta!

O homem a pegou pelos cabelos e tentou arrastá-la. Apesar de não ter uma excelente forma física como a dele, Esther era ágil. Ergueu o punho e acertou um soco na sua traqueia. Mesmo debilitado e privado de ar, ele se jogou para cima dela para tentar contê-la. Esther passou as pernas

sobre a cintura do sujeito e o prendeu. Enrolou um dos braços no seu pescoço puxando-o para o lado contrário e pressionou a traqueia asfixiando-o. Ele grunhiu forte e aos poucos, sua face foi ficando de vermelha à arroxeadada até que revirou os olhos e seu corpo amoleceu, sem vida.

Esther ficou por alguns segundos esparramada no chão, com o corpo pesado dele sobre o seu. Tomou fôlego e o empurrou para longe dela.

Ao se levantar, sentiu uma forte tontura.

Sem pensar, pegou a pistola dele e seguiu em frente.

Quando saiu da casa, três homens estavam à espreita. Ela atirou em dois deles, mas não foi tão ágil em acertar o terceiro. Assim que ele conseguiu colocar as mãos nela, eles lutaram. O sujeito a golpeou por duas vezes, uma na costela direita e outra no rosto. A desarmou com facilidade, e Esther também o acertou. Foi subjugada e arrastada pelos cabelos até o alçapão na parte de trás da casa. Ela ainda reservava suas forças para um golpe final.

— Vamos, vadia! — Ele a puxou ainda mais forte fazendo-a entrar no alçapão.

Ela gemeu de dor. Esperou ele baixar a guarda para acertá-lo com uma cotovelada. Logo em seguida, o desarmou e atirou bem na cabeça dele. Seu coração batia num ritmo acelerado. Ela conseguiu senti-lo pulsar em sua garganta. Livre, correu até a floresta, o mais rápido que pôde. Logo à frente, foi interceptada por ninguém mais do que Anton Gorbachev. O pânico a deixou atônita. Ela olhou para ele e sabia quem era. O mesmo homem que a torturou no porão. Antes que pudesse atirar, foi atingida por uma arma *taser*. Ela se debateu sentindo a eletricidade percorrer seu corpo e em poucos segundos estava imobilizada. Anton correu até ela e a pegou nos braços jogando-a sobre seus ombros. Caminhou com ela desmaiada de volta para a casa em direção ao alçapão.

Anton desceu as escadas e a jogou no chão. Ela abriu os olhos lentamente, mas ainda estava fraca. Olhou para o russo e balbuciou:

— Você vai morrer, desgraçado!

Anton deu um leve sorriso sarcástico e saiu do abrigo. Fechou a alça do alçapão e a lacrou com um cadeado. Em seguida, entrou na casa.

Dentro do abrigo, Esther ajustava sua visão. Estava escuro e o lugar fedia a mofo. Ela olhou para a escada de madeira em um estado quase deteriorável. Algumas prateleiras de madeira estavam vazias e havia sujeira no chão. O lugar não era muito apertado. Havia espaço suficiente para manter umas dez pessoas. Ao tentar se levantar, ouviu um gemido contido vindo de trás dela. Seu olhar varreu o lugar à procura do som. Ao olhar perto de uma pequena caldeira, viu alguém deitado. Ela engatinhou até lá tomando cuidado para não esbarrar em nada. Ao se aproximar, conteve um grito de puro terror.

— Carl! Oh, meu Deus! Carl!

Ele se debateu.

Ela retirou a mordaca dele para ouvi-lo.

— Querida, você está bem? Eles machucaram você?

Ela o observou.

— Não consigo vê-lo direito. Tem alguma luz aqui?

— Ali, naquele armário, há uma lanterna.

Esther correu para a outra extremidade do local e procurou pela lanterna. Ao encontrá-la, suspirou aliviada.

— Meu Deus, você está ferido! — Ela olhou atenta para os machucados dele.

— Desamarre as minhas mãos.

Ela fez o que ele pediu. Suas mãos tremiam.

— Eu sinto muito, Carl. Sinto muito ter metido você nisso — ela começou a se desesperar.

Liberto, ele a abraçou forte.

— Você está bem? Tem certeza? — Ele a tocou em todos os lugares. — Seu rosto está com hematomas.

— Eu estou bem. O que foi isso em sua perna? Está sangrando.

— Não foi nada. Não vou deixar que nada aconteça a você, meu amor. Nada. Não se preocupe.

— Vamos sair daqui. Consegue abrir a porta do abrigo?

— Eles trancaram por fora. Não temos como sair. A não ser se matarmos todos eles — Carl disse fazendo uma cara de dor.

Ele tentou se levantar, mas suas costelas estavam danificadas.

— Merda! Como isso dói — reclamou.

— Como isso foi acontecer, Carl? Não disse que estaríamos seguros aqui? — ela se irritou. Temia pela sua condição sabendo do que os russos eram capazes.

— Eu estava trabalhando na sala quando fui surpreendido. Não tive nem chance de reagir direito. Lutei com alguns, mas eram muitos. Desculpe-me. Estou me sentindo um inútil nesse momento.

Ela se apiedou dele.

— Não diga isso. Desculpe-me. Eu estou nervosa, só isso. Você mantém alguma arma aqui embaixo?

— Mantinha, mas parece que eles retiraram todos os objetos cortantes e perigosos, incluindo as armas.

— Merda! Outra vez não. — Ela chorou. — Não posso suportar isso de novo.

— Querida, fica calma. Nós vamos encontrar um jeito. — Carl puxou-a contra ele e beijou-a.

Algumas horas depois, a porta do alçapão se abriu. Dela, desceram seis homens de preto, todos

armados com uma COLT M4. Entre eles, estava Anton, o russo mais temido da máfia.

Esther colou as costas na parede amparada por Carl.

— Peguem aquele idiota! — Anton ordenou. Disse algumas palavras em russo para os companheiros e sorriu.

Dois deles se aproximaram de Carl enquanto Anton pegou uma cadeira velha e colocou no centro do abrigo.

Esther percebeu que havia uma corda de sisal nas mãos de um deles.

— Amarre-o na cadeira.

Carl se debateu, porém não ofereceu muita resistência.

— Agora você, loirinha. Venha até aqui.

— Vá pro inferno!

Ele riu.

— Ouviram, rapazes? Ela disse para que eu dê uma passadinha no inferno. — Os amigos riram.

Anton caminhou lentamente até ela e a puxou pelos cabelos. Irritada, ela acertou uma cotovelada em seu abdômen. Se fosse outro, teria caído ao chão contorcendo-se, mas aquele era Anton Gorbachev. Temido por ser o homem mais cruel e difícil de matar.

Ele riu e lhe deu uma bofetada que a fez cair ao chão.

Esther tentou se levantar limpando o sangue no canto da boca.

— Bom, vou explicar de forma bem clara para você. Eu quero o arquivo. Cada vez que eu te perguntar e você não me responder ou disser coisas das quais não quero ouvir, ele sofrerá as consequências. Eu sei como você é durona, já passamos por isso. Então pense bem, a vida do seu marido só depende de você. Você decide se ele vive ou morre.

Esther olhou para Carl. Os olhos dele transmitiam medo.

— Segurem-na! — Anton disse para seus comparsas.

Dois deles seguraram Esther pelos braços. Ela tentou lutar, mas foi agredida por um deles.

— Já chega, sua vadia! — Anton gritou. Tirou o casaco preto que usava e o lançou na prateleira.

— Onde você colocou o arquivo?

— Eu já disse que não sei — disse enfurecida.

Ele a esbofeteou.

O gemido dela atíçou a raiva de Carl.

— Não toque nela, seu desgraçado! — gritou.

Esther riu.

— Pode me torturar, me bater... Até me matar, se quiser. Mesmo que eu soubesse onde está esse maldito arquivo, eu não diria, seu desgraçado!

Anton sorriu nervosamente. Da sua cintura, retirou uma faca.

Ela arregalou os olhos.

Anton encostou a lâmina afiada em sua garganta e perguntou impaciente:

— Vamos, vadia! Onde escondeu o arquivo? — Seu olhar frio e cruel causou arrepios nela.

Ela selou os lábios.

Como punição, Anton se virou para Carl e ordenou a um dos homens:

— Na costela.

Um dos russos atingiu um soco na lateral do corpo de Carl, fazendo-o uivar de dor.

— Quer tentar, mais uma vez?

— Eu já disse... Vá. Pro. Inferno! — ela disse as palavras pausadamente.

Dessa vez, Anton fez questão de acertar um soco no rosto de Carl.

Os olhos de Esther encheram-se de lágrimas e seu coração se estilhaçou ao vê-lo indefeso e machucado.

— A próxima será mais dolorida — Anton foi até ela e sussurrou em seu ouvido.

Carl estava amarrado à cadeira com os braços para trás.

Sem paciência, Anton agarrou-a pelos cabelos e arrastou-a até Carl, colocando-a de joelhos diante dele.

— Olhe bem para ele, vadia. Tem certeza de que quer vê-lo morto?

Esther levou a mão até os cabelos para tentar amenizar o aperto que ele exercia.

— Eu já disse, não sei onde está o arquivo.

Irritado, Anton enfiou a faca na perna direita de Carl fazendo-o gritar.

— Caralho! Diga para ele, Esther, por favor — Carl implorou choramingando de dor.

— Perdoe-me! — disse chorando.

Anton jogou-a longe.

— Desamarre-o. Mate esse desgraçado e o enterrem na floresta.

— Não! Não, por favor, não! — ela gritou desesperada.

— Foi você quem pediu por isso — ele rosnou.

Anton retirou o celular do bolso e discou.

— Não deu certo. A vadia não quer falar — ele falava com alguém ao telefone enquanto Carl estava sendo desamarrado. Ele gemia com a dor e deu um forte grito quando o homem puxou a faca de sua coxa.

— Por favor, soltem-no! — ela gritou.

— Entendi. Farei isso, pode deixar — Anton ainda falava ao telefone. Só desligou após concluir algumas palavras em russo. Guardou o telefone no bolso e olhou para ela.

— Agora a diversão vai começar. — Sorriu deixando-a confusa.

Anton olhou para os comparsas e disse:

— Vamos buscá-lo. Matem esse merdinha e vamos buscar o outro. Talvez, ele dê a ela mais motivação.

Esther entrou em alerta.

— Temos alguém para matar. Ouviram o que o chefe disse? Vamos para o Texas pegar aquele *cowboy* — o cara perto da escada disse para o terror dela.

— Dario! — ela sussurrou para si mesma. O grito agudo que saiu de sua garganta só confirmou para Anton o que ele já sabia. Certamente, a diversão estava garantida.

Os homens subiram as escadas deixando-a ali, jogada ao chão, impotente. Dois deles arrastavam Carl para fora e, quando fecharam o alçapão, ela se comprimiu ao ouvir dois tiros. Carl estava morto e a única culpada por não conseguir salvá-lo era ela. Chorou desesperadamente, sentada no chão agarrada em suas pernas. Desesperada, gritou com toda a sua força, até sua voz falhar.

— Nãoooooooooooooo!

Já passava das sete da noite quando o helicóptero invadiu as terras da família Craig. Ryan e Paige estavam a caminho do aeroporto, onde levavam Johnny, Kristen e o irmão para pegar o avião até Nova Iorque. Na fazenda, apenas estavam Dario, que arrumava sua mala para partir atrás de Helena, e Melanie, que conversava com Jackson no *haras*.

— Sabe que eu gosto de você, não sabe? Por que não pode esquecer aquele cara?

— Aquele cara é o homem que eu amo, Jackson.

Ele bufou.

— Ele a ama tanto que não está aqui, ao seu lado.

— Ele precisou partir. Logo, ele volta.

— Será?

Melanie não gostou do tom dele.

— Olha, Jackson, eu gosto de você. É um cara legal. Mas o que tivemos ficou no passado. Queria muito que respeitasse a minha opinião.

Ele se aproximou dela e a encurralou no cercado de madeira. Antes que Jackson pudesse beijá-la à força, Melanie se assustou com o helicóptero parado no ar a alguns metros. Dele, vinha uma corda preta onde alguns homens desciam por ela. Seu sorriso se alargou e ela sussurrou:

— É ele! — Seus olhos brilharam.

— Quem? — Jackson ficou confuso.

— Taylor, é ele! Veja! — Ela apontou para o helicóptero. — Ele trabalha na CIA, claro que deve ter vindo aqui para me buscar ou me ver, sei lá.

Jackson franziu o cenho.

— Sério?

Sem pensar, Melanie correu em direção ao helicóptero.

— Melanie, não! Volte aqui! — Jackson gritou atrás dela.

Melanie saiu correndo com um sorriso enorme no rosto. Quanto mais se aproximava, mais seu coração disparava. Até que ficou próxima o bastante para saber que havia se equivocado.

Ela parou subitamente até que Jackson se chocou contra suas costas.

— Acho que não é o seu queridinho — ele disse olhando para a tropa armada.

— É, não é. — Ela sentiu medo.

Alguns homens os viram. Melanie se assustou ao ouvir tiros e, ao olhar para o seu lado, Jackson havia caído. A mancha vermelha em sua camiseta branca a deixou apavorada.

Ela se ajoelhou e gritou:

— Jackson! Jackson!

Ela ouviu os homens gritarem em algum idioma estranho e correrem em sua direção. Assustada, não conseguiu reagir, apenas chorou fechando os olhos e ergueu as mãos.

Dentro da casa, Dario havia terminado de arrumar a mochila. Estava decidido ir atrás de sua mulher, protegê-la e trazê-la de volta. Seu sorriso amplamente escancarado, exibia toda a sua felicidade. Ele pegou a mochila na mão e olhou para o quarto. Em breve, ela estaria em sua cama.

Dario apagou a luz e saiu do quarto. No topo da escada, ele viu alguns homens armados e vestidos de preto entrarem pela porta da sala sorrateiramente.

— Melanie! — sussurrou.

Ele deu meia volta e correu até o escritório no final do corredor. Fechou a porta e jogou a mochila no sofá preto. Na mesa, pegou o telefone.

— Fodeu! — disse ferozmente ao constatar o telefone mudo. Olhou ao redor procurando algo para se proteger. Ao lado da estante de livros, encontrou um taco de beisebol. Dario pegou-o e praguejou por ter esquecido o celular na sala. Com cuidado, ele abriu a porta lentamente deixando apenas uma pequena fresta para observar. Havia um deles caminhando pelo corredor, vindo em sua direção. Ele se esgueirou atrás da porta e esperou. Assim que o homem entrou, Dario o acertou em cheio bem na cabeça, que acabou caindo desmaiado no chão. Sem perder tempo, o *cowboy* pegou a arma dele, olhou para ela e resmungou:

— Que porra é essa? Arma de alienígena? Como se atira com isso? — ele se queixou olhando para a COLT M4. — Quer saber, não preciso dessa porra! Vou chutar a bunda desses filhos da puta! — falou com raiva.

Em seguida, caminhou pelo corredor. Precisou manter a calma, pois não sabia exatamente a quantidade de homens que invadiram sua casa e nem se Melanie estava fora de perigo. Ele tentou agir o mais racionalmente possível. Desceu as escadas com o taco na mão, que estava com a extremidade ensanguentada.

Ele passou pela sala e foi até o outro cômodo. Na sala de tevê, Dario viu dois homens armados. Ele os surpreendeu de costas, acertou um com o taco e o outro conseguiu acertar-lhe um soco. Dario caiu no chão, mas protegeu-se de outro golpe. Com o pé, passou uma rasteira no homem e o derrubou. Rapidamente, partiu para cima dele e o socou por várias vezes no rosto. O outro, que havia sido atacado com o taco, tirou-o de cima de seu amigo e lhe acertou com um soco na boca do estômago. Dario gemeu, mas logo se recuperou partindo para cima do homem. Os dois se atracaram até que Dario conseguiu alcançar o taco e acertá-lo no rosto. Suas mãos e seus braços estavam manchados de sangue. Ele se levantou rapidamente e correu dali. Ao sair da casa, se deparou com outro brutamonte. Os dois se atracaram numa briga sem fim. Ele bateu, mas também levou alguns golpes, que o deixou dolorido. Quando outro homem o segurou por trás, Dario se agachou e o projetou para longe, derrubando-o de costas no chão. Porém, em seguida, pisou em sua garganta com sua bota pesada. O grunhido e o barulho esganiçado que ele fez causaram-lhe repulsa. Enquanto o outro se recuperava, ajoelhado ao chão, Anton apareceu por detrás encostando o cano de sua arma no meio de sua cabeça.

— Terminou o show, *cowboy*. Ninguém tinha dúvidas de que você era homem. Mas, pelo visto, é bem parecido conosco. Somos animais, não somos?

— Vá se foder!

Anton riu.

De costas para ele, Dario fez um movimento rápido e conseguiu desarmá-lo. Sem pensar em nada, ele lhe acertou o rosto com a arma. Anton pareceu surpreso. Em anos de profissão, ninguém jamais conseguiu desarmá-lo. Quando Dario partiu, mais uma vez, para cima dele, Anton gritou:

— Vou matá-la se não parar agora mesmo.

Dario congelou. Ele encarou fixamente os olhos castanhos de Anton e viu toda a crueldade neles.

— Ganhei sua atenção agora? Seu desgraçado! — Anton cuspiu sangue e limpou a boca.

— Se tocar num fio de cabelo da minha irmã...

Anton riu. Atrás deles, vinha mais quatro homens.

— Sua irmã é um doce. Acredita que nem lutou quando a pegamos? Foi uma sorte que um dos meus homens tivesse uma má pontaria. Ele queria acertá-la, mas... acabou acertando um rapaz ao lado dela.

Dario empalideceu.

— Desgraçado! — Ele tentou avançar, mas foi bloqueado pelos homens.

— Viemos aqui buscá-lo, *cowboy*. Acredito que esteja com saudade de certa mulher. Digamos que ela tem me deixado irritado. Mas gosto dela. Ela é durona! — Anton disse.

Dario se desesperou ao tomar ciência da situação.

“Helena! Meu Deus, meu filho!”, pensou.

Em seguida, se descontrolou e avançou em Anton.

— Desgraçado! Se tocar num fio de cabelo dela, eu acabo com a tua raça! — gritou enraivecido. Sua face estava vermelha pelo ódio e seu coração palpitando de medo.

Os homens o seguraram pelos braços, mas Dario estava com uma força incontrolável. Solto a arma e, com uma cotovelada, se desvencilhou de um e com um chute do outro. Os outros dois homens apontaram as armas em sua direção, mas Dario não estava nem aí. A única coisa que queria era tirar aquele sorriso presunçoso da cara de Anton. Ele conseguiu acertar um soco em Anton, antes de levar uma coronhada na cabeça e cair ao chão desmaiado.

— Esse cara é um animal! Um primitivo mesmo. Burro e primitivo. Não sabe nem usar uma arma! — Anton rosnou limpando o sangue que escorreu da boca. — Levem-no para o helicóptero. E leve a puta da irmã também. Assim podemos domá-lo.

— Sim chefe! — um dos homens falou.

— E você... — Anton apontou para o que estava próximo à porta. — Fique e limpe toda a casa. Não deixe vestígios de que estivemos aqui.

— Certo, chefe.

— Agora vamos, pessoal. Precisamos voltar o mais rápido possível. O chefe já está irritado — Anton falou para os demais e caminhou em direção ao helicóptero, que estava a poucos metros dali. Com Dario nas mãos, seria muito mais fácil que conseguissem o arquivo, pelo menos foi o que Anton pensou.

Capítulo 30

DESESPERO

Max já estava impaciente com a demora de Júlia. A cada minuto, olhava nos ponteiros do relógio que havia na recepção do aeroporto: 20h03.

— Vamos, Júlia. Onde você está?

Inquieto, foi até o balcão e perguntou pelo voo. A surpresa em saber que o avião havia pousado há quarenta minutos, o deixou ainda mais irritado. Ele olhou em sua volta já sem esperanças de que ela pudesse aparecer.

— Merda, Júlia. Não acredito que me fará ir até você — sussurrou baixinho.

Seu celular vibrou no bolso da calça. Max atendeu rapidamente.

— Alô!

— Taylor, é Morgan.

— Morgan? O que houve? Olha, eu estou aqui no aeroporto. Esther está na Virgínia. Combinamos aqui, às 19h, mas ela não apareceu. Vou buscá-la.

— Taylor, escute. Esther não irá aparecer. — A voz da mulher soou triste.

— Como?

— Soube há pouco por um dos nossos homens que a fazenda no Texas foi invadida.

Taylor empalideceu.

— Melanie! Oh, merda! Ela está bem? Diga, Morgan, ela está bem? — Estava desesperado.

— Chegamos há tempo de interceptar um dos russos na casa. Mas, infelizmente, havia um corpo.

Taylor sentiu seu coração parar naquele instante. Ele queria dizer algo, mas sua voz falhou miseravelmente. Imaginar a sua vida sem Melanie não fazia nenhum sentido.

Quando se recuperou do choque inicial, ele perguntou:

— Não era ela, não é? Só me diga que não era ela.

— Não. O corpo era de um homem. Dario e Melanie não foram encontrados na propriedade. Há pouco tempo, Ryan voltou. Conseguimos tranquilizá-lo e fazer com que ele não chamasse a polícia local.

— Eles os levaram?

— Tudo leva a crer que sim. E, se os levaram, significa que pegaram a Esther. Com certeza, Dario será a isca para que ela fale sobre o arquivo.

— Ela não se lembrou ainda.

— Então, você tem pouco tempo, Taylor. Precisa encontrá-los e salvá-los. A vida deles depende de você.

— Sabe que não tenho como fazer isso sozinho.

— E não vai. Estou indo junto. Encontro-me no jardim da Casa Branca. Partiremos assim que chegar. Já pedi um helicóptero e dois agentes irão nos acompanhar.

— Te vejo daqui a pouco.

Casa de Campo, na Virgínia – 20h10.

— E então, Anton? Conseguiu? — Uma voz feminina soou do outro lado da linha.

— Sim, senhorita. Conseguimos pegar o homem. Avise ao Senador para que fique tranquilo. Ainda hoje, teremos o arquivo em mãos.

— Ótimo. E Carl?

— Fizemos o que nos foi ordenado.

— Excelente. Faça o que for preciso para recuperar este arquivo.

— Sim, senhorita.

Assim que Anton desligou o telefone, ordenou:

— Vamos. Coloquem a moça em um dos quartos e a vigiem. Ele virá comigo. — Apontou para Dario que estava amarrado com as mãos para trás, amordaçado e vendado. Um dos homens arrastou-o até Anton e seguiram para o abrigo onde Esther estava aprisionada. Antes de abrirem o alçapão, Anton retirou a venda de Dario, a fita de sua boca e disse: — Vou desamarrá-lo. Não tente nenhuma gracinha ou te corto em mil pedaços e jogo seus restos ali dentro — falou, apontando para o alçapão. — Não vai querer que a loirinha tente se juntar aos seus pedaços, não é?

A fúria de Dario deu para ser sentida pelos três. Seus olhos azuis ficaram obscuros e frios. Sua expressão era pior do que a de um assassino descontrolado.

— Não farei nada — ele respondeu.

Anton fez um gesto com a cabeça para que um dos homens o desamarrasse. O capanga o desamarrou e, assim que ele se viu livre das amarras, seu peito inflou e sua vontade era de matar todos eles na base da porrada, o que seria uma estupidez, considerando o forte armamento dos

russos. Então, ele apenas se conteve. Sua ansiedade em ver Helena novamente, e saber como ela estava, preencheu sua mente.

— Agora entre.

Dario fez o que o homem ordenou. Assim que desceu os primeiros degraus, Anton trancou o alçapão deixando-o sozinho. Uma luz fraca piscava à sua direita fazendo com que iluminasse parcialmente o lugar. Sua pele estava toda eriçada. Não pelo medo, porém, o cenário em que se encontrava lhe causou uma sensação ruim, como se estivesse em um daqueles filmes de terror, onde as luzes piscam incessantemente, e, quando algo ruim está para acontecer, a luz para de piscar, como um presságio de morte.

Ele olhou atentamente para tudo. Levou a mão até o nariz para se proteger do cheiro insuportável de mofo. Caminhou em passos lentos desviando das prateleiras que estavam em seu caminho. Assim que viu alguém sentado ao lado da caldeira, correu. Ele sabia que era ela.

Agachado, Dario tocou o rosto dela. Ela estava encolhida no canto, abraçada em suas pernas, com uma expressão vazia e os olhos petrificados, olhando para um ponto fixo na parede. O que o assombrou, foi que ela mal notou sua presença.

— Júlia! Amor, olhe para mim, sou eu. Helena! — Ele tentou tirá-la do transe.

Os olhos dela se movimentaram até que se alinharam aos dele. Naqueles olhos azuis, Dario pôde sentir exatamente o que ela sentia: medo e dor.

— Meu amor! — Ele a puxou para seu colo e a abraçou beijando-a por todo o rosto.

— Você não deveria estar aqui — ela sussurrou. — Nós vamos morrer e a culpa é toda minha.

As lágrimas rolaram em seu rosto. Dario observou seus pequenos hematomas. Havia um corte pequeno acima da sua sobrancelha e um inchaço no canto dos lábios.

— Não fale besteira, mulher. Não há outro lugar que eu gostaria de estar se não aqui, ao seu lado, te protegendo — disse fazendo-lhe um carinho. — Eu te amo! Não aguentava mais ficar longe de você.

— Eu também te amo. Senti tanto a sua falta — ela falou com tristeza.

— Me perdoe, querida. Por favor, me perdoe. Não vou ser um idiota outra vez, eu prometo. Nós vamos sair daqui.

Ela o abraçou.

Dario deu mais uma olhada nela e analisou seu corpo. Havia sangue em seu top branco e sua pele estava gelada. Ele retirou sua camiseta cinza e a vestiu.

— Pronto. Isso irá mantê-la aquecida.

— Você está machucado — ela constatou olhando para os vergões no peito dele e as marcas dos hematomas.

— Não foi nada. O que importa aqui é você. Você e nosso filho. Diga-me, você está se sentindo

bem? Te machucaram muito?

— Não estou. Machucaram um pouco, mas estou bem.

Dario a soltou e se levantou.

— Não há como sair daqui? — perguntou olhando ao seu redor.

— Não. Já tentei — Ela começou a chorar. — Eles mataram o Carl. Não era ele... Eu... eu fui tão injusta e não era ele. — Os soluços dela ficaram mais altos.

— Ei... Não fique assim.

— Você não entende! — Ela gritou. — Eu não me lembro onde coloquei o maldito arquivo. Eles vão usar você contra mim e não vou poder te ajudar.

— Amor, fique calma.

— Vão fazer com você o que fizeram com ele. — Ela chorou. — Eu não vou suportar te perder.

— Eu vou aguentar o que for para proteger você e ao nosso filho. Não quero que faça nenhuma besteira. Não tente ser heroína ou me livrar de qualquer coisa. Você me ouviu? Eles pegaram a Melanie também. Nós dois precisamos sair daqui vivos.

— Oh, meu Deus! Onde ela está?

— Na casa.

— Quantos homens você viu?

— Estava vendado. Mas, pelas vozes, acho que uns cinco. Um deles também falava com uma mulher ao telefone. Não ouvi nome, só sei que a chamou de senhorita. Mas ouvi quando ele mencionou o Senador.

— Senador? — Ela ficou confusa. — Qual?

— Não disse nomes. Eu reconheci a voz dele. É um russo metido a besta, alto, careca e acha que me assusta com aquela cara de bocó.

— Eles são assassinos, Dario. Deveria estar com medo.

— Eu não sinto medo, meu amor. A não ser o de te perder. Esse é o meu maior medo. — Ele aproximou-se dela e a beijou. — E onde está o Taylor? Ele disse que te protegeria.

— Deve estar em Washington.

— Não estamos em Washington?

— Não. Estamos na casa de campo do Carl, na Virgínia.

— Por que os trouxeram pra cá? Você me disse que Carl era inocente e que o mataram.

— Nós dois já estávamos aqui.

— Sozinhos? Não acredito. Não me diga mais nada — ele ficou enciumado. Ele deu alguns

passos para longe dela, mas logo viu que era loucura ficar irritado por causa de um defunto.

O barulho da porta se abrindo, além das vozes altas, a deixaram alarmada.

— Já deu tempo suficiente para o caszinho apaixonado se despedir, não é? — Anton gritou descendo as escadas.

Um dos homens que carregava uma lâmpada nas mãos, andou até o bocal de luz e colocou-a para iluminar a sala.

Esther se incomodou com o clarão, porque estava acostumada com o escuro.

Dario olhou para os homens que começaram a descer pelas escadas, um a um, até que contou quatro deles, fora Anton. E riu.

— Precisa de cinco homens para intimidar uma mulher? Sabe o que vou fazer com vocês quando conseguir sair daqui? — Dario estava furioso e perdeu totalmente a noção do perigo. Protegeu Helena, afastando-a para trás dele e continuou: — Vou matar cada um de vocês. Mas você, seu presunçoso idiota, farei questão de lhe dar uma morte lenta e dolorosa — disse olhando para Anton, que sorria com a coragem do homem que acreditava ser um simples tratador de cavalos.

— Acha que pode me derrubar, *cowboy*?

Os homens riram.

— Derrubo uns dez de você, desde que lute como homem e pare de se esconder atrás dessa arma como uma bichinha.

— Admiro sua coragem. Mas não será preciso. Estará morto antes mesmo de conseguir sair daqui. Você e a vadia mentirosa! — Anton falou com raiva. — Amarrem ele.

Os quatro elementos se aproximaram de Dario com suas armas em punho. Ele pensou em reagir, mas não queria que seu ato impensado ricochetearse em sua mulher. Ele deixou que os homens o amarrassem na mesma cadeira em que Carl esteve sentado. Anton segurou Esther, que olhava para Dario com lágrimas nos olhos.

— Onde está aquele imbecil com o que eu pedi? — Anton gritou já sem paciência.

— Aqui, chefe! — Um homem falou descendo as escadas com uma bacia e outro com dois galões de água.

O homem colocou a bacia no chão enquanto o outro despejou toda a água que havia nos galões.

— O que pensa que vai fazer? — Dario mudou de expressão assim que Anton puxou Esther pelos cabelos.

— De joelhos! Anda! — Anton a colocou de joelhos no chão, de frente para a bacia.

— Se tocar nela, seu filho da puta, se machucá-la, eu juro que mato você!

Anton deu um sorriso cínico e enfiou a cara dela dentro na água. A deixou ali, submersa na água e em seus medos enquanto ela se debatia à procura de libertação. Dario se sacudiu e gritou como um

louco.

Anton levantou-a e Helena, aliviada, sugou todo o ar que conseguiu para seus pulmões. Depois tossiu e expeliu água pela boca.

Dario olhou para ela e viu seu desespero. Vê-la sofrer iria matá-lo aos poucos.

— Vai me dizer onde está o arquivo?

Ela ficou muda. Apenas procurava uma maneira de sair dali. Todas as estratégias que traçava em sua mente, levavam-nos para a morte.

— Amordacem o cara! — Anton ordenou.

Um dos homens foi até Dario e, quando se aproximou do rosto dele, levou uma cabeçada que o fez desequilibrar-se em suas pernas. Dario aproveitou o ataque bem-sucedido, levantou com a cadeira amarrada em suas costas e o chutou forte no joelho. O homem gritou e caiu no chão ainda sendo atacado por ele. A fratura exposta na sua perna deixou Anton furioso. Os outros conseguiram conter Dario com vários socos no seu abdômen e rosto.

— Foi uma burrice isso, você sabe, não é? — Anton sussurrou para Dario. Ele olhava para o russo como se quisesse arrancar a pele dele e jogar para os porcos comerem.

Anton puxou Esther do chão e pediu para um dos homens:

— Me dê a corda. Já perdi minha paciência, porra!

Ele pegou a corda das mãos do capanga e lançou-a sobre a estrutura da escada dando um forte nó. Amarrou as mãos de Esther acima da cabeça e disse:

— Vamos ver se essa puta não fala. — E a esbofeteou levando Dario ao desespero. Contido pelos capangas e amordaçado, ele não conseguiu emitir nenhum som, a não ser alguns grunhidos abafados de raiva.

Anton retirou a faca da cintura e rasgou a camiseta de Esther deixando-a apenas com o top.

— Não vai falar, acertei?

Ela olhou para ele.

— Pode me matar, desgraçado! — Ela cuspiu nele.

Com o cano da COLT M4, Anton acertou a costela dela. E Esther gemeu de dor.

Como permaneceu calada, Anton concluiu que ela não falaria. Então, acertou sua coxa direita. E ela soltou um grunhido alto.

Desesperado, Dario se debatia vendo-a apanhar. Todo tipo de sentimento passou por ele. Contudo, o pior foi estar impotente e não poder fazer nada para que eles não a machucassem. Então, teve uma maldita, mas brilhante e idiota ideia.

Ele gritava algo incessantemente, mas ninguém entendia, pois a mordaça não ajudava muito. Anton sorriu ao vê-lo desesperado, chorando por ela.

Esther estava com uma aparência derrotada e o rosto molhado por suas lágrimas.

— O que ele está falando? Deixe ele falar, tirem a mordaça.

Assim que o fizeram, Dario gritou desesperado:

— Está comigo. O arquivo está comigo.

Esther empalideceu.

— Não, não, não Dario. Não faça isso — ela implorou.

Anton sorriu.

— Bela tentativa, *cowboy*. Mas sabemos que não está com você.

— Ah, é? E como sabem?

— Sabendo. Ela não teria como ter lhe dado o arquivo. — Anton parou para pensar.

— Isso é o que ela quis que você pensasse, idiota. Por que acha que ela ficou tanto tempo na fazenda? Eu a ajudei a esconder de vocês.

Esther implorava com os olhos para que ele parasse. Ela não queria expor mais ninguém ao perigo.

Anton andou até ele e disse friamente:

— Se estiver mentindo, eu mato a vadia na sua frente e depois mato você e toda a sua família desgraçada.

Dario manteve a calma.

— Não estou.

Anton empurrou a COLT M4 para o amigo e olhou para Esther, que fez um gesto para Dario. Ela implorou com o olhar para que ele parasse, mas não sabia que ele estava determinado a sair dali e que ia pensar depois no que fazer para se livrar daqueles homens.

— Ele está dizendo a verdade? — Anton perguntou segurando sua mandíbula. — Eu te fiz uma pergunta, vadia!

Ela não tinha mais forças para continuar. Estava se sentindo tonta e o medo deixou-a vulnerável.

Sem paciência, Anton tirou uma pistola de trás das costas e mirou na perna esquerda de Dario.

— Ele não vai precisar da perna para nos levar até o arquivo, então... — Ele atirou.

Dario uivou de dor.

— Seu desgraçado!

— Nãooooo! — ela gritou desesperada quando deu por si. — Por favor, não o machuque, por favor... — Ela chorou.

— Então diga, vadia. Onde está a porra do arquivo, caralho? — Anton gritou no seu rosto.

— Ele disse a verdade. Está na fazenda — ela concordou. Em seguida, fechou os olhos e rezou para que qualquer que fosse o plano de Dario, não os levasse para a morte iminente. O pânico tomou conta de todo o seu corpo quando viu a mancha de sangue na coxa dele. Seu coração batia cada vez mais devagar e seus sentidos começaram a diminuir. Em poucos segundos, tudo era um imenso borrão.

Dario olhou para ela presa e sua cabeça caída para frente. Suas pernas estavam moles e ela não se mantinha de pé.

Estava desmaiada.

— Merda! Merda! — Dario se desesperou.

— Desamarrem ele. Eu levo a vadia — Anton disse aos homens.

Nesse meio tempo, todos ouviram sons de tiros, que vinham da casa.

— Que porra é essa? — Um dos homens falou deixando as amarras de Dario frouxas.

— Não estamos mais sozinhos. Subam lá e matem qualquer coisa que se mover. Ficarei aqui com os dois — Anton ordenou.

Dario só ficou ainda mais desesperado. Imaginou ser Taylor e outros agentes da CIA. Porém, sua maior preocupação era Melanie, que devia estar na mesma situação em que ele e Helena: presa.

Capítulo 31

FOGO CRUZADO

Casa de Campo, na Virgínia – 21h07.

O helicóptero pousou longe da área da propriedade de Carl por motivos de segurança. Taylor estava inquieto e mais calado que o normal. No helicóptero, Morgan deu as instruções para Taylor, Joanna e Malcon.

Malcon estava na corporação há sete anos. Era um homem ambicioso, inteligente e muito eficiente. Joanna, apesar da pouca idade, era uma mulher de fibra e com o QI bastante elevado. Passou dois anos como agente interna e mostrou suas habilidades em rastrear alvos e aniquilá-los. Então, foi colocada em campo com a aprovação de Morgan para trabalhar ao lado do agente Malcon. Há um ano, eles trabalhavam em conjunto e eram dois dos agentes mais respeitados da CIA.

— Entenderam as minhas instruções? — Morgan perguntou repetidamente. Ela queria ter a certeza de que nada saísse errado.

— Sim — Taylor respondeu colocando o colete por cima de sua camiseta e a munição nos bolsos da calça. Ele saltou do helicóptero seguido pelos outros dois agentes. Em seguida, olhou para Morgan e sua voz sobrepujou o barulho das hélices em rotação. — Vai dar tudo certo.

Morgan assentiu. Sua expressão preocupada causou angústia em Taylor. Ele sabia que ela estava daquele jeito por Dario. Por saber que ele corria perigo.

Taylor não pensou em mais nada quando seus pés tocaram o solo. De longe, ele conseguiu ver a casa. A imagem de Melanie passou em sua mente deixando-o ainda mais determinado em acabar com todos os malditos russos. E ele faria isso, de um jeito ou de outro, ele acabaria com todos eles somente por tê-lo deixado impotente e fora de controle.

— Eu estou aqui, meu amor. E irei salvá-la — sussurrou ao vento.

Os três correram pela mata em direção à casa.

Taylor fez gestos para eles se dispersarem, assim poderiam cobrir uma área maior e não serem surpreendidos.

Quando estava próximo, avistou dois homens saindo da casa. Um estava carregando uma bacia; e o outro, dois galões. Taylor os observou detrás das árvores, até que sumiram do seu campo de visão indo para a parte de trás da casa. Ele vasculhou a floresta com um olhar atento atrás dos agentes. Malcon e Joanna estavam posicionados logo atrás dele.

— Vou entrar na casa. Vigiem a área e não deixem aqueles dois entrarem na casa.

— Entendido — Malcon respondeu.

Taylor seguiu em frente com seu fuzil pendurado sobre o ombro e uma pistola nas mãos. Ele caminhou silenciosamente como uma ave de rapina até a entrada da casa. Esgueirou-se até a janela e observou. Não havia ninguém na sala. Ele estranhou, pois tudo estava calmo demais. De onde estava, gesticulou para os agentes avisando que a área estava limpa e que iria entrar. Ele esticou a mão até a maçaneta e girou. Quando a porta rangeu, ele recuou. Fechou os olhos e praguejou mentalmente. Não houve nenhum outro som, nenhum perigo. Então, continuou. Entrou na sala e logo se deparou com móveis quebrados e estilhaços de cerâmica no chão. Uma mancha de sangue no tapete o deixou preocupado. Seu olhar atento percorreu todo o lugar. Andou lentamente até o corredor e tomou cuidado para não ser ouvido. No fim do corredor, assim que viu uma porta entreaberta, ele encontrou um corpo de um homem jogado. Ele saiu caminhando em direção à cozinha. Estava tudo limpo, não havia ninguém. Vasculhou a despensa e outro banheiro que havia ali. Também estava limpo. Ele saiu pela porta dos fundos e também não havia ninguém no *deck* da piscina e nem na varanda. Ao voltar para dentro da casa, ele ouviu vozes.

— Fique no quarto cuidando da vadia, chorona. Eu preciso comer alguma coisa, estou faminto — um deles falou. Taylor observou o homem, assim que ele entrou na cozinha. Viu que era um sujeito forte, alto e barbudo. E que possuía alguns símbolos russos na mão esquerda.

O homem abriu a geladeira e tirou alguns alimentos colocando-os em cima da mesa. Taylor estava escondido na área de serviço, observando-o pela janela. Assim que ele sentou-se e colocou a arma de lado, Taylor agiu. Entrou tão rápido na cozinha que o sujeito mal teve chance de perceber o momento em que foi atacado. Com o braço em volta do seu pescoço, Taylor o asfixiou sem muita dificuldade. Seria uma tolice usar a arma, pois não sabia quantos havia na casa e fora dela.

Ele ajustou sua postura e continuou. Com os braços à frente e a arma empunhada, Taylor seguiu até as escadas. Quando estava no topo, conseguiu ouvir gemidos. Ele pôde ver quatro portas. Porém, três delas estavam fechadas. A que estava aberta, era um cômodo no final do corredor. Ele achou melhor começar por lá, antes de abrir cada porta e denunciar sua presença.

Quando chegou até lá, o quarto estava vazio e todo bagunçado. Os sinais de luta eram visíveis. Ao sair, foi surpreendido por um dos russos que saía de um dos cômodos aparentemente desarmado. Rapidamente, Taylor se projetou sobre o homem antes que ele pudesse agir. Após um soco no rosto do russo, ele o pegou por trás e aplicou um golpe *mata-leão*. O russo conseguiu se desvencilhar de Taylor e o jogou longe. Trocaram socos e pontapés até que o russo conseguiu pegar a pistola de Taylor que havia caído no processo. O russo apontou a arma para ele, mas Taylor já havia retirado seu fuzil das costas e engatilhado a arma; e, num segundo, ouviram-se os dois tiros que saíram do fuzil de Taylor.

— Merda! — Taylor praguejou. Levantou-se rapidamente e entrou no quarto. Melanie estava deitada na cama. Amarrada, vendada e amordaçada.

O coração de Taylor quase saltou pela boca.

Ele correu e a tocou no rosto.

A reação de Melanie foi instantânea. Debateu-se e tentou gritar. O pânico a consumia aos poucos ao pensar que qualquer um daqueles homens fosse tomá-la à força e depois matá-la.

— Minha gatinha, sou eu... Taylor. — Ele retirou a venda e ela pode enxergá-lo, ali, em sua frente. Seu olhar ainda transmitia o medo e o pavor que sentia em estar naquele lugar. Ver um rosto conhecido, e ainda sendo Taylor, a deixou imensamente feliz.

Antes que pudesse desamarrá-la, Taylor ouviu tiros vindos de fora da casa.

— Não saia daí, eu já volto — disse e correu para fora fechando a porta do quarto.

“Como se eu fosse para algum lugar amarrada nessa cama”, ela pensou, exasperada.

Ao descer as escadas, tiros se projetavam em todos os lugares. Taylor tentou se proteger e desceu agachado. Atirou em direção a um dos homens que distribuía tiros em sua direção incessantemente, até que o acertou na cabeça.

Mais tiros se projetavam pela sala, outro russo havia entrado disparando na direção de Taylor. Ao acabar a munição, o russo se escondeu atrás da parede que dava da sala para o corredor. Taylor foi até ele, mas antes que pudesse acertá-lo, o russo caiu ao chão com um tiro no peito e outro na cabeça. Malcon estava ali, dando cobertura.

— Onde está Joanna? — Taylor perguntou.

— Lá fora cobrindo a área.

— Vá, aqui está limpo. Se tiver mais algum deles, estão fora da casa. Preciso pegar a Melanie e encontrar a Esther e o Dario.

— Joanna viu quando os homens saíram de um alçapão que havia atrás da casa. Estão mortos e os que entraram aqui agora também estão. Acho que não há mais ninguém. Pegamos eles de surpresa.

— Não sei. Pode haver mais deles. Vá e ajude-a enquanto pego a Melanie.

No abrigo, Anton recebeu mais uma ligação.

— O que ainda está fazendo aí, Anton? Saia daí agora! — a mulher gritou.

— Mato os dois?

— Claro que não, idiota. Ainda preciso do arquivo.

Anton desligou e a decepção era visível.

Antes de sair, olhou para Dario e disse:

— Acho que hoje não era um bom dia para morrer, loirinho. Mas isso ainda não acabou — disse entredentes.

Dario cerrou os punhos e, ao vê-lo fugir, gritou:

— Eu sabia que você era uma bichinha! Volte aqui que eu quero te matar, desgraçado!

Ele se contorceu na cadeira e gemeu com a dor na coxa esquerda. Ele retirou as amarras que estavam frouxas e tentou se levantar para ajudar Helena. Uma fisgada e uma dor latejante, o fez ficar pregado na cadeira.

— Maldito russo, filho da puta!

Do lado de fora do abrigo, Joanna viu exatamente o momento em que Anton saiu do abrigo. Ela mirou no alvo, mas não conseguiu acertá-lo. Anton correu para a floresta sumindo de vista.

Taylor subiu as escadas correndo e abriu a porta do quarto. Melanie estava aos prantos. Ele retirou a mordaca e começou a desamarrá-la.

— Aqueles tiros... Eu... eu pensei que nunca mais iria ver você. — Melanie chorou emocionada assim que Taylor a livrou das amarras.

— Você está bem? Está machucada? — Ele olhou para ela atentamente em busca de ferimentos.

— Eu estou bem.

Ele deu um suspiro de alívio. Olhou no fundo dos olhos dela e a puxou para ele. Acariciou seu rosto suavemente e sussurrou, sorrindo:

— Acho que agora meu coração já pode voltar a bater. — E a beijou demonstrando todo o seu amor e desespero.

— Eu te amo! Eu te amo! Eu te amo! — ela disse sem parar.

— Eu também te amo. Agora vamos sair daqui. Não estamos seguros.

Ele ajudou-a se levantar e, quando estavam próximos à porta, foram surpreendidos por um russo. O reflexo de Taylor foi tão rápido, que ele empurrou Melanie para trás dele e acabou levando um tiro, que foi amparado pelo colete. O impacto o jogou para trás e o russo avançou para pegar Melanie. Antes que ele pudesse chegar perto dela, Taylor passou a perna entre as dele levando-o ao chão. Melanie engatinhou para longe tentando se proteger atrás de uma cômoda. O homem agarrou Taylor e o socou com a arma em punho. Ele grunhiu com a dor, mas não sucumbiu. O russo agarrou a garganta de Taylor tentando asfixiá-lo. Horrorizada, Melanie assistia a tudo. Ao conseguir acertá-lo, Taylor reverteu a situação. Ele levou-o ao chão e socou-o repetidas vezes até que o capanga expeliu sangue pela boca. Seus olhos ficaram inchados e o nariz desfigurado. Enfim, estava nocauteado!

Taylor levantou-se e limpou as mãos com sangue em sua calça. Foi até Melanie e a puxou para si.

— Vamos.

Os dois saíram do quarto. Melanie soltou um grito ao ver o homem morto. Estava atônita e chocada com tanta violência.

— Anda, vamos. Só não olhe, tudo bem?

Ela assentiu.

Os dois desceram as escadas.

A destruição chocou Melanie.

— Você matou todos eles?

— Sim, eu e outros agentes. Agora, vamos Mel. Precisamos sair daqui.

— E o Dario? Onde ele está? Oh, meu Deus! Não me diga que...

— Vamos achá-lo, Melanie. Não se preocupe. — Ele a abraçou.

— Tá. — A voz dela saiu fraca.

Assim que saíram da casa, Malcon e Joanna estavam parados atentos a tudo.

— Se havia mais deles, se foram. Joanna viu quando um deles fugiu pela floresta — Malcon falou.

— Desgraçados! Deixaram alguma pista para onde teriam levado Dario e a Esther?

Malcon e Joanna se entreolharam e sorriram.

— Estão no alçapão.

— Como?

— No alçapão.

Melanie quase se jogou de joelhos.

— Meu Deus! Estão mortos? — Ela começou a chorar.

— Não. — Joanna riu. — Ele está ótimo. Não quis nossa ajuda. Quando chegamos, estava sentado no chão com a Esther desmaiada nos braços. Já chamamos o helicóptero. Ele disse que sairia de lá sozinho e pediu para chamarmos uma ambulância. Então... — Ela deu de ombros.

— Como assim, não quis ajuda? — Taylor pareceu perplexo. — Ele é doido?

— O cara é um saco! — Malcon disse.

Taylor correu para o alçapão.

Ao descer as escadas, deu de cara com Dario em pé, pensativo. Esther estava acordada, sentada encostada na parede. Sua expressão suavizou quando olhou para ele.

— Está ferido? — Taylor observou quando Dario foi mancando até ele pressionando a ferida em sua coxa.

— Não, essa bala alojada em minha perna é uma alucinação. Sabe que até gostei dela? — disse com sarcasmo.

Taylor o ignorou. Era evidente que estava estressado.

Ele foi em direção à irmã e amaldiçoou ao ver seus machucados.

— Você está bem? — Taylor a abraçou e depositou um beijo em sua têmpora.

— Não. Estou com dores por todo o corpo.

— Venha, vou ajudá-la — disse passando as mãos por baixo de sua perna para suspendê-la.

— Eu posso carregar a minha mulher — Dario disse irritado, impotente.

Taylor olhou para ele e disse:

— Com uma perna? Tá bom! — zombou.

— Eu estou com as duas pernas, babaca!

— Antes que eu me esqueça, vá à merda! Você a colocou nesse estado. Vê se cresce! Ela precisa de um médico e você também.

— Taylor, por favor — Esther disse com a voz fraca.

Melanie desceu as escadas correndo e, ao ver seu irmão, correu para os seus braços.

— Dario! — Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

Ele abraçou-a fortemente, enquanto olhou-a atento.

— Eles machucaram você?

— Não. Taylor me salvou — disse sorrindo.

Dario revirou os olhos.

— É claro que sim.

— Está ferido. Precisamos levá-los para um hospital, Taylor.

— Vamos fazer isso. O helicóptero logo irá pousar aqui.

Melanie passou os braços de Dario em torno de seu ombro e o amparou.

— Vamos, vou ajudá-lo a subir as escadas.

Dario assentiu.

Ao subir as escadas com a irmã no colo, Taylor sorriu e disse:

— Amparado pela irmãzinha. Quem não te conhece, diria que você é uma mulherzinha. Já aguentei tiro pior que esse, *cowboy*.

Dario rosnou.

— Não o perturbe, Taylor — Esther o repreendeu.

— Ele merece. Não tem que dar uma de durão. Ele precisa parar de ser tão arrogante.

Esther sorriu e sentiu uma pontada na costela.

— Não me faça rir.

Taylor riu.

Houve um breve silêncio.

— Eles mataram o Carl. — A voz dela saiu fraca. Uma angústia tomou conta do seu coração.

— Como? — Taylor franziu o cenho. — Carl está morto? — Ele ficou surpreso.

Esther assentiu com lágrimas nos olhos.

Em terra firme, Taylor colocou a irmã no chão. Ela cumprimentou os dois agentes e deu um abraço apertado em Melanie.

— Eu estou feliz que tudo tenha terminado bem — ela disse para a cunhada.

Melanie sorriu.

— Eu não sei. Tem algo que não está certo. — Taylor olhou ao redor.

— O quê? O que foi, Taylor?

— Você disse que mataram o Carl. Mas eu vasculhei a casa toda. Havia alguns corpos, mas nenhum era dele.

— Eles atiraram nele bem aqui. — Ela apontou para o lugar onde estavam.

— E onde está o corpo?

Ela pensou.

— O que está insinuando? — Esther perguntou.

Dario ficou alerta.

— Não sei. Nunca gostei daquele sujeito. Isso me parece tão estranho... — Taylor passou a mão pelos cabelos. — Você o viu morrer? Viu quando atiraram nele?

Esther fez uma carranca.

— Eu ouvi os tiros, Taylor. Arrastaram-no para cá, ele estava ferido por um golpe de faca na perna. Ouvi dois tiros e... — As lembranças a deixaram atordoada. — ele morreu por minha causa. Por minha causa. — Esther chorou.

— Não. Isso está estranho. Por que não mataram o Dario? Não terem te matado, eu até entendo, porque precisam do arquivo. Mas ele e a Melanie não eram relevantes para essa operação. Tem alguma coisa estranha nisso tudo.

— Estranha? Mas é claro que tem! Talvez o fato de terem nos buscado lá do quinto dos infernos só para me darem um tiro na perna? Isso já parece estranho pra mim — Dario se irritou.

— Isso não tem lógica. E o russo que estava com vocês?

— Foi embora assim que recebeu uma ligação — Dario falou. — É um covarde. Estava com medo de que eu fosse matá-lo. Então, fugiu como uma mulherzinha.

Taylor olhou para ele e franziu a testa. Olhou para a irmã e disse:

— Não sei o que você viu nesse cara. — E se virou. — Por que ele fugiu sem levá-los? Ou, pelo menos, sem levar a Esther?

Todos ficaram pensativos.

— Por que ela estava desmaiada? — Dario questionou.

— Só consigo pensar em uma coisa — Malcon se intrometeu. — Talvez Carl esteja vivo e realmente seja o mandante de tudo isso. Todos sabem como ele ama a Esther. Jamais a mataria.

Dario gargalhou.

— Ah, claro! Só a torturaria. Sabe o quanto ela apanhou? Não. Não sabem. Eu estava lá e posso dizer com toda a certeza. Caso tenha sido esse Carl, ele não a amava nem um pouco. Aliás, arriscaria dizer que a odiava. Fora que precisa ser muito psicopata para armar todo esse circo.

— Não foi o Carl — Esther disse. — Dario ouviu quando Anton, o russo que fugiu, falou com uma mulher ao telefone como se estivesse acatando ordens e ainda mencionou um senador.

— Senador? — Taylor perguntou.

— Sim, mas ele não disse nomes.

Nesse momento, todos pararam de falar e observaram o helicóptero pousar.

O barulho da rotação das hélices e o vento forte, impediram que continuassem a falar.

— Subam! — gritou um agente de dentro do helicóptero.

Taylor pegou Esther nos braços, enquanto Melanie amparou o irmão que caminhava com dificuldade. Eles foram subindo um a um, até que todos estivessem dentro da aeronave.

— Estão todos bem? — Morgan gritou.

Taylor assentiu.

— Precisamos levá-los para um hospital. Esther precisa ser examinada e Dario levou um tiro na perna.

Morgan observou Dario. Estava sem camisa e expunha seus músculos fortes. Sua calça estava manchada de sangue na altura da coxa, no lado esquerdo.

— Você vai ficar bem. — Ela sorriu para ele.

Ele puxou Esther e aninhou-a em seu peito. Deu um beijo suave em sua boca e sussurrou em seu ouvido:

— Tem certeza de que está bem? De que nosso filho está bem?

— Sim. — Ela beijou-o e sorriu para tranquilizá-lo.

Assim que o helicóptero decolou, Dario olhou para Taylor e perguntou:

— Quem é aquela senhora loira, que está me olhando como se eu fosse um ET?

Taylor riu.

— Talvez porque você se pareça com um. Ela é a chefe da operação e diretora da CIA. O nome dela é Morgan.

Dario olhou-a novamente.

— Bom, pelo menos agora eu já sei quem devo processar.

— Como?

— Eu levei um tiro, idiota! Acha que vou deixar isso barato?

— Ah! Claro que não. Mas pense, *cowboy*... Você levou um tiro pelo país. — Taylor riu.

— Levei um tiro pela minha mulher. Não estou nem aí para a CIA ou para quem quer que seja! Ninguém paga minhas contas — disse irritado.

Todos riram.

— Ele é sempre assim? Irritadinho? — Joanna perguntou.

— Não. Hoje ele está calmo. Precisa ver quando ele está irritado. — Esther sorriu e o beijou.
— Mas eu o amo mesmo assim, todo irritadinho.

Taylor riu.

Ele puxou Melanie para mais perto e disse:

— Assim que chegarmos em Washington e tivermos a certeza de que os dois pombinhos estão bem, vou levá-la para minha casa.

— Ah, é? E o que pretende fazer, agente? — ela perguntou divertida.

— Amar cada pedacinho do seu corpo. — E a beijou.

Hospital Central, em Washington, D.C. – 23h35.

— Eu não vou sair daqui até que eu tenha notícias da minha mulher — Dario gritou aos quatro cantos do hospital.

— Senhor, precisamos retirar a bala que está em sua perna. Perdeu muito sangue e precisa ser examinado com urgência — a médica falou, já exasperada. — Assim que soubermos notícias do estado da sua esposa, eu o comunicarei pessoalmente. Agora precisa me acompanhar.

Dario olhou para ela e sentou-se na cadeira de rodas à sua frente. Contrariado, disse:

— Está bem.

Taylor e Melanie ficaram na recepção.

— Essa Morgan é bem esquisita — Melanie comentou olhando-a de longe.

Taylor apenas sorriu.

— Eu estou feliz que nada tenha acontecido com você. — Ele olhou para ela.

— E eu por você estar aqui. Eu senti tanto medo. Quando atiraram no Jackson, ele estava ao meu lado. Foi tudo tão rápido que... não sei. Só sei que eu... só queria que você estivesse lá comigo. — Seus olhos encheram-se de lágrimas ao lembrar os momentos de terror que viveu na fazenda.

— Eu prometo que não sairei do seu lado nunca mais! — Ele a beijou.

— A paciente Esther Rothenberger já pode receber visitas — uma enfermeira disse ao se aproximar.

— Obrigado.

Taylor e Melanie seguiram a enfermeira pelo corredor até chegarem ao quarto de Esther. Ela parecia abatida, mas exibia um imenso sorriso.

Esther levou a mão à barriga e acariciou.

— O bebê está bem — sussurrou emocionada.

Melanie foi até ela e abraçou-a. Ambas choraram de alegria.

Taylor também estava emocionado e secou uma lágrima antes que ela pudesse rolar em seu rosto.

— Não nega ser filho de quem é. — Ele riu. — Dario deu um trabalho danado para os médicos. Não queria extrair a bala enquanto não soubesse sobre seu estado. Ele ficará feliz quando souber que está bem.

Esther sorriu.

— E ele? Vai ficar bem?

— Vai. Aquele peão é durão. Vocês terão que passar a noite aqui. Ele perdeu muito sangue, terá que ficar.

— Onde está a Morgan? — Esther perguntou.

— Lá fora.

— Eu achei-a um pouco apreensiva.

Taylor lançou um olhar para ela.

— Sim. Talvez pela situação...

— É. Deve ser — Helena respondeu sabendo exatamente o que Taylor quis dizer. Morgan estava preocupada com Dario, seu único filho, fruto do amor entre ela e John. “Claro que estaria

preocupada”, pensou.

— Vou deixar você descansar. Eu e Melanie vamos para minha casa. Ela também precisa descansar. Amanhã voltamos para buscá-los.

— Está bem.

— Joanna ficará aqui com você e Malcon com Dario para evitar que algo aconteça. Ainda não estão seguros.

Ela assentiu.

— Eu estou feliz por tudo ter acabado bem. Se cuida, maninha. — Taylor abaixou-se e beijou-a no rosto.

Melanie também se despediu dela e, então, eles saíram.

Ao passarem pela recepção, Taylor se afastou de Melanie e foi até Morgan. Melanie ficou de longe observando-os conversar. Os dois pareciam tensos, o que a deixou preocupada. Ela cruzou os braços na altura do peito e esperou por ele. Ela viu quando Morgan retirou algo da bolsa e deu a ele discretamente.

Ele caminhou até ela rapidamente e a pegou pelos braços.

— Vamos embora.

Os dois saíram dali e pegaram um táxi. Dez minutos depois, estavam em seu destino.

— Chegamos. — Taylor pagou o motorista, abriu a porta e ajudou-a sair.

— É aqui que você mora? — perguntou olhando pra o imenso prédio na *1315 West Street Northwest*.

— Provisoriamente — respondeu caminhando para dentro do prédio.

— Uau! É lindo — disse olhando para a fachada iluminada.

Eles caminharam até o elevador. Taylor apertou o botão do quinto andar e as portas se fecharam.

— Está calada. O que foi? — ele perguntou ao vê-la de cabeça baixa.

— Nada. Será que eu poderia ligar para o Ryan? Ele deve estar preocupado.

— Morgan já fez isso. Mas, claro, claro que pode ligar. — Ele a abraçou.

As portas do elevador se abriram e, então, eles caminharam até a porta. Assim que Taylor abriu, Melanie soltou um suspiro alto e balbuciou:

— Uau! Nossa!

Ela estava espantada pela beleza do lugar e a decoração sofisticada. O apartamento era amplo. Os pisos de madeira e as paredes eram claras. Os móveis modernos e a decoração não parecia combinar muito com o jeito simples de Taylor. Do teto, descia um lindo lustre de cristal; e uma das

paredes, era decorada com papel de parede em desenhos abstratos. Havia uma lareira elétrica disposta na parede perto da janela da sala feita de mármore escuro. O sofá marrom era bem aconchegante. Ela olhou tudo com admiração e sentiu falta de um televisor.

— Não tem televisão?

Taylor sorriu.

— Apenas em meu quarto. Eu também não disponho de tempo para assistir, então... não achei necessário ter uma na sala de estar.

Ela continuou a explorar o apartamento. Pelo corredor, caminhou devagar até entrar em um cômodo. Era um imenso banheiro. Havia uma banheira no final dele semiescondida por uma cortina escura florida. Ele era claro e extremamente limpo.

— Você tem alguém que te ajuda? Digo, a manter tudo isso limpo?

— Não. Não gosto de ninguém invadindo minha privacidade.

Ela riu.

Taylor encostou-a na parede e sussurrou:

— Já que estamos aqui, por que não tomamos um banho juntinhos?

Ela concordou.

Ele passou os braços na cintura dela e a puxou para si.

— Eu quero tocar em você. Mas realmente precisamos de um bom banho. — Ele a beijou enquanto tirava delicadamente a sua roupa. Quando retirou a última peça deixando-a nua, Melanie ajudou-o a livrar-se também de suas roupas. Ao tirar a camiseta, ela tocou delicadamente a marca vermelha que já estava ganhando tons arroxeados em seu peito.

— O que é isso?

Ele olhou o hematoma.

— Um tiro. Sorte que estava de colete. — Taylor riu.

— Isso não tem graça, Max. Ele poderia ter te acertado na cabeça ou em outro lugar desprotegido — ela disse apreensiva.

— Mas não acertou e eu estou aqui com você. E nada nesse mundo irá nos separar, Melanie. Ninguém vai tirá-la de mim. Ninguém.

Uma lágrima rolou no rosto dela.

— Obrigada por ter me salvado. Você se arriscou tanto por mim.

— Você é minha, gatinha. E eu cuido do que é meu. — Ele sorriu levando a mão ao rosto dela e o acariciou. — Eu daria a minha vida por você, se fosse preciso.

Ela o abraçou.

Taylor abriu o chuveiro e puxou Melanie para debaixo dele. A água escorreu em seus corpos, limpando-os de toda a sujeira. Ele ajudou Mel a lavar os cabelos e todo o seu corpo delicado. Quando terminaram, Taylor secou-a e levou-a no colo até seu quarto. Em seguida, colocou-a na cama e beijou-a apaixonadamente. Ele olhou para ela e seu peito doeu ao lembrar-se dos momentos de tensão pelos quais passaram. Ele não sobreviveria se algo tivesse acontecido com ela. Ele não suportaria perdê-la do mesmo jeito que perdeu sua antiga namorada. Ele se sentiu culpado por não ter conseguido protegê-la.

— Eu prometo a você que nunca mais terá que passar por isso.

— Eu estou bem, Max.

Ela conseguiu ver a dor e a preocupação nos olhos dele.

— Eu mataria o mundo inteiro se fosse preciso. Ninguém irá encostar em você de novo. Ninguém — ele disse e a beijou.

Taylor beijou-a com tanta paixão, que o beijo se intensificou a cada segundo. Em alguns momentos, ela ficou ofegante e buscou por ar.

— Max!

— *Shhh!* Não diga nada. — E a beijou novamente.

Melanie sentiu as mãos dele acariciando-a por todo o seu corpo. Seu toque a deixou excitada e sua pele se eriçou.

— Diga que você é minha, gatinha. Eu quero ouvi-la.

Ela gemeu com o contato de seu membro rijo em suas coxas.

— Eu sou sua, Max. Só sua — ela sussurrou enquanto ele beijava sensualmente seu pescoço. Ele entrelaçou uma mão em seus cabelos, e com a outra desceu lentamente até um dos seios dela e o apertou.

— Você é tão linda! — Ele a admirou. Se afastou momentaneamente apenas para olhá-la. — Não vou deixá-la nunca mais. Nunca mais, meu amor.

Ela estendeu suas mãos e segurou em seus braços fortes.

— Às vezes, acho que estou sonhando. Que vou acordar desse sonho e não ver você.

Ele colocou seu corpo ao dela.

— Eu sempre estarei com você.

— Eu nunca pensei que pudesse sentir o que estou sentindo agora por alguém. Não sabe o quanto sou feliz quando estou com você.

Ele beijou-a com carinho.

— E é bom que nunca mais me deixe mesmo, pois não vou suportar outras noites sozinha. Seu nome está cravado na minha alma, Max. Isso é assustador. Eu não paro de pensar em você nem por

um segundo. Sem você ao meu lado nada faz sentido. Eu não sou nada sem você — ela disse. Taylor levou a mão até seu rosto delicado e secou sua lágrima isolada.

— Eu também não sou nada sem você — ele disse beijando-a.

Ele levou a mão até seu quadril e apertou. Suas línguas entrelaçaram-se e o beijo foi ficando cada vez mais quente. Melanie entrelaçou os braços ao redor dele e correspondeu às suas carícias na mesma intensidade. Taylor levou a mão até o pescoço dela e foi descendo, acariciando-a até tocar seu sexo. Ela soltou um gemido e separou suas pernas para que ele pudesse tocá-la livremente. Delicadamente, ele massageou seu clitóris e, enquanto ela gemeu de prazer por senti-lo ali, em sua área sensível, abafou seus gemidos com seus beijos ardentes.

Taylor se ajeitou entre as pernas dela e posicionou seu membro em seu sexo. Quando o empurrou para dentro, ela gemeu forte e sussurrou:

— Max... — Ela queria alertá-lo pela falta de segurança. Não estavam protegidos. Mas ele não se importou com isso. Ele a penetrou ainda mais e mais, cada vez mais fundo e começou uma dança ritmada de vai e vem, estocando-a devagar levando-a ao limite da sanidade.

— Quietinha.

— Max... Nós não...

— Eu amo você, meu amor. E eu a quero assim. Quero senti-la de todas as formas possíveis e sem nenhuma barreira — sussurrou em sua boca. — Agora, me beija.

Ela fez o que ele pediu e se permitiu senti-lo como ele queria.

Eram dois corpos unidos e entrelaçados dançando no ritmo do amor e do prazer. Melanie sentia-se como se estivesse no céu e Taylor já não conseguia mais segurar o que sentia em seu coração. Ele a amava com tanta profundidade, que a queria não só para viver alguns momentos. Ele a queria por toda a vida.

Quando ele sentiu o corpo dela tremer em seus braços, soube que ela estava chegando ao ápice do prazer. Ele a estocou ainda mais forte arrancando gemidos descontrolados.

— Isso, venha comigo — sussurrou.

Melanie sentiu a onda de prazer correr por seu corpo e tudo à sua volta parecia não existir, somente ela e ele, unidos, apreciando aquele momento mágico e caloroso. No momento em que ela se liberou, Taylor caiu sobre ela. Ele soltou um forte grunhido e ficou ali, aninhado a ela, beijando-a, ofegante. Ele buscou seus olhos e viu lágrimas escorrendo, assim como as que escorriam pelos seus.

Eles se olharam, cada um secando as lágrimas do outro; e, então, sorriram apaixonados.

— Eu te amo! — disse ele.

— Eu também te amo!

E ficaram ali, na cama, se amando por muito tempo.

Capítulo 32

DE VOLTA AO TEXAS

Washington, D.C. — 8h15.

Melanie acordou disposta. Antes de sair da cama, ficou por alguns minutos observando Taylor dormir. Ela acariciou o rosto dele e o beijou. Sorriu e saiu da cama à procura de uma camisa para vestir. Abriu o *closet* e pegou uma camiseta preta que estava dobrada sobre outras. Após tomar um longo banho, se encaminhou até a cozinha e vasculhou os armários procurando algo para fazer o café da manhã.

Com a água fervida, ela começou a passar o café. Na geladeira, retirou o requeijão e um pote de geleia de morango. Ela adorava comer geleia com pão.

O cheiro do café fez Taylor despertar. Ele espreguiçou-se na cama e olhou para o relógio de cabeceira.

— Claro que ela já está acordada. — Ele sorriu passando a mão no rosto e bocejou. Ainda estava sonolento. Levantou-se e foi tomar um banho. Ao sair, vestiu sua *boxer* azul-marinho e seguiu para a cozinha.

— Bom dia — Taylor disse olhando para a mesa posta.

Ela olhou para ele e sorriu.

— Preparei o café. Espero que não se importe de ter invadido sua privacidade.

Ele riu.

Caminhou até ela e retirou a xícara de café de suas mãos.

— Não. Você, eu não me importo.

— Ah, é?

— Mas não gostei nadinha de ver que não estava ao meu lado quando acordei.

Ela sorriu.

— Bom, não quis acordá-lo.

— Eu disse que a primeira coisa que eu queria comer pela manhã era você — disse maliciosamente.

— Eu sei. E fico lisonjeada por isso. Mas eu necessitava de comida.

— Mais do que a mim, é? — disse divertido.

— Isso é golpe baixo — gargalhou.

Taylor a beijou.

— Está horrível com minha camiseta.

— Achei que tinha ouvido você dizer que ficava *sexy*. — Ela entrelaçou os braços em seu pescoço.

— Sexy, é? — Ele riu, agarrou a camiseta dela e a retirou. Taylor suspirou ao ver que ela não usava nada por baixo. — Agora sim, está *sexy* — disse levando a mão em seu sexo.

— Taylor! — ela o repreendeu. — Precisamos comer para irmos buscar sua irmã e o Dario.

— Eles podem esperar.

Ela baixou a mão e o tocou por cima da cueca.

— E, pelo visto, você não — disse sentindo o grande volume enrijecido por trás do tecido.

Ele riu.

Taylor a segurou pelas coxas e pediu para que ela se segurasse nele passando as pernas por sua cintura. Ele caminhou com ela no colo, beijando-a até que estivesse em seu quarto. Jogou-a na cama e falou:

— Abra as pernas para mim, gatinha.

Ela riu.

— Meu Deus, como você é tarado!

— Vai dizer que não gosta?

Ele puxou-a pelo tornozelo e separou suas pernas rapidamente. Se colocou entre elas e levou sua boca até seu sexo, passando a língua vagarosamente em sua entrada, levando-a a gemidos descontrolados. Ela se contorcia a cada vez que sentia a língua dele massageá-la em seu ponto sensível. Em pouco tempo, ele a tinha em seus braços gozando e gritando por ele.

Hospital Central, em Washington, D.C. – 8h30

Dario acordou de mau humor. A cirurgia para a retirada da bala havia sido um sucesso. Deitado em sua cama de hospital, ainda sentia poucas dores, mas nada comparado a antes. As instruções da médica era para que ficasse de repouso, tomasse os remédios e, então, teria alta em três dias, o que não o agradou nem um pouco. Inclusive, surtou ao saber que teria que andar de muletas até que

estivesse totalmente recuperado.

— Bom dia! — Uma enfermeira alta e morena, entrou no quarto com uma bandeja de inox. Dario observou-a de canto de olho. A mulher era muito bonita. Seu rosto era delicado e seus cabelos estavam presos num rabo de cavalo.

— Bom dia, só se for pra você. Olha para mim e veja se estou tendo um bom-dia — disse de forma rude. A enfermeira abriu um sorriso e tentou ignorá-lo.

— Você está vivo, e isso já é motivo para estar feliz.

— Ficaria feliz se me deixassem ver a minha mulher — bufou.

— Você vai poder vê-la. Mas agora temos que trocar seu curativo — a enfermeira disse levantando o lençol deixando Dario desconfortável exibindo seu corpo coberto apenas por sua *boxer*.

A enfermeira corou instantaneamente olhando para sua ereção matinal.

— Preste atenção no meu curativo — disse irritado. — Minha mulher não vai gostar de saber que está olhando para outras partes do meu corpo.

A enfermeira ficou sem graça. Ela retirou o curativo antigo substituindo-o por outro. Quando terminou, ficou atônita ao ver Dario se levantando da cama.

— Onde o senhor pensa que vai? Não pode sair da cama.

— Tente me impedir pra ver.

Dario levantou-se e sentou-se na beirada da cama retirando a intravenosa a qual recebia o soro com medicamento.

— Senhor, não pode fazer isso — a enfermeira o repreendeu.

— Mas é claro que posso. Vou ver minha mulher e ninguém vai me impedir — disse, autoritário.

— Estou vendo que não conseguirei fazer com que mude de ideia. — Ela se aproximou dele.

— Não. Não vai. Pois, então, nem tente. — Ele olhou para ela com o cenho franzido. — Qual o número do quarto em que ela está?

— 315. E como pretende sair daqui, se não pode andar? Vai arrebentar os pontos, senhor.

Mancando, Dario se aproximou da enfermeira.

— Observe — disse saindo pela porta sem se importar em estar apenas de cueca. Ele saiu mancando, praticamente se arrastando até o quarto de Júlia. A dor não o fez desistir. Ele queria vê-la. Queria estar ao lado dela e, naquele momento, isso era uma motivação. A enfermeira o acompanhou de longe, corando ao ver as pessoas apontando para ele e sussurrando baixinho. Por detrás, ela teve uma boa visão de seu corpo malhado.

Ao abrir a porta e vê-la ali, deitada e fitando-o diretamente nos olhos, toda a preocupação se esvaiu. Ela deu um amplo sorriso e disse com a voz fraca:

— Para estar aqui, vestido desse jeito, aposto que fugiu do seu quarto.

Ele sorriu.

— É, não sou um dos melhores pacientes.

Ela sorriu. Porém, a enfermeira entrou logo atrás.

— Senhor, precisa voltar ao seu quarto.

Esther olhou para ela e disse:

— Esqueça. Ele só faz o que quer.

— Ele precisa voltar. Trocamos o curativo, mas ele ainda não tomou todos os medicamentos.

— Você pode administrar os remédios dele aqui mesmo. Agora pode nos dar licença, por favor?

— Esther pediu sem muita delicadeza. Dario sorriu ao ver que, provavelmente, ela estaria se roendo de ciúmes.

A enfermeira revirou os olhos, exasperada. Esther era tão difícil quanto Dario. Sem ter como argumentar, a enfermeira saiu deixando-os a sós.

— O que faz andando pelo hospital pelado? — Ela olhou para ele enciumada, porque viu como a enfermeira o olhou.

— Não estou pelado, querida. Isso aqui é uma cueca.

— Para mim dá na mesma. Mas, se você não entende a diferença disso, acho que posso desfilhar por aí apenas de calcinha.

Dario arregalou os olhos.

— Você não seria louca!

— Não seria?

— Eu te prenderia em minha cama e daria umas boas palmadas no seu traseiro — disse entredentes.

— O que faz aqui que não está em seu quarto se recuperando?

— Não é óbvio? — disse irritado. — Vim saber como você está. Ninguém nessa merda me fala nada e só ficam dizendo as mesmas coisas: “ela está bem”, “ela vai ficar bem”, “ela está ótima...”. — Ele imitou a enfermeira. — Só queria ver com meus próprios olhos e saber se nosso filho está bem — disse mais calmo.

Ela sorriu.

— Eu estou bem. E nosso filho também.

Dario aproximou-se da cama e sentou-se ao lado dela com um pouco de dificuldade. Tocou seu rosto e a beijou.

— Eu estava preocupado.

— Eu sei. Estamos bem.

— Isso não acabou, não é? — perguntou apreensivo. — Não quero que fique aqui nessa cidade nem mais um minuto. Vou levá-la para a fazenda hoje mesmo.

— Dario... Aqui ou na fazenda, o risco é o mesmo.

— O que quer dizer? Que não vai voltar comigo? É isso? — Ele olhou para ela, chateado.

— Não, claro que não. Só estou dizendo que não estarei segura em nenhum lugar até que tudo isso tenha terminado. — Ela soou triste. — Olhe para você. Invadiram sua casa, te bateram, sequestraram sua irmã e te deram um tiro. Não quero ser responsável se algo de ruim lhe acontecer. Acho que vou aceitar a proteção à testemunha que Carl me colocou da primeira vez, embora sei que Morgan seja totalmente contra. Foi ela quem me ajudou a sair de lá. Ela conseguiu enviar dois homens para me tirar do local.

— Mas achei que você tivesse fugido. Seu irmão também me disse que fugiu e que ninguém da CIA conseguiu entrar em contato com você.

— Eu menti. Sabe como é... Ele é muito protetor.

— Mas, se você confiava tanto no Carl, por que saiu de lá?

— Eu sigo ordens, Dario. E a ordem era para que deixasse o complexo onde eu estava.

— E por que ela não te protegeu quando saiu de lá?

— Quando saí do complexo, vi um dos homens que estava no porão. Um dos que me torturaram. Então, fugi. Saí da cidade e liguei para o Carl. Não queria que ele ficasse preocupado comigo e também acreditava que ele era inocente. Quer dizer, eu tinha, sim, minhas dúvidas. Depois que liguei para ele, fui pega de novo. Então, fiquei confusa. Mas, depois de ontem... ver tudo que ele aguentou por minha causa, me fez ver o quanto estava errada. Não quero que machuquem você.

— Ninguém vai me machucar. Nem a mim e nem a você. — Ele a abraçou e a beijou. Levou sua mão até o ventre dela e sorriu: — Estou feliz que nosso filho resistiu a tudo isso. Teve momentos em que achei que iria perdê-los — disse com tristeza.

— Bom diaaaa! — Melanie gritou alegre ao abrir a porta.

Taylor olhou para a irmã e para Dario.

— Já soubemos que o senhor andou apavorando as enfermeiras — Taylor brincou.

Esther sorriu.

— Não seria o Dario se não fizesse, não é? — Melanie riu. — Aqui estão algumas roupas que trouxemos para vocês. — Ela colocou sobre a cama a roupa para que os dois se trocassem.

— Quer ajuda para colocar as calças, *cowboy*? — Taylor alfinetou.

Dario ergueu a sobrancelha para ele e disse:

— Nem morto eu deixaria você colocar minhas calças.

Todos riram.

— Não implica com ele, Max. — Júlia riu.

— Viemos buscá-la. Infelizmente, seu namoradinho terá que ficar aqui uns três dias — Taylor disse deixando Dario furioso.

— Nem fodendo ficarei aqui criando raízes. Vou embora — falou irritado, e colocou sua calça.

— Precisa ficar, maninho. Perdeu muito sangue, ainda está em observação.

— Eles que observem a puta que o pariu. Não quero ser observado. Quero ir para casa.

— Esse cara é difícil, hein? — Taylor disse exasperado. — Vai ficar e se eu precisar amarrá-lo aqui, na cama, eu irei — Taylor falou convicto.

Dario gargalhou.

— Acho que você não tem noção do perigo, não é, James Bond? Tá pra nascer alguém que irá me amarrar.

Júlia riu.

— Na verdade, Anton já te amarrou — disse divertida.

Dario lançou a ela um olhar mortal.

— Só me amarrou, porque ameaçou te matar e matar minha irmã.

— Ok, senhor machão. Você quem manda. Vamos todos embora. Talvez esse seu machucado aí na perna infeccione, vire algo mais sério e terão que amputá-la, vai saber — Taylor tentou assustá-lo.

— Vou pagar pra ver — respondeu colocando a camiseta, enquanto Melanie ajudava Júlia a se vestir.

Momentos depois, o médico entrou na sala.

— Bom dia! Como vai a mamãe? — O médico deu um lindo sorriso deixando Dario com uma carranca.

— Bom dia, doutor. Estou bem.

— Vou examiná-la, mais uma vez, antes de assinar sua alta.

— Tudo bem.

— Será que vocês podem nos deixar sozinhos? — o médico disse.

— Claro — disse Taylor. Segurou na mão de Melanie e caminharam até a porta.

— Dario? — Taylor olhou para ele de braços cruzados, sentado no sofá ao lado da cama de Júlia.

— Vou ficar — disse com voz grossa.

Júlia olhou para ele e franziu o cenho.

— O que foi? Sou o pai do bebê. Tenho todo o direito de ficar.

— Não vou examinar o bebê senhor e sim a paciente — o médico disse.

— O que dá na mesma, porque também sou o marido dela — Dario insistiu. “Que médico abusado!”, pensou.

Taylor deu de ombros e saiu levando Melanie com ele.

O médico tentou ignorá-lo. Já tinha ouvido falar dos problemas que ele causou para estar com a esposa e examiná-la ali, perto dele, poderia ser um problema.

— Como está se sentindo hoje?

— Bem.

— Com dores?

— Sim, um pouco.

— Onde?

— Nas costas e nas costelas.

O médico pediu licença a ela e, quando tocou a barra de sua camiseta, Dario protestou:

— Não precisa tocar nela não.

Os dois olharam para ele.

Ele ergueu as mãos e pediu para que seguisse. Sua expressão não era das melhores.

O médico ergueu a camiseta de Esther e examinou os hematomas.

— Há apenas alguns hematomas. Como não podemos tirar um raio-x, pois se encontra no primeiro trimestre da gravidez, preciso examiná-la mais profundamente. — Ele sorriu para ela e continuou a examinar sua costela.

— Ai! — ela gemeu assim que ele apalpou sua costela um pouco abaixo dos seios.

Dario olhou para ele, irritado.

— Está machucando-a, não precisa tocá-la. Ela já disse que sente dores. Apenas prescreva algo para a dor e pronto.

— Quem é o médico aqui, senhor? — o doutor falou, já sem paciência.

Dario olhou para ele com cara de deboche.

O médico prosseguiu e pediu que ela ficasse de pé. Pegou o estetoscópio para examiná-la e disse que iria levantar novamente a sua camiseta.

Dario ficou possesso com a forma como o médico olhava para ela.

— Já chega! Ela está ótima. O senhor não sabe o quanto essa mulher é forte. Ela vai sobreviver — disse e caminhou mancando até ela e abaixou sua camiseta. Dario olhou para o médico e ficou ali, parado, observando-o. O médico encarou-o, perplexo.

— Dario! — Esther chamou sua atenção.

— O doutor já acabou, querida, e está de saída.

O médico ficou irritado.

— Certo, senhorita Esther.

— Senhora Craig — Dario o corrigiu.

Esther o cutucou para que parasse.

— Certo, senhora Craig. Aqui está a sua alta. Lembre-se do que conversamos ontem. Qualquer sintoma ou novos sangramentos, precisará voltar.

— Sangramento? Sangramento do quê? — Dario perguntou olhando para Esther.

— Sim, doutor. Obrigada e, por favor, desculpe-me por isso. — Ela olhou para Dario.

Assim que o médico saiu, Dario a confrontou:

— Que sangramento é esse que ele falou?

— Não é nada, Dario. E você, que falta de educação, hein?! O médico só estava fazendo o trabalho dele — falou calçando os sapatos.

— O trabalho dele não é tocar em você e nem ficar babando em seu corpo — ele se irritou.

Ela revirou os olhos.

— Que ciúme besta!

— Ah, é? Queria ver a sua cara quando a enfermeira foi até meu quarto fazer o curativo em minha perna e ficou olhando para o meu pau duro.

Ela ficou horrorizada.

— Mas... que diabos estava fazendo de pau duro?

— Eu? Nada! — Ele seguiu para fora do quarto deixando-a para trás!

— Dario, volte aqui!

Ele deu uma risadinha.

— O que ela fazia olhando para o...

— Nada, querida. Que ciúme besta! — disse e seguiu até onde Taylor e Melanie estavam.

— Estamos prontos. Vamos? — Dario falou para Taylor e saiu do hospital amparado por Melanie.

— Por que a Helena está com aquela cara? Você não fez nada com o médico, não é, Dario?

— Claro que não. Só mostrei a ela que não sou o único ciumento aqui. — Sorriu levemente.

— Vocês dois são malucos! — Melanie riu.

Assim que saíram, Taylor encaminhou-os até uma SUV preta parada em frente ao hospital. Ele abriu as portas e ajudou Júlia e Dario entrarem. Em seguida, entrou junto com Melanie.

Júlia olhou para o motorista vestido impecavelmente com um terno preto. Ela encarou-o pelo retrovisor e teve a sensação de que já o conhecia.

— Para o aeroporto — Taylor ordenou.

O homem apenas assentiu.

— Vamos para o aeroporto? Mas eu preciso passar em casa e pegar minhas...

— Não vai voltar para lá — Dario se irritou.

— Taylor, preciso das minhas coisas que estão na casa — ela disse exasperada.

— Dario tem razão. Não voltará para lá, enquanto isso não acabar. Não estará segura lá.

— Vocês estão exagerando!

Dario olhou para ela, furioso.

— Não vai e assunto encerrado.

Ela bufou.

Eles continuaram a viagem, calados.

Austin, no Texas – Estados Unidos.

Depois de quase quatro horas, eles desembarcaram no aeroporto, em Austin.

Ryan e Paige esperavam por eles, apreensivos. Assim que os viram, Ryan correu para ajudar Taylor, que caminhava amparando Dario. Os dois riam de algo quando ele se aproximou.

— Estou vendo que está ótimo. Está até sorridente. — Ryan deu um forte abraço no irmão.

— Eu estava dizendo para ele que, se mandar minha irmã embora outra vez, eu mesmo me encarrego de matá-lo — Taylor disse.

— E o que foi que ele disse? — Ryan olhou para os dois, que sorriam.

— Acho que já pode imaginar. Dario foi o Dario, como sempre — Taylor respondeu.

Todos riram.

— Melanie! — Ryan a abraçou emocionado. — Machucaram você? Você está bem?

Ele a beijou no rosto e ficou analisando-a atentamente.

— Estou ótima, Ryan. Ótima! E feliz por estar de volta. — Ela baixou a cabeça. — E o Jackson? Já avisaram a família dele?

— Fiz isso ontem mesmo. O enterro será amanhã de manhã — Ryan disse entristecido.

Todos se cumprimentaram e se abraçaram emocionados. Paige abraçou a todos e ficou observando como eles se amavam.

— Vamos para casa. Jhonny ligou e disse que está voltando pra casa. Ele ficou atordoado com tudo o que aconteceu.

— E como está a fazenda? Os cavalos e...

— Dario, pare um pouco de se preocupar com a fazenda. Precisa se cuidar e dar atenção pra sua mulher — Ryan falou. — Eu estou cuidando de tudo com a ajuda da Paige. Não se preocupe.

— Está bem.

Ao chegarem em casa, Dario reclamou que não iria conseguir subir e descer as escadas todos os dias, então, sugeriu que ficassem em um dos chalés, pois assim também estaria perto do estábulo e poderia ficar mais perto dos cavalos. Júlia pegou suas coisas e algumas roupas dele.

— Está tudo aqui — ela disse para Melanie e apontou para a mala em sua frente.

— Vou descer com elas. E você, cunhadinha, coloca um sorriso nesse rosto aí. Por que está tão brava com o Dario? O que foi que ele fez lá no hospital?

— Nada. Seu irmão é um babaca, às vezes.

Melanie riu.

— E se é! Vamos.

Ao chegarem, Júlia arrumou todo o quarto para que Dario pudesse ficar confortável.

— Amor, quer parar de ficar arrumando a casa toda? — disse exasperado. — Você também precisa descansar.

— Já terminei — ela falou. Tirou as roupas da mala e guardou em uma das cômodas. — Vou tomar um banho. Já volto. — Ela aproximou-se da cama e o beijou.

Dario esticou o braço até o criado-mudo e pegou o controle remoto da tevê. Inquieto, passou por vários canais até que um chamou sua atenção. Ele parou para assistir a reportagem.

“A jornalista Esther Rothenberger, noiva do chefe de segurança Carl Trainor, foi vista hoje pela

manhã saindo do Hospital Central de Washington acompanhada por um homem de identidade desconhecida. Na foto, podemos ver a jornalista e o homem em momentos íntimos.”

— Momentos íntimos? — Dario ficou perplexo. — Estávamos apenas abraçados. — Ele olhou para a foto um pouco desfocada.

“O fim do relacionamento da jornalista com Carl Trainor não foi anunciado. Então, quem será o homem misterioso? Um funcionário confirmou que a jornalista e o tal homem estavam juntos e que Esther chegou ao hospital com alguns ferimentos. Nos revelou também, que ela e o bebê passam bem. O que nos deixou confusos, pois seu noivo, Carl Trainor, havia dito para a imprensa que ela estava se recuperando de um aborto espontâneo...”

— Eu vou processar essa merda de hospital — disse entredentes. Dario desligou a tevê e olhou para o teto. Estava impaciente por ter que ficar deitado.

— Dario! — Ele se assustou assim que Georgina entrou pela porta e praticamente se jogou em seus braços. — Oh, meu Deus! Você está bem? — Ela estava visivelmente abalada.

— O que faz aqui? — perguntou tentando afastá-la de perto dele.

— Eu fiquei sabendo o que aconteceu. Eu estava tão preocupada. Que bom que está bem. — Ela tentou beijá-lo, mas foi repelida.

— Georgina!

Ela chorou.

— Eu pensei que tinha te perdido. Senti uma tristeza tão profunda. Foi como se meu coração tivesse sido arrancado do peito — falou descontroladamente, tocando-o em seu corpo como se quisesse sentir que ele era real, que estava ali, que não estava morto.

Dario deu um suspiro longo, exasperado.

— Você me perdeu, Georgina. E já faz tempo. Como pode ver, eu estou vendendo saúde. Não precisa se preocupar.

Ela secou as lágrimas.

— Você não sabe como foi difícil pra mim. Pensei que tivesse morrido e que...

— O que ela faz aqui? — Júlia perguntou furiosa ao sair do banheiro e ver Georgina tocando o rosto de Dario de forma tão íntima.

Georgina olhou para ela e disse:

— Vim ver como ele está.

Dario a olhou dos pés à cabeça. Suas partes íntimas estavam cobertas somente por uma

minúscula *lingerie* rosa.

Júlia observou os dois e seguiu com o olhar as mãos de Georgina no peito de Dario deitado sobre a cama apenas de cueca.

— Isso é sério? — Júlia olhou para ele, irritada.

Ele deu de ombros.

— Ela é toda sua, meu amor.

Georgina olhou para Júlia com ar de superioridade.

Júlia se aproximou dela e puxou-a pra fora da cama.

— Dou um segundo pra você cair fora daqui.

Georgina riu.

— Acho melhor você cair fora, Georgina — Dario a alertou.

— Está se achando, não é? Não vê que, desde que você chegou, só causou mal a ele? Olha o que você fez? Ele poderia ter morrido.

— Qual é a sua, afinal? — Júlia perguntou irritada.

— Ele nunca vai te amar como me amou.

Júlia riu.

— Não achei que você era do tipo recalcada.

— Tenho dó de você se pensa que ele realmente vai mudar por sua causa. Você vai deixá-lo quando ele mostrar quem realmente é. Quero ver você aguentar os acessos de ciúmes, ele controlar sua vida e fazer seu mundo girar em torno dele — ela disse com fúria. — Nesses seis anos, foi ele quem me perseguiu para que voltássemos. Isso quer dizer alguma coisa, não acha? Ele ainda me ama e se eu estalar os dedos, o terei em minha vida outra vez.

— Terminou? — Júlia perguntou enraivecida. Se ela estivesse armada, cometeria uma loucura.

— Sim.

Júlia a esbofeteou. O golpe foi tão forte, que Georgina se desequilibrou e caiu.

Dario não sabia se ficava preocupado com o estado de Júlia ou se ria.

— Agora dê o fora antes que eu chute sua bunda, como diz o MEU homem.

Georgina levantou-se assustada e massageando o lado esquerdo de sua face marcada.

— Eu até enviaria pra você o nosso convite de casamento. Só que não. Acho que o Dario odiaria ver essa sua cara de puta fingida outra vez, não é, amor?

— Nem morto, meu amor — Dario respondeu. Estava se divertindo com tudo aquilo.

— Vai anta, cai fora!

Georgina olhou para ela com os olhos flamejando de ódio, sequer ousou olhar para ele outra vez. E, então, saiu como um furacão do quarto.

— Mulher insuportável — Esther rosnou. — O que você viu nela? — perguntou com raiva.

— Eu? Não vi nada. A não ser essa magnífica visão de você seminua em minha frente. — Ele sorriu.

— Não foi isso que perguntei.

— Vem cá, vem, minha bravinha.

— Eu estou irritada agora!

— Vem aqui que eu ajudo você com isso. Vou te deixar calminha. — Ele riu.

— Isso não é engraçado. Por que não a tirou daqui?

Dario olhou para a perna dele.

— Isso responde sua pergunta?

Júlia bufou.

— Juro que se ela aparecer em minha frente de novo, eu arranco os olhos dela. Você também poderia ter colocado uma calça, não?

— Eu estou na minha casa! Em minha cama. Como iria imaginar que a maluca entraria aqui?

— Pois, de agora em diante, te proíbo de ficar só de cueca pela casa.

Dario gargalhou.

— Isso é sério?

— Isso é extremamente sério, querido. A não ser que queira perder suas bolas — disse olhando fixamente para ele.

— Essa raiva toda é por causa do que te disse no hospital?

Ela caminhou até a cama e deitou-se ao lado dele.

— Está com ciúmes?

Ela não respondeu.

— Hein? — Ele a puxou para si.

— Enquanto eu estiver me lembrando disso, *cowboy*, nada de sexo entre nós. Estou puta da vida!

Ele sorriu. Virou-se na cama e a manteve presa, debaixo de seu corpo. Dario beijou-a e sussurrou em seu ouvido:

— Não se esqueça de que não pode ficar nervosa. Não é bom para o nosso filho.

— Não estou nervosa.

— Não?

— Não.

— Então, me beije.

Ela o encarou.

— Vamos, me beije.

— Ok, eu estou nervosa. O que você estava fazendo de pau duro ao lado da enfermeira? — Aquilo estava corroendo-a de ciúmes.

— Já disse, nada. Ela foi trocar meu curativo e, quando tirou o lençol, eu estava numa situação difícil. Ereção matinal. Já ouviu falar? Então. Porém, eu mandei ela parar de olhar, eu juro.

— Você é um safado!

— E você está me matando com sua resistência. — Ele a beijou de forma mais agressiva. Ofegante, se afastou. — Vou fazer você esquecer tudo isso agora mesmo — disse enquanto mordiscava sua orelha. Ele abriu o fecho frontal do sutiã dela e levou a boca até um de seus seios fazendo-a gemer.

— Quietinha!

Dario continuou a morder seus seios e a chupá-los bem lentamente. Ela se contorceu debaixo dele e gemeu a cada toque dele em sua pele.

— Minha perna, meu amor. Se continuar a se mexer, vai ser difícil.

— Então, me deixe ficar por cima — ela sussurrou.

— Não.

— Por que não?

— Porque não.

— Está com medo?

— Medo do quê? — Ele parou e olhou para ela.

— De que eu te domine na cama. — Ela sorriu maliciosamente.

— Não.

— Não?

— Você já tem me dominado, Júlia. Na cama e fora dela — ele admitiu com um lindo sorriso safado.

Júlia olhou para ele e sorriu.

— Vai ficar me chamando de Júlia agora?

— Ué? Não é o seu nome?

— É.

— Então.

— Tá bom. É que tá meio estranho.

Eles riram.

Dario se afastou, tirou a cueca e deitou-se de costas sobre a cama.

— Pode vir.

Ela foi até ele, retirou a calcinha e sentou sobre seu quadril.

— Se prepare, *cowboy*.

— Já nasci preparado. — Ele levou as mãos até a cintura dela e ficou ali. Assim que sentiu seu membro todo dentro dela, soltou um grunhido. Ela começou num movimento de sobe e desce levando-o à loucura.

— Estou te machucando? — perguntou preocupada.

— Nem um pouco. Pode ir mais rápido, se quiser. Acho que vou deixar você fazer todo o trabalho. Poderia até me acostumar com isso — disse divertido. — Mas não. Saiba que aqui o macho sou eu.

Ela riu cavalgando nele.

— Não tenho nenhuma dúvida sobre isso. — E se curvou para beijá-lo. — Eu te amo.

— Eu também te amo.

Horas depois, os dois estavam deitados, abraçados na cama. Júlia estava quieta e pensativa. Dario acariciou seus cabelos e tentou imaginar o que se passava na cabeça dela.

— Está se sentindo culpada, não é? Sente falta dele?

Houve um silêncio.

— Está falando do Carl?

— Sim.

— Ele era uma boa pessoa. Nunca me fez nenhum mal. Não merecia ter morrido daquele jeito. Não por minha causa. — Seu coração se encheu de tristeza.

— Eu vi nos olhos dele quando chegou aqui. Dava para ver o quanto estava ansioso em te ver e como ele olhou para você quando te beijou. Doeu ver aquilo, mas eu pude sentir a dor dele.

— Eu não teria ido com ele se tivesse me perdoado. Eu não o amava e você sabia disso.

— Sim, eu sabia. Mas mesmo assim deixei que a minha raiva falasse por mim. Eu estava cego de ciúmes e com raiva por ter mentido pra mim. Não quero mais mentiras ou segredos entre nós, Júlia. Não sou muito bom em perdoar. Então, se tiver algo para me dizer, prefiro que seja agora. Não vou ficar chateado se me disser que aconteceu algo entre você e Carl nesses dias em que estive com ele.

Ela se aninhou nele e o beijou.

— Não aconteceu nada entre nós. Ele me beijou, mas foi apenas isso. Não deixei que tocasse em mim. Não podia fazer isso com ele e nem com a gente. Não era ele quem eu queria.

— Quando te mandei embora daqui e me vi sozinho, descobri que não sou nada sem você. Foi difícil dormir e acordar sabendo que não podia sentir seu cheiro e nem tocar sua pele. Não podia te beijar, te amar e nem brigar com você como fazia quando me deixava irritado. Você tem meu coração, Júlia. Meu coração e todo o resto. Nunca mais quero sentir isso de novo. Foi como se, mesmo vivo, algo dentro de mim tivesse morrido e me impedido de continuar.

— Quando você percebeu que estava apaixonado por mim?

— No dia em que a vi caída em meio àquela tempestade. Não sabia o que havia acontecido e nem se estava ferida. Mas naquela hora, meu coração bateu mais forte. Foi assustador ter que admitir que estava apaixonado por uma versão feminina de mim mesmo. — Ele sorriu. — Você é lindamente irritante.

Ela sorriu ruborizada.

— E você? Vai me dizer quando percebeu que estava apaixonada por mim?

— Não! Não vai querer saber. — Ela riu.

— Mas é claro que vou. Estamos em nosso momento revelação. — Ele a puxou para si e a beijou.

— Tá. — Ela cobriu o rosto. — Vai prometer que não vai rir de mim?

— Isso é difícil. Mas farei um esforço — disse divertido.

— Quando eu fiquei mais de meia hora observando-o nu, atrás de um fardo de feno. Estava com uma mulher em uma das baias do estábulo. A princípio fiquei com medo daquela performance toda, mas depois acho que fiquei excitada.

Ele arregalou os olhos.

— Você me viu fazendo... Céus! Fala sério?

— Sim. Foi meio estranho. E quando tentei fugir, ainda tropecei. Foi um mico e tanto.

Dario gargalhou.

— Você é uma tarada. Estava de olho apenas no meu corpo.

Ela gargalhou.

— Que mulher resistiria? Mas não foi exatamente aquele momento. Foi quando caí e você veio me socorrer. Estava tão atencioso e parecia preocupado. Não era o mesmo homem que havia visto há poucos momentos antes. Você me olhou de uma forma intensa, como se pudesse me decifrar apenas num olhar. Não sei. É difícil dizer. Acho que gostei de você desde o primeiro momento.

— Suas ações diziam o contrário. Pensei que me odiasse.

Ela o olhou fixamente.

— Não odiava você. Aquela era apenas eu lutando contra os meus sentimentos.

Ele sorriu.

— Dario...

— O que foi? — Ele a olhou.

— Tem uma coisa que você precisa saber. Não quero que me odeie por isso, porque o que vou dizer pode mudar muita coisa em sua vida. Mas você disse sem segredos entre nós, então...

Dario ficou tenso.

— O que foi? Pode me contar.

Ela se afastou e se sentou na cama segurando o lençol entre o corpo.

— Prometa que não vai surtar? Não vai cometer nenhuma loucura e que...

— Fala logo, Júlia. Vou surtar se você não falar logo. — Ele a olhou atento.

— Eu não sei como falar isso. É...

— Vamos, diga! — Ele estava ficando apreensivo.

— Por favor, só não me odeie por destruir tudo o que você sabia sobre si mesmo, ok?

— Querida, fala logo, senão terei um troço. Está me deixando apavorado.

Júlia suspirou fundo e reuniu toda coragem dentro de si.

— A Morgan é sua mãe biológica.

Dario empalideceu.

— O quê?

Todo o sangue do rosto dele pareceu se esvaír. Dario estava branco e estático. As palavras ditas por Júlia ecoaram em sua mente deixando-o completamente perdido.

Capítulo 33

A DESCOBERTA

— Nossa! — Ele riu. — Ufa! Por um momento achei que estava... — Ele a encarou. — Não está brincando, não é? — perguntou ao vê-la triste.

— Sinto muito — ela sussurrou.

Dario ficou calado. Saiu da cama com dificuldade e se trocou.

— Vai sair? Não quer conversar? — Ela ficou confusa com sua reação. Ela esperava gritos, quebra-quebra ou até mesmo que a confrontasse sobre como ela soube. Mas Dario pareceu não se importar.

— Vou dar uma volta. Preciso pensar. — Sua voz extremamente calma, a deixou alarmada. Não se parecia com o verdadeiro Dario, explosivo.

— O que vai fazer? Vai procurá-la? Acho que seria bom vocês dois conversarem e...

— E o quê? Isso não faz a menor diferença para mim, Júlia.

— Mas deveria.

Ele se irritou.

— Não. Não deveria. Eu entendi. Ela me deu a vida, mas foi só isso.

— Eu sei que deve estar confuso agora. Mas veja, vocês podem recuperar o tempo perdido. Eu daria tudo para ter a minha mãe ao meu lado, Dario.

— Tá de sacanagem comigo? — perguntou perplexo. Dario não acreditou que ela podia estar falando aquilo para ele. — Minha mãe está morta e enterrada. A Morgan me abandonou, Júlia. Não quis saber de mim. Não vou falar com ela. Em outras palavras, quero que ela se foda! — Dario calçou as botas e pegou a chave da caminhonete. — Não quero ver aquela mulher nunca mais na minha frente. É bom que saiba disso — disse olhando para Júlia, que estava encolhida sobre a cama.

— Acho que precisa falar com ela. Ninguém melhor do que a própria Morgan para explicar os motivos que a levaram a desistir de você. Talvez possa perdô-la.

Dario ficou puto com sua insistência.

— Você abandonaria seu filho, Júlia? Se não pudéssemos ficar juntos, você abriria mão dele e o deixaria comigo desaparecendo no mundo? Você não iria querer saber se seu filho estava bem alimentado, bem cuidado, doente ou sei lá... segurar a mão dele contando histórias até que pegasse no

sono? Levá-lo para escola, vê-lo dar os primeiros passos, ouvir as primeiras palavras... Ou seja, simplesmente amá-lo incondicionalmente?

Os olhos de Júlia lacrimejaram.

— Para mim, Júlia, isso é ser mãe. Não conheço outra a não ser a Lissy. A mulher corajosa que passou por cima de muita coisa para cuidar de mim e dos meus irmãos. Eu sou o homem que sou hoje, não graças ao meu pai ou a Morgan, e sim a ela. E saber que ela fez tudo por mim, mesmo sabendo que eu não era seu filho, só me faz admirá-la e amá-la ainda mais. É uma pena que ela não esteja mais entre nós, pois eu gostaria muito que ela soubesse como me sinto sobre isso. Então, não me venha com essa de perdão. Já disse que não sou bom em perdoar. — Ele deu as costas e saiu sem olhar para trás.

Dario caminhou para fora do chalé até a administração do *haras*. Ao abrir a porta, deu de cara com Ryan e Paige se agarrando. Ryan estava de costas para ele e ela sentada em cima da mesa. Dario revirou os olhos ao ver aquela cena.

— É assim que estão cuidando da fazenda? — Ele chamou a atenção dos dois.

Na mesma hora, Paige empurrou Ryan e se afastou. Sua face corada, mostrou o quanto ficou envergonhada. Ela fechou os botões da camisa e desceu da mesa.

— Não sabe bater na porta, não? — Ryan perguntou.

Ela passou por Dario, deu um sorriso fraco e saiu levando os contratos para assinar.

Dario acompanhou-a com os olhos até que saísse.

— Vocês pareciam dois adolescentes. Por que não leva essa mulher logo pra cama?

Ryan olhou para ele com o cenho franzido.

— E comer as alunas no estábulo era coisa de homem maduro?

— Não faço mais isso. — Ele deu de ombros.

— Sei. — Ryan sorriu. — O que faz aqui? Não era para estar com sua mulher se recuperando?

Dario andou de um para lado o outro, apreensivo, ignorando a pergunta do irmão.

— Precisam resolver logo isso. Está na cara que vocês se amam e fazer com que ela espere a sua boa vontade em querer se casar é um pouco demais, não acha? Se eu não te conhecesse tão bem, diria que não é muito chegado na fruta.

Ryan deu um sorriso fraco.

— Eu a amo.

— Então, por que não se casam? Acha que ela não é a mulher certa pra você? Porque, maninho, ela não vai ficar esperando a vida toda. As pessoas têm suas necessidades pessoais. — Dario sorriu.

Ryan ficou pensando.

— Não tenho dúvidas de que encontrei a mulher certa para mim. Mas, desta vez, quem dá as cartas sou eu. Ela me quer e eu a quero com todas as minhas forças. Eu esperei dois longos anos para encontrar a mulher perfeita para mim. Acho que ela pode esperar algum tempo, até que eu faça dela a minha mulher. Ela ainda não sabe, mas farei com que sua espera valha cada segundo.

Quando Ryan terminou de falar, Dario aproximou-se dele e disse encarando-o fixamente nos olhos:

— Peça ela em casamento e dê um jeito nisso logo, Ryan. Essa situação já está beirando o ridículo.

Ryan riu com a sinceridade do irmão.

— Vou pensar nisso. Mas o que faz aqui?

— Eu pensei em olhar as coisas do nosso pai. Você ainda guarda tudo aqui?

— Sim, no armário na outra sala. Mas, por que você quer as coisas dele? Desde que viemos para cá, você nunca teve interesse naquilo — disse confuso.

— Nada, eu só preciso ver alguns documentos e... Você já viu o que ele guardava naquelas pastas?

Ryan ficou preocupado.

— Não. Assim como você, também nunca tive interesse. Apenas juntei tudo que era dele e joguei naquele armário velho e tranquei.

— Pode me dar a chave da sala?

— Claro.

Ryan abriu a gaveta da mesa, pegou as chaves e jogou para ele.

Dario agradeceu.

— Bom, fique à vontade. Vou sair, pois tenho uma reunião com o babaca do Collins.

— Ele está aqui? No Texas?

— Em carne e osso — Ryan disse um pouco desapontado. Ainda morria de ciúmes dele com Paige.

— Eu fecho tudo quando sair. Pode ir.

Ryan saiu e deixou o irmão sozinho. Dario caminhou até a outra sala, destrancou o armário e suspirou fundo.

— Cheio de segredos, não é, John Craig? Vamos ver o que mais você esconde, papai — ele sussurrou pegando a pilha de pastas organizadas no armário. Jogou sobre a pequena mesa que havia ali e se sentou. Limpou a poeira das pastas e abriu a primeira.

Dario observou cada documento que havia ali. Alguns eram importantes e outros nem tanto, pelo

menos, não para ele, e continuou. Fotos familiares levaram-no a voltar no tempo. Em uma das fotos, Dario estava montado em um cavalo e seu pai ao seu lado segurando a sua mão. Os dois pareciam felizes. Ele viu da forma como estava vestido: de botas, camisa xadrez, jeans e um chapéu enorme. Era apenas um garotinho inocente, fruto de uma infidelidade.

Ele continuou a olhar os documentos. Encontrou mais fotos e alguns papéis sem importância. Dario jogou a pasta de lado e pegou outra. Inspeccionou-a por completo e só o que conseguiu encontrar foram mais fotos, além de alguns recibos de pagamentos relacionados à fazenda. Então, pegou outra pasta. Também não encontrou nada até que observou um envelope escuro entre uma das pastas sobre a mesa. Dario puxou-o e franziu o cenho ao ler “CIA – Agência Central de Inteligência”.

Ele abriu o envelope, curioso. Ao puxar os papéis, estranhou o conteúdo. Neles havia fotos e várias informações pessoais. Dario olhou para a foto de um homem negro entrando dentro de uma SUV prata. Embaixo, leu as informações descritas:

“Robert Owen, 56 anos, empresário, casado e dois filhos.

14500 E 59th St, Cidade do Kansas.

Missouri 64136, EUA.

Status: Eliminado.”

Dario ficou um longo tempo analisando todos os papéis. Em cada um, havia uma pessoa diferente. Em todos eles, exibia *status* “eliminado”.

— Meu Deus! Essas pessoas eram alvos? — sussurrou.

Dario continuou a olhar o que havia no envelope. Dentro dele, havia uma carteira de couro marrom larga e comprida. Ele abriu e ficou atônito com o que viu. Vários cartões de crédito, identidades e passaportes com vários nomes diferentes, mas todos com a mesma foto: a do seu pai.

— Filho da... — ele se irritou ao pegar uma credencial da CIA. Parecia um cartão magnético, o que levou a crer que aquilo abriria alguma porta, cofre ou sabe-se lá Deus o quê. Dario ficou sem chão ao descobrir que, além de um traidor, seu pai foi um agente secreto. Em um dos passaportes que abriu, ele se deparou com a foto de uma mulher loira e muito bonita. O nome não era de Morgan, mas a fisionomia o fez lembrar-se dela.

— É ela. Com certeza — sussurrou olhando para a foto.

Dario recolheu tudo e colocou de volta no lugar. Assim que jogou as pastas no armário, algumas fotos, que estavam em um dos envelopes que ele não abria, caíram sobre seus pés. Todas elas eram de John com a mesma mulher loira do passaporte. Dario olhou para todas até que se deparou com uma em que a mulher segurava um bebê no colo. Ela exibia um sorriso enquanto olhava para a criança. Ele fechou as mãos em punho, amassando a foto instantaneamente. Em seus olhos, brotaram algumas lágrimas. Tudo que ele sabia sobre si foi desfeito em questões de segundos. O pouco de admiração que ainda restava por seu pai, se perdeu naquele momento. Ele não só enganou a mulher que tinha como mãe, como também fez com que sua vida fosse uma grande mentira. E Dario achou

que ele não seria capaz de perdoar isso.

Depois de guardar todos os papéis, Dario saiu da sala. Sua mente estava uma tremenda bagunça. No caminho de volta para o chalé, ele ficou imaginando como seria sua vida caso seu pai nunca tivesse mentido. Pensou também no que seus irmãos diriam quando revelasse que ele era apenas seu meio-irmão, filho da mulher que ocasionou tanta desgraça na família. *Será que eles iriam odiá-lo?* Ele se perguntou por várias vezes. Cogitou esconder a verdade, mas ele repugnava mentiras. Cresceu sabendo o quanto as mentiras machucavam as pessoas e acabavam com relacionamentos. Dario foi mais do que um irmão para eles, foi um pai, uma mãe e um amigo. Ele esperava que seus irmãos pudessem reconhecer toda a dedicação e o cuidado que teve com todos eles. Muitas vezes, se abdicou de sua própria vida colocando-os em primeiro lugar. E, após a morte de Lissy, sua mãe, ele passou a dedicar o dobro na educação e na vida de cada um deles. Mancando, ele parou em frente à porta do chalé ainda com os pensamentos fervilhando em sua mente.

Dario passou pela porta e foi ao encontro de Júlia. Ao entrar no quarto, a viu deitada sobre a cama, dormindo. Ele retirou a roupa e subiu na cama, deitando-se ao seu lado. Puxou-a para ele unindo seus corpos. Sua presença fez com que acordasse. Ela deu um suspiro leve e virou-se para ele.

— Oi.

— Oi — ele respondeu.

— Você não parece bem — disse olhando para sua expressão triste.

— Não estou, mas ficarei logo. Não se preocupe. — Ele sorriu fracamente e deu um beijo em seu rosto.

— Eu sinto muito, de verdade.

— Não sinta. Eu agradeço por ter me dito a verdade.

— Não quero vê-lo triste.

— Não estou, meu amor. Que motivos um cara como eu teria para estar triste tendo uma mulher tão linda, doce e inteligente, que carrega um pedaço de mim dentro de si e que me faz o homem mais feliz desse mundo?

Ela sorriu.

— Não estou triste, mas desapontado.

— O que pretende fazer?

Ele pensou por alguns segundos.

— Falar com meus irmãos. Contar a verdade.

— E quanto a Morgan?

— Ela nunca existiu em minha vida. Vai continuar com o *status* de “zé ninguém”. Vou tratá-la da mesma forma que me tratou desde que nasci. Afinal, soube isso por você e não por ela. Isso só diz

que Morgan continua não se importando com quem eu sou. E, para ser sincero, prefiro que seja assim.

Houve um breve silêncio entre eles.

— Acho que estou com fome — Júlia disse ao ouvir seu estômago roncar.

Dario sorriu levando a mão até seu ventre e disse:

— Então, vamos alimentá-la porque, se esse bebezinho puxou a mim, precisará de muito alimento.

Eles riram.

— Vamos. Vou ajudá-la a preparar algo para comermos.

— Ah, você vai ajudar? Achei que faria o jantar sozinho. — Ela fez beicinho.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Não diga! Para de preguiça e saia já dessa cama— disse já colocando a calça.

— Meu homem. — Sorriu. — Tão mandão.

Ele gargalhou.

— Vamos, querida. Não quero ser acusado de matar minha esposa de fome. — Ele puxou Júlia da cama e a beijou.

— Então, tá — falou divertida. — Posso, pelo menos, colocar uma roupa?

Ele olhou para ela de cima a baixo e sorriu.

— É bom se vestir mesmo. Porque desse jeito é capaz de colocarmos fogo na cozinha.

Ela riu.

No dia seguinte, Dario acordou cedo. Era impossível perder o costume. Mesmo sabendo que não podia trabalhar, não conseguiu ficar parado. Ele procurou Júlia no chalé, mas não a encontrou, então saiu à sua procura. No caminho, encontrou Johnny e Denny caminhando lado a lado. Johnny abriu um sorriso assim que o viu. Correu até ele e o abraçou.

— Quer dizer que estive num cenário de horror? Que mulher você foi arrumar, hein, maninho?

Dario sorriu.

— Pois é. Gosto de ser diferente.

— Já falei com Ryan e Melanie. O enterro será daqui algumas horas. Fiquei triste pelo Jackson, de verdade.

— Todos nós ficamos.

Nesse momento, Júlia apareceu ao lado de Melanie. As duas estavam montadas cada uma em um

cavalo, sorrindo e conversando. No mesmo instante, Dario fechou a cara e olhou furioso para ela.

— Posso saber o que faz montada na Sherry?

O olhar lançado em sua direção eram como flechas certeiras em brasa.

— Desça daí agora!

Johnny se segurou para não rir. Dario estava possesso.

Júlia desceu da égua e foi até ele.

— Eu só estav...

— Onde está sua responsabilidade? Sabe que não pode andar a cavalo, está grávida! Está colocando nosso filho em risco.

— Desculpe-me, eu só...

— Só está tentando me irritar? É, eu sei. Você é mestre nisso — ele bufou. — Você ainda vai me causar uma parada cardíaca!

— Ui, que drama! — Melanie disse.

— E você, fique quieta. — Dario olhou diretamente para ela.

— O que está pegando? — Ryan chegou de repente.

— Briga de marido e mulher. Já ouviu o ditado? — Johnny riu.

Ryan olhou para Dario e o jeito que segurava Júlia pelos braços.

— Mas já? Que amor vocês dois.

— Vão se catar! — Dario disse puxando Júlia pelos braços. — Vamos deixar algumas coisas bem claras, querida.

Ao entrarem no chalé, Dario arrastou-a até a cama. Na gaveta do criado-mudo, retirou uma pequena caderneta e uma caneta.

— O que está fazendo?

— Umas anotações.

— Anotações?

Ela sorriu, confusa.

— É. Estou anotando as coisas que você faz e que me deixam irritado.

— Mas... para quê?

— Para quando o bebê nascer.

Ela ficou ainda mais confusa.

— Cada coisa anotada aqui será uma punição que irei aplicar em você.

—Punição? Sério? Que ridículo! — Ela riu.

Ele revirou os olhos.

— Vou amarrar você em minha cama e te dar umas palmadas até que seu traseiro fique marcado com minhas mãos.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Você não é louco.

— Não? Espere para ver.

— Se me bater, eu bato em você. — Ela cruzou os braços.

— Hum. É justo — disse ele.

— Vai me deixar bater em você? — ela perguntou com um sorriso travesso.

Dario riu.

— Não fique toda excitada. Isso nunca vai acontecer.

— Nunca diga nunca, *cowboy*. — Ela o puxou para a cama.

— Eu ainda estou irritado com você.

— Se eu pedir desculpas, você faz amor comigo?

— Não.

— Não?

— Só se você jurar que irá me obedecer e não montar mais.

— Tá.

— Tá? Assim? Tão rápido? Não precisa pensar e nem barganhar? — perguntou divertido.

— Para mim assim está ótimo. E prometo que não vou chegar perto de nenhum cavalo outra vez. Nenhuma arma, nenhum golpe de artes marciais, nada. Está bom assim? — perguntou olhando para ele.

— É assim que eu gosto. — Ele sorriu e a beijou.

No final da tarde, após o enterro, todos estavam reunidos na mansão. No meio do jantar, Dario pediu a atenção de todos para revelar o grande segredo que havia descoberto. Enquanto falava, todos ouviram calados. Ryan, Melanie e Johnny olhavam para ele de um jeito diferente. Dario contou sobre o envolvimento de John com a CIA deixando os irmãos perplexos. E ao contar sobre Morgan, Melanie parecia a única chateada.

— Eu não tive um pai por causa dessa vaca? É isso? Ela roubou ele da nossa mãe — Melanie

disse indignada. Taylor abraçou-a forte.

— Não tivemos um pai presente, é isso aí. Mas a culpa não foi dela. O único culpado por não ter sido honesto foi nosso pai — Ryan falou. — E isso não muda nada, Dario. Não muda a forma como te enxergamos. Você é nosso irmão. Na verdade, é muito mais do que isso.

Dario se emocionou pelas palavras de Ryan.

— É isso mesmo, maninho. Se você não existisse, eu te inventaria. Não vejo nossa família completa e sendo feliz sem você. Nossa mãe e, principalmente, você foram a base para o que somos hoje — Johnny disse segurando em sua mão. — Não se sinta menos amado por isso. Porque a mamãe te amava da mesma forma que nos amávamos.

Dario tentou segurar as lágrimas. Queria mostrar que era forte mesmo em sua decepção.

— Pelo menos sabemos de onde vem essa obsessão em matar as pessoas no braço. Papai era um 007 e o pouco que falaram da Morgan, é quase uma *Lara Croft* — Johnny disse fazendo todos rirem.

— Bom, já que estamos aqui em nosso momento revelação, tenho uma coisa a dizer — Ryan falou, se levantando da cadeira.

— Já sei, você e a Paige já tiraram o atraso? — Dario sacaneou. Paige ficou rubra de vergonha.

— Engraçadinho. — Ryan sorriu. — Quero aproveitar que estão todos aqui e dizer que eu e Paige iremos nos casar daqui a um mês.

Todos ficaram em silêncio e os olhares se voltaram para eles.

Dario quase engasgou.

— Um mês? — perguntou perplexo.

— Algum problema? — Ryan perguntou.

— Não. É que eu não conseguiria ficar um mês sem fazer sexo. Achei que se casaria tipo “amanhã” — Dario brincou. Todos riram e os parabenizaram pelo casório.

Um mês depois...

Uma chuva fina caiu. Max e Júlia conversavam na varanda quando viram um carro preto se aproximar. Assim que o carro estacionou em frente à casa, Morgan saiu de dentro dele deixando Júlia apreensiva. Após o incidente, ela ficou por dias monitorando os dois na fazenda, até que Dario impediu-a de se aproximar de sua mulher.

— O que ela faz aqui? Achei que a missão estava encerrada. Ela prometeu nos deixar em paz quando terminássemos.

— Não sei, mas Dario não vai gostar de vê-la aqui — Max falou.

Morgan caminhou em passos firmes até eles. Estava vestida formalmente.

— Esther, quanto tempo. — Morgan sorriu.

— Júlia, por favor.

— Como quiser. Tudo bem, Max?

— O que você quer, Morgan? — Ele foi direto.

— Vim comunicar pessoalmente a vocês que estão fora da corporação. Suas identidades já foram encerradas, então...

— Estamos fora? — Júlia sorriu.

— Sim. Com o reaparecimento do Carl, estamos tomando todas as precauções possíveis. Temos motivos suficientes para acreditar que seja culpado e que, provavelmente, deve estar se escondendo.

— Não acredito nisso — Júlia falou. — Carl está morto e eu tenho certeza de que o irmão dele mentiu. Como assim, ele está viajando? Carl jamais viajaria, depois de tudo, e me deixaria para trás. Ele me amava. Duvido que me deixaria sem ao menos vir aqui e me confrontar. Ele mentiu naquela entrevista e ainda não entendo o motivo.

— Bom, não precisa mais entender nada. Você e seu irmão estão fora. Não era isso que tanto queriam? E o arquivo? Conseguiu lembrar-se de algo?

— Não.

Taylor observou o modo como Morgan falou. Parecia preocupada. Júlia notou a mesma coisa e ficou em alerta.

— Só peço que, se por acaso lembrar-se de onde o escondeu, me avise. Tenho outros agentes no lugar de vocês investigando Carl. Mas preciso do arquivo.

— Direi quando souber — Júlia falou.

— Preciso ir agora — Assim que ela se virou para ir embora, deu de cara com Dario. — Sr. Craig? É um prazer vê-lo. — Sorriu.

Dario olhou-a com desprezo. Passou por ela sem dizer uma única palavra, aproximou-se de Júlia e a beijou.

— Bom dia, amor.

— Eu já vou indo — Morgan disse e foi embora.

Enquanto a observava se afastando, Dario disse enfurecido:

— O que ela fazia aqui? Disse que não queria essa mulher em minha casa.

— Veio dizer que eu e Taylor estamos fora da CIA.

— Você notou algo estranho nela? — Taylor perguntou para a irmã.

— Ela é estranha. Não sei por que, mas não confio nessa mulher. Passei por ela e me deu arrepios — Dario falou.

— Não consigo acreditar que Carl esteja vivo e que seja culpado.

— Eu também acho que ele esteja morto. Ou já teria vindo até aqui te buscar — Taylor falou chamando a atenção de Dario.

— Ele que não se atreva a sair do além para vir até aqui buscar minha mulher. — Dario riu.

— Dario! Isso é sério.

— Eu sei, querida.

— Mudando de assunto, o campo já está preparado. Está tudo certo para a cerimônia do Ryan e do Johnny.

— Ainda não entendi o porquê quiseram se casar no mesmo dia. — Taylor riu.

— Eu também não. — Dario riu.

— Quando me casar com Melanie, quero um dia exclusivo.

— Quando o quê? Vai sonhando. Minha irmãzinha não irá se casar tão cedo.

— Nós vamos nos casar logo, pode apostar. E por falar nisso, quando vai parar de enrolar a minha irmã? Vai querer entrar na igreja com ela barriguda?

— Ei, eu estou aqui! — Júlia riu.

— Vamos nos casar quando for a hora. — Dario sorriu para ela.

— Vou ver se algum deles precisa de ajuda — Taylor disse e saiu.

— Meu irmão está certo. Não quero entrar na igreja com uma barriga enorme.

— E não vai, meu amor. Já estou providenciando toda a papelada.

— Dario, como já passou um mês e toda aquela tensão e perigo, quero ir até Washington.

— Fazer o quê? — perguntou irritado.

— Quero pegar algumas coisas minhas que deixei lá.

— Tudo que você deixou naquela casa era da Esther. Então, por que diabos quer aquelas coisas?

— Porque são minhas e eu as quero.

— Não vai voltar lá.

— Dario, eu...

— Não vai. Eu já disse.

— Você não manda em mim. Eu não estou pedindo autorização, estou falando que quero ir e eu vou — ela emburrou.

Dario passou a mão pelos cabelos, exasperado.

— Você parece uma mula teimosa.

— Olha quem fala.

— Disse que não iria colocar nosso filho em risco — ele elevou a voz já sem paciência.

— Você pode vir comigo. Podemos levar o Taylor. Não vai acontecer nada. Carl está morto, Dario.

— Carl pode estar morto ou não, mas não confio na Morgan. Ela pode estar escondendo algo e aqueles russos ainda estarem à sua procura.

— Não pira. Já se passou um mês. Tudo acabou. Tem outros agentes cuidando disso, caso eles reapareçam.

— Deixa de ser burra, Júlia. Acha mesmo que isso acabou? Estou admirado com essa sua ingenuidade.

— Não me chame de burra — ela se irritou.

— Então, não seja uma. Por favor, me escute pelo menos uma vez na vida.

— Eu preciso ir até lá.

Dario olhou para ela. Havia algo mais em toda aquela insistência.

— O que quer de verdade, Júlia? O que tem lá que você quer arriscar a sua vida para pegar?

— Não tem nada.

Dario a encarou.

— Não minta pra mim.

— Não tem nada, Dario.

Ele continuou encarando-a.

— Tá legal. Esses dias que passaram, eu estive pensando... Carl sumiu ou morreu... não sabemos. O irmão aparece em rede nacional dizendo que está doente e que se afastou de suas funções como chefe de segurança, mas ninguém o viu exatamente. Morgan aparece aqui pela manhã e diz que estamos fora da CIA, mas ainda quer o maldito arquivo. Anton está à solta por aí. Fiquei me perguntando: Por que ele não nos matou? Por que fugiu? Você disse que ele recebeu uma ligação e correu nos deixando, lá, vivos. Não tem lógica isso. Então, deduzi que tem algo mais por trás disso tudo. Ainda não sei o quê ou quem está por trás, mas o irmão do Carl me parece um suspeito agora. E se eu estiver certa, ainda corremos perigo aqui. Preciso encontrar aquele arquivo. Ele é a resposta para tudo isso e para que nos livremos desse inferno.

Dario escutou tudo atentamente. Se aproximou dela e sussurrou:

— Não. E é a minha palavra final.

Capítulo 34

PARA SEMPRE

Ao meio-dia, tudo estava pronto e perfeito para a cerimônia de casamento de Ryan e Paige, Johnny e Kristen. Um palco foi montado no jardim, onde Johnny cantaria algumas músicas com sua banda. Foram convidados apenas amigos mais próximos, pois todos fizeram questão de uma cerimônia simples.

Havia cadeiras dispostas no jardim e um grande arco de flores no altar improvisado, além do famoso tapete vermelho que Paige não dispensou. As flores brancas e rosas, compunham o ambiente deixando um cenário perfeito e romântico.

— Já está tudo pronto, senhor — o florista disse para Ryan.

— Ótimo. Está tudo perfeito! — Ryan agradeceu e olhou tudo com entusiasmo. Em seu peito não cabia tanta felicidade.

— É, irmão, vai se casar antes de mim. — Dario sorriu.

— É verdade. Quem diria, não?

— Até o pivete do Johnny me passou a perna.

— Você é muito lento, Dario. Vai esperar seu filho fazer uns 10 anos para levar as alianças até o altar? — Ryan perguntou divertido.

— Já pedi para arrumar a papelada e a igreja. Sabe como são as mulheres: exigentes. — Dario franziu a testa mostrando uma ruga de preocupação. — Ela disse que só se casa, se for vestida de noiva e na igreja.

— Mulheres não, a sua mulher. Paige não é tão complicada. — Ryan sorriu.

— Às vezes, Júlia me estressa — disse desanimado.

— O que foi? Está estranho. Aconteceu algo?

— Não. Não é nada. Bom, preciso ir até a cidade para pegar os ternos. Vou levar a Paige para se arrumar na casa do tio dela. Depois ele a traz.

— Está certo. Você viu a Júlia?

— Está em casa. Por quê?

— Nada. Quero que ela me ajude em uma coisa.

— Não demoro — Dario disse e saiu. Estava chateado. Porém, algo naquele momento lhe dizia que Júlia não iria obedecê-lo. Ele gostava de sua teimosia, mas estava preocupado com o bem-estar e a segurança dela e do seu filho. Se algo acontecesse a eles, ele sabia que não aguentaria.

Ryan estava completamente ansioso. Ele procurou Júlia por toda a casa. Assim que a encontrou, pediu para que o ajudasse a preparar o chalé enquanto Paige estava na cidade. Júlia sorriu, pois sabia o quanto aquilo era importante para Ryan e como ele queria que tudo saísse perfeito em sua primeira noite com a noiva.

— Relaxe. Ela vai gostar de tudo — disse tentando acalmá-lo. — Vamos, não temos muito tempo.

Pouco tempo depois, eles chegaram ao chalé.

Júlia ajudou-o com as pétalas vermelhas. Enquanto ele se dedicava em deixar a sala de estar perfeita e aconchegante, ela dava um toque sensual e romântico ao banheiro. Jogou as pétalas vermelhas na banheira e alinhou as velas no chão.

Ao sair do banheiro e entrar na sala, suspirou com a perfeição que Ryan fez tudo. A lareira estava acesa e sobre o tapete claro e macio, ele havia colocado uma manta vermelha e dois travesseiros. Havia pétalas brancas espalhadas pelo chão até a lareira. As flores enfeitavam todo o ambiente. E em cima da grande mesa de jantar de vidro, havia um castiçal solitário, pratos, talheres e taças devidamente colocados sobre ela, além de uma garrafa de vinho e de champanhe.

— Acho que é isso — ele disse nervoso.

Júlia não conseguiu conter o riso.

— O que foi? Há algo errado? Faltou alguma coisa? — ele se desesperou.

— Não. Não é isso. É que... está tudo tão lindo, Ryan. Paige é uma mulher de sorte.

Ele sorriu.

— Meu irmão também é, Júlia. Definitivamente, vocês nasceram um para o outro.

— Mas vamos combinar que Dario não é nada romântico. Se bobear há um chicote me esperando em cima da cama e não pétalas de rosas — ela riu, mas logo ficou sem graça pela expressão horrorizada de Ryan.

— Ele bate em você?

— Oh, não! — Ela riu. — Não, claro que não. Não do jeito que imaginou, mas... vamos deixar isso pra lá — ela disse envergonhada. — Bom, vou para casa, preciso tomar um banho e me arrumar para a festa. Feche o chalé para que ela não entre aqui antes do tempo e acenda a lareira na hora. E Ryan, espero que sejam felizes. Vocês formam um lindo casal.

Ryan andou até ela e a abraçou.

— Obrigado.

Horas depois...

Júlia se arrumava quando Dario entrou no quarto carregando seu terno nas mãos. Ele parou atrás dela, jogou a roupa na cama e levou as mãos até o zíper de seu vestido na lateral de seu corpo. Ao invés de ajudá-la a fechá-lo, Dario o abriu completamente.

Ela protestou.

— O que está fazendo? Vá tomar seu banho, já estamos bem atrasados.

Dario sorriu maliciosamente. Passou as mãos em seus braços baixando as alças de seu vestido lilás fazendo-o cair sobre seus pés. Aproximou o rosto de seu pescoço e inalou seu perfume adocicado.

— Dario!

Ele beijou-a lentamente no pescoço e passou vagorosamente a língua por toda a extensão dele deixando a pele de Júlia eriçada. Passou um dos braços por ela e repousou sua mão sobre seu ventre puxando-a até que seus corpos estivessem colados. Júlia relaxou o corpo e tensionou o pescoço dando-lhe mais acesso.

— Vamos nos atrasar — ela sussurrou.

— Não. Não vamos — disse e a levou para a cama.

Dario retirou a camisa, a calça e deitou-se sobre ela. Acariciou seu rosto delicado e a beijou.

— Diga pra mim que desistiu da ideia maluca de ir para Washington — falou enquanto a beijava.

— Dario... Já falamos sobre isso.

— Amor, eu... Por favor, não acho que seja uma boa ideia e... Ah! Você sabe. — Ele se afastou por um momento e a fitou fixamente nos olhos. — Só não quero que nada aconteça a você e nem ao nosso filho — concluiu, preocupado.

— Não irá acontecer nada. Como já disse, posso levar o Max comigo e...

— Não vai desistir disso, não é?

Ela sentou-se sobre a cama.

— Dario, tente entender, por favor. Não quero viver o resto da minha vida preocupada. Enquanto não achar aquele arquivo e descobrir o que realmente tem nele, não vou sossegar. E outra, acha mesmo que estamos fora de perigo só porque a Morgan veio até aqui e nos disse isso?

— Achei que confiasse nela. — Dario franziu a testa.

— Não sei. Tem algumas coisas estranhas e que não estão batendo. E outra, Anton ainda está solto. Não acredito que ele irá desistir de procurar aquele arquivo. Então, isso quer dizer que ainda

não estamos seguros. Isso só vai acabar, quando acharmos o arquivo. E também tem o Carl — ela falou observando a reação dele.

— O que tem ele? Não vai me dizer que sente falta dele?

Júlia cruzou os braços.

— Carl deve estar morto. Não acreditei nessa história do irmão dele. E a Morgan me pareceu bem com tudo isso. Tem algo estranho acontecendo e eu vou descobrir. Não tente me impedir.

Dario bufou.

— Não quero que vá, Júlia. É sério.

— Eu sinto muito, mas não vou discutir sobre isso.

Dario saiu da cama e caminhou de um lado para o outro no quarto, apreensivo.

— Eu não estou com um bom pressentimento sobre isso. Por que não pode simplesmente esquecer essa merda toda e ficar aqui comigo? Por acaso, eu não sou importante pra você? Não sou o bastante?

— Você é tudo pra mim, Dario. E é exatamente por isso que preciso colocar um fim nisso. Não posso continuar como se nada tivesse acontecido. Passei por muitas coisas e quase morri por causa desse arquivo. Acha que simplesmente acabou assim? Tão fácil? Não. Eu acho que não. Só vou ter paz quando encontrá-lo e colocar quem quer que esteja por trás disso tudo na cadeia.

— Isso é perigoso. Você não vê? — perguntou irritado.

— Nunca disse que não era. Eu sei me proteger e, além disso, levarei o Max.

— Quem precisa de rival quando se tem uma mulher teimosa? Você ainda vai acabar me matando, Júlia. Sua desobediência será o nosso maior obstáculo para sermos felizes. Não deixarei que vá sozinha. Se sair daqui, saiba que irei com você.

— Não quero que...

— A minha ida não está em discussão. Não comece. Se você não pode acatar um simples pedido meu, também não irei fazer o que quer.

— Dario, eu...

— Chega, Júlia! — disse elevando a voz. — Quer ir? Ótimo. Mas sem mim você não sai daqui, nem que eu tenha que amarrá-la nessa cama.

Júlia sorriu.

— Isso seria interessante. — Ela mordeu os lábios e deu um sorriso travesso.

— Não leve isso como brincadeira, Júlia. Estou falando sério — resmungou.

— E então? Você tirou a minha roupa e a sua apenas para brigar comigo? — perguntou se insinuando. Retirou o sutiã sensualmente e o jogou nele. Dario não sorriu. Estava furioso. Pegou o

sutiã lançado e jogou-o de volta.

— Pare com isso — avisou olhando para ela, que já retirava a calcinha.

Júlia sorriu.

— Você vai vir aqui ou terei que ir buscá-lo?

Dario fitou-a por alguns segundos. Ele queria se manter sério, mas falhou miseravelmente ao vê-la sobre a cama, tão linda e nua, o chamando e devorando-o apenas com o olhar.

Ele retirou sua *boxer*, caminhou até a cama e subiu sobre ela lentamente até que seu corpo a cobriu.

— É a mim que você quer?

— Sim — ela respondeu.

— Então diga.

— Eu quero você — ela sussurrou e entrelaçou seus braços no pescoço dele. Dario bloqueou-a retirando as mãos dela e as prendendo com a sua mão sobre a cama.

— Vai me prender, é? — perguntou divertida com um sorriso malicioso.

Com seus joelhos, ele separou as pernas dela e a penetrou fundo arrancando-lhe gemidos.

— É isso que queria? Eu em você?

— Sim. Oh, sim!

— Então sinta. Veja como eu me encaixo perfeitamente em você — sussurrou penetrando-a ainda mais fundo. — Você é minha e essa sua desobediência vai para o topo da minha lista.

— Acho que vou desobedecer mais vezes, se no final tiver você tão disposto assim.

— Espere para dizer isso quando nosso filho nascer e eu puder dar umas boas cintadas nessa sua bunda.

Os dois riram.

— Eu amo esse seu jeito mandão.

— Eu também amo você, mesmo sendo teimosa — disse e a beijou.

Johnny não sabia mais esconder sua ansiedade. De terno escuro, esperava por sua Kristen ao lado de Ryan, igualmente nervoso, vestido num terno cinza claro. Os convidados sentados, esperavam o início da cerimônia. Dario, Taylor e Josh, estavam ao lado dos noivos como padrinhos; e Júlia, Melanie e Brenda, prima de Paige, como madrinhas.

— Falta pouco. — Dario sorriu para os irmãos.

Ryan deu um suspiro. Suas mãos tremiam, o que fez Johnny rir por alguns segundos.

Pouco tempo depois, Paige e Kristen apareceram. As duas estavam com vestidos simples, porém belíssimos.

Os dois irmãos abriram um imenso sorriso ao vê-las caminhando sobre o tapete vermelho em direção a eles. Kristen carregava um buquê vermelho que combinava com a cor de seus cabelos, e Paige carregava um buquê de rosas amarelas.

A música instrumental, que era a *Nona Sinfonia de Beethoven*, tocou e todos os convidados se levantaram para verem as noivas caminhando lado a lado sobre o tapete.

Ao chegarem até seus noivos, foram beijadas por eles e viraram-se para o juiz de paz, que as aguardava.

Quando chegou na hora dos votos, Ryan retirou do bolso as alianças e disse:

— Paige, quando te conheci tive a certeza de que era a mulher certa para mim. Você me aceitou como sou, com todas as minhas loucuras e esquisitices. Foi a única mulher que me olhou e viu através de mim. Acho que nenhum espaço de tempo com você será o suficiente. Eu quero muito mais do que algumas horas, dias ou anos ao seu lado. Então, hoje iniciamos o nosso para sempre.

Paige olhava para ele com os olhos cheios de lágrimas e um sorriso encantador. Quando chegou a sua vez de falar, sua voz saiu trêmula:

— Ryan, nós dois somos completamente diferentes, mas de um jeito que eu acho perfeito, porque é isso que nos completa. Prometo amá-lo e respeitá-lo sempre. E, a partir de agora, prometo o resto da minha vida a você.

Os dois trocaram as alianças e se beijaram ao som de aplausos.

Na vez de Johnny, Kristen sussurrou:

— Eu não sabia desse lance de votos. — Deu de ombros com o rosto ruborizado.

— Eu também não. Acho que isso não tem muito a ver conosco — Johnny sussurrou de volta.

Quando o juiz de paz pediu para que recitassem seus votos, Johnny pediu licença e arrastou Kristen pelos braços até o palco que estava montado ao lado das cadeiras. Todos voltaram suas cabeças, curiosos, por aquela reação dos noivos.

Johnny subiu no palco, ainda segurando a mão de Kristen. Fez sinal para sua banda entre os convidados e falou ao microfone:

— Bom, como não sou muito bom com palavras, resolvi cantar os meus votos, pois essa canção expressa simplesmente tudo o que eu sinto e o que quero viver com minha esposa.

Johnny olhou para ela, e quando a primeira nota de *Thinking Out Loud*, de Ed Sheeran, foi tocada, ela sorriu.

When your legs don't work like they used to before

And I can't sweep you off of your feet

Will your mouth still remember the taste of my love

Will your eyes still smile from your cheeks

Quando Johnny terminou, todos os convidados estavam emocionados, principalmente Kristen, que não sabia se chorava ou ria de felicidade. Ela se jogou nos braços de Johnny e o beijou apaixonadamente após a troca das alianças, ali, em cima do palco.

Após a cerimônia, os convidados cumprimentaram os noivos. Um tempo depois, todos se dispersaram e se sentaram à mesa para assistirem ao show.

Johnny fez um pequeno discurso para os irmãos e chamou Denny ao palco para ajudá-lo a tocar. O garotinho, animado, caminhou sorrindo até ele.

— Todos sabem o quanto amo meus irmãos e nesse dia tão especial para mim e Ryan, queria dizer que, enfim, vejo nossa família mais unida do que nunca e feliz, pois nós encontramos alguém para amar. Eu achei que não ia estar vivo para ver meu irmão Dario ser domado por uma bela mulher — ele disse levando os convidados aos risos. — Acho que esse amor só foi possível porque ela é exatamente o que falta nele. E é por isso que somos felizes, porque nós completamos um ao outro. Não existe outra mulher para mim, a não ser minha esposa Kristen, assim como não há outra mulher para Ryan, a não ser Paige. Melanie e Max e Dario e Júlia. O amor é isso, ele chega do nada, mas quando decide ficar, ninguém pode impedir porque é para sempre. Então, nesse clima de *melação* e casais apaixonados, essa música é para o outro casal sortudo: Ryan e Paige.

Johnny fez sinal para Denny com o outro microfone e começou a cantar *Sugar*, do Maroon 5.

— Típico! — Dario resmungou.

— Ah! Vamos. Para de ser tão ranzinza, querido. — Júlia pegou nas mãos de Dario e o arrastou para dançar.

— Eu não sei dançar — ele disse divertido.

— Duvido. Não há nada no mundo que você não saiba fazer. Então, não me enrole.

Dario riu e a seguiu. Dançaram em meio aos convidados e esbarraram em uma Melanie e Max, completamente malucos, dançando como loucos.

— Olha! O *cowboy* sabe rebolar — Max brincou deixando Dario furioso.

— Abra essa boca de novo e eu o faço engolir sua língua.

Melanie e Júlia gargalharam.

Após a festa, Johnny e Kristen seguiram para o aeroporto, de volta para Nova Iorque junto com Denny. Dario e Júlia foram para a mansão, Melanie e Max preferiram terminar a noite no bar do Dickson e Ryan e Paige seguiram para o chalé, onde ele havia preparado tudo para a sua perfeita

noite de amor com sua esposa.

Ryan saiu da caminhonete, deu a volta e abriu a porta para Paige.

Ela ergueu a barra do vestido e caminhou ao lado dele. Quando Ryan abriu a porta, ficou parado bloqueando a passagem dela e deu um sorriso.

— Enfim, juntos e casados.

— Sim. — Ela sorriu. — Agora quero a minha parte do bolo — disse ao abraçá-lo.

— Só uma parte? Achei que me quisesse por inteiro. — Ele riu. Retirou a gravata e colocou sobre os olhos de Paige para vendá-la.

— O que é isso?

— Apenas confie em mim — disse dando um nó na gravata.

Ryan pegou-a no colo e entrou. Não queria que ela visse o que havia preparado na sala, em frente à lareira, para a noite romântica. Passou pela sala e foi direto para o quarto. Colocou-a sobre a cama onde pretendia despi-la lentamente e retirou a venda. Ele tocou seus pés e retirou os sapatos com cuidado. Suas mãos subiam firmemente por suas pernas enquanto ele se deliciava beijando-as. Ryan distribuiu beijos em seus pés e foi subindo até chegar em suas coxas. No quarto, os gemidos de Paige podiam ser ouvidos. Ryan a afetava como nenhum outro já conseguiu em sua vida. Ele passou o braço por debaixo das costas dela e a ergueu em seus braços retirando-a da cama. Virou-a de costas e soltou seu cabelo que estava preso em uma presilha de flores. Ele aproximou o rosto de seus cabelos loiro-escuros ondulados e inalou o perfume das rosas que estava impregnado neles. Suas mãos desceram até a cintura dela, então, ele puxou o vestido para cima até que conseguiu acesso para tocá-la como queria. Sua mão agarrou sua calcinha colocando-a prontamente de lado para que pudesse senti-la. Quando os dedos de Ryan tocaram o clitóris de Paige, ela gemeu ainda mais alto. Estava absorta em sua sensação deliciosa e prazerosa. O toque dele era como ela imaginava, firme e ao mesmo tempo sensual, que desencadeava um misto de sensações.

Ryan levou sua outra mão até o pescoço de Paige e o segurou forte. Ela repousou a cabeça no peito dele e se deixou levar por seus toques. Ryan se afastou e olhou-a apaixonado.

— Vou tirar seu vestido — sussurrou sensualmente.

Antes de tirá-lo, Ryan a beijou. Acariciou o rosto dela e passou a língua vagorosamente em seus lábios, mordendo-os delicadamente.

— Você me deixa louco, sabia? — sussurrou em seus lábios.

Ryan virou-a de costas e baixou o zíper do vestido, mas não o tirou. Depois virou-a de frente pra ele e a observou. Suas bochechas estavam coradas e seus olhos emanavam desejo.

— Tão linda!

Ela sorriu com suas palavras e seu toque gentil. E ele a beijou novamente.

Ryan repousou as mãos nos ombros de Paige e, devagar, foi abaixando as alças de seu vestido até que os seios dela se revelaram. Ele os tocou e ao mesmo tempo contemplou aquela visão

maravilhosa dos seus seios fartos e rosados.

Paige arfou com o toque. Delicadamente, ele tirou o vestido dela, deixando-a apenas de calcinha. Na expressão de Paige, ele viu toda sua excitação. E como ele a afetava e como ela o queria.

Ele a beijou.

Sem dizer uma palavra, se afastou e começou a se despir. Caminhou até o som que havia no quarto e sintonizou numa rádio local. A música *Sweet Love*, de Chris Brown, começou a tocar deixando o momento ainda mais perfeito para eles.

Oh baby, let's get naked

Just so we can make sweet love

All these sensations got me going crazy for you

Inside, on top of you

Grinding inside and out of you

Baby, I know what to do

Baby, I know what to do

So come on, baby girl

Let's just take our clothes off

Just so we can make sweet love

Não havia pressa em seus movimentos, apesar de que o que mais queria era senti-la de todas as formas possíveis. Ele a fitava nos olhos enquanto tirava cada peça de roupa. A conexão que tinham era tão forte a ponto de deixá-los excitados apenas nos olhares.

Quando Ryan se livrou da última peça de roupa, Paige teve um vislumbre do pênis dele, totalmente ereto. Ele a levou para a cama e pousou o corpo sobre o dela tomando cuidado para não exercer todo seu peso e machucá-la. Ele tomou seus lábios em sua boca e a beijou com paixão. Suas línguas se encontraram dançando ao ritmo doce e sensual da música.

Ele desceu até os seios dela e os provou, fazendo-a gemer com o contato. A forma como ele a tocou e chupou seus seios a deixou em chamas. Ela sentiu o calor emanar entre suas pernas e seu sexo molhar.

— Está querendo me matar, Ryan? — ela sussurrou com ele descendo, beijando e mordiscando cada pedaço de seu corpo até parar em seu ventre.

— Nem comecei, querida. — Ele sorriu.

Ela gemeu assim que sentiu Ryan descer ainda mais. Ele a agarrou pelas coxas, tirou sua

calcinha delicadamente passando por suas pernas e as separou para ter acesso à sua vagina rosada e perfeitamente depilada.

Ryan abocanhou seu sexo, a chupou e a devorou como um animal selvagem. Ele se perdeu no momento em que sua língua massageou o clitóris dela e sentiu o sabor de toda aquela excitação.

— Merda! Como você é gostosa! — grunhiu levando-a à loucura. — Eu havia planejado algo totalmente diferente para nós. Não queria ir tão rápido. Queria ser mais romântico. Ter entrado com você nos braços, dançando com você e bebido vinho ao som de uma linda música. Porém, acontece que você me enlouquece, querida, e eu estou a ponto de perder o controle. Não consigo mais esperar para ter você — ele sussurrou olhando para ela.

— Então, não espere — ela falou.

Ele introduziu a língua em sua entrada e a chupou. Em vários movimentos, sua língua fez com que ela enlouquecesse. Paige era só gemidos. Se contorcia sobre a cama e arqueava os quadris à procura de mais. Ryan abriu ainda mais as pernas dela para ter acesso a todas as suas partes íntimas. Sua língua passou de seu ânus até sua vagina numa lentidão que quase fez Paige gozar. Ryan queria tudo. Queria sentir o gosto de cada parte do corpo de sua esposa. Ele queria fazê-la gozar de todas as formas inimagináveis. Ela estava totalmente possuída pelo prazer que ele lhe proporcionou e isso o excitou. Enquanto Ryan massageava seu clitóris com a língua, levou seus dedos até o ânus dela, e, quando a tocou ali, ela gemeu ainda mais forte. Seus gemidos alucinados foram um estímulo para ele que introduziu um dedo e ordenou:

— Goze agora!

Paige mal o ouviu. Já estava no limite. Então, quando sentiu seu corpo estremecer e aquecer ainda mais, gozou forte gritando por ele.

— Oh... Ryannnn!

Ele sorriu. Seu nome pronunciado por ela daquele jeito, o deixou satisfeito. Ela era dele, somente dele e de mais ninguém.

Rya a beijou e acariciou o rosto dela.

— Você é ainda mais linda quando goza.

Ela sorriu.

— Eu amo você.

— Eu também, muito.

Ele a puxou da cama e a pegou nos braços.

— Vamos, nossa noite está só começando.

— Ah, é?

— Agora vamos tomar um banho. E, então, faremos amor até nos cansarmos e cairmos de exaustão.

Na banheira, Paige olhou tudo maravilhada. Ryan acendeu cada vela enquanto ela estava na água, observando-o.

Quando terminou, ele se juntou a ela e puxou-a para si, a beijando apaixonadamente.

Paige olhou para ele e falou:

— Está tudo incrível. Não podia esperar menos de você, Ryan.

Ele sorriu.

— Você merece até mais do que isso, meu amor. Eu te daria as estrelas se eu pudesse tê-las.

Após o banho, Ryan levou-a para a sala e a deitou sobre a manta vermelha. Ligou a lareira e deixou o ambiente à meia-luz.

— Está com fome? — ele perguntou.

— Apenas de você. — A malícia nas palavras dela fez Ryan sorrir.

— Você me tem. O que irá fazer comigo?

Ela pensou.

— Prefiro saber o que você fará comigo.

Ele subiu sobre ela e a beijou.

— Prefiro mostrar a você — ele sussurrou em seu ouvido e levou a mão entre suas pernas, e a tocou. Ele abafou os gemidos dela com beijos e intensificou o ritmo de sua massagem em seu clitóris. Quando Ryan a penetrou, ela gemeu ainda mais alto. A sensação de tê-lo preenchendo-a por completo era alucinante. Ele foi penetrando-a lentamente até que seu pênis se ajustasse a ela. Paige pôde sentir o quanto ele era ainda maior e mais grosso do que ela pensava. Quando esteve totalmente ajustado, ele a penetrou forte e começou com suas estocadas lentas.

— Mais... Eu quero mais! — ela implorou.

Ryan fez o que ela pediu e acelerou seus movimentos, enquanto seus quadris dançavam a mesma música e suas bocas grudadas abafavam os gemidos um do outro.

— Tão apertada! Minha. Toda minha! — Ele estocou ainda mais forte e fundo.

Ela gemeu.

Ryan se retirou de dentro dela e se afastou. Caminhou até a mesa e pegou a garrafa de champanhe que havia ao lado do vinho. Ele a abriu e voltou para ela. Paige olhou-o de forma engraçada tentando imaginar o que ele faria. Porém, quando Ryan despejou um pouco do conteúdo da garrafa na boca, ela riu.

— Pausa para beber? Bem agora?

Ele sorriu travesso.

— Pausa para beber em você — disse e despejou o conteúdo em seu corpo e se abaixou para

saboreá-la. Ryan sugou todo o líquido em sua barriga e logo após derramou em seu sexo chupando-a logo em seguida até que a fez gozar novamente.

Ryan puxou-a para ele e colocou-a sobre seu colo. Com as mãos em sua cintura, guiava-a para cima e para baixo, enquanto ela cavalgava nele de forma selvagem e sensual. Quando Ryan não pôde mais resistir, disse:

— Quero que goze comigo, meu amor.

E então, os dois gozaram juntos, se abraçaram e se beijaram ofegantes.

— Foi incrível — ela falou.

— Prometo que sempre será assim entre nós. — Ele acariciou o rosto dela e a beijou. — Eu te amo.

Os dois seguiram a noite se amando em todos os cantos da casa até esgotarem suas forças e caírem exaustos na cama. Para Paige, essa foi a melhor noite de sua vida; e para Ryan, foi o começo de muitas outras ao lado de sua mulher.

Capítulo 35

EM BUSCA DO ARQUIVO

Dois dias depois...

— Eu já disse que você não vai, Melanie. Por favor, não seja cabeça-dura como a Júlia — Max disse.

— Como vai passar pela segurança do aeroporto? Não trabalha mais para a CIA, esqueceu?

— Não vou armado. Tenho várias armas em minha casa. Não preciso levar as que tenho aqui.

— Não estou gostando nada disso. Que saco! Por que sua irmã tem que ser tão teimosa?

— Sinceramente? Não sei. Eu esperava que Dario pudesse fazê-la desistir, mas...

— Está certo. Mantenha o celular ligado. Quero poder manter contato — disse e o abraçou. Estava apreensiva demais para se manter calma. — Apenas volte pra mim, está bem? Por favor, não deixe que nada aconteça. — Ela o beijou.

— Não se preocupe, gatinha. Meu lugar é aqui, com você. Voltaremos logo.

Max afagou seus cabelos e a beijou. Seu coração estava apertado, não queria deixá-la nem por um segundo.

— Mantenha-se longe do William. Não quero vê-la ao lado daquele cara.

Melanie revirou os olhos.

— Ciúmes do novo veterinário? Ele mal chegou na fazenda, Max.

— Não interessa. Quero que ele saiba que você é minha.

— O mundo inteiro já sabe. — Melanie sorriu.

— Se cuida. Eu te amo.

— Eu também te amo.

Washington D.C., Estados Unidos – 14h30.

Dario manteve-se calado por toda a viagem. Não estava tendo bons pressentimentos em relação

a deixar Júlia voltar para sua antiga casa. A palavra perigo gritava dentro dele ao mesmo tempo que seu coração ficava apertado. O que mais o alarmou é que sua intuição nunca havia falhado desde que se conhecia por gente.

— Ainda podemos desistir de tudo e voltar para o Texas — ele disse a ela assim que desembarcaram do avião.

— Eu preciso encerrar isso, não tenho como voltar atrás.

Dario deu um suspiro triste.

Os três entraram num táxi e seguiram para o apartamento de Max para pegarem as armas. Max sabia que seria suicídio irem até lá sem estarem preparados. Ele era precavido, até mais do que Júlia, que pensava cegamente que não havia como Carl estar vivo e lhe fazer algum mal. Sua preocupação estava em Kevin Trainor. O comportamento do irmão de Carl a deixou alarmada. Ela sabia que havia algo por trás de toda aquela mentira que havia contado para os jornalistas. Ela lembrou-se de cada briga e coisas que Carl falava sobre o irmão, inclusive, que ele não era muito confiável. Não era surpresa para ela que eles não se davam bem. Então, começou a questionar-se de que toda essa história pudesse envolvê-lo.

E se Kevin for o homem por trás de toda essa sujeira? Ele é um dos agentes secretos que faz a segurança do presidente. E pode sim estar envolvido com a máfia russa e ter passado informações sigilosas e culpado Carl, já que não se davam bem, pensou.

No caminho todo, Júlia se manteve quieta e pensativa.

Ao saírem da casa de Max, eles foram até um antigo estacionamento para pegarem o carro.

Ao chegarem na casa de Carl, Max olhou para a irmã e perguntou:

— Você tem certeza disso?

— Sim — sussurrou, olhou para a casa e deu um suspiro. — O arquivo só pode estar aí, em algum lugar bem escondido.

— Como vamos entrar, se não temos a chave? — Dario perguntou confuso. — Acho que posso abri-la no chute.

Max olhou para ele e franziu o cenho.

— Sério, *cowboy*?

— Tem uma ideia melhor?

— Bom, temos duas opções. Podemos fazer do seu modo, chegar até a porta e chutá-la como nos filmes de ação que certamente está acostumado a assistir. Talvez você quebre a perna e eu rirei eternamente da sua estupidez. Ou, podemos simplesmente ser inteligentes e usar uma chave mestra. — Max enfiou a mão no bolso, retirou um conjunto de chaves e balançou para ele. — Isso serve? — *Idiota,* pensou.

— Max, não comece, por favor — Júlia implorou.

— Acha que não posso abrir aquela merda no chute?

— Ah, claro — Max saiu do carro batendo a porta. — O seu maridinho acha que estamos num universo *Marvel* onde ele dormiu e acordou com *superpoderes*. Quem você é, cowboy? *Thor*? *Hulk*? *Homem de ferro*? Palhaço! Não somos *agentes da Shield*, e sim da CIA.

Dario saiu do carro. Franziu o cenho e cruzou os braços. Porém, tinha um sorriso irônico no rosto.

— Nem isso você é mais. Agora é apenas o cara chato, que é irmão gêmeo da minha mulher, que, por sinal, até agora custo a acreditar nisso. Ela não se parece em nada com você.

— Nisso você tem razão. — Max riu. — Jamais me interessaria por alguém como você. É burro demais.

— A Melanie é bem parecida com o Dario, só pra constar — Júlia se irritou. — Agora vocês dois podem parar com esse concurso de quem é mais infantil e vamos ao que interessa? — disse e se afastou em direção à casa, e os dois a seguiram.

— Dê-me as chaves — Júlia falou estendendo a mão para o irmão.

Max deu as chaves pra ela e sacou a arma escondida no cós de seu jeans.

— Tome aqui. Qualquer coisa é só atirar —disse dando a pistola para Dario.

Ele pegou a arma e a empunhou, atento.

Júlia abriu a porta e entrou cautelosamente. Logo atrás, Max e Dario estavam atentos a qualquer movimentação ou barulho. Eles vasculharam cômodo por cômodo até terem certeza de que a casa estava segura. Não havia nenhum sinal ou indício de que alguém esteve ali, pois Júlia se lembrou exatamente como havia deixado a casa quando foram para Virgínia.

— Está tudo limpo. A casa está segura — Max falou alocando sua arma no cós do jeans, em suas costas.

— Viram? Eu disse que não havia perigo. — Júlia sorriu e relaxou os ombros tensos guardando sua arma na cintura.

— E então? O que faremos? — Dario perguntou olhando para a estante na sala cheia de fotos. Ele se aproximou e encarou a foto de Júlia e Carl se beijando, felizes. Constrangida, ela correu para baixar os porta-retratos para que ele não visse as fotos.

Dario olhou para ela.

— Bem... não precisa fazer isso. Digo... — Apontou para as fotos. — As fotos. Não precisa vê-las, tudo bem?

Dario ficou calado. Sua expressão fechada e as rugas que se formaram em sua testa ao franzi-la, deixou claro que ele não havia gostado.

— Bom, acho melhor cada um seguir em um cômodo. Revirem tudo. O que acharem suspeito, não deixem passar nada. O *pen drive* é pequeno e pode estar em qualquer lugar dessa casa — Max

falou dissipando a tensão. — Eu fico com a sala.

— Eu fico com a cozinha — Júlia falou.

— Eu verifico os banheiros e a área de serviço — Dario resmungou. Ainda não estava convencido de que aquilo era uma boa ideia. Os três começaram a vasculhar minuciosamente cada centímetro do cômodo em que estavam. Após isso, seguiram para os três quartos de hóspedes que havia na casa.

Passado algumas horas, os três se juntaram novamente na sala.

— E então? — Max olhou para os dois.

— Nada — Júlia disse frustrada. — E você? — perguntou para Dario, esperançosa.

— Nada também.

Júlia olhou para o relógio na parede da sala: 18h39. Sua visão foi ficando turva até que sentiu algo errado. Se sentiu um pouco tonta e rapidamente se apoiou no sofá sentando-se devagar. Sua cor pálida chamou a atenção de Dario, que caminhou preocupado em sua direção para ajudá-la.

— Amor, o que foi?

— Nada, eu só... Foi apenas um mal-estar.

Dario sentou-se ao lado dela.

— Tem certeza? Está bem?

— Sim, estou.

— Meu Deus. A hora passou rápido. Estamos há um tempo aqui e ela não se alimentou, Max. É por isso que está passando mal — Dario concluiu olhando para o relógio. — Precisamos comprar algo para você comer. E quando voltarmos para casa, amor, iremos marcar um médico. Precisa dar início ao pré-natal e...

— Amor, eu estou bem. Sério. Mas algo para comer nesse momento até que cairia bem. Nosso filho deve estar faminto. — Ela sorriu.

— Acho que deve ter algo aqui por perto, vou dar uma olhada — Max falou.

— Não! Prefiro que o Dario vá.

— Eu? Por que eu? Não vou sair de perto de você. Nem morto — disse firme.

— Amor, Max sabe usar uma arma, se precisar. Não que ele vá usar, mas acho que estarei mais segura com ele aqui. Desculpe-me.

— Está certo. Ainda falta muita coisa?

— Não. Agora falta apenas o meu quarto e o escritório do Carl. Eu e o Max daremos conta.

O celular de Max tocou. No visor, a foto de Melanie piscava.

— É a Melanie — disse olhando para os dois e atendeu.

— Oi, gatinha.

— Oi. Como está indo a caça ao tesouro?

Max riu.

— Nada. Nem sinal desse maldito *pen drive*.

— Ainda estão na casa do Carl? — perguntou surpresa.

— Sim. Mas falta pouco. Se ele estiver aqui, nós iremos encontrá-lo.

— Sinto sua falta.

— Eu também, gatinha. Está tudo certo aí?

— Sim, está. Pode ficar tranquilo.

— Mel, vou ter que desligar agora. Eu amo você.

— Eu também. Toma cuidado.

Max desligou o telefone.

— Eu vou atrás de algo para comermos, então. Volto rápido. — Dario beijou Júlia e passou por Max um pouco insatisfeito. Não queria sair de perto dela nem por um segundo.

Assim que ele passou pela porta e a fechou, Max disse:

— Melhor continuarmos. Eu olho seu quarto e você o escritório do Carl.

— Certo.

Os dois subiram as escadas e começaram a procurar. Júlia revirou todas as gavetas da escrivaninha e da mesa de trabalho. Porém, não encontrou nada. Apenas alguns papéis e objetos pessoais de Carl. No canto do escritório, havia um armário com algumas portas e gavetas trancadas a chaves. Ela foi até a gaveta da mesa e pegou um molho de chaves que havia lá. Testou uma por uma até que uma delas abriu a porta do móvel.

Ela se deparou com várias caixas e pastas empilhadas. Curiosa, começou a explorar cada uma delas. Não havia nada que fosse de seu interesse, então, as colocou no lugar.

Ela se levantou e bufou, cansada. Olhou nos quatro cantos do escritório e saiu à procura de Max.

— Já acabei por lá — ela disse entrando no quarto enquanto Max vasculhava o *closet*.

— Estou quase terminando.

— O Dario está demorando demais. Estou começando a ficar preocupada. — Ela se sentou na cama.

— Ele sabe se virar.

— Passou muito tempo, Max. Já faz quarenta minutos.

— Liga para ele.

Júlia assentiu. Pegou o celular de Max e ligou.

Caixa postal.

Tentou mais três vezes.

Caixa postal.

— Ele não atende. Eu vou atrás dele — disse e levantou-se da cama apressadamente.

— Não. Nem pense nisso.

— Não vou deixá-lo, Max. E se aconteceu alguma coisa?

— Para de ser paranoica. Ele deve ter se perdido ou algo assim. E do jeito que ele é enjoado, deve ter ido atrás de algo *natureba* para você comer.

Júlia sorriu.

— Não implique.

— Eu vou. Fique aqui e tranque tudo. Não abra para ninguém, entendeu? Eu tenho as chaves.

— Certo.

— Fique com o meu telefone. Se demorarmos, você tenta ligar para o Dario outra vez. Não use o da casa, acho que Morgan ainda o tem grampeado e não sabemos se os russos também têm.

— Está certo.

Estrada Woodmore, em Maryland, Estados Unidos – 19h20.

— Merda! Merda! — Kevin Trainor praguejou chutando o pneu traseiro da SUV. — Era só o que me faltava. Maldição!

Carl estava preocupado.

— Saia do carro, seu merda, e venha me ajudar.

— Vá pro inferno, Kevin. Por que não me mata logo de uma vez? — perguntou enfurecido. Sentado no banco traseiro do carro, ele olhava com ódio para o irmão. — Você não irá se safar dessa.

— Ah, vou sim. Quem não vai será a puta da sua mulherzinha que te trocou por um roceiro. — Ele riu. — Hoje, ela e aquele seu irmão insignificante, irão ganhar uma passagem para o além.

— Por que, Kevin? Por que tudo isso? Por dinheiro? — Carl perguntou colocando a cabeça

para fora do carro. A falta de iluminação na estrada o impedia de encarar o irmão.

Kevin voltou para carro. Abriu a porta e procurou por uma lanterna no porta-luvas.

— Vamos ter que trocar o pneu. E adivinha? É você quem fará isso. Vamos. — Kevin tirou a arma da cintura e apontou para Carl fazendo um gesto para que ele saísse do carro.

— Isso não vai dar certo, Kevin. Acha mesmo que essas pessoas vão cumprir o combinado? Estão apenas te usando. Quando não precisarem mais de você, estará morto num piscar de olhos.

— Cale a boca. Você sempre foi o fodão, o preferido da família. Sempre teve prioridade em tudo. Foi o escolhido para ser o chefe de segurança quando eu era mais apto para o cargo. Você sempre foi um idiota, bunda mole. Veja só, passou um ano com uma mulher que estava o enganando o tempo todo. — Kevin riu.

Carl se irritou.

— É disso que se trata? Inveja? Você gosta dela, não é? Acha que nunca percebi a forma como olhava para a Júlia? Eu sempre soube quem ela era, idiota. Não sou um retardado. Sei ler os sinais. Acha mesmo que não percebi que, assim que descobri todo o esquema da CIA, do nada ela apareceu em minha vida com aquela baboseira de amor à primeira vista? Eu deixei ela levar a farsa adiante para descobrir o que ela queria e quem estava por trás disso, além de você. Porém, quando soube para quem ela trabalhava, tudo ficou claro. Só que eu também descobri que ela não tinha a menor ideia de onde estava se metendo, então quis protegê-la. Não vou negar que a amo, mas ela também me amou de verdade. Não me subestime Kevin, sou mais inteligente do que você.

Kevin gargalhou.

— Não sou eu o prisioneiro. Você sabe que vai morrer. Como se sente?

Carl olhou fixamente para ele. Seu olhar expelia toda a fúria dentro de si.

— Não me olhe assim. Vou deixar você confessar para a sua noivinha que sabia que ela era uma puta vadia da CIA. Ela vai adorar.

Enquanto Carl trocava o pneu, o celular de Kevin tocou. No visor, viu que a chamada era restrita.

— Sim, chefe.

— Kevin, já estão na casa? Ela está sozinha. Taylor acabou de sair. É o momento perfeito.

— Estamos a trinta minutos do local. Houve um contratempo e...

— Não quero saber de desculpas, Kevin. Quero que chegue o mais rápido possível. A essa hora com certeza eles devem ter encontrado o arquivo. Se aquilo cair em mãos erradas, estamos todos fodidos.

— Sim, senhora.

— E Kevin, também estou a caminho com o Anton, caso nosso plano de usar o Carl não dê certo.

— Estamos indo para lá.

— Não me decepcione — a mulher disse e desligou.

— Era ela? — Carl perguntou. — Não vai dar certo. Júlia nunca irá acreditar que sou eu quem está por trás dessa merda toda. Ela me conhece melhor do que ninguém. Duvido que ela vai cair nessa.

Kevin riu.

— Você terá que ser bem convincente. Se fizer ela acreditar, ela vive. Caso contrário, eu a mato na sua frente lentamente, faço-a sofrer por horas. Então mato você também, o irmão e aquele caipira. De qualquer jeito, você irá morrer. Precisamos de alguém para levar a culpa.

— E se eu me recusar?

— Vai querer pagar para ver?

Após terminar a troca do pneu, os dois entraram no carro e seguiram para Washington.

Vinte minutos depois, Kevin estacionou o carro do outro lado da rua, em frente à casa de Carl. Em seguida, saiu do carro e acenou para um dos agentes que estava fazendo a ronda, escondido.

— Você irá fazer exatamente o que combinamos. Entendeu, Carl? Se me enganar ou tentar alguma coisa, eu juro que meto duas balas na cabeça dela, esqueço que sou seu irmão e que se foda aquele maldito arquivo!

— Você não é mais o meu irmão — Carl disse furioso e virou as costas para ele.

— Vamos testar o microfone. Quero ouvir tudo que disserem lá dentro.

Carl abriu a camisa e deixou que o irmão colocasse nele uma escuta.

— Agora vá — Kevin falou empurrando Carl.

Júlia subiu no último degrau da escada de ferro e empurrou a porta do sótão que havia no teto, no final do corredor. Ela tossiu com a poeira e o fedor de mofo. Ao passar pela entrada estreita, limpou as mãos e caminhou devagar até uma prateleira de madeira. Vasculhou algumas caixas até que uma pasta vermelha caiu de cima da prateleira. Júlia olhou para ela caída no chão e franziu o cenho. Ao pegá-la e abri-la, se surpreendeu com o que viu. Havia várias fotos dela ao lado de Max, algumas sozinhas e outras no bar do Dickson ao lado de Dario. Havia fotos de Morgan e de alguns agentes da CIA que ela reconheceu prontamente, entre eles: Malcon e Joanna, os dois agentes que os ajudaram na Virgínia. Atrás das fotos, estavam escritos seus nomes verdadeiros e seus codinomes da CIA.

— O que é isso? Por que Carl teria essas fotos? Ele sabia quem eles eram? Desde quando? — Ficou perplexa.

Em outra foto, ela aparecia ao lado de Morgan, falando ao telefone. No verso, estava escrito:

Júlia Reynes, 29 anos – Agente da CIA – Codinome: Esther Rothenberger.

— Lembro-me desse dia, mas... isso já faz um ano. Merda! Carl sabia quem eu era esse tempo todo? Mas como?

Um barulho vindo do andar de baixo a alarmou.

Júlia jogou as fotos no chão e correu para a escada. Ao descer, olhou para todos os lados com a arma em punho.

Ela podia ouvir os passos de quem quer que fosse, andando pela casa. Na dúvida, achou melhor não revelar sua presença.

Por isso, sacou a arma e caminhou devagar até as escadas. Cautelosamente, foi descendo degrau por degrau até que tocou o chão da sala. Olhou ao redor e não havia ninguém. Porém, os passos foram ficando mais audíveis e ela ficou apreensiva.

“Merda! Se fosse eles, já teriam dito!”, pensou ao se esconder atrás da parede da sala que dava para o enorme corredor.

Júlia ficou ali. Na medida em que a pessoa se aproximava, ela ficava mais tensa. Ela engatilhou a pistola e esperou para atacar. Sua respiração ficou acelerada. Com a adrenalina percorrendo por suas veias e seus batimentos cardíacos a mil, ela sugou todo o ar para os pulmões e rezou para que tudo desse certo, então, saiu de trás da parede surpreendendo o intruso.

— Sou eu! Sou eu! Calma, não atire — Carl disse assustado levantando as mãos para o alto para que visse que estava desarmado.

A incompreensão passou diante dos olhos de Júlia.

— Carl? Carl? Vo-você está...

— Sim. Estou vivo. Agora abaixe essa arma, querida. Precisamos conversar — ele sussurrou fitando-a nos olhos.

Júlia ainda o olhava, atônita.

— Vivo? Merda! Vivo, Carl? — ela gritou com o dedo no gatilho. — Posso meter uma bala na sua cara, seu safado. Era você o tempo todo, não? Como fui burra!

— Esther, por favor, apenas me ouça.

— Esther? — Riu nervosamente. — Não seria Júlia Reynes para você?

Carl ficou sem fala.

— Eu já sei que você esteve me enganando esse tempo todo.

— E você não? — ele se irritou.

Ela se calou.

— Vamos, querida. No final, eu e você não confiávamos tanto um no outro, não é verdade?

Os olhos de Júlia se encheram de lágrimas.

— Eu acreditei em você, Carl. No começo não, mas... com o passar do tempo, eu vi que você era um cara legal. Que não poderia estar envolvido nessa merda toda de vender armamento pra Rússia e passar informações sobre a segurança do país. Não se parecia com alguém que faria uma coisa dessas.

Carl riu.

— Você não faz ideia, não é?

— Eu chorei por você. Eu fui espancada várias vezes. Quase fui morta e quase perdi... — Ela fechou os olhos por um segundo lembrando-se de toda a sua miséria. — Eu confiei em você, Carl.

Carl olhou para ela.

— Eu só quero o arquivo, Júlia. Ninguém precisa se machucar.

Ele gesticulou para ela e baixou lentamente a mão para desabotoar a camisa. Então, mostrou a ela a escuta.

Júlia franziu o cenho. Ao abrir a boca para dizer algo, Carl fez sinal para que ficasse calada.

— Diga-me onde está o arquivo e não vou machucar você.

— Eu não tenho o arquivo.

— Mentira. O que faz aqui, então?

— Essa era a nossa casa. Vim apenas pegar alguns pertences meus, já que estava morto.

— Vamos, querida. Dê-me essa arma, por favor. Vamos conversar.

— Você está metido nisso? Sim ou não?

— Conversaremos quando você abaixar essa arma.

“Confie em mim”, Carl balbuciou as palavras sem emitir nenhum som.

A intuição de Júlia dizia que algo estava errado.

— Não vou abaixar a arma. É bom começar a falar Carl, ou atiro em sua perna.

— Eu preciso do arquivo, só isso. Precisa confiar em mim. Se me der o arquivo, ninguém vai se machucar — Carl disse enquanto se aproximava um pouco mais dela. Ele sabia que Júlia não desistiria sem uma boa briga.

— Nem mais um passo, ou juro que te mato agora mesmo.

— Ok. Está certo. Eu sei que tem motivos para não confiar em mim, mas, acredite, eu só quero ajudar. Então, perdoe-me por isso.

Num movimento brusco, Carl a desarmou e a puxou contra ele. Direcionou a arma para a lateral da cabeça dela e disse:

— Vai me escutar agora?

Júlia gritou:

— Solte-me, desgraçado! — E o acertou com uma cotovelada no seu estômago.

Carl grunhiu, mas não a soltou. Colou seu peito nas costas dela para abafar a escuta e sussurrou em seu ouvido:

— Temos que fugir daqui. Não estamos seguros. Não sou um monstro, Júlia. Quero te explicar tudo, mas não temos tempo.

— Não confio em você — disse entredentes e se debateu para tentar sair de seus braços.

— Sabe que a amo. Jamais faria qualquer coisa para machucá-la.

— Está mentindo!

— Não. Não estou. Agora vamos! Precisamos dar um jeito de sair daqui antes que eles cheguem.

— Eles? Eles quem? — ela ficou assustada.

— Fica quieta. Vou soltar você, tudo bem?

Ela assentiu.

Quando Carl a soltou, Júlia não perdeu tempo e acertou um soco em seu rosto. Carl se desequilibrou, caiu e a arma voou longe.

— Merda! — praguejou.

Rapidamente, ele se levantou e correu em direção à arma antes que ela pudesse pegá-la.

Carl mirou nela e disse:

— Eu estou falando sério.

— Não vai atirar em mim, vai? Já disse que não tenho a merda do arquivo — disse enfurecida.

Carl foi até ela em passos largos e a bloqueou contra a parede. Olhou dentro dos seus olhos e disse:

— Quantas vezes terei que lhe dizer que te amo? — E a beijou.

Nesse momento, Kevin entrou pela porta da sala com uma arma em punho. Olhou para os dois e sorriu.

— Ora, ora! Boa noite, cunhadinha.

Carl e Júlia se separaram bruscamente.

— Kevin? — Júlia sussurrou.

— Olha se não é a nossa querida Esther e meu irmãozinho idiota. Que casal mais lindo.

Júlia olhou para ele com medo e receio. Carl apontou a arma para o irmão e falou com

autoridade:

— Abaixei a arma, Kevin. Não vou hesitar em meter uma bala em você.

Kevin sorriu. Ele era um pouco mais baixo do que Carl, porém mais preparado fisicamente, pois seu trabalho como agente secreto era como um combatente corpo a corpo. Sua função para proteger diretamente o presidente exigia várias habilidades; entre elas, a inteligência e a força bruta.

— Acho que está na hora de termos uma conversa definitiva — Kevin disse ainda apontando a arma para os dois. — Por que você não começa, Carl? Acho que a Júlia irá gostar do que tem a dizer.

— Eu vou matá-lo, seu desgraçado! — Carl deu um passo à frente.

Kevin destravou a arma e gritou:

— Eu atiro nela! Então, fique parado aí.

Júlia olhou à sua volta. Cogitou correr até a escada à sua esquerda e se trancar em um dos quartos. Parecia uma ótima ideia, se Kevin não estivesse observando-a e com um fuzil apontado para sua cabeça.

— Vamos, Carl. Você fala ou eu falo?

Carl ficou calado.

— Sabia que você iria protegê-la. Não escolheu o lado certo, irmão — zombou.

Kevin deu um passo adiante. Caminhou lentamente até Júlia e falou para Carl:

— Chute a arma para cá ou atiro nela.

— Eu atiro em você primeiro.

— Não vai acontecer, você sabe que mesmo que me acerte, eu ainda irei acertá-la. Vai correr o risco?

Carl praguejou. Colocou a arma no chão e chutou para ele.

— Ótimo. Agora sim podemos conversar. — Ele olhou para Júlia. — Quero o arquivo.

— Vá se foder! — ela retrucou.

Kevin foi até ela e a esbofeteou.

— Sua cadela. Quero a porra do arquivo, agora!

Júlia gemeu. Passou as costas das mãos na boca para limpar o sangue.

— O que realmente tem naquele arquivo? — ela perguntou para Carl.

— Minha liberdade — Kevin respondeu por ele.

— Há um ano, eu descobri todo o esquema envolvendo agentes duplos que trabalham na CIA. Eu vinha estudando o comportamento do meu irmão na corporação e escutei uma conversa entre ele e

mais alguém. Não consegui ver a pessoa que estava com ele, mas era uma mulher. Essa mulher deu a ele um arquivo parecido com um *pen drive*. Vi quando Kevin colocou o arquivo no computador e baixou umas informações para ela. Eu estava longe, escondido, não pude ver direito do que se tratava. Então, quando os dois saíram, eu entrei e roubei o arquivo. Fui até minha sala e fiz o *download* dos dados que havia nele. Para não ser descoberto, voltei na sala dele e deixei o arquivo no mesmo lugar. Só que eu não sabia que estava sendo monitorado. Meu computador estava sendo rastreado e no primeiro momento não desconfiei.

— O que havia no arquivo? — Júlia perguntou confusa.

— Uma lista de agente secreto duplos que trabalham na CIA e na segurança do presidente. Havia informações como: nome verdadeiro e toda a vida dos agentes. Era uma forma de chantagearem os agentes, caso eles não fizessem o combinado. Havia também comprovantes de pagamento para cada um deles oferecido pelo governo russo.

— Como assim? Não havia códigos de armamentos? Não havia nada sobre a segurança do Pentágono ou os códigos de acesso da Casa Branca? — Júlia ficou sem entender. — Foi o que nos disseram quando fomos contratados.

— E quem acha que contratou você? — Kevin riu.

— Quando você entrou na minha vida, Júlia, sabia que algo estava errado. Quando comecei a investigar cada um dos agentes que havia no arquivo, eu sabia que poderiam vir atrás de mim. Você pareceu a coisa menos óbvia de se acontecer, um relacionamento. Então, comecei a te investigar. Deixei que se aproximasse de mim e iniciamos nosso namoro. Coloquei um detetive na sua cola. Foi ele quem descobriu sua identidade real. No começo, achei que pudesse estar envolvida com a máfia, mas... eu me apaixonei por você. Além disso, seu nome não estava na lista. E com o tempo fui vendo que suas atitudes em relação a nós mudavam a cada dia. Eu também sabia que me amava.

— Você deveria ter me dito, Carl — ela disse surpresa. — Por que não falou comigo? Por que não me disse tudo isso? Poderíamos ter dado um jeito e quem sabe nem estaríamos encrencados agora.

— Eu disse que te amo, não que confio em você. Não sabia até que ponto iria o seu amor por mim. Só queria ter certeza de estar fazendo a coisa certa. E quando roubou o meu arquivo e apagou as informações do meu computador, fiquei com medo de você conseguir entregar para a Morgan. Ela iria matá-la após entregar o arquivo.

— Mas você disse para que eu entregasse a eles. Por que não disse nada a ninguém na época?

— Quando você foi pega e sofreu tudo aquilo, eu só queria que acabasse. Porém, se o único jeito era entregar o arquivo, então, eu iria fazer o que fosse para protegê-la. Eu te coloquei na proteção à testemunha e você fugiu.

— Não fugi, Morgan conseguiu me tirar de lá.

— Ela precisava de você. Queria fazer com que eu parecesse o vilão. Eles me matariam, você entregaria o arquivo e logo depois apareceria morta por aí.

— Você é inteligente, maninho — Kevin disse.

— Por que não falou para o presidente? Por que não denunciou o esquema?

— Porque aquilo não eram provas. Era apenas um arquivo com informações desencontradas. O bastante para iniciar uma investigação, claro. Mas não servia como prova.

— Então, o meu irmão metido a Sherlock Holmes começou a investigar cada um daquela lista. E foi aí o seu erro fatal. Ele deixou alguns rastros e chegamos até ele.

— Você me dá nojo, Kevin — Júlia rosnou.

— Eu sei, querida — Kevin zombou.

— Tudo isso por causa de uma lista de agente duplos? Sério? Não posso acreditar!

— Não é apenas uma lista de agente duplo, Júlia, mas, sim, de quem comanda tudo isso. Quando você foi levada pela primeira vez, eu juntei todas as informações e compartilhei com o subchefe de segurança. Não podíamos contar com a CIA para nos ajudar, pois a chefe dos agentes duplos é também a chefe da CIA.

— O quê? Mas a chefe é a Morgan...

— Ela mesma.

— Desgraçada! Filha da puta! Maldita! — praguejou.

— Odeio interromper a troca de informações entre vocês, mas... preciso do arquivo; e, consequentemente, dos dois mortos, já que sabem demais.

— O que eles pretendem fazer? Você sabe, não é, seu desgraçado? — ela gritou para Kevin.

— Claro que sei. Ninguém sabe quem é o nosso chefe. Morgan é apenas mais uma peça do xadrez. A nossa ordem é desestabilizar a segurança do país para derrubar o governo atual. Acidentes acontecem. Como, por exemplo, o presidente ser morto em uma dessas festas bacanas que dá por aí. Nunca se sabe quando irá surgir uma bala perdida. — Kevin riu.

— E por que estão trabalhando para os russos? O que ganham com isso?

— Aliança política. Ora, docinho, você não deve entender nada disso, apenas sabe se esfregar em cavalos e roceiros fedorentos.

Júlia ficou possessa.

— Mas pode aproveitar seus últimos momentos com meu irmão. Ele não liga em ser o outro. Sua vocação para corno é absurdamente incrível.

— Seu desgraçado! — Carl se irritou e avançou em Kevin, que mantinha a guarda baixa. Ele o acertou no rosto e conseguiu desarmá-lo. Na troca de socos entre os dois, Júlia correu para pegar a arma caída no chão do outro lado da sala. Ao conseguir pegar a arma, a porta se abriu num golpe violento e ela teve o vislumbre de Anton entrando ao lado de Morgan, e, logo em seguida, ele disparou dois tiros.

Carl e Kevin caíram mortos.

Ao lado da escada, Júlia não conseguiu pensar em outra coisa a não ser correr e subir para se esconder. Enquanto corria pela escada, ela ouviu Morgan dizer:

— Vá atrás dela e a traga aqui, sem nenhum arranhão. Eu mesma matarei a vadia.

Júlia entrou correndo no quarto, mas no desespero acabou tropeçando no tapete perto da porta, caindo no chão. O impacto repentino a fez lembrar-se da noite em que estava exatamente ali, se escondendo do homem que entrou em sua casa.

Ainda no chão, olhou debaixo da cama e a viu ali, debaixo dela, como se fosse real, retirando algo do chão. Júlia sacudiu a cabeça para afastar a lembrança e se levantou rapidamente. Trancou a porta e colocou uma cadeira contra o trinco.

— Merda! Merda, Max! Que merda! Onde você se meteu? — perguntou desesperada.

Assim que Anton sacudiu a porta, ela se desesperou. Pegou o telefone do bolso e discou para Max. Contudo, caiu na caixa postal.

— Merda! Foda! Merda!

Ela estava armada. Podia tentar matá-lo. Mas poderia acabar se machucando e, machucada, seria alvo fácil para Morgan e qualquer outro que viesse depois dela. Júlia tentou raciocinar. Anton sacudia a tranca da porta e começou a chutá-la violentamente. Ela não iria aguentar por muito tempo. Ela foi até a janela e cogitou pulá-la. Porém, a queda poderia ocasionar danos, inclusive para seu bebê. Então desistiu.

Ela iria lutar. E rezou para que conseguisse sair ilesa desta vez.

Cinco minutos antes...

— Aquela é a Morgan e o Anton? Mas que porra! Abaixese — Max se desesperou. À espreita na árvore, olhou o momento em que Morgan desceu do carro e caminhou ao lado de Anton, armado, em direção à casa de Carl.

— Júlia! Temos que ajudá-la, Max! — Dario se desesperou.

— Não podemos ir agora. Precisamos de um plano.

— Foda-se seus planos, Max. É a minha mulher e o meu filho, caralho. Não vou ficar aqui numa árvore sabendo que, a qualquer momento, aqueles filhos da puta podem meter uma bala nela. Não devia ter deixado ela sozinha.

— Eu não deixaria se você não tivesse demorado um século no restaurante. Tinha uma lanchonete ao lado, deveria ter apenas comprado um lanche.

— Não era saudável — rosnou.

— Venha, precisamos entrar por detrás. Escalamos as pilastras e entramos pela janela — Max disse apreensivo.

— Não foi você quem disse que não éramos heróis da Marvel? Não vou entrar pela janela. Vou entrar por aquela porta e matar esses filhos da puta — gritou e deu um passo à frente.

Max puxou-o pela camisa e deu-lhe um tapa no rosto.

— Controle-se, porra! Não é hora de surtar — disse e retirou o celular do bolso. — Vou desligar o telefone, não quero que ele toque e revele nossa presença. Vamos entrar pela janela e surpreender os dois. Entendeu, *cowboy*?

Dario ficou mudo, com os olhos arregalados e o coração batendo acelerado.

— Entendeu?

— Sim. Vamos matá-los!

Capítulo 36

NÃO É O FIM

Quando percebeu que não seria tão fácil de derrubar a porta a chutes e pontapés, Anton atirou na fechadura, abrindo-a no mesmo momento. Ao entrar de forma abrupta, olhou ao redor do quarto com a arma em punho e procurou por Júlia no quarto escuro.

— Já passamos por isso, Esther. Você sabe exatamente como isso irá acabar. — A voz grossa e assustadora de Anton sobrepujou o rangido de seus passos no assoalho de madeira. — Algumas pessoas chamam isso de coincidência... — Anton falou, caminhando silenciosamente, atento a tudo ao seu redor. Olhou atrás de uma cômoda, mas não a encontrou ali. — Eu prefiro acreditar que é o meu dia de sorte. Ainda posso sentir seu desespero em cada tortura daqueles longos dias em que passamos...

Ela fechou os olhos tentando não lembrar-se dos dias de terror que viveu nas mãos de Anton e dos outros russos.

— Se você se entregar, sem resistência, posso prometer que lhe darei uma morte rápida. Caso contrário, verá que a dor que sentiu naqueles dias não foi nada comparado ao que pretendo fazer agora com você.

Júlia tentou prender a respiração para não denunciar sua presença. Dentro do *closet*, e encolhida na última prateleira, rezava para que Max e Dario voltassem logo. Ela se encolheu ainda mais, agarrou suas pernas flexionadas encostando em seu tórax e baixou a cabeça.

— Droga, Max! — sussurrou sem conseguir conter suas lágrimas de pavor. — Onde vocês estão?

Impaciente, Anton passou as mãos por cima da cômoda derrubando todos os objetos que havia sobre ela.

O barulho dele arrastando e chutando cada móvel do quarto à sua procura, a deixou ainda mais apavorada. Ele estava perto.

— Eu te dei uma chance. Você escolheu o lado mais difícil — ele disse friamente como se fosse uma sentença.

Júlia levantou a cabeça e olhou pelas frestas da porta de madeira do *closet*. O quarto mal iluminado pela pouca luz que vinha da rua e que penetrava na janela, permitiu que ela visse o momento em que Anton caminhou em sua direção. Júlia segurou sua pistola ainda mais firme e suspirou:

— Certo! É ele ou eu — sussurrou.

Em seus piores momentos, quando estava em perigo e toda sua vida passava em sua mente, Júlia sempre procurava se agarrar em algo para seguir em frente, mas naquele momento sua maior motivação era a vida que crescia em seu ventre. Ela agarrou-se no amor e nesse sentimento de proteção. Com sua coragem amplificada, suspirou fundo. Anton estava perto e ela não ia se render.

Quando ele abriu a porta do *closet*, Júlia atirou.

Por azar, ela não contava com um elemento surpresa: Anton usava um colete à prova de balas. Rapidamente, ele a desarmou e a puxou do *closet* pelos cabelos, segurando-a firmemente. Júlia gemeu, mas não se deixou abater. Num movimento rápido, ela o golpeou no estômago e o chutou na altura dos joelhos. Anton caiu, mas conseguiu puxá-la pelas pernas fazendo com que caísse para trás. Júlia protegeu a cabeça na queda e agitou os pés, chutando-o no rosto, enfurecendo-o ainda mais. Anton se levantou segurando-a firme e subindo em cima dela, deixando-a cativa com seu corpo pesado.

— Sua vadia! — disse e desferiu um soco em seu rosto.

Ela sentiu o impacto e o gosto de ferrugem na boca. Irritada, juntou toda sua saliva misturada com o sangue e cuspiu nele.

— Vá pro inferno! — disse entredentes.

Desnorteada pelo golpe, ela baixou suas defesas. Foi o suficiente para que Anton conseguisse dominá-la outra vez.

— Vamos! — Anton levantou-a, colocando-a contra seu peito e puxou seus braços para trás colando-o nas costas, travando-os com sua mão direita. — Mexa-se e eu terei o prazer de ver seus miolos espalhados por todo o lugar — sussurrou em seu ouvido com a arma encostada em sua nuca. Júlia obedeceu.

Anton saiu empurrando-a em sua frente com a arma ainda apontada para sua cabeça. Passaram pelo corredor e desceram as escadas devagar. Assim que Júlia pisou na sala, olhou para os corpos de Carl e Kevin caídos no chão, sem vida. Seus batimentos cardíacos ficaram acelerados e a vontade de chorar veio no mesmo instante. Ela olhou para Morgan com o cenho franzido e uma expressão de nojo.

— Então... era você. — Júlia deixou claro em seu rosto a sua indignação.

Morgan sorriu quase naturalmente. Com poucas rugas ao redor dos olhos e com seu jeito sofisticado, trajando um terno preto feminino, ela aparentava bem menos idade do que realmente tinha. Olhando-a de forma mais atenta, Júlia percebeu seu ar de arrogância e poder. Seu jeito imponente e extremamente frio diante da situação fez com que Júlia questionasse se tudo o que vivera na CIA nos últimos seis anos, fora real e para o bem do país. Quando entrou na corporação, jamais imaginou que poderia estar fazendo algo de errado.

— A minha sorte é que você nunca foi muito inteligente — Morgan caçoou. Caminhou a passos lentos até ela e a olhou cara a cara. — Tinha que ter se envolvido com ele, não é? — Sorriu nervosa. — Quando a coloquei naquela fazenda foi para que recuperasse sua maldita memória, e não que arrastasse meu filho para isso.

Júlia riu, pasma.

— Você o arrastou para isso. Você o sequestrou. Você atirou nele. Mesmo que não tenha puxado o gatilho, as ordens eram suas. Você o abandonou quando nasceu. Desistiu dele sem pensar duas vezes. E não o chame de filho, porque você sequer foi uma mãe um dia.

Morgan engoliu em seco e desviou o olhar por um momento.

— Quando dita nua e crua, a verdade dói, não é mesmo?

Morgan a esbofeteou.

— Cale essa boca!

Júlia voltou o olhar, encarando-a.

— Pode me matar, se quiser. Eu sei o que tem naquele arquivo e não irei entregá-lo a você. Me contratou para fazer um trabalho, pegar o arquivo e colocar o culpado na cadeia. Minha missão ainda não está completa. Quero ter o gostinho de vê-la apodrecer atrás das grades.

— Não vai acontecer. Não irá sobreviver para abrir essa sua maldita boca.

— Por que, Morgan? Por que tudo isso? Por que os agentes duplos? Anton falou com o Senador ao telefone, é ele quem está por trás disso? É sobre política?

— Você não entenderia. E, aliás, nada do que consta naquele arquivo lhe diz respeito.

— Terá que matá-lo, sabe disso. Mesmo que me mate, será corajosa o suficiente para matá-lo também?

Um barulho chamou a atenção deles.

— O que foi isso? — Morgan perguntou no mesmo instante em que projetou seu olhar para a escada.

— Anton, vá ver o que foi isso. Acho que temos companhia.

Na janela do quarto, Max sussurrou nervoso para Dario:

— Porra! Tem como você ser menos barulhento?

Dario pulou o balaústre e pisou na varanda, ao lado de Max.

— Achei que estivesse em forma, *cowboy*.

— Eu estou, apenas escorreguei — disse rude.

Max colocou as mãos na janela e levantou o vidro silenciosamente. Qualquer barulho que fizesse, eles seriam pegos. Ele passou pela janela e, em seguida, ajudou Dario.

— Tanto trabalho para acabar jogando a comida fora — falou irritado. — O que faremos agora?

— Não sei — Max sussurrou olhando o ambiente. O silêncio naquela hora não era um bom

presságio. — Não consigo ouvir nada. Eles não saíram da casa — falou confuso.

— Eu vou descer — Dario se adiantou e seguiu para a porta. Furioso, Max o puxou pelos braços e o imprensou contra parede.

— Você tem um plano? Porque se for descer e ir até eles, é melhor que tenha um.

Dario levantou a pistola e a destravou.

— Eu entro e mato todos eles.

— Esse é o seu plano? Matar a todos nós? Não seja estúpido, Dario. Vai morrer antes mesmo de conseguir implorar por sua vida.

— Não custa tentar.

— Tem alguém vindo — Max sussurrou empurrando Dario para dentro do *closet*.

— O que está fazendo, porra?!

— Fique aí.

— Ah, mas não mesmo.

— Cale a boca, Dario. Só me prometa que não sairá daqui em hipótese nenhuma. A vida da Júlia depende disso.

— Eu vou salvar minha mulher.

Dario tentou passar por ele, mas Max o impediu.

— Você ficará aqui. E mantenha-se calado.

Max fechou as portas do *closet* e rezou para que Dario o obedecesse. O que era muito difícil.

Rapidamente, caminhou para detrás da porta e com a arma em punho, esperou por quem quer que fosse. Max ouvia os passos. Eles estavam cada vez mais próximos.

Olhando fixamente para o *closet*, Max suspirou aliviado por Dario ainda continuar ali.

Assim que Anton passou pela porta e adentrou o quarto escuro com cautela, Max se projetou para frente e disse num sussurro mortal:

— Mais um passo e eu atiro.

Anton congelou no lugar.

— Coloque a arma no chão e levante as mãos, colocando-as na cabeça.

Anton fez exatamente o que Max esperava que ele fizesse. Obedeceu sem dizer uma só palavra com seu corpo rígido no lugar e uma expressão impassível no rosto.

Ele colocou as mãos na cabeça e, então, Max caminhou até ele. Quando ele estava perto o bastante, com sua habilidade e perspicácia, Anton projetou a cabeça para frente e a jogou para trás com uma agilidade invejável, acertando o rosto de Max. Ele cambaleou e caiu pela força do golpe

inesperado. Anton tentou agir rapidamente chutando a arma de Max caída ao chão. Porém, Max usou a perna direita para derrubá-lo e conseguir imobilizá-lo. A tentativa fracassada lhe custou dois chutes na costela, e acabou grunhindo com a dor.

De costas para o *closet*, enquanto estava golpeando Max, Anton não viu o momento em que Dario abriu a porta e olhou para eles. Max gelou vendo a expressão de Dario. Ele sabia que o *cowboy* impulsivo iria fazer merda. Para não denunciá-lo, Max apenas encarou Dario fixamente nos olhos e tentou silenciosamente fazê-lo entender que não era uma boa ideia, pois com os dois presos, jamais teriam chances de saírem dali com vida. Milagrosamente, Dario pareceu entender o que os olhos dele gritavam. Então, fechou a porta e voltou para seu esconderijo.

“Júlia precisa de mim”, pensou. “Respire fundo, Dario. Você consegue manter a calma. Você precisa manter a calma”, ele repetia mentalmente para si.

Pelas mesmas frestas em que Júlia olhou Anton a poucos minutos atrás, Dario observou-o arrastando Max pelo quarto afora. Max não tentou mais lutar, o que levou a crer que estava protegendo-o de alguma forma.

Quando saíram, momentos depois, Dario conseguir ouvir as vozes. E ele reconheceu a de Morgan no mesmo instante em que ela abriu a boca e perguntou:

— Onde está o Dario? Responda!

— Não que eu lhe deva alguma satisfação, mas ele voltou para o Texas.

— Mentira!

— Veja por si mesma — Dario ouviu Max dizer. Sua suspeita se confirmou. Max havia o protegido para que ele os tirasse daquela situação.

“Eles estão contando comigo. Não posso falhar”, Dario pensou. Apreensivo, abriu a porta do *closet* e saiu. Com passos minuciosamente calculados, e sem fazer nenhum barulho, ele seguiu para fora do quarto andando pelo corredor e parou no alto da escada, escondendo-se entre a parede do corredor e o *hall* do escritório, apenas escutando o que eles diziam.

— Acha mesmo que vai conseguir se safar dessa, Morgan? — Max perguntou, irritando-a. Cativo por Anton, que tinha uma arma apontada para sua cabeça, ele a desafiou.

— Sim. Mas claro que você não terá certeza, pois estará morto — disse impassível. — Você e sua irmã.

— Isso é o que veremos — Max retrucou.

— Não vai me matar. Precisa de mim viva para encontrar o arquivo. Além disso, carrego um filho dele dentro de mim. Não acho que seja tão desumana a ponto de matar seu neto. Seu próprio sangue — Júlia apelou para a consciência de Morgan, como se ela tivesse uma.

— A sua autoconfiança pode levá-la a morte. Acha mesmo que me importo com isso que está dentro da sua barriga? — Morgan deu uma risada maquiavélica. Se aproximou de Júlia e disse fitando-a nos olhos: — Não me importei nem com o meu próprio filho, fiz o que tinha de ser feito. John não iria deixar aquela doente para ficar comigo. Eu sei que era a mim que ele amava, mas

preferiu ficar com ela. Tive que abrir mão do Dario pelo meu trabalho. Ele era mais importante do que uma criança chorona. Não tinha como criá-lo. Não havia espaço na minha vida para ele. No começo, ele me foi útil para manter John preso a mim, mas quando vi que estava perdendo-o para Lissy, percebi que ele de nada me serviria. Então, disse a John que o entregaria para a adoção. John não gostou e o tirou de mim.

— Você é um monstro, Morgan. Precisava desde o começo que alguém levasse a culpa por isso. Carl e Kevin estão mortos. Desde o início me fez acreditar que Carl tinha relação com o arquivo. Sabia que, se colocasse uma agente para seduzi-lo, ele descobriria e se sentiria encurralado. Só não esperava que ele não fosse recuar, não é mesmo? Quis que ele pensasse que eu estava envolvida. Ele associaria meu nome aos agentes duplos e, de qualquer forma, não acabaria bem para mim, não é? Mas ele não caiu. Carl era um homem bom e viu a verdade nas entrelinhas. Assim como eu sabia que ele era inocente apenas convivendo com ele, Carl também tinha a mesma certeza sobre mim. Você é patética se acha que lhe entregarei o arquivo.

— Mortos não falam — Morgan disse. — Posso matá-los. O arquivo nunca será encontrado, já que nem você mesma sabe onde o colocou.

Júlia riu.

— Será? Talvez eu saiba. Talvez minha amnésia foi proposital. Talvez eu apenas quisesse um tempo para descobrir o que eu sempre suspeitei desse arquivo. Quem sabe ele esteja nas mãos de alguém, e muito bem escondido.

— Está blefando — Morgan ficou pálida.

— Pode ser. Mas você nunca irá saber. Eu acreditei em cada maldita palavra que saiu da sua boca quando nos contratou. Não irei cometer o mesmo erro. Não pode me matar porque precisa do arquivo, pois você não é a chefe da quadrilha, acertei? — Júlia acendeu a raiva em Morgan. — Precisa do arquivo para limpar a sua sujeira. Para limpar o nome de todos que você jogou no sistema. Deixe eu adivinhar, eles estão te pressionando?

Morgan foi até ela e a puxou pelos cabelos.

— Eu vou matá-la assim que colocar as mãos naquele arquivo. Pode apostar.

— Se depender de mim, você não verá aquele arquivo.

Morgan deu uma joelhada no estômago de Júlia, que caiu no chão e gemeu com a dor, que era forte e aguda.

— Você realmente se acha importante, né, Júlia? Meu Deus! Você é mais burra do que eu imaginava. Por isso que a contratei para esse meu trabalho sujo. Desde o começo, você e Max eram peças descartáveis. Só não achei que fossem me dar tanto trabalho. Nesse quesito, preciso concordar com nosso amigo Anton, vocês são um pé no saco. O bom é que, se eu matá-la agora, não terá ninguém que irá chorar ou jogar rosas brancas e fedorentas em seu caixão. É tão insignificante quanto o seu irmão.

— E pelo visto você também não terá, sua velha desgraçada — Dario disse saindo de seu esconderijo, surpreendendo a todos, descendo as escadas e deixando Max furioso. — Eu ouvi tudo o

que disse a ela. Vou fazê-la engolir cada maldita palavra e esfregar na sua cara que o único ser insignificante aqui é você — disse entredentes.

Dario até tentou não perder o controle, mas saber que Morgan estava machucando Júlia, grávida, o fez perder o pouco que ainda lhe restava.

— Já estava sentindo a sua falta, filho — ela sorriu ironicamente.

Dario apontou a arma para Morgan e Anton gritou:

— Largue a arma ou atiro nele.

Max rezou para que Dario não fizesse nenhuma tolice.

Ele olhou para Júlia, deitada no chão contorcendo-se de dor. Havia algo errado com ela. Ele percebeu o hematoma no lado direito de seu rosto, o sangue em sua roupa...

Ele voltou a olhar para Morgan cheio de ódio.

— Não atire! Não faça nada estúpido, Dario. Qualquer ação impensada irá nos matar — Max disse desesperado, ainda nas mãos de Anton.

— Vocês já estão mortos — Morgan falou com sarcasmo e apontou sua pistola para Dario.

— Só vejo dois defuntos nessa sala: você, sua velha maritaca desgraçada; e o careca, ali, metido a Chuck Norris. E, se eu tiver que cair, a primeira que eu levo é você.

Morgan gargalhou histericamente, o que causou calafrios em Júlia.

— Não irá me matar. Você não tem *colhões* para isso. É igual ao seu pai, um derrotado que desistiu de tudo na primeira dificuldade. Além disso, sou sua mãe, quer você queira ou não.

Dario encarou-a com seus olhos soltando faíscas de ódio.

— Acha que não vou meter uma bala na sua testa só porque me carregou nove meses dentro de você? — Ele riu. — Bem se vê que não me conhece mesmo. Mas você tem razão, nesse momento não vou meter uma bala na sua testa, e sim na dele. — Dario disparou acertando Anton na cabeça fazendo com que ele caísse no chão em segundos. O barulho do tiro repentino ecoou pela sala deixando Max atordoado, caído ao lado de Anton.

— CACETE! — Max gritou passando a mão pelo próprio corpo. Estava perplexo com a habilidade de Dario por seu tiro certeiro. — Você poderia ter me matado — gritou.

— Mas não o matei. Então, apenas me agradeça por salvar o teu rabo — Dario retrucou ainda com a arma em punho apontada para Morgan. — Tire a Júlia daqui, Max. Ela está machucada e precisa de um médico — Dario ainda encarava Morgan fixamente nos olhos.

— Eu posso te matar, você sabe disso, não é? — Morgan disse a ele com a voz fria para demonstrar sua indiferença, mas ela o havia subestimado. Jamais imaginaria que Dario podia matar alguém. Ela fitou-o nos olhos e não viu um pinga de arrependimento nele. E isso a fez questionar se ele seria realmente capaz de matá-la da mesma forma.

— Não vai. Porque a única que não tem *colhões* aqui é você. Eu sei ler através das pessoas, Morgan. Por mais que você seja uma bandida vigarista, não mataria seu próprio filho. Se me quisesse morto, eu já estaria. Agora, abaixe essa arma.

Morgan não desfez de sua postura rígida e imponente. Ainda tinha a arma apontada para ele.

— Eu sou conhecido por minha impaciência, Morgan. Então, não me faça perder a cabeça e meter uma bala na sua testa também — disse entredentes.

Morgan empinou o nariz. Dario engatilhou a arma e o som a fez vacilar.

— Estou ligando para a polícia e, em seguida, chamarei uma ambulância para a Júlia — Max falou. — Desarme-a.

Dario deu dois passos para frente e Morgan recuou.

— É o fim para você, Morgan. Chute a arma para cá.

Morgan fez o que ele pediu. Não queria arriscar.

Dario pegou a arma e chutou para Max. Próximo de Morgan, Dario fixou o seu olhar nela e falou:

— Só não meto a mão na sua cara porque não quero sujar minhas mãos — rosnou. — Vai apodrecer na cadeia, sua vaca. Vai definhar dentro de uma cela fedida e se arrepender de tudo o que fez de mal nessa vida.

Ela ficou calada.

Enquanto Max verificava os machucados de Júlia, que estava sentada no chão perto da escada, Dario chutou as pernas de Morgan e fez com que ela se ajoelhasse no chão. Assim que Morgan se ajoelhou, a arma alocada em sua bota ficou parcialmente exposta, mas Dario não tinha como vê-la daquele ângulo.

— Não se mova ou juro que atiro em você — disse se afastando aos poucos sem tirar os olhos dela. Dario caminhou até Júlia e a abraçou.

— Acabou, meu amor. Esse pesadelo todo acabou. — Ele a beijou. Os hematomas no rosto e no corpo de Júlia deixaram-no com o coração dilacerado. — Agente só mais um pouco, por favor, logo estaremos no hospital e tudo ficará bem.

— Meu celular está sem sinal aqui. Merda! Não consigo ligar.

— Vá lá fora, Max. Só peço, por favor, que ligue logo para a ambulância.

— Eu já estou bem melhor, não se preocupe — Júlia falou entre gemidos. Ela era forte, mas as dores estavam cada vez mais intensas.

Max saiu e deixou os três na sala. Assim que ele se foi, Morgan furtivamente esticou sua mão até o tornozelo e retirou a arma escondida. Com os olhos fixos em Dario e Júlia, ainda abraçados, ela disse:

— Você a ama, não é?

Os dois olharam para ela.

— Sabe, Dario, você é bem parecido comigo. Eu dei a minha vida várias vezes para salvar o seu pai. Se não fosse por mim, ele teria morrido logo na primeira missão.

— Cale a sua boca! — ele disse de forma grosseira.

— Você é corajoso, devo admitir. Destemido. Também é frio e consegue se manter impassível em situações de risco. Isso você herdou de mim. Não meço esforços para conseguir o que quero. Não tenho medo de nada e de ninguém.

— Não sou como você. Então, cale a sua maldita boca.

— A única coisa que quase me derrubou foi o amor que eu sentia por John. Isso quase me matou. Me levou a fazer coisas das quais eu não queria; e, uma delas, foi abrir mão de você. A única coisa que eu sei sobre o amor é que ele te deixa fraco, impotente. Você deixa de viver a sua vida para viver a do outro. Porém, quando você vê, está dependente — Morgan disse friamente.

— É porque o seu amor sempre foi egoísta. Nunca pensou nos outros, somente em si. — Ele largou Júlia e deu dois passos em direção a ela.

— Eu não quero que aconteça o mesmo com você. Veja, você é forte. Não precisa de ninguém para lutar as suas batalhas. Você é exatamente como eu.

— Aí é que você se engana, Morgan. Todos nós precisamos uns dos outros. Isso se chama humanidade. Coisa que falta em você. Está acabada. Talvez os anos que passará na cadeia sirvam para que repense suas atitudes.

Morgan abaixou a cabeça.

— Você estava certo quanto a uma coisa, jamais teria coragem de matá-lo. Mas posso tirar tudo o que você mais ama nessa vida. E Dario, não é o fim, pelo menos, não para mim.

Dario virou as costas no momento em que Morgan sacou a arma e apontou para Júlia. Aterrorizada, Júlia não teve tempo de gritar, apenas deu um suspiro e fechou os olhos. Então, Morgan atirou.

De frente para Júlia, Dario viu o momento no qual o sangue preencheu rapidamente a camisa dela. Seus olhos conectaram com os olhos espantados de Júlia e ele ficou ali, parado, quase petrificado em seu lugar. Quando a realidade bateu em sua consciência, ele se jogou de joelhos diante dela e só conseguiu ouvir os gritos lamuriosos de Morgan.

Dario olhou para trás e viu Max desarmando-a e socando-a com toda a sua fúria. Seus olhos rapidamente se desmancharam em lágrimas e, então, voltou seu olhar nela, em sua mulher, caída no chão, debatendo-se de dor e segurando firme a ferida. Pálida, Júlia ainda conseguiu sussurrar com seus olhos azuis semicerrados e uma expressão de dor:

— Não me deixe morrer.

Ela segurou firme a camisa de Dario.

O coração dele parou de bater naquele momento ao vê-la perdendo a cor instantaneamente e lutando para manter os olhos abertos.

— Não, não, não, não, não... Júlia, por favor, não. Fique comigo. Amor... por favor, fique comigo — implorou aos prantos. Dario pressionou a ferida no abdômen e ela deu um gemido fraco. Desesperado, passou os braços por debaixo dela, a ergueu para ele e a beijou.

— Não faça isso comigo, Júlia, por favor — Ele acariciou seu rosto. O sangue em sua mão marcou a pele branca e delicada dela. — Não pode fazer isso comigo, por favor...

Lentamente, Júlia foi fechando os olhos.

Ele a sacudiu.

— Júlia! Júlia!

— Eu não sinto mais nada... Não está doendo. — Ela deu um leve sorriso. — Eu só... — ela deu uma pausa e suspirou. — estou com frio.

— Eu não vou deixar você morrer. Você não vai me deixar, está me ouvindo? Você disse que tudo daria certo. Não vou deixar você ir.

Ela abriu os olhos com dificuldade.

— Eu sinto muito.

Júlia levou a mão até seu ventre e sussurrou:

— Eu deveria ter ouvido você — disse chorando. Com dificuldade para falar, engoliu em seco, enquanto um nó estava se formando em sua garganta. Ela podia sentir o corpo mais leve e seus batimentos fracos. Ela fechou os olhos e sua vida passou como um *flash* em sua mente.

Quando nossa vida passa diante dos nossos olhos, procuramos nos agarrar em algo, e foi exatamente o que Júlia fez. Se agarrou a cada lembrança que marcou sua vida de várias formas diferentes. Ela se viu criança, sentada num balanço improvisado de pneu, e Max balançando-a com um sorriso no rosto. Se viu deitada em sua cama cor-de-rosa e sua mãe, linda e paciente, lhe contando histórias para dormir. Viu seu pai levando-a na escola e a beijando carinhosamente. Viu o momento em que conheceu Carl e se apaixonou por ele. Viu seus momentos felizes e infelizes. Se viu na fazenda, na cama, ao lado de Dario, lhe fazendo carinho e o beijando pela manhã sussurrando: “eu te amo”. Se viu nos momentos de aflição em seu cativeiro e toda a miséria que passou. Porém, quando sua imagem passou diante de seus olhos, deitada debaixo da cama, assustada e retirando um dos assoalhos de madeira, algo nela se acendeu. Júlia agarrou a gola da camiseta de Max, que estava ajoelhado ao seu lado, chorando e tão desesperado quanto o Dario, ela o puxou com toda a força que ainda lhe restava.

— Está... debaixo da cama. — Ela sorriu. — Sempre esteve lá.

Max não compreendeu de imediato. Sua preocupação era tão grande, que não conseguia formular um pensamento coerente, muito menos decifrar algo naquele momento.

O aperto das mãos dela foi ficando fraco e Max sabia que ela estava lutando para manter-se

viva, mas não era o suficiente.

— Não diga mais nada, você está proibida de morrer. Eu disse para os nossos pais que eu cuidaria de você — disse com a voz embargada pelo choro.

— Você cuidou, Max. Sempre...

Dario estava inconsolável. Ao ouvir o som das sirenes, ficou mais esperançoso e sorriu para Max. Mas, ao olhá-la novamente, viu que ela havia desmaiado. Com medo, ele disse a Max:

— A pulsação dela está fraca. Ela não vai aguentar, não é?

Max foi até ele e descansou a mão em seu ombro esquerdo.

— Ela vai. Ela é forte. Então, não desista dela, Dario. Ela precisa de você.

Dario olhou para Júlia e chorou. A pegou no colo levantando-a em seus braços. Do lado de fora da casa, os carros da polícia estacionaram rapidamente e os paramédicos foram os primeiros a entrarem na casa. Dario relutou em largá-la nas mãos deles, mas ele não tinha outra escolha. Ela precisava sobreviver.

Com os olhos nublados pelas lágrimas, pela dor e pela fúria que sentia de Morgan, Dario foi até ela com os punhos fechados e os dentes cerrados. Ela estava sendo imobilizada por alguns policiais, que a algemaram. Enquanto um deles recitava seus direitos e lhe dava voz de prisão, Dario passou pelos policiais como um trator desgovernado, devastando tudo à sua frente. Ele a pegou pelo colarinho e, com violência, a jogou contra a parede fria. Morgan gemeu com a dor da pancada.

Através de seu olhar nebuloso, Dario expressou todo o ódio que sentia no momento. Ele pressionou seu antebraço na garganta dela e sussurrou com uma voz que daria medo em qualquer ser mortal:

— É bom começar a rezar para que ela não morra, ou eu irei atrás de você. Vou fazê-la sangrar antes de vê-la morrer. Terei o prazer de tirar a última gota de sangue desse seu corpo maldito e jogá-lo numa vala qualquer como uma vadia indigente. Posso ser tão frio e cruel quanto você. Talvez nisso, somos parecidos. Minha consciência não irá pesar se tiver que mandá-la para o inferno.

Morgan apenas o olhou enquanto os policiais o seguraram pelos braços e o afastaram dela. Os dois ainda mantinham o olhar numa conexão mútua de morte. Estava claro que Morgan não tinha por ele nenhum sentimento, e muito menos ele por ela.

Capítulo 37

UM NOVO COMEÇO

Hospital Central de Washington, D.C. — Estados Unidos.

Uma hora depois...

Dario estava apreensivo com a demora dos médicos. Não tinha nenhuma notícia de Júlia e, conforme os minutos passavam, ele ficava agitado. Quando ela foi levada para a sala de cirurgia, todos tiveram trabalho em tirá-lo de perto dela. Ela estava consciente e com dores, o que não ajudou muito a tranquilizá-lo.

Max estava ao lado dele, na sala de espera. Quando o telefone tocou, ele atendeu e deu a notícia para Melanie, que não parou de chorar. Ela queria pegar o primeiro avião para Washington, mas ele a proibiu de sair da fazenda enquanto não tivesse resposta das autoridades sobre a prisão de Morgan. Com a falta do arquivo, Morgan poderia se safar fácil da cadeia com um bom advogado. Ele ainda precisava do arquivo para deixá-la definitivamente na cadeia. Foi, então, que ele lembrou-se do que Júlia lhe disse, ao segurar sua camisa.

Está debaixo da cama... Sempre esteve lá.

“Será?“, pensou.

— Vou buscar um café, você quer? — perguntou a Dario ainda com aquele pensamento pulsante em sua mente.

— Não — Dario respondeu.

Max se afastou.

Minutos depois, o médico se aproximou de Dario. Sua expressão não era das melhores.

— Como ela está, doutor? Posso vê-la?

O médico falou:

— Ela deu entrada com um forte sangramento. Quanto ao bebê, não tivemos como fazer nada. Eu lamento.

Dario não se surpreendeu pela notícia do filho, sabia que com as condições em que ela estava, o bebê não resistiria. Porém, mesmo assim, a dor foi incessante.

— E ela? Como ela está?

— O tiro foi no abdômen, mas não atingiu nenhum órgão vital. A paciente estava agitada, tivemos que colocá-la em coma induzido.

— O quê? Como assim, em coma? Ela vai sobreviver, não é? O que vocês fizeram com ela? — Dario avançou no médico e o segurou pela gola do jaleco totalmente desesperado.

— Acalme-se, senhor. Ela está apenas sedada. Foi preciso, pois estava muito agitada e preocupada com o bebê, estava fora de controle. Para a própria segurança da paciente, e para que nós pudéssemos realizar a cirurgia da extração da bala, tivemos que sedá-la.

— Eu quero vê-la — disse autoritário.

— A paciente está na Unidade de Terapia Intensiva, não pode receber visitas nesse momento.

Dario deu um sorriso, indignado.

— Uma merda que não pode. Eu vou entrar lá e ficar com ela até que saia desse hospital — disse entredentes.

— Ela está bem, Sr. Craig. Apenas precisa de descanso. Não vai acordar tão cedo. Os sedativos irão mantê-la desacordada por muito tempo. E, caso ela acorde agitada, teremos que sedá-la novamente.

Dario perdeu a paciência. Ele até que tentou manter a calma, mas estar longe dela, não poder tocá-la e nem dizer que ele estava ali para confortá-la e segurar suas mãos, beijá-la e dizer o quanto ela era importante para ele, estava deixando-o insano.

— Você não entende, eu preciso vê-la. Não importa que ela esteja dormindo, sedada ou de qualquer outro jeito. Ela é minha mulher e precisa de mim.

O médico o analisou de cima a baixo e arqueou a sobrancelha esquerda olhando fixamente para a sua cara de descontentamento.

— Apenas 15 minutos. Nada mais do que isso.

Dario cruzou os braços.

— Isso aqui não é uma negociação. Ficarei com ela até que abra os dois olhos e fale comigo.

— Isso não vai acontecer, Sr. Craig. Temos normas nesse hospital. Ela está na UTI. Quando ela acordar e o quadro dela estiver estável, será transferida para um dos quartos. Só então, poderá ficar com ela.

Dario encarou os olhos azuis cintilantes do médico.

— Está bem — disse contrariado e bufou frustrado. — Doutor, sobre o bebê, acha que ela pode... — Suas palavras ficaram no ar. A dúvida e o medo de saber que ela não poderia lhe dar mais filhos, martelou em sua mente.

— Se está me perguntando se a afetou fisicamente, não. Ela é jovem e totalmente saudável.

Poderá ter quantos filhos quiser. — O médico sorriu amigavelmente aliviando a tensão de Dario. — Agora vamos, vou levá-lo até ela.

Dario assentiu.

Cada passo dado no corredor imenso do hospital, acendia a expectativa nele do mesmo modo que o deixou temeroso. Ele não sabia se estava preparado para vê-la tão vulnerável.

Antes de passar pela porta da UTI, as enfermeiras pediram para que entrasse numa sala e colocasse um traje médico. Ele se trocou sem reclamar. Com calça, uma camisa azul, touca e uma máscara branca cobrindo seu nariz e boca, Dario entrou na sala. Ao encontrá-la deitada sobre a cama, ligada a vários aparelhos e com tubos de oxigênio, ela pareceu mais frágil, em uma versão contrária do que ele sempre via nela quando era saudável, com seus cabelos loiros espalhados pela cama, sua cor mais pálida do que o normal e os hematomas arroxeados em sua face... Ao vê-la, Dario se sentiu triste, impotente. Uma sensação de angústia e dor comprimiu seu peito fazendo com que sua respiração desacelerasse em instantes. Ele se viu sufocado pela imagem dela e desabou num choro contido, porém desesperador.

— Perdoe-me por não ter conseguido fazê-la mudar de ideia. Eu deveria ter sido mais enérgico ou, pelo menos, ter estado lá quando precisou de mim — sussurrou com as lágrimas rolando em seu rosto, segurando sua mão pálida e fria. — Eu sabia que isso não poderia acabar bem, mesmo assim não consegui impedir.

Dario sentou-se na beira da cama, e levou sua mão direita até o rosto delicado de Júlia. A acariciou suavemente, contornando todos os seus machucados. Seu olhar foi de encontro ao abdômen dela e, então, desceu sua mão até ali, repousando-a em seu ventre. Ele fechou os olhos e deixou toda sua emoção, medo e frustração fluir. Então chorou como uma criança limpando suas lágrimas com o dorso das mãos. Ele olhou o pequeno curativo feito em seu abdômen e sussurrou:

— Você não pode me deixar. Eu não serei capaz de seguir sem você. — Sua dor era intensa e perturbadora. — Eu preciso que seja forte, meu amor. Você me pediu para que não a deixasse morrer, mas só você que tem o controle disso. Então, por favor, se puder me escutar, apenas volte pra mim.

Dario se levantou e se colocou do lado da cama. Inclinou seu corpo até ela e depositou um beijo amoroso em sua testa. Quando se afastou, sua expressão estava mais suave.

— Eu amo você. — E saiu do quarto deixando-a sozinha. Mesmo distante, ele ainda podia ouvir o som dos bipes do aparelho ecoando no quarto. Na medida em que se afastava, a angústia voltou a preencher seu peito e a sensação de vazio o dominou. Ele não era nada sem ela.

Dois dias depois...

A poltrona já estava ficando desconfortável para Dario. Seu corpo estava dolorido e já não encontrava nenhuma posição que o deixasse confortável. Desde que chegara ao hospital, permaneceu ali, dia e noite, mesmo que não pudesse ficar ao lado dela. Max tentou fazê-lo sair e descansar em sua casa, mas Dario negou veementemente.

— Só sairei daqui com ela nos meus braços — disse para Max em uma das suas discussões mais acaloradas.

Ele estava irredutível.

Levantou-se da poltrona na sala de espera e caminhou pelos corredores em busca de notícias. Ele fazia isso quase que de hora em hora. Alguns funcionários do hospital se apiedaram dele devido ao estado lastimável em que se encontrava.

Ela ainda permanecia na UTI.

Uma hora depois, Dario já havia tomado seu café e feito suas higienes matinais no banheiro masculino do hospital, pois Max se encarregou de trazer alguns objetos pessoais e uma roupa para que ele pudesse se trocar. Quando terminou, ele esbarrou com os irmãos na sala de espera.

— Melanie? Ryan? — Dario olhou surpreso para eles. — O que fazem aqui?

— Não podíamos deixar de vir — Melanie disse e correu para abraçá-lo. Ela o abraçou forte e lhe deu um beijo no rosto.

— Eu sinto muito — ela disse.

Ryan se aproximou e se juntou num abraço de urso.

— Ela vai ficar bem, maninho. Ela é forte como você. — Ele sorriu para o irmão.

Os olhos de Dario brilhavam com as lágrimas que teimavam em cair. Ele se recompôs, e viu Max se aproximando de longe, a passos largos, com uma cara séria e sisuda.

Dario ficou paralisado em seu lugar, olhando para a expressão de Max.

Antes de se aproximar, Max colocou suas mãos no bolso da calça e olhou para todos.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa com a Júlia? — Dario perguntou apreensivo. Com seus batimentos cardíacos a mil, sua cabeça girando e seus pensamentos fervilhando, ele podia sentir seu coração pulsar em sua garganta. O silêncio de Max estava matando-o por dentro.

Todos voltaram a atenção para Max e Dario, frente a frente, olhando um para o outro, em uma tensão quase palpável.

— Fala logo! — Dario explodiu, trêmulo.

— Ela acordou! Os médicos disseram que daqui a pouco irão transferi-la para o quarto — Max respondeu mudando suas feições demonstrando alívio, mas ao mesmo tempo exalando felicidade, emocionado.

Dario não percebeu que havia prendido a respiração, até que abriu a boca e soltou um palavrão:

— Porra, Max! — Ele abraçou o cunhado, furioso. Com suas emoções misturadas, Dario não sabia se continuava abraçando-o, se o socava por ter quase lhe causado uma parada cardíaca ou se corria gritando pelos corredores do hospital. — Faça isso de novo e você será o único naquela cama de hospital — disse tentando conter seu choro e sorrindo feito criança.

No quarto, os enfermeiros transferiram Júlia da maca para a cama. Ela gemeu quando sentiu uma leve dor no abdômen.

— Ainda dói? — o médico perguntou olhando-a cauteloso.

— Um pouco. — Júlia estava abatida e triste. O gosto amargo dos remédios na boca, a deixou enjoada.

— Já está sem a sonda e vamos tirar a intravenosa. Incrível a sua recuperação. É uma mulher forte e sortuda — o médico disse com um sorriso acolhedor.

— Você não sabe de nada. Como diz que tenho sorte? — ela foi rude. Em seguida, desviou o olhar para um ponto fixo na parede. A única coisa em que pensava era em seu filho, em sua imprudência e irresponsabilidade. E também na voz de Dario martelando em sua mente fazendo com que ela desistisse de tudo por ele, pelo filho.

— Bom, mesmo com sua recuperação acelerada, não posso lhe dar alta. Ainda ficará no hospital, em observação, pelos próximos três dias.

Ela pareceu não ouvir ou apenas o ignorou. Ainda olhava fixamente para a parede com uma expressão séria e fria que deixou o médico preocupado.

— Vou pedir para a enfermeira vir ajudá-la a se limpar e, então, poderá receber visitas. Tem um marido muito ansioso que já brigou com a ala inteira por sua causa — ele riu, mas ela permaneceu quieta, indiferente a tudo o que dizia. O médico saiu do quarto, preocupado com o estado emocional da paciente.

Júlia desabou a chorar. Não parava de se culpar por ter perdido o filho que tanto desejara ter. Ela não iria conseguir olhar para Dario sem se lembrar de que ele lhe alertou para todos os perigos que enfrentaria. E, mesmo assim, ela resolveu ignorar, acreditando que nada aconteceria. Não iria aguentar toda vez que ele a olhasse culpando-a por tudo o que aconteceu.

— Bom dia! — uma enfermeira entrou no quarto. Ela era jovem e seus cabelos pretos estavam presos num rabo de cavalo.

Júlia sequer a olhou.

— Vim ajudá-la no banho.

— Não preciso de ajuda — disse secamente.

— Prefere que eu chame alguém da sua família? Você precisa tomar um banho. Vou apenas tirar o curativo para você se lavar e, então, farei outro. — A enfermeira sorriu.

— Já disse que não preciso de ajuda. Estou ótima e me viro sozinha — respondeu limpando suas lágrimas.

A enfermeira se aproximou e tentou levantá-la para levá-la até o banheiro.

— Você é surda? Não quero ajuda! — ela gritou exasperada deixando a enfermeira assustada.

Ela olhou para Júlia e, quando estava prestes a sair, a paciente continuou a gritar perdendo o controle: — Eu não quero ver ninguém! Ninguém, está ouvindo? Só quero que me deixem em paz!

A enfermeira saiu.

No corredor, o médico que havia conversado com a enfermeira logo após o descontrole de Júlia, explicava o quadro clínico da paciente para Dario e Max.

— Ela não está reagindo muito bem. Desde que demos a notícia do bebê, ela ficou desnorteada. Chorou e ficou repetindo que podia ter evitado isso. Acredito que ela se sente de alguma forma culpada. De resto, ela está bem. Está se recuperando mais rápido do que prevíamos.

— Quero vê-la.

— Não acho que seja o momento adequado, Sr. Craig. Ela deixou bem claro que não queria ver ninguém. Está agitada. Se continuar assim, teremos que aplicar um sedativo. Ela foi hostil com a enfermeira quando tentou ajudá-la. Aparentemente, a paciente está em estado de negação. Vou sugerir um acompanhamento psicológico. É comum esse tipo de reação após episódios traumáticos.

— Vou entrar mesmo assim — Dario disse autoritário.

Max se colocou diante dele, impedindo a sua passagem.

— Ela não quer ver ninguém, Dario. Isso inclui você. Eu sei que quer vê-la e eu também quero, mas precisamos dar esse tempo a ela.

— Não, não precisamos. O que ela precisa é de mim ao seu lado, dando o apoio que ela precisa. Ela está sofrendo tanto quanto eu. Não vou deixá-la aguentar isso sozinha.

O médico e Max se entreolharam.

— Tudo bem — o médico falou. — Mas se ela começar a ficar agitada, peço que se retire.

— Pode ter certeza de que irei mantê-la calma — ele disse com um brilho no olhar e um meio sorriso.

— Dario... — Max o alertou.

— Eu sei cuidar da minha mulher, Max. Vá cuidar da sua — disse e caminhou até o quarto de Júlia.

Em frente à porta, apreensivo, Dario suspirou fundo. Tentou manter a calma para não deixá-la irritada. Ele só queria estar ao lado dela, confortá-la e ver que estava bem. Que tudo ficaria bem outra vez. Ele girou a maçaneta e entrou.

Júlia estava sentada na cama, com as pernas pendentes para fora. Parecia que ensaiava sua descida. Ela olhou para Dario e desviou o olhar rapidamente, como se olhar para ele lhe causasse dor.

— Disse que não queria ver ninguém — sua voz falhou.

Dario caminhou até a cama, calado. Parou de frente para ela, entre suas pernas. Levou suas mãos até a lateral de seu rosto e fez com que ela o olhasse. Os olhos vermelhos e inexpressivos de Júlia cortaram seu coração. Ela estava sofrendo e ele odiava isso. Ela tentou desviar o olhar.

— Ei! Não faça isso, por favor. Não faça isso conosco — ele implorou.

Júlia voltou a olhar para ele.

— Deve estar me odiando — disse com a voz embargada pelo choro.

— Eu não odeio você. Como poderia? Eu te amo mais do que tudo nessa vida.

Ele continuou mantendo o olhar fixo nos dela.

— Eu arruinei tudo. Por minha causa, perdi nosso filho e...

— *Shhh!* — ele tentou calá-la com um beijo, mas ela se afastou.

— Eu deveria ter escutado você.

Dario sentiu a dor naquelas palavras.

— Sim, deveria. Não podemos mudar o que passou, meu amor. Mas podemos escrever nosso futuro juntos. Eu sei que nada que eu fizer ou disser, te fará se sentir melhor. Mas, acredite, se deixar esse sentimento consumir você, irá acabar conosco. É isso que quer?

— Não — respondeu com as lágrimas escorrendo pelo rosto. Porém, sua expressão ainda continuou fria e vazia.

Dario colocou a mão em seu queixo e ergueu o rosto dela.

— Olhe pra mim.

Ela olhou.

— Não sabe o quanto esperei para ouvir sua voz. Para ver você. Eu não durmo direito desde aquela noite, apenas preocupado com você. Não quero que coloque um muro entre nós, Júlia. Não vai adiantar. E se fizer isso, arrumarei uma forma de pulá-lo.

— Eu baguncei a sua vida. Entrei nela e só lhe causei problemas e dor.

— A minha vida já era uma bagunça sem você. — Ele sorriu. — Venha, vou ajudá-la a tomar um banho.

Dario a tirou da cama com cuidado, pegando-a no colo e caminhando com ela até o banheiro. Colocou-a no chão e começou a tirar sua roupa de hospital, enquanto Júlia apenas ficou parada, calada.

Assim que passou a roupa por sua cabeça, deixando-a nua, Dario pôde ver todos os hematomas que havia espalhados pelo seu corpo fragilizado. Ele levou a mão trêmula até o curativo em seu abdômen e o retirou com cuidado.

Ele olhou para a pequena sutura e suspirou pesadamente.

— Está doendo? — ele perguntou.

Júlia estava tentando se manter forte diante dele. Mas falhou miseravelmente. A dor a sufocou de tal forma que não pôde resistir. E não era somente a dor física. Por mais que alguns hematomas ainda doessem, a dor maior era a culpa que carregava em seu peito. Então, ela se curvou diante dele, abraçando-se a si mesma, e chorou.

Dario não tentou contê-la. Júlia precisava sentir a dor para que ela fosse embora. Só assim, passaria a aceitar. Ele a envolveu em seus braços e a abraçou.

— Eu estou aqui, meu amor. Vamos superar isso juntos — disse e a beijou.

— E então? Como ela está? — Max perguntou assim que Dario saiu do quarto.

— Está bem melhor. Ela tomou um banho e agora está dormindo. Deve ser efeito dos remédios.

— Vou entrar para vê-la.

Dario colocou a mão no peito de Max, impedindo-o que entrasse.

— O que foi?

— Quero que me leve até a casa do Carl.

— Como? — Max ficou confuso.

— Ela me perguntou se você havia encontrado o arquivo. Por Deus, Max. Não quero mais ela envolvida com isso. Acabou. Não vou permitir que ela volte a fazer o que fazia antes. Não mesmo. Quero pegar aquele maldito arquivo e entregar para as autoridades. Quero que a Morgan apodreça na cadeia pelo resto da vida.

— Não podemos voltar lá. A casa está lacrada para investigação.

— Daremos um jeito — Dario respondeu. — Vamos!

Dario e Max saíram do hospital sem que os outros vissem. Max achou loucura voltar àquela casa, mas Dario tinha razão. O arquivo precisava ser entregue às autoridades para que punissem os responsáveis e descobrissem quem mais estava por trás de toda a trama.

— Ela disse que estava debaixo da cama. Não entendi na hora, achei que estava delirando. Não é que ela foi esperta? — Max falou ao ver um dos assoalhos colados do lado errado assim que afastou a cama. — Trouxe a faca?

— Sim, aqui. — Dario retirou do bolso o pequeno canivete que achou na cozinha e deu para

Max. — Como ela teve tempo de colocar o arquivo aí dentro e ainda colar o assoalho? — perguntou vendo-o retirar o assoalho colado.

— Pelo visto ela teve pouco tempo. Tanto que colou errado. Está vendo? Esse lado mais escuro era na outra extremidade.

— Quase não dá para perceber. — Dario se agachou.

— Por isso não encontraram. — Max sorriu. — Ela devia manter isso como alguma espécie de esconderijo.

— Vou começar a olhar os de casa. Vai que ela anda escondendo algo por lá — Dario brincou.

— Veja! — Max sorriu ao conseguir retirar o piso de madeira revelando um pequeno buraco negro. Ele enfiou as mãos e tocou algo de metal. Ao puxar, olhou para a pistola prateada.

— Uma arma? — Dario ficou confuso. — Se ela tinha uma arma, por que não a usou?

— Talvez não tivesse tido tanto tempo assim. Jogou o arquivo e fechou. — Max continuou a vasculhar o pequeno buraco.

Lá de dentro, ele retirou uma foto. Eram de seus pais. Max olhou para a foto e sorriu, emocionado.

— Quem são?

— Nossos pais. Ela guardou a foto todos esses anos — disse surpreso olhando para a foto amarelada e gasta.

Com as mãos no pequeno buraco, Max tocou algo pequeno, que presumiu ser o *pen drive*. Ao puxá-lo, sorriu.

— Uma bala de revólver? Porra, Max, vamos pegar essa merda de arquivo e voltar para o hospital. Não quero ficar longe dela.

Max riu.

— Preste atenção, *cowboy*. Esse é o arquivo.

Dario ficou sem entender.

— Júlia adorava usar objetos disfarçados. Esse é o *pen drive* — falou partindo a bala ao meio, revelando a verdadeira forma do objeto.

— Vocês dois são malucos. Cansei de entendê-los. — Dario se levantou. — Agora que encontrou essa merda, vamos voltar.

— Quero ver o que tem nisso.

— Max, não!

— Será rápido. Precisamos apenas de um computador.

— Você precisa de um computador, eu preciso apenas da minha mulher. Agora, vamos cair fora

daqui.

— Não irá demorar muito.

Os dois caminharam até o escritório de Carl e procuraram pelo *notebook*. Assim que o encontraram, Max espetou o *pen drive* e abriu o arquivo. Como Carl havia dito, vários nomes de agentes secretos dispararam na tela do computador. Todas as informações secretas de cada um deles, inclusive, contas bancárias e vários comprovantes de transferências vindas da Rússia.

Enquanto a lista passava de forma rápida pela tela, Dario teve um vislumbre de um nome que lhe chamou a atenção: *Philip Stain*.

— Opa, espere! Volte um pouco — Dario falou, intrigado.

Max fez o que pediu.

— Philip Stain — Dario sussurrou.

— Você o conhece?

— Coincidentemente, alguns dias atrás estive olhando alguns documentos do meu pai. Entre os documentos havia um passaporte com esse mesmo nome.

Max o olhou, confuso.

— Acha que Philip é seu pai?

— Não duvido de mais nada. Uma mãe agente psicótica... Não duvido de que meu pai fosse igual.

— Vamos descobrir.

Max clicou em cima do nome *Philip* e uma caixa de texto apareceu na tela. A foto de John Craig, endereço, assim como todas as informações pessoais dele, estavam estampadas na tela.

— Acho que seu pai era um agente duplo. — Max suspirou.

— É o que parece. Meu DNA está impregnado de sangue ruim.

Max riu do comentário dele.

— Não conheci seu pai, mas posso ter certeza de que não é nada parecido com ele ou com Morgan. Você é um homem honesto. Um homem decente, Dario. Se não fosse, já o teria matado por se envolver com minha irmã.

Dario sorriu.

— Adoro essa sua sinceridade — disse, enquanto Max fechou o *notebook*.

— E eu essa sua grosseria — Max rebateu.

— Vamos. Já ficamos tempo demais aqui. Levaremos esse arquivo para as autoridades para que mantenham Morgan na cadeia para o resto da vida.

Três semanas depois...

Após a análise do conteúdo do arquivo, foi aberta uma investigação em toda a agência da CIA. Morgan ainda continuava presa, esperando o dia de seu julgamento. A notícia da morte de Carl e Kevin e a prisão da chefe da CIA, foram abafadas pela imprensa e corriam em segredo. Max recebeu a proposta para continuar na agência, mais precisamente no lugar de Morgan, até que nomeassem outro chefe. Mas ele declinou a oferta.

Júlia continuava depressiva. Dario estava tentando de todas as formas fazer com que ela aceitasse a perda do filho, porém, a cada dia, a situação ficava insustentável.

— Onde ela está? — Dario perguntou assim que entrou em casa, após um dia duro de trabalho. Ryan estava sentado no sofá ao lado de Paige.

— No quarto. A Vera disse que ela não desceu o dia todo. Ela levou o almoço e um lanche para ela no quarto, mas... Júlia não quis comer.

Dario passou por eles e subiu as escadas. Seus passos firmes e sua expressão descontente, deixaram Ryan alarmado. Há dias Dario e Júlia vinham se desentendendo, ou seja, desde que Júlia se recusou a seguir o tratamento com o psicólogo, após suas duas primeiras sessões.

Ele abriu a porta do quarto e a viu deitada, com os olhos pregados na tevê.

— Já chega! — Dario esbravejou. Olhou ao redor e observou a bagunça que estava. Desligou a tevê fazendo com que ela voltasse sua atenção para ele. — Já chega, Júlia. Sabe que não posso te ajudar, se você não cooperar. Já faz quase um mês. *Um mês!* Você precisa sair dessa.

Júlia ficou calada.

— Eu respeitei seu luto até aqui, mas a vida segue. Você precisa entender que não pode mudar o que passou. Meu Deus! Não vê que isso está acabando conosco? Você não fala comigo, não fala com ninguém, recusou todas as ajudas profissionais e só fica aí, se lamentando, como se isso fosse fazer alguma diferença — disse furioso.

Ela não conseguiu fitá-lo nos olhos.

— Você mudou. Não é mais aquela mulher forte que cruzou minhas terras e se instalou aqui, toda segura de si.

— Talvez eu devesse ter morrido também — ela disse triste, ainda sem olhá-lo. Não conseguia suportar a angústia e a dor que havia se instalado dentro de si.

Dario se aproximou da cama e se sentou ao lado dela, perplexo.

— Você tem noção do que acabou de falar? Da besteira que acabou de me dizer? Olhe para mim, Júlia, quando eu estiver falando com você.

Ela olhou para ele, mas não conseguiu sustentar o olhar sem desabar no choro.

Ele se aproximou e tocou suas mãos.

— Querida, eu também sinto muito pelo que aconteceu. Também lamento e sofro com tudo isso. Só que nós precisamos um do outro, entendeu? Nunca mais diga uma besteira dessa. Se você tivesse morrido naquele dia, eu teria ido junto. Eu sei que nenhum filho que tenhamos no futuro irá compensar esse que perdemos, mas você precisa sair dessa, por mim, por nós. Por favor! — ele implorou.

Ela se afastou de seu toque e se levantou da cama bruscamente. De pijamas, andou de um lado para o outro do quarto, chorando.

— Você não entende — ela disse exasperada.

Dario foi até ela e a tomou em seus braços, tentando acalmá-la.

— Eu entendo perfeitamente. Porém, se continuar desse jeito, se não me deixar te ajudar a superar isso, a dor só ficará pior. Temos uma vida pela frente, Júlia, a qual não quero desperdiçá-la com arrependimentos e lamúrias. Quero ter uma vida com você. Uma família. Te fazer feliz. Sermos felizes. Isso não vai acontecer se você se fechar e não sair dessa depressão.

— Eu sei. Mas é que...

— Não coloque barreiras, por favor. Eu sempre estarei aqui pra você. Não vou dizer que será fácil, mas eu estou aqui pra te ajudar a superar isso. — Dario a abraçou ainda mais forte, consolando-a. — Prometa para mim que vai sair dessa.

— Eu vou — sussurrou.

Dario tocou seu rosto e a beijou. Foi um beijo doce e terno. Quando se afastou, ele disse:

— Agora você vai tomar um banho, colocar uma roupa e descer. O primeiro passo será sair desse quarto.

— Quero ficar aqui.

— Você prometeu...

— Mas...

— A não ser que queira que eu inclua mais isso na minha lista, você vai tomar um banho e descer para jantar comigo.

— Ainda está fazendo uma lista? — Ela arqueou a sobrancelha.

— E posso te garantir que ela está bem extensa.

Ela deu um sorriso fraco, mas que acendeu as esperanças de Dario. Há dias que ela não sorria.

— Tudo bem — ela disse.

— Ainda estou esperando sua resposta para o meu pedido. — Ele a fitou nos olhos, ansioso.

Ela se desvencilhou dele, deu as costas e caminhou até a porta do banheiro. Se encostou no

batente, virou-se para ele e respondeu:

— E eu ainda estou esperando por um pedido romântico.

Dario tirou a camisa e jogou na cama. Ela deslizou o olhar até seu peitoral fazendo-o sorrir com seu olhar luxurioso.

— Sabe que não levo jeito com essas coisas. Não sou nada romântico.

— Você é. Apenas não descobriu ainda.

Dario a olhou entrando no banheiro e fechando a porta, deixando-o ali no quarto, parado com seus pensamentos.

Júlia o perturbava de mil maneiras possíveis e impossíveis.

Capítulo 38

PARA TODA A ETERNIDADE

Oito meses depois...

— Você não parece nervosa — Melanie falou para Júlia, erguendo o zíper traseiro do seu vestido de noiva.

— Não estou. — Ela sorriu.

— Pois o Dario está andando de um lado para o outro lá embaixo. Parece um animal selvagem encurralado. — Paige riu.

— Deve ser normal os noivos ficarem apreensivos, não? Lembro exatamente como Max estava quando se casaram há cinco meses — Júlia falou.

— É. Ele estava uma pilha de nervos — Melanie concordou.

Paige se aproximou, colocando o arco de pedrarias no cabelo de Júlia, e começou a fazer um lindo penteado com arranjo de flores.

— Dario disse onde te levaria para passar a lua de mel? — Paige perguntou, curiosa.

— Alasca — ela respondeu normalmente.

— Como assim, Alasca? Uau! Vocês são loucos? — Melanie riu.

— Eu pedi para ele ser romântico. Então, ele comprou as passagens e reservou um hotel no Alasca. Disse que desse jeito, eu ficaria grudada nele 24 horas por causa do frio, e que não existia nada mais romântico do que isso. — Júlia riu lembrando-se das palavras dele.

— Cara, vocês dois são doidos.

— E então? Como estou? — Júlia se virou alisando o vestido. Era simples, singelo, mas que lhe caiu perfeitamente bem. Melanie havia feito uma maquiagem leve, apenas realçando ainda mais sua beleza natural.

— Está perfeita! — Paige sussurrou.

— Ótimo. Me passa as botas. — Júlia apontou para o par de botas caramelo de cano alto.

— Espere! Vai se casar de botas? Está brincando?

— Não! Estamos no Texas, querida — Júlia sorriu, divertida.

— Meu Deus! Minha cunhada não tem nenhum senso de moda — Melanie disse pasma.

— Relaxa! Ninguém vai olhar para os meus pés. — Júlia deu uma piscadela.

No andar de baixo, Max, Ryan e Johnny tentavam conter a ansiedade de Dario. Vestido num terno azul-marinho, elegante, uma camisa branca e uma gravata prateada que contrastava com o azul de seus olhos, Dario caminhava de um lado para o outro, nervoso.

— Precisa se acalmar, irmão. Veja, o chão já está gasto dos seus passos — Ryan falou.

— Ela está demorando demais — Dario bufou, impaciente, passando as mãos pelos cabelos loiros.

— Você deveria estar indo para a igreja — Johnny disse se aproximando dele e tocou seu ombro. — Não deve ver a noiva antes da hora.

— Que baboseira! A vejo todo santo dia. Se esqueceu de que moramos juntos? Que compartilhamos a mesma cama?

— Você entendeu, Dario. Recuso-me a acreditar que é tão burro! — Max riu.

— Olha só. O cara que entrou no quarto da minha irmã vestida de noiva só para dizer que a amava. E estão casados, não é? Só saio daqui com ela.

— Mas foi um pedido da Júlia. Ela não quer ser vista por você. Nós garantimos que você estaria na igreja — Ryan disse, já impaciente com os chiliques de Dario.

— Está certo — concordou. — Max, eu juro que se você deixar alguma coisa acontecer com ela no caminho, eu te mato — Dario o olhou fixamente nos olhos, apontando seu dedo indicador para ele.

— O que acha que pode acontecer? Ela acordar do transe e descobrir que você é um mané? — Max riu. — Até que seria divertido, tipo aquele filme da Julia Roberts, *Noiva em fuga*, não é? — gargalhou.

Dario olhou feio para ele.

— Sem piadinhas agora, Max. Dario não está em seu estado normal — Ryan o alertou.

— Sério? E quando é mesmo que ele está em seu estado normal? Só para eu saber. — Deu de ombros e continuou a rir.

— Vamos, Ryan, antes que minha mulher tenha que entrar amparando esse aí com as pernas quebradas. — Dario lançou um olhar furioso a ele.

Ryan e Johnny caminharam ao lado do irmão, alegres, a caminho da pequena capela que havia ali pelas redondezas. Uma das condições para que o casamento acontecesse, pedido por Júlia, era que o ele fosse realizado em uma igreja, para que eles recebessem a bênção. Dario não hesitou em concordar, porque para ele, um pedido de Júlia, era uma ordem. Ele estava feliz que finalmente as coisas entraram nos eixos. Júlia não estava mais depressiva, e suas vidas voltaram ao normal na medida do possível. Ela ainda se lembrava, chorava, mas encontrou em Dario, seu porto seguro, a esperança de um novo começo.

— Ai, acabei esquecendo as alianças no escritório. Vocês dois podem ir na frente. Levem a Paige, a Kristen e o Denny — Dario falou.

— Mas, e você? — Johnny perguntou.

— Eu vou com a minha caminhonete. Podem ficar tranquilos.

— Está certo, não demore. — Ryan acenou para ele e, então, se afastaram.

Dario deu um sorriso ardeiro e mordeu o lábio inferior. Estava com aquela cara de quem ia aprontar. Caminhou até o estacionamento e pegou a moto de Johnny para ir até o *haras*. Quando chegou, estacionou a moto e correu para o estábulo. Havia alguém muito importante para ele que não poderia ficar de fora do dia mais feliz de sua vida: Thor. Ele abriu a baia e entrou para acariciar seu amigo.

— Olá, amigão! Achou que eu me esqueceria de você? — Ele sorriu. — Vamos, não iria te deixar de fora dessa. Só peço que se comporte, certo?

Dario conversava com Thor como se ele entendesse alguma coisa, porque, em sua mente, ele acreditava nisso. Ele achava que Thor tinha o poder de entendê-lo, pois, em todos os momentos de sua vida, quando estava triste ou alegre, era como se Thor o entendesse e absorvesse suas emoções. O comportamento de um refletia no outro.

Dario selou Thor e o retirou do estábulo. Em seguida, montou em seu cavalo selvagem e disse:

— Vamos lá, amigão. — Abriu um enorme sorriso, mesmo sentindo-se desconfortável em seu terno, e cavalgou por suas terras, rumo à sua felicidade.

Não havia muitos convidados na pequena capela singela. No altar, o padre olhava para todos que estavam sentados nos bancos de madeira. Um enorme tapete vermelho se estendia do altar até a porta de entrada. A igreja fora decorada por Melanie e Paige com flores brancas e luminárias de velas. Todos ainda estavam esperando pelo noivo e pela noiva.

— Não devíamos ter deixado o Dario sozinho, sabe disso, não é? — Johnny estava preocupado com a demora do irmão. Temia que Júlia pudesse chegar antes dele.

— O que o Dario tem na cabeça? Juro que já desisti de entendê-lo — Ryan falou, apreensivo.

No altar, ao lado de Kristen, Paige e Johnny, Ryan estava inquieto. Seu nervosismo aumentou, quando viu que Max havia acabado de estacionar o carro com Júlia.

Ryan saiu do altar, esbanjando sorrisos para os convidados ali presentes. Sem deixar transparecer seu nervosismo, caminhou para fora da igreja, e foi até o carro avisar que Júlia não entrasse.

— Dario ainda não chegou — disse debruçado na porta do carro.

— Como assim? Ele não veio com vocês? — Júlia franziu o cenho, preocupada.

— Não. Ele disse que havia esquecido as alianças no escritório do *haras* e foi buscar.

Max fechou a cara.

— Ele mentiu. Eu mesmo dei a aliança nas mãos dele quando o vi na sala.

— Então, por que ele diria isso se... — Júlia começou a falar, mas foi interrompida pelo palavrão de Max.

— Filho da puta! — Max arregalou os olhos quando viu Dario se aproximar tranquilamente em cima de seu cavalo.

Júlia teve um ataque de riso.

— Acha isso engraçado? — Max perguntou furioso.

— Eu não digo mais nada. Vou entrar — Ryan falou com o semblante sério.

— Eu sempre achei que ele era maluco, mas agora ele passou dos limites.

— Ele só está tentando fazer algo romântico, Max. Ele está se esforçando. — Júlia continuou a rir.

— Depois daquele pedido de casamento desastroso, é melhor parar de pedir para ele tentar ser romântico. É sério. Dario é Dario. A palavra *romântico* não combina muito bem com ele.

— Dario é selvagem. E se quer saber, ele não poderia ter feito coisa melhor. — Ela sorriu com ternura.

Max revirou os olhos. Viu Dario amarrar Thor na pilastra do lado de fora da igreja, e entrar.

— Vamos. Vou ajudá-la a descer.

Assim que Max abriu a porta e pegou nas mãos de Júlia, guiando-a para fora do carro, olhou em seus pés e viu as botas.

— Dá para entender o porquê vocês se dão tão bem — bufou. — Mamãe odiaria essas botas, não combina com seu vestido.

— Mas combina comigo e com ele. Não seja tão intransigente.

Max sorriu.

— Será sempre assim?

— Sempre assim o quê?

— Seus olhos sempre brilham quando o vê ou quando fala dele.

— Será sempre assim, Max.

— Então, acho que posso aturá-lo para o resto da vida, já que ele te faz realmente feliz. — Ele riu oferecendo os braços para que ela se apoiasse nele.

— Acho que de alguma forma, vocês dois se amam. — Ela riu.

— É, talvez — Max falou e a guiou para dentro da igreja.

Posicionada ao lado de Max, caminhando até o altar lentamente, Júlia sorria na medida em que se aproximava de Dario. Ela olhou para os lados, emocionada, cumprimentando a todos com um aceno delicado. E, quando chegou até ele, Max depositou um beijo em sua testa e sussurrou em seu ouvido:

— Seja feliz!

Ela sorriu.

Dario pegou nas mãos dela delicadamente e a levou até seus lábios para beijá-la. Ele deu um beijo doce e sorriu.

Nenhum dos dois havia preparado seus votos. Júlia até havia escrito, como mandava a tradição, mas Dario ficou mais de uma semana para conseguir escrever uma linha. Ela, então, disse a ele que não era necessário colocar seus sentimentos num papel, pois suas ações e seu olhar transmitiam todo o seu amor por ela, e era isso que realmente importava.

“As palavras se perdem com o tempo... Mas o jeito que você cuidou de mim, que estive ao meu lado mesmo quando eu estava errada, quando me apoiou, quando me tirou do abismo e me trouxe de volta à vida, por sua paciência e tolerância, por me amar acima de tudo com tanta intensidade. Pra mim, suas ações são para toda a eternidade”, Dario lembrou as palavras de Júlia.

Após serem declarados como marido e mulher, Dario e Júlia mostraram a todos o seu amor, com um beijo mais do que apaixonado. Era um beijo quente, possessivo e cheio de promessas. Eles cumprimentaram os padrinhos, Ryan, Paige, Johnny, Kristen, Melanie e Max. E, logo após, saíram sorrindo de mãos dadas. Do lado de fora, os convidados aplaudiram e jogaram arroz no casal enquanto eles caminhavam até Thor. Dario pegou nas mãos de Júlia, os dois ao lado do cavalo, e então, ele falou:

— Você queria um casamento romântico. Acho que um marido montado num cavalo, cavalgando de volta para casa com sua esposa, deve parecer romântico pra você. — Ele riu.

Ela gargalhou.

— Seria se o cavalo fosse branco — disse divertida.

— Não sou um príncipe comum — ele brincou.

— E é por isso que eu amo você — ela disse e o beijou.

Dario segurou na cintura dela, assistido por todos. Ele a ergueu e a colocou sobre o cavalo e, em seguida, também montou em Thor, atrás dela. Ele levou as mãos até a barra do vestido de Júlia e o ergueu, revelando sua bota.

Dario deu um sorriso de satisfação e falou:

— E você, não está usando saltos de noiva.

— É. Não sou uma noiva comum. — Deu de ombros arrancando risos dele.

— E é por isso que eu também amo você — ele disse, beijando-a nos lábios e, então, saiu cavalcando acenando para todos que ficaram para trás, com um lindo sorriso no rosto. Dario estava feliz, e a julgar pela expressão de Júlia, ele havia atingido seu objetivo: ser um homem romântico, mesmo que à sua maneira *Dario* de ser.

Dario desceu do cavalo assim que chegou no lago. Ele estendeu a mão para Júlia e a ajudou saltar do Thor. Ele pegou na mão dela e caminhou mais próximo da beira do lago. A tarde estava incrivelmente bela. Os sons dos pássaros cantando, ecoavam no céu, fazendo uma linda sinfonia. A leve brisa tocando seus rostos, o cheiro dos arbustos... Júlia ficou confusa por estarem ali. Sabia que era um lugar especial, onde Dario sempre vinha quando se sentia triste, ou precisava pensar, além disso, havia muitas lembranças dele e de Georgina.

— O que estamos fazendo aqui? — ela perguntou num sussurro.

Ele não respondeu de imediato. Olhou para ela e continuou a caminhar.

Ao chegar na beira do lago, Dario olhou para ela, tocando em seu rosto e falou encarando-a nos olhos:

— Esse será o nosso lar.

Júlia franziu o cenho e, em seguida, riu.

— Olha, eu sempre soube que era “meio” selvagem, mas vivermos nus, tomarmos banho pelados no lago e dormirmos sobre a grama, ao relento, não é muito a nossa praia. — Ela sorriu, divertida.

— Mandei construir nosso lar na beira do lago. Vou construir uma casa aqui, para nós e nossos filhos.

Júlia o olhou, intrigada.

— Por quê? Por que aqui, Dario?

Ele suspirou fundo.

— Achei que tivesse se esquecido dela — ela falou mudando o semblante.

— Ei! — ele falou. — Olhe pra mim. Não acredito que pensou nisso.

— Era o lugar que você vinha com ela.

— Não. Era o lugar que eu vinha para tentar curar minhas tristezas. Ela foi apenas um efeito colateral.

— Então, por quê?

— Porque não vou precisar mais dele para recorrer quando estiver triste. Não sinto-me triste ao seu lado. Quero transformar esse lugar, num lugar só nosso. Não terá espaço para tristeza em nossa vida, Júlia. Eu vou fazê-la feliz e você já me faz feliz. Quero transformar isso aqui em nosso lar. Esse lugar me acalma, e é isso que eu sinto quando estou com você. Sinto-me calmo. Completo. Realizado. Quero que nossos filhos sintam a mesma coisa estando aqui, conosco. Quero poder olhar para esse lugar, no futuro, e lembrar das coisas boas que vamos viver juntos, como uma família. E, além disso, não quero dividir meu espaço com mais ninguém, além de você e nossos filhos quando vierem. — Ele sorriu.

Júlia se soltou de suas mãos e deu as costas para ele, pensando em tudo que acabara de ouvir. Ela também adorava aquele lago. Transmitia paz e tranquilidade a ela. E entendeu o porquê de Dario ter escolhido aquele lugar para ser o “lugar deles”. Ele apenas queria se livrar de todas as memórias ruins, e reescrevê-las de uma outra perspectiva.

— Tudo bem! — ela falou inspirando todo o ar de seus pulmões e se virou para ele. — Será o nosso lar. — Sorriu.

Dario a abraçou, enlaçando os braços por sua cintura e a beijou, no pescoço.

— Não vou ficar triste se não quiser.

— Uma casa no lado, crianças rindo, gritando, correndo por essas gramas, banhando-se na água, ouvindo o som dos pássaros e subindo nas árvores... — ela riu. — Isso é um sonho. — suspirou.

Dario afastou os cabelos loiros dela de lado e beijou seu pescoço, sussurrando em seu ouvido:

— Não é um sonho, amor. É nosso futuro.

Eles ficaram ali por mais alguns minutos antes de se dirigirem para a mansão, para a pequena festa íntima de casamento.

Horas depois...

— Eu sei que a festa está boa, mas agora eu e minha querida esposa, precisamos ir. Temos uma viagem marcada ao Alasca — Dario riu, abraçando Júlia. Toda a família ali reunida, dividia a alegria daquele momento tão importante.

— E isso foi a viagem mais romântica que ele conseguiu. Deveria ter escolhido Veneza! — Ryan gritou, sobrepujando sua voz entre os risos de todos.

— Dario vai ver o quão romântico o Alasca é, se pelo menos conseguir tirar os dez quilos de roupa para ter a noite de núpcias! — Johnny riu bebericando seu uísque.

— Eu teria escolhido Paris! — Paige riu, alegre.

— Vocês falam de mim? Por que não riram do Max? Levou nossa irmã para o Panamá — Dario

disse, se divertindo.

— Panamá é legal — Melanie disse em defesa de Max.

Max apenas gargalhou.

— Alasca, Dario? Você pegou pesado! Queria ser uma mosca para ver esse peão suado virando picolé naquele frio do cacete! — Max gargalhou. — Também, o que se esperar da lua de mel, depois daquele pedido de casamento desastroso?

— Max! Não enche. — Júlia riu.

— Ainda consigo ver a cena em que entrei no quarto e as cortinas estavam pegando fogo. — Max gargalhou. Ele não conseguia apagar aquele dia da memória.

Todos riram.

— Eu sei que sou um pouco sem jeito para essas coisas... — Dario disse tentando se defender.

— Um pouco? Você quase colocou fogo no quarto com todas aquelas velas. — Max não aguentou. Ele ria tanto que começou a ter dores no abdômen.

— Rá, rá, rá, engraçadinho! — Dario se irritou. Estava envergonhado.

— Pelo menos, ele tentou — Júlia falou, abraçando seu marido. — E ele escreveu “*Quer se casar comigo?*” com pétalas brancas em cima do lençol vermelho, na cama. Foi lindo!

Dario sorriu, envergonhado. Seu pedido de casamento ficará para sempre em sua memória.

— Pena que o fogo impediu vocês de terem uma noite quente — Max não cessou com as brincadeiras. — Bom, minto, vocês tiveram uma noite quente — gargalhou. — Em chamas, eu diria.

— Ah! Chega! — Dario esbravejou. — Vamos, querida. Senão vamos perder nossa viagem. Estou louco para estar lá com você, te abraçando e contemplando a aurora boreal.

Dario fez todos rirem, inclusive Júlia.

— Aurora boreal? Sério? — Max gargalhou. — Esse *cowboy* tá ficando frouxo mesmo.

— Pôr do sol é para os fracos, amigo — Dario disse rindo, pois sabia que todo aquele cenário em nada combinava com ele. Porém, ele iria se divertir e tornar o momento o mais romântico possível e inesquecível para Júlia. Ele queria que ela tivesse a lua de mel dos seus sonhos.

Capítulo 39

NO CALOR DO AMOR

Após um pouco mais de dez horas de viagem, Dario e Júlia chegaram ao Alasca e se hospedaram no *Alyeska Resort*, Girdwood, em Anchorage, no sul do Alasca. Eles chegaram após as sete da manhã, onde ainda esperavam o sol raiar. A temperatura marcava - 6 °C, e Júlia ficou aliviada por ter se agasalhado de forma adequada e agradeceu que não era inverno.

No quarto, Júlia caminhou até a enorme janela de madeira escura, que ficava de ponta a ponta na parede e olhou para fora. A vista era tão bonita, que ela sugou todo o ar enchendo os pulmões e os aliviou, num sussurro:

— Uau! — Sorriu.

Dario havia guardado as malas no enorme *closet* e caminhou até ela, enlaçando-a com seus braços fortes.

— O sol está se levantando — ele disse, com um brilho no olhar.

— Sim. Já são quase oito da manhã. Apesar de estar morta de frio — Ela riu. —, estou ansiosa para explorar o lugar. Olha como é lindo!

— Terá bastante tempo para explorar. Ouvi dizer que o sol só se põe por volta das 21h.

Júlia olhava atentamente o lugar de sua janela. A vista era sensacional. Dario não podia ter escolhido um local melhor. Ela conseguia ver as montanhas, longe dali. Com o sol já despontando, a claridade lhe permitia ver uma parte da montanha ainda coberta por gelo. Ela olhou ao redor do *resort*, onde sua visão conseguia explorar e observou os pinheiros que se erguiam do solo, envoltos a flocos de neve, como cristais de gelo.

— Está cansada? Se quiser, podemos tomar um banho e descansarmos um pouco.

— Não. Eu estou bem. Apenas faminta. — Ela virou-se para ele. — Quero ir até a estação de esqui.

— Nós iremos. — Ele a beijou. Dario se afastou e caminhou até a cama. Deitou sobre ela e esticou a mão até um criado-mudo para pegar um folheto.

— O que é isso? — Ela ficou curiosa.

— Horários de todas as programações do hotel. Aqui diz que há helicópteros que nos levam até o *Campo de Gelo*, em Juneau.

— Isso é legal — ela falou mostrando interesse.

— SÉrio? Ver um monte de gelo? — Ele riu.

— Viemos ao Alasca, querido. Queria ver o quê? Embora nem estamos no inverno, o jardim aqui mesmo do hotel está quase verde.

Ele riu.

— Bom, pensaremos nisso depois. Agora — ele disse puxando-a, fazendo com que ela ficasse sobre ele. — quero curtir minha esposa. — E a beijou com ternura. O beijo foi se intensificando e o calor subiu em seus corpos.

— Você está com muita roupa, *cowboy* — ela brincou.

— Pois é. — Ele riu. — Acho que precisamos nos livrar delas.

— Eu estou com muita fome para exercer qualquer atividade física no momento — ela brincou.

— Ah, é? Então vamos alimentá-la. — Os dois rolaram na enorme cama *king size*, se divertindo com tudo aquilo.

— Esse quarto é lindo — ela falou saindo de cima dele. — A decoração é rústica, parece que estou em casa.

Dario observou o lugar com mais atenção.

— É verdade. Não havia reparado. Só não tem lareira.

— O quarto tem um aquecedor.

— Hum. Fico mais tranquilo em saber que não virarei picolé na madrugada. Nunca durmo vestido, você sabe disso.

Ela riu.

— Para tudo se tem uma primeira vez, amor.

Após tomarem o café da manhã, os dois voltaram para o quarto descansar da longa viagem. Júlia foi a primeira a pegar no sono, já Dario, acostumado a acordar cedo, demorou para conseguir dormir. Após muita insistência, ele cochilou.

— Acorda, dorminhoca! Pensei em ter ouvido que gostaria de conhecer a estação de esqui — ele falava com ela, trocando de roupa. Havia tomado um banho para relaxar.

Júlia se espreguiçou e resmungou, estava cansada.

— Vamos! Temos muito o que fazer.

— Já estou levantando.

— Eu não pude esperar você para tomar um banho, então... terá que ir sem mim.

— Nem morta. Está frio — ela riu colocando o travesseiro sobre a cabeça para se proteger da

clareza.

— Anda, Júlia. Não veio aqui para dormir. — Ele a puxou pelas pernas.

— Tudo bem, tudo bem. — Ela riu.

Ela se levantou, tomou um banho rápido e se trocou.

Quando apareceu no quarto, estava de calça rosa térmica, tênis e um casaco por cima de duas blusas.

— Coloque a touca. Não quero que fique doente.

— Você está engraçado com essas roupas. — Ela riu apontando para ele.

Dario estava de calça preta impermeável, tênis e um casaco azul. Nas mãos, luvas; e na cabeça, uma touca preta.

— Podemos ir?

— Sim. — Ela sorriu. — Vamos explorar! — gritou contente tirando risos de Dario.

Eles passaram o resto da tarde na estação de esqui. Havia parado apenas para lanchar. Júlia ria de um Dario desajeitado, tentando sem sucesso descer pela neve em seu *snowboard*. Júlia, por outro lado, esbanjou sabedoria. Já havia praticado algumas vezes com Max, em algumas viagens que fizeram juntos para Chamonix, na França. Após algumas horas de tentativas frustradas e quedas bruscas, Dario desistiu. Para ele, era mais fácil montar num touro por oito segundos, do que se manter equilibrado na prancha.

O lugar era exatamente como eles imaginavam: extremamente fascinante. Do teleférico, eles puderam contemplar ainda mais a beleza que os rodeava. Apesar do sol, a temperatura máxima estava beirando 3 °C. O ponto alto do dia foi quando o teleférico avançou para o topo da estação e ficou acima das nuvens. Júlia sorriu maravilhada, abraçada a Dario.

— Nossa! É tudo tão lindo. — Os olhos dela brilhavam. Ele sorriu ao vê-la tão feliz e ao mesmo tempo se divertindo tanto.

— Sim. Lindo.

Quando resolveram voltar para o hotel, o sol estava se pondo. Dario olhou no relógio de pulso e constatou que já passava das 20h40.

A temperatura caiu ainda mais. O frio e o clima seco, estavam causando rachaduras finas nos lábios de Júlia. Ela passava a língua sobre eles para mantê-los molhados.

— Estava pensando em irmos para o Campo de Gelo amanhã. O que acha? — ele perguntou guardando os equipamentos na estação.

— Uma boa ideia. Precisamos nos informar de como fazer a reserva do passeio.

— Pode deixar comigo. Com fome?

— Muita. E você?

— Também. Espero poder saciá-la ainda hoje. — Ele a puxou para ele e a beijou. — Seu nariz está gelado.

— Acho que meus dedos também. Eles estão duros. — Ela riu.

— Os meus não, mas há outra parte em meu corpo que está começando a ficar. — Ele riu puxando-a ainda mais para si, imprensando-a em seu corpo para que ela sentisse sua ereção.

— Tarado! — Ela riu, se afastando.

— Não pode me condenar. Você fica *sexy* até coberta com esse monte de roupa. — Ele sorriu.

Dario e Júlia seguiram de volta para o hotel. Passaram pelo *lobby* aconchegante e se encaminharam para o quarto, no último andar.

Pouco tempo depois, eles receberam a visita de um dos funcionários. O rapaz alto e moreno entregou um cartão para Dario, que agradeceu e fechou a porta. Ele abriu o cartão e leu rapidamente o conteúdo.

— Veja, acho que ganhamos um jantar de cortesia — disse para Júlia, sentada na cama falando com Max ao telefone, porque ainda não tinham avisado que estavam bem.

Júlia acenou para ele e sorriu quando desligou o celular.

— Hum, o que está escrito?

— É uma cortesia do hotel. Para os recém-casados. — Ele sorriu.

— Então, vamos aproveitar. — Ela se jogou nos braços dele.

— Vamos.

Júlia se divertiu no restaurante. O cardápio era composto por salmão recheado com King Crab.

O garçom se aproximou trazendo dois coquetéis de Blood Mary.

— Cortesia do hotel — disse elegantemente. — Feito com a legítima vodca de salmão.

— Obrigada. — Júlia sorriu para ele. Ela pegou o copo e provou. — Gostoso.

— Não vou beber esse negócio. Prefiro cerveja ou uísque. — Dario torceu o nariz para a bebida. — Além disso, isso me faz lembrar daquela lenda, conhece?

— Que lenda? — Ela sorriu. — Da mulher do espelho?

— Essa mesmo.

— Não sabia que era supersticioso.

— Não sou.

— Sei.

— Verdade.

Julia riu, olhando ao redor do restaurante, onde várias pessoas jantavam. Todos eram refletidos pelos espelhos nas paredes.

— Então, se eu o chamar na frente do espelho por três vezes, não ficará com medo?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Não.

— Eu tenho. — Ela deu de ombros.

— Nenhuma alma do além virá para te tirar de mim, querida. — Ele riu, divertido. — Você casou com um homem de verdade. — E piscou.

Júlia riu. Dario estava totalmente à vontade e se divertindo como nunca.

Ao terminarem o jantar, perto das 22h, voltaram para o quarto.

— Eu queria ter feito amor com você vestida de noiva. Estava tão *sexy* naquele vestido — ele sussurrou em seu ouvido e afagou seus cabelos.

— Você também estava lindo de terno.

Dario começou a tirar o casaco de Júlia. Ela o olhou, enquanto ele a despia lentamente.

— Quero-a nua dormindo ao meu lado.

— Quer que eu tenha uma hipotermia? — Sorriu divertida deixando-o retirar sua roupa.

— Comigo ao seu lado? Será mais fácil você suar a noite toda. Meu corpo emana calor, meu amor. — Ele a beijou. — Sou um homem quente. — Deu um sorriso malicioso.

—E como... — disse passando as mãos pelo peitoral desnudo de seu marido.

— Você o guardou? — Dario perguntou num sussurro, passando a língua pelo lóbulo de sua orelha.

Um arrepio percorreu o corpo de Júlia.

— Guardei o quê? — Sua voz saiu confusa e pesada por sua excitação.

— O vestido.

— O que tem o vestido?

Dario terminou de retirar a última blusa que havia por baixo daquela montoeira de roupa, revelando o sutiã branco de sua esposa.

— Você o guardou? Porque eu quero que você o coloque quando estivermos em casa. Quero foder você com ele e, então, tirá-lo e fazermos amor — sussurrou pausadamente em seu ouvido deixando-a ainda mais excitada.

— Isso me parece uma fantasia — disse enquanto sentia a língua dele percorrer sua clavícula e

a morder de leve.

— E é.

— Se eu vou realizar uma fantasia sua, nada mais justo que você realizar a minha. — Ela sorriu maliciosamente. Estava entrando em terreno perigoso.

— Sim, concordo! — respondeu apalpando seus seios com as mãos abrindo o fecho frontal do sutiã delicado.

Dario se afastou e começou a retirar a calça tão lentamente que Júlia arfou em antecipação, contemplando o corpo magnificamente esculpido de seu marido.

— Então, diga-me. Qual é a sua fantasia? — O seu olhar de luxúria e cobiça, despertou todos os sentidos dela.

— Elevadores — Júlia disparou sem se dar conta. A imagem de Dario nu ainda era perturbadora para ela.

— Elevadores? — Ele riu.

Ela ficou envergonhada.

— Desculpe, dizendo assim pareceu um pouco idiota. — Sorriu sem graça.

Dario fixou o olhar nela, olhando diretamente para seus olhos azuis e se aproximou lentamente como um predador em busca de sua presa.

Júlia ficou hipnotizada pelo magnetismo daquele olhar. Ela ficou retida no lugar, esperando por ele.

A dois passos dela, ele ordenou:

— Retire a calça. — Sua voz forte e imponente reverberou em seu cérebro.

Ela o obedeceu. Ofegante e com a respiração pesada, ele sabia que a tinha excitado. Quando ela estava apenas de calcinha, ele voltou a se aproximar.

Dario a tomou em seus braços. Com uma mão em seu cabelo, puxando-a com força moderada, e com a outra invadindo o tecido branco fino e rendado por dentro, ele a tocou suavemente em seu clitóris e sussurrou:

— Então, minha esposa fica excitada em elevadores? Isso é um problema, pois terei que mandar destruir todos os elevadores do planeta.

Ela não pôde deixar de rir.

— Sabia que diria isso — falou olhando para ele.

— E mesmo assim disse? Você quer me enlouquecer.

— Só estava brincando.

— Será? Por via das dúvidas, prefiro que use a escada do hotel de agora em diante, se não

estiver ao meu lado — ele sussurrou e fez pressão sobre o clitóris dela, introduzindo seus dedos em sua entrada molhada. — Está tão molhada!

Ela gemeu.

Dario retirou a mão de dentro de sua calcinha e ficou de joelhos diante dela. Ergueu as mãos até o tecido e o deslizou por suas pernas, delicadamente. Júlia ergueu um pé e depois o outro para que ele a retirassem sem pressa.

Ele se ergueu, devagar, deslizando as mãos nas laterais de seu corpo, até que parou em seu rosto. A beijou com volúpia e a puxou para ele, roçando sua ereção contra sua barriga.

— Diga-me o que quer.

— Eu quero você — ela respondeu.

— Seja mais específica. Quero ouvir você falar.

Dario a pegou no colo e caminhou com ela nos braços até a cama. A colocou sobre o colchão macio e, em seguida, pairou sobre ela, sem relaxar o peso de seu corpo pesado.

— Surpreenda-me, querido. Eu sou toda sua! — ela disse sensualmente, provocando-o.

Dario sorriu, satisfeito. Ela estava dando total controle a ele.

— Agora, eu vou fazer amor com você. Vou te beijar, te acariciar e fazer você gozar — ele disse distribuindo beijos em seus lábios, rosto e pescoço. — Vou ser carinhoso e delicado. Vamos tomar um banho e depois voltaremos para a cama — disse descendo por seu corpo, tomando seus mamilos rijos em sua boca e passando a língua sobre eles, lentamente. — E, então, vou amarrar seus pulsos e seus tornozelos, de forma que fique exposta pra mim. — Continuou a descer com sua língua traçando uma trilha até seu abdômen e beijou a pequena cicatriz que havia ali. — Farei você gozar em minha boca e implorar para ter meu pau dentro de você. — Continuou com sua tortura oral, levando-a à loucura.

Júlia se contorcia sobre os lençóis, excitada. Levou sua mão entre as pernas e começou a se acariciar. A cada palavra de Dario, ela gemia em antecipação.

— Vou enfiá-lo nessa sua bocetinha rosada e te foder com força do jeito que você gosta. Quando gozar, vou desamarrá-la e colocá-la de quatro para enfiar meu pau nessa sua bundinha gostosa. Vou fazer você gritar, gemer, implorar por mais e mais. Vou deixar sua bunda vermelha com as marcas das minhas mãos, vou chupá-la, tocar cada centímetro do seu corpo com minha boca. E quando estiver exausta, gozaremos juntos. — Dario parou de falar, satisfeito por ter conseguido o que queria: deixá-la enlouquecida. Ele parou para observá-la, gemendo e se contorcendo, excitada, massageando seu clitóris desesperadamente.

Ele retirou a mão dela delicadamente quando a viu introduzir os dedos em si mesma.

Ela abriu os olhos e o fitou, observando-a.

Dario levou os dedos de Júlia até sua boca e os lambeu desavergonhadamente. O gosto de Júlia ficou impregnado em sua boca. Ele lambeu os lábios para provocá-la e disse:

— A única coisa que irá entrar em você de agora em diante, sou eu, está me ouvindo?

Ela assentiu desnorteada, num nível de excitação elevado.

Dario a beijou nos lábios, separou suas pernas com seu joelho e roçou seu pau duro em sua entrada.

Ela gemeu alto, com as mãos na bunda dele, puxando-o para si. Ele tinha um corpo magnífico, os músculos duros como rocha.

Ele a penetrou lentamente e ela choramingou.

As estocadas lentas eram quase dolorosas. Júlia precisava urgentemente dele, de tudo que ele pudesse oferecer.

O fio de suor começou a aparecer no corpo de Dario. Suas estocadas ficaram mais fortes e possessivas. Sobre ela, Dario dizia palavras doces enquanto fazia amor. Disse o quanto a amava e o quanto ela o fazia feliz. Em nenhum momento, cessou os beijos apaixonados. Ele beijou cada centímetro do seu corpo, venerando cada pedaço dele. Elogiou seu corpo curvilíneo e falou das sensações que ela despertava nele. Dario nunca foi falante durante o sexo, mas com Júlia ele tinha essa necessidade de se abrir e saber o que ela estava sentindo. Era uma conexão mútua da qual ele gostava. Ele acariciou seus mamilos, que gritavam por atenção, e os chupou, mordiscando-os de leve. Quando não pôde mais aguentar, Dario aumentou o ritmo de suas estocadas, levando-a ao desvario.

— Não vou aguentar por mais tempo — ela sussurrou, extasiada.

— Então, goze. Goze pra mim, meu amor. — Ele a beijou.

Dario sentiu o momento em que Júlia se entregou ao orgasmo. Ela convulsionou em espasmos violentos enquanto gemia alto, gritando por ele. Seu corpo todo foi se contraindo, liberando todas as sensações que o percorriam por inteiro.

Ele abafou os gemidos dela com beijos. Enquanto se libertava, seu pau latejou, e logo Dario sentiu o jato quente jorrando para dentro dela. Suas respirações aceleradas, normalizavam-se lentamente, enquanto eles ainda estavam envoltos em suas sensações, abraçados um ao outro, sorrindo.

Dario olhou para ela, afastou alguns fios de cabelos grudados em seu rosto pelo suor e sussurrou:

— Eu te amo!

Ela sorriu e o beijou.

Os dois ficaram por um tempo ali, abraçados, trocando carícias.

E, então, eles caminharam para o banho, e Dario cumpriu cada palavra dita a ela. Eles voltaram para a cama e se amaram de forma quente e selvagem o resto da noite.

O dia amanheceu e Júlia procurou por Dario ao lado dela. A cama estava vazia. Ela olhou para

o criado-mudo e viu um bloco de papel com uma caneta sobre ele. Curiosa, esticou as mãos e o pegou. Dario havia escrito uma mensagem para ela. Júlia sorriu ao ver as letras garranchosas de seu marido. Mais um pouco, e ela precisaria de ajuda para decifrá-las.

“Amor,

Fui atrás de informações sobre o passeio ao Campo de Gelo. Tomei a liberdade de pedir o seu café da manhã.

Amo você.

Dario.”

Júlia olhou para o pé da cama e viu uma bandeja com seu café, colocado sobre o pequeno *chaise*. Ela se levantou e sentiu frio, mesmo com o quarto climatizado.

— Chá gelado, suco e torradas com queijo — sussurrou. — É, ele está tentando. — Sorriu.

Ela pegou o copo com o chá e bebeu enquanto comia as torradas. Inquieta pela demora de Dario, tomou um banho e se trocou. Com o passar do tempo, irritada, decidiu ir atrás dele.

Ela o procurou por todo o *lobby* do hotel, na área externa e, em seguida, resolveu ir até o SPA. Ela o encontrou no meio de uma sessão de ioga, conversando com duas mulheres. Uma delas, estava próxima demais dele, o que presumiu que não era nenhuma conversa formal, a julgar pelos sorrisos mútuos e descontraído dos três. Dario estava de costas para ela. Vestia uma calça jeans azul, sapatos e uma blusa de linho cinza claro com as mangas emboladas até seu cotovelo. Seu cabelo loiro estava despenteado e incrivelmente *sexy*, do jeito que a afetava.

Ela pigarreou chamando a atenção assim que se aproximou.

— Estou interrompendo alguma coisa? — perguntou lançando um olhar mortal em direção às duas mulheres, o puxou para si e o beijou marcando seu território.

— Bom dia, amor — ele disse carinhoso, retribuindo o beijo. — Estava aqui conversando com a Katherine e a Cindy. Acredita que elas também moram no Texas?

Júlia abriu um sorriso irônico.

— Pra você ver, como o mundo é pequeno — ela falou enciumada.

— Sim, somos de Tyler, uma cidadezinha no Condado de Smith — Katherine falou. A morena exuberante exibia longos cabelos pretos brilhantes e um corpo curvilíneo. Porém, o que chamava a atenção eram seus lindos olhos cor de esmeralda.

— Sim, eu estudei Geografia — Júlia falou, ríspida. Dario tentou manter-se sério, mas a visão de sua esposa em seu modo possessivo ativado, o fez sorrir. — Amor, vamos? — ela perguntou, se colocando de frente para ele, de costas para as duas mulheres.

— Claro! — ele respondeu dando um selinho em seus lábios e a afastou para o seu lado. — Bom, precisamos ir. Agradeço pelas informações.

— Foi um prazer ajudá-lo — a outra morena falou abrindo um sorriso tão branco, que Júlia se sentiu ofuscada. Ela queria socar a cara da mulher e tirar aquele sorriso de seu rosto, furar os olhos dela para que não lançasse nenhum olhar cobiçoso para o seu marido.

Dario meneou a cabeça e acenou para elas.

— Quero saber o que faz numa aula de ioga cheia de mulheres seminuas — ela falou baixinho, irritada.

— Seminuas? — Ele gargalhou. — Elas estavam de top e calça de ginástica.

Ele a irritou ainda mais.

— Para estar aqui, no Alasca, estavam nuas sim.

— A sala era climatizada, Júlia. E acho que ninguém faria ioga vestida como você. — Ele apontou para a dúzia de roupas que ela estava vestida.

Ela lhe lançou um olhar irritado e caminhou de volta para a suíte, soltando fogo pelo nariz.

Ele a seguiu.

Quando passou pela porta, a encontrou colocando as luvas e uma touca. Ela passou por ele, sem olhá-lo, e continuou a ajeitar sua roupa.

— Ei! Não fica irritada. Não estava fazendo nada de mais. Apenas fui saber sobre a programação até o campo de gelo e acabou que elas me ouviram falar com a instrutora.

— Na sala de ioga?

— Sim. A instrutora é esposa do piloto.

— Ioga?

Ela estava inconformada.

Ele riu.

— Só parei para falar com aquelas mulheres porque elas disseram que sabiam como fazer para vermos a aurora boreal.

Intrigada, ela o encarou nos olhos.

— E ficaram amiguinhos? Tiveram tempo até para trocar endereços — bufou.

— Foi uma coincidência.

Ele se aproximou dela e a puxou contra si.

— Você fica tão linda enciumada. — Dario sorriu acariciando seu rosto.

— Não é ciúme.

— Não? — Ele arqueou uma sobrancelha.

— Elas estavam claramente lhe comendo com os olhos.

Ele riu, apertando-a num abraço amoroso.

— Mas é somente você que me tem.

— Eu não gosto disso.

— Não tenho olhos para mais ninguém, meu amor. Sabe disso. Sabe o quanto te amo e preciso de você — Dario sussurrou, dando leves beijos em seus lábios, sentindo seu cheiro doce e suave.

— Você é meu, *cowboy*. Só meu. Entendeu?

— Sim, senhora Júlia Reynes Craig.

Ela sorriu amando o jeito que seu nome fora pronunciado por ele. Ela era dele, assim como ele era dela.

Do hidroavião, Júlia e Dario ficaram extasiados ao ver tamanha beleza. Sobrevoando o campo de gelo em Juneau, seus olhos brilhavam ao ver os picos nevados e os glaciares. Eram mais de 1500 milhas quadradas de campo de gelo. Contemplaram os glaciares com mais de 3 mil anos de existência. O que mais lhes chamou a atenção, foi o *glaciar Taku*, um dos maiores glaciares de descarga do campo de gelo, que converge com o rio Taku. A paisagem era fenomenal, verdadeiras obras de arte.

— Retiro o que eu disse.

— Sobre o quê? — Júlia elevou a voz, com as mãos no fone de ouvido que lhe deram para minimizar o som da aeronave.

— Que era só gelo. — Dario sorriu.

— Isso tudo aqui é lindo! — Ela o abraçou.

Após o voo, Dario e Júlia ficaram para conhecer a cidade de Juneau, capital do Alasca. Eles visitaram a cervejaria local, comeram caranguejo do Alasca e salmões numa barraca no porto, divertindo-se com os nativos.

No fim da tarde, voltaram para o hotel e compraram as passagens de trem, para o dia seguinte, que ia de Anchorage à Fairbanks, numa viagem com aproximadamente 12 horas.

Eles dormiram exaustos, colados um no outro, após se amarem mais uma vez.

Júlia sorria enquanto tirava fotos das belas paisagem pelas quais passavam. Dentro do vagão do trem, ao lado de Dario, não deixou passar nenhuma cidade sem fotografá-la. O trem ligava Anchorage a Fairbanks, passando por lugares de tirar o fôlego. O sol estava mais forte do que nos outros dias, deixando a paisagem bem contrastada com os verdes das matas, o azul do céu e o branco das montanhas nevadas. A viagem era extensa, passando por vários lugares até chegarem ao destino; um deles, o parque nacional Denali. Após chegarem em Fairbanks, às 20h, se hospedaram em Downtown, perto da praça Golden Heart Plaza. Não havia muito o que fazer na cidade. Dario quis

visitar o museu de gelo e Júlia, a cada instante, sentia-se com mais frio naquele lugar. Havia até quartos para quem quisesse se hospedar.

Na tarde seguinte, eles contrataram um guia para levá-los até o Círculo Polar Ártico, numa cabana, onde esperariam para tentar ver a aurora boreal.

Quando chegou à noite, Dario e Júlia saíram acompanhados por alguns turistas com quem fizeram amizade e se sentaram para esperar a aurora boreal, próximo à cabana. O frio era imenso e Júlia agradeceu por estar bem agasalhada.

A aurora boreal apareceu na madrugada, deixando todos extasiados com sua beleza magnífica. No céu, se formavam luzes de várias cores, que mesclavam-se umas às outras.

Dario abraçou Júlia e sorriu.

Conforme falavam, o ar saía de suas bocas como fumaça. Júlia estava com suas bochechas rosadas do frio.

— Acho que vou congelar — ela disse.

— Eu esquento você — disse, puxando-a para si. — Veja, tivemos sorte de encontrá-la logo no primeiro dia. Está fraca, mas valeu a pena — ele falou olhando para as luzes.

— Sim. — Ela suspirou.

— De todas as coisas fascinantes no mundo, essa, sem dúvida, é a segunda mais bonita que eu já vi.

— Sim, é inexplicavelmente incrível e bela...

Dario sorriu e a beijou no rosto.

— Não me perguntou qual era a primeira.

— Qual é a primeira, *cowboy*?

Ele virou a cabeça de lado e fixou os olhos nela.

— Você.

E Júlia não pôde deixar de imaginar um cenário mais romântico do que aquele.

Austin, Texas, sete semanas depois...

— Você viu o Dario? Ele sumiu a tarde toda — Ryan perguntou para Melanie, que estudava no escritório do *haras*. Com toda a turbulência do ano anterior, ela havia trancado a matrícula da faculdade e retornado posteriormente, já que tudo estava encaminhado na fazenda e suas vidas tranquilas.

— Não. Ele deve estar no lago olhando de perto a construção. Desde que começaram a construir, ele não sai de lá.

— Não vejo a hora dessa casa ficar pronta. — Ryan suspirou, cansado.

— Todo o trabalho está em suas mãos? E o Max? Pede para ele ajudá-lo. Eu só não sei onde ele está. Não o vejo desde manhã.

— Aposto que ele está com o Dario. Aqueles dois brigam, mas não se largam. — Ele sorriu.

— Verdade.

— Vou deixá-la com seus estudos. O William pediu para que fosse até a baia da Sherry. Parece que ela está doente.

Melanie olhou para ele, intrigada.

— Sabe que Max o detesta, não é? Não sei por que ele insiste em me chamar toda vez que examina os animais.

— Talvez porque você será nossa futura veterinária.

Ela revirou os olhos.

— Não deixe o Max te controlar com aquele ciúme idiota. Já temos um *macho alpha* aqui. Já é um saco lidar com o Dario infernizando cada um que chega perto da Júlia.

— Os homens poderiam ser como você, despreocupados. — Ela sorriu.

— Nem tanto.

— Ainda com problemas com o Kyle?

— Qualquer dia, eu arranco os dentes daquele sujeito.

Melanie gargalhou.

— Você soou como o Dario agora. Talvez, no quesito ciúmes, vocês homens são todos iguais: territoriais.

Ele riu.

No lago, Dario e Max vigiavam os homens na construção.

— Está ficando bonito.

— Claro que está. Fui eu quem desenhei — Dario falou orgulhoso de si.

— Sério? Achei que só sabia cuidar de cavalo. Fiquei até surpreso que soubesse ler — Max brincou.

— Está querendo apanhar outra vez?

— Já falei, quando você quiser — Max sorriu, divertido. Adorava torrar a paciência de Dario.

— Sabe que não tem chances contra mim no braço.

— Mas eu atiro melhor do que você.

— Eu poderia ter te acertado quando matei Anton.

— Nem me fale. Aquilo foi sorte de principiante.

— Eu até fiquei tentado em te acertar de raspão, sabe? — Dario falou naturalmente, passando o dorso da mão na testa para limpar o suor. O dia estava quente.

— Ainda bem que não acertou, porque eu meteria uma bala na sua outra perna. — Ele riu se lembrando do dia em que Dario levou um tiro. — Ainda estou tentando entender o que minha irmã viu em você.

— Sou lindo. As mulheres não resistem — Dario brincou.

— Você é um babaca, isso sim. Pensa que me esqueci daquela baboseira de aurora boreal? Isso é muita viadagem. — Max gargalhou. — Fora que é desajeitado. Fico imaginando quando seus filhos perguntarem a vocês, como foi que o pai deles pediu a mãe em casamento. — Ele riu com gosto.

Dario deu uma *chave de braço* em Max, prendendo-o contra si.

— Vai ficar me zoando até quando? Isso já perdeu a graça.

Max não sabia se ria ou se tentava sair do aperto dele.

— Agora entendi por que as mulheres te acham quente — ele continuou a irritá-lo. — Deve ter colocado fogo nas coitadas.

Max conseguiu livrar-se de Dario e caminhou para longe, sabendo que havia atingido seu ponto fraco: o orgulho.

Furioso, Dario olhou para Thor e viu a corda de sisal pendurada na sela. Uma ideia lhe veio à cabeça e seu sorriso sarcástico despontou no mesmo instante.

Dario fez um laço na corda e assoviou para Max que olhou para ele, intrigado.

— Está fugindo? — Dario perguntou.

Max olhou para trás e franziu o cenho.

— De quem? De você? — perguntou achando graça. — Não vai fazer o que estou pensando, não é?

— Pague para ver. — Dario sorriu.

Max riu em divertimento. Sabia que Dario era louco, e quando queria lutar, sempre saía na vantagem por ser bem mais forte do que ele.

— Parou a brincadeira. Vou ver minha mulher. — Max levantou a mão em rendição.

O olhar de Dario indicou que a brincadeira nem havia começado.

— Minha irmã, você quis dizer.

— É, sua irmã, que eu aqueço em minha cama todos os dias — ele o atçou, e foi o estopim para Dario. Ao ver a expressão de touro raivoso vindo para cima dele, Max correu. E era exatamente isso que Dario queria, levá-lo ao chão, para comer um pouco de terra, enlaçado por sua corda.

Max caiu no chão, preso pela corda, xingando Dario de todos os nomes.

Dario se aproximou e pisou com sua bota sobre o peito dele.

— Se falar desse jeito da minha irmã de novo, te dou uma surra.

— Ela é minha mulher, tente conviver com isso. Além disso, você também dorme com a minha.

— Nem morto. — Dario sorriu para ele. — É melhor você aprender a conviver comigo pegando no seu pé o resto da sua vida.

— Então, estaremos quites, porque também não se livrará de mim, irmão. — Eles riram juntos. Dario estendeu a mão para Max e quando ele foi pegá-la para se levantar, Dario a retirou deixando-o no vácuo.

— Acho que você pode se virar sozinho. — Ele riu e saiu de perto dele, caminhando até seu cavalo negro.

— Filho da puta! — Max riu com a sua ousadia, retirando a corda do seu corpo.

Na mansão, Júlia procurou pelo vestido de noiva que havia guardado no *closet*, embrulhado num saco preto fechado com zíper.

Ela o pegou e o tirou do saco, com um sorriso safado, se lembrando das palavras de Dario, na lua de mel, no Alasca. A promessa de fazer amor com ela vestida de noiva, não saía de sua mente.

Júlia pegou o vestido e o colocou sobre o braço, pegou as chaves da caminhonete e olhou para o relógio, que marcava 15h30.

— Ele deve estar cuidando dos cavalos — sussurrou pra si mesma.

Caminhou depressa para as escadas e as desceu rapidamente.

Ela entrou na caminhonete jogando o vestido no banco traseiro e dirigiu até o *haras*.

Ao chegar, se decepcionou ao vê-lo no meio do cercado, dando aulas para um grupo de garotos. Ele estava montado num cavalo marrom, sorrindo para os meninos, mostrando como se saltava sobre obstáculos.

Júlia tirou o celular do bolso e discou para Melanie.

— Cunhadinha, preciso da sua ajuda.

— Diga.

— Preciso que ligue para seu irmão e diga que me machuquei, que entrei na baia do Thor e ele

acabou avançando em mim.

Melanie ficou muda.

— Dario vai matar você! Sabe que ele não gosta que chegue perto do Thor sem ele por perto. O que estava fazendo aí? Está muito machucada? Precisa que eu chame o médico?

Júlia riu com o desespero da cunhada.

— Não estou machucada. Só quero que ele venha até mim. Quero fazer uma surpresa pra ele.

Melanie ficou confusa.

— No estábulo? É o que eu estou pensando?

— Não sei o que está pensando, mas preciso que faça isso e, quando ele entrar, quero que tranque o estábulo por fora para que ninguém entre.

— Meu Deus! — Ela riu. — Vão incendiar o estábulo?

— Mais ou menos. — Julia riu.

— E os enjoos? Passaram?

— Acordei melhor hoje.

— Precisa fazer o teste, Júlia. Se estiver grávida, Dario vai gostar de saber.

— Eu sei, é que... ainda não sei se estou preparada para dizer a ele.

— Tudo bem. Vou ligar para o Dario. Espero que ele não me mate por isso. — Ela sorriu.

Júlia entrou no estábulo com o vestido nos braços e passou pelo corredor olhando para todas as baias à procura de funcionários. O único que havia ali, ela dispensou e disse que não precisava voltar nas próximas três horas. Ela entrou na baia de Thor e o viu ali, tranquilamente. Então, decidiu ficar na baia da frente. Ela retirou toda a roupa e colocou o vestido calçando apenas as botas.

Pouco tempo depois, ela ouviu os gritos desesperados de Dario:

— Júlia! Júlia! Onde você está? — A voz aflita de seu marido a deixou ainda mais apaixonada. Ele se preocupava com ela.

Ela deitou sobre os fardos de feno que havia ali e se ajeitou o mais sensualmente possível, erguendo um pouco a barra do vestido de forma que ele pudesse ver suas coxas nuas.

Assim que Dario apareceu, ofegante e assustado, ela sorriu.

Ele parou na entrada da baia e praguejou baixinho. Nas mãos, carregava uma chibata. Estava com o uniforme da hípica, calça bege, botas e uma camisa polo branca.

Seus olhos a varreram por completo até se dar conta de que nada havia acontecido com ela.

Dario apontou a chibata em sua direção e perguntou, intrigado:

— O que é isso?

Ela sorriu maliciosamente.

— Eu, vestida de noiva. — Ela mordeu os lábios.

Ele sorriu e baixou a cabeça ciente do que ela queria.

— Você é maluca. Eu estava no meio de uma aula, sabia?

— Tenho certeza de que aqueles menininhos podem esperar, mas eu não.

— Você lembrou-se do que disse sobre o vestido.

Não foi uma pergunta, porém, mesmo assim, Júlia respondeu:

— Sim. Não há uma palavra que saia de sua boca, que eu me esqueça.

Dario esticou o braço, colocou a palma da mão para cima e bateu de leve a chibata.

— Acho que essa sua travessura merece um corretivo. Tem ideia de como corri como um louco para chegar até aqui? Achei que estava machucada, e quando entro, minha querida esposa safada, quer me desvirtuar no meio de um dia cheio de trabalho.

Ela riu.

— E eu sei que você gosta. Então, pare de reclamar e perder tempo.

Dario retirou as botas e todo o resto da roupa tão rápido que a impressionou.

— Não vamos perder tempo. — Ele riu se aproximando dela, nu, alisando seu membro rijo, com uma expressão de divertimento.

— Então, você se lembra de tudo o que eu disse? Que iria fodê-la vestida assim e só depois faria amor com você, sem ele?

— Sim — ela arfou.

Dario se ajoelhou diante dela. Passou a chibata por suas pernas, alisando sua pele macia, subindo pela coxa até que chegou à barra do vestido.

— Abra as pernas.

Ela o obedeceu.

Dario se aproximou ainda mais e colocou as mãos sobre suas coxas nuas. Subiu lentamente, apertando-a até que sua mão tocou em seu sexo descoberto.

— Sem calcinha? — Ele fechou os olhos e mordeu os lábios. — Você é uma safada! — disse, excitado. — Quer realmente me enlouquecer.

— É o que eu espero. — Ela sorriu separando ainda mais as pernas para que ele pudesse tocá-la.

Dario deitou sobre ela, erguendo o vestido até sua cintura. Júlia soltou um grunhido quando ele

agarrou um punhado de seu cabelo loiro e o segurou com força. Ele encostou os lábios em sua orelha e falou de forma bruta:

— Vou foder você até que não aguento mais.

E, num gesto brusco, Dario estava dentro dela, penetrando-a vorazmente.

No dia seguinte, Júlia acordou indisposta. Dario ainda estava na cama. Ela estranhou, pois ele era sempre o primeiro a levantar. Ao olhar no relógio de cabeceira, se deu conta de que era mais cedo do que imaginava.

Ela correu até o banheiro, pois não conseguia conter a ânsia. Seu estômago embrulhado não conseguiu segurar e vomitou. Quando terminou, tomou um banho e fez suas higienes matinais. Seu reflexo no espelho era assustador. Estava pálida, parecia doente.

Ela ficou ali, se olhando no espelho e, instintivamente, sua mão foi até seu ventre e o acariciou.

Ela sentiu medo.

— Bom dia! Caiu da cama?

Ela sobressaltou com a voz de Dario.

— Oi. Não, eu só...

— Você está bem? Está estranha. — Ele franziu o cenho.

— Não. É que é difícil pensar toda vez que se aproxima de mim como veio ao mundo. — Júlia sorriu.

Dario achou engraçado em saber que ele ainda a afetava.

— Você poderia aparecer mais vezes nua, ao meu lado. Não iria protestar. — Ele sorriu abraçando-a. — Eu amo você, seu corpo... — Ele a beijou.

— Eu também.

— Vou tomar um banho. Hoje tenho muita coisa para fazer.

— Tá.

— Tem certeza de que está bem?

— Sim, acho que ainda não acordei direito — ela desconversou.

Enquanto Dario tomava banho, ela foi até o quarto e ligou para a cunhada.

Após vários toques, Melanie atendeu.

— Oi.

— Meu Deus, Júlia! Pegou a doença do Dario? Eu ainda estou dormindo.

— Desculpe-me, é que... acho que estou realmente grávida.

Houve um silêncio.

— Fez o teste?

— Ainda não.

— O que está esperando?

— Coragem. — Ela sorriu fracamente.

— Olha, eu sei que é difícil pra você, mas precisa fazer isso.

— Eu sei.

— Então vá e deixe-me dormir.

Júlia riu.

— Está certo.

Júlia desligou e caminhou até o *closet*. No meio de suas roupas, pegou o teste que Melanie havia comprado para ela, dias antes. Olhou para ele tentando afastar todos os seus medos.

— Ainda aí?

Ela escondeu a caixinha assim que ouviu a voz de Dario.

— Estava procurando algo decente para vestir — disfarçou.

Dario estava nu, secando os cabelos na toalha branca.

— Quer que eu traga o seu café?

— Sim, por favor.

Ele se aproximou e a beijou. Colocou sua *boxer*, calça e botas. Pegou uma camisa e jogou sobre os ombros. O cheiro amadeirado do seu perfume, só a fez se sentir ainda mais nauseada.

— Já volto.

Júlia assentiu e assim que Dario passou pela porta, sumindo de seu campo de visão, ela pegou a caixinha e se trancou no banheiro.

Ela precisava ter certeza.

Quando terminou, Júlia se sentou sobre o vaso, com os olhos fixos no teste de gravidez.

Um barulho vindo de fora, chamou sua atenção.

Ela foi até a janela do banheiro, deixando o teste sobre a pia, e viu um helicóptero se aproximar.

Sua cor foi rapidamente substituída por um branco pálido e seu coração disparou assim que reconheceu o helicóptero presidencial. Ela saiu do banheiro e correu pela casa, até chegar ao gramado. Max estava ali, também embasbacado. Ela se aproximou do irmão e apertou sua mão.

— O que eles fazem aqui? — ela perguntou.

— Eu não sei — Max sussurrou tão confuso quanto ela.

Dario subiu as escadas com a bandeja nas mãos. Ouviu o barulho de helicóptero cada vez mais próximo, mas ignorou. Ao entrar no quarto, depositou a bandeja sobre a cama e caminhou até o banheiro, onde achou que encontraria sua esposa. Para sua total surpresa, ela não estava. Seu olhar foi diretamente para o pequeno e comprido objeto branco.

Ele o pegou nas mãos e sorriu ao ver duas linhas vermelhas, uma ao lado da outra. Mas nem mesmo ele, sabia o porquê, pois não tinha o conhecimento do que significava.

— Droga! O que isso quer dizer? — ele sussurrou confuso, mas com a esperança crescendo em seu peito.

Ele olhou a caixinha caída ao chão e a pegou para ler as instruções. Quando as duas linhas fizeram sentido, Dario abriu um sorriso tão grande, que quase não coube em seu rosto.

— Um filho! Eu vou ser pai. — Ele sorriu repetindo aos quatro ventos, emocionado, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Quando o barulho ensurdecedor veio de fora, Dario correu até a janela do quarto e viu o momento em que o helicóptero pousou em seu gramado. Num olhar mais atento, viu dois homens descendo, vestidos de preto, armados dos pés à cabeça.

— Mas que diabos é... — sua mente parou de funcionar, assim que viu Júlia se aproximar dos homens. Dario não pensou em mais nada, além de correr para proteger sua esposa que carregava um filho dele no ventre.

O vento que vinha da rotação das hélices bagunçava os cabelos de Júlia. O barulho ensurdecedor, impediu de falarem por alguns instantes. Quando as hélices já não rodavam mais, Max se colocou diante da irmã e encarou os dois agentes armados.

— O que fazem aqui? — Assim que perguntou, um terceiro homem desceu do VH-92, elegantemente vestido num terno azul-marinho. Ele aparentava mais ou menos uns 47 anos, era alto, loiro, olhos azuis e tinha uma expressão fria no rosto.

Ao se aproximar, ele estendeu a mão para Júlia e a cumprimentou:

— Júlia Reynes, sou Sean, o chefe de segurança dos Estados Unidos.

— Como sabe quem sou?

— Você não tem um rosto fácil de esquecer, Esther Rothenberg. — Ele sorriu.

Sean olhou para Max e disse:

— Estou aqui a mando do presidente para levá-los até Washington.

— Por quê? — Max perguntou.

— Porque ele precisa de vocês dois. Foram os melhores agentes da CIA e são os únicos que ele pode confiar no momento.

— Como assim, precisa de nós? — Júlia interrompeu.

— A primeira dama foi assassinada na madrugada.

Max arregalou os olhos.

— A notícia ainda não veio à tona, mas o presidente não conseguirá esconder por mais tempo.

— Como isso aconteceu? — Max o interrogou.

— Ela estava saindo de um evento beneficente junto com a filha, Tessa. Se hospedaram num hotel e havia atiradores no edifício da frente. A filha presenciou tudo e está em estado de choque.

— E o presidente? — Júlia perguntou, horrorizada.

— Ele está no Japão. Já acionamos toda a segurança possível. Mas ele nos deu ordens para que você e Taylor cuidassem pessoalmente da segurança de Tessa e da dele quando pisar em solo americano.

— Nem por cima do meu cadáver — Dario gritou furioso, aproximando-se de todos. Ele puxou Júlia para si e a manteve ao seu lado. Sua expressão a assustou. Estava realmente nervoso.

— Senhor Craig — o homem o cumprimentou com um meneio de cabeça. — Eu sou Sean, o chefe de...

— Eu não dou a mínima para quem seja. E avisa ao presidente, que minha esposa não irá a lugar nenhum. Se o assunto era somente esse, vocês já podem cair fora.

— Temos ordens, senhor Cra...

Dario se sentiu afrontado.

— Aqui na minha casa, eu mando. E digo que ela não sairá daqui. Júlia já cumpriu sua obrigação no passado, não faz mais parte da corporação.

— Nós entendemos, senhor. Mas são ordens do presi...

— O presidente não manda aqui. Eu nem votei nele, caramba! E acho bom vocês irem embora, se não quiserem que os retire a pontapés das minhas terras.

Max estava calado, apenas analisando a situação.

— Acha que isso tem a ver com a Morgan? Ainda não conseguiram identificar o mandante da operação em que ela esteve envolvida, não é?

— Tudo leva a crer que sim. Ela não entregou o chefe. Se recusou a falar mesmo quando oferecemos a ela uma diminuição da pena. Quem quer que esteja por trás, está querendo tomar o poder.

— O que temos que fazer?

— Max! — Júlia sussurrou. — Não!

— Preciso que fique com a filha do presidente até que escalemos um grupo de agentes confiáveis. Todos são suspeitos dentro da corporação no momento.

Max parou para pensar.

Mesmo na fazenda, onde se sentia em casa, ele sentiu falta da adrenalina que era sua vida. Da correria, das lutas, dos tiros... Ele tinha alma de agente, nasceu para aquilo.

— Max, pense direito. Você havia dito que não voltaria.

— É a segurança do presidente, Júlia. Não podemos simplesmente deixar isso acontecer, se podemos impedir que algo grave aconteça. Além disso, tudo começou conosco. Temos que terminar isso.

— Melanie não vai concordar — Dario resmungou.

— Eu cuido da minha mulher, Dario. Quando partimos? — Max perguntou para o chefe de segurança.

— Agora mesmo.

Na mansão, Dario estava histérico:

— Não posso acreditar que tenha passado essa ideia em sua cabeça nem que por um segundo — gritou.

— Ele é meu irmão. Como acha que me sinto sabendo que ele corre perigo?

— Ele podia recusar.

— Não é bem assim.

— Está defendendo-o? Ele largou minha irmã aqui, sozinha, para servir de babá para uma menina de 20 anos e um velho idiota.

— Ele é o nosso presidente. E se não fosse por sua mãe psicopata, isso jamais estaria acontecendo — Júlia pegou pesado.

— Eu nem vou responder a isso — disse furioso.

Ela viu a besteira que havia falado.

— Desculpe-me, não quis magoar você, é que eu estou...

— Grávida. É, eu sei. Malditos hormônios, eles sempre levam a culpa. — Dario a encarou.

— Como?

— Eu vi o teste de gravidez na pia do banheiro.

— Está bravo comigo por causa disso?

Ele se aproximou dela, exasperado.

— Estou puto porque você cogitou a ideia de ir mesmo sabendo da gravidez. Não vou deixar que nada aconteça dessa vez. E se precisar amarrá-la ou trancá-la no celeiro até que nosso filho nasça, eu farei.

Ela riu.

— Não acho nada engraçado, Júlia. Você me deixa no limite.

— Não vai precisar me amarrar, meu amor. Eu só estava preocupada com o Max. Tudo isso nos pegou de surpresa. Minha vida é aqui. Não passou em nenhum momento a ideia de fugir para Washington e me aventurar estando grávida. E, mesmo que eu não estivesse, jamais aceitaria. E sabe por quê?

Dario a puxou para si e a encarou nos olhos.

— Diga-me.

— Porque eu achei o meu lugar. E é aqui, ao seu lado.

Dario a beijou. Um beijo voraz, intenso e punitivo.

Ele a pegou no colo, ainda beijando-a e a carregou pelas escadas, caminhando até o quarto.

Ao passar pela porta, a chutou com violência e andou até a cama, colocando-a com cuidado.

Dario se afastou e começou a se despir. Olhou intensamente para ela, e ordenou:

— Tire a roupa.

Ela sorriu.

— Mas já? Ainda são nove da manhã — disse divertida olhando para cada centímetro do corpo malhado de seu marido.

— Sim. Essa é uma boa hora para punir você por todas as suas infrações ao longo desse tempo. Minha lista já está completa.

— Ah! A lista. — Ela sorriu, maliciosamente. — E o que irá fazer comigo, *cowboy*? — perguntou ao se despir.

— Se eu disser, não terá graça. — E se jogou na cama, nu, e a abraçou. Antes de começar o que tinha em mente, Dario passou a mão no ventre dela e sussurrou: — Como isso é possível?

Ela olhou carinhosamente para ele.

— Parei de tomar a pílula quando viajamos para o Alasca.

A confissão o surpreendeu.

Há tempos ele queria que ela parasse de tomar a pílula, mas ela sempre dizia que não era o momento.

— Está preparada agora?

— Sim. — Ela sorriu colocando a mão sobre a dele.

Dario ficou emocionado.

— Você está sempre me surpreendendo. E me fazendo feliz a cada dia.

Ela sorriu deixando a lágrima escorrer por seu rosto.

— Vou cuidar de vocês dois. Não vou deixar que nada de mal aconteça, eu prometo.

— Eu sei que vai.

— Eu amo você, Júlia.

— Eu também te amo, meu *cowboy*.

Epílogo

Seis anos depois...

Júlia estava sentada na varanda observando Savannah montar nas costas de Dario. Os dois riam e rolavam na grama, perto do lago. Seu lindo cabelo comprido e loiro, estava solto ao vento. Ela sorriu da forma como ele brincava com a filha. Ele era sempre carinhoso. *A casa no lago não poderia ter ficado mais perfeita*, ela pensou. Era a casa dos sonhos de qualquer mulher. Ela estava feliz.

— Mamãe! Mamãe! — a garotinha gritou correndo em direção a ela de braços abertos. Seu vestido amarelo florido balançava enquanto corria. Seus passos eram firmes dentro de sua pequena bota.

Ao se aproximar de Júlia, Savannah disse ofegante:

— O papai disse que ainda não achou meu cavalo cor-de-rosa.

Ela sorriu.

— Ah, mas ele ainda vai encontrar. Papai sempre cumpre o que promete, não é? — Júlia pegou no colo aquela garotinha miudinha de cabelos lisos, longos e dourados como o sol.

— Bom dia, amor. Dormiu bem? — Dario se agachou e a beijou no topo da cabeça.

— Sim.

— Eles ainda estão dormindo?

— Estão.

— Então, minha princesinha, o que faremos nesse dia tão lindo? Hoje é sábado e o papai será só seu — Dario disse apertando o nariz pequenino de Savanna.

— Amanhã é o aniversário do Nick e do Arthur. Quero comprar um presente pra eles.

— Hum, bem pensado. E o que a minha princesinha tem em mente?

— Eu ainda não sei. — Ela sorriu mostrando a falta de seus dentinhos da frente.

Dario a puxou pelos bracinhos e a beijou na bochecha. Sua pele alva contrastava com sua pele bronzeada. Quando Savannah nasceu, Dario sentiu como se aquele fosse o dia mais feliz de sua vida. Ao olhá-la pela primeira vez, sua única reação foi tomá-la em seus braços e chorar. Ele olhou a pele clarinha dela e sussurrou: *Branca!* Era o nome que ele teria dado à sua filha, se Júlia não tivesse ido contra. Ela queria Savannah, pois disse que era um nome forte, e era desse jeito que Júlia a via por ter sobrevivido ao parto sofrido e prematuro; forte como Dario e corajosa como ela.

Dario nunca deixou de surpreendê-la. Mesmo depois de mais de seis anos de casados, era como se o amor só aumentasse. Ele nunca deixou o casamento cair na rotina. Era um marido amoroso e um pai zeloso, principalmente quando se tratava dos gêmeos, que sempre o deixavam de cabelos em pé.

— Olha só quem acordou! — Dario sorriu ao ver Nick encostado na porta com carinha de sono ainda em seu pijama xadrez, com os pezinhos descalços, os olhinhos azuis semicerrados e uma carranca no rosto. Era simplesmente impossível olhá-lo e não lembrar de Dario. Ele era uma cópia perfeita do pai.

— O que foi, garotão? Onde está seu irmão?

— Fazendo cocô.

— Argh! Isso é hora? — Dario fez uma careta engraçada arrancando risos de Nick.

— Ele mandou chamar a mamãe pra limpar o bumbum.

Dario riu.

— E, então, mamãe? Não podemos deixar o bumbum do Arthurzinho sujo, não é mesmo?

— É verdade, papai. — Júlia riu. — Por isso, o papai está entrando e indo limpar o bumbum do nosso garotão, não é mesmo?

— Eu? Nãoooo! Tô fora!

Savannah riu.

— É sério? — Dario perguntou a ela, que o olhava divertida.

— Seríssimo! — ela respondeu.

— Então, tá. — Dario se levantou. — Savannah, você vem comigo. Preciso daqueles objetos.

— Dos primeiros socorros?

— Esses mesmo, princesa.

— Primeiros socorros? O que é isso? — Júlia perguntou, intrigada.

— Papai disse que todas as vezes que os gêmeos vão ao banheiro, ele precisa dos objetos.

— Que objetos são esses?

— Um pregador de roupa que o papai usa no nariz, luvas de médico, lenço umedecido e aquele perfume gostoso que tem no seu armário.

Júlia olhou para Dario, horrorizada.

— Dario!

— Querida, não sei o que esses garotos comem, então sempre vou prevenido. — Ele riu. — Vamos, *pequeno cowboy*, venha ajudar o papai também — Dario falou levando seus filhos para dentro.

No fim da tarde, eles receberam a visita de Johnny e Kristen, que haviam adiado a turnê pelo Brasil para a festa de aniversário dos gêmeos. Com o sucesso da banda, Johnny se distanciava cada vez mais da família, aparecendo apenas em ocasiões especiais. Porém, a festa de seus sobrinhos, sem dúvida, era especial para ele.

— Estou orgulhoso de você. — Dario sorriu sentado ao lado de Johnny na varanda. Ele havia feito um enorme balanço de ferro e acolchoado o assento.

— É. Quem diria que um dia eu seria uma estrela do rock? — Johnny sorriu. Com seus 35 anos, estava diferente. Sua barba cerrada lhe deu um ar mais rústico. Tornou-se responsável, mas sem deixar a jovialidade de lado. Ele era amável, humilde e brincalhão. O sucesso não conseguiu tirar isso dele. Vestido em seu jeans escuro e uma camiseta preta que mostrava os músculos perfeitos de seus bíceps, ele ainda deixava qualquer mulher suspirando por ele. Porém, a única por quem ele mantinha seus suspiros era por sua esposa, que a cada dia o deixava mais apaixonado.

— Você está estranho. Está acontecendo algo? — Dario perguntou, intrigado.

— É a Kristen.

— Vocês brigaram?

— Não. — Ele baixou a cabeça. — Quer dizer, sim.

— Casamento não é fácil.

— Olha quem fala. Você e a Júlia fazem parecer fácil demais. Pensa que não vi como lidam um com outro? Você, sim, está diferente. Nunca o vi sorrir tanto num dia só, e olha que estou aqui somente algumas horas.

Dario sorriu.

— Percorremos um longo caminho para nos acertarmos, Johnny. Temos nossos dias de desavenças. Júlia é teimosa e você conhece meu gênio, mas eu a amo demais. Então, às vezes, preciso ceder o controle a ela para manter as coisas equilibradas — ele falou de forma carinhosa.

— Você? Cedendo o controle? Não me parece muito com você.

— Pra você ver o quanto o amor nos transforma. Claro que eu continuo sendo o macho da relação — Ele sorriu. —, mas tem horas que eu sei quando me retirar de uma briga. Sou completamente apaixonado por ela e meus filhos. Acho que se, um dia, ela me deixasse, a vida não faria sentido pra mim.

Houve um breve silêncio entre eles.

— Ela quer parar. Disse que quer ter um filho — Johnny suspirou pesadamente.

— E você? O que quer?

— Eu a amo. Não posso perdê-la. Só que com a vida que levamos... não sei se posso criar um filho desse jeito. Já foi difícil para nós criarmos o Denny. Ele só tem 13 anos. Não consegue ter uma vida estável viajando conosco pelo mundo inteiro.

— Ela se casou com você sabendo de tudo isso. Com certeza, ela não quer que você pare. Esse era o seu sonho, Johnny. Mas você perguntou a ela se era o dela? Talvez ela não queira mais ser uma estrela do rock como você. Talvez, agora, ela queira apenas ser a mãe do seu filho. E isso não quer dizer que você tenha que parar. Isso quer dizer que você tem que apoiá-la. Vocês vão conseguir lidar com isso.

— Não sei não... É claro que eu quero ter um filho com ela, mas não sei se essa criança seria feliz vivendo do nosso modo.

— Se ela for amada, viverá feliz de qualquer modo, Johnny. Pense nisso. — Dario deu um abraço no irmão e se afastou deixando-o com seus pensamentos.

Na cozinha, Júlia e Kristen faziam brigadeiros para as crianças.

— Como você conseguiu manter seu corpo, mesmo depois de duas gravidezes?! E gêmeos ainda?! — Kristen perguntou a Júlia, surpresa em vê-la ainda mais bonita.

— Muito sexo! — Dario falou entrando na cozinha. Se aproximou de Júlia e lhe deu um tapa na bunda.

— Dario! — Ela sobressaltou. — Crianças, tapem os ouvidos! — Júlia falou envergonhada olhando para Savannah, Denny e os gêmeos.

— E não é verdade? Sexo suado e selvagem. — Ele sorriu abraçando-a e a beijou apaixonadamente.

Kristen se divertiu com aquilo.

— Crianças vão brincar lá fora, por favor — Júlia pediu. Estava envergonhada. — Não pode dizer essas coisas na frente das crianças.

— Eu sei. Escapou. — Ele riu.

— E aí, família feliz? — Ryan gritou ao passar pela porta de mãos dadas com Paige e o filho ao lado.

Dario sorriu para o irmão. Ainda estava com Júlia em seus braços, acariciando-a.

— Michael, vá brincar lá fora com seus primos — Ryan falou com o filho. O garotinho de apenas 5 anos, com cabelos loiros na altura dos ombros, correu até os priminhos. — Esse garoto está cada dia mais atentado — Ryan falou fazendo todos rirem. — E vocês dois? Cara, olha a hora, sempre que eu venho visitá-los estão se pegando. Se contenham!

— Não posso resistir. — Dario riu abraçando Júlia ainda mais.

— Estamos vendo. A prova são seus três filhos. Não duvido muito que esses enjoos da Júlia sejam outro *Dariozinho* vindo por aí. Vocês dois parecem coelhos. — Paige deu uma cotovelada no marido.

Dario empalideceu.

— Você está grávida? — ele perguntou surpreso. Por mais que adorasse a ideia, ele se sentiu

apavorado. Os gêmeos lhe davam muito trabalho.

— Não! — Ela franziu o cenho.

— Não minta pra mim. — Ele se afastou.

— Não estou grávida.

— E esses enjoos? Quando iria me falar sobre eles?

— Eu já fui ao médico. Foi apenas algo que comi. Só isso — ela falou rapidamente, encarando-o.

— E como sempre, sou o último a saber! — esbravejou.

— Não queria te preocupar. Além disso, estava viajando.

— Eu teria voltado de Michigan, se tivesse me dito.

— E teria perdido o contrato com o Kyle.

A menção do nome, fez Ryan ficar irritado. Ele o odiava de todas as formas.

— Bom, isso já foi. E então? Onde estão as cervejas? — Ryan perguntou amenizando o clima de desconforto.

O final da tarde foi divertidíssimo para todos. Os irmãos reunidos, apesar da ausência de Melanie, estavam felizes. Eles beberam suas cervejas e compartilharam suas histórias que viveram ao longo desses anos.

Ao cair da noite, as rajadas de vento ficaram mais fortes levando cada um a voltarem para suas casas.

Johnny e Kristen ficaram no antigo chalé.

— É sempre estanho estar aqui depois de tanto tempo. — Kristen suspirou.

— Sente falta?

— Do quê?

— De viver aqui, como antes.

— Sim e não. — Ela sorriu. — Eu gostava da vida que tínhamos aqui, mas também gosto da nossa vida de agora.

— Mulheres, sempre confusas. — Ele sorriu, abraçando-a na cama.

— Não somos confusas, e sim incompreendidas. — Ela riu.

— Eu compreendo você.

— Sei. — Ela sorriu.

— E é por isso que tenho uma coisa para te dizer. — Johnny rolou para cima dela, colocando

levemente o peso de seu corpo forte para não machucá-la.

Kristen olhou para ele e viu seus olhos brilharem.

— Após a turnê, vou anunciar a parada da banda por um ano — ele despejou a novidade deixando-a atordoada.

— O que disse?

— Vamos ter um filho. Mas não quero que fique sozinha enquanto esteja grávida. Quero acompanhar sua gravidez, quero poder estar no nascimento dele ou dela — Ele sorriu. — e não num avião por aí para fazer shows — concluiu, ainda sorrindo. — Eu quero poder cuidar de você. Tocar sua barriga, vê-la crescer todos os meses. Ajudá-la quando se sentir enjoada. Acordar na madrugada para buscar algo sem sentido que talvez você fique com vontade de comer. Enfim, não quero apenas fazer um filho, Kristen. Quero participar de todos os momentos dessa gravidez. Então, vamos fazer isso dar certo.

Quando Johnny parou de falar, ela se deu conta de que seu rosto estava molhado por suas lágrimas.

— Não quero que se sinta pressionado. Não quero que um dia se arrependa por isso, Johnny — ela disse emocionada, com o coração apertado.

— Não vou. E, se para te ver feliz, eu tivesse que largar tudo, eu faria isso por você.

— Eu jamais pediria para desistir. Sei o quanto ama seu trabalho. Só que eu não quero mais continuar, mas estarei ao seu lado em todos os momentos.

— Eu sei que sim. E eu a amo ainda mais por isso. Você é a minha vida, meu amor. Não tem como eu viver sem você.

Kristen o puxou para si e o beijou, apaixonada. Johnny era o homem mais carinhoso que ela já conhecera na vida. E estava feliz que ela tinha seu coração e ele o dela.

— Vamos fazer isso dar certo — ela sussurrou, sorrindo.

Júlia colocou o pijama em Savannah. O quarto cor-de-rosa cheio de desenhos de princesas e príncipes, era lindo e aconchegante, ou seja, era um quarto digno de uma verdadeira princesa. Ela escovou os longos cabelos da filha e a colocou na cama para dormir. Dario havia feito cinco quartos na mansão. Era a quantidade de filhos que disse que queria. Ele gostava de uma família grande e queria que os irmãos fossem unidos, assim como ele e seus irmãos. Júlia não protestou, apesar de achar que não daria conta de cinco filhos. Quando os gêmeos vieram, tanto ela quanto Dario se surpreenderam.

— Mamãe, quando você soube que o papai era o seu príncipe encantado? — Savannah perguntou surpreendendo Júlia.

— Quando o papai salvou a mamãe. A mamãe estava machucada, deitada na grama. E, então, o papai me encontrou caída e cuidou de mim.

— Alguma bruxa malvada tinha te machucado?

Júlia riu.

— Sim. Com certeza era uma bruxa malvada.

Savannah gargalhou.

— Qual era o nome dela?

Júlia ficou tentada a dizer “Morgan”, mas não queria desenterrar o passado.

— Não me lembro. Só sei que ela era feia, egoísta e mentirosa.

— O que aconteceu com ela?

— Teve o castigo que merecia, minha linda. Agora, vamos dormir?

— Mamãe, quando eu vou saber quem será meu príncipe?

— Quando chegar o momento certo, você saberá.

— E como vou saber que é o momento certo?

Júlia suspirou.

— Quando vocês se olharem e tudo ao redor desaparecer. Seu coração vai ficar batendo mais forte, suas mãos ficarão trêmulas e suadas. E a única coisa que conseguirá ver, será os olhos dele, hipnotizando os seus. Não vai conseguir fugir disso, porque, por mais que tente, aquele olhar sempre vai persegui-la. Então, vai saber que é ele, porque nenhum outro a fará se sentir igual. — Júlia falou à filha, não dando conta de que falava de si mesma.

— Bela definição para uma garotinha de 6 anos. — Dario estava encostado na porta.

— Papai! A mamãe disse que você a salvou da bruxa má. Que você é o príncipe dela.

— Ela disse, é?

— Hum-hum. Mas os príncipes têm cavalos brancos. O Thor não é branco.

— É porque o papai é Rei e a mamãe Rainha. Reis usam cavalos negros.

— Eu gosto de reis também, mas eles são chatos. Nunca deixam as princesas se casarem com os príncipes que querem.

— Rá, nisso você tem razão. Eu serei como o rei, pode apostar. — Dario olhou para Júlia, confuso. — O que essa garota anda assistindo? *Once Upon A Time*? Você fica colocando caraminholas na cabeça dela.

— Ela é uma criança, Dario. Quer que ela assista filmes de terror?

— Seria mais sensato. Quero ver quando ela crescer e descobrir que não existe esse conto de fadas que tanto sonha — sussurrou para Júlia.

— Quem disse que não existe? — Ela sorriu para ele. — Você sempre será o meu conto de

fadas. — E o beijou.

Dario sorriu e se afastou de Júlia, ajoelhou-se sobre a cama e deu um beijo doce em sua filha.

— Boa noite, princesa.

— Boa noite, papai.

— Boa noite, querida. — Júlia a beijou.

Os dois saíram do quarto e caminharam até o outro, onde ficavam os gêmeos. Da porta, observaram-nos dormir.

— Eles são lindos — ela falou.

— E por que não seriam? São a minha cara — disse orgulhoso. — Mas a teimosia, puxaram de você.

— Verdade. Mas eles são terríveis. Isso é herança sua. — Ela riu. — E são extremamente ciumentos com a irmã. Por que será, *cowboy*?

— Não sei. — Ele riu. — Por que será?

Os dois caminharam abraçados em direção ao quarto.

Após algum tempo, um barulho vindo do celeiro, atrás do lago, deixou Savannah irritada. A música alta ecoava em seu quarto, impedindo-a de dormir.

Savannah se levantou, pegou o seu ursinho e saiu do quarto. Andou pelos corredores descalça e desceu as escadas. Estava uma completa escuridão na casa, mas determinada a encerrar aquele barulho, ela abriu a porta da sala e correu pela grama até atravessar o lago. Dario havia iluminado todo o lugar, justamente por causa das crianças. Não queria que o jardim ficasse na escuridão.

Da janela do quarto, Dario conseguiu vê-la correndo próximo ao celeiro.

— Mas que diabos... — ele praguejou.

— O que foi?

— A Savannah está no celeiro — disse furioso.

— Denny está lá. Ele me pediu se podia ensaiar e eu deixei. Acho que o som alto chamou a atenção dela.

Dario suspirou.

— Vou buscá-la.

Savannah entrou no celeiro, assutando Denny.

— Você me assustou. Por que está vestida assim? Parece uma assombração — ele disse segurando a guitarra vermelha.

— Eu estou tentando dormir — ela disse ríspida, tirando o amplificador da tomada.

— Ei, pirralha, não desligue!

— Não sou pirralha. Sou uma menina.

— Eu sei.

— E você toca mal.

— Não toco mal não.

— Toca sim. Mas você deve saber disso. Meu titio Johnny é melhor do que você.

— Saia daqui, pirralha. Vou contar ao seu pai que ficou o dia inteiro me perturbando.

— Pode ir. Ele não vai acreditar em você. — Ela deu um sorrisinho diabólico.

Denny se aproximou dela e retirou o urso de suas mãos.

— Devolva o meu urso! — ela gritou.

— Não! — E o jogou longe.

Savannah ficou irritada. Caminhou até Denny e o olhou fixamente nos olhos. Ele também a encarou por alguns segundos, até que ela pisou firme em seu pé.

— Ai! — ele choramingou.

Savannah pegou a guitarra de Denny e ameaçou jogá-la.

— Não faça isso — ele implorou.

— Então, peça desculpas e pare de tocar essa música feia.

— Não vou. Você não manda em mim.

Savannah fez um movimento brusco.

— Não! Tudo bem. Tudo bem. Me desculpe, tá legal, pirralha?

— Não me chame de pirralha. Meu nome é Savannah.

— Tá legal, Savannah. Me desculpe. Agora devolva-me a guitarra.

Ela assentiu.

— Vá buscar meu urso.

Denny revirou os olhos. “Garota chata”, pensou. Depois caminhou até o outro lado do celeiro e pegou o urso. Quando se aproximou dela, o entregou. Suas mãos se entrelaçaram de leve.

Savannah sorriu. Era muito esperta para uma garotinha. Ela jogou a guitarra no chão e pisou nela várias vezes olhando nos olhos de Denny.

— Nunca mais me chame de pirralha, se não quiser que eu conte pro meu pai e você leve uma

surra.

Ele ficou calado, porém, suas bochechas estavam vermelhas de ódio.

“Você me paga, pirralha”, pensou ao vê-la se afastar com um ar triunfante.

Na porta do celeiro, Dario presenciou todo o episódio.

Quando ela saiu, olhou para o pai.

— Precisa que eu dê um jeito nele? — Dario falou orgulhoso da filha.

— Não. Acho que ele não vai mais me irritar.

— Ah, é?

— Por que pisou na guitarra dele, Savannah? Aquilo foi feio, não deve fazer essas coisas.

— Se ele fosse o meu príncipe, eu apenas teria brigado com ele. Mas ele não era — ela disse quando Dario a pegou no colo.

— E como sabe que ele não era seu príncipe? Agora fiquei curioso.

— Eu olhei nos olhos dele, como a mamãe falou. E ele pegou na minha mão quando me devolveu o urso.

Dario olhou para a filha embasbacado.

— E...

— Eu ainda continuei vendo tudo o que tinha no celeiro. A mamãe disse que tudo iria sumir, mas não sumiu. Eu até estava tremendo, mas era de raiva. Ele ficou a tarde toda me chamando de pirralha.

Dario gargalhou.

— Que bom. Será que podemos manter isso em segredo? A mamãe não vai gostar de saber que anda brigando por aí.

— Tá bom. Eu acho que consigo.

— Essa é a minha princesa. — Ele riu beijando sua bochechinha macia.

No dia seguinte, todos estavam reunidos na festa de aniversário de quatro anos de Nick e Arthur. Foi uma festa enorme. Todos se divertiram. Embora um dos gêmeos tenha quase feito Dario enfartar ao cair no lago, a festa correu bem. Alguns vizinhos e amigos, inclusive, compareceram e trouxeram presentes.

Enquanto cantavam o “Parabéns pra você”, Júlia ficou com Nick no colo e Dario com Arthur. Muitos não conseguiram distinguir quem era quem, porque os gêmeos eram idênticos fisicamente, até no corte de cabelo. Mas Dario nunca os confundia.

As crianças brincavam no jardim e no parquinho que Dario havia mandado construir.

No final da festa, sentados na mesa, bebendo, Júlia recebeu uma mensagem de Max:

“Parabéns pelos meus sobrinhos. Diga a eles que os amo muito e sinto por não poder estar aí nesse momento. Eu amo você.”

Júlia leu a mensagem e sorriu.

Ela também amava o irmão e sentia a falta dele.

Porém, essa é outra história.

LANÇAMENTO DE NOVEMBRO

INVERDADES

Max Reynes assume novamente sua identidade secreta, como Taylor Smith. Só que desta vez não é sua irmã que corre perigo. Ele recebe uma incumbência da CIA para proteger pessoalmente o presidente dos Estados Unidos e sua filha Tessa após a morte da primeira dama. A aproximação e a proteção exagerada em relação à filha do presidente irão gerar muitos conflitos e ciúmes por parte de sua esposa Melanie Craig.

Max terá que arcar com as consequências de suas escolhas e mentiras e ainda lidar com seu casamento conturbado. Sua ausência acaba deixando o caminho livre para William, que é apaixonado pela bela e complicada Melanie.

Será que Max conseguirá lidar com todos os percalços ao longo de sua missão? E Melanie, conseguirá manter-se fiel e aprender a confiar em si mesma e no marido?

Uma história de amor, ação e algumas escolhas irreparáveis.

Contato

Saiba mais sobre a autora e suas obras no **site oficial**:

<http://brookejansensullivan.wix.com/meuslivros>

[1] Raça de cavalo conhecida como Quarto de Milha.

[2] Coloração da pelagem amarelo dourado.

[3] A *jukebox* é uma máquina que reproduz música, inserindo moedas.

[4] Uísque originado do Texas feito pelos Balcones.

Table of Contents

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Epílogo
Contato
[1]

[2]

[3]

[4]